THE OHIO STATE UNIVERSITY LIBRARIES
Digitized by Google

THE OHIO STATE UNIVERSITY LIBRARIES
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

URUPÊS

outros contos e coisas

Digitized by Google

Obras de

MONTEIRO LOBATO:

URUPÊS
CIDADES MORTAS
IDÉIAS DE JECA-TATÚ
NEGRINHA
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM
O MUNDO DA LUA
PROBLEMA VITAL
ONDA VERDE
MR. SLANG E O BRASIL
O CHOQUE DAS RAÇAS
AMÉRICA
FERRO
NA ANTEVESPERA
O ESCANDALO DO PETROLEO

LITERATURA INFANTIL

REINAÇÕES DE NARIZINHO
VIAGEM AO CÉU
O SACI
CAÇADAS DE PEDRINHO
HANS STADEN
HISTORIA DO MUNDO
PETER-PAN
EMILIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA
ARITMÉTICA DA EMÍLIA
GEOGRAFIA DE DONA BENTA
HISTORIA DAS INVENÇÕES
DOM QUIXOTE PARA AS CRIANÇAS
MEMORIAS DA EMÍLIA
O POÇO DO VISCONDE
SERÕES DE DONA BENTA
HISTORIAS DE TIA NASTACIA
O PICAPAU AMARELO
O MINOTAURO
A CHAVE DO TAMANHO
REFORMA DA NATUREZA
O ESPANTO DAS GENTES
FABULAS

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google

Serie 4.ª ✶ LITERATURA ✶ Vol. 18
BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO

MONTEIRO LOBATO

✶

URUPÊS

outros contos e coisas

✶

"Edição Onibus", comemorativa do 25.º aniversário da estréia do escritor, contendo a matéria de Urupês, Cidades mortas, Negrinha, O macaco que se fez homem, Os ultimos contos, excertos de outros livros e avulsos.

✶

ORGANIZADA E PREFACIADA
POR
ARTUR NEVES

✶

1943
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Bahia — Recife — Porto Alegre

Digitized by Google

PQ 9697
L68 U7
1945

Digitized by Google

A

Carlos Sussekind de Mendonça,
pai do Jubileu, oferece

MONTEIRO LOBATO

Digitized by Google

Digitized by Google

URUPÊS



1918 - 1943

Com esta "edição onibus", comemorativa do 25.º aniversário da publicação de "Urupês", a COMPANHIA EDITORA NACIONAL participa das homenagens ao seu grande amigo e colaborador —

JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO

Digitized by Google

Digitized by Google

ÍNDICE

Prefacio XI
Ligeira nota sobre a ortografia de Monteiro Lobato XLIII
Fontes para o estudo de Monteiro Lobato XLV

1.ª PARTE

URUPÊS.

Os faroleiros 5
O engraçado arrependido 16
A colcha de retalhos 26
A vingança da peroba 34
Um suplicio moderno 47
Meu conto de Maupassant 57
"Pollice verso" 60
Bucolica 70
O mata-pau 76
Bocatorta 84
O comprador de fazendas 96
O estigma 108
Prefacio da 2.ª Edição de "Urupês" 118
Urupês 125

2.ª PARTE

CIDADES MORTAS

Cidades Mortas 137
A vida em Oblivion 140
Os perturbadores do silencio 143
Vidinha ociosa 145
Cavalinhos 151
Noite de São João 155
Gramatica viva 160
Pedro Pichorra 165
Cabelos compridos 170
O "Resto de Onça" 174
Porque Lopes se casou 180
Juri na roça 184
"Gens Ennuyeux" 190
O figado indiscreto 196
O plagio 201
O romance do Chopim 209

Digitized by Google

O luzeiro agricola 217
A "cruz de ouro" 226
De como quebrei a cabeça á mulher do Melo 231
O espião alemão 235

3.ª PARTE

NEGRINHA

Negrinha 249
As fitas da vida 256
O drama da geada 261
Bugio moqueado 268
O jardineiro Timoteo 274
O fisco 282
Os negros 291
Barba Azul 319
O colocador de pronomes 324
Uma historia de mil anos 336

4.ª PARTE

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM

Era no Paraiso 345
Um homem honesto 355
O rapto 365
A nuvem de gafanhotos 374
Tragedia dum capão de pintos 386
Duas cavalgaduras 396
O bom marido 404
Marabá 414
Fatia de vida 426
A morte do camicego 432

5.ª PARTE

ULTIMOS CONTOS

Sorte grande 437
O 22 da "Marajó" 446
Dona Expedita 451
Herdeiro de si mesmo 459
Os pequeninos 469
A facada imortal 478
A policitemia de D. Lindoca 486

6.ª PARTE

EXCERTOS DE OUTROS LIVROS

O primeiro livro sobre o Brasil 499
Uma opinião de M. Jerôme Coignard 506

Digitized by Google

O pateo dos milagres 511
Na America 515
A onda verde 527
O "grilo" 531
"Homo sapiens" 536
Luvas! O tesouro do castelo 540
O dicionario brasileiro 543
"Sancta simplicitas" 548
As garças 549
Antanho 550
Comedias trágicas 552
A caricatura no Brasil 554

7.ª PARTE

AVULSOS

Quem é esse Kipling? 569
Machado de Assis 574
"Quero ajudar o Brasil" 581
O cabeça chata 586
Prefacio de "Eramos Seis" 588
Jesting Pilate 595

8.ª PARTE

LITERATURA INFANTIL

Mal maior 605
O velho, o menino e a mulinha 607
A assembleia dos ratos 609
Os carneiros jurados 611
O veado e a moita 613
O corvo e o pavão 615
As razões do porco 617
O lobo e o cordeiro 619
As duas cachorras 621
Liga das Nações 623
Dona Benta e Socrates 626
As arvores gemeas 634
O anjinho de asa quebrada 642
O jabotí e o homem 647
O jabotí e a capora 649
O jabotí e a onça 651
O jabotí e a fruta 652
O jabotí e o lagarto 654
O jabotí e o jacaré 656
O jabotí e os sapinhos 658
Historia de dois ladrões 660

Digitized by Google

Digitized by Google

Prefacio

★

NOTAS BIOGRAFICAS E CRITICAS

POR

ARTUR NEVES

Incumbido de organizar uma "edição onibus" da obra de Monteiro Lobato, como parte da Companhia Editora Nacional na comemoração do 25.º aniversario de sua estreia literaria, vacilei na escolha de quem faria este prefacio e por fim resolvi escrevê-lo eu mesmo, por uma razão muito simples: ninguem está mais bem informado a respeito de Monteiro Lobato do que eu e justamente em virtude da minha função na empresa editora de seus livros. Todas as semanas, uma ou duas vezes, vem ele ao nosso escritorio e é comigo que se entende. Isso nos ligou de amizade e me permitiu nessas conversas ir anotando mil coisas e traços da sua vida e personalidade. De modo que se para subscrever este prefacio me falham credenciais no mundo literario, não me falta substancia. Eis explicada a minha presença aqui. Devo ainda dizer que Monteiro Lobato reviu todos os trechos entre aspas em que eu o fiz falar. Esses trechos, pois, valem como fragmentos de memorias.

•

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté a 18 de abril de 1882, numa linha de fazendeiros que se perde nos tempos coloniais. O primeiro da familia a desertar a agricultura foi ele, e mesmo assim depois de haver dado sete anos de vida à Fazenda do Buquira — velha propriedade solarenga herdada de seu avô, o Visconde de Tremembé, e na qual foram escritos os contos dos "Urupês".

Antes de se tornar fazendeiro Monteiro Lobato bacharelou-se em direito pela Academia de São Paulo, "apenas para satisfazer a vontade de meus pais", diz ele, "porque aparentemente a minha verdadeira vocação era para a pintura. Basta dizer que "desenhei" antes de falar. Perguntavam-me "que dia é hoje"; eu ia ao escritorio, trepava em cima da secretaria, ajustava um pedaço de papel sobre a folhinha da parede e declarava a lapis o numero, dum modo perfeitamente inteligivel. Lembro-me do primeiro desenho que fiz na Fazenda de Santa Maria, em Taubaté, lá pelos seis anos: umas laranjeiras carregadas, de copas perfeitamente redondas. E lembro-me dum retrato de Gumercindo Saraiva, que copiei dum jornal e "saiu otimo", segundo a opinião dos pais do filhote da coruja. Estavamos em Taubaté e Gumercindo invadia o

Digitized by Google

Paraná. Eu devia ter dez para onze anos. E foi essa irredutivel inclinação que me encaminhou para a literatura. Não podendo ser pintor, porque meus pais me queriam bacharel em direito, fiz ato de presença na Academia, no *quantum satis* para obter dip.. na — mas está claro que em vez de aproveitar o miolo dos meus lentes aproveitei-lhes as caras, como modelos vivos das minhas caricaturas. Lembro-me dum exemplar dos "Direitos e Obrigações" dum cacetissimo Lacerda de Almeida que ilustrei inteirinho nas aulas do insigne mestre Dino Bueno. Foi de todos os meus lentes o mais amado — como modelo. Sua feiura proporcionava-me os melhores desenhos. Sinto haver perdido esse "Direitos e Obrigações", verdadeira curiosidade, talvez unica no genero — um livro de direito ilustrado! Durante um ano letivo inteiro trabalhei nessas ilustrações uma hora por dia — a hora em que o insigne mestre enchia de ciencia a cabeça dos meus pobres colegas. Não ficou uma só margem em branco, nem nenhum final de capitulo. Onde cabia um desenho, uma caricatura de colega ou uma "careta do Dino", para lá ia o gatafunho. Nas paginas em branco do começo e do fim, construi desenhos grandes e complexissimos: projetos de monumentos! O principal era em homenagem à Peroba — rija madeira de Lei de sabor amargo. A minha idéia sobre todos aqueles professores devia ser que não passavam duns "perobas". Mas houve duas exceções. Adorei Pedro Lessa e nunca perdi uma palavra de Almeida Nogueira. Eram artisticamente inteligentes. E fora das aulas, em meu quartinho no Largo do Palacio, tambem desenhava e lia Gustave Lebon. Desse modo consegui varar os cinco anos do curso sem perder minha virgindade atacada pelas "ciencias juridicas"; já às ciencias sociais eu sorria com enlevo. Moravamos num chalezinho com varanda para o largo, erguido sobre o telhado dum velho casarão, e dessa varanda ouviamos os concertos do Maestro Antão no coreto do jardim do Palacio".

— Moravamos?

— "Sim, eu e o Carlos Nehring, um companheiro de colegio que me acompanhou durante todo o seu curso de escola superior. Só nos separamos quando virou farmaceutico. Tres anos morei ali, a brigar e implicar com o Nehring e a desenhar e digerir Lebon. Um dia tomei-me de coragem e resolvi mandar às favas o direito e entregar-me de todo à pintura — e isso foi causa de um curioso incidente que me tirou dos dois caminhos e me lançou num terceiro. *Inter duos litigantes tercius gaudet.* Num começo de mês, logo que recebi a mesada, fui a uma papelaria da rua Quinze e comprei uma caixa de tintas em bisnaguinhas que andava a me tentar na montra, e comprei um cavalete e tela e percevejos e agua-raz e espatula; não me esqueci nem do modelo: uma penca de bananas! A escolha do genero da pintura era evidentemente determinada pela minha condição de estudante marmiteiro duma pensão proxima. Pintado o quadro, eu e o

Digitized by Google

Nehring devoraríamos o modelo como sobremesa. Mas nesse dia decisivo da minha vida — nesse dia em que lá por dentro eu assentara romper com a familia, mandar às favas o direito e virar pintor boemio, como os de Murger — o tal incidente ocorreu e tudo mudou. Meu quadro de bananas não saía. As tintas das bisnaguinhas estavam muito pastosas e não havia oleo nem agua-raz que as dissolvesse. "Quem sabe se você comprou aquarela em vez de oleo?", sugeriu o Nehring — e eu corei. Corei porque tive a intuição de que era aquilo mesmo — eu comprara aquarela como se fosse oleo. E foi então indignadamente que "repeli o aleive", declarando que eu não era nenhum cretino, que não se metesse ele com a minha vida — "mind your business" — e creio até que o insultei de "alemão melado", porque o Nehring tomou o chapeu e saiu resmungando. Corri a tirar a prova. Sim, ele tinha razão. As misteriosas tintas indissoluveis em oleo, dissolviam-se em agua? Afeito a brincar em criança com aquarela em tijolinhos, nunca me passou pela cabeça que as houvesse pastosas e em tubos, como as do oleo.

"O incidente foi esse. A vergonha daquela rata matou em mim todas as veleidades pitoricas. "Como pretende ser pintor um imbecil que nem distingue aquarela de oleo?" Guardei a caixa de tintas, dispus do cavalete e comi as bananas; e quando o Nehring voltou e indagou do meu pinturismo, tive um violento acesso de tosse — incoercivel, inexplicavel, que o fez mudar de assunto e sugerir remedios. E mais tarde, sempre que ele voltava àquele assunto, voltava-me tambem a horrivel tosse inexplicavel, — e foi assim que o Nehring jamais descobriu a verdadeira causa do meu abandono da pintura".

— Mas a mania de pintura não o deixou nunca, parece...

— "É verdade. Sempre que tive ensejo desenhei e pintei, mas sem tenção nenhuma de cultivar-me, apenas para dar comida a uma fomezinha interna que às vezes se tornava imperiosa. Todos os anos, a vida inteira, sofro de uma pequena crise pitorica e o remedio é passar uns dias desenhando ou aquarelando. Saro. Costumo até sarar demais, isto é, a ficar com engulho naquilo por muitos meses. Mas o engulho vai passando e a comichão começa a voltar; e por fim comicha tanto que tenho de parar e coçar-me de novo dois ou tres dias, com o lapis, com a caixa de aquarela ou com a peninha de tinta nanquim. A pintura foi em mim uma urticaria cronica, mas intermitente".

Monteiro Lobato o que fez foi defletir de uma arte para outra; não podendo ser pintor, fez-se escritor. Em vez de pintar com tintas, passou a pintar com palavras — e essa transposição vocacional talvez explique muita coisa do seu estilo. Em toda a sua obra, seja neste ou naquele gênero, a primeira qualidade do estilo lobatino, tão caracteristico, é o pitoresco — e pitoresco quer dizer pinturesco, relacionado com a pintura. Ha em seu estilo todas as cores da palheta do pintor.

XIII

Digitized by Google

E a pintura escrita de Monteiro Lobato é excepcionalmente boa — larga, sem insistencia em detalhes inuteis e de pinceladas elegantes. Nos contos de "Urupês" esbarramos amiude com as excelentes paisagens que o seu pincel não pintou mas a pena o fez. Uma roça de milho, por exemplo. *"Vieram chuvas a tempo, de modo que em janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Visitava as roças muito contente da vida, unhando os caules viçosos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha ou apalpando as bonecas tenrinhas, a madeixarem-se da cabelugem louro-translucida".* Para compreender esse trecho d'"A Vingança da Peroba", só acessivel a quem já tenha visto um milharal, fui obrigado a mergulhar nas lembranças de minha infancia, toda ela passada numa cidadezinha da Douradense, em contacto com a terra e com o pitoresco linguajar de nossos caboclos. Só então pude verificar como estava perfeita a breve paisagem de Monteiro Lobato naquele conto. "Desembrulhar pendão" é como dizem os roceiros quando os pés de milho começam a soltar as espigas. "Unhar os caules viçosos" é uma tentação irresistivel de quem entra num milharal e se detem diante daqueles caules aquosos, ainda moles. O tal "arreganhamento da dentuça vermelha" é coisa exatissima — mas impossivel de ser compreendida por quem não conheça um pé de milho naquele ponto. Não sei como isso se chama em botanica — talvez "raizes adventicias", ou "quasi-raizes". Mas o caso é que nos nós do "pé-de-milho", dividido em gomos como o caule de todas as gramineas, nascem tocos de raizes vermelhas que não vão por diante, não chegam a alcançar o chão; como nascem alinhados em redor do nó, dão perfeita idéia de dentaduras — e o tal "pleno arreganhamento da dentuça vermelha" fica perfeitamente claro e exato. E por fim temos no mesmo trecho o final: "apalpando as bonecas tenras, a madeixarem-se da cabelugem louro-translucida". "Bonecas" são as espigas ainda tenrinhas que começam a deitar para fora o "cabelo-de-milho", que é nesse começo uma cabelugem *louro-translucida.* Otimo! O cabelo-de-milho é de fato uma cabelugem que nas espigas ainda verdes tem um tom alourado e translucido — tom que vai escurecendo à medida que o milho cresce.

Os contos dos "Urupês", todos escritos na fazenda do Buquira, estão cheios da umida paisagem do matareu da Mantiqueira. Sente-se ali a morraria continua, os grotões, os espigões e a "grota noruega" — que pela primeira vez aparece descrita em nossa literatura. Diz Monteiro n'"O Estigma": *"Depois, como atravessassemos um sombrio trecho de caminho, com, barranco acima, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquilo: Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol. Muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou frutos. Sempre esta frialdade*

Digitized by Google

umida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida..."

E a queimada? Quem melhor pintou com palavras a queimada de mato? Só mesmo um artista-fazendeiro, um homem que tenha passado horas a observar a marcha do fogo, e isso muitas vezes. Na "Velha Praga" aparece esse quadro perfeito, para o qual me chamou a atenção um meu amigo fazendeiro, tambem de forte pendor literário. *"Minutos depois crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça, mais seca; oscila incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do campo, estruge fragorosa com infernal violencia, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golfões de fumo estrelejado de faiscas. É o fogo-de-mato! E como não o detem nenhum aceiro, esse fogo invade a floresta e caminha por ela a dentro, ora frouxo nas capetingas ralas, ora maciço, aos estouros, nas moitas de taquaruçu; caminha sem treguas, moroso e tibio quando a noite fecha, insolente se o sol o ajuda. E vai galgando montes em arrancadas furiosas, ou descendo as encostas a passo lento e traiçoeiro, até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou grota noruega. Barrado, inflete para os flancos, ladeia o obstaculo, deixa-o para trás, esgueira-se para os lados — e lá continua o abrasamento implacavel. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piucas, quieto e invisivel, para no dia seguinte, ao esquentar o sol, prosseguir na faina carbonizante".*

Meu amigo fazendeiro comentou assim esse trecho: "Está falando! Não escapou nada, êle viu tudo. Posso dizer isso porque tenho lidado toda a vida com as queimadas de agosto — e quando leio esse trecho estou vendo o que já vi cem vezes. Ele não se esqueceu de nada! Não esqueceu as "capetingas ralas" — esses capins de certas matas, realmente ralos por falta de sol, pernudos, espichados, longe um do cutro. São coisinhas que um leitor da roça, como eu, entende e gosta — o leitor da cidade fica na mesma. Tudo exatinho! Quando o fogo dá numa moita de taquaruçu, é só estouro de bombas — os gomos que arrebentam. De noite o sereno arrefece um pouco o fogo; de dia o sol quente o ajuda. Tem aí um pedacinho que ninguem da cidade pesca. Diz ele que o fogo desce o morro a "passo lento e traiçoeiro". Por que traiçoeiro? Passo lento todos entendem, porque todo mundo adivinha que o fogo morro acima tem que ser bravo e o fogo morro abaixo tem que ser lento. Mas o "traiçoeiro"? Por que traiçoeiro? Eu sei, porque conheço fogo — mas já você não sabe, pensa que a palavra está aí para enfeite. Não é não. O fogo que desce o morro é realmente isso, "lento e traiçoeiro", porque basta que haja na topografia da encosta uma depressão, um cupim velho com acumulo de capim em redor, para que ele, que parecia moribundo, de tão lento, dê um arranco viçoso. Traiçoeiro, sim. Não ha outra palavra.

Digitized by Google

— E esse "alapa-se nas piucas", quieto e invisivel"?, perguntei.

— "É outra coisa que só quem viu muita queimada e prestou muita atenção compreende. Em certas queimadas de campo ainda com muitas piucas, isto é, tocos das velhas arvores e restos de troncos caidos, já pururucas e se esfarelando por dentro, o fogo entra ali e fica em forma de brasa, queimando lá dentro enquanto a chuva cai. Fica dias às vezes. E quando a chuva para e vem o sol e seca os capins, a brasa vira chama, sai da piuca e vai novamente incendiar os capins. Tudo exatinho como ele diz".

Todas as paisagens de Monteiro Lobato são penetrantemente observadas e fixadas na tela no que têm de essencial — esse é um dos grandes meritos da sua arte. Cada paisagem sua é um documento dum naturalista, que é tambem pintor impressionista.

Outra qualidade da arte do nosso grande escritor, que no meu ver tambem decorre da sua vocação para a pintura, é o perfeito arranjo dos quadros, ou o que na giria dos pintores se chama "composição". Lobato compõe magistralmente. Cada conto seu é uma composição perfeita, onde não ha nada de mais nem de menos e onde tudo concorre para o efeito final. Esta arte de compor, de distribuir os planos, de fazer que tudo conflua para o efeito visado, é absolutamente pitorica — e carateristica dos grandes pintores, quer pintem com tintas, quer pintem com palavras.

No desenho dos tipos humanos Lobato alcança a mesma acuidade revelada no paisagista. Seus contos são sempre um conflito de almas apanhadas ao natural — ou *d'après nature*, como dizem os pintores. O conflito — ou a situação, o enredo, o entrecho — ha quer ser algo bastante original e ainda não tratado por nenhum outro escritor. Não ha em todos os seus contos nenhuma repetição do que outros fizeram. O "estafetamento"... Quem se lembrou disso — desse "suplicio moderno"? E a situação da colcha de retalhos na memoria da velhinha? E a necrofilia de Bocatorta? E a revelação de um crime por meio do estigma de uma criança? E o caso do "comprador de fazendas" por profissão? E a associação do mata-pau com a ingratidão humana?

Se o grande valor de Monteiro Lobato como estilista é o desenho correto e a cor — qualidades pitoricas, o seu valor como "temista" é a mais absoluta originalidade. Um tema batido não o tenta — e vem daí não o vermos lidar com casos de amor. "O amor é uma coisa batida demais", disse-me ele uma vez. "O amor é irmão da propria imbecilidade humana: impossivel novidade nesses dois campos". E quanto ao tom de sua arte, creio que é o tragi-grotesco. Os dois elementos andam sempre juntos — a tragedia da eterna decepção humana. Da arte de Maupassant diz ele que "é simplesmente isto: um engenhoso enquadramento da morte e do amor. *Mudam-se os cenarios, variam os autores, mas a substancia persiste — o amor sob a unica face impressio-*

Digitized by Google

nante, a que culmina numa posse violenta de fauno incendido de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o quinto ato, o epilogo fisiologico. A morte, meu caro, e o amor... são os unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico".

Mas sem querer estou me afastando do objetivo central deste prefacio que é mais de informação biografica do que de apreciação critica. Voltemos atrás.

Depois de formar-se em direito, num curso "matado", em que o pobre direito só teve umas quireras do seu tempo, e a boemia literaria, substituta da pintura, teve tudo, Monteiro Lobato tenta a magistratura e faz-se nomear promotor de Areias. Mas os anos do curso em São Paulo "foram uma maravilha muito forte para que eu renegasse o sonho", diz êle. "Maravilha porque maravilhosos foram meus companheiros — o grupo do "Cenaculo"...

E quando conta isso, Monteiro Lobato põe-se a sonhar, a recordar um sonho.

"— Eramos o Cenaculo, ou a "Cainçalha". Oito cães. Ricardo Gonçalves, a grande alma do grupo, o nosso genio poetico, era o "cão que ladra à lua"... Nós faziamos roda e uivavamos o acompanhamento. Viviamos a vida mais absurda do mundo — sonhando — inteiramente alheios às realidades envolventes — a ouvirmos Ricardo dizer versos como ninguem jamais os dirá. Moravamos no Minarete..." e Lobato conta, conta...

Impossivel não transcrever aqui, elucidativamente, o prefacio e as notas dos "Ipês", de Ricardo Gonçalves, em que a vida da Cainçalha é recordada. Lobato assistiu à eclosão de muitos daqueles sonetos e poeticamente sugere o que é a poesia de Ricardo Gonçalves:

PREFACIO

Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma orla de petalas cor de rosa — flores de ipê? — engrinaldam as pocinhas d'agua cor de café com leite.

Mas ao *chape-chape* do cavalo que se aproxima, ó lindo revôo de borboletas amarelas dentro do qual eu passo!

Tontinhas!...

Como me vêm afastar sossegam, e uma a uma pousam de novo, asas a prumo, imoveis, como flores de ipês dispostas em grinalda.

A saudade comenta dentro em mim:

— Um soneto de Ricardo...

Digitized by Google

De bruços no remanso de um poço à sombra de ingazeiros, de cuja galhaça pendem bainhas retorcidas — peludos escrinios duma polpa que furtou à neve a cor e ao veludo o macio — contemplo um grupo de guarus espiando, ressabiados, uma "vaquinha" de elitros verde gaio, que caiu na agua e boia pernejando.

Um João-bobo tocaia-me de perto, inclinando a cabecita.

Rumoreja longe o rio, na corredeira.

Bisbilhos, cicios, tentativas de som grifano o silencio umido da grota.

E a saudade "pensa" dentro em mim:

— Versos de Ricardo...

•

Bordejando a ilha das Palmas deslisa a canoa no berilo liquido da costeira.

Manuel rema à pôpa, Juvenal à proa.

Como é loquaz o Manuel!

Não tem fim a historia da tintureira que ele embicheirou um dia, lá pelas alturas da ilha da Moela.

Afla o mar com um seio de menina agitado de sustos de amor.

Está calmo, está macio.

Sopram brisas de sudoeste.

Duas gaivotas, imoveis na laje do Major, longe, descansam juntinhas, como pombas...

Só uma nuvem no céu... E a diluir-se, estirada em frouxel de paina...

— As tainhas!

Volto o rosto.

A boreste, linguas de prata, às dezenas, emergem do liquido, cintilam instantaneas à luz do sol, num salto, e caem de chapa na agua azul.

— Que lindo!

Não tarda muito, rebela um boto na esteira do peixe.

E outro boto.

E outro.

Somem-se as tainhas.

Somem-se os botos.

E o mar fecha aos nossos olhos a chacina sangrenta que lhe vai no bojo.

Fementido!

Todo plagios do céu por fora e todo drama de carnagem por dentro...

— Manuel, Manuel, diz a minha saudade, está faltando aqui um companheiro, o Ricardo...

— O Ricardo Pequeno, da praia do Goes?

Não, o outro, o grande — Ricardito... (1)

•

(1) Ricardito, era como o tratavamos na intimidade, a familia e os amigos.

Digitized by Google

A casa onde mora aquela
Menina côr de açucena
É uma casinha pequena,
Casa de porta e janela.

Ricardo mede versos na mesinha em desordem.

A janela enquadra a paineira florescida do Minarete (2).

A espaços, uma flor se destaca e cai, regirante. Godofredo Rangel, às voltas com a maquina de café, resmunga contra o Nogueira (3). Não é que o patife passara a noite a ler um Zola à luz azul da chama do alcool, depois de consumido o ultimo coto de vela?

---

(2) O Minarete... Quantas saudades!

Um pequeno chalé amarelo no Belenzinho, fronteiro à rua Cesario Alvim. Inda existe, conservando bastante do carater primitivo; é a casa numero 372 da rua 21 de abril.

Ocupavamos o andar superior, composto de dois compartimentos apenas, e como da janela se dominasse a cidade de todos os lados, batizamo-lo — o Minarete. Os "muezzins" eram Ricardo, eu e Godofredo Rangel, autor, mais tarde, dessa obra prima que é "Vida Ociosa". Muezzins, porque "oficiavamos nas aras da arte" e pregavamos aos povos a "verdadeira estetica"... Os povos não nos ouviam, nem sequer sabiam da nossa existencia — mas tudo era sonho em nossa vida.

No quintal da casa, muito amplo, visto que naquele tempo a cidade morria ali e as ruas, hoje construidas, não passavam de simples arruamentos, cobertos de mato, com trilhos de vacas e sebes marginais de roseira silvestre, erguia-se a "nossa" paineira. Objeto de perene contemplação para Ricardo, ora nua de folhas e apendoada de frutos oblongos, ora recamada de flores roseas que atraiam todos os colibris da vizinhança, era essa paineira a nossa arvore querida, a musa vegetal do poeta.

(3) José Antonio Nogueira, esse a quem devem nossas letras o "Amor Imortal" e o "Pais de Ouro e Esmeralda", formosissimos compendios de ideias sob forma de romance.

Nogueira aderira ao nosso grupo, logo após à crise mental que o arrancou ao seminario mineiro onde estudava para padre. A eterna historia. Cairam-lhe nas mãos um Voltaire, um Renan, um raio de racionalista qualquer e toda a igrejinha da crença, haurida no berço e racionalizada no seminario, desmoronara fragorosamente.

Incapaz de mentir a si proprio, deixou a teologia e veio espiar do Minarete o mundo. Tudo em São Paulo era para ele novidade e assombro, o borborinho das ruas, as mulheres galantes, a eletricidade, o sorvete... Jamais saído de Minas, com a meninice e a juventude asfixiadas no "in-pace" da educação jesuitica, estranho espetaculo oferecia esse ressurrecto, alto, magro, anguloso, cheio de braços, cabelos em desalinho, olhos de espanto, roupas inda dos alfaiates de Tres Corações do Rio Verde, especie de profeta biblico posto de subito em plena Cosmopolis. Era Nogueira um montão de escombros em procura dum novo sistema de equilibrio mental.

Reconstruia-se, restaurava as ideias devastadas pelo tufão da critica, Lia furiosamente, esgotava a lista inteira dos excomungados do "Index".

Não conseguia, entretanto, vencer o vinco do misticismo e sob a obsessão das causas primarias chamava-nos de continuo à liça.

Cortavamos-lhe a frase com risadas cepticas, e piavamos:

— Inda estás em Volney, homem? Olha que já todos aqui vogamos em alto Nietzsche...

— Mas a verdade já brilhava no Ramayana!

Novas gargalhadas.

— A verdade! Só aqui no Minarete ha tres — as "nossas" verdadezinhas...

Nogueira não se afazia ao espetaculo da população da Pauliceia

Digitized by Google

— Não ha combustivel, senhor poeta!
— Acende estes "Dez Contos" (4).
— Pegarão fogo?
— Experimenta. A-ca-son-de-mó...
E as flores, uma a uma, caiam regirantes...
E as rimas, uma a uma, ajeitavam-se no verso...
E os contos, um a um, ardiam sob a cafeteira...

Passos na escada. Um grito, lá em baixo.
— Ricardo! Rangel!
— Vê, Bompard! (5) respondem de cima.
Era o Candido (6) que chegava, e o Raul (7) e o

---

borborinhante na labuta mundana; queria-a contemplativa, na meditação diurna e noturna das causas primarias (ele não dizia mais Deus), e chegou a pensar na fundação de um credo novo, misto de catolicismo e ciencia. Ricardo cochichava para os visitantes espantados, que o viam assim fatal e soturno.

— Caluda! Está incubando o decalogo da nova religião do Braz.

Nessa epoca travara Nogueira relações com Zola. Atirado à cama, a grenha desfeita, o ar feroz, devorava um Zola por dia, lançando as brochuras sugadas para debaixo da cama. Às vezes entrava a leitura pela noite a dentro, até consumir-se o ultimo toco de vela. E se o lance empolgava, à falta de vela recorria à garrafa de espirito de vinho que Rangel tinha sempre ao lado da cafeteira — e continuava a ler à luz vacilante da chama azul do fogareiro...

(4) Livro mediocre de um literato de barbica no queixo, muito popular em São Paulo naquela epoca de extrema pobreza literaria.

(5) Houve um periodo em que Ricardo e seus companheiros de Minarete "viveram" o "Tartarin de Tarascon" de Daudet. Sabiam de cor o livro, e como levavam a vida ao ar livre, em interminaveis passeios pelos campos dos arredores, tudo propiciava essa estranha maluqueira. Ricardo era o Tartarin; Rangel, Bezuquet; Candido Negreiros, Bompard; Artur Ramos, Pascalon. Havia até o "chameau" — aquele camelo que acompanhara Tartarin à França; era um meninão frangote, filho do inquilino do andar terreo, que tinha a mania de rentar a Ricardo, sem dizer palavra. Viver um romance, um romance d'aqueles... Pois vivemo-lo, meses a fio. Muitos anos mais tarde, da ultima vez que perambulei com ele em São Paulo, antes de dobrar uma esquina, lá nas Perdizes, Ricardo, recordando-se do tempo feliz, entreparou, na atitude defensiva de Tartarin e exclamou olhando para mim com o olhar truculento:

— "Eux!..."

E pela ultima vez nos rimos, com uma saudade infinita do periodo de ouro da nossa vida...

(5) "Vé! Té!" Ainda reminiscencias do Tartarin. Sempre que nos encontravamos, a saudação era essa.

— Vé, Bompard!

— Té, Bezuquet!

Quando algum dos companheiros que moravam na cidade vinha ao Minarete, mal transpunha o portão do jardim já levava a mão à boca, em porta-voz, e desferia o "Vé! Surgia logo à janela um dos muezzins, que retrucava com o solenissimo *"Té"!*

(6) Candido Negreiros, o primeiro desertor. Faleceu na Suiça em 1909, deixando no grupo um vazio impreenchivel.

(7) Raul de Freitas, companheiro inseparavel de Ricardo, cujos versos sabia todos de cor. Muitas vezes, em nossos passeios, quando o poeta, a recitar, perdia o fio, Raul retomava-o, como memoria sobressalente que era do Ricardo.

Digitized by Google

Artur (8). A cainçalha (9) integrava-se e a uma voz estrugia, num desafio a Baucaire, (10) o nosso hino de guerra:

Dó brin o dé bran
Cabussaram... (11)

Mal agonizavam as ultimas notas do "hino do Minarete", (12) da mesinha em desordem evolava-se um novo:

A-ca-son-de-mó-ra-que...

Porque nunca mais deixaram de associar-se, em meu espirito e em minha saudade, a Poesia e o Poeta, tais os conheci um dia no Minarete — ele medindo versos na mesinha em desordem, ela a revelar-se nas flores cor de rosa que, aos beijos da brisa, caiam regirantes da nossa grande paineira florescida...

Nesse periodo Monteiro Lobato escreveu muito num jornalzinho de Pindamonhangaba, recem-fundado por Benjamim Pinheiro e que por sugestão sua recebeu o nome de MINARETE. E como a Cainçalha tomasse logo de assalto o jornalzinho, é facil imaginar em que aquilo se transformou!

Cada numero que saía era um escandalo na zona — e sobrevinham devoluções indignadas. Lobato, Ricardo, Candido Negreiros, Godofredo Rangel, Albino de Camargo, J. A. Nogueira, Lino Moreira e

(8) Artur Ramos, outro companheiro de Ricardo, por quem tinha um verdadeiro fanatismo. Companheiro fiel de todas as horas, sobretudo as dolorosas ou perigosas.

(9) O grupo de Ricardo denominou-se um dia — "a Cainçalha". Ricardo era o cão que ladra à lua; Raul, cão de colo; Rangel, cachorrinho de estimação; Lobato, buldogue; Lino Moreira, cão que ladra e não morde; Tito Brasil, cachorro; Nogueira, cão de frade; Albino de Camargo, o Cunegundes (um cão de rua, vagabundo, que nessa epoca vivia em São Paulo pelos cafés), e por aí alem.

(10) Como no romance de Daudet havia a velha rivalidade entre Tarascon e Baucaire, os vivedores do romance criaram tambem uma Baucaire: o Braz, bairro infame onde pontificava o literato de barbica e mais uma caterva de "incompreendidos", cuja imbecilidade corria parelha com a presunção.

(11) Grita de guerra dos tarasconeses, que quer dizer, suponho eu: — por bem ou por mal serão despejados da janela de Tarascon para dentro do Rhodano.

(12) Rangel compôs uma toada para o hino do Minarete, o qual outra coisa não era senão a grita de Tarascon levemente alterada no fim:

Dé brin o dé bran
Cabussaran
Dou fenestroun
de Tarascoun
Dedins lou Rose

Em vez "dou fenestroun de Tarascon dedins lou Rose" o nosso hino resava: "dou fenestroun de Minaroun dedins lou Tetiose". Em vez de Rose entrava o Tetiose, provençalização do Tietê, em cujas aguas sujas a cainçalha jurara afogar a pandilha inteira dos vates do Braz...

Digitized by Google

Raul de Freitas, os oito "cães", escreviam no pobre jornal com a maior liberdade, sem a menor consideração para com o publico. E o publico não entendia nada. Saía em Pindamonhangaba o "Minarete", uma vez por semana. Tive ocasião de ver em casa de Monteiro Lobato uns numeros escapados da destruição do tempo. Creio que nunca houve em nosso jornalismo uma folha mais interessante... para os seus redatores. Eles todos pulavam e dansavam ali, como na casa da sogra. Lobato escreveu um romance em rodapé — "Os Lambeferas" — uma coisa perfeitamente esquizofrenica. Os tais lambeferas eram ele e um primo da mesma idade, Carlos Varela. Foram passar duas semanas na Fazenda do Buquira, a mesma que ia pertencer ao nosso autor, e lá, para matarem as primeiras horas da noite no casarão vazio, puseram-se a escrever cada um deles um romance, ou coisa que o valha. Varela escreveu "Uma Flor no Sertão", novela sentimental, e Lobato escreveu a tal esquizofrenia dos Lambeferas. Eram dois os Lambeferas, ele, sob o nome de Yewsky e Varela, sob o nome de Bachi-Buzuck. Haviam penetrado naqueles sertões em busca de feras. Como amostra reproduzo aqui dois capitulos, que dão ideia do estilo e do "espirito cabritante" de Monteiro Lobato nessa epoca.

CAPITULO LXXV

O parto da ideia-mãe (um esconder a navalha do outro) foi duplo: nasceram ao mesmo tempo dois projetos de cavanhaque. O de Buzuck veio dourado como barba de milho batida de sol; o de Yewsky, preto. E como aquilo lhes repontasse nos queixos com emocionante espontaneidade, os dois lambeferas juraram diante do Deus da Barba (Jeová? Jupiter Capitolino? Coisa curiosa! Nunca houve um deus imberbe ou barbeado...) que não procurariam as navalhas; e que se por acaso as achassem, não cometeriam nenhum barbicidio por todo um mes. Concederiam trinta dias de vida aos produtos da ideia-mãe, para que se desenvolvessem à vontade naqueles mentos, folgados e risonhos, sem o pavor da espada de Damocles que desce implacavel depois que a espuma do sabão os envolve. O cavanhaque de Bazuck já dá uma palida ideia do que um cavanhaque pode vir a ser, mas o de Yewsky ainda é casa com apenas as valetas dos alicerces desenhadas no chão. Não importa. Hip, hip, hurra, aos cavanhaques dos Lambeferas!

E a coisa vai por aí alem, brincalhonamente. Dois capitulos adiante surge a esquizofrenia. Buzuck vai ao pomar com a carabina Flaubert e mata um sabiá que cantava. Yewsky revolta-se e rompe com o "assassino da musica". E "para esquecer" resolve empreender uma perigosissima excursão. Constroi uma jangada de paus de embauva, amarra no centro dela a sua gostosa cadeira de balanço ali da fazenda e começa a derivar rio abaixo pelo "caudaloso e torrentoso" Buquira.

Digitized by Google

E Lobato vai caceteando os leitores com a minuciosa descrição da descida do rio na tal jangada; conta como nas cachoeiras a caranguejola se desfaz e que trabalho tem ele para pescar os paus de embauva boiantes, e remendar a cadeira de balanço — "coisa", diz ele em comentario, "de determinar uma duzia de devoluções do "Minarete" no correr da semana". E afinal a jangada despenha-se num abismo — o abismo onde se alapava um horrendo monstro — o Yewskofago! Vejamos como ele conta o caso no Capitulo 50:

Tudo em redor era estrondo e escuridão. Eu ouvia a agua borbotar em gorgolões esbravejantes. O meu rico traste estava meio submerso, e eu com ele. Só a cabeça sobrenadava heroica e mais filosofante do que nunca. Eu recordava velhos filósofos. Repassei Hegel e Fichte e cheguei a uma conclusão muito séria a respeito de Spinoza; convenci-me de que a mudança dos pais de Spinoza para a Holanda foi talvez o fato que mais tarde contribuiu para que Spinoza nascesse holandes!...

E estava em Spinoza, quando senti uma sucção violenta nos meus pés, mesmo através das botas de couro de veado. Apliquei logo a teoria do "tudo é ilusão" e convenci-me da irrealidade das teorias, porque por mais que abstraisse da dor, a dor não abstraia de mim.

Horror! Eu ia sendo lentamente tragado por uma gelatina verde. Apesar das trevas envolventes, eu *sentia* o verdor daquela gelatina. Verde e afogueada — ardente como a tunica de Nessus. "Pobre Hercules!" pensei comigo. E como a dor recrescesse tive a ideia de urrar. Urrar de dor é uma das mais velhas coisas da humanidade. A Idade Media está inteirinha cheia de urros de dor. Mas lembrei-me dum capitulo que eu tinha em mente escrever sôbre a inutilidade do urro e por coerência calei-me.

Súbito, um clarão esverdeado invade a noite: era o monstro que vinha à tona da agua. A luz verde saia-lhe de três olhos fosforescentes colocados não sei bem se na testa, na cauda ou no umbigo, porque tal monstro em nada se parecia com o resto da animalidade. Fiz rapidamente um calculo: "Se me ponho a tremer de pavor, esta besta me devora com pavor e tudo sem que o mundo nada ganhe com isto. Melhor conservar o meu sangue frio e empregar no estudo das caracteristicas do monstro toda a energia que em situação identica uma criatura não filosófica emprega em urrar.

Resolvido o ponto, pus-me a estuda-lo minuciosamente, apesar das fantasticas dores da sucção. Era todo de gelatina esverdeada, cor de limo, e mudava constantemente de forma. A trindade dos olhos movia-se em todas as direções; enquanto um deles submergia, o outro espichava-se para fora como um pseudopodo, e o terceiro cerrava as palpebras para uma soneca. O olho pseudopodo estirava-se até longa distancia por cima daquelas lajes, coleando como cobra, apalpando o terreno, go-

Digitized by Google

zando o prazer de ver, e depois encolhia-se até desaparecer na massa do corpo. Eram enormes êsses olhos; quando tomavam a forma arredondada, lembravam luas cheias — parados, mortiços, viscosos, melancolicos. E piscavam. E cada vez que piscavam, de dentro deles saía uma especie de morcego branco, fôfo, que depois de uns giros tontos se recolhia ao olho outra vez. Era a retina do monstro. Retina aladal

Um corpo instavel. Não pude fixar nenhuma das formas que ele tomava. Tinha a propriedade dos liquidos: adaptar-se às superficies continentes. E nós ali dentro, por aquela gelatina — eu e a minha pobre cadeira de balançol E eu via meu sangue brotar de mil poros em fiozinhos e passar-se para o corpo da hidra.

Senti-me no fim. Esvaimento completo. O alento ultimo eu o empreguei na aquisição de dois novos conhecimentos: um sobre o cheiro e outro sobre o sabor do yewskofago: era inodoro e insipido. Foi nesse momento final, que o meu velho amigo imprevisto apareceu e salvou-me. Minha alma já estava toda fora do corpo, lembro-me bem; e num ultimo desespero de vida eu a agarrava pela cauda e puxava... Nisto vi, com os olhos já velados pela soneira eterna, um objeto negro ao alcance de minha mão. Um clarão me iluminou. Lembrei-me de tres coisas: de Bacon, o fundador do metodo experimental; do nó vital, em que todos os seres vivos concentram a vida; e do meu romance, que ficaria sem o capitulo 50 se eu morresse. E qualquer coisa me fez levar a mão ao tal objeto negro. E apertei aquilo e aquilo se desfez. Era o coração do monstro, o nó vital! E desfeito o nó toda a gelatina perdeu a vida, dessorou, virou liquido morto e lá escorreu pelo rio abaixo, em fios esverdeados...

E era assim o tal "Lambeferas" — a maior maluquice literaria possivel, mas transbordante de talento. Nesse mesmo "Minarete" aparece "O Queijo de Minas ou Historia de um Nó Cego", romance a "duas mãos que eu e Rangel — eu em Taubaté e Rangel em Silvestre Ferraz — começamos a escrever. Um fazia um capitulo, outro fazia outro. Até o titulo era de colaboração; ele deu o queijo, eu dei o nó. E havia depois do titulo esta advertencia: "Romance a duas mãos no qual os autores suprimem todos os pedaços que habitualmente os leitores pulam".

O romance começou muito bem, mas de certo ponto em diante Lobato começou a desmoralizar os personagens criados pelo Rangel. Este revidou e matou um dos personagens do Lobato. Lobato matou dois do Rangel. E assim foi indo, como numa *vendetta* corsa, até que o romance não pode prosseguir por falta de gente em cena. "Ficamos em campo só nós dois, os autores, muito desapontados, sem saber que fazer de tantos mortos — *et le combat cessa faute de combattants*, como no "Horace" de Corneille. Apertamo-nos as mãos em gesto muito cordeal, como depois das lutas de boxe, e os pindamonhangabanos leitores do "Minarete" que, com esperanças de algo serio, secreta

Digitized by Google

e desconfiadamente vinham lendo os rodapés do "Queijo", olharam-se uns para os outros com asnissimas caras".

Nunca passava pela cabeça daquele grupinho a hipotese da existencia de um publico, ou de leitores outros que não fossem eles mesmos. Essa absoluta abstração do leitor foi o carateristico de toda a literatura de Monteiro Lobato anterior aos "Urupês". E tinha a originalidade de esconder-se com inumeros pseudonimos.

— Quantos? perguntei-lhe.

— "Nem me lembro mais. Um lote. Lobatoyewesky, Yewsky, Hélio Bruma, Gui d'Hã, Matinho Dias, Mem Bugalho Pataburro, Olga de Lima, Osga de Lima, Nero de Tal, Antão de Vasconcellos, She, Oswaldo, Josbem, Rodanto Côr de Rosa... O primeiro artigo de jornal que assinei com meu nome foi um sobre Guiomar Novais, publicado no "Correio Paulistano". O segundo foi n' "O Estado de São Paulo" — e tinha o título de "Velha Praga".

Esse artigo — ou, como Monteiro Lobato o define, essa "indignação" do fazendeiro contra os caboclos que lhe queimavam o mato, causou grande reboliço. Em vez de vingar-se apenas dos incendiarios, Lobato agarrou na classe inteira e "deslombou-a". O caboclo era o "ai-jesus nacional" e classificá-lo de praga da terra foi arrojo inconcebivel. "Bulir com o caboclo era bulir numa vespeira". O fecha que se seguiu durou longo tempo. O pais se dividiu em dois campos, os que pensavam como Monteiro Lobato e os "caboclistas" — os "saudosistas", que viam no caboclo a continuação dos bem comportados indios de Alencar, Gonçalves Dias e todos os romanticos do indianismo.

Os jornais da epoca estão cheios desse debate. Surgiram até livros, como o "Mané Chique-Chique", de Ildefonso Albano, um dos paladinos do caboclo heroico. Rocha Pombo contrapôs ao Jeca Tatú de Lobato o Jéca-Leão.

Mas Monteiro Lobato sustentou a nota de "Velha Praga" e no artigo subsequente, ainda n' "O Estado", estendeu-se no assunto e fez a mais perfeita analise realista de um tipo humano que até então vivera estilizado romanticamente. É nesse artigo que aparece a palavra Urupês, um cogumelo; Lobato compara o caboclo ao urupê de páu podre que vegeta no sombrio das matas. E dá-lhe um nome: Jéca-Tatú — nome que pegou, generalizou-se pelo país inteiro e entrou para a lingua como nome comum. Diz o *Pequeno Dicionario Brasileiro:* "JECA, *adj.* e *s. m.* (Bras.) Caipira, matuto; V. Caipira; Jeca Tatú: s. m. nome e simbolo do caboclo do interior do Brasil". E ainda vem um derivado: "JEQUICE, *s. f.* (Brasileirismo) Coisa ou ato proprio de jéca". De modo que entre as muitas coisas que Monteiro Lobato fez na vida, como produzir os seus famosos contos, dar surto à industria editora, criar toda uma literatura infantil, demonstrar a existencia do petroleo e a necessidade fundamental da siderurgia e da metalurgia

Digitized by Google

como meio de sairmos do nosso lamentável estado de colonialismo, ha ainda essa sua contribuição para o vocabulario da lingua.

O artigo "Urupês" marcou uma epoca na literatura e... na industria brasileira. Bem diz Nelson Palma Travassos em seu estudo sôbre o livro no Brasil (*) que "a coisa foi uma antes de Lobato e outra depois de Lobato" — mas em Lobato o que assinalou esse momento de transição foi o artigo "Urupês". Lobato dá ali um golpe de morte no velho romantismo, e adota desassombradamente a atitude realista, não só diante do caboclo como de todas as coisas nacionais. Daí por diante a obra de Monteiro Lobato, em todos os setores, vai ser uma obra de denuncia implacavel e sistematica: denuncia da falseação politica, denuncia do estado de lazeira das populações do interior ("Problema Vital"), denuncia da "ignorancia e da patifaria do govêrno" ("Mr. Slang e o Brasil"), denuncia da sabotagem das riquezas feita pelo oficialismo a serviço do imperialismo ("O Escandalo do Petroleo"), denuncia dos snobismos e da macaquice do que hoje chamamos granfinismo ("Ideias de Jéca Tatú"), denuncia de todas as "estilizações" das fraquezas nacionais e de todas as racionalizações dos nossos defeitos ("Na Antevespera", "America", prefacios e inumeros artigos em jornais e revistas).

(*) "A historia da industria do livro no Brasil pode ser dividida em dois periodos: antes de Monteiro Lobato e depois de Monteiro Lobato. Até a Guerra de 1914 os livros brasileiros eram, de um modo geral, impressos na Europa. Garnier, a grande editora de Machado de Assis e de quasi todos os da Academia era casa francesa e na França tinha as suas oficinas. Coelho Neto, mais lido em Portugal que no Brasil, era impresso no Pôrto, e editado por Lelo & Irmão. Alves & Cia. quase que só se limitava ao livro escolar e possuia oficinas proprias. Muito pouco livro se imprimia no Brasil. Não havia para isso casas especializadas e muito menos editores. Monteiro Lobato modificou tudo. Imprimindo por sua conta, nas oficinas do jornal "O Estado de São Paulo", os "Urupês", verificou que, no Brasil todo, existiam apenas umas trinta livrarias capazes de receber e vender. Foi então aos Correios e compulsando uma agenda postal soube que existiam em todo o país mais de mil agencias postais. A cada agente remeteu uma circular indagando de alguém daquela cidade que se dispusesse a receber, "em consignação", livros para vender. Quasi todos os agentes responderam e Monteiro Lobato inundou o país de livros. Transformando-se em editor e editando em elegantes livrinhos todos os "novos" que depois formaram uma grande geração, habituou o brasileiro a ler. As edições que eram minimas cresceram, culminando com a "Menina do Narizinho Arrebitado" que teve uma tiragem incrivel de 50 mil exemplares, e isso por volta de 1919!

Mas as oficinas graficas nacionais não estavam preparadas para esse genero de fabrico. Eram tipografias organizadas para impressos em geral e não para um ramo industrial pesado, como é a industria do livro dentro da arte grafica. E Monteiro Lobato construiu essa oficina. E tudo marchava maravilhosamente bem quando sobreveio, em 1924, a crise de energia eletrica. Essas oficinas que deveriam produzir um "quantum" todos os dias para se pagar, restringiram as suas atividades a dois e tres dias por semana. Concomitantemente verificou-se uma tremenda retração de credito bancario. E a iniciativa de Lobato falhou.

Mas a semente estava lançada. A industria do livro existia com o habito da leitura que Lobato criou no publico e com os tecnicos que ele fez". — *Nelson Palma Travassos*, "O LIVRO NO BRASIL", artigo publicado n'"O Estado de São Paulo, de 19-8-1943.

Digitized by Google

A mentira, o enfeite sistematico das nossas coisas desesperava-o — mas Lobato sabia fazer justiça. Depois que verificou que a causa da "ruindade" do jéca era mais a doença do que outra coisa, não teve pejo de pedir-lhe perdão:

> "Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca", diz ele no prefacio da 4.ª edição dos "Urupês", "por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoologico da peor especie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade.
>
> Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso sem tirar uma virgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra. Os outros, que falam francês. dançam o tango, fumam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena infernal para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu dolorido trabalho, esses, meu caro Jéca Tatu, esses têm na alma todas as verminoses que tu tens no corpo. Doente por doente, antes como tu doente só do corpo..."

A repercussão que teve a sua denúncia do caboclo no artigo "Urupês" levou-o a dar esse nome ao seu primeiro livro de contos, aqueles escritos na Fazenda do Buquira. O nome primeiramente pensado foi outro. "Minha ideia era um livro com este titulo: "Doze Mortes Tragicas", e em cada conto a tragedia tinha de ser terrivel e inedita. Comecei com Pernambi, morto n' "A Vingança da Peroba", pelo pilão do pai bebado. E depois matei Bocatorta por atolamento. E ia matando o Izé Biriba de estafetamento — um suplicio moderno. E fiz Gerebita estrangular Cabrea num farol. E o engraçado arrependido enforcou-se na ceroula. E o Ruço matou o Elesbão a foiçadas... Uma sangueira horrivel, mas não chegavam a doze. Engulhei no meio. Enjoei de matar tragicamente. E os contos já estavam na tipografia sem que eu acertasse no titulo. Foi quando Artur Neiva resolveu o problema. Eu fôra com ele a Iguape, e lá no hotel, caindo a conversa sôbre o futuro livro, confessei a minha incapacidade nominativa. "Por que não adota o nome "Urupês", tão sonoro? Inclua entre os contos o artigo "Urupês" e pronto". E foi o que fiz".

A repercussão desse livro foi intensissima, a ponto de determinar um milagre editorial. No mar morto da nossa literatura de então, onde as edições eram de mil exemplares (quando grandes) e em regra ficavam pelo meio do caminho, a primeira edição de "Urupês" (*),

(*) Essa primeira edição, hoje disputada pelos bibliofilos, foi impressa nas oficinas gráficas d'"O Estado de São Paulo". A capa, de autoria de J. Wasth Rodrigues, representava um "mata-pau". O volume continha ainda diversos desenhos de "um curioso sem estudos", que hoje sabemos serem do proprio autor.

Digitized by Google

de mil exemplares, saida em agosto de 1918, esgotou-se em poucos dias. A segunda, de 2.000, esgotou-se num mês. A 3.ª de 4.000 saiu no fim desse ano.

O livro estava na 4.ª edição quando Rui Barbosa entra em cena e abre um famoso discurso no Teatro Lirico do Rio de Janeiro com a sua famosa citação do Jeca Tatu. Eis como Lobato recebeu a noticia do discurso.

"Eu já estava recolhido, quando, lá pelas dez horas, o telefone soou. Era da redação d' "O Estado de São Paulo". Roberto Moreira me telefonava qualquer coisa que no meu estremunhamento não entendi bem. "Rui Barbosa... Lirico... Urupês... Jéca..." Uma embrulhada. Fingi que entendi, dei boa noite e fui reatar o meu sono. No dia seguinte, pela manhã, ao abrir o "Estado", meu espanto foi de achatar. A famosa peça oratoria de Rui, publicada na primeira página, abria com aquela tremenda citação".

A QUESTÃO SOCIAL E POLITICA NO BRASIL

Senhores:

Conheceis, porventura, o Jéca Tatu, dos "Urupês", de Monteiro Lobato, o admiravel escritor paulista? Tivestes, algum dia, ocasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquele tipo de uma raça, que, "entre as formadoras da nossa nacionalidade", se perpetua "a vegetar" de cocoras, incapaz de evolução e impenetravel ao progresso"?

Solta Pedro I o grito do Ipiranga. E o caboclo, em cocoras. Vem, com o 13 de maio, a libertação dos escravos; e o caboclo, de cocoras. Derriba o 15 de novembro um trono, erguendo uma Republica; e o caboclo, acocorado. No cenario da revolta, entre Floriano, Custodio e Gumercindo, se joga a sorte do pais, esmagado quatro anos por "Incitatus"; e o caboclo ainda com os joelhos à boca. A cada um desses baques, a cada um desses estrondos, soergue o torso, espia, coça a cabeça, "magina", mas volve à modorra e não dá pelo resto.

De pé, não é gente. A não ser assentado sobre os calcanhares, não desemperra a lingua, "nem ha de dizer coisa com coisa". A sua biboca de sapé faz rir aos bichos de toca. Por cama, "uma esteira espipada". Roupa, a do corpo. Mantimentos, os que junta aos cantos da sordida arribanha. O luxo do toucinho, pendente de um gancho à cumieira. À parede, a pica-pau, o polvorinho de chifre, o rabo de tatu e, em para-raio, as palmas bentas. Se a cabana racha, está de "janelinhas abertas para o resto da vida". Quando o colmo do této, aluido pelo tempo, escorre para dentro a chuva, não se veda o rombo; basta aparar-lhe a agua num gamelo. Dessa prumando-se os barrotes da casa, um santo de mascate, gru-

Digitized by Google

dado á parede, lhe vale de contraforte, embora, quando ronca a trovoada, não deixe o dono de se julgar mais seguro no oco de uma arvore vizinha.

O mato vem beirar com o terreirinho nu da palhoça. Nem flores, nem frutas, nem legumes. Da terra, só a mandioca, o milho e a cana. Porque não exige cultura, nem colheita. A mandioca "sem vergonha" não teme a formiga. A cana dá a rapadura, dá a garapa, e açucara, de um rolete expremido a pulso, a cuia do café.

Para Jéca Tatu "o ato mais importante da sua vida é votar no governo". "Vota. Não sabe em quem. Mas vota". "Jéca por dentro rivaliza com Jéca por fora. O mobiliario cerebral vale o do casebre". Não tem o sentimento da patria, nem, sequer, a noção do país. De "guerra, defesa nacional, ou governo" tudo quanto sabe se reduz ao pavor do recrutamento. Mas, para todas as doenças, dispõe de meisinhas prodigiosas como as ideias dos nossos estadistas. Não ha bronquite que resista ao cuspir do doente na boca de um peixe, solto, em seguida, agua abaixo. Para brotoeja, cozimento de beiço de pote. Dor de peito? "O porrete é jasmim de cachorro". Parto dificil? Engula a cachopa tres caroços de feijão mouro, e "vista no avesso a camisa do marido".

Um fatalismo cego o acorrenta à inercia. Nem um laivo de imaginação, ou o mais longinquo rudimento d'arte, na sua imbecilidade. Mazorro e soturno, apenas rouqueja lugubres toadas. "Triste como o curiango, nem sequer assobia". No meio da natureza brasileira, das suas catadupas de vida, sons e colorido, "é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas. Não fala, não canta, não ri, não ama, não vive".

Não sei bem, senhores, se no tracejar deste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piracuara do Paraiba e a degenerescencia inata da sua raça. Mas a impressão do leitor é que, neste simbolo de preguiça e fatalismo, de sonolencia e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviencia e hebetamento, o genio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, conciente ou inconcientemente, a sintese da concepção que tem, da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram".

E Lobato continua a contar:

"Nesse dia, no escritorio da "Revista do Brasil" — a editora do livro — o telefone não parou de tocar e as visitas emendavam uma na outra. "Isto é a suprema consagração, Lobato!" "O Rui não cita vivos e abriu uma exceção para você". Não houve comentario que não fosse feito. E no dia seguinte começaram a chover telegramas. Pedidos de "Urupês" de quanta cidade havia. "Mande 100", pedia uma casa do Rio. "Duzentos", pedia outra — e a quarta edição voou a galope. Tivemos de tirar imediatamente a 5.ª, a 6.ª, a 7.ª e o livro foi subindo como foguete até saturar o publico. O ponto de saturação

Digitized by Google

naquele tempo, como verifiquei não só com "Urupês" como com outros livros de sucesso, andava entre 30 e 40 milheiros".

A vitoria comercial de "Urupês" induziu Lobato a lançar "Cidades Mortas", formado de coisas antigas publicadas no "Minarete" e lançou depois "Ideais de Jéca Tatu", com artigos publicados no "Estado" e no famoso "Estadinho". E depois vieram "Negrinha" e "O Macaco que se fez homem" — e foram vindo todos os livros da serie. Ao mesmo tempo que se editava a si mesmo, entrou a editar outros — e começou o vendaval de livros que ia arrancar o Brasil de sua secular modorra e que não pararia nunca mais. Lobato lançou livros como os canhões de hoje lançam balas, numa sucessão ininterrupta — "Madame Pommery", "O Professor Jeremias", "Populações Meridionais", de Oliveira Viana, "Vida e Morte de Gonzaga de Sá", de Lima Barreto, "Amor Imortal", de A. J. Nogueira, "Alma Cabocla", de Setubal, "Livro de Horas de Soror Dolorosa", de Guilherme de Almeida...

E a coisa não teve fim — e não o terá nunca. Lobato teve de transformar-se em firma comercial, e apareceu como Monteiro Lobato & Cia., associado a um menino de 18 anos — Octalles Marcondes Ferreira. E como os negocios crescessem vertiginosamente, a firma transformou-se em sociedade anonima, montou enormes oficinas, introduziu em São Paulo os primeiros monotipos e depois de editar centenas de obras e criar venda de livros em 1.200 localidades do Brasil, entrou em liquidação em consequencia da seca de 1925 e da incapacidade da Light de fornecer a energia eletrica necessaria para mover a imensa maquinaria grafica que a empresa acabava de montar — maquinas adquiridas a credito e calculadas de modo a se pagarem em tres anos com o produto do proprio trabalho. Aquela subita falta de energia, que durou quasi um ano, veio transtornar todos os calculos. Lobato e Octalles resolveram requerer a falencia da Companhia e recomeçar a vida nas mesmas linhas. E ao lado da empresa que ia entrar em liquidação surgia humilde, mas riquissima de vitalidade, a Companhia Editora Nacional, destinada a crescer incessantemente e tornar-se a maior do Brasil e uma das grandes da America do Sul.

Mas o golpe que o desastre da sua primeira "filha" desferiu no coração de Lobato foi muito forte. Chegou a faze-lo mudar de cidade — transferiu-se para o Rio, e depois mudou-se de país, indo para os Estados Unidos. E desse modo o nosso escritor abandonou a industria editorial e com ela a literatura.

Só muitos anos depois, ao regressar ao Brasil, reaparece em cena o nome de Monteiro Lobato — mas o homem era outro. A literatura antiga — a arte pela arte não o seduz mais.

Durante sua longa permanencia nos Estados Unidos, o criador de Jéca Tatu não fizera outra coisa senão ver e comparar — ver de perto

Digitized by Google

o atordoante progresso americano e compara-lo com a lentidão do nosso desenvolvimento econômico. Sua posição de adido comercial facilitava-lhe o contacto com industriais e banqueiros e abria-lhe as portas das grandes fabricas e usinas onde a riquesa do pais era forjada. O "fordismo", a produção em massa, o aproveitamento racional do sub-solo, a prosperidade americana analisada sob seus multiplos aspectos, não podiam deixar de impressionar vivamente a inteligencia do escritor que, anos atrás, pintara com cores tão reais o quadro de penuria economica e abandono moral dos piracuaras do Vale do Paraiba.

Vendo a riqueza nascer e circular pelas largas arterias de um país altamente industrializado, Monteiro Lobato pensava com melancolia nas nossas "cidades mortas", no nosso "progresso nomade e sujeito a paralisias subitas" e procurava descobrir as causas mais profundas do fenômeno "arranha-céu" e do fenômeno "tapera", e medir a distancia que separa o trator do carro-de-boi. Ele percebia que lá na America toda a riqueza nascia da multiplicação da eficiência do homem por meio da maquina, enquanto que aqui toda a vida economica estava condicionada à uberdade nativa do solo. O nosso progresso era um "progresso cigano", que emigrava assim que se esvaia a primeira camada de humus.

Em 1931 o escritor retorna à patria e põe sua pena e seu ardor cívico a serviço da causa do reerguimento econômico do Brasil. O contista de "Urupês" transforma-se num pioneiro da industrialização do pais — num novo Mauá da era do petroleo. Chega dos Estados Unidos gritando para quem quisesse ouvir: "O petroleo é o sangue da terra; é a alma da industria moderna; é o segredo da riqueza dos grandes países; é a eficiencia do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo, é ter o Sesamo, abridor de todas as portas. Não te-lo é ser escravo".

No prefacio que nessa epoca escreveu para a "Luta pelo Petroleo", de Essad Bey, Lobato sintetisa o seu pensamento sobre "a causa das causas" da pobreza e lentidão do desenvolvimento do Brasil. É uma pagina digna de meditação e estudo, que nos mostra a agudeza de observação e o arrojo da critica do Monteiro Lobato economista:

PREFACIO DA "LUTA PELO PETROLEO", DE ESSAD BEY

A pobreza, a lentidão do desenvolvimento do Brasil sempre me preocupou vivamente. Refleti comigo durante anos, com a sensação de que as causas geralmente apontadas para explicar o fenômeno eram causas secundarias; e que antes de apreendermos a causa primaria, a causa das causas, nada poderia ser feito para mudar a situação.

Digitized by Google

O problema focalizara-se em meu espirito sob uma forma simplista: Por que, dos dois maiores paises da America, descobertos no mesmo ciclo, povoados com os mesmos elementos (europeu, indio e negro), libertados politicamente quasi na mesma epoca, com territorios equivalentes, um se tornou o mais rico e poderoso do mundo e o outro permanece encruado?

A atenta observação do fenomeno americano deu-me a resposta clara: *Porque nos Estados Unidos o homem adquiriu elevada eficiência e no Brasil a eficiência do homem está pouco acima da do homem natural.*

A eficiencia do homem natural, que só dispõe dos seus musculos, é minima. Ele pode o que seus musculos podem. Começa a crescer em eficiencia à medida que se vai equipando de *instrumentos* multiplicadores da força dos musculos. Com o arco arroja um projetil a distancia muito maior do que com os musculos arremessaria uma pedra. Com o machado de silex corta a arvore que jamis poderia abater a pulso nu.

Os instrumentos multiplicadores da eficiencia do homem vão crescendo em complicação até se transformarem no que chamamos maquina. A maquina numero um, a maquina mater, surgiu com a alavanca — uma barra não flexivel que firmada num ponto de apoio nos permite levantar pesos. Não foi invenção humana. O homem encontrou na terra a alavanca — um pedaço de pau. Apenas descobriu o meio de utiliza-la. Mas a roda foi invenção humana. Da combinação da alavanca e da roda surgiu o veiculo — a maquina de transportar, e foram vindo todas as mais maquinas existentes no mundo. Que é maquina? *Um meio engenhoso de multiplicar a eficiência do musculo humano.*

Mas a maquina é inerte. Tem que ser movida. Exige uma pressão. O que ela faz é apenas multiplicar essa pressão. E o homem dava pressão à maquina com os seus musculos. Depois concebeu a luminosa ideia de escravizar os musculos de seres menos inteligentes, ou mais fracos, para po-los a mover a maquina. Daí a domesticação do boi e do cavalo. Mais astucioso, o homem transferia para os musculos desses irmãos a tarefa de puxar os carros e mover as moendas. Outra ideia luminosa surge: escravizar o proprio homem. Roma propulsionava as suas galeras e movia os seus moinhos por meio de escravos feitos nas guerras.

A escravização do boi, do cavalo e do homem permitiu ao mundo um progresso imenso, porque significava a descoberta duma fonte de energia capaz de mover a maquina. E como a maquina é um sistema rigido, a materia prima da maquina tinha de ser, não a madeira primitivamente usada, mas um material de maior rigidez e durabilidade. Qual? O ferro. O homem aprende a derreter certas rochas que encontra na superficie do solo e a extrair uma coisa chamada ferro. Material maravilhoso, de extrema rigidez e durabilidade — e desde então *a materia prima da maquina ficou sendo o ferro.*

Digitized by Google

A partir daí o astuto bipede começa a dominar o mundo, a arrostar as leis naturais, a levar para um ponto o que a natureza pusera noutro, a rir-se de animalões enormes, como o elefante, e a governar a terra como propriedade sua. Deu de "civilizar-se", isto é, de sobrepor às leis naturais uma lei nova saida da sua cabeça, e quanto mais aperfeiçoava a maquina, mais aumentava de eficiencia e pois mais se "civilizava". Mas o "progresso" (que é como ele chama a velocidade do seu civilizamento), via-se embaraçado pela pobreza da força de que dispunha para mover a máquina. Era preciso descobrir algo indolor e potente que substituisse o musculo — e ocorre afinal o aproveitamento da enorme fonte de energia mecânica que existe na força expansiva do vapor d'agua.

Maravilha! Aquela coisa tão simples — agua aquecida até transformar-se em vapor — vem libertar o homem do uso exclusivo do musculo como força motora da maquina. Indolor e de potencia ilimitada!

O progresso intensifica-se. Num seculo de energia mecânica aplicada à maquina o homem faz mais progressos do que em todo o passado da humanidade. Sua eficiencia cresce dum modo tremendo.

Mas para ferver a água torna-se necessario calor. O calor é produzido pela combustão. Para ter combustão o meio é conjugar dois elementos de que a natureza é prodiga, o oxigenio e o carbono. Oxigenio existe na atmosfera em quantidades ilimitadas; já o carbono se mostra mais escasso. Numas zonas existe abundante, noutras rareia. E começa então um desequilibrio de nivel no "progresso". As zonas ou os paises onde o carbono é abundante permitem que se tenha muita combustão, e pois muito calor, e pois muito vapor d'agua, e pois muita energia mecânica, e pois muita maquina em movimento. E o homem que habita essas zonas começa a crescer tanto em progresso que acaba pondo sob seu dominio, como escravos, os seus irmãos de zonas menos carbonicas. Surge a Inglaterra, que amarra a si toda uma fieira de zonas, ou povos. O seu carbono permite-lhe o mais violento surto de eficiência da nossa éra.

O mundo passa a dividir-se em paises fortes e paises fracos. Nos paises ricos em carbono, que podem desenvolver enormes quantidades de energia mecânica, o homem aumenta cada vez mais o seu indice de eficiencia.

A primeira fonte de carbono utilizada para criar a energia mecânica foi a lenha. Tinha o defeito da produção limitada e cara, além do fraco rendimento calorico, da dificuldade de transporte e outras. Depois surge o carvão, raios de sol que nas eras primitivas ficaram soterrados. E o sol fossil, vindo de novo à tona, mostrou-se o material ideal para fonte de energia mecânica. Fez-se o pai do progresso moderno. Mas esse progresso ficava privilegio dos paises dotados de grandes reservas de carvão — Inglaterra, Estados

Digitized by Google

Unidos, França, Alemanha. Tais paises tornaram-se os mais ricos e poderosos, os astros de primeira grandeza num mundo de satelites, porque a soma de energia mecanica que podiam desenvolver com a queima do carvão viera aumentar tremendamente a eficiencia do homem politicamente chamado inglês, americano, francês, alemão.

O mais rico em carbono fóssil, a Inglaterra, apesar duma simples ilha, domina o mundo. Invade todos os continentes, pega a Australia, as Indias, a melhor parte da Africa e quantas ilhas lhe convem; 400 milhões de homens de todas as cores submetem-se ao punhado de ilheus que tinham ilimitadas quantidades de carvão para queimar.

Mas um dia o coronel Drake fura a terra na Pensylvania e faz jorrar um liquido negro chamado petroleo. O mundo vai mudar. O equilibrio de forças não será mais regulado pelas quantidades de carvão existentes no sub-solo dum país — e sim pela quantidade de petroleo de que esse pais dispuser. O petroleo iria revelar-se a mais alta forma de carbono industrial, a de maior rendimento termico, a de mais facil transporte — e a mais barata, porque uma vez aberta a fonte vinha à tona por si mesmo, sem necessidade de mineração. Tudo muda. Os paises de petroleo sobem ao poder.

Surgem na arena os Estados Unidos, projeção inglesa na America. De simples colonia, passa esse pais, em pouco mais de um seculo, ao primeiro lugar no mundo, como o mais rico, o mais poderoso e por fim o credor universal. Por que? Porque graças à produção intensa da materia prima da maquina — o ferro, e da produção intensa da materia prima da energia mecanica — o petroleo, conseguiu elevar o indice de eficiencia de seu homem a 42 — isto é, cada americano passou a "poder" tanto, a produzir tanto como 42 "homens naturais" (os que só podem o que os seus musculos podem, como o selvagem). Distanciou o europeu em 31 pontos. O indice de eficiencia do europeu em 1929 era igual a 13.

Enquanto esse milagre se operava ao norte do continente, um pais ao sul, de igual extensão territorial e povoado com os mesmos tipos de elementos humanos, europeu, negro e indio, permanecia em profundo estado de dormencia. Um pantano com quarenta milhões de rãs coaxantes, uma a botar a culpa na outra do mal estar que todas sentiam. Procuram soluções politicas, mudam a forma de governo, derrubam um imperador vitalicio para experimentar imperantes quadrienais; fazem revoluções, entrematam-se, insultam-se, acusam-se de mil crimes, inventam que o pantano permanece pantano "porque ha uma crise moral cronica". O mal das rãs é julgar que *sons* resolvem problemas economicos. Trocam o som "monarquia" pelo som "republica". Depois inventam sons ineditos — "reajustamento", "congelados", "integralismo". O proprio das rãs é esse excessivo pendor musical. Querem sonoridades apenas. "Somos o maior país do mundo". "Temos o maior rio do mundo". "Nossas riquezas são inesgo-

Digitized by Google

taveis", etc. Enchem o ar dessas musicas e mandam o ministro da fazenda correr Nova York e Londres de chapéu na mão a pedinchar dinheiro".

Paginas como essa, de critica incisiva e contundente, Lobato escreveu centenas logo após o seu regresso ao Brasil. Ele não se contentava com apontar erros e deficiencias. Sua critica, embora acerba, era sempre construtiva — denunciava problemas para, em seguida, apontar soluções.

Numa epoca em que "imperialismo", "industria-pesada", "industrialização", "altos-fornos", etc. eram palavras de circulação restrita e só conhecidas de uma elite de estudiosos, Lobato divulgou-lhes o significado e a importancia, fazendo-as cair em dominio publico através de artigos e de livros. Com grande coragem — e mesmo com certa ingenuidade propria dos pioneiros —, o nosso escritor defendeu teses que só muito mais tarde ganharam em extensão e profundidade. Conduzido por ele, o brasileiro começou a discutir os mais importantes problemas economicos do pais.

Amanhã, quando a distancia permitir uma melhor apreciação da figura singular de Monteiro Lobato, o seu biografo terá necessidade de recorrer a conhecimentos de economia para poder pintar, de corpo inteiro, o retrato do escritor que procurava petróleo numa epoca em que nos preocupavamos exclusivamente com o preço da arroba de café, e que falava em ferro e aço quando ainda julgavamos mais cômodo importar umas poucas maquinas, tidas como suficientes para as necessidades de uma industria de fôlego assustadoramente curto.

Mas voltemos a Lobato escritor. Vamos encontra-lo depois escrevendo livros para crianças. Como teve a ideia de enveredar pela literatura infantil? Numa carta escrita ao Prof. Venancio Filho ele mesmo o conta — e como é documental, merece transcrição:

> "Eu já era editor e estava em meu escritorio na rua Boa Vista, em São Paulo. À tarde entrou o Toledo Malta, autor recente de *Madame Pommery*, surdo como uma porta, mas inteligente de dar gosto. Vinha para o xadrez — porque ali o jogo do xadrez tinha muito mais importancia que edições de livros e literaturas. E, incidentemente, contou a historia dum peixinho que por haver passado algum tempo fora d'água "desaprendeu de nadar" e de volta ao rio afogou-se.
>
> Perdi a partida de xadrez daquele dia, talvez menos pela pericia do jogo do Malta do que por causa do peixinho. O tal peixinho pusera-se a nadar em minha imaginação e, quando Malta saiu fui para a mesa e escreví a "Historia do Peixinho que Morreu Afogado" — coisa curta. Do tamanho do peixinho. Publiquei isso logo depois, não sei onde. De-

Digitized by Google

pois veio-me a ideia de dar maior desenvolvimento à historia, e ao fazê-lo acudiram-me cenas da fazenda onde eu havia passado a minha meninice. Lembrei-me da mulata Joaquina, ex-escrava de meu pai, que aos domingos saia a mariscar de peneira num riozinho do pasto. Recordei o prazer intensissimo que me era acompanha-la pela margem, muito atento às sensacionais "tiradas da peneira". Vinham camarõezinhos de agua doce, guarus barrigudos, filhotes de lambaris e uma ou outra trairinha. E tambem bichos esquisitos, pernudos e molengas. Às vezes, um tremendo baratão aquatico. E até veio um dia a grande sensação: uma cobra d'agua, que a Joaquina jogou com peneira e tudo para longe, na grama.

Todas essas cenas me foram vindo à tona da memoria e comecei a escrever ali mesmo no escritorio: "Numa casinha branca, lá muito longe, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta de Oliveira..."

Por que velha? Por que Benta? Velha, porque se iam entrar em cena crianças era preciso botar uma velha, uma vóvó, pois só as vóvós aturam crianças e deixam-nas fazer o que querem. E Benta porque... Num colegio em que estive em Taubaté — Colegio Paulista — havia um rapaz de nome Pedro de Castro, que às vezes contava historias de sua avó Benta, lá de Macaé. Desde aí esse nome Benta ficou em meu espirito associado à condição de avó.

E a historia foi brotando ao sabor da fantasia, um pedaço hoje, outro amanhã, nos intervalos que no escritorio me deixavam as partidas de xadrez — e surgiu "A Menina do Narizinho Arrebitado".

Que fazer daquilo? Está claro que editar — coisa facilima para quem era editor. E editei. O Octalles já trabalhava comigo; era um menino de 19 anos, cheio de faros e intuições. Confabulamos a respeito e, tremendamente inexperientes, mandamos tirar uma edição de 50.500 exemplares, coisa nunca vista em nossos anais editoriais. Pura extravagancia de editores calouros e pretensiosissimos. Mas aquela tremenda massa de narizinhos saiu toda em oito ou nove meses, deixando-nos um lucro liquido de uns cem contos de réis.

O fenômeno abriu-me os olhos. Meu livro "Urupês", que obtivera um sucesso excepcional, estava ainda lá pelo seu 15.º milheiro, e no entanto aquela brincadeira esgotara cinquenta mil e tantos em meses.

"Neste pau tem mel", pensei comigo e era natural que reincidisse.

Reincidi. Escrevi a historia dum leitão malandro de nome Rabicó, sempre com os mesmos personagens de Narizinho. E aparece aí o solene visconde de Sabugosa — um mero sabugo de cartola. E depois, sempre ao sabor da fantasia, vieram vindo os outros personagens, Pedrinho, Quindim o rinoceronte, o Burro Falante, o João Fazdeconta, que

Digitized by Google

não pegou por ser muito feio. E Emilia foi evoluindo; passou de muda boneca de pano, a "gentinha", ultra-falante e destabocada. E as historias vinham vindo e os livros iam saindo. Todo Natal eu "punha" um ou dois livros novos, com o alivio com que uma galinha põe ovos.

Escrevia-os quando uma ideia me empolgava e sempre com prazer. O primeiro a divertir-se com eles era eu mesmo, na maquina. Ás vezes ria-me comigo mesmo de uma imprevista asneirinha da Emilia. Lembro-me de uma. Dona Benta estava na varanda, numa noite de céu muito estrelado, explicando astronomia. Falou das estrelas só visiveis ao telescopio e das visiveis a olho nu. Emilia interrompe: "Dona Benta, olho nu não é indecente?" Como não me divertir com umas coisinhas assim?

Hoje esses livros são uma filharada grande, que me dá muito trabalho. Tenho de estar a arruma-los a cada nova edição, a pentea-los, a mudar fraldinhas, a revê-los em provas — e se não o faço, arrependo-me.

E assim se foram aperfeiçoando e ganhando unidade. Na essência é uma historia só em muitos episodios. Está ficando o "Rocambole" das crianças deste pais, e breve o será de todas as crianças latino-americanas, porque vão sair todos em espanhol.

E as crianças escrevem-me sempre — o que é um prêmio. Escrevem-me para pedir retrato, apontar incoerencias, desacordos entre o texto e os desenhos, ou declarar que preferem a Emilia e que eu "escrevo muito bem". Outras querem saber qual é o caminho para ir ao sitio de Dona Benta. Outras pedem uma pitada de pó de pirlimpimpim. Ha tempos contou-me um farmaceutico da minha rua que na vespera aparecera lá um garoto pedindo "200 réis de pó de pirlimpimpim".

Tambem tenho muitos pedidos de "aparecer nas aventuras" — crianças que querem ver-se em letra de fôrma. E pedidos para introduzir cachorrinhos de estimação e gatos. De Porto Alegre vim com uma lista de seis cachorrinhos "que mereciam entrar nas historias". Isso explica em certas edições uns subitos aparecimentos de cachorrinhos inexplicaveis. São totós de encomenda".

Edgar Cavalheiro, certa vez, também perguntou a Lobato como explicava o fato de ter abandonado a série de contos admiraveis com que vinha enriquecendo a nossa literatura para dedicar-se quasi que exclusivamente à literatura infantil e obteve a seguinte resposta: — "Tudo corria muito mecanicamente, eu dominava a tecnica e o genero já não me oferecia sensações. Por que escrevo para crianças? Dá-me prazer e traz-me compensações maiores do que o escrever para marmanjos..." Mas, como muito bem salienta o jovem critico paulista

Digitized by Google

no manifico estudo sobre Monteiro Lobato escritor infantil, (*) "analisando essas respostas veremos que, no fundo, predomina a alegria de criar. Alegria pura e incontaminavel. Veiculo ideal para a exteriorização de sentimentos e emoções, a literatura infantil da-lhe plena satisfação interior, permitindo, ao mesmo tempo, completo desafogo do sentimento poetico que o domina. Sim, por mais estranho que pareça, através da ironia com que vai farpeando costumes e instituições, se oculta um poeta no autor das "Reinações de Narizinho" lá no Sitio do Picapau Amarelo. Um poeta em plena exteriorização dos seus sentimentos, sonhos e ambições".

E mais adiante, ao estudar as causas do extraordinario sucesso da literatura infantil de Monteiro Lobato, diz Edgar Cavalheiro: "A nenhuma distinção entre o real e o irreal é o ponto de partida de Monteiro Lobato. O que ele faz acontecer nas "Reinações de Narizinho" e em todos os outros volumes da serie, não cabe evidentemente numa crônica. É todo um mundo. Um mundo que as crianças acreditam e anseiam conhecer. E porisso lhe escrevem de todas as partes. Mas alem da nenhuma distinção entre o real e o irreal, ha outros pontos que fazem dos livros de Monteiro Lobato os mais procurados de todos os livros infantis que se escreveram até hoje no Brasil. Na minha opinião é de grande importancia e nenhum intuito moralizador, a velha moral do bom premiado e do mau castigado, etc., destes livros ou historias. No entanto, poucas obras tão uteis e instrutivas. Acontece que o autor, deixando de lado a moral do catecismo, a falsa moral, portanto, enveredou por outro rumo, sem duvida bem mais consentaneo com as duras realidades da vida. Realidades que os meninos terão, um dia, de enfrentar queiram ou não queiram. Que faz ele, porem? Mostra simplesmente que a inteligencia bem dirigida acabará, sempre, vencendo a força bruta. Um plano bem executado vale dez mil vezes mais que o maior dos muques. Aliás, tanto os herois como as "maravilhas" da nossa civilização são impiedosamente criticadas pela criançada. Sobretudo os filosofos pedantes, os gramaticos ("Emilia no País da Gramatica"), os sabios complicados e inuteis, os matematicos, etc. Mas são criticas construtivas, pois, apontando os erros, mostram como corrigí-los, inventando aventuras espirituosas ou sensacionais, com leve e mordaz ironia, vão ensinando aquilo que as crianças mais detestam aprender. Não pela materia em si, mas pelos metodos que empregam: "Se o meu professor, diz Pedrinho a Dona Benta, ensinasse como a senhora, a tal gramatica até virava brincadeira". E assim com tudo o mais. Até geologia, essa coisa complicada, eles aprenderam com as lições do Visconde, um simples sabugo de milho.

(*) Edgar Cavalheiro — "Monteiro Lobato, o escritor infantil" — Folha da Manhã, 27-12-1943.

Digitized by Google

E Edgar Cavalheiro conclue com acerto: "O intuito de Monteiro Lobato, portanto, não é o de moralizar, e sim o de ensinar. Divertindo, num tom alegre e sadio, êle ensina historia do mundo e geografia, aritmetica e gramatica, folclore e mitologia, ciencia e tudo o mais que constitue a tortura dos cerebros infantis nas escolas ou colegios. E ao lado desse aspecto quasi didatico de seus livros, outro aspecto nos chama a atenção. O sentido poetico com que êle envolve a vida. Porque a poesia é o maravilhoso da vida, o nenhum limite para nossas concepções das coisas e sêres. Esse anseio de ultrapassar o real, de atingir uma super-realidade, se assim podemos nos expressar, é o anseio não só das crianças como de todos nós. Porisso seus livros infantis interessam tambem aos adultos. Tal qual o desenho animado. Um desenho de Walt Disney é quasi sempre uma obra da mais pura poesia. E o anjinho de asa quebrada, que Emilia traz do céu, não é tambem uma concepção poetica das mais altas? O sitio do Picapau Amarelo não é todo ele um mundo de beleza construido por esse grande poeta que se chama José Bento Monteiro Lobato?"

A contribuição de Monteiro Lobato à formação mental da criança brasileira bastaria por si só para lhe assegurar um lugar à parte na nossa literatura. Dedicando-se a um genero literario dos mais difíceis e ingratos, no qual em todo o mundo só se destacaram quatro ou cinco cultores, Lobato conseguiu firmar o seu nome e realizar uma obra monumental, só comparavel à de Carrol, Collodi, Andersen ou Irmãos Grimm. Sua fama como escritor infantil, já transpôs as fronteiras do país. Todas as suas histórias estão hoje sendo traduzidas para o inglês e o castelhano. Dentro de poucos meses Pedrinho estará dizendo "O. K." às crianças dos Estados Unidos, e Emilia, franzindo a testinha em busca de seus terriveis "argumentos cientificos", gritará sonoros "Caracoles!" aos ouvidos de seus fans argentinos. E podemos ficar certos de que o pessoalzinho do sitio de Dona Benta, além de mostrar o Brasil às crianças da America, irá fazer um trabalho de confraternização continental mais profundo e duradouro do que o empreendido por embaixadores de fraque e cartola. Ficaremos devendo mais esse serviço a Monteiro Lobato..

O antigo latifundiario do Buquira possue hoje uma unica propriedade – o famoso "Sitio do Picapau Amarelo", esse "Shangri-lá" das crianças brasileiras, onde os personagens de suas historias infantis fazem as maiores reinações do mundo. Lobato afirma que só agora é um fazendeiro realmente feliz: "No Sitio do Picapau Amarelo não bate geada, não ha fogo-de-mato, nem broca de café, nem exploração do

Digitized by Google

caboclo. Lá tudo corre como no melhor dos mundos possiveis. Tia Nastacia "rebenta" pipoca e faz excelentes bolinhos de fubá enquanto Dona Benta conta historias aos netos. E eu me divirto um pedaço com as asneirinhas da Emilia. Sou um fazendeiro feliz. O proprio Pangloss teria inveja da sitioca que dirijo. E o mais interessante é que essa sitioca dá lucros que nunca consegui obter com a exploração das centenas de alqueires herdados de meu avô"...

Monteiro Lobato divide hoje o seu tempo entre a literatura infantil e a tradução de obras estrangeiras. E' um trabalhador metodico e justamente porisso a sua capacidade de produção espanta. Ao mesmo tempo que escreve ou revê um novo livro infantil, dá andamento a uma tradução, despacha a sua volumosa correspondencia e ainda encontra jeito de trocar dois dedos de prosa com os amigos mais intimos. E' inimigo das "rodinhas" literarias e nunca comparece aos chás e "cocktails" tão do gosto dos nossos homens de letras. Não é de admirar, portanto, que alguns desses literatos arregalem espantadissimos olhos cada vez que deparam nas mostras das livrarias com uma nova obra traduzida por Monteiro Lobato. Certa vez perguntei ao escritor se não se aborrecia com as insinuações feitas por alguns criticos sobre a autenticidade de suas traduções. Respondeu-me ele: — "Posso ensinar o meu metodo a esses moços. A questão toda é ir para a maquina de escrever logo que chegar o leiteiro e não parar até a hora do almoço. Eles que experimentem..."

Lobato já verteu para a nossa lingua mais de uma centena das melhores obras da literatura inglesa e americana. Rudyard Kipling, Jack London, Mark Twain, Will Durant e tantos outros expoentes das letras estrangeiras só se tornaram conhecidos de nosso publico através das magnificas traduções de Monteiro Lobato. E Lobato foi entre nós o primeiro escritor de renome a rehabilitar esse genero de trabalho intelectual, até então encoberto pelo anonimato ou discretamente velado por pudicas iniciais. Lia-se nos frontispicios dos livros traduzidos — tradução de J. M., tradução de F. C., ou não se lia coisa alguma na maioria dos casos. Lobato acabou com isso e seu nome veio dar um novo prestigio à tradução, erguendo-a quasi ao mesmo nivel da produção original.

* * *

Há um quarto de seculo Monteiro Lobato publicou o seu primeiro livro e ha um quarto de seculo esse livro vem ocupando um lugar impar e saliente em nossa literatura. Sua obra já resistiu, pois, à dura prova do tempo. E isso é tudo nos dominios da arte.

O moço do "Minarete", que ha vinte e cinco anos lançava o seu livro de estreia, é hoje um homem de cabelos brancos e face sulcada de rugas. Ele está diante de mim, com as mãos apoiadas em minha escrivaninha, os olhos brilhantes mergulhados nos meus. Recorda os

Digitized by Google

velhos tempos de estudante — a vida da "Caiçalha", os versos do Ricardito, as longas conversas epistolares com o Rangel. E' um velho que fala! Conta-me de sua vida e lutas, fala-me de suas ideias e esperanças. Seus olhos brilham. E' um moço que fala! Tenho diante de mim um velho escritor totalmente despido de cepticismos, que extende as mãos a uma geração que já não é a sua e luta por um mundo melhor que talvez não alcance. O Lobato que vejo e escuto nesta clara manhã de setembro, vinte e cinco anos após a publicação de "Urupês", lembra-me o Anatole socialista de "Sur la Pierre Blanche"...

Digitized by Google

Digitized by Google

LIGEIRA NOTA SOBRE A ORTOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato pensa em tudo por si proprio. E' o menos carneiro dos homens. Muito antes de oficializada a atual ortografia, já ele tinha reagido contra a etimologica — e agora reage contra os acentos. Em tudo quanto escreve, e nas suas traduções, não usa acentos afora os antigos. Qual a razão dessa ojeriza? Interpelei-o e a sua resposta merece menção.

— "Não é ojeriza. E' o horror que eu tenho à imbecilidade humana sob qualquer forma que se apresente. Ha uma lei natural que orienta a evolução de todas as linguas: a lei do menor esforço. Se eu posso dizer isto com esforço de um quilogrametro, por que dize-lo com o esforço de dois quilogrametros? Essa lei norteia a evolução da lingua e foi o que fez que caissem as inuteis letras dobras, os *hh* mudos, etc. A reforma ortografica *veio apenas apressar um processo evolutivo em curso.* Por si mesma a palavra *phthysica* passou a *tisica,* e o *ph* já havia sido desmontado pelo *f.* E assim seria em tudo. Essa grande lei do menor esforço conduz à *simplificação* da ortografia, jamais à *complicação* — e os tais acentos a torto e direito que os reformadores oficiais impuseram à nossa ortografia vem *complicar,* vem contrariar a lei da evolução! São, pois, uma coisa incientifica, inepta, tola, imbecil, cretinizante e que deve ser violentamente repelida por todas as pessoas decentes. Escrever "há" ou "êsse", ou "ôutro", ou "freqüência" só porque uns tais ignarissimos olhos gramaticais resolveram assim, é ser covarde, bobo. Que é a lingua dum país? E' a mais bela obra d'arte coletiva desse país. Ouça este pedacinho da Carolina Michaelis: "A lingua é a mas genial, original e nacional obra d'arte que uma nação cria e *desenvolve*". Neste "desenvolve" está a evolução da língua. Uma língua está sempre se desenvolvendo no sentido da simplificação, e a reforma ortografica foi apenas um simples apressar o passo desse desenvolvimento. Mas a criação de acentos novos, como o grave e o trema, bem como a inutil acentuação de quasi todas as palavras, não é desenvolvimento para a frente e sim complicação, involução e portanto, coisa que só merece pau, pau e mais pau".

Digitized by Google

— Nega então a utilidade do acento?

— "Está claro, homem! Pois não vê que a maior das linguas modernas, a mais rica em numero de palavras, a mais falada de todas, a de mais opulenta literatura — a lingua inglesa — não tem um só acento? E isto teve sua parte na vitoria dos povos de lingua inglesa no mundo, do mesmo modo que a excessiva acentuação da lingua francesa foi parte de vulto na decadencia e queda final da França. O tempo que os franceses gastaram em acentuar as palavras foi tempo perdido — que o inglês aproveitou para empolgar o mundo. Ora, depois dessa formidavel demonstração da coisa desastrosa que é o acento, virem os nossos gramaticos decuplicar a nossa acentuação, é coisa que eu explico só dum modo: quinta-colunismo! Essa gente é suspeita! Essa gente quer arrastar este país a um imenso desastre futuro! Quer que tenhamos o ignominioso destino da França, a pobre vitima do excesso de acentos!"

— Mas a acentuação já está imposta por lei...

— "Não ha lei humana que dirija uma lingua, porque lingua é um fenomeno natural, como a oferta e a procura, como o crescimento das crianças, como a senilidade, etc.. Se uma lei institue a obrigatoriedade dos acentos, essa lei vai fazer companhia às leis idiotas que tentem regular essas coisas. Leis assim nascem mortas, e é um dever civico ignora-las, sejam lá quais forem os paspalhões que as assinam. A lei fica aí e nós, os donos da lingua, nós, o povo, vamos fazendo o que a lei natural da simplificação manda. Trema!... Acento grave!... "Ôutro" com acento circunflexo, como se houvesse meio de alguem enganar-se na pronuncia dessa palavra!... Imbecilidade pura, meu caro. E a reação contra o grotesco acentismo já começou. Os jornais não o aceitam e os escritores mais decentes, idem. A aceitação do acento está ficando como a marca, a carateristica do carneirismo, do servilismo a tudo quanto cheira a oficial. Eu, de mim, solenemente o declaro, não sou "mé", e portanto não admito esses acentos em coisa nenhuma que eu escreva, nem leio nada que os traga. Se alguem me escreve uma carta cheia de acentos, encosto-a. Não leio. E se vem alguma com uma trema, devolvo-a, nobremente enojado..."

Diante disso resolvemos respeitar nesta edição a ortografia de Monteiro Lobato, realmente mais simples e comoda do que a aconselhada pela nossa Academia.

A. N.

Digitized by Google

ALGUMAS FONTES PARA O ESTUDO DE MONTEIRO LOBATO

Muito se tem escrito e muito se escreverá ainda sobre MONTEIRO LOBATO. Alinhamos, nestas paginas, um pouco do que já foi dito sobre o pai do "Jéca Tatu". Está longe de ser uma bibliografia completa, mas servirá como ponto de partida ou roteiro para aqueles que se aventurarem, um dia, a escrever a existencia do criador da nossa industria do livro, da literatura infantil e de tantas outras coisas mais. Que estas fontes de informação estimulem nossos biografos e criticos a estudarem a personalidade impar de JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO e nos daremos por fartamente pago do trabalho feito.

Desejamos assinalar aqui os nossos sinceros agradecimentos a Edgar Cavalheiro e Araujo Nabuco, que nos prestaram um valioso auxilio na organização desta lista de fontes para o estudo da vida e da obra do autor de "Urupês".

A. N.

A. J. – URUPÊS, 1918 – "Jornal do Comercio", Rio, 27-8-1943.

Agrippino Grieco – PEROLAS – Cia. Brasil Editora, Rio, 1937.

Agrippino Grieco – GENTE NOVA DO BRASIL – José Olimpio Editora, Rio, 1935.

Agripino Grieco – EVOLUÇÃO DA PROSA BRASILEIRA – Ariel Editora, Rio, 1933.

Alfredo Tomé – ENTREVISTA COM MONTEIRO LOBATO NO ATELIER DO ESCULTOR J. FIGUEIRA – "D. Casmurro", Rio, 17-2-1940.

Almachio Diniz – MEUS ODIOS E MEUS AFETOS – Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo, 1922.

Altino Bondesan – MONTEIRO LOBATO – "Correio Joseense", S. José dos Campos, 10-10-1940.

Alvaro Gonçalves – MONTEIRO LOBATO – "A Noite", Rio, 22-8-1943.

Digitized by Google

Amadeu Amaral Junior — MONTEIRO LOBATO, O GRANDE CRIADOR DE MITOS — "Vamos Ler?", Rio, 6-4-1939.

Artur Neves — A INDUSTRIA DO LIVRO — "Observador Economico e Financeiro", Rio, vol. 81, outubro de 1942.

Benjamin Garay — EL CASO DE MONTEIRO LOBATO — "La Nacion", Buenos Aires, outubro de 1922.

Benjamin Lima — O PANFLETARIO PANEGIRISTA — "O País", Rio, 16-9-1924.

Brentano's — GREAT STORIES OF ALL NATIONS — Nova York — 1928.

Brito Broca — MONTEIRO LOBATO FALA... — "A Gazeta", S. Paulo, 14-7-1925.

Carlos Süssekind de Mendonça — Conferencia — Academia Carioca de Letras, Rio, 20-8-1943.

Dalcidio Jurandir — O ANIVERSARIO DE "URUPÊS" — "Diretrizes", Rio, agosto de 1943.

De Horta Leite — LEITURAS INFANTIS — "Folha da Manhã", S. Paulo, 10-10-1943.

E. M. M. — CONCLUSÃO POLÍTICA DE UM ANIVERSARIO — "O Diario" — Belo Horizonte, 7-9-1943.

Edgar Cavalheiro — MONTEIRO LOBATO E AS CRIANÇAS — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 20 e 27-5-1943.

Edgar Cavalheiro — MONTEIRO LOBATO, ESCRITOR INFANTIL — "Folha da Manhã", S. Paulo, 27-12-1943.

Edgar Cavalheiro — TESTAMENTO DE UMA GERAÇÃO — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 3-5-1942.

Edgar Cavalheiro — APONTAMENTOS SOBRE MONTEIRO LOBATO — "Planalto", S. Paulo, 1-7-1941.

Edgar Cavalheiro — NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO — "Gazeta Magazine", S. Paulo, 11-1-1942.

Edgar Cavalheiro — HA VINTE E CINCO ANOS... (I-II-III) — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 4, 9 e 11-9-1943.

Estevão Cruz — HISTORIA UNIVERSAL DA LITERATURA — 2.º vol. — Livraria do Globo, Porto Alegre, 1936.

Eurico Penna — O PROMOTOR DE ITAOCA — "Folha da Manhã", São Paulo, 31-1-1943.

G. Teixeira Costa — MONTEIRO LOBATO E O BRASIL — "O Estado de Minas", Belo Horizonte, 16-9-1943.

Galeão Coutinho — O PAI DE JECA TATÚ — "Folha da Manhã" S. Paulo, 2-12-1942.

Genolino Amado — A PROPOSITO DE "URUPÊS" — "Diario de São Paulo", São Paulo, 14-11-1943 e "O Jornal", Rio, 13-11-1943.

Gilberto Freyre — VINTE E CINCO ANOS DEPOIS — "O Jornal" Rio, 26-9-1943.

Godofredo Rangel — MONTEIRO LOBATO — "Mensagem", Belo Horizonte, 1943.

Godofredo Rangel — URUPÊS E LOBATO — Conferencia pronunciada na Academia Mineira de Letras em 6-9-1943 e publicada na "Folha de Minas", Belo Horizonte, em 12-9-1943.

Digitized by Google

Gualter G. Maciel — O JUBILEU DE "URUPÊS" — "Folha de Minas", Belo Horizonte, 5-9-1943.

Guedes de Miranda — O ESCANDALO DO PETROLEO — "Gazeta de Alagoas", 18-10-1936.

Heitor de Morais — MONTEIRO LOBATO, HOMEM-SISMOGRAFO — "Correio Paulistano", S. Paulo, 11-11-1936.

Helios — MONTEIRO LOBATO — "Diario da Noite", São Paulo, 13-11-1935.

Hermes Lima — MONTEIRO LOBATO — "Correio da Manhã", Rio, 9-11-1943.

Homero Senna — NOTA SOBRE MONTEIRO LOBATO — "O Jornal", Rio, 5-1-1936.

Herman Lima — O JUBILEU DE URUPÊS — "Revista da Semana", Rio, 18-9-1943.

Ibrantina Cardona — MONTEIRO LOBATO — "A Comarca", Mogi-Mirim, 4-8-1921.

Ildefonso Albano — JÉCA TATÚ E MANÉ CHIQUE-CHIQUE — Livraria Araujo, Rio, 1919.

Isaac Goldberg — BRAZILIAN LITERATURE — Stewart Kidd Co., Cincinnati, U. S. A.

J. Chiachiri — O JUBILEU DE UM ESCRITOR — "Diario da Tarde", Franca, 24-9-1943.

J. E. F. — LITERARIA — "O Diario", Belo Horizonte, 25-9-1943.

J. Torrendell — LITERATURA BRASILEÑA — "El Dia", Palma de Mallorca, 21-5-1922.

Jeronimo Monteiro — LOBATO, MARCO INICIAL DA NOVA ERA — "Correio Paulistano", S. Paulo, 29-1-1939.

João Alphonsus — BODAS DE PRATA — "Folha da Manhã", S. Paulo, 10-10-1943.

João de Minas — OUVINDO E VENDO MONTEIRO LOBATO — "Jornal do Estado", S. Paulo, 11-7-1933.

João Pacheco — MONTEIRO LOBATO — "Folha da Manhã", S. Paulo, 11-11-1943.

João Pinto da Silva — FISIONOMIA DE NOVOS — Monteiro Lobato & Cia., S. Paulo, 1922.

Joel Silveira — ENTREVISTA COM MONTEIRO LOBATO — "Diretrizes", Rio, n.º 167, 9-9-1943.

Jorge Amado — LIVRO INFANTIS — "Vamos Ler?", Rio, 25-1-1940.

Jorge de Lima — URUPÊS, VINTE E CINCO ANOS — "A Manhã", Rio, 26-8-1943.

José Maria Belo — JÉCA TATÚ E MANÉ CHIQUE-CHIQUE — "Jornal do Brasil", Rio, 31-1-1920.

José Maria de Toledo Malta (Hilario Tacito) — PROLOGO DISPENSAVEL — Em "Vida Ociosa", de Godofredo Rangel, Comp. Editora Nacional, 2.ª edição, S. Paulo, 1934.

José Osorio de Oliveira — BREVE HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Editorial Inquerito Ltda., Lisboa, 1939.

Digitized by Google

José Pereira Rodrigues — A ONDA VERDE — "Pegaso", Montevideo, setembro de 1923.

Josué Montelo — NOVOS RUMOS À LITERATURA INFANTIL — "D. Casmurro", Rio, 30-8-1941.

Josué Montelo — MONTEIRO LOBATO — "D. Casmurro", Rio, 28-8-1943.

Julio R. Barcos — MONTEIRO LOBATO, CREADOR DE UMA LITERATURA INFANTIL — "Repertorio Americano", San José, Costa Rica, 4-9-1937.

Justino Martins — "UM MUNDO SEM ROUPA SUJA" — Entrevista com Monteiro Lobato — "Revista do Globo", Porto Alegre, Ano XV, n.º 348, 25-9-1943.

Léo Vaz — NO JUBILEU DE JÉCA TATÚ — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 29-8-1943.

Leonidas de Loyola — URUPÊS E O SERTANEJO BRASILEIRO — Curitiba, 1919.

Lourival Bastos — TRAÇOS DE UM GRANDE ESCRITOR — "Folha da Manhã", S. Paulo, 10-12-1935.

Luiz A. P. Victoria — URUPÊS — Monteiro Lobato, Pedagogo — "Diario da Noite", Rio, 26-8-1943.

Luiz de Bessa — Crónica transmitida pela "Radio Inconfidencia de Minas Gerais no seu programa "Urupês", em 9-9-1943. (Copia arquivada naquela estação de radio).

Luiz Gonzaga Alves — OUVINDO INTELECTUAIS BRASILEIROS — Entrevista — "D. Casmurro", Rio, 1-11-1941.

Luiz Lucio — MONTEIRO LOBATO, ESPÍRITO CRIADOR — "Folha de Minas", Belo Horizonte, 12-9-1943.

Luiz Martins — A REALIDADE DE JÉCA TATÚ — "Diario de São Paulo", S. Paulo, 28-8-1943.

Manuel Bandeira — IMPRESSÕES LITERARIAS — "Diario de Notícias", Rio, 12-11-1933.

Marilú — UMA TARDE COM MONTEIRO LOBATO — "Ilustração", S. Paulo, n.º 26, novembro de 1943.

Mario Donato — O SENTIDO UTILITARISTA NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO — "O Estado de São Paulo", São Paulo, 18-9-1943.

Mario da Silva Brito — MONTEIRO LOBATO, UMA DISCUSSÃO E A ADOLESCENTE SILÊNCIOSA — "Hoje", Ano VI, n.º 68, setembro de 1943.

Mario Guastini — "JABAQUARADA" — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 31-8-1943.

Monteiro Lobato (entrevista) — MONTEIRO LOBATO NA TORRE DE MARFIM — "Diario da Noite", S. Paulo, 6-9-1943.

Monteiro Lobato (entrevista) — 1.167.100 LIVROS VENDIDOS! — "A Noite", S. Paulo, 23-8-1943.

Monteiro Lobato (entrevista) "EU SOU UM HOMEM DESEMPREGADO E SEM FUNÇÃO" — "Folha da Noite", São Paulo. 20-8-1943.

Digitized by Google

Monteiro Lobato — QUE FAZER DA ALEMANHA DEPOIS DA GUERRA — Resposta a um inquerito da "Press Information" — "Folha da Noite", S. Paulo, 10-9-1943.

Monteiro Lobato — NOTICIAS — "O Norte", Taubaté, 11-7-1919.

Monteiro Lobato — NOTICIAS — "O Momento", Taubaté, outubro de 1943.

Monteiro Lobato — AUTOBIOGRAFIA — "Novela Semanal", S. Paulo, 2-5-1921.

Nelson Palma Travassos — O LIVRO NO BRASIL — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 19-8-1943.

Nelson Vainer — ENTREVISTA COM MONTEIRO LOBATO — "Gazeta Israelita", S. Paulo, 31-12-1940.

Nelson Vainer — UM PERFIL DE MONTEIRO LOBATO — "D. Casmurro", Rio, 7-12-1940.

Nelson Vainer — MONTEIRO LOBATO "Diario Paulista", Marilia, 26-8-1943.

Nestor Vitor — CARTAS À GENTE NOVA — Edição do Anuario do Brasil, Rio.

Oswald de Andrade — CARTA A MONTEIRO LOBATO — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 26-8-1943.

Paulo Dantas — RECORDANDO MONTEIRO LOBATO COMO EDITOR — "D. Casmurro", Rio, 19-7-1941.

Quincas Borba — MONTEIRO LOBATO, O AMIGO DAS CRIANÇAS — "Folha da Manhã", S. Paulo, 20-3-1943.

Raul de Paula — MONTEIRO LOBATO E A QUESTÃO DO PETROLEO — "A Nota", Rio, 3-1-1937.

Rosario Fusco — VIDA LITERARIA — S. E. P., S. Paulo, 1940.

Rubens do Amaral — O JUBILEU DE LOBATO — "Folha da Manhã", 19-9-1943.

Salomão Lipka — MONTEIRO LOBATO, O INCOMPREENDIDO — "D. Casmurro", Rio, 17-2-1940.

Samuel Santos — MEU ENCONTRO COM MONTEIRO LOBATO, O ESCRITOR INFANTIL — "Diario de São Paulo", S. Paulo, 14-10-1943.

Sergio Milliet — FORA DE FORMA — Editora Anchieta Ltda., S. Paulo, 1942.

Silveira Peixoto — FALAM OS ESCRITORES (1.ª série) — Edições Cultura Brasileira S. A., S. Paulo, 1940.

Silveira Peixoto — MONTEIRO LOBATO VAI PARA A ARGENTINA — "Gazeta Magazine", S. Paulo, 5-8-1941.

Silveira Peixoto — FAZ VINTE E CINCO ANOS — "Vamos Ler", Rio, 30-9-1943.

Sud Mennucci — RODAPÉS (1.ª série) — Companhia Editora Antonio Tisi, S. Paulo, 1927.

Sud Mennucci — CARTA A UM SEPARATISTA "Revista Contemporanea", Rio, setembro de 1935 — vol. 4, pag. 37 (transcrita d' "O Estado de São Paulo", 1920).

Digitized by Google

Sylvia Mendes Cajado — MONTEIRO LOBATO "Hoje", Ano VI, n.º 68, setembro de 1943.

Tito Batini — A VOZ DA OUTRA SALA — "O Estado de São Paulo", S. Paulo, 2-9-1943.

Tito Batini — MONTEIRO LOBATO DESEJA UM MUNDO NOVO — "Ilustração", S. Paulo, n.º 25, outubro de 1943.

Tristão de Athayde — CONTRIBUIÇÃO À HISTORIA DO MODERNISMO — Livraria José Olimpio Editora, S. Paulo, 1939.

Tulio Hostilio Montenegro — UM CIDADÃO DE UTILIDADE PUBLICA — "Hoje", S. Paulo, abril de 1943.

Vicente Guimarães — "DONA BENTA É UMA SENHORA HONESTA" "Mensagem", Belo Horizonte, 15-9-1939.

Villar Belmonte — ANTE-VISÕES DO FUTURO — Um romance que é mais que um romance — "O Jornal", Rio, 19-3-1929.

Washington Albino — MONTEIRO LOBATO VISTO DE OUTROS ANGULOS — "Folha de Minas", Belo Horizonte, 12-9-1943.

Wellington Brandão — RUI DESSERVINDO O BRASIL — Colcha de Retalhos, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo.

Diversos:

COMO NASCEM UM ESCRITOR E UMA OBRA — "Mensagem", Belo Horizonte, Ano II, n.º 28, 20-9-1943.

MONTEIRO LOBATO, BANDEIRANTE DE VARIAS COISAS — "D. Casmurro", Rio, 2-3-1940.

SENTIDO SOCIAL DOS "URUPÊS" — "O Informador Comercial" — Boletim Diario de Informações — Belo Horizonte, 18-9-1943.

"IMORTALIDADE" — "A Gazeta", S. Paulo, 23-8-1943.

A TERRA DE MONTEIRO LOBATO — "Folha da Manhã", S. Paulo, 30-9-1943.

LOBATO, EDITOR REVOLUCIONARIO — Entrevista com Monteiro Lobato — "Leitura", Rio, Ano 1, n.º 10, setembro de 1943.

O JUBILEU DE JÉCA TATÚ — "Folha da Manhã", S. Paulo, 13-10-1943.

MONTEIRO LOBATO — Revista "Aonde Vamos?", Rio, 26-8-1943.

Digitized by Google

URUPÊS

outros contos e coisas

Digitized by Google

Digitized by Google

1.ª PARTE

URUPÊS

Os faroleiros — O engraçado arrependido — A colcha de retalhos — A vingança da peroba — Um suplicio moderno — Meu conto de Maupassant — "Pollice verso" — Bucolica — O mata-pau — Bocatorta — O comprador de fazendas — O estigma — Prefacio da 2.ª edição de "Urupês" — Urupês.

Digitized by Google

Digitized by Google

Os faroleiros

— Navio?

Dava azo à duvida uma luz vermelha, a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror daqueles. De cégo de nascença, vá.

Céu e mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha que, subito, se fez amarela.

— Lá mudou de cor. É farol.

E, como era farol, a conversa recaiu sobre farois.

Eduardo interpelou-me de chofre sobre a ideia que eu deles fazia.

— A ideia de toda gente, ora essa!

— Quer dizer, uma ideia falsa. "Toda gente" é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que quer que seja. Tens na cabeça, respeito a farol, uma ideia de rua, recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz das impressões pessoais. Érro?

— Confesso-me capaz de abrir a boca a um auditorio de casaca, se me désse na telha discursar sobre o tema; mas não afianço que o farol descrito venha a parecer-se com algum...

— Pois eu te asseguro, sem fazer pouco no teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um faroleiro, poria o homem de olho parvo, a dizer como o outro: Se percebo, sebo!

— Acredito. Mas perceberia melhor uma tua? retorqui abespinhado.

— É de crer. Já vivi uma inesquecivel temporada no farol dos Albatrozes e falaria de cadeira.

— Viveste em farol?!... exclamei com espanto.

— E lá fui comparsa numa tragedia noturna de arrepiar os cabelos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do *Orion*, em hora propicia ao esbagoar d'um dramalhão inedito. Esporeado na curiosidade, provoquei-o.

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam por espetros que o povoem. É calamidade à Shakespeare ou à Ibsen?

Digitized by Google

— Assina o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ? ? ?

— ...a Vida, meu caro, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou do principio.

— O farol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade com as fogueiras armadas nos promontorios para norteio das embarcações de remo e continuado seculos em fóra, té nossos possantes holofotes eletricos. Enquanto subsistir no mundo o homem, o romance "Farol" não conhecerá epilogo. Monotono como as calmarias, embrecham-se nele, a espaços, capitulos de tragedia e loucura — pungentes gravuras de Doré quebrando a monotonia de um diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi um deles. Gerebita meteu-se no farol aos vinte e tres anos. É raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabe-lo-ás em tempo. É raro isso porque no geral só se metem nas torres homens maduros, quarentões batidos pela vida e descrentes das suas ilusões. Deixar a terra na quadra verdolenga dos vinte anos é apavorante. A terra!... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado de aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Conhecem os faroleiros melhor do que ninguem o valor dessas teias. Enlurados num bioco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes neles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra — rumorejo de arvoredo, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polifonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando a segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o valor. Cessam os olhos de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituais. Para os ouvidos só ha ali, dia e noite, ano e ano, o marulho das ondas às chicotadas no enrocamento da torre; e para a vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul. Variantes unicas, as velas que passam de largo, donairosas como garças ou os transatlanticos penachados de fumo. Figura tu a vida de um homem arrancado à querencia e assim posto, qual triste galé, dentro d'uma torre de pedra, grudada como craca a um ilheo. Terá poesia de longe; de perto é alucinante.

— Mas o Gerebita...

Digitized by Google

— Uma leitura de Kipling despertara-me a curiosidade de conhecer um farol por dentro.

— *O Perturbador do Trafego...*

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama. Esse desejo incubou-se-me cá dentro à espera d'ocasião para brotar.

Certo dia fui espairecer ao cais — e lá estava, de mãos às costas, a seguir o vôo dos joão-grandes e a notar a gama dos verdes luzentes que a sombra dos barcos ondeia na agua represada dos portos, quando uma lancha abicou, e vi descer um homem de feições duras e pele encorreada. Ao passar por um magote de catraeiros um deles chasqueou em tom insinuativo:

— "Gerebita, como vai a Maria Rita?"

O desembarcadiço rosnou um palavrão de grosso calibre, e seguiu caminho, de sobrecenho carregado.

Interessou-me aquele tipo.

— "Quem é?" indaguei.

— "Pois quem ha de ser senão o faroleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?"

De fato, a lancha era do farol. A velha ideia deu-me cotoveladas: é hora! Fui-lhe no encalço.

— "Sr. Gerebita!..."

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por boca desconhecida. Emparelhei-me com ele e, enquanto andavamos, fui-lhe expondo os meus projetos.

— "Não póde ser", respondeu; "o regulamento proibe sapos na torre. Só com ordem superior".

Ora, eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Meti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O faroleiro relutou uns instantes, mas corrompeu-se mais depressa do que esperei. Guardou o dinheiro e disse:

— "Procure o Dunga, patrão da *Gaivota Branca,* terceiro armazem. Diga-lhe que já falou comigo. De quinta-feira em diante. E bico, veja lá!"

Prometi-lh'o caladissimo, e tornei ao cais à cata do Dunga. Que sim — foi a resposta do catraeiro, ilheo palavroso, logo que expus o negocio — já fizera isso certa vez a "outro maluco" e sabia prender a lingua para não atazanar a vida aos amigos. E como me informasse do faroleiro:

— "É o Gerebita, d'apelido ganho no *Purús,* onde serviu como grumete. Ao depois se meteu na lanterna, p'r'amor

Digitized by Google

d'amores, o alarve, como se faltassem elas por aí, e bem catitas. Mulheres! A mim é que não me empecem não, as songuinhas. O demo que as tolha que eu...

E foi pelas mulheres além, a dar de rijo, com razões nem melhores nem peores que as de Schopenhauer.

No dia aprazado, antemanhã, a *Gaivota* largou de rumo ao farol. Saltei num rude atracadouro de dificil abordagem, e encontrei o faroleiro ocupado em polir os metais da lanterna. Recebeu-me de boa sombra, largando o esfregão para fazer as honras da casa. Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e à hora do almoço já entendia de farol mais que uma enciclopedia. Gerebita deu trela à lingua e falou do oficio com melancolica psicologia. Tambem contou sua vida desde menino, a grumetagem no *Purús,* sua paixão pelo mar e por fim a entrada para o farol aos vinte e tres anos de idade.

— "Por que, assim tão moço?"

— "Caprichos do coração, má sorte, coisas..." respondeu com ar triste; e acrescentou após uma pausa, mudando de tom:

—"Pois a vida é cá isto que vê. Boazinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os faroleiros, um orgulho: sem nós, essa bicharada de ferro que passeia nas aguas fumando seus dois, seus tres charutos..."

— "Lá vem um!" — interrompeu-se, fisgando com a luneta uma fumaça remota.

— "Bandeira alemã... duas chaminés... rumo sul... Ha de ser um "Cap" — o *Trafalgar,* talvez. Seja lá que diabo fôr, vá com Deus. Mas, como ia dizendo, sem os faroleiros a manobrarem a "optica" esses comedores de carvão haviam de rachar atoinha aí pelos bancos de areia. Basta cair a cerração e já se põem tontos, a urrar de medo pela boca das sereias, que é mesmo um cortar a alma à gente. Porque então, nem farol, nem caracol. E' a cegueira. Navegam com a Morte no leme. Fóra disso, salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes de minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro da Bremen rachou o bico ali no Capelão... Quem é o Capelão? Ah! ah! ah! O Capelão... Pois o Capelão é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a Menina, que é a primeira, a Curutuba, que é a do meio. A criminosa é o Capelão, que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes vasantes. Cá a bombordo ainda ha duas, a Virgem e a Maldita, onde bateu o cargueiro *Rotterdam.*

— "E aquela lisinha, acolá?"

Digitized by Google

— "Uma coitada quë nem nome tem. É mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim (1), bichanca de tamanho do diabo, que gosta de virar canoas. Mas, aqui para nós, moço, isso é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. É abusão de pescador. Quando ha mar, não se enxerga nada por ali; mas se a agua serena e vem vindo a vasante, vai aparecendo um lombo de pedra lisa com jeito de peixe. Passa um pescador atolambado, vê aquilo de longe. "É anequim! É anequim!" e toca a safar, com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a agua, e dá temporal, e a canôa vira: "Qu'é de Fulano?" Tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente péga, feito mulher velha: "Foi o anequim do farol!" Ora aí está como são as coisas. Ele ha muito anequim e tintureira (2) por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal mora aqui ou ali, isso é embroma".

E na sua pinturesca linguagem de maritimo, que às vezes se tornava prodigiosamente tecnica, narrou-me toda a historia daquelas paragens malditas. Falou de como, segundo a tradição, se foram batizando os arrecifes; falou dos crimes de cada um; das hecatombes periodicas de aves noturnas que, cegadas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes; das medonhas tormentas nas quais o farol estremece como a tiritar de pavor. De que não falou Gerebita naquele inesquecivel dia?

— "E o ajudante? Tem-no cá?" perguntei.

O rosto do meu faroleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— "E' aquele estupor que lá pesca, disse, apontando da janela um vulto imovel, acocorado num penedo. Está a apanhar garoupinhas. E' o Cabrea. Mau companheiro, mau homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia dificil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— "Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia cá estar. Já reclamei do capitão do porto, já mostrei o perigo. Mas, qual!..."

Estranha criatura, o homem! Insulados do mundo naquela fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam no farol, entretanto, acomodações para as fa-

1. Especie de tubarão.
2. Especie de tubarão.

Digitized by Google

milias dos seus guardiães. Por que não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpelei-o; Gerebita retrucou-me de modo enviezado.

— "Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho, porque sou casado, e não tenho porque... Historias! Estas coisas de familias é bom que fiquem com a gente".

Notei de novo que, a pique d'uma revelação, mascava o segredo, por deconfiança ou pudor. Suas feições endureceram. Sombras más anuvearam-lhe a fisionomia. E mais torvo ainda me pareceu quando Cabrea entrou, sobraçando um balaio de pescado. Tipo de má cara, passou em direitura à cozinha sem nos volver um olhar. Mal se sumiu, Gerebita exclamou — "Raio do diabo!" assentando num caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:

— "O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e cai-me aqui justamente o unico ajudante que eu não podia ter..."

— "Por que?"

— "Por que?... Porque... é um louco".

Entre o primeiro e o segundo "porque" notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo afigurou-se-me resoluto, como iluminado pelo clarão duma ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais o faroleiro abandonou o tema da loucura do outro. Demonstrava-ma de mil maneiras.

— "E aqui onde até os sãos perdem a tramontana, argumentava ele, um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba no fogo. Eu jogo que ele não vara o mês. Não vê seus modos?"

Metade por sugestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a profecia; e como sem cessar Gerebita malhasse na mesma tecla, acabei por convencer-me de que o casmurro ajudante era um fadado ao hospicio, com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— "Quero que o senhor me resolva um caso. Estão dois homens numa casa; de repente um enlouquece e rompe, como cação esfomeado, para cima do outro. Deve o outro deixar-se matar como carneiro ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?"

Era por demais clara a consulta. Respondi como um rabula positivo:

— "Se Cabrea enlouquecesse e o agredisse, mata-lo seria um direito natural de defesa — não havendo socorro à mão.

Digitized by Google

Matar para não morrer não é crime — mas isto só em ultimo caso, você compreende".

— "Compreendo, compreendo", respondeu-me distraidamente, como quem lá segue os volteios duma ideia secreta; e depois de longa pausa: "Seja o que Deus quiser" — murmurou entre si, suspirando e recaindo em cismas.

Deixei-me ficar à janela a ver cair a noite. Nada mais triste do que as avemarias no ermo. A treva espessava as aguas e absorvia no céu os derradeiros palores da luz. No poente, um leque aluarado enrubecia nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvens a barra-lo de listrões horizontais.

Triste...

A ardosia do mar; as primeiras estrelinhas entreluzindo a medo; o marulho na pedra, *tchá, tchá,* compassado, eterno... A alma confrangeu-se-me de angustia. Vi-me naufrago, retido para sempre num navio de pedra grudado como desconforme craca na pedranceira da ilhota. E pela primeira vez na vida senti profundas saudades dessa coisa sordida, a mais réles de quantas inventou a civilização — o "café", com o seu tumulto, a sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua freguesia habitual de vagabundissimos "agentes de negocios"...

Correram dias. Minto. No vazio daquele dissaborido viver no ermo o tempo não corria — arrastava-se com a lentidão da lesma por sobre chão liso e sem fim. Gerebita tornara-se-me enfadonho. Não mais narrava pinturescos incidentes da sua vida de marujo. Aferrado à ideia fixa da loucura do Cabrea, só cuidava de demonstrar-me os progressos dela. Fóra desse tema sinistro, sua ocupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo, té ve-los sumirem-se na curva do horizonte.

Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pescadores. Mas uma que surgisse lá nos levava os olhos e a imaginação. Como se casa bem com o mar o barco de vela! E que sordido baratão craquento é ao pé dele o navio a vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos "cutters", fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vai passado de leveza e graça!... Substituem-nas, às garças leves, os feios escaravelhos de ferro e pixe; a elas, que viviam de brisas, os negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncos de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és comodo, és delicioso, mas feio... Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? Do barco à antiga, onde ressoavam canções de maruja, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e lendas de ser-

Digitized by Google

pentes marinhas na boca dos marinheiros, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das sereias em todas as imaginações?

Desfez-se a poesia do reino encantado de Anfitrite ao ronco dos *Lusitanias,* hoteis flutuantes com "garçons" em vez de "lobos do mar", incaracteristicos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitães de suiças pitorescos no falar como seiscentos milhões de caravelas. O fumo da hulha sujou a aquarela maravilhosa que desde Hanon e Ulisses vinha o veleiro pintando sobre a tela oceanica...

— Se páras o caso dos loucos e te metes por intermezos liricos para uso de meninas olheirudas, vou dormir. Volta ao farol, romanticão de má morte.

— Eu devia castigar o teu prosaismo sonegando-te o epilogo do meu drama, ó filho do "café" e do carvão!

— Conta, conta...

— Certa tarde Gerebita chamou minha atenção para o agravamento da loucura de Cabrea, e aduziu varias provas concludentes.

— "Queira Deus não seja hoje!..."

— "Tens medo?"

— "Medo? Eu? De Cabrea?"

Queria que visses a estranha expressão de ferocidade que lhe endureceu o rosto!...

A conversa parou aí. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrecenho como quem rumina uma ideia fixa. Deixou-me, e logo em seguida subiu. Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho guinholesco, agitadissimo, com lutas, facadas, o diabo. Lembro-me que, agredido por um facinora, desfechei contra ele cinco tiros de revolver; as balas, porém, grudaram-se à parede e deram de ressoar d'um modo que me despertou. Mas acordado continuei a ouvir o mesmo barulho, vindo de cima da lanterna.

Pressinto a catastrofe esperada. Salto da cama e aguço o ouvido: barulho de luta. Corro à escada, galgo-a aos tres degraus e no topo esbarro com a porta fechada. Tento abri-la: não cede. Escuto: era de fato luta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um resfolego surdo, entremeado de embates contra os moveis. Trevas absolutas. Nenhuma restea de luz coava para a escada.

Minha situação era esquerda. Ficar ali, inutil, sabendo que portas a dentro dois homens se entrematavam? Perma-

Digitized by Google

necia eu nessa dubiedade, quando choque violento escancarou-me a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco — e rodei escada abaixo, de cambulhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me, tonto, e vi em rebolo no chão os dois faroleiros.

Atirei-me à luta em auxilio de Gerebita.

— "Dois contra um!" gemeu Cabrea, sufocado. "E' covardia!"

Pela primeira vez lhe ouvi a voz — e hoje noto que nada nela denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa.

Gerebita, com grande assombro meu, tambem me repeliu.

— "Não! Não! Eu só!"

Nisto, um pégão de nortada, varrendo a torre, trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão.

E começa aqui o horror... Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da luta nas trévas, a minha ansiedade... Pavorosos minutos de vida que não desejo renovados.

Perdi a noção do tempo. Durou muito aquilo? Não sei dizer. Só sei que a tantas ouvi escapar-se ao peito de Gerebita um urro de dôr, e logo em seguida uma imprecação, "Desgraçado!" cujas derradeiras silabas morreram num trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncos que se casaram com o arquejar do peito de Gerebita, e a luta esmoreceu.

Sem palavras na boca, cegado pela escuridão, eu só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali, aquele arquejo do vencedor exhausto, caido à beira do vencido. Com os olhos da imaginação eu via esse quadro, que com os da cara enxergava tanto como se os tivera envoltos em veludo negro.

Não te conto os pormenores do epilogo. Obtive luz e o que vi não te conto. Impossivel pintar o hediondo aspecto de Cabrea, com a carotida estraçalhada a dente, caido num lago de sangue. Ao seu lado Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta, estatelava-se no chão, sem sentidos. Os meus transes diante daqueles corpos martirizados, àquela hora da noite — daquela terrivel noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno!...

Na manhã seguinte Gerebita pousou-me a mão no ombro e disse:

— "O mar não leva daqui os corpos à praia e o mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Caiu n'agua —

Digitized by Google

morte de marinheiro, e o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vai jurar-me que isto ficará para sempre entre nós".

Jurei-o lealmente, tocando de leve a mão mutilada. E ele, num acesso de infinito desalento, quedou-se imovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— "Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está aí, está aí, está aí..."

Nesse mesmo dia veio buscar-me o Dunga. Mal a *Gaivota* largou, narrei-lhe a morte do faroleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das ondas.

Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— "Pois morreu? E louco?"

— "Está claro!"

— "Claro que lhe parece, que a mim..."

— "Conhecia-o?"

— "Não conhecia outra coisa. Des'que furtou a Maria Rita..."

— "Que Maria Rita?"

— "Pois a Maria Rita, mulher do Gerebita, então não sabe? Que ele seduziu, hom'essa."

Abri a minha maior boca e arregalei o que pude os olhos.

— "Como sabe disso?"

— "E' boa! Sei porque sei, como sei que aquela gaivota que ali vai é uma e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz, perigosa como o demo. O tolo do Gerebita derreou-se d'amores pela bisca e lá casou. E vai ela, a songuinha, mal o homem saía no *Purús,* metia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia fugiram juntos para outras terras. O pobre Gerebita se não acabou de paixão é que é teso. Mas entrou para o farol, o que é tambem um modo de morrer p'r'o mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vai, senão quando, quem mete o Governo no farol, em lugar do defunto Gavriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Rita lhe fugira com terceiro. Coisas do mundo. Diz-me agora vossoria que o homem enlouqueceu, e rolou do penedo, e lá o roi o peixe. Está bem. Antes assim, que do contrario, em ponta de faca é que aquilo acabaria..."

Digitized by Google

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias embaralham de tal forma que é de bom conselho deixarmo-las se assentarem por si. Eis como...

— ...o meu grande amigo Eduardo foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O fato de se não manejarem floretes não tira àquele pugilato o carater de duelo.

— "Cavaleria rusticana", então?

— E por que não?

1915

Digitized by Google

O engraçado arrependido

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d'uns Souza Pontes de trinta mil arrobas afazendados no Barreiro, só aos trinta e dois anos de idade entrou a pensar seriamente na vida.

Como fosse de natural engraçado, vivera até ali à conta da veia comica, e com ela amanhara casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglês e tudo quanto bole com os musculos faciais do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cor a *Enciclopedia do Riso e da Galhofa,* de Fuão Pechincha, o autor mais dessaborido que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as sensaborias mais relamborias ganhavam em sua boca um chiste raro, de fazer os ouvintes babarem de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gama inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ao uivo à lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua boca perfetibilidade capaz de iludir aos proprios cães — e à lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de galinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava ele às maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto?

Descia outras vezes à prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos reconstituia os vozeirões paleontologicos dos bichos extintos — roncos de mastodontes ou berros de mamutes ao avistarem-se com peludos "homos" repimpados em fétos arboreos — coisa muito de rir e divulgar a ciencia do sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote de amigos parados à esquina, aproximava-se de mansinho e — *nhoc!* — arremessava um bote de munheca à barriga da perna mais a jeito. Era de ver o pinote assustado e o — *passa!* nervoso do incauto, e logo em

Digitized by Google

seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, que gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach.

Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da criatura humana, unica que ri além da raposa bebeda; e estacava de golpe, sem transição, caindo n'um sério de irresistivel comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas ações mais triviais da vida, o raio do homem diferençava-se dos demais no sentido de amoleca-las prodigiosamente. E chegou a ponto que escusava abrir a boca ou esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avistavam, já as caras refloriam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a boca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os cóses, terceiros desabotoavam os coletes. E se entreabria o bico, Nossa Senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asfixias tremendas.

— É da pele, este Pontes!

— Basta, homem, você me afoga!

E caso o pandego se inocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a boca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoerciveis.

Com o correr do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade. Pronunciando alguem a palavra "Pontes", acendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quais o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até a idade do Cristo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada sério — vida de filante que dá môMos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz.

Um negociante caloteado disse-lhe um dia entre frouxos de riso baboso:

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquele recibo sem selo mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis — valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança dela espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Depois vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aqueles até à cabeça.

Digitized by Google

Tudo cansa. Farto de tal vida, entrou o hilarião a sonhar as delicias de ser tomado a sério, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciais, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem pressentir na peugada um côro de — "Lá vem o Pontes!" em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ajeita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes sério mudava de tecla, caia no humorismo inglês. Se antes divertira como o Clown, passava agora a divertir como o Tony.

O estrondoso exito do que a toda a gente se afigurou uma faceta nova da sua veia comica, verteu mais sombras na alma do engraçado arrependido. Era certo que não poderia traçar outro caminho na vida além daquele, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço à força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos anos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a imobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio à especie humana, fóra o vereador.

Com o dobrar dos anos a reflexão amadureceu, o brio cristalizou-se, e os jantares cavados deram a saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava dela como expediente de vida, não por folgança despreocupada, como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar reumatismo em caretas hilares como as quer o publico pagante.

Entrou de fugir dos homens e despendeu bons meses no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto. Pensou no balcão, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim — que tudo era preferivel à paspalhice comica de até ali.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expôs os propositos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o galego e os que espiavam de longe à espera do desfecho torceram-se em estrondoso gargalhar, como sob cocegas.

Digitized by Google

— Esta é boa! É de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... Quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá embora que me dou por bem pago! Este Pontes tem cada uma...

E a caixeirada, os fregueses, os sapos de balcão e até passantes que pararam na calçada para "aproveitar o espirito", desbocaram-se em *quás* de matraca até lhe doerem os diafragmas.

Atarantado e seriissimo, Pontes tentou desfazer o engano.

— Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um pobre homem que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala sério, pff! Quá! quá! quá! Olhe Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da frase, e se foi com a alma atenazada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repelia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?

Correu outros balcões, explicou-se como melhor pôde, implorou. Mas por voz unanime o caso foi julgado como uma das melhores pilherias do "incorrigivel" — e muita gente o comentou com a observação do costume:

— Não se emenda o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado no comercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expôs-lhe o seu caso.

Depois de ouvir-lhe atentamente as alegações, conclusas com o pedido do lugar de capataz, o coronel explodiu num ataque de hilaridade.

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! É muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé p'r'a mão o que levou anos a cristalizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pele, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Digitized by Google

Urgia, entretanto, mudar de tecla, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão comodo e unico possivel nas circunstancias, porque abstrato, porque não sabe rir nem conhece de perto as celulas que o compõem. Esse patrão, só ele, o tomaria a sério — o caminho da salvação, pois, embicava por ali.

Estudou a possibilidade da agencia do correio, dos tabelionatos, das coletorias e do resto. Bem ponderados os prós e contras, os trunfos e naipes, fixou a escolha na coletoria federal, cujo ocupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado a qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricaço, em via de influenciar a politica no caso da realização de certa reviravolta no governo. Lá correu atrás dele e tantas fez para move-lo à sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal.

— Vai sossegado, que em a coisa arrebentando por cá, e o teu coletor rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vai, e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou, radioso de esperança e pacientemente aguardou a sucessão dos fatos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veio afinal; cairam ministros, subiram outros e entre estes um politicão negocista, socio do tal parente. Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte.

Infelizmente, a saude do major encruara, sem sinais patentes de declinio rapido. Seu aneurisma, na opinião dos medicos que matavam pela alopatia, era coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegavam tão fofo ninho, e lá engambelava a doença com um regimen ultra-metodico. Se o mataria um esforço violento, sossegassem, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, mentalmente dono daquela sinecura, impacientava-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho daquela travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui à puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

Digitized by Google

O pomo da ciencia, assim comido, induziu-o à tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço!

— A gargalhada é um esforço, filosofava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou Pontes alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se disso morresse o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de luta, onde o "plano" se batia em duelo contra todas as objeções mandadas ao encontro pela conciencia. Servia de juiz a sua ambição amarga e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores.

Como era de prever, a serpente venceu, e Pontes ressurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um estranho brilho de resolução vitoriosa nos olhos. Tambem notaria nele o nervoso dos modos quem o observasse com argucia — mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!...

O futuro funcionario forgicou, então, meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mister aproximar-se do major, homem recolhido consigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha ele o calcanhar d'Aquiles.

Começou frequentando com assiduidade a coletoria, sob pretextos varios, ora para selos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar cisas, extrair guias, coisinhas; fizera-se muito serviçal para os amigos que traziam negocios com a fazenda.

O major estranhou tanta assiduidade e disse-lho, mas Pontes escamoteou-se à interpelação montado numa pilheria de truz, e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas agressivas do cardiaco.

Dentro de dois meses já se habituara Bentes àquele serelepe, como lhe chamava, o qual, em fim de contas, lhe parecia um bom moço, sincero, amigo de servir e sobretudo inofensivo... D'aí a lá em dia d'acumulo de serviço pedir-lhe

Digitized by Google

um obsequio, e depois outro, e terceiro, e te-lo afinal como especie de adido à repartição, foi um passo. Para certas comissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tato! Ralhando certa vez o escrevente, o major puxou aquela diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado! Aprenda com o Pontes, que tem jeito para tudo e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar. Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas.

Aquele jantar foi o inicio d'uma série em que o serelepe, agora factotum indispensavel, teve campo de primeira ordem para evoluções taticas.

O major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros comensais a erguerem-se da mesa atabafando a boca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se a graça não era de superfina agudeza, ele desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vencido; mas lá por dentro consolava-se, dizendo, dos figados para o rim, que se não pegara d'aquela, d'outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predileção por um certo genero de humorismo ou chalaça. Este morre por pilherias fesceninas de frades bojudos. Aquele péla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquel'outro dá a vida pela pimenta gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de galegos e ilheus.

Mas o major? Por que não ria à inglesa, nem à alemã, nem à francesa, nem à brasileira? Qual o seu genero?

Um trabalho sistematico de observação, com a metodica exclusão de generos já provados ineficientes, levou Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por casos de ingleses e frades. Era preciso, porém, que viessem juntos. Separados, negavam fogo. Exquisitices de velho. Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, juntamente com frades redondos, namorados da pipa e da polpa feminina, lá abria o major a boca e interrompia o serviço da mastigação, como criança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, ele ria com gosto,

Digitized by Google

abertamente, embora sem exagero capaz de lhe destruir o equilibrio sanguineo.

Com infinita paciencia, Pontes bancou nesse genero e não mais saiu dali. Aumentou o repertorio, a gradação do sal, a dose de malicia, e sistematicamente bombardeou a aorta do major com os produtos dessa habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o floria no intento de esconder o desfecho e realçar o efeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:

— "E o raio do bife?" "E daí?" "Mister John apitou?"

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro coletor não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir à fonte lá ficou. Não era mau o calculo. Tinha a psicologia por si — e teve tambem por si a quaresma.

Certa vez, findo o carnaval, reuniu o major os amigos em torno a uma enorme piabanha recheada, presente d'um colega. O entrudo desmazorrara a alma dos comensais, e a do anfitrião, que estava naquele dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde. O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os aperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, cintilaram os olhos do major. Pescado fino era com ele, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquele brodio primara a Gertrudes num tempero que excedia às raias da culinaria e se guindava ao mais puro lirismo. Que peixe! Vatel o assinaria com a penâ da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça a piabanha ia sendo introduzida nos estomagos com religiosa unção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

Pontes pressentiu oportuno o momento do golpe. Trazia engatilhado o caso dum inglês, sua mulher e dois frades barbadinhos, anedota que elaborara à custa da melhor materia cinzenta de seu cerebro, aperfeiçoando-a em longas noites de insonia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter dela o efeito maximo.

Era a derradeira esperança do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, metia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma fic-

Digitized by Google

ção, o Chernoviz um palavrorio, a medicina uma miseria, o doutor Iodureto uma cavalgadura e ele, Pontes o mais chapado sensaborão ainda aquecido pelo sol — indigno, portanto, de viver.

Matutava assim o Pontes, negaceando com os olhos da psicologia a pobre vitima, quando o major veio ao seu encontro: piscou o olho esquerdo — sinal de predisposição para ouvir.

— E' agora! pensou o bandido — e com infinita naturalidade, pegando como por acaso uma garrafinha de molho, pôs-se a ler o rotulo.

— *Perrins; Lea and Perrins.* Será parente daquele lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe, o major alumiou um olho concupiscente, guloso de chulice.

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria deve ser marca X. P. T. O. Conta lá, serelepe.

E, mastigando maquinalmente, absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu capciosa pelos fios naturais até às proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia genio. Do meio para o fim a maranha empolgou de tal fórma o pobre velho que o pôs suspenso, de boca entreaberta, uma azeitona no garfo detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim, que não é senão o armar bote da gargalhada, iluminava-lhe o rosto.

Pontes vacilou. Pressentiu o estouro da arteria. Por uns instantes a conciencia brecou-lhe a lingua, mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz firme puxou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se no fim da rua, gargalhada igual à de Teufelsdrock diante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque no meio dela os convivas, atonitos, viram-no cair de borco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se alucinado; aproveitando a confusão, esgueirou-se para a rua, qual outro Caim. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira, suou gelado. Os menores rumores retranziam-no de pavor. Policia?

Semanas depois é que entrou a declinar aquele transtorno d'alma que toda gente levara à conta de magua pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre nos olhos a

Digitized by Google

mesma visão: o coletor de bruços no prato, golfando sangue, enquanto no ar ainda vibravam os écos da sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras coisas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do sucessor. A tua leviandade fez-te perder a melhor ocasião da vida. Guarda para teu governo este latim: *tarde venientibus ossa,* quem chega tarde só encontra os ossos — e sê mais esperto para o futuro".

Um mês depois descobriram-no pendente duma trave, com a lingua de fora, rigido.

Enforcara-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta pela cidade, toda gente achou graça no caso. O galego do armazem comentou para os caixeiros:

— Vejam que criatura! Até morrendo fez chalaça. Enforcar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes...

E reeditaram em côro meia duzia de "quás" — unico epitafio que lhe deu a sociedade.

1916

Digitized by Google

A colcha de retalhos

— Upa!

Cavalgo e parto.

Por estes dias de março a natureza acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblina e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os véus da cerração para o banho de sol.

A nevoa esmaia o relevo da paisagem, desbota-lhe as côres. Tudo parece coado através d'um cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada esmaecer logo adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gotejante d'alguns angiqueiros marginais.

Agora, uma porteira.

Ali, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada. Este barba rala mora-me a jeito de empreitar um roçado no capoeirão do Bilú, nata de terra que pelas bocas do caeté legitimo (1), da unha-de-vaca (2) e da caquéra (3) está a pedir foice e covas de milho.

Não é dificil a puxada: com cincoenta braças de carreador bóto a roça no caminho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis; trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras (4) que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina! O pai está em casa?

É a filha unica. Pelo jeito não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê (5) como a fruta do

1, 2, 3. Padrões de terra boa.
4. Bandeira de milho, diz-se de qualquer trecho do milharal.
5. Sabor agreste, adstringente, acido.

Digitized by Google

gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha (1). Veio pegar agua a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaris, ao ver-me.

— O pai está lá? insisti.

Respondeu um "está" enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida no mato asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. Quando comprou a situação dos Periquitos, o velho vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu aspera na luta contra as terras ensapezadas e secas, que encurtam a renda por mais que dê de si o homem. Foram rareando as idas á cidade e ao cabo de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, (2) tres mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fóra do sitio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai á vila tres vezes — uma a batizar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com tais casmurrices na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha da Pingo d'Agua (tinha esse apelido a Maria das Dôres) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo ás gentes. Fôra uma vez á vila com vinte dias, a batizar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado d'ali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que descalabro!...

Da casa velha aluira uma ala, e o restante, além da cumieira selada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar, roido de formiga, morrera de inanição; na ansia de sobreviver, tres ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca e sopesando o polvo retrançado da erva-de-

1. Rodela de pano torcido que os carregadores de agua usam entre a cabeça e o pote ou a lata.
2. Ninharia, coisa de nada.

Digitized by Google

passarinho, ainda abrolhavam rebentos cheios de compridos aculeos. Fóra disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro á casa. Tapera quasi e, enluradas nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati palmas.

— Ó da casa!

Apareceu a mulher.

— Está sêo Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavalo a um moirão de cerca e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Ana. Toda rugas na cara — e uma côr... Estranhei-lhe aquilo.

— Doença! gemeu. Estou no fim. Estomago, figado, uma dôr aqui no peito que responde na cacunda. Casa velha, é o que é.

— Metade é cisma, disse-lhe para consolo.

— Eu é que sei! retrucou-me suspirando.

Entrementes, surgiu da cozinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e têsa, que saudou e:

— Está espantado do jeito de Nhana? Esta gente de agora não presta para nada. Olhe, eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei minha neta e inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença — nem dôr de dente! Mas eu? Pobre de mim! Só admiro ainda estar fóra da cova... Aí vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim... É só melado. Bonito, hein? Estava dificil, num ôco muito alto e sem jeito. Mas sempre tirei. Não é jiti, não! É mel-de-páu.

Depôs num mocho a cuia dos favos e se foi á janela, lavar as mãos sob a cuia d'agua que a mulher despejava. Pôs os olhos no meu cavalo.

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animais aqui no redor, só este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é eguada de moenda.

Neste momento entrou a menina de pote á cabeça. Ao ve-la o pai apontou para a cuia de mel.

— Está aí, filha, o doce da aposta Perdi, paguei. Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço com qualquer coisa se diverte. Vinha passan-

Digitized by Google

do um bando de maritacas. Eu disse atôa: "São mais de dez!" Pingo negou: "Não chega lá!" Apostamos. Eram nove. Ela ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta sonquinha só vendo; não é o que parece, não...

A loquacidade daquele homem não desmedrara com o atraso da vida. Em se lhe dando corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.

Expus-lhe o negocio. Alvorada enrugou a testa; refletiu um bocado, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que caí daquela amaldiçoada ponte do Labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter boca. Sem puxar a enxada de par com eles, a coisa não vai, não! Lembra-se da empreitada do ano retrasado? Pois saí perdendo. O tranca do João Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuizos, não livrei o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se ainda teimo neste sapezal amaldiçoado é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no mato, como bicho. E' Pingo que inda me dá um pouco de coragem, concluiu com ternura.

A velhinha sentara-se á luz da janela e, abrindo uma caixeta, pusera-se a coser, de oculos na ponta do nariz.

Aproximei-me, admirativo.

— Sim, senhora! Com setenta anos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— É para ver. E isto aqui tem coisa. É uma colcha de retalhos que venho fazendo ha quatroze anos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela, vou guardando cada retalho que sobeja, e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço...

Estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho ha de ser do vestido de casamento, não é, Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Metida na cozinha, percebi que nos espiava por uma fresta.

Mais dois dedos de prosa, um cafézinho ralo — escolha (1) com rapadura — e,

— Está bem, rematei, levantando-me do mocho de tres pernas. Como não póde ser, paciencia. Apesar disso acho

1. Café de infima qualidade — residuo do "café escolhido".

Digitized by Google

que deve pensar um bocado. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar não?

— Que dá, sei que dá — mas tambem sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo Sinh'Ana faleceu. Era fatal a dôr que respondia na cacunda. E não mais me aflorava á memoria a imagem daqueles humildes urupês, quando me chegou aos ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crivel: o filho de um sitiante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!..."

— "É para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com ele para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "moça", a pombinha..."

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. Á noite perdi o sono, revivendo cenas da minha ultima visita ao sitio, e nasceu-me a ideia de lá tornar. Para? Confesso: méra curiosidade, para ouvir os comentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gomos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros distantes.

Por amor á simetria, montava eu o mesmo picaço. Transpus a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No corrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote em repouso na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me, deserta. As tres arvores do pomar extinto eram já galhaça resseca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de frutos. O resto peorara, descambando para o lugubre. Ruira o oitão e o terreirinho pintalgara-se de moitas de guanxuma, cordão-de-frade e joás.

— Ó de casa! gritei.

Silencio. Tres vezes repeti o apelo. Por fim surgiu dos fundos uma sombra acurvada e tremula.

— Bom dia, nha Joaquina. Está sêo Zé?

Digitized by Google

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra à vila, vender a sitioca para mudar de terra.

Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

— Tem coragem de estar aqui sózinha?

— Eu? Sózinha estou em toda a parte. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, murmurou apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me, com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquina! Parece que foi hontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver setenta e dois anos para acabar assim... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro.

Confrangia-me o coração aquele ermo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo — tremulo espetro sobrevivente como a alma da tapera — a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lagrimas estilavam, tantas chorara.

— Que mais agora? murmurou pausadamente, em voz de quem já não é deste mundo. Até á "desgraça", eu não queria morrer. Velha e inutil, inda gostava do mundo. Morreu-me a filha, mas restava a neta — que era duas vezes filha e o meu consolo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me retire, logo e logo.

Relanceei um olhar pela sala vazia. A caixeta de costura inda estava sobre a arca no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nela, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, levantando-se, tomou-as nas mãos mal firmes. Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremuras na voz:

— Dezesseis anos — e não pude acabar a colcha... Ninguem imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha dela des'que nasceu.

Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a ve-la no meu braço, tentando pegar os oculos com a mãozinha gorda...

Este azul, de listas, lembra um vestido que a madrinha lhe deu, aos tres anos. Ela já andava pela casa inteira, armando

Digitized by Google

reinações, perseguindo o Romão — que um dia, por sinal, lhe meteu as unhas no rostinho. Chamava-me "óó aquina"...

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco anos. Estava com ele por ocasião do tombo na pedra do corrego, d'onde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Este cá, de xadrezinho, foi pelos sete anos, e eu mesma o fiz, e o fiz de saia comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado, quando usou este aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com ele que entornou uma panela e queimou as mãos.

Este côr de batata foi quando tinha dez anos e caiu com sarampo, muito malzinha. Os dias e as noites que passei ao pé dela, a contar historias! Como gostava da Gata Borralheira!...

A velha enxugou na colcha uma lagrima perdida e calou-se.

— E este? perguntei para aviva-la, apontando um retalho amarelo.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha quinze anos quando o vestiu pela primeira vez num mutirão (1) do Labrego. Não gosto dele. Parece que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo, e galante, mas pelas minhas contas foi o culpado do Labreguinho engraçar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquele tempo de nada suspeitava.

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

— Engano seu. Era, quer ver qual? Era este de pintas vermelhas, repare bem.

— É verdade, é verdade! menti. Agora me lembro, isso mesmo. E este ultimo?

Após uma pausa dorida, a pobre criatura oscilou a cabeça e balbuciou:

— Este é o da desgraça. Foi o derradeiro que fiz. Com ele fugiu... e me matou.

Calou-se a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, opresso d'um infinito apertão d'alma.

Que quadro imensamente triste, aquele fim de vida machucado pela mocidade louca!...

1. Ajuntamento de vizinhos para ajudar num serviço de roça.

Digitized by Google

E ficamos ambos assim, imoveis, de olhos presos á colcha.

Ela por fim quebrou o silencio.

— Ia ser o meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ela.

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta num suspiro arrancado ao imo do coração.

Um mês depois morria. Vim a saber que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

1915.

Digitized by Google

A vingança da peroba

A cidade duvidará do caso. Não obstante, aquele monjolo do João Nunes, no Varjão, foi, durante meses, o palhaço da zona. Sobretudo no bairro dos Porungas, onde assistia Pedro Porunga mestre monjoleiro de larga fama, fungavam-se á conta do engenho risos sem fim.

Sitiantes ambos em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nhéco — e por malquerença antiga. Levantara Nunes uma paca, certo domingo; mas ao dobrar o morro a bicha esbarrou de frente com um Porunguinha que casualmente lenhava por ali. *Zás!* um certeiro golpe de foice dá com ela em terra.

Até aí, nada.

Mas comeu-a, sem ao menos mandar um quarto de presente ao legitimo dono. Legitimo, sim, porque, afinal de contas, aquela paca era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéu, podiam com a vida dela. Escapulia sempre. A gente do outro lado não ignorava isso. Paca velha e matreira tem sempre a biografia na boca dos caçadores. Paca muito conhecida, portanto; moradora em suas terras. Paca do Nunes, hom'essa. Ora, justamente no dia em que, numa batida feliz, ele a apanhara desprevenida, fazer aquilo o Porunguinha?

— "Mas é uma criança!

Sim, mas o pai não aprovou? Não disse, entre risadas, "o Nunes que se fomente"? Haviam de pagar!

Veio daí a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra se solidificou.

Agravava a dissenção uma rivalidade quasi de casta. Pertencia Nunes à classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa. Filho homem só tinha o José Benedito, d'apelido Pernambi, um passarico desta alturinha, apesar de bem entrado nos sete anos. O resto era uma recula de "familias mulheres" — Maria Benedita, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito mariquinhas de saia comprida. Tanta mulher

Digitized by Google

em casa amargava o animo de Nunes, que, nos dias de cachaça, ameaçava afoga-las na lagoa, como se fossem uma ninhada de gatos.

O seu consolo era animar Pernambi, que aquele ao menos logo estaria no eito, a ajuda-lo no cabo da enxada, enquanto o mulherio inutil mamparrearia por ali, a espiolhar-se ao sol. Pegava, então, do menino e dava-lhe pinga. A principio com caretas que muito divertiam o pai, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares palermas de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta, não é homem, dizia o Nunes.

E, concio de que já era homem, o piquirinha batia nas irmãs, cuspilhava de esguicho, dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Do outro lado tudo corria pelo inverso. Comedido na pinga, Pedro Porunga casara com mulher sensata, que lhe dera seis "familias", tudo homem.

Era natural que prosperasse, com tanta gente no eito. Plantava cada setembro tres alqueires de milho; tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua cana, além duma egua e duas porcas de cria. Caçava com espingarda de dois canos, "imitação Laporte", boa de chumbo como não havia outra. Morava em casa nova, bem coberta de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria, no beiral; os esteios e portais eram de madeira lavrada; e as paredes, rebocadas á mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes — pobre do Nunes! — não punha na terra nem um alqueire de semente. Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o porquinho, sobrou do negocio o caco da picapau, d'um cano só e manhosa de tardar fogo.

Sua casa, de esteios com casca e portas de embaúba rachada, muito encardida de picuman, prenunciava tapera proxima.

Capado, nenhum. Galinhada escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de fama; andava de barriga ás costas, com bernes no toitiço. O pobrezinho não caminhava dez passos sem que parasse, pondo-se aos rodopios sobre os quartos trazeiros, tentando inutilmente abocar o parasita inatingivel. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o mato anda cheio de preás atolambadas. E tudo mais no Varjão afinava pela mesma tecla.

Digitized by Google

Certa vez contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio d'uma besta arreada. Besta arreada, o Porunga! Doeu-lhe aquilo no fundo da alma. Era atrepar demais.

— Que! Já roncam assim? bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é o João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'aí, de grandes atarefamentos.

A mulher pasmava da subita reviravolta do marido, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe?!

Planeava Nunes grandes coisas, roça de tres alqueires, conserto de casa, monjolo...

Aqui a mulher repuxou os labios num muxoxo de duvida.

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

Nunes, metido em brios, rancou:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vai ver!...

Com assombro de todos não ficou em prosa fiada a promessa. Nunes remendou mal e mal a casa, derrubou um capoeirão descansado de oito anos e, num esforço de mouro, meteu na terra nove quartas de milho.

Pedro Porunga soube logo da bravata. Riu-se e profetizou:

— Eh! Aquilo é fogo de jacá velho. Calor de pinguço não dura...

O ano correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas.

Nunes não cabia em si. Visitava as roças muito contente da vida, unhando os caules viçosos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha, ou apalpando as bonecas tenras, a madeixarem-se da cabelugem louro-translucida. Segurava, então, a barbica do queixo e sonhava opulencias futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fora. Só havia prós. E concluia, entrando em casa, para a mulher:

— Este ano quebro um milhão desgramado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou os Porungas, a farinha? Uma resolução de tal vulto, porém, não se toma assim do pé p'ra mão: era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava... O *choo-pan* do futuro engenho batia-lhe na cabeça como um ritornelo de musica do ceu.

Digitized by Google

— Hei de mostrar ao Porunga que ele não é o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeirinha, da Ponte Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem braço tem...

— Béééi urrou Nunes, estomagado. Cala essa boca! Mulher não entende das coisas...

E ela, nas encolhas:

— Tá bom. Depois não se queixe.

— Béééi rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares. Quando ali roncava o "béééi", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silencio. Sabiam por dolorosa experiencia pessoal que o ponto acima era o porretinho de sapuva.

Se a mulher emudecia, emudecia com ela a razão, porque o Teixeirinha Maneta era um carapina ruim inteirado, dos que vivem de biscates e remendos. Só a um bebado como o Nunes bacorejaria a ideia de meter a monjoleiro um taramela daqueles, maneta e, inda por cima, cego d'uma vista. Mas era compadre e acabou-se. Béééi

Uma nova semana passou Nunes em trabalhos de "maginação". Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, muito absorto, com os olhos no milharal e o sentido em coisas futuras. Decidiu-se, por fim. Rumou á Ponte Alta e trouxe de lá o velho carapina, com a ferramenta capenga.

Só restava resolver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão pau de foice. Pau de machado, capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que era o marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Deita-la-ia por terra sem dar contas ao outro lado — como lhe fizeram á paca.

Boa peça! Nunes gozava-se da picuinha, planeando derrubar a arvore á noite, de modo que pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem Santo Antonio remediaria o mal.

— Está resolvido: derrubo a peroba!

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e ainda não raiava a manhã quando a peroba estrondeou por terra, tombada do lado do Nunes.

Mal rompeu o dia, os Porungas, advertidos pela ronqueira, sairam a sondar o que foi. Deram logo com a marosca, e Pedro, á frente do bando, interpelou:

Digitized by Google

— Com ordem de quem, sêo...

— Com ordem da paca, ouviu? revidou Nunes provocativamente.

— Mas paca é paca e essa peroba era o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte. Deixo a sua p'r'aí!... retrucou Nunes, apontando com o beiço a cavacaria côr de rosa.

Pedro continha-se a custo.

— Ah, cachorro! Não sei onde estou que não...

— Pois eu sei que estou em minha casa e que bato fogo na primeira "cuia" que passar o rumo!...

Esquentou o bate-boca. Houve nome feio a valer. O mulherio interveio com grande descabelamento de palavrões. De espingardinha na mão, radiante no meio da barulhada, Nunes dizia ao Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sozinho escoro este cuiame!... (1)

A Porungada, afinal, abandonou o campo — para não haver sangue.

— Você fica com o pau, cachaceiro atôa, mas inda ha de chorar muita lagrima p'r'amor disso...

— Béé!... estrugiu Nunes triunfalmente.

Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar vitorioso do Nunes.

— Então, compadre, viu que cuiada chóca? E' só chá de lingua, *pé, pé, pé;* mas, chegar mesmo, quando! O guampudo conheceu a arruda pelo cheiro!

E assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo.

— O dia está ganho, compadre, largue disso e vamos molhar a garganta.

A molhadela da garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria. Nunes, Maneta e Pernambi confraternizaram num bolo acachaçado, comemorativo do triunfo, até que uma soneira letargica os derreou pelo chão. Com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, a mulher olhava para aquilo sacudindo a cabeça, a cismar...

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!...

---

1. Porção de cuias. Jogo de palavras; as cuias se fazem das cabaças, ou porungas.

Digitized by Google

Esvaidos os fumos da pinga, tornaram no dia seguinte á peroba, muito acamaradados. A cachaça cimentara o compadresco antigo, e a feitura do monjolo teve inicio com grande quebreira de corpo. Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquilo, e do ajutorio que ao braço perfeito dava o toco aleijado. O velho maneta sabia casos, que Nunes respondia com outros, sempre tendentes a patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado o tóro, correram um barbante embebido num mingau de carvão. "Pegue nesta ponta, compadre, dizia o velho; agora estique; isso". E tomando entre os dedos o meio do cordel, *plaf*, chicoteava a madeira, riscando nela um traço negro.

Nunes revelou grande vocação para esfria-verruma. Esfria-verrumas são os "empaliadores" dos carapinas. Sentam-se com uma nadega á beira da banca e durante horas pasmam do rebote correr na tábua encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pegam da enxó, examinam-na, passam o dedo pelo fio e perguntam: "E' Grive? (Greaves) Quanto custou?" E quando sai da madeira a verruma, quente da fricção, pegam-na e põem-se a sopra-la, muito sérios.

Enquanto isso, muito desajeitadamente ia o Maneta escavando o cocho (1) a machado e enxó. Depois rasgou as furas da haste (2) e afeiçoou a munheca (3). Prontas que foram, atacou o pilão (4). Escava que escava, em tres dias pô-lo de banda, concluso. Restava sómente aparelhar a "virgem" (5).

— O compadre sabe a historia do pau de feitiço?

Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa alguma, tirante embocar o gargalo e difamar a porungada. Sem interromper o esquadrejamento da virgem, Maneta narrou o caso que ouvira ao pai, o Teixeirão serrador, madeireiro de fama.

— Em cada eito de mato, dizia o meu velho, ha um pau vingativo que pune a malfeitoria dos homens. Vivi no mato

---

1. Parte trazeira do monjolo, que recebe a agua.
2. Madeiro comprido que constitue a parte principal do monjolo.
3. Mão do monjolo, peça que serve para pilar.
4. Recipiente de madeira (tronco escavado) que recebe o milho a ser pilado.
5. Peça sobre cuja forquilha gira a haste.

Digitized by Google

toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva e embirussú, até balsamo, que é raro por aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bicho do mato. E de tanto lidar com paus, fiquei na suposição de que as arvores têm alma, como a gente.

— T'esconjuro! espirrou Nunes.

— Isto dizia lá o velho; eu por mim não dou opinião. E têm alma, dizia ele, porque sentem a dôr e choram. Não vê como gemem certos paus ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre e vira resina? Ora pois têm alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia ele, ha em cada mato um pau que ninguem sabe qual é, a modo que peitado p'r'a desforra dos mais. E' o pau de feitiço. O desgraçado que acerta meter o machado no cerne desse pau póde encomendar a alma p'r'o diabo, que está perdido. Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho seco que despenca de cima, ou, mais tarde, por artes da obra feita com a madeira, de todo jeito não escapa. Não 'dianta se precatar: a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais aminhã, a criatura marcada.

Isto dizia o velho — e eu por mim tenho visto muita coisa. Na derrubada do figueirão, alembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando, de repente, soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até as costas. Como foi? Como não foi? Ninguem entendeu aquilo. Eu fiquei cismando e disse: "E' feitiço de pau..." Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastiãozinho da Ponte Alta: fez uma casa, o pau da cumieira ele mesmo o derrubou. Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz? Por isso meu pai, sabido que era, especulava primeiro se por ali perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e precatar-se.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lérias as horas de serviço, enquanto dava os derradeiros retoques no engenho.

Estava pronto o monjolo. Jubiloso, via Nunes quasi realizado o primeiro sonho das futuras grandezas. Faltava apenas o assentamento, que é pouco — e ele batia tapas amigos na peroba vermelha.

— Aí, minha velha! Mansinha, hein? Ha de chamar-se Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Digitized by Google

Recolheram cedo nesse dia, para solenizar o feito á custa d'um ancorote (1) de cachaça, que esvaziaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem socado o pilão, o monjolo recebeu agua. Aberta a bica, um jorro d'enxurro espumejou no cocho, encheu-o, desbordou para o "inferno". (2) A engenhoca gemeu na virgem e alçou o pescoço. O cocho despejou a aguaceira — *chóó!* A munheca bateu firme no pilão — *pan!*

Nunes pulava d'alegria.

— Conheceu, porungada choca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponta-Alta?

Mas não lhe bastou aquele barulho, nem a gritaria da meninada a palmear, nem os ladridos do Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia de longe, a salvo de pontapés. Queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a e, erguendo-a para o "outro lado", desfechou. Mas o caco velho da picapáu não compartilhou da sua alegria, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ela para longe, embrulhada num palavrão. Lembrou-se depois de tres foguetes sobejados de uma reza; foi busca-los; atacou-os em direção aos Porungas.

— Cheira essa polvora, cuiada!

Infelizmente as bombas, muito umidas, negaram fogo por sua vez.

— Tudo nega, compadre! Vamos ver se o ancorote nega tambem.

Não negou. E a prova foi roncarem logo p'r'ali como dois gambás.

No outro dia partiu Maneta para a Ponte Alta, com grande sentimento do Nunes que perdia nele um companheirão. Quanto ao monjolo, como não houvesse milho a pilar ficou sua estreia para quando se quebrasse a roça.

Cessaram as chuvas de verão. Entrou o estio, refrescado, limpo. Amarelaram as folhas do milharal, as espigas penderam, maduras. Começou a quebra. Muito impaciente, Nunes debulhou o primeiro jacá recolhido e atochou o pilão. Ai! não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica. Desproporcionada ao cocho,

1. Barrilete proprio para transportar pinga em lombo de burro.

2. Inferno — lugar onde a agua que move o monjolo despeja depois de enchido o cocho.

Digitized by Google

a haste não dava o jogo da regra. A mão, por muito leve ou por defeito de esquadria na virgem, guinava á esquerda ao bater, espirrando milho para fora. Por mal de pecados, á primeira chuvinha o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada. (1) Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, meteu-se a reparar tantas "torturas." Diminuiu o peso ao macaco (2), engrossou as aguas, amarrou d'ali, especou d'acolá, calafetou fendas. Consumiu dias em luta surda contra as manhas do mal engonçado. Mas a peste do mostrengo respondia a cada arranjo com uma reincidencia de desalentar.

O pobre homem explodiu, então. Da boca lhe espirraram injurias sem fim contra o patife do carapina.

— Excomungado do diabo de maldelazento de maneta...

Impossivel meter no papel todas as contas do rosario; as miúdas inda cabem, mas as graúdas não podem sair do Varjão. Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o compadre a foice; que lhe vazava a outra vista; que...

Num desses desabafos a tola da mulher meteu a colher torta no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o "queixo duro" não fez caso...

Ai! Nunes, que só esperava por aquilo, passou a mão na sapuva (3) e, encarnando na esposa o odiado maneta, deslombou-a numa sova de consertar negro ladrão.

— Toma, cachorro! Toma, excomungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! e malhava...

A mulher sumiu-se aos pinotes mato a dentro, seguida do mulherio miudo; e por oito dias andou em esfregações de salmoura pela polpa avergoada. Nunes, porém, melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis.

A nova de tais sucessos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não teve mão de si, quis ver com os proprios olhos a caranguejola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e lá um dia transpôs o espigão, rumo á casa do rival. Voltou uma hora depois espremendo risos fungados.

---

1. Madeira naturalmente rachada.
2. Contrapeso destinado a assegurar o bom equilibrio de haste do monjolo.
3. Madeira de que se fazem bons porretes.

Digitized by Google

— Eh, eh, minha gente! Vocês não calculam. Quando quebrei o serrote, já ouvi o barulho — *chóó-pan* — uma ronqueira dos diabos! Disse comigo: roncar, ele ronca, eh, eh!

Fui chegando. O Nunes, jururú, estava debulhando milho na porta. Quando me viu, entreparou, amóde que assombrado.

— "E' de paz! eu disse, e me plantei diante dele. Dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver toda a vida assim, de focinho "trucido" um p'r'o outro. O que foi, foi. Acabou-se. Toque.

Ele relanceou os olhos p'r'o lado da ronqueira — eh, eh! — e muito desconchavado espichou a mão sem abrir o bico.

— "Traga um café! gritou p'ra dentro.

Enfiei os olhos pela casa: estava "assim" de mulherada na cozinha! Peguei de prosa. Ele foi respondendo. Conversa sem graça, amarradinha. Por fim especulei: "E o monjolo, vizinho, ficou na ordem?" Nunes amarelou que nem esta folha!

— "E' bonzinho, rende bem...

— "Quero ver, disse eu, se não é curiosidade...

— "Pois vá, respondeu, sem se mexer do lugar.

Eu fui.

Nossa Virgem! Aquilo nunca foi monjolo, nem aqui nem na casa do diabo! Só se vê amarrilhos de cipó e espeques e macacos. A haste tem nove palmos e o cocho a mó que tem dez!...

— Quiá! quiá! quiá! cacarejou a roda, que em materia de monjolo era entendidissima.

— A mão não pesa, home, não pesa nem arroba e meia! A virgem está errada e fóra do prumo. Milho está que está alvejando o chão. A mão pincha d'uma banda. Nossa Senhora, que mundéu!

Os Porunguinhas babavam.

— Então, roncar ele ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma trumenta. Mas, socar? O boi soca! Nem tres litros rende por dia. Homem, gentes, aquilo é coisa que só vendo!

A cara dos Porungas, anuveada desde o incidente da peroba, refloriu d'ali por diante nos saudaveis risos escarninhos do despique. As nuvens foram escurentar os ceus do Varjão. Era um nunca se acabar de troças e pilherias de

Digitized by Google

toda ordem. Inventavam traços comicos, exageravam as tra palhices do mundéu. Enfeitavam-no como se faz ao mas tro de São João. Sobre as linhas gerais debuxadas pel velho, os Porunguinhas iam atando cada qual o seu buquê, d modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosament comica. A palavra Ronqueira entrou a girar nas vizinhança como termo comparativo de tudo quanto é risivel ou sem p nem cabeça.

Aos ouvidos do Nunes foram bater tais rumores. C orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos de grandeza murchara-lhe como fruta verde colhida antes do tempo. Mas impossibilitado de vingar-se, deu de criar um rancor surd contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite *chóó-pan*, muito lerda, muito parca de rendimento. Par acalmar a bilis Nunes dobrou as doses de cachaça.

A mulher amanhava a casa num grande desconsolo da vida esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquel homem.

Sempre rentando o pai, sornissimo, Pernambi, parecia un velhinho idiota. Não tirava da boca o pito e cada vez bati mais forte no mulherio miudo.

Brinquinho desnorteara. Sentado nas patas trazeira olhava, inclinando a cabeça, ora para um, ora para outr lado, sem saber o que pensar da sua gente.

E assim, meses.

Afinal, veio a desgraça. Feitiço de pau ou não, o cas foi que o inocente pagou o crime do pecador, como é d justiça biblica. Certo dia soube Nunes que o José Cuitel da Pedra Branca, outro compadre, pusera nome a uma egu lazarenta de Ronqueira. Era demais.

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero, passand a mão na garrafa.

Sorveu um gole e:

— Pernambizinho, vem cá. Bebe com teu pai, me filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, dois tres goles, estalando a lingua. O resto da garrafa sorveteu-s no bucho do caboclo. Mal tonteado pelos efluvios do alcool o menino banzou um bocado por ali e depois saiu. Nunes esti rou-se ao sol para dormir.

Digitized by Google

Era um dia feio de agosto. Ceu turvo do fumo das queimadas. Sol de cobre, sem brilho, a modorrar no ocaso. Folhinhas carbonizadas a descerem lentas do alto regirantes.

Transcorrida uma hora o bebedo acordou, relanceou em torno os olhos mortiços.

— Quedele Pernambi? — disse ás filhas acocoradas á soleira da porta.

As meninas não sabiam do irmão.

— Chamem Pernambi, engrolou o bebedo, recaindo em cochilo.

Uma das pequenas saiu no encalço do menino.

Os olhos de Nunes a custo se abriam; sua cabeça oscilava, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da boca escorria-lhe baba, e molhadas nela as palavras vinham vagas, mal atadas.

Subito, um grito lancinante ao longe alvorotou a casa.

A mulher, estonteada, surge de dentro do casebre, pára á porta, orienta-se e corre para onde a voz. As filhas dispararam-lhe atrás, rumo ao monjolo.

Silencio tragico.

Depois, novos gritos — gritos em côro — gritos de desespero.

— Coitadinho do meu filho! uivava lá longe a mãe.

Nunes soergue-se, amparado ao portal.

— Que é isso? grunhe.

Ninguem lhe responde. Não ha ninguem por ali. Mas no monjolo recrudesce a grita. Para lá segue o bebedo, cambaleante. Em caminho dá de cara com a mulher, que voltava descabelada, a falar sozinha.

— Que é que foi, mulher?

Arrostando com o marido, a pobre mãe afuzila nos olhos um raio de colera incoercivel.

— O que é? É tua obra, cachaceiro do inferno! É a tua pinga, homem atôa, esterco imundo! Vá ver, vá ver, vá ver, desgraçado!...

Nunes alcança o monjolo com dificuldade. E topa um quadro horrendo. No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambi de borco no pilão. Para fóra, pendentes, duas pernas franzinas — e o monjolo impassivel, a subir e a

Digitized by Google

descer, *chóó-pan*, pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pelanca...

Esvaem-se-lhe os vapores do alcool e em semidemencia Nunes corre ao machado, ringindo os dentes, aos uivos.

— Chegou teu dia, desgraçado!

Cena lugubre foi aquela! Entre rugidos de colera o louco arremessava golpes tremendos contra o engenho assassino. Uma pancada na mão — toma Barbazú! Outra na haste — rebenta demonio! Outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo! — E *pan, pan, pan* — dez, vinte, cem machadadas, como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos da peroba assassina. E lascas. E achas...

Longo tempo durou o duelo tragico da demencia contra a materia bruta. Por fim, quando o monjolo maldito era já um monte escavacado de peças em desmantelo, o misero caboclo tombou por terra, arquejante, abraçado ao corpo inerte do filho. Instintivamente sua mão tremula apalpava o fundo do pilão em procura da cabecinha que faltava.

Digitized by Google

Um suplicio moderno

Todas as crueldades de que foi useira a Inquisição para reduzir hereticos, as torturas requintadas da "questão" medieval, o empalamento otomano, o suplicio chinês dos mil pedaços, o chumbo em fusão metido a funil gorgomilos a dentro — toda a velha ciencia de martirizar subsiste ainda hoje encapotada sob habeis disfarces. A humanidade é sempre a mesma cruel chacinadora de si propria, numerem-se os seculos anterior ou posteriormente ao Cristo. Mudam de forma as coisas; a essencia nunca muda. Como prova denuncia-se aqui um avatar moderno das antigas torturas o *estafetamento*.

Este suplicio vale o torniquete, a fogueira, o garrote, a polé, o touro de bronze, a empalação, o bacalhau, o tronco, a roda hidraulica de surrar. A diferença é que estas engenharias matavam com certa rapidez, ao passo que o estafetamento prolonga por anos a agonia do paciente.

Estafeta-se um homem da seguinte maneira: o governo, por malevola indicação d'um chefe politico, hodierno sucedaneo do "familiar" do Santo Oficio, nomeia um cidadão estafeta do correio entre duas cidades convizinhas, não ligadas por via ferrea.

O ingenuo vê no caso honraria e negocio. E' honra penetrar na falange gorda dos carrapatos orçamentivoros que pacientemente devoram o país; é negocio lambiscar ao termo de cada mês um ordenado fixo, tendo arrumadinha, no futuro, a cama fôfa da aposentadoria.

Note-se aqui a diferença entre os ominosos tempos medievos e os sobreexcelentes da democracia de hoje. O absolutismo agarrava às brutas a vitima e, sem tir-te nem habeas corpus, trucidava-a; a democracia opera com manhas de Tartufo, arma arapucas, mete dentro rodelas de laranja e espera aleivosamente que, "sponte sua", caia no laço o passarinho. Quer vitimas ao acaso, não escolhe. Chama-se a isto — arte pela arte...

Nomeado que é o homem, não percebe a principio a sua desgraça. Só ao cabo de um mês, ou dois, é que entra a des-

Digitized by Google

confiar; desconfiança que por graus se vai fazendo certeza, certeza horrivel de que o *empalaram* no lombilho duro do peor matungo das redondezas, com, pela frente, cinco, seis sete leguas de tortura a engulir por dia de mala postal à garupa.

Eis as púas do aparelho de tormenta, as tais leguas! Para o comum dos mortais, uma legua é uma legua; é a medida d'uma distancia que principia aqui e acaba lá. Quem viaja, feito o percurso chega e é feliz.

As leguas do estafeta, porém, mal acabam voltam "da capo", como nas musicas. Vencidas as seis (suponhamos um caso em que sejam só seis) renascem na sua frente de volta. E' fazê-las e desfazê-las. Teia de Penelope, rochedo de Sisifo, ha de permeio entre o ir e o vir a má digestão do jantar requentado e a noite mal dormida; e assim um mês, um ano, dois, tres, cinco, enquanto lhes restarem, a ele nadegas, e ao sendeiro lombo.

Quando cruza um viandante a jornadear, morde-o a inveja: aquele breve "chegará", ao passo que para o estafeta tal verbo é uma irrisão. Mal apeia, derreado, com o coranchim em fogo, ao termo dos trinta e seis mil metros da caminheira, come lá o mau feijão, dorme lá a má soneca e a aurora do dia seguinte estira-lhe à frente, à guiza de "bons dias", os mesmos malditos trinta e seis mil metros da vespera, agora espichados ao contrario...

Breve o animal, pisado, dá de si, fraqueia. Já os topes o cavaleiro galga a pé. Não possue meios de adquirir outra montada. O ordenado vai-se-lhe em milho e "rapador" (1) para a alimaria, agua de sal para os semicupios e mais remedios às pisaduras de ambos, cavalgante e cavalgado. Não sobeja sequer para roupa.

Dá-lhe o Estado — o mesmo que custeia enxundiosas tatoranas burocraticas a contos por mês, e baitacas parlamentares a 200 mil réis por dia — dá-lhe o generoso Estado... *cem mil réis mensais*. Quer dizer "um real" por nove braças de tormento. Com um vintem paga-lhe trezentos e trinta metros de suplicio. Vem a sair a sessenta réis o quilometro de martirio. Dôr mais barata é impossivel.

O estafetado entra a definhar de canseira e fome. Vão-se-lhe as carnes, as bochechas encovam, as pernas viram parentesis dentro dos quais mora a barriga do desventurado rocim.

1. Pasto de aluguel muito sovado; rapado.

Digitized by Google

Além das calamidades fisiologicas, economicas e sociais, chovem-lhe em cima as meteorologicas. O tempo inclemente não lhe poupa judiarias.

No verão não se doi o sol de assá-lo como se assam pinhões nas cinzas. Se chove, de nenhuma gota se livra. Pelos fins de maio, à entrada do frio, é entanguido como um sudito de Nicolau exilado nas Siberias que devora as leguas infernais. No dia de S. Bartolomeu, agarrado de unhas à crina da escanzelada egua, é por milagre que não os despeja a ambos, perambeiras abaixo, o endemoinhado vento.

O patrão-governo pressupõe que ele é de ferro e suas nadegas são de aço; que as estradas são mesas de bilhar forradas de veludo; que o tempo é um permanente céu com "brisas fagueiras" ocupadas em soprar sobre os caminhantes os olores da "balsamina em flôr".

Pressupõe ainda que os cem mil réis do salario são uma paga real de lamber as unhas. E, nestas angelicais pressuposições, quando ha crises financeiras e lhe lembram economias, corta seus cinco, seus dez mil réis no pingue ordenado, para que haja sobras permitidoras d'ir à Europa um genro, em comissão de estudos sobre "a influencia zigomatica do perielio solar no regimen zarathurstico das democracias latinas".

E assim o exercito dos estafetas, dia a dia mais encanifrado, encalacrado de dividas, enchagado de pisaduras, ao sol de dezembro ou à garôa entanguente de junho, trota, trota sem cessar, morro acima, morro abaixo, por atoleiros e areões, caldeirões e escorregadeiros, sacudido pela miseranda cavalgadura que, de tanto padecer, coitada, já nem jeito de cavalo tem.

O lombo dela é todo uma chaga viva; as costelas, um ripado. Caricaturas contristadoras do nobre *Equus,* um dia rebentam de fome, exhaustas a meio de viagem.

O estafeta toma às costas os arreios, a mala, e conclue a caminheira a pé. Nesse dia chega fora de horas, e o agente do correio oficia ao centro sobre a "irregularidade".

O centro move-se; faz correr um papelorio através de varias salas onde, comodamente espapaçada em poltronas caras, a burocracia gorda palestra sobre espiões alemães. Depois de demorada viagem o papelorio chega a um gabinete onde impa em secretaria de imbuia, fumegando o seu charuto, um sujeito de boas carnes e otimas côres. Este vence dois contos de réis por mês; é filho d'algo; é cunhado, sogro ou genro d'algo; entra às onze e sai às tres, com folga de permeio para uma "batida" no frege da esquina.

Digitized by Google

O canastrão corre os olhos mortiços de lombeira por sobre o papel e grunhe:

— Estes estafetas, que malandros!

E assina a demissão d'aquele a bem do serviço publico

(E se isso não acontece, acontece peor. Certa vez o agente do correio d'uma cidadezinha paulista oficiou ao centro queixando-se do estafeta. O centro respondeu autorizando-o a "punir com severidade o faltoso". O agente medita a séria sobre o caso; depois, mostrando o oficio ao estafeta, e com muita dôr de coração, ferra-lhe em nome do Governo a maior sova de chicote de que ha memoria no lugar. Em seguida oficia ao centro dando conta do desempenho da missão e declarando que o serviço ficaria interrompido por uma quinzena, visto o paciente estar de cama, a curar-se com salmoura ...)

O supliciado, posto no olho da rua, sem saude, sem cavalo, sem nadegas, coberto de dividas, com o figado e mais visceras fora do lugar em virtude do muito que "chacoalharam", vê-se logo rodeado pela chusma de credores, avidos como urubús de xarqueada. Como está nú, mais nú que Job, não pode pagar a nenhum — e ganha fama de caloteiro.

— Parecia um homem sério, e no entanto roubou-me cinco alqueires de milho, diz o da venda, calabrês gordo, enricado no passamento de notas falsas.

— Tomou-me emprestados cem mil réis para a compra de um cavalo, a jurinho d'amigo (cinco por cento ao mês), já lá vão cinco anos, e por muito favor pagou-me o premiozinho e deu os arreios por conta. Que ladrão! diz o onzeneiro, socio do outro na nota falsa.

A loja de fazenda chora umas calças de algodão mineiro que lhe fiou em tempo. A farmacia, um quilo de sal-amargo falsificado. Abeberado de insultos, o martir só vê pela frente uma saida: fincar o pé na estrada e fugir... fugir para uma terra qualquer onde o desconheçam e o deixem morrer em paz.

Dest'arte, o moderno suplicio do estafetamento, além de xarquear as carnes duma criatura humana limpa de crimes, dá-lhe ainda, de lambuja, uma bela mortezinha moral. Tudo isto afim de que não falte aos soletradores de tais e tais bibocas do sertão o pabulo diario da graxa preta em fundo branco, por meio do qual se estampam em lingua bunda as facadas que Pé Espalhado deu no Camisa Preta, o queijo que furtou o Baianinho ao Manoel da Venda, o romance traduzido do

Digitized by Google

Jorge Ohnet, o salvamento da patria pela alta volataria nacional, o palavriado gordo das ligas d'isto e d'aquilo, a descoberta de espiões onde nada ha que espiar, a policultura, o zebú, o analfabetismo, o aliadismo, o germanismo, as potocas da Havas e quanta papalvice grela por massapés e terras roxas deste país das arabias.

A politica do coronel Evandro em Itaoca deu com o rabo na cerca des'que em tal pleito o competidor Fidencio, tambem coronel, guindou a cotação dos votos de gravata a quinhentos mil réis, e a dos votos de pé-no-chão a dois parelhos de roupa, mais um chapeu.

O primeiro ato do vencedor foi correr a vassoura do Olho da Rua em tudo quanto era olhodarruavel em materia de funcionalismo publico. Entre os varridos estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição inculcou-se ao governo o Izé Biriba.

Era este Biriba um caranguejo humano, lerdo de maneiras e atolambado de ideias, com dois percalços tremendos na vida — a politica e o topete.

O topete era um palmo de grenha teimosa em lhe cair sobre a testa, e tão insistente nisto que gastava ele metade do dia erguendo a mão esquerda à altura da fronte para, num movimento maquinal, botar p'r'arriba a crina rebelde. A politica escusa dizer o que é.

Coligados ambos, topete e politica, comiam-lhe o tempo inteiro, de jeito a não lhe deixar folga nenhuma para o amanho do sitio, que, afinal, roido pelo cupim da hipoteca, lá foi parar nas unhas d'um onzeneiro ladrão.

Montou em seguida botequim mas faliu. Enquanto Biriba arrumava o topete os fregueses surripiavam-lhe os mata-bichos; e nas cavaqueiras politicas os correligionarios, de passo que expeliam diatribes contra o governo, sorviam capilés refrescantes e mascavam bolinhos de peixe por conta da vitoria futura.

Além do topete tinha Biriba o sestro do "sim senhor" alçado às funções de virgula, ponto e virgula, dois pontos e ponto final de todas as parvoiçadas emitidas pelo parceiro; e às vezes, pelo habito, quando o freguês parando de falar entrava a comer, continuava ele escandindo a "sim senhores" a mastigação do bolinho filado.

Ao tempo da queda do outro e subida da sua gente, andava Biriba reduzido à conspicua posição de "fosforo" eleito-

Digitized by Google

ral. No pleito trabalhara como nenhum. Deram-lhe as peores missões — acuar eleitores tabareus embibocados nos socavões das serras, negociar-lhes a conciencia, debater preço de votos, barganha-los com eguas lazarentas e provar aos desconfiados, com argumentos de cochicho ao ouvido, que o "governo estava com eles".

Após a vitoria sentiu Biriba, pela primeira vez, um gozo integral de coração, cabeça e estomago.

Vencer! Oh, nectar! Oh, ambrosia incomparavel!

O nosso homem regalou as visceras com o petisco dos deuses. Até que enfim os negrores da vida de miserias lhe alvorejavam em aurora. Comer à farta, serrar de cima... Delicias do triunfo!

Que lhe daria o chefe?

No antegozo da pepineira iminente, viveu a rebolar-se em cama de rosas até que rebentou sua nomeação para o cargo de estafeta.

Sem queda para aquilo, quis relutar, pedir mais; na conferencia que teve com o chefe, entretanto, as objeções que lhe vinham à boca transmutavam-se no habitual "sim senhor", de modo a convencer o coronel de que era aquilo o seu ideal.

— Veja, Biriba, quanto vale a fidelidade! Pilha um empregão! Vai o Regino para agente e você para estafeta.

O mais que ele pôde alegar foi que não tinha cavalgadura

— Arranja-se, resolveu de pronto o coronel; tenho lá uma egua moira legitima, de passo picado, que vale duzentos mil réis. Por ser para você, dou-a por metade. O dinheiro? E' o de menos. Tome emprestado ao Leandrinho. Arranja-se tudo homem.

O arranjo foi adquirir Biriba uma egua trotona pelo dobro do valor, com dinheiro tomado a tres por cento ao tal Leandro, que outra coisa não era senão o testa de ferro do proprio Fidencio. Dess'arte, carambolando, o matreiro chefe punha a juros o peor sendeiro da fazenda, além de conservar pelo cabresto da gratidão ao idiota estafetado.

Iniciou Biriba o serviço: seis leguas diarias a fazer hoje e a desfazer amanhã, sem outra folga além do ultimo dia dos meses impares.

Inda bem se fôra devorar as leguas na só companhia da chupada mala postal. Mas não lhe saiu serena assim a empresa. Como Itaoca não passasse de mesquinho lugarejo empoleirado no espinhaço da serra e desprovido de tudo, não transcorria vez sem que os amigos politicos viessem com en-

Digitized by Google

comendas a aviar na cidade. À hora de partir surgiam aproveitadores com listinhas de miudezas, ou moleques com recados.

— Sinhá disse assim p'r'a suncê comprar tres carreteis de linha cincoenta, um papel de agulhas, uma peça de cadarço branco, cinco maços de grampo miudo e, se sobejar um tostão, p'ra trazer uma bala de apito p'r'o sêo Juquinha.

Todos aqueles artigos existiam em Itaoca, um tantinho mais caros, porém; o encomendá-los fóra visava apenas a economia do tostão da bala de apito.

— Sim senhor, sim senhor!...

Não lhe escapava da boca outro som, embora o exasperasse a continua repetição do abuso.

Além das pequenas encomendas, pouco trabalhosas, surgiam outras de vulto, como levar um cavalo arreado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de Etcetrano, e que tais. A Tiburcia, cozinheira preta do coletor, cada vez que ia de ferias descansar à cidade, era o Biriba o indicado para conduzí-la.

Foi como o conheci, guardando costas às amazonas. De viagem para Itaoca, a meio caminho tópo um homem encavalgado na mais avariada egua que jamais meus olhos viram. À garupa iam malas do correio e varios picuás; no sant'antonio, mais picuás além d'uma vassoura nova enganchada nos arreios com a palha para cima. Estava parado, em atitude idiotizada, segurando pelo cabresto um cavalinho de silhão. Abordei-o, pedindo fogo. Aceso o cigarro, indaguei de quem montava a cavalgadura vazia.

— "Não vê" que estou acompanhando a dona Engracia, que é parteira em Itaoca. Ela apeou um bocadinho e...

Ouvi rumor atrás: saía do mato uma mulheraça rubida, de sáias tufadas de goma, tendo na cabeça um tocadinho coevo de S. M. Fidelissima... Para não vexá-la pus-me a caminho, não sem, voltando a cara de soslaio, regalar-me com os apuros do estafeta para entalar nas andilhas as cinco arrobas da parteira aliviada.

E descomposturas...

— Sêo Biriba, não foi linha 40 que eu encomendei. O senhor parece bôbo!

Quando a fazenda era má:

— Não viu que a chita desbotava? Que moda!

Doia-lhe, sobretudo, carretear para a execravel gente da oposição. O coronel contrario não se pejava de, por intromissão de terceiro, neutro ou oposicionista encapotado, abusar

Digitized by Google

da bôa fé do martir. Lembrava-se Biriba, com dôr d'alma, de um bode de raça que lhe dera grandes trabalhos pelo caminho — e varias marradas de lambuja; afinal, chegando, verificou que vinha para o inimigo.

Toda a gente gozou do caso entre espirros de riso e galhofa.

— E' um pax-vobis o Biriba! Trazer o bode da oposição! Quiá! Quiá! Quiá!

Estas e outras foram-lhe azedando os figados e visceras circunvizinhas. Biriba emagreceu. Biriba amarelou.

A egua, coitada, perdeu a feição cavalar. Seu lombo selara em meia lua, de modo que por um nadinha não raspavam o chão os pés do cavaleiro. Montado, Biriba afundava. Sua cabeça caia quasi ao nivel d'uma linha tirada da anca às orelhas da egua. Horrendamente pisada, trazia a bicha nos olhos permanentes lagrimas de dôr; mas em vez de tanta mazela mover ao dó o coração dos itaoquenses, regalava-os, e eram chufas sem fim e piadas idiotas acerca do "Estafeta da Triste Figura mais a sua Bucefala", como os batizou um engraçado local.

Lazarento como eles, só o Conegundes cachorro sem dono, coberto de sarna, que perambulava a esmo pela cidade, fugindo a moscas e pontapés. Pois não lhe mudaram o nome para Biribinha? Cachorrada!

Não tardou muito viesse o governo dar sua volta ao torniquete, cortando dez mil réis no ordenado dos estafetas — para salvar-se em certa ocasião de apuros financeiros. E salvou-se, esta é que é!...

Roupa no fio. À entrada das chuvas uma alma caridosa deu-lhe uma velha capa de borracha; mas no primeiro aguaceiro verificou o presenteado que tal capote vasava como peneira, de modo a peorar-lhe a situação com a sobrecarga d'um panejamento absorvedor de litros d'agua.

Biriba, perdida a paciencia, murmurou.

Ai! Soube-o logo o chefe e fê-lo vir a contas.

— E' certo que o senhor me anda arrenegando do emprego que lhe demos? Queria, acaso, ser eleito senador ou vice-presidente? Um pedaço de porcalhão que andava aí lambendo embira, morre não morre de fome, passa, por generosidade nossa, a ocupar um cargo federal, com ordenado relativamente bom (aqui Biriba tossiu um... "Sim senhor"), encontra todas as facilidades, recebe um bom animal, e ainda se queixa? Que quer, então, Vossa Excelencia?

Digitized by Google

Biriba entumeceu-se de coragem e declarou querer uma coisa só: a demissão. Estava doente, surradissimo, ameaçado de perder de um momento para outro a egua e as nadegas. Queria mudar de vida.

— Muda-se, então, de vida assim do pé para a mão? Quer abandonar os amigos? E a disciplina partidaria onde fica, meu caro palerma?

Não convinha a ninguem a saida do Biriba. Quem, mais serviçal? Lembravam-se dos estafetas anteriores, malcriados, inimigos de trazer um papel d'agulha fosse para quem fosse. Não sairia. Itaoca impunha-lhe o sacrificio de ficar.

Mas a tortura do diario chocalhar por sete leguas das visceras do Biriba acabou por desconjuntar nele o cimento da lealdade partidaria. O martir abriu os olhos. Lembrou-se com saudades dos ominosos tempos do coronel Evandro, das delicias do botequim e até do calamitoso periodo da degradação "fosforica". Peorara após o triunfo, não havia duvida.

Este livre exame de conciencia — crêde-me — foi o inicio da queda do coronel Fidencio em Itaoca. Biriba, o firme esteio, apodrecia pelo nabo; viria abaixo, e com ele a cumieira do pardieiro politico. A vibora da traição armara ninho em sua alma.

Como o novo pleito se aproximasse, nova vitoria lhe seria novo trienio de martirio. Biriba ponderou de si para sua egua que a salvação de ambos estava na derrota. Demitiam-no, e ele, veterano e martir do fidencismo, continuaria com jus ao apoio do partido, sem padecer por via cocigiana o contacto odioso das sete horas diarias de socado.

Deliberou trair.

Na vespera da eleição incumbiu-o Fidencio de trazer da cidade um papel importantissimo para o tribofe das urnas. Sei lá o que era! Um "papel". A palavra "papel" dita assim em tom de misterio trás no bojo "coisas"...

Fidencio frisou a gravidade da incumbencia — a maior prova de confiança jamais dada por ele a um cabo eleitoral.

— Veja lá! A nossa sorte está nas suas mãos. Isto é, que é confiança, hein?

Partiu Biriba. Recebeu na cidade o "papel" e rodou para trás. A meio caminho, porém, tomou por uma errada, foi ter à biboca d'um negro velho, soltou a egua, pegou de prosa com o gorila. Caiu a noite: Biriba deixou-se ficar. Alvoreceu o dia seguinte: Biriba quieto. Dez dias se passaram assim. Ao cabo, arreou a egua, montou e botou-se para Itaoca como se nada houvera acontecido.

Digitized by Google

Foi um assombro a sua aparição. Baldadas as tentativas para apanha-lo no dia do pleito e nos posteriores, deram-no como papado pelas onças, ele, egua, mala postal e "papel". Vê-lo agora surgir sãozinho da silva foi um abrir de boca e um pasmar à vila inteira. Que houve? Que não houve?

A todas as perguntas Biriba armava na cara a suprema expressão da idiotia. Nada explicava. Não sabia de nada. Sono cataleptico? Feitiço? Não compreendia o sucedido. Afigurava-se-lhe ter partido na vespera e estar de volta no dia certo.

Ficaram todos maravilhados, com asnissimas caras.

Fidencio delirava na cama, com febre cerebral. Perdera a eleição redondamente. "Derrota fedida", arrotavam os do Evandro, atochando foguetes de assobio.

Em consequencia do inexplicavel eclipse do estafeta, senhoreou-se do rebenque o ex-ominoso Evandro. Começou a derrubada. O olho-da-rua recebeu em seu seio tudo quanto cheirava a fidencismo. A vassoura da demissão, porém, poupou a... Biriba.

O novo cacique aproximou-se-lhe e disse:

— Demiti toda a canalha, Biriba, menos a você. Você é a unica coisa que se salva da quadrilha do Fidencio. Fique sossegado, que do seu lugarzinho ninguem o arranca, nem que o céu chova torquezes.

Pela derradeira vez em Itaoca Biriba balbuciou o "Sim senhor". À noite deu um beijo no focinho da egua e saiu de casa pé ante pé. Ganhou a estrada e sumiu.

E nunca mais ninguem lhe pôs a vista em cima...

1916

Digitized by Google

Meu conto de Maupassant

Conversavam no trem dois sujeitos. Aproximei-me e ouvi:

— "Anda a vida cheia de contos de Maupassant; infelizmente ha pouquissimos Guys...

— "Por que Maupassant e não Kipling, por exemplo?

— "Porque a vida é amor e morte, e a arte de Maupassant é nove em dez um enquadramento engenhoso do amor e da morte. Mudam-se os cenarios, variam os atores, mas a substancia persiste — o amor, sob a unica face impressionante, a que culmina numa posse violenta de fauno incendido de luxuria, e a morte, o estertor da vida em transe, o quinto ato, o epilogo fisiologico. A morte e o amor, meu caro, são os dois unicos momentos em que a jogralice da vida arranca a mascara e freme num delirio tragico.

— "?

— "Não te rias. Não componho frases. Justifico-me. Na vida, só deixamos de ser uns palhaços inconcientes a mentirmos á natureza, quando esta, reagindo, põe a nu o instinto hirsuto ou acena o "basta" final que recolhe o mau ator ao pó. Só ha grandeza, em suma, e "seriedade", quando cessa de agir o pobre jogral que é homem feito, guiado e dirigido por morais, religiões, codigos, modas e mais postiços de sua invenção — e entra em cena a natureza bruta.

— "A proposito de quê tanta filosofia, com este calor de Janeiro?...

O comboio corria entre S. José e Quiririm. Região arrozeira em plena faina do corte. Os campos em séga tinham o aspecto de cabelos louros tosados á escovinha. Pura paisagem europeia de trigais.

A espaços feriam nossos olhos quadros de Millet, em fuga lenta, se longe, ou rapida, se perto. Vultos femininos de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem. Vultos de homens amontoando feixes de espigas para a malhação do dia seguinte. Carroções tirados a bois recolhendo o cereal ensacado. E

Digitized by Google

como caia a tarde e a Mantiqueira já era uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprimadura evanescente do azul, vimos em certo trecho o original do "Angelus"...

— "Já te digo a proposito de quê vem tanta filosofia.

E, enfiando os olhos pela janela, calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando um velho saguaragí avultado á margem da linha e logo sumido para trás, disse:

— "A proposito dessa arvore que passou. Foi ela comparsa no "meu conto de Maupassant".

— "Conta lá, se é curto.

O primeiro sujeito não se ajeitou no banco, nem limpou o pigarro, como é de estilo. Sem transição, foi logo narrando.

— "Havia um italiano, morador destas bandas, que tinha vendola na estrada. Tipo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certo dia — eu era delegado de policia — uns piraquaras vieram dizer-me que em tal parte jazia o "corpo morto" de uma velha, picado á foice.

Organizei a diligencia e acompanhei-os. — "É lá naquele saguaragí", disseram ao aproximarem-se da arvore que passou. Espetaculo repelente! Ainda tenho na pele o arrepio de horror que me correu pelo corpo ao dar uma topada balofa num corpo mole. Era a cabeça da velha, semi-oculta sob folhas secas. Porque o malvado a decepara do tronco, lançando-a a alguns metros de distancia.

Como por sistema eu desconfiasse do italiano, prendi-o. Havia contra ele indicios fortes. Viram-no sair com a foice, a lenhar, na tarde do crime.

Entretanto, por falta de provas foi restituido á liberdade, mau grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu pressentia naquele sordido tipo — e negue-se valor ao pressentimento! — o miseravel matador da pobre velha.

— "Que interesse tinha no crime?

— "Nenhum. Era o que alegava. Era como argumentava a logicazinha trivial de toda a gente. Não obstante, eu o trazia de olho, certo de que era o homicida.

O patife, não demorou muito, traspassou o negocio e sumiu-se. Eu do meu lado deixei a policia e do crime só me ficou, nitida, a sensação da topada mole na cabeça da velha.

Anos depois o caso reviveu. A policia obteve indicios veementes contra o italiano, que andava por São Paulo num grau extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por

Digitized by Google

furtos e bebedices. Prenderam-no e remeteram-no para cá, onde o juri iria decidir da sua sorte.

— "Os teus pressentimentos...

O sujeito sorriu com malicia e continuou.

— "Não resistiu, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz e veio de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; daí por diante (quem o conta é um soldado da escolta) metia amiude os olhos pela janela, preocupado em descobrir qualquer coisa na paisagem, até que defrontou o saguaragí. Nesse ponto armou um pincho de gato e despejou-se pela janela fora. Apanharam-no morto, de cranio rachado, a escorrer a couve-flor dos miolos perto da arvore fatal.

— "O remorso!

— Está aqui o "meu conto de Maupassant". Tive a impressão dele nas palavras do soldado da escolta: "veio de cabeça baixa até S. José, d'aí por diante enfiou os olhos pela janela até enxergar a arvore, e pinchou-se". No progresso ingenuo da narrativa li toda a tragedia intima daquele cerebro, senti todo um drama psicologico que nunca será escrito...

— "É curioso! comentou o outro, pensativamente.

Mas o primeiro sujeito acendeu o cigarro e concluiu sorridente, com pausada lentidão:

—"O curioso é que mais tarde um dos piraquaras denunciadores do crime, e filho da velha, preso por picar um companheiro a foiçadas, *confessou-se tambem o assassino da velhinha, sua mãe...*

— "?

— "Meu caro, aquele pobre Oscar Fingall O" Flahertie Wills Wilde disse muita coisa, quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida.

1915

Digitized by Google

"Pollice verso"

Dos dezesseis filhos do coronel Inacio da Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgara o pai, como quer que o encontrasse na horta interessadissimo em destripar um passarinho agonizante.

— Descobri a vocação do Nico, disse o arguto sujeito à mulher. Dá um otimo esculapio. Inda agorinha o vi lá fora dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim com esse rigor de glotica é coisa inadmissivel aos que avaliam o genero inteiro pela meia duzia de pafuncios agaloados do seu conhecimento. Pois disse. Este coronel Gama abria exceção à regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorara em moço o *Rocambole*, as *Memorias de Um Medico* e acompanhava os debates da Camara com grande admiração pelo Rui Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe daí um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi dona Joaquininha, a avaliar pelo ar emparvecido que deu à cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

— E deixou você que ele cometesse semelhante malvadeza? exclamou a excelente senhora, compadecida.

— Lá vens com a pieguice!... Deixa-lo brincar, que é da idade. Eu em pequeno fazia peores e nem por isso virei nenhum ogre.

(Outra vez! "Ogre!" O homem nascera precioso. Este ogre devia ser reminiscencia do Ogre da Corsega, Napoleão chamado. Perdoem-lho à guiza de compensação à parcimonia da esposa, cujo vocabulario era dos mais restritos).

Dona Joaquina fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia na rêde as folhas recem-chegadas, houve por bem interromper a ingestão

Digitized by Google

de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.

— Uma vez que será medico, não vejo mal em ir-se familiarizando com a anatomia...

— A anatomia está ali! — rematou a encolerizada senhora apontando a vara de marmelo oculta atrás da porta. Eu que saiba que o senhor me anda com judiarias aos pobres animaisinhos, que te disseco o lombo com aquela anatomia, ouviu, sêo carniceiro?

O menino raspou-se; o coronel retomou resignado o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou por ali.

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era às escondidas que "depenava" moscas, brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e asas para gozar o sofrimento dos corpinhos inertes. Aos grilos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos.

Gatos e cães farejavam-no de longe, aterrorizados. Fôra ele quem cortara o rabo ao misero Joli da agregada Emiliana, e era quem descadeirava todos os gatos da fazenda. Isso, longe. Em casa, um anjinho. E assim, anjo internamente e demonio extramuros, cresceu até à mudança de voz. Entrou nesse periodo para um colégio, e deste pulou para o Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis anos do curso, soube-o ele, os amigos e as amigas. Os pais sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se, futuro Torres Homem de Itaoca, onde, vendida a fazenda, então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarreirar o menino, para desbanque dos quatro esculapios locais, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaoquenses à categoria de eguas.

Pelas férias o doutorando aparecia por lá, cada vez "mais outro", desempenado, com tiques de carioca, "ss" sibilantes, roupas caras e uns palavriados tecnicos de embasbacar.

Quando se formou e veio de vez, estava já definitivo, nos vinte e quatro anos. Não se lhe descreve aqui a cara, porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar feições às vezes opostas às descritas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espigado, entre louro e castanho, bonito mas antipatico — com o olhar do Stuart Holmes, diziam as meninas doutoras em cinemas. No queixo trazia barba de medico francês, coisa que muito avulta a ciencia do

Digitized by Google

proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no peludo, convictos de que pegam no melhor.

O doutor Inacinho, entretanto, abborrecia aquele meio acanhado "onde não havia campo".

— "Isto aqui, contava em carta aos colegas do Rio, é um puro degredo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem medicos, perfeitas vacas de Hipocrates, estragadores da pepineira com suas consultinhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de sessenta anos, emerito extrator de bichos de pé e cortador de verrugas com fio de linha. Dá iodureto a todo mundo e tem a imbecilidade de arrotar cepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que estragam o negocio," etc.

Negocio, pepineira, grandes lances — está aqui a psicologia do moço medico. Queria pano verde para as boladas gordas.

— "Além disso, continuava, é-me insuportavel a ausencia da Yvonne e de vocês. Não ha cá mulheres, nem gente com quem uma pessoa palestre. Uma pocilga! As boas pandegas do nosso tempo, hein?"

Ora aqui está: a Yvonne, os amigos, as pandegas foram o melhor do curso. Com mão diurna e noturna manuseou-os a estes tratadistas de anatomia, da fisiologia. da calaçaria, e agora torturavam-no saudades.

Yvonne voltara à patria, deixando cá a meia duzia de amantes que depenara a morrerem de saudades dos seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrelinha do ceu, para que, a tantas, se encontrassem nela os amorosos olhares. Os seis idiotas todas as noites ferravam os olhos, um no "Taureau" (ela distribuira as constelações em francês), outro na "Écrevisse", outro na "Chevelure de Bérenice", o quarto, no "Bélier", o quinto em "Antarés", e o derradeiro na "Épi de la Vièrge".

A garota morria de rir no colo d'um apache monmartrino, contando-lhe a historia comica dos seis parvos brasilicos e das seis constelações respectivas. Liam juntos as seis cartas recebidas a cada vapor, nas quais os protestos amorosos em temperatura de ebulição faziam perdoar a ingramaticalidade do francês antartico. E respondiam de colaboração, em carta circular, onde só variava o nome da estrela e o endereço.

Digitized by Google

Esta circular era o que havia de terno. Queixava-se a rapariga de saudades, "essa palavra tão poetica que fôra aprender no Brasil, o belo país das palmeiras, do céu azul, e dos michês". Acoimava-os de ingratos, já em novos amores, ao passo que a pobrezinha, solitaria e triste "comme la jurity", consagrava os dias a rememorar o doce passado.

Eis explicada a razão pela qual, nas noites limpidas, ficava Inacinho à janela, pensativo, de olhos postos na "Chevelure de Bérenice".

O sonho do moço era enriquecer às rapidas para reatar a gostosura do idilio interrompido.

— Paris!... balbuciava a meia voz nos momentos de devaneio, semi-cerrando os olhos no antegozo do paraiso. Sonhava-se lá, riquinho, com Yvonne pelo braço, flanando no "Bois", tal qual nos romances; e a realização deste sonho era o alvo de todos os seu anélos. Jurara à amiga ir ter com ela, logo que a prosperidade lhe abastasse meios. O tempo, entretanto, corria sem que nenhuma piabanha de vulto lhe caisse na rêde. Tardava a bolada...

Entre os medicos antigos de Itaoca o doutor Inacinho gozava pessimo renome — se renome pessimo pode ser coisa de gozo.

— Uma bestinha! dizia um. Eu fico pasmado mas é de sairem da Faculdade cavalgaduras daquele porte! É medico no diploma, na barbicha e no anel do dedo. Fora d'aí, que cavalo!

— E que topete! acrescentava outro. Presumido e pomadista como não ha segundo. Não diz humores ou sifilis; é *mal luetico*. Eu o que queria era pilha-lo numa conferencia, para escachar...

O pai, já viuvo então, esse babava-se d'orgulho. Filho medico, e ainda por cima destabocado e bem falante como aquele... Era de moer de inveja aos mais. Enlevava-o, sobretudo, o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da ciencia alopata, coisas em grego e latim, circunvolve naquela cabecinha, disse ele uma vez ao vigario, que o olhou de revés, por cima dos oculos, ao som daquele mirifico circunvolve.

E assim corria o tempo, entre as diatribes das duas ciencias, a moça e a velha, com entremeios dos belos vocabulos que o coronel nunca perdia de meter na falação.

Digitized by Google

Entrementes adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com trezentas apolices federais, o Rockefeller de Itaoca. Deu-lhe uma subita aflição, uma canseira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa, acalmou ele.

— Passará ou não!... O melhor é chamar um medico.

— Qual, medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como pretendia. À noite agravou-se-lhe o mal estar, e o velho, apreensivo, cedeu às instancias da esposa. Chamar a qual deles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre! retrucou o doente. Aquilo é homem mal azarado. Pois não foi quem tratou o Zéca, o Peixoto, o Jeronimo? E não esticaram a canela todos tres?

— O doutor Fortunato, então...

— O Fortunato! Já esqueceu você do que me ele fez por ocasião do juri, o tranca? Cobrar cincoenta mil reis por um atestado falso! Não me pilha mais um vintem, o pirata...

No doutor Elesbão não se falou: era adversario politico.

— Chama-se o Galeno...

— É tão mosca-morta o Galeno... gemeu o doente com cara de desconsolo. Andou anos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto quando um curandeiro da roça o pôs sanissimo, com um côco da Baía comido em jejum. Eram solitarias, os diabetes do homem... Só se vier o filho do Inacio?!

Aqui foi a mulher quem protestou.

— Eu, a falar a verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!... interrompeu o velho, num assomo de rancor politico.

— ... do que a antipatia do tal doutorzinho. Os outros ao menos têm a experiencia da vida, ao passo que este...

— Este, quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito, que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Qual!... emberrinchou o teimoso. Sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a pôs boa num apice?

— Tambem que doença! Prisão de ventre...

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que a curou. Mande chamar o menino.

Digitized by Google

— Olhe, olhe! Depois não se arrependa!...

— Mande, mande chama-lo e já, que não me estou sentindo bem.

Inacinho veio. Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou-o com o semblante carregado e disse, depois de longa pausa:

— Não diagnostíco por enquanto, porque não sou leviano como "certos" por aí. Sem auscultação estetoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.

— Vê? disse Mendanha à esposa, logo que o moço partiu. Fosse o Moura, ou qualquer dos tais, e já d'ali da porta vinha berrando que era isto mais aquilo. Este é conciencioso. Quer fazer uma auscultação, quê?

— Estereoscopica, parece.

— Seja o que fôr. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.

Voltou o moço logo depois, e com grande cerimonial aplicou o instrumento no peito magro do doente. Vincou de novo a fisionomia das rugas da concentração e concluiu com imponente solenidade:

— E' uma pericardite aguda agravada por uma flegmasia hepatico-renal.

O doente arregalou o olho. Nunca imaginara que dentro de si morassem doenças tão bonitas, embora incompreensiveis.

— E é grave, doutor? perguntou a mulher, assustada.

— É e não é! respondeu o sacerdote. Seria grave se, modestia de lado, em vez de me chamarem a mim chamassem a um desses matassanos que por aí rabulejam. Comigo é diferente. Tive no Rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais graves e a nenhum perdi. Fique descansada que porei o seu marido completamente são dentro de um mês.

— Deus o ouça! rematou a mulher, acompanhando-o até à porta já reconciliada com a "antipatia".

— Então? perguntou-lhe o doente. Fiz ou não fiz bem em chamar este moço?

— Parece... Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim, reguingou o velho. Os que sabem, conhecem-se por meia duzia de palavras, e este moço, ou muito me engano ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se lá consigo ao imaginar as doencinhas caseiras ... o Fortunato descobriria nele...

Digitized by Google

A doença do major Mendanha ninguem descobriu qual fosse. O lindo diagnostico de Inacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Bacorejara ao moço que o velho tinha o coração fraco e qualquer maromba no figado. Isto, porque lhe doia, a ele, aqui no "vazio"; aquilo por ser natural em organismo já quebrado pelos anos. Mero palpite. Confessa-lo com esta sencerimonia, porém, seria fazer clinica à moda do Fortunato, e desmoralizar-se. Além do mais, quem sabe lá se não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Inacio não enxergava em Mendanha o doente, mas uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo. A saude do velho importava-lhe tanto como as estrelas do céu — exceção feita à "Cabeleira de Berenice". Como desadorasse a medicina, não vendo nela mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer lhe interessava o "caso clinico" em si, como a muitos. Queria dinheiro, porque o dinheiro lhe daria Paris, com Yvonne de lambuja. Ora, o major tinha trezentas apolices... Dependia pois da sua artimanha malabarizar aquele figado, aquele coração, aquelas palavras gregas e, num prestidigitar manhoso, reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem sonantes.

Mandou carta à francesinha: "Os negocios melhoraram. Estou metido em uma empresa que se me afigura rendosa. Saindo tudo a contento, tenho esperanças de inda este ano beijar-te sob a luz da terna confluente dos nossos olhares..."

O velho peorou com a medicação. Injeções hipodermicas, capsulas, pilulas, poções, não houve terapeutica que se não experimentasse desastrosamente.

— É mais grave o caso do que eu supunha — disse o doutor à mulher — e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir conferencia medica. Os colegas da terra são o que a senhora sabe; entretanto, submeto-me a ouvi-los.

— Não, doutor! Mendanha não quer ouvir falar nos seus colegas; só tem confiança no doutor Inacio Gama.

— Nesse caso...

Inacinho voltou para casa esfregando as mãos. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis. Paris corria-lhe ao encontro...

Mau grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o raio do major apresentou melhoras. Sarava, o patife! E a Inacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquela arribação o homem se punha de pé.

Digitized by Google

Fez os calculos: trinta visitas, trinta injeções e tal e tal: tres contos. Uma miseria! Se morresse, já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta.

Era costume dos tempos fazerem-se os medicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos em casos de cura aí com centenas de mil réis, em caso de morte reputavam-se em contos. Se os interessados relutavam no pagamento, a questão subia aos tribunais, com base no arbitramento. Os arbitros, mestres do mesmo oficio, sustentavam o pedido por coleguismo, dizendo em latim: *Hodie mihi, cras tibi,* cuja tradução medica é: prepare-se você para me fazer o mesmo, que tambem pretendo dar a minha cartada.

Inacio ponderou tudo isto. Mediu prós e contras. Consultou acordãos. E tão absorvido no problema andou que à noite se deixava ficar à janela até tarde, mergulhado em cismas, sem erguer os olhos para a Berenice estelar.

O que a sua cabeça pensou ninguem o saberá jamais. Têm as ideias para esconde-las a caixa craniana, o couro cabeludo, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a mentira do olhar e a hipocrisia da boca. Assim entrincheiradas, elas, já de si imateriais ficam inexpugnaveis à argucia alheia. E vai nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sublunar. Fosse possivel ler nos cerebros, claro como se lê no papel, e a humanidade crispar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era o Inacinho, supomos que meteu em equação o problema das duas vidas.

Primeira hipotese:

Cura do major = tres contos.
Tres contos = Itaoca, pasmaceira, etc....

Segunda hipotese:

Morte do major = trinta contos.
Trinta contos = Paris, Yvonne, "Bois"...

Depois desta solida matematica, esta anavalhante filosofia. "A morte é um preconceito. Não ha morte. Tudo é vida. Morrer é transitar de um estado para outro. Quem morre, transforma-se. Continúa a viver inorganicamente, transmutado em gases e sais, ou organicamente, feito Lucilias, Necroforas e uma centena de outras vidinhas esvoaçantes. Que importa para a universal harmonia das coisas esta ou

Digitized by Google

aquela forma? Tudo é vida. A vida nasce da morte. Eu preciso, eu "quero" viver a minha vida. Ha obices no caminho? Afasto-os..."

Fiquemos por aqui. Não ha tempo para filosofias, porque o Major Mendanha peorou subitamente e lá agoniza. Morreu.

O atestado de obito deu como "causa-mortis" flegmatite complicada com necrose elipsoidal. Podia batiza-la de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer à grega.

Morreu, e está dito tudo. Morreu, e o doutor Inacinho apresentou no inventario uma conta de chegar: trinta e cinco contos de réis.

Os herdeiros impugnaram o pagamento. Move-se a traquitana da Justiça. Moi-se o palavriado tabelionesco. Saem das estantes carunchosos trabucos romanos. Procede-se a arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quais disseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e ainda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento, alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha duzentos. Que valha um conto, ou tres. Mas trinta e cinco? E' ser ladrão!...

No laudo, entretanto, acharam relativamente modico o pedido — sem dizer relativo ao que.

A Justiça enguliu aquele papel, gestou-o com outros ingredientes da praxe e, a cabo de prazos, partejou um monstrozinho chamado sentença, o qual obrigava o espolio a aliviar-se de trinta a cinco contos de réis em proveito do medico, mais as custas da esvurmadela forense. Inacinho, radiante, embolsou os cobres e reconciliou-se com os dois colegas que, afinal de contas, não eram os cretinos que supusera.

— Colegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte!

— Pois está visto! disse Fortunato. Tolo andou você em abrir luta com os que ajudam o negocio. O coleguismo: eis a nossa grande força!...

— Tem razão, tem razão. Criançada minha. ilusões, farofas que a idade cura...

Que mais? Que voou a Paris? E' claro. Voou e lá está sob o palio da grenha astral, a passear com a Yvonne no "Bois".

Digitized by Google

Ao pai escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilização! Vou diariamente à Sorbonne ouvir as lições do grande Doyen e opero em tres hospitais. Voltarei não sei quando. Fico por cá durante os trinta e cinco contos, ou mais, se o pai entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.

A Sorbonne é o apartamento em Montmartre onde compartilha com o apache da Yvonne o dia da rapariga. Os tres hospitais são os tres cabarés mais à mão.

Não obstante, o pai cismou naquilo cheio d'orgulho, embora pesaroso: não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas pairava o Nico — o Nico do sanhaço estripado... Em Paris! Na Sorbonne!... Discipulo querido do Doyen, o grande, o imenso Doyen!...

Mostrou a carta aos medicos reconciliados.

— Isso de hospitais, gemeu o invejoso Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar nos anuncios é de primeirissima.

— E o Doyen? murmurou, baboso, o embevecido pai. Não ha como a gente apropinquar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar ao Fortunato num comentario mudo àquele mirifico apropinquamento. E os dois enxugaram, à uma, os copos da cerveja comemorativa mandada abrir pelo bemaventurado coronel.

1916

Digitized by Google

Bucolica

Tanta chuva hontem!... O cedrão do pasto fendido pelo raio — e hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criancinha ao deixar o banho. Inda ha rolos de cerração vadia nas grotas. O sol já nado e ela com tanta preguiça de recolher os veus de neblina... A vegetação toda a pingar orvalho, bisbilhante de gotas que caem e tremelicam, sorri como em extase. Ha em cada vergontea folhinhas de esmeralda tenra brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia.

Meu Deus! O que vai de aranhois pela relva — nos galhinhos de joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho, tecidos a fio de seda... Compraz-se a noite em agrumar neles milhões de diamantesinhos que a luz da manhã irisa. Malmequeres por toda a parte — amarelos, brancos. E tanta flor sem nome...

— Flor atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo côres de dansa serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dalia, sua majestade a Rosa, o samurai Crisantemo — que fidalguia! Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, pouco maiores do que uma conta de rosario.

Não obstante, vejo nestas mais alma. Leio mil coisas na sua modestia. Lutaram sem treguas contra o solo tramado de raizes concorrentes, contra as geadas, contra as lagartas, contra os bichos que pastam. Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalas, e o perfume agreste que as oloriza, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam, as feiticeirinhas!

São belas, sim — da sua beleza, a beleza selvatica das coisas que jamais sofreram a domesticação do homem.

As flores de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva... As agrestes morrem livres

Digitized by Google

no hastil materno; as fidalgas, na guilhotina da tesoura. Fabula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gas feito de pó em suspensão num mixto de mau azoto e peor oxigenio, ignora o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade. O oxigenio fresquinho foi elaborado naquele momento pela vegetação viçosa. Respira-lo é sorver vida à nascente.

Ali, o rio. Ingazeiros desgalhados pendem e arrepiam-lhe o espelho das aguas. Caem na corrente flores mortas. O movediço esquife condu-las com mimo até à barulhenta corredeira proxima; lá, irritado, amarfanha-as, fa-las pedaços — e as coitadinhas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarelo, ora roxa-terra; aqui, tunel sob a verdura picada no alto de nesgões de luz; além, escampa. Nos barrancos ha tocos de raizes decepadas pelo enxadão, e covas de formigueiros mortos onde as corruilas armam ninho.

Surgem casebres de palha.

Lá na aguada bate roupa uma mulher.

Rumor no mato... Sai dele, de lenha ao ombro, uma cabocla.

— Sinh'Ana, bom dia! Que é do Luiz?

— No eito, coitado.

— Sarou bem?

— Ché que esperança! Melhorzinho. Panaricio é uma festa!...

Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'angico. Borboletas amarelas nos humidos. Parece um debulho de flores de ipê.

— *Zut!*

Uma preá que corta o caminho.

— Péga, Vinagre!

Outra casinha, lá longe. E' a toca do Urunduva, caboclo amaleitado. Este diabo tem no sitio a coisa mais bela da zona — a paineira grande. Dirijo-me para lá. Um carreirinho entre roças, a pinguela, um valo a saltar... Ei-la! Que maravilha!

Digitized by Google

Derreada de flores cor de rosa, parece uma só imensa rosa crespa. Beija-flores como ali ninguem jamais viu tantos. Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está, zunindo. Chegam de longe, todas as manhãs, enquanto dura a festa floral da paineira mãe. Voejam rapidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corola, ora riscando curvas velocissimas, em trabalhos de amor.

Que lindo amor — alado, rutilante de pedrarias!...

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flores que caem regirantes. Se afla mais forte a brisa, despegam-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as arvores do país das fadas...

O Urunduva? E' ele mesmo. Amarelo, inchado, a arrastar a perna...

— Então, meu velho, na mesma?

— Melhorzinho. A quina sempre é remedio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— E'... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ??

— "Não vê" que o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ela — e inda um capadinho de choro. Como este ano carregou demais, vem paina p'r'arrobas. Ele quer aproveitar; derruba e...

— Derruba!...

— Derruba e...

— Por que não colhe a paina com vara, homem de Deus?

— "Não vê que" é mais facil derrubar...

— Derruba!...

Fujo dali com este horrivel som a azoinar-me a cabeça. Aquela maleita ambulante é "dona" da arvore. O Urunduva está classificado no genero "Homo". Goza de direitos. E' rei da criação e dizem que feito à imagem e semelhança de Deus.

Roças de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonizados, e arvores enegrecidas até meia altura, e paulama em carvão. Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenras.

— Derruba!...

Adiante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantas recem-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

Digitized by Google

É aqui o sitio da Maria Veva. Tem ruim fama esta mulher papuda. Má até ali, dizem.

O marido — coitado — um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suã. Ganhou este apelido desde o celebre dia em que a mulher o surrou com um suã de porco. Lá vem ele, de espingardinha...

— Vai caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

— Enterro?...

— Pois morreu lá a menina, a Anica.

— Pobrezinha! De quê?

— A gente sabe? Morreu de morte...

Estupido!

Sem querer dirijo-me para a casa dele. Não gosto da Véva. E' horrenda, beiço rachado, olhar mau — e aquele papo!

— Então, Nha, morreu a menina? Soube-o inda agora pelo Suã...

— E'.

Que resposta seca!

— E de que morreu?

— Deus é quem sabe.

Peste! E como a atrevediça me olha duro! Sinto-me mal em sua presença.

— Adeus, Sicorax!

Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepio caminho, entristecido. A manhã vai alta, já crua de luz. O sol, estupido; o azul, de irritar. Que é dos aranhois? Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza. Estão agora invisiveis, a apanhar insetinhos incautos que Nha Véva Aranha devora. A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma. Está um lugar comum. Não vejo flores, nem passaros. O excesso de luz dilue as flores, o calor esconde as aves. Só um carácará resiste ao mormaço, empoleirado num tronco seco de peroba. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto... E' mulher... Será a Inacia? Vem de trouxa à cabeça. E' ela mesma, a preta agregada aos Suãs.

— Então, rapariga?

Digitized by Google

— Ai, sêo moço, vou-me embora. Alguem ha de ter dó da velha. Na casa da peste papuda, nem mais um dia! Antes morrer de fome...

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu, a pobre, só porque hontem esta sua negra foi no bairro do Liborio e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas de que morreu a menina, criatura?

— Sabe do que morreu? Morreu... de sêde! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.

— ... de seeeede! Meu Deus do ceu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe, má como a irára. Dizia sempre: Pestinha, por que não morre? Boca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo! Isto dizia a mãe — mãe, hein? A Inacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha. Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho d'aquele passarico enfermo. Sete anos assim. Excelente negra!

— Coisa de tres dias, 'garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre. Dei chá de hortelã; nada. Dei cidreira; nada. Sempre a quentura da febre. Disse comigo: — Vou lá no bairro e trago uma dose. Fui, é longinho, tres quartos de legua. O curador me deu a dose, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Liborio. Hoje, manhãzinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vai sarar. Eu que pisei na sala, dou com a menina espichada na esteira, fria. Anica! Anica! Quando vi bem que estava morta de verdade, ah, sêo moço, berrei como nunca na minha vida.

— "Nha Veva, de que jeito morreu Anica, conte, conte!"

Nha Veva quieta, repuxando a boca. Uma pedra! Caí em cima da menina, beijei, chorei. Nisto, uma cotucada — era o Zico, aquele negrinho, sabe? Olhei pr'a ele: fez jeito de me falar longe da tatorana. Lá fora me contou tudo. A menina, des'que eu saí, peorou. Mas quietinha sempre. Noite alta, gemeu.

Digitized by Google

— "Cala a boca, peste!" gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— "Quero agua, nha mãe.

— "Cala a boca, peste!

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho.

— "Quero agua! Quero agua!

Ninguem se mexeu.

— "E tu, negrinho safado, por que não acudiu a menina?

— "Não vê! Eu conheço nha Veva!...

Sêo Pedro, aquele trapo, esse estava na pinga de todo dia. Ninguem na casa para chegar uma caneca d'agua à boca da doentinha. Ela, um chorinho ainda; depois, mais nada. De manhã...

Lagrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dôr escandiam-lhe as palavras.

— De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d'agua. Arrastou-se até lá, o anjinho que nem se mexer na cama podia — e morreu de sêde diante da agua!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal e qual no lugarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sêde, o anjo!

Enxugou as lagrimas na manga.

— Agora, vou no Liborio. Se ele me quiser, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino. Desanimo, lassidão infinita...

1915

Digitized by Google

O mata-pau

Pincaros arriba e perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mataria virgem, sombria e umida, tramada de taquaruçús, afestoada de taquaris, com grandes arvores velhas de cujos galhos pendem cipós e escorrem barbas-de-pau e musgos.

Quem sobe da varzea, depois de transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio tunel vegetal que é ali a estrada inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, pouco afeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a boca, pasmado da paulama. Extasia-se ante a graciosa copa dos samambaiuçús, ante as borboletas azues, ante as orquideas, os liquens, tudo.

Sofrea o animal sem o sentir mas não pára. Vai parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, a fluir entremeio ás pedras, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caeté. Bebida a agua, e dito que nas cidades não ha daquilo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que domina o grotão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta ele ao capataz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e perguntar, porque é duvidoso existir naquelas sertanias exemplar mais truculento da arvore assassina.

Eu, de mim, confesso, fiz as tres coisas. O camarada respondeu á terceira:

— "Não vê" que é um mata-pau.

— E que vem a ser o mata-pau?

— "Não vê que é uma arvore que mata outra. Começa, quer ver como? disse ele escabichando as frondes com o olhar agudo em procura dum exemplar tipico. Está ali um!

— Onde? perguntei, tonto.

— Aquele fiapinho de planta, ali no gancho daquele cedro, continuou o cicerone, apontando com dedo e beiço uma parasita mesquinha grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos escorridos para o solo. Começa "assinzinho",

Digitized by Google

meia duzia de folhas piquiras; bota p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vai indo, sempre naquilo, nem p'ra mais nem p'ra menos, até que o fio alcança o chão. E vai então o fio vira raiz e pega a beber a sustancia da terra. A parasita cria folego e cresce que nem embauva. O barbantinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe — como este guampudo aqui, concluiu, dando com o cabo do relho no meu mata-pau.

— Com efeito! exclamei admirado. E a arvore deixa?

— Que é que ha de fazer? Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas, imagina que é parasita e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Só quando o malvado ganha alento e garra de engrossar, é que a arvore sente a dôr dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso d'aí por diante é o mata-pau. A arvore morre e deixa dentro dele a lenha podre.

Era aquilo mesmo! O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, a desfazer-se em carcoma. Viam-se por ele arriba, intervalados, os terriveis cingulos estranguladores; inuteis agora, desempenhada já a missão constritora, jaziam frouxos e atrofiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratidão. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era creatura simples, pura dos vicios mentais que inoculam livros. Encavalgamos de novo e partimos.

Não longe dali a serra complana-se em rechã e a mata mingôa em capoeira nova, no meio da qual, em terreiro descoivarado, entremostra-se uma tapera. Esverdece o melão de São Caetano por sobre o derruido tapume do quintalejo, onde laranjeiras com herva-de-passarinho e uma ou outra planta domestica marasmam agoniadas pelo mato sufocante.

— Antigo sitio do Elesbão do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que anos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me historia como as quero.

— Mataram-no? Conte-me lá isso como foi.

O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor dela evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca

Digitized by Google

aprendeu a colocação dos pronomes e por isso mesmo narra melhor que quantos por aí sorvem literaturas inteiras, e gramaticas, na ansia de adquirir o estilo. Grandes folhetinistas andam por este mundo de Deus perdidos na gente do campo, ingramaticalissima, porém pitoresca no dizer como ninguem.

Elesbão morava com o pai no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando a puberdade lhe engrossou a voz, disse ao velho:

— Meu pai, quero casar.

O pai olhou para o filho pensativamente; em seguida falou:

— Passarinho cria pena é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que pusesse em prova a sua virilidade.

O pai refletiu e disse:

— Derrube o jataí da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso, bateu firme a manhã inteira. Á hora do almoço, o *pan pan* continuava sem esmorecimento. Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pai, que se acercara do filho exhausto mas vitorioso. Pode casar. É homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das redondezas, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha, bilro sapiroquento de treze anos, feiosa como um rastolho.

— Meu pai, eu quero a Rosinha Póca.

— Case. Mas ouça o que digo. Os Pócas não são boa gente. Os machos ainda servem — o João é um coitado, o Pedro não é má bisca; mas as saias nunca valeram. A mãe da Rosa é falada. Laranjeira azeda não dá laranja lima. Você pense.

— Meu pai, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case.

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechã da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou, armou a choça. Barreadas que foram as paredes, pediu a menina e casou-se.

Rosa só o era no nome. No corpo, simples botão inverniço, desses que melam aos frios extemporaneos de maio. Olhos cozidos e nariz arrebitado, tal qual a mãe. Feia, mas de feiura que o tempo ás vezes conserta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Digitized by Google

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres anos de labuta era já sitiante de monjolo, escaroçador e cevadeira, (1) com dois agregados no eito.

Prole, até esse tempo nenhuma; e isso entristecia a casa. Mas resignavam-se já ao vazio da esterilidade quando certa noite soou choro de criança no terreiro.

Não se conta o terror de ambos — que aquilo era na certa alma penada de criança morta pagã. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo e, acendendo uma braçada de palha, lançou-a fóra pela janela. O terreiro clareou até longe e eles viram, a pouca distancia, uma criaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é absolutamente deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? exclamou ele, saido de um assombro e entrado noutro. E agora?

— Pois é recolhe-la, disse Rosa, cujo instinto de mulher só via no caso um pobre enjeitadinho ao léu, a reclamar conchego.

Recolheu-o Elesbão, depondo o chorincas no colo da esposa. que o estreitou ao seio, acalmando-o, ao mesmo tempo que "assentava" o marido.

— Se não aparecer a mãe, cria-se o aparecido. Faz tanta falta um chorinho por aqui...

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colherem explicativo do estranho caso. Resolveram, pois, adotar o pequeno.

O pai de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio.

Mas como o consulente armasse cara de vacilação, remendou logo a sua filosofia:

— Tambem não é caridade enjeitar um enjeitado, e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno e deu com ele criado á força de leite de cabra e caldinhos.

Á medida que medrava, porém, o menino punha a nú a má indole congenial. Não prometia boa coisa, não.

— Eu avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pai disse tambem que não era caridade enjeitar um enjeitado...

---

1. Aparelho rustico de ralar mandioca.

Digitized by Google

— É verdade, é verdade... confirmou o filosofo de pé-no-chão, e calou-se.

Manoel Aparecido era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados e cabelos louros de milho, denunciadores de origem estrangeira, puseram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço.

Ganhou fama de madraço, e o era perfeito, inimigo de enxada e foice, só atento a negociatas, barganhas, espertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ela da sanha do esposo escondendo suas malandragens, porque Elesbão vivia ameaçando endireita-lo a rabo de tatú.

Não endireitou coisa nenhuma. Com dezoito anos era o Ruço a peste do bairro, atarantador dos pacificos e traiçoeiro para com os escoradores.

— É ruim inteirado! dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta anos. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ela em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e deu-lhe carnes a boa vida. De tal forma consertou que todo o mundo gabava o arranjo.

— Ninguem perca a esperança. Olhem a mulher do Elesbão, aquela Póquinha sapiroquenta, como está chibante!...

A sua boniteza residia na saude dos olhos e na gordura. Na roça, gordura é sinonimo de beleza — gordura e "olhos azues que nem uma conta"...

Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabelos bem alisados para trás, torcidos em pericote lustroso á força de pomada de lima, não havia na serra, pimpona assim, nem moça de fazenda com pai coronel.

Suas relações com o Ruço, maternais até ali, principiaram a mudar de rumo, como quer que espigasse em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro — medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta das Pócas, desmentida no decurso da primavera, reafirmava-se em plena sazão calmosa. O verão das Pócas! Que forno...

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia maromba daqueles amores. Boas linguas, e más, boquejavam o quasi incesto.

Quem de nada nunca suspeitou foi o honradissimo Elesbão; e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vida das tres criaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Digitized by Google

Foi quando caiu de cama o pai de Elesbão, doente de velhice.

Mandou chamar o filho e falou-lhe com voz de quem está com o pé na cova:

— Meu filho, abra os olhos com a Póca...

— Por que fala assim, meu pai?

O velho ouvira o zunzum da má vida; vacilava, entretanto, em abrir os olhos ao empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça do filho, afagou-a e morreu sem mais palavra. Sempre fora amigo de reticencias, o bom velho.

Elesbão regressou ao sitio com aquele aviso a verrumar-lhe os miolos. Passou dias de cara amarrada, acastelando hipoteses.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa caiu em guarda. Chamou de banda o Ruço e disse-lhe:

— Lesbão, des'que morreu o pai, anda amóde que hervado. Mas não é sentimento, não. Ele desconfia... Ás vezes pega de olhar para mim d'um jeito exquisito, que até me gêa o coração...

Manoel segurou o queixo e refletiu. Continuar naquela vida era arriscado. Ir-se, peor; nada possuia de seu e trabalhar para outrem não era com ele. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amasios. Mas Elesbão morreu. E como!

Certa vez, de volta da vila proxima ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, barbaramente foiçado na nuca. Descobriram-lhe o cadaver pela manhã, bem rente ao mata-pau.

A justiça, coitadinha, apalpou d'aqui e d'ali, numa cegueira... Desconfiou-se do Ruço — mas ca dê provas? Era o Ruço mais fino que o delegado, o promotor, o juiz — mais até que o vigario da vila, um padre gozador de fama de enxergar através das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado — fosse de sentimento, de remorso ou para iludir aos outros. Talvez sem calculo nenhum pelos tres motivos.

Manoel permaneceu em casa. Viviam como filho e mãe, dizia ela; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sitio, porém, entrou logo a desmedrar. Comiam do plantado, sem lembrança de meter na terra novas sementes.

Digitized by Google

O moço ambicionava vender as benfeitorias para mergulhar no Oéste, e como Rosa relutasse deu de maltrata-la.

Estes amores serodios são como a vide: mais judiam deles, mais reviçam. Ás brutalidades do Ruço respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão no fim anunciava a invernia proxima, chamejava em fogo bravo, desses que roncam nas retranças dos taquaruçuzais. E isso vingava Elesbão, esse amor sem jeito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso sobre sacrilego e, o que era peor, aborrecido pelo facinora, já farto.

— Coróca! Sapiquá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto com o peão do veneno plantado na nota da velhice que lhe não desfechasse, o monstro.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar tesas de goma, pericote luzidio rescendente a lima, quando mais?

Os vizinhos comentavam:

— O Ruço dá cabo dela, como deu cabo do marido — e é bem feito.

Voz do povo...

Um dia o Ruço ameaçou de larga-la, se não vendesse tudo, já e já; e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatela o que restava acumulado pelo esforço do defunto — a moenda, o monjolo, a casa, o canavial em sóca. E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite Rosa despertou sufocada por violenta fumaceira. A casa ardia. Saltou como louca da enxerga e berrou pelo Ruço.

Ninguem lhe respondeu.

Atirou-se contra a porta: estava fechada por fóra. O instinto fe-la agarrar o machado e romper a furiosos golpes as tabuas rijas. Escapa-se da fornalha, rola para o terreiro com as vestes em fogo, precipita-se no tanque e, livre das chamas, cai inerte para um lado — justamente onde vinte anos atrás vira o enjeitadinho chorando ao relento...

Quando de manhã passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados, muda. Levaram-na em maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juizo. Foi feliz,

Digitized by Google

Rosa. Enlouqueceu no momento preciso em que seu viver ia tornar-se-lhe puro inferno.

— E o Ruço?

— Abalou com o dinheiro...

Aí parava a historia do Elesbão, como a sabia o meu camarada. Um crime vulgar como os ha na roça ás dezenas, se a lembrança do mata-pau o não colorisse com tintas de simbolo.

— Não é só no mato que ha mata-paus!... murmurei eu filosoficamente, á guiza de comentario.

O capataz entreparou um momento, como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse aí uma palavra que merece escrita. É tal e qual...

E calou-se, de olho parado, pensativo.

1915

Digitized by Google

Bocatorta

A quarto de legua do arraial do Atoleiro começam as terras da fazenda de igual nome, pertencente ao major Zé Lucas. Permeio entre o povoado e o estirão das matas virgens dormita de papo acima um famoso pantano. Pégo de insidiosa argila negra fraldejado de velhos guembês nodosos, a tabôa esbelta cresce-lhe á tona, viçosa na folhagem erectil que as brisas tremelicam. Pela inflorescencia, longas varas soerguem-se a prumo, sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batuira de longo bico, e saltita pelas hastes a corruila do brejo, cujo ninho bojudo se ouriça nos espinheiros marginais. Fóra disso, rãs, mimbuias pensativas e, a rabear nas poças verdinhentas de algas, a traira, esse voraz esqualozinho do lodo. Um brejo, enfim, como cem outros.

Notabiliza-o, porem, a profundidade. Ninguem ao ve-lo tão calmo sonha o abismo traidor oculto na verdura. Dois, tres bambús emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se na lama sem alcançar pé.

Além de varios animais sumidos nele, conta-se o caso do Simas, português teimoso que, na birra de salvar um burro já atolado a meio, se viu engulido lentamente pelo barro maldito. Desd'aí ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das bocas do proprio inferno.

Transposto o abismo a vegetação encorpa, até erguer-se na mata por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda.

Pela manhã daquele dia passara por ali o trole do fazendeiro, de volta da cidade. Além do velho, de sua mulher, Don'Ana e de Cristina, a filha unica, vinha a passeio o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. Chegaram e agora ouviam na varanda, da boca do Vargas, fiscal, a noticia do sucedido durante a ausencia. Já contara Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

Digitized by Google

— Porcos, têm sumido alguns. Uma leitôa rabicó e um capadete malhado dos "Polanchan" (1), ha duas semanas que moita. Para mim — ninguem me tira da cabeça — o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava se alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquilo, Deus me perdoi, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar...

O major sorriu àquele "querem". Vargas, com ojeriza velha ao misero Bocatorta, não perdia ensanchas de lhe atribuir maleficios e de estumar o patrão a corre-lo das terras — que aquilo, Nossa Senhora! até enguiçava uma fazenda...

Interessado, o moço indagou da estranha creatura.

— Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda, respondeu o major. Filho d'uma escrava de meu pai, nasceu, o misero, disforme e horripilante como não ha memoria de outro. Um monstro, de tão feio. Ha anos que vive sozinho, escondido no mato, donde raro sai e sempre de noite. O povo diz dele horrores — que come crianças, que é bruxo, que tem partes com o demo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm-lhe por conta. Para mim, é um pobre diabo cujo crime unico é ser feio demais. Como perdeu a medida, está a pagar um crime que não cometeu...

Vargas interveio, cuspilhando com cara de asco:

— Se o doutorzinho o visse!... É a coisa mais nojenta deste mundo.

— Feio como o Quasimodo?

— Esse não conheço, sêo doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa adiante do... como é?

Eduardo apaixonava-se pelo caso.

— Mas, amigo Vargas, feio como? Por que feio? Explique-me lá essa feiura.

Grande parola quando lhe davam trela, Vargas entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre num juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumiando; meta a faca nos beiços e saque fóra os dois; 'rranque os dentes e só deixe um tôco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdoi. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse. Corra o mundo campeando feiura braba e aplique o peor no estupor. Quando acabar

1. Poland China.

Digitized by Google

'garre no juda e ponha rente de Bocatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!...

Eduardo desferiu uma gargalhada.

— Você exagera, Vargas. Nem o diabo é tão feio assim, criatura de Deus!

— Homem, sêo doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquilo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero ve-la. Um horror desse naipe merece bem uma pernada.

Neste comenos surgiu Cristina à porta, anunciando café na mesa.

— Sabe? disse-lhe o noivo. Temos um belo passeio em perspectiva: desentocar um gorila que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

— Bocatorta? exclamou Cristina com um reverbero de asco no rosto. Não me fale. Só o nome dessa criatura já me põe arrepios no corpo.

E contou o que dele sabia.

Bocatorta representara papel saliente em sua imaginação. Pequenita, amedrontavam-na as mucamas com a cuca, e a cuca era o horrendo negro. Mais tarde, com ouvir às crioulinhas todos os horrores correntes à conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicavel pavor ao notambulo. Houve tempo no colegio em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelara: Bocatorta a persegui-la, e ela, em transes, a fugir. Gritava por socorro, mas a voz lhe morria na garganta. Despertava arquejante, lavada em suores frios. Curou-a o tempo, mas a obsessão vincara fundos vestigios em su'alma.

Eduardo, não obstante, insistia.

— É o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto crú da realidade para desmanchar exageros de imaginação. Vamos todos, em farrancho — e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez d'um monstro, um simples desgraçado digno do teu dó.

Cristina consultou-se por uns momentos e,

— Póde ser, disse. Talvez vá. Mas não prometo! Na hora verei se tenho coragem...

A maturação do espirito em Cristina desbotara a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacilava. Renascia o medo antigo, como renasce a encarquilhada rosa de Jericó ao contacto de humilima gota d'agua. Mas vexada de aparecer aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria; desde esse instante, porém, uma imperceptivel sombra anuveou-lhe o rosto.

Digitized by Google

Ao jantar foram o assunto as novidades do arraial — eternas novidades de aldeia, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casara um boticario e morrera uma menina de quatorze anos, muito chegada à gente do major. Particularmente condoida, Don'Ana não a tirava da ideia.

— Pobre da Luizinha! Não me sai dos olhos o jeito dela, tão galante, quando vinha aqui pelo tempo das jaboticabas. Ali, naquela porta — "Dá licença, Don'Ana!" — tão cheia de vida, vermelhinha do sol... Quem diria...

— E ainda por cima a tal historia do cemiterio... interveio Cristina. Papai soube?

Corriam no arraial rumores macabros. No dia seguinte ao enterramento o coveiro topou a sepultura remexida, como se fôra violada durante a noite; e viu na terra fresca pegadas misteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo. Já duma feita sucedera caso identico por ocasião da morte da Sinhazinha Esteves; mas todos duvidaram da integridade dos miolos do pobre coveiro sarapantado. Esses incréus não mofavam agora do visionario, porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o fato, confirmavam-no.

Imbuido do cepticismo facil dos moços da cidade, Eduardo meteu a riso a coisa com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça, d'uma folha d'embauva pendurada no barranco faz logo, pelo menos, um lobishomem e tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Aí está todo o grande misterio!

Cristina objetou:

— E os rastos?

— Os rastos! Estou a apostar como tais rastos são os do proprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

— E o padre Lisandro? acudiu Don'Ana, para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e, trincando um rabanete, expectorou:

— Ora, o padre Lisandro! Pelo amor de Deus, Don'Ana! O padre Lisandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquele tipo, os quais, no correr do tempo, vieram a explicar-se naturalmente, com grande cara d'asno dos coveiros e Lisandros respectivos.

Cristina ouviu, com o espirito absorto em cismas, a bela demonstração geometrica. Don'Ana concordou da boca para

Digitized by Google

fôra, por delicadeza. Mas o major, esse não piou sim nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não afirmar com despotismo, nem negar com "oras".

— Ha muita coisa estranha neste mundo... disse, traduzindo involuntariamente a safada replica de Hamlet ao cabeça forte do Horacio.

Zangara o tempo quando à tarde o rancho se pôs de rumo ao casebre de Bocatorta.

Ventava. Rebojos de nuvens prenhes sorviam as ultimas nesgas do azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos que, a passos tardos, seguiam comentando a bôa composição do futuro casal. Não havia nisso exagero de pais. Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão, e Cristina era um ramalhete completo das graças que os dezoito anos costumam compor.

Donaire, elegancia, distinção... pintam lá vocabulos esbeiçados pelo uso esse punhado de quês particularissimos, cuja soma a palavra "linda" totaliza?

Labios de pitanga, a magnolia da pele acesa em rosas nas faces, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o "linda!" dito sem mais enfeites além do ponto de admiração.

Ve-la mordiscando o hastil d'uma flor de catingueiro colhida à beira do caminho, ora risonha, ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas temporas, ve-la assim formosa no quadro agreste d'uma tarde de junho, era compreender a expressão dos roceiros: Linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo, tinha-os Cristina de alta beleza. Naquela tarde, porém, as sombras de sua alma coavam neles penumbras de estranha melancolia. Melancolia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo esfriava amiude ante suas repentinas fugas. Ele a percebia distante, ou pelo menos introspectiva em excesso, reticencia que o amor não vê de bôa cara. E à medida que caminhavam recrescia aquela exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe a alma de voejos pressagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem a ternura do noivo, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra, eram de molde a esgarçar a misteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpelou-a:

— Que tens hoje, Cristina? Tão sombria...

Digitized by Google

E ela, num sorriso triste:

— Nada!... Por que?

Nada... É sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconciente, como sutilissimos ziguezagues de sismografo em prenuncio de remota comoção telurica. Mas esses nadas são tudo!...

— Á esquerda, pelo trilho!

A voz do major chamou-os à realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se coleante até à beira d'um corrego, onde se reuniram de novo.

O major tomou à frente, e guiou-os floresta a dentro pelos meandros d'uma picada. Era alí o mato sinistro onde se alapavam Bocatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do povileu. Às sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio, com lamentosos uivos à lua e abocamentos às pobres almas penadas — coisa muito de arrepiar.

O sombrio da mata enoiteceu de vez o coração de Cristina.

— Mas, afinal, para onde vamos, meu pai? Afundar no atoleiro, como o Simas? Meu pai já fez o testamento?

— Já, minha filha, chasqueou o major — e deixo o Bocatorta para você...

Cristina emudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outr'ora e foi com um estremecimento arrepiado que ouviu o ladrido proximo de um cão.

— É Merimbico, disse o velho. Estamos quasi.

Mais cem passos e a mata rasgou-se em clareira, na qual Cristina entreviu a biboca do negro. Fez-se toda pequenina e achegou-se a Don'Ana, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— Peor que medo, mamãe; é... não sei que!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. À laia de paredes, paus a pique mal juntos, entressachados de ramadas secas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapé no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem agachado.

— Olá, caramujo! Sai da toca, que está cá o sinhô moço, e mais visitas! gritou o major.

Digitized by Google

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Cristina sentiu correr na pele o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercivel movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro saiu da cova meio de rastos, com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços, e a traparia imunda que lhe escondia o resto do corpo, entremostrando nos rasgões o negror da pele craquenta.

Cristina escondeu o rosto no ombro de Don'Ana — não queria, não podia ver.

Bocatorta excedeu a toda pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca. Não tinha beiços, e as gengivas largas, violaceas, com raros cotos de dentes bestiais fincados às tontas, mostravam-se cruas, como enorme chaga viva. E torta, posta de viés na cara, num esgar diabolico, resumindo o que o feio pode compor de horripilante. Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer daquela criatura a culminancia da ascosidade, a natureza malvada fôra além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a forma do pé humana. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veiados de sangue na esclerotica amarela. E pele grumosa, escamada de escaras cinzentas. Tudo nele quebrava o equilibrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em criar a sua obra prima.

À porta do casebre, Merimbico, cachorro atôa, todo ossos, pele e bernes, rosnava contra os importunos.

Don'Ana e a filha afastaram-se, engulhadas. Só os homens resistiram à nauseante vista, embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jamais experimentada, misto de asco, piedade e horror. Aquele quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as ideias. Estarrecido como em face da Gorgona, não lhe vinha palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua com o monstro, que, em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho, arregaçou na cara um riso. Eduardo não teve mão de si. Aquele riso naquela cara sobrexcedia a sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto e se foi para onde as mulheres, murmurando:

— É demais! É de fazer mal a nervos de aço...

Seus olhos encontraram os de Cristina e neles viram a expressão de pavor da preá engrifada nas puas da suindara — o pavor da morte...

Digitized by Google

Quando deixaram a floresta, morria a tarde sob o chicote d'um vento precursor de chuva.

— Foi imprudencia, Cristina, vires sem um chalinho de cabeça ao menos!... Queira Deus...

A moça não respondeu. D'olhos baixos, retransida, respirava a largos haustos, para desafogo d'um aperto de coração nunca sentido fóra dos pesadelos.

Generalizara-se o silencio. Só o major tentava espanejar a impressão penosa, chasqueando ora o terror da filha, ora o asco do moço; mas breve calou-se, ganho tambem pelo mal estar geral.

Triste anoitecer o daquele dia, picado a espaços pelo surdo revôo dos curiangos. O vento zunia, e numa lufada mais forte trouxe da mata o uivo plangente de Merimbico. Ao ouvi-lo, um comentario apenas escapou da boca do major:

— Diabo!

Fechara-se a noite e vinham as primeiras gotas de chuva quando pisaram o alpendre do casarão.

Cristina sentiu pelo corpo inteiro um calafrio unico, como se a sacudisse a corrente eletrica.

No dia seguinte amanheceu febril, com ardores no peito e tremuras amiudadas. Tinha as faces vermelhas e a respiração opressa.

O reboliço foi grande na casa.

Eduardo, mordido de remorsos, compulsava com mão nervosa um velho Chernoviz, tentando atinar com a doença de Cristina; mas perdia-se sem bussola no baratro das molestias. Nesse em meio Don'Ana esgotava o arsenal da medicina anodina dos simplices caseiros.

O mal, entretanto, recalcitrava às chasadas e sudoriferos. Chamou-se o boticario da vila. Veio a galope o Eusebio Macario e diagnosticou pneumonia.

Quem já não assistiu a uma dessas subitaneas desgraças que de golpe se abatem, qual negro avejão de presa, sobre uma familia feliz, e estraçoam tudo quando nela representa a alegria, a esperança, o futuro?

Noites em claro, o rumor dos passos abafados... E o doente a peorar... O medico da casa, apreensivo, cheio de vincos na testa... Dias e dias de duelo mudo contra a molestia incoercivel... A desesperança, afinal, o irremediavel antolhado iminente; a morte pressentida de ronda ao quarto...

9 Digitized by Google

Ao oitavo dia foi Cristina desenganada; no decimo o sino do arraial anunciava o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofadas do leito, repetindo cem vezes a mesma palavra.

— Morta...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo, e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som ôco de sentido!

A imagem de Cristina morta, a esfervilhar na dissolução dentro da terra gelada, contrapunha-se às visões da Cristina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnara sua alma. Cerrando os olhos, revia-a durante o passeio fatal, envolta nas brumas de vagos pressentimentos. Vinham-lhe à memoria as suas palavras dubias, a sua vacilação. E arrepelava-se por não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa secreta que tenazmente a defendia. Tais pensamentos, enxameantes como moscas em torno à carne viva de sua dôr, coavam nele venenos crueis.

Fóra, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Cristina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!...

Espezinhado pela fria indiferença das coisas, fechou-se na clausura de si proprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar sob a pata cega do destino.

Correram horas. Noite alta, acudiu-lhe a ideia de ir ao cemiterinho beijar num ultimo adeus o tumulo da noiva.

Por sobre a vegetação adormecida coava-se o palor cinerio da mingoante. Raras estrelas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão — Merimbico talvez — a escandir o concerto das untanhas que coaxavam glú-glús nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio. Estava encadeado o portão. Apoiou a testa nos frios varões ferrujentos e mergulhou os olhos queimados de lagrimas por entre os carneiros humildes, em busca do que recebera Cristina.

No ar, um silencio de eternidade.

Brisas intermitentes carreavam o olor acre dos cravos-de-defunto floridos na tristeza daquele cemiterio da roça.

Digitized by Google

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde Cristina dormia o grande sono, quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar do chão em raspões cautelosos, ao qual se casava o resfolego sofrego d'uma criatura viva.

Pulsou-lhe violento o sangue. Os cabelos cresceram-lhe na cabeça. Alucinação? Apurou os ouvidos: o rumor estranho lá continuava, vindo de um ponto sombreado de ciprestes. Firmou a vista: qualquer coisa agachava-se na terra.

Subito, num relampago, fulgurou em sua memoria a cena do jantar, o caso da Luizinha, as palavras de Cristina. Eduardo sentiu arrepiarem-se-lhe os cabelos e, ganho d'um panico desvairado, deitou a correr como um louco rumo à fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, lavado em suor frio, despertando de sobressalto a familia.

Com gritos de espanto, que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam, exclamou entre arquejos:

— Estão desenterrando Cristina... Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

— Que loucura é essa, moço?

— Eu vi... continuava Eduardo com os olhos desmesuradamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Cristina...

O major apertou entre as mãos a testa. Esteve assim, imovel, uns instantes. Depois sacudiu a cabeça num gesto de decisão e, horrivelmente calmo, murmurou entre dentes, como em resposta a si proprio:

— Será possível, meu Deus?

Vestiu-se de golpe, meteu no bolso o revolver e atirando tres palavras enigmaticas à estarrecida Don'Ana gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

Magnetizado pela energia do velho, o moço acompanhou-o, qual sonambulo.

No terreiro apareceu-lhes o capataz.

— Venha conosco. A "coisa" está no cemiterio.

Vargas passou mão de uma foice.

— Vai ver que é ele, patrão, até juro!

O major não respondeu — e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra.

A meio caminho Eduardo, exhausto de tantas comoções, atrasou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao

Digitized by Google

defrontar com o atoleiro, a perna lhe fraqueou de vez e ele caiu, ofegante.

Entrementes, o major e o feitor alcançavam o cemiterio, galgavam o muro e aproximavam-se como gatos do tumulo de Cristina.

Um quadro hediondo antolhou-se-lhes de golpe: um corpo branco jazia fóra do tumulo — abraçado por um vulto vivo, negro e coleante como o polvo.

O pai de Cristina desferiu um rugido de féra, e qual féra mal ferida arrojou-se para cima do monstro. A hiena, mau grado a surpresa, escapou ao bote e fugiu. E, coxeando, cambaio, semi-nu, de tropeço nas cruzes, a galgar tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante criatura, Bocatorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo, que concentrava todas as forças para seguir de longe o desfecho do drama, viu passar rente de si o vulto asqueroso do necrofilo, para em seguida desaparecer mergulhado na massa escura dos velhos guembês.

Voando-lhe no encalço, viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa, em que só lhe feriu o ouvido o rumor da correria. Depois, gritos de colera, d'envolta a um grunhir de queixada caido em mundeu — e tudo se misturou no barulho da luta que o uivo de Merimbico dominava lugubremente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria nas unhas d'um pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor, esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire, major, ele não merece bala. P'ra que serve o atoleiro?

E logo após Eduardo sentiu recrudecer a luta, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro. E ouviu farfalhar o mato, como se por ele arrastassem um corpo manietado, a debater-se em convulsões violentas. E ouviu um rugido cavo de supremo desespero. E após, o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista; seus ouvidos cessaram de ouvir; seu pensamento adormeceu...

Quando voltou a si, dois homens lhe borrifavam o rosto com agua gelada. Encarou-os, marasmado. Ergueu-se, mal firme, apoiado a um deles. E reconheceu a voz do major, que entre arquejos de cansaço lhe dizia:

Digitized by Google

— Seja homem, moço. Cristina já está enterrada, e o negro...

— ...está beijando o barro, concluiu sinistramente o Vargas.

Ao raiar do dia Merimbico ainda lá estava, sentado nas patas trazeiras, a uivar saudosamente, de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia noturna, nem denunciava o tumulo de lodo açaimador da boca hedionda que babujara nos labios de Cristina o beijo unico de sua vida.

1915.

Digitized by Google

O comprador de fazendas

Peor fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é o que aquilo é!

O detentor ultimo, um Daví Moreira de Souza, arrematara-a em praça, convicto de negocio da China; mas já lá andava, tambem ele, escalavrado de dividas, coçando a cabeça, num desanimo...

Os cafesais em vara, ano sim ano não batidos de pedra ou esturrados da geada, nunca deram de si colheita de entupir tulha. Os pastos ensapezados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortiças, formigantes de carrapatos. Boi entrado ali punha-se logo de costelas à mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de meter dó.

As capoeiras substitutas das matas nativas revelavam pela indiscreção das tabocas a mais safada das terras secas. Em tal solo a mandioca bracejava a medo varetinhas nodosas; a cana caiana assumia aspecto de caninha, e esta virava um taquariço magrela dos que passam incolumes por entre os cilindros moedores.

Piolhavam os cavalos. Os porcos escapos à peste encruavam na magrém faraonica das vacas egipcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão das sauvas, dia e noite entregues à tosa dos capins para que em Outubro se toldasse o ceu de nuvens de içás, em sacaroteios amorosos com enamorados savitús.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'agregados engoteiradas, combalidas de cumieira, prenunciando feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a bréca, aluindo panos de reboco, carcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intacto que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura, o fazendeiro, avelhuscado por força de sucessivas decepções e, a mais, roido

Digitized by Google

pelo cancro feroz dos juros, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia a corôa da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre dona Isaura, perdido o viço do outono, agrumava no rosto quanta sarda e pé-de-galinha inventam os anos de mãos dadas à trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, saira-se um pulha, amigo de erguer-se às dez, ensebar a pastinha até às onze e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro, tinham a Zilda, então nos dezessete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão e pede o sossego da casa. Era um ler Escrich, a rapariga, e um cismar amores de Espanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo de credores. Coisa dificil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis pôr unhas num tolo das dimensões requeridas. Iludidos por anuncios manhosos alguns pretendentes já haviam abicado ao Espigão; mas franziam o nariz, indo-se a arrenegar da pernada sem abrir oferta.

— De graça é caro! cochichavam de si para consigo.

O redemoinho capilar do Moreira, a cabo de coçadelas, sugeriu-lhe um engenhoso plano mistificatorio: entreverar de caetés, cambarás, unhas-de-vaca e outros padrões de terra boa, transplantados das vizinhanças, a fimbria das capoeiras e uma ou outra entrada acessivel aos visitantes. Fe-lo, o maluco, e mais: meteu em certa grota um pau d'alho trazido da terra roxa, e adubou os cafeeiros margeantes ao caminho no suficiente para encobrir a mazela do resto.

Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ali o alucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta de seu agente de negocios, anunciando novo pretendente. "Você tempere o homem, aconselhava o pirata, e saiba manobrar os padrões que este cai. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de você espiga-lo com arte de barganhista ladino".

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu primeiro aos agregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriados pelo patrão, estes homens respondiam com manha consumada às perguntas dos visitantes, de jeito a transmutar em maravilhas as ruindades locais.

Como lhes é suspeita a informação dos proprietarios, costumam os pretendentes interrogar à socapa os encontradiços. Ali, se isso acontecia — e acontecia sempre, porque era o

Digitized by Google

Moreira em pessoa o maquinista do acaso — havia dialogos desta ordem:

— "Gêa por aqui?"

— "Coisinha, e isso mesmo só em ano brabo".

— "O feijão dá bem?"

— "Nossa Senhora! Inda este ano plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!"

— "Berneia o gado?"

— "Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar, não existe terra melhor. Nem herva, nem feijão bravo. (1) O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão".

Avisados os espoletas, debateram-se à noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o reviçar das esperanças emurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a "coisa" vai! disse o filho maroto. E declarou necessitar, à sua parte, de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com quê? perguntou, admirado, o pai.

— Com armazem de secos e molhados na Volta Redonda...

— Já me estava espantando uma ideia boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado à gente da Tudinha, não é?

O rapaz, se não corou, calou-se; tinha razões para isso.

Já a mulher queria casa na cidade. De ha muito trazia d'olho uma de porta e janela, em certa rua humilde, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano — e caixões e mais caixões de Escrich...

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo à vila em busca de gulodices de hospedagem — manteiga, um queijo, biscoitos.

Na manteiga houve debate.

— Não vale a pena! reguingou a mulher. Sempre são seis mil réis. Antes se comprasse com esse dinheiro a peça de algodãozinho que tanta falta me faz.

— É preciso, filha! Às vezes uma coisa de nada engambela um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa — e a graxa engraxa!

Venceu a manteiga.

Enquanto não vinham os ingredientes, meteu dona Isaura unhas à casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa

1. Plantas venenosas para o gado.

Digitized by Google

manquitola; temperou a massa do pastel de palmito; e estava a folhea-la quando:

— "Ei vem" ele! gritou Moreira da janela, onde se postara desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação foi transmitindo à ocupadissima esposa os pormenores divisados.

— É moço... Bem trajado... Chapeu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou, afinal, o homem. Apeou-se. Deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhais Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante, mais que quantos até ali aparecidos.

Contou logo mil coisas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama em sua casa — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado num galho d'embauva.

Entrados que foram para a saleta de espera, Zico, incontinenti, grudou-se de ouvido ao buraco da fechadura, a cochichar para as mulheres ocupadas na arrumação da mesa o que ia pilhando à conversa.

Subito, esganiçou para a irmã, numa careta sugestiva:

— É solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres e sumiu-se.

Meia hora depois voltava trazendo o melhor vestido e no rosto duas redondinhas rosas de carmim.

Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria, nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio, a ausencia de varias petalas, e aos pés da imagem uma velinha acesa. Na roça, o "rouge" e o casamento saem do mesmo oratorio.

Trancoso dissertava sobre variados temas agricolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, meu caro senhor, muito agreste. Eu sou pelo Poland Chine. Tambem não é mau, não, o Large Black. Mas o Poland! Que preciosidade! Que raça!

Moreira, chucro na materia, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome, nem raça, que lhe grunhiam nos pastos, abria insensivelmente a boca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuava Trancoso, tenho para mim que, de Barreto a Prado, andam todos erradissimos. Pois não! Er-ra-dis-si-mos! Nem seleção, nem cruzamento. Quero a adoção i-me-di-a-ta das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pasto?

Digitized by Google

Façamo-los. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis (1) confessou-me uma vez...

O Assis! Aquele homem confessava os mais altos paredros da agricultura! Era intimo de todos eles — o Prado (2), o Barreto (3), o Cotrim (4)... E de ministros! "Eu já aleguei isso ao Bezerra (5)..."

Nunca se honrara a fazenda com a presença de cavalheiro mais distinto, assim bem relacionado e tão viajado. Falava da Argentina e de Chicago como quem veio hontem de lá. Maravilhoso!

A boca de Moreira abria, abria, e acusava o grau maximo da abertura permitida a angulos maxilares, quando uma voz feminina anunciou o almoço.

Apresentações.

Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puseram de coração aos pinotes. Tambem os teve a galinha ensopada, o tutú com torresmos, o pastel e até a agua do pote.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim, pura, cristalina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebe-la!

A familia entreolhou-se; nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golezinho, como se naquele instante travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua...

Quem não cabia em si de gozo era dona Isaura. Os elogios à sua culinaria puseram-na rendida; por metade d'aquilo já se daria por bem paga da trabalheira.

— Aprenda, Zico, cochichava ela ao filho, o que é educação fina.

Após o café, brindado com um "delicioso!", convidou Moreira o hospede para um giro a cavalo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida às refeições; dá-me cefalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

— À tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiozinho pedestre pelo pomar, a bem do quilo.

Enquanto os dois homens em pausados passos para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao dicionario.

---

1. Assis Brasil; 2. Antonio Prado; 3. Luiz Pereira Barreto; 4. Eduardo Cotrim, homens de muita autoridade em assuntos de pecuaria, na epoca; 5. José Bezerra, ministro da Agricultura.

Digitized by Google

— Não é com S, disse o rapaz.

— Veja com C, alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontraram a palavra cefalalgia.

— "Dôr de cabeça!" Ora! Uma coisa tão simples...

À tarde, no giro a cavalo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto ia vendo, com grande espanto do fazendeiro que, pela primeira vez, ouvia gabos às coisas suas. Os pretendentes em geral malsinam de tudo, com olhos abertos só para defeitos; diante de uma barroca, abrem-se em exclamações quanto ao perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi, não despegam a vista dos bernes.

Trancoso, não. Gabava! E quando Moreira, nos trechos mistificados, com dedo tremulo assinalou os padrões, o moço abriu a boca.

— Caquéra? Mas isto é fantastico!...

Em face do pau d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca supus encontrar nesta zona vestigios de semelhante arvore! disse, metendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa abriu-se com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito à minha espectativa. Até pau d'alho! Isto é positivamente famoso!...

Dona Isaura baixou os olhos. A cena passava-se na varanda. Era noite. Noite trilada de grilhos, coaxada de sapos, com muitas estrelas no ceu e muita paz na terra. Refestelado numa cadeira preguiçosa, o hospede transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

— Este cri-cri de grilos, como é encantador! Eu adoro as noites estreladas, o bucolico viver campezino, tão sadio e feliz...

— Mas é muito triste!... aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra, modulando cavatinas em plena luz? disse ele, amelaçando a voz. É que no seu coraçãozinho ha qualquer nuvem a sombrea-lo...

Vendo Moreira assim atiçado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniais, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo! Não é que eu ia me esquecendo do..." Não disse do que, nem era preciso. Saiu precipitadamente, deixando-os sós.

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeio dos mais sucados.

Digitized by Google

— Quem o não é, debaixo das estrelas do ceu, ao lado d'uma estrela da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina, palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a uma nuvem que fazia no ceu as vezes da Via Latea, e sua boca murmurou em soliloquio um rabo d'arraia, desses que derrubam meninas.

— O amor!... A Via Latea da vida!... O aroma das rosas, a gase da aurora! Amar, ouvir estrelas... Amai, pois só quem ama entende o que elas dizem.

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina soube a fino moscatel. Zilda sentiu subir à cabeça um vapor. Quis retribuir. Deu busca aos ramilhetes retoricos da memoria em procura da flôr mais bela. Só achou um bogari humilimo:

— Lindo pensamento para um cartão postal!

Ficaram no bogari; o café com bolinhos de frigideira veio interromper o idilio nascente.

Que noite, aquela! Dir-se-ia que o anjo da bonança distendera suas asas de ouro por sobre a casa triste. Via Zilda realizar-se todo o Escrich deglutido. D. Isaura gozava da possibilidade de casa-la rica. Moreira sonhava quitações de dividas, com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E imaginariamente transfeito em comerciante Zico fiou, a noite inteira, em sonhos, à gente da Tudinha, que, cativa de tanta gentileza, lhe concedia afinal a ambicionada mão da pequena.

Só Trancoso dormiu o sono das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia imediato visitou o resto da fazenda, cafesais e pastos, examinou criação e benfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir quarenta contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a cena do páu d'alho, suspendeu-o mentalmente para quarenta e cinco; findo o exame do gado, já estava em sessenta. E quando foi abordada a magna questão, o velho declarou corajosamente, na voz firme de um "alea jacta":

— Sessenta e cinco! — e esperou de pé atrás a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço bem mais razoavel do que imaginei.

O velho mordeu os labios e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra!...

— É justo, respondeu Trancoso.

Digitized by Google

— ...e fóra tambem os porcos!...

— Perfeitamente.

— ...e a mobilia!

— É natural.

O fazendeiro engasgou; não tinha mais o que excluir e confessou-se de si para consigo que era uma cavalgadura. Por que não pedira logo oitenta?

Informada do caso, a mulher chamou-lhe "pax-vobis".

— Mas, criatura, por quarenta já era um negocião! justificou-se o velho.

— Por oitenta seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. É do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado; mas a ansia de arquitetar castelos com a imprevista dinheirama varreu para longe a nuvem. Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento — e obteve-os. Dona Isaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora outra maior, em rua de procissão — a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de doze contos, advertiu o marido.

— Mas é outra coisa que não aquele casebre! Muito mais bem repartida. Só não gosto da alcova pegada à copa; escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado das galinhas...

Até noite alta, enquanto não vinha o sono, foram remendando a casa, pintando-a, transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não-dorme, quando Zico bateu à porta.

— Tres contos não bastam, papai; são precisos cinco. Ha a armação, de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

Entre dois bocejos o pai concedeu-lhe generosamente seis.

E Zilda? Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas. Deixemo-la vogar.

Chegou enfim o momento da partida. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa visita, mas interesses de monta o chamavam. A vida do capitalista não é tão livre como parece... Quanto ao negocio, considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostara muito da raça de galinhas criadas ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso. Levou ainda uma bonita

Digitized by Google

lembrança, o rosilho do Moreira, o melhor cavalo da fazenda. Tanto gabara o animal durante os passeios, que o fazendeiro se viu na obrigação de recusar uma barganha proposta e dar-lho de presente.

— Vejam vocês! disse Moreira, resumindo a opinião geral. Moço, riquissimo, direitão, instruido como um doutor e no entanto amavel, gentil, incapaz de torcer o focinho como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

À velha agradara sobretudo a sencerimonia do joven capitalista. Levar ovos e carás! Que mimo!

Todos concordaram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço encheu a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a ambicionada resposta. E mais outra. E outra ainda.

Escreveu-lhe Moreira, já apreensivo e nada. Lembrou-se d'um parente morador na mesma cidade e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço, abatia alguma coisa. Dava a fazenda por cincoenta e cinco, por cincoenta e até por quarenta, com criação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do envelope, os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquele papel encerrava o destino de todos quatro.

Dizia a carta: "Moreira. Ou muito me engano ou estás iludido. Não ha por aqui nenhum Trancoso Carvalhais, capitalista. Ha o Trancosinho, filho da Nha Veva, vulgo Sacatrapo. É um espertalhão que vive de barganhas e sabe iludir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se às vezes comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a cacetea-lo com passeios pelas roças e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra — é um vassoura de marca! — e no melhor da festa some-se. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda! Tinha graça..."

O velho caiu numa cadeira, aparvalhado, com a missiva sobre os joelhos. Depois o sangue lhe avermelhou as faces e seus olhos chisparam.

— Cachorro!

Digitized by Google

As quatro esperanças da casa ruiram com fragor, entre lagrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens.

Zico propôs-se a partir incontinenti na peugada do biltre, afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixe, menino! O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castelos! Nada ha mais triste que estes repentinos desmoronamentos de ilusões. Os formosos palacios d'Espanha, erigidos durante um mês à custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. Dona Isaura chorou até os bolinhos, a manteiga e os frangos.

Quanto a Zilda, o desastre operou como pé de vento através de paineira florida. Caiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se na vitima de todos eles. E dias a fio pensou no suicidio.

Por fim habituou-se a essa ideia e continuou a viver. Teve azo de verificar que isso de morrer de amores, só em Escrich.

Acaba-se aqui a historia — para a plateia; para as torrinhas segue ainda por meio palmo. As plateias costumam impar umas tantas finuras de bom gosto e tom, muito de rir; entram no teatro depois de começada a peça e saem mal as ameaça o epilogo.

Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a jeito de aproveitar o rico dinheirinho até ao derradeiro vintem. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo; e se o autor, levado por formulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticenciada a que chama "nota impressionista", franzem o nariz. Querem saber — e fazem muito bem — se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem e por quanto.

Sã, humana e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Pesa-me confessa-lo: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebivel qui-pro-quó de quantos tem armado neste mundo o diabo — sim, porque afóra o diabo, quem é capaz de intrincar os fios da meada, com laços e nós cegos, justamente quando vai a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um

Digitized by Google

bilhete? Ganhou os cincoenta contos, dinheiro que para um pé-atrás d'aquela marca era significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após semanas de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração ao sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culinarios da sogra. Escreveu, pois, ao Moreira anunciando-lhe a volta, afim de fechar-se o negocio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera, entremeio a bufos de vingança.

— É agora! berrou o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose. Mas desta feita curo-lhe a balda, ora se curo! concluiu, esfregando as mãos no antegozo da vingança.

No murcho coração da palida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de su'alma alvorejou ao luar de um "Quem sabe?" Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a Santo Antonio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o Rosilho.

Desceu Moreira a espera-lo em baixo da escada, de mãos às costas.

Antes de sofrear as redeas, já o amavel patife abria-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse e mal Trancoso, lançando as redeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatú e rompe-lhe para cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandissíssimo tranca? Toma, toma fazenda, ladrão! — e *lepte, lepte,* finca-lhe rijas rabadas colericas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadissimo ex-quasi-cunhado.

Dona Isaura atiça-lhe cães:

— Péga, Brinquinho! Férra, Joli!

Digitized by Google

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de espóras e foge a toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não has de cair, ladrão de ovo e cará!...

E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia assim naquele dia o unico negocio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

1917.

Digitized by Google

O estigma

Fui um dia a Itaoca levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgadura.

— Não tem errada, é ir andando. Em caso de duvida pegue a trilha dos carros que vai certo.

Assim fiz e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porém, choveu à noite como só chove por aqueles socavões, e na primeira encruzilhada parei desnorteado. Como o enxurro houvesse diluido todos os sulcos da carraria, ali fiquei uns minutos feito o asno de Buridan, à espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não apareceu viv'alma, e minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida, até que a vista d'uma fazenda desconhecida me deu a certeza do transvio.

Resolvi portar. Abeiro-me do portão e grito o "O' de casa".

Abre-mo um negro velho, ocupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãozinho é lá em cima, na casa grande.

Dirijo-me para lá, depois de entregue o cavalo, e subo a escadaria de pedra fronteiriça ao casarão senhorial.

Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos fumarentos.

— Fumaça para lá, santinha para cá!

Ao avistarem-me calaram-se e fugiram, com exceção da mais taluda, que permaneceu no lugar, esfregando os olhos avermelhados e lacrimosos do fumo.

— Papai está?

Estava e ia chama-lo, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro.

As outras, com o dedinho na boca, vi-as a me espiarem da porta, à qual logo assomou esbelta menina aí entre quatorze a dezesseis anos, de avental azul e corada como quem esteve a lidar em forno.

Digitized by Google

— Faça o favor de entrar! disse-me com linda voz, sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance.

— Sente-se e espere um bocadinho.

— A menina é filha do...

— Não, senhor. Prima. Mas moro aqui des'que morreram meus pais.

— Tão nova e já orfã!...

— De pai e mãe. Tinha seis anos quando os perdi na febre amarela de Campinas. O primo trouxe-me de lá e...

Aqui rangeu a porta e enquadrou-se nela o dono da casa.

Reconhecemo-nos incontinenti, com igual espanto.

— Bruno! berrou ele. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que esperava ver surgir um matutão desconfiado!

Abraços, explicações, perguntas atropeladas.

Fausto não cessava de admirar a coincidencia.

— Ha quantos anos não nos vemos? Dez, no minimo...

— Desd'a opa da colação de grau. Como passa o tempo!... Pois, meu caro, prendo-te por cá. Já não te vais d'aqui sem conhecer o meu seio de Abraão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu volta e meia regalava meus olhos da linda criatura que ela era.

Fausto, percebendo-o, apresentou-ma:

— Laurita, minha prima...

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou Fausto surpreso.

— D'aqui mesmo, de ha cinco minutos.

— Farcista! Olha, Laura, vê lá que nos tragam o café para aqui.

A menina ao retirar-se pôs no andar esse requebro que o instinto aconselha às moças na presença de um homem casadoiro.

— Galantinha, hein? disse Fausto, mal se fechou a porta.

— Linda! exclamei, carregando com furia no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre à conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, da Pedra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis meses de roça com outros tantos de capital.

Digitized by Google

— Excelente vida! E' o sonho de toda gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade?

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— Estou adivinhando, dona Laurita, que este foi enrolado pelas suas mãos! galanteei eu, tomando um d'eles.

— Qual? acudiu a menina. Esse que tem marca de carretilha?

— Sim!

Ela desferiu a mais sonora das risadinhas.

— Justamente os que têm marca são da Lucrecia...

— Ora, você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os meus são estes, disse Laura, apontando os não carretilhados.

Provei um, e:

— Realmente, a diferença é enorme.

Novo "pizzicato" da menina.

— Pois a massa é a mesma e tudo tempero da Lucrecia...

Fausto pôs fim aos meus desasos convidando-me para sair.

— Estás muito chucro no galanteio. Vem d'aí ver a criação, que é o melhor.

Saimos e corremos toda a fazenda, o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque dos Pekins; vimos as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a maquina de café, todas essas coisas comuns a todas as fazendas e que no entanto examinamos sempre com real prazer.

Fausto era fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiro sem a preocupação da renda proporcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher.

Não condisse com o molde que cá tenho de boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia e provavelmente má.

Compreendi o caso do meu Fausto: casara rico. A fazenda viera-lhe às mãos por intermedio da esposa.

Digitized by Google

Na presença dela Fausto mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se numa sisudez que me desconcertou; e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas.

Tambem Laurita se coibia, e as crianças mostravam um odioso "bom comportamento" de meter dó. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e mau de senhora absoluta.

Foi um alivio o erguer-nos da mesa. Fausto lembrara um giro pelos cafesais e como já estivessem arreadas as cavalgaduras partimos. Sem demora voltou o meu amigo à expansibilidade anterior, com a alegre despreocupação dos anos academicos. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o tema casamento.

— Aquele nosso horror à coleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

— E estamos a pagar a lingua. E' sempre assim na vida: a liberrima teoria por cima e a trama ferrea das injunções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradições. O casamento!... Não o defino hoje com o petulante entono de solteiro. Só digo que não ha casamento — ha casamentos. Cada caso é um caso especial.

— Tendo, aliás, de comum, disse eu, um mesmo traço: restrição da personalidade.

— Sim. E' mister que o homem ceda cincoenta por cento e a mulher outros tantos para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— "Felicidade conjugal", dizes bem, restringindo com o adjetivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafesal interrompeu-nos as confidencias. Era setembro, e o aspecto das arvores, estrelejadas de florinhas, dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremo-lo em parte, gozando o "prazer paulista" de ver ondular por espigões e grotas a onda verde-escuro dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ela, porém, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei estouvadamente...

Fausto voltou-se de golpe, ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, vacilante em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessassemos um sombrio trecho de caminho,

Digitized by Google

com, barrancos acima, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquilo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá tens uma. Não bate o sol. Muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou frutas. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida...

Calou-se, e até à casa não mais pronunciou uma só palavra. Compreendi a situação do meu querido Fausto, e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraiso, que assim chamavam à fazenda, com tres impressões n'alma: deliciosa, a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa, a da megera entrevista na criatura feia e má, rica o suficiente para adquirir marido como quem adquire em feira um animal de luxo. A terceira não a define aí qualquer adjetivo espipado — complexa, sutil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago pressentir duma equação sentimental cujos termos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, às cabriolas.

Nunca tornei àquelas paragens, nem o acaso me fez encontradiço com qualquer das tres personagens.

Este mundo, entretanto, é uma bola pequenina. Volvidos vinte anos estava eu parado diante duma vitrina no Rio quando alguem me cotucou as costelas.

— Tu, Fausto!

— Eu, sim, Bruno!

Envelhecera Fausto quarenta anos naqueles vinte de desencontro, e o tempo murchara-lhe a expansibilidade folgazã. Enquanto palestravamos, uma a uma subiam-me à tona da memoria as cenas e pessoas do Paraiso, a fascinante Laurita à frente. Perguntei por ela em primeiro.

— Morta! foi a resposta seca e torva.

Como nas horas claras do verão nuvem erradia, tapando às subitas o sol põe na paisagem manchas mormacentas de sombra, assim aquela palavra nos velou a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? Os filhos?

— Tambem morta, a mulher. Os filhos, por aí, casados uns, o ultimo ainda comigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-raios que nos

Digitized by Google

ponha a salvo de coriscos a cabeça Moro à rua tal; aparece lá à noite que te contarei a minha historia — e gaba-te, pois serás a unica pessoa no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu o Paraiso...

Eis o que ouvi:

"Quando a febre amarela em Campinas orfanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a a morar conosco. Tinha ela cinco anos e já prenunciava nas graças infantis a encantadora menina que seria.

Eu estava casado de fresco e errara no casamento. Minha mulher — não o suspeitaste naquele jantar? — era uma criatura visceralmente má.

O "má" na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher que é má, não peças mais: foge a sete pés. Se eu fôra refazer o Inferno, acabaria com tantos circulos que lá pôs o Dante, e em lugar meteria de guarda aos precitos uma duzia de megeras. Haviam de ver que paraiso eram, em comparação, os circulos...

Confesso que não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmo da magistratura e a vitoria rapida do casamento rico. Optei pela vitoria rapida, descurioso de sondar para onde me levaria a aurea vereda. O dote, grande, valia, ou pareceu-me valer, o sacrificio. Errei. Com a experiencia de hoje agarrava a mais reles das promotorias. O viver que levamos não o desejo como castigo ao peor celerado.

— A face noruega!...

— Era exata a comparação, gelida como nos corria o viver conjugal no periodo em que, iludidos, contemporizavamos, tentando um equilibrio impossivel. Depois tornou-se-nos infernal.

Laura, à proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma e espirito um poeta concebe em sonhos para meter em poemas. Conluiava-se nela a beleza do Diabo, propria da idade, com a beleza de Deus, permanente — e o pobre do teu Fausto, um exilado em fria Siberia matrimonial, coração virgem de amor, não teve mão de si, sucumbiu. No peito que supunha calcinado viçou o perigosissimo amor dos trinta anos.

O ve-la deslisando por ali como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando beleza, felicidade e graça, foi-se-me tornando a razão do viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos anos adoles-

Digitized by Google

centes borbulharam em meu peito. Compreendi a minha desgraça: era um cego a quem restituiam os olhos e que, deslumbrado, via do fundo de um carcere, através das reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida, tudo inacessivel... Vitimava-me a peor casta de amor — o amor secreto...

Correram meses.

Ao cabo, ou porque me traisse o fogo interno ou porque o ciume désse à minha mulher um visão de lince, tudo leu ela dentro de mim, como se o coração me pulsasse num peito de cristal. Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana: a caverna onde moram os dragões do ciume e do odio. O que escabujou minha mulher contra os "amasios"!

A caninana envolvia no mesmo insulto a inocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo, recalcado no fundo do meu ser.

Intimou-me a expulsa-la incontinenti.

Resisti.

Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida e de modo a me trair perante ela e todo o mundo. Era a primeira vez que eu depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro a "senhora". Tenho cá na visão o riso de desafio que nesse momento lhe crispou a boca, e tenho n'alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aqueles olhos.

Apanhei a luva.

Estas guerras conjugais portas a dentro!... Não ha aí luta civil que se lhes compare em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição. A sós comigo, porém, que inferno!

Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e dava os primeiros passos para a arrumação de Laura, quando...

Não te recordas do bosque de pinheiros plantados em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja! (1)

— Foi o nome que lhe pus, como andassem uns lagartões, seus fregueses, a me pilharem as capoeiras. Esse pinhal era o passeio favorito de Laura. Emboscava-se nele com um livro, ou com a costura, e dess'arte sossegava um momento da infermeira domestica.

Um dia em que saí à caça, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira na paz das matas, ao montar a cavalo vi-a dirigir-se para lá com o cestinho de costura.

---

1. Certo bosque de Portugal onde se juntavam bandidos.

Digitized by Google

Demorei-me mais do que o usual, e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita de papo acima, inda me lembro, sob a fronde de enorme guabirobeira.

Ao pisar no terreiro vi as crianças a me esperarem na escada, assustadinhas.

— Papai não viu Laura?

— Laura?...

Estranhei a pergunta, e mais ainda vendo aproximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Não vá ter acontecido alguma para Nha Laurita, patrão! Saiu cedo, antes do café, já é quasi noite e nada de voltar.

— A senhora... comecei eu a perguntar não sabia ainda o que.

— Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, voltou e se trancou por dentro. Não quer enxergar ninguem, parece que comeu cobra...

O coração palpitou-me violento e saí em procura de Laurinha. Indaguei no terreiro: ninguem a vira. Lembrei-me do pinhal e organizei uma alvoroçada batida ao bosque. Com fachos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante.

Nada!

Eu desanimava já de encontra-la por ali, quando um capataz, desgarrado à frente, gritou:

— Está aqui um cestinho!

Corremos todos. Estava lá o cestinho de costura e, mais adiante... o corpo frio da menina.

Morta, a bala!

A blusa entreaberta mostrava no entresseio uma ferida: um pequeno furo negro donde fluia para as costelas fina estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revolver.

Suicidara-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniencias, tudo, e beijei-a longamente entre arquejos e sacões de angustia.

Trouxeram-na a braços. Em casa minha mulher, então gravida, recusou-se a ver o cadaver com o pretexto do estado, e Laura desceu à cova sem que ela por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: "Minha mulher não viu o cadaver da menina".

Dias depois humanizou-se. Deixou a cela, voltando à vida do costume, muito mudada de genio, entretanto. Ces-

Digitized by Google

sara a exaltação ciumosa do odio, sobrevindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'aí por diante.

A mim o suicidio de Laura, sobre sacudir-me o organismo como o peor dos terremotos, preocupava-me como insoluvel enigma.

Não compreendia aquilo.

Suas ultimas palavras em casa, seus ultimos atos, nada induzia o horrivel desenlace. Porque se mataria Laura? Como conseguira o revolver, guardado sempre no meu quarto, em lugar só de mim e de minha mulher sabido?

Uma inspeção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta ou escrito indicioso.

Misterio!

Mas correram os meses e um belo dia minha mulher deu à luz um menino.

Que tragedia! Doi-me a cabeça o recorda-la.

A velha Lucrecia, auxiliar da parteira, foi quem veio à sala com a noticia do bom sucesso.

— Desta vez foi um meninão! disse ela. Mas nasceu marcado...

— Marcado?

— Tem uma marca no peito, uma cobrinha coral de cabeça preta.

Impressionado com a exquisitice, dirigi-me para o quarto. Acerquei-me da criança e desfiz as faixas o necessario para examinar-lhe o peitinho. E vi... vi um estigma que reproduzia com exatidão o ferimento de Laurinha: um nucleo negro, imitante ao furo da bala, e a "cobrinha", uma estria enviesada pelas costelas abaixo.

Um raio de luz inundou-me o espirito. Compreendi tudo. *O feto em formação nas entranhas da mãe fôra a unica testemunha do crime* e, mal nascido, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ela já viu isto? perguntei à parteira.

— Não! Nem é bom que veja antes de sarada.

Não me contive. Escancarei as janelas, derramei ondas de sol no aposento, despi a criança e ergui-a ante os olhos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou da testa as madeixas soltas e cravou os olhos no estigma. Esbugalhou-os como louca, à medida que lhe alcançava a significação. Depois ergueu-se de golpe, e pela primeira vez aqueles olhos

Digitized by Google

duros se turvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida moleou o corpo, descaindo para os travesseiros, vencida.

Sobreveio-lhe uma crise à noite. Acudiram medicos. Era febre puerperal sob forma gravissima. Minha mulher recusou obstinadamente qualquer medicação e morreu sem uma palavra, fóra as inconcientes escapas nos momentos de delirio..."

Mal concluira Fausto a confidencia daqueles horrores, abriu-se a porta e entrou na sala um rapazinho imberbe.

— Meu filho, disse ele, mostra ao Bruno a tua cobrinha.

O moço desabotoou o colete; entreabriu a camisa. Pude então ver o estigma. Era perfeita a ilusão: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projétil e do fio de sangue escorrido.

— Veja você, concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Nemesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pai cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fôra elle proprio o eloquente delator.

1923

Digitized by Google

Prefacio da segunda edição de Urupês

Exgotada num mês. a primeira edição deste livro, sai agora a segunda, aumentada, revista e com varios pronomes recolocados pelo sr. Adalgiso Pereira, excelente amigo que ainda a enriqueceu de numerosas virgulas, aspas, hifens e outras miudezas cuja ausencia empobrecia o original. E para ela entra mais uma, como direi? — o genero é inclassificavel — mais uma "indignação": *Velha Praga.* E tambem o artigo *Urupês.*

Explica-se. *Velha Praga* é a verdadeira mãe deste livro, e não seria justo separar a mãe do filho.

Foi assim o caso. Em 1914, nos primeiros meses da guerra, o autor não passava de humilde lavrador, incrustado na Serra da Mantiqueira. Terrivel ano de seca foi aquele! O fogo lavrou durante dois meses a fio, com furia infernal. O céu toldado, o ar espesso, o crepitar permanente das matas em chama, a fumarada invadindo a casa, os olhos a arderem... Um fim de mundo.

E sempre noticias más, a toda hora.

— Rebentou outro fogo no Varjão! vinha dizer um agregado... (1)

Mal se ia aquele, vinha outro:

— Patrão, o Trabijú está queimando!

— Então, já seis?

— É verdade. Ha o fogo do Teixeirinha, o fogo do Maneta, o fogo do Jéca...

— Fogos "signés"!... Que patifes! Mas hão de pagar. Denuncio-os todos á policia.

O capataz sorriu.

— Não vale a pena. São eleitores do governo; o patrão não arranja nada.

— Mas não haverá ao menos um incendiario oposicionista que possa pagar o pato?

---

1. Categoria dos que lavram por conta propria um pedaço de terra duma fazenda, pagando o uso do terreno com porcentagem das colheitas; meeiro.

Digitized by Google

— Não vê! Caboclo é ali firme no governo justamente p'r'amor do fogo.

Tinha razão o homem. Eram todos do governo. E o eleitor da roça, em paga da fidelidade partidaria, goza-se do direito de queimar o mato alheio.

Impossibilitado de agir contra eles por meio da justiça, o pobre fazendeiro limitou-se a "tocar" alguns que eram seus agregados e... a "vir pela imprensa". Escreveu e mandou para as "Queixas e Reclamações" d'*O Estado de S. Paulo* a tal catilinaria mãe dos *Urupês*. Esse jornal, publicando-a fóra da seção de queixas, estimulou o fazendeiro a reincidir. Reincidiu. E quando deu acordo de si, virara o que os noticiaristas gravemente chamam um "homem de letras".

Ora aí está como as coisas se arrumam, e como, por obra e graça de meia duzia de Neros de pé-no-chão entra a correr mundo mais um livro...

Setembro, 1918.

O artigo "Velha Praga" com que o tal fazendeirinho "veio pela imprensa", era o seguinte:

VELHA PRAGA

Andam todos em nossa terra por tal forma estonteados com as proezas infernais dos belacissimos "vons" alemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer ás gentes da cidade que se lá fóra o fogo da guerra lavra implacavel, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germanico.

Em agosto, por força do excessivo prolongamento do inverno, "von Fogo" lambeu montes e vales, sem um momento de treguas, durante o mês inteiro.

Vieram em começos de setembro chuvinhas de apagar poeira e, breve, novo "verão de sol" se estirou por outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapara á sanha de agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como ardem aldeias na Europa, e é hoje um cinzeiro imenso, entremeado, aqui e acolá, de manchas de verdura — as restingas úmidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautela dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

Á hora em que escrevemos, fins de outubro, chove. Mas que chuva caínha! Que miseria d'agua! Enquanto caem do

Digitized by Google

ceu pingos homeopaticos, medidos a conta-gotas, o fogo, amortecido mas não dominado, amoita-se insidioso nas piúcas, (1) a fumegar imperceptivelmente, pronto para rebentar em chamas mal se limpe o ceu e o sol lhe dê a mão.

Preocupa à nossa gente civilizada o conhecer em quanto fica na Europa por dia, em francos e centimos, um soldado em guerra; mas ninguem cuida de calcular os prejuizos de toda sorte advindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruidas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possivel advento de pragas insetiformes; a alteração para peor do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona, e, dentro delas, a esta ou aquela situação (2) agricola...

Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar, ninguem soma...

É peculiar de agosto, e tipica, esta desastrosa queima de matas; nunca, porém, assumiu tamanha violencia, nem alcançou tal extensão, como neste tortissimo 1914 que, benza-o Deus, parece aparentado de perto com o celebre ano 1.000 de macabra memoria. Tudo nele culmina, vai logo ás do cabo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram á regra.

Razão sobeja para, desta feita, encararmos a serio o problema. Do contrario a Mantiqueira será em pouco tempo toda um sapezeiro sem fim, erisipelado de samambaiais — esses dois pontos finais á uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

É mister um rodeio para chegar lá.

A nossa montanha é vitima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o "Argas" o é aos galinheiros ou o "Sarcoptes mutans" á perna das aves domesticas. Poderiamos, analogicamente, classifica-lo entre as variedades do "Porrigo decalvans", o parasita do couro cabeludo produtor da "pelada", pois que, onde ele assiste, (3) se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, núa e descalvada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magnificos e das

1. Tocos semi-carbonizados.
2. "Situação", sinonimo de fazenda ou sitio.
3. Reside; está estabelecido.

Digitized by Google

perobeiras milenarias — seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta á humildade da vassourinha e, decaindo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro — sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptavel á civilização, mas que vive á beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. Á medida que o progresso vem chegando com a via ferrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silencio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau (1) e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.

É de ve-lo abordar a um sitio novo para nele armar a sua arapuca de "agregado"; nomade por força de vagos atavismos, não se liga á terra, como o camponio europeu: "agrega-se", tal qual o "sarcoptes", pelo tempo necessario á completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para adiante com a mesma bagagem com que ali chegou.

Vem de um sapezeiro para criar outro. Coexistem em intima simbiose: sapé e caboclo são vidas associadas. Este inventou aquele e lhe dilata os dominios; em troca o sapé lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colmeia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, ele e a "sarcopta" femea, esta com um filhote no utero, outro ao peito, outro de sete anos á ourela da saia — este já de pitinho na boca e faca á cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento — Brinquinho, a foice, a enxada, a picapáu, o pilãozinho de sal, a panela de barro, um santo encardido, tres galinhas pévas e um galo indio. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a especie e a obra de esterilização iniciada com os remotissimos avós.

Acampam.

Em tres dias uma choça, que por eufemismo chamam casa, brota da terra como um urupê. Tiram tudo do lugar, os esteios, os caibros, as ripas, os barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes e a palha do této. Tão intima é a comunhão dessas palhoças com a terra local, que dariam ideia de coisa nascida do chão por obra espontanea da natureza, — se a natureza fosse capaz de criar coisas tão feias.

1. Espingarda de carregar pela boca.

Digitized by Google

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte daquela paragem.

Começam as requisições. Com a picapau o caboclo limpa a floresta das aves incautas. Polvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É este um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispendio de polvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas: está encerrada a estação venatoria.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo páu. Arvores diante de cuja majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassivel, para extrair um mel-de-pau escondido numôco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro. Mas aqui o "sarcopte" se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes á circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando dest'arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

Foi neste momento que o viu o poeta:

Cisma o caboclo à porta da cabana. (1)

Cisma, de fato, não devaneios liricos, mas jeitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um alibi demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

Onze horas.

O sol quasi a pino queima como chama. Um "sarcopte" anda por ali, ressabiado. Minutos após crepita a labareda inicial, medrosa, numa touça mais seca; oscila incerta; ondeia ao vento; mas logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do campo, estruge fragorosa com infernal violencia, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o ceu golfões de fumo estrelejado de faiscas.

É o fogo-de-mato!

E como não o detem nenhum aceiro, esse fogo invade a floresta e caminha por ela a dentro, ora frouxo, nas capetingas (2) ralas, ora maciço, aos estouros, nas moitas de ta-

1. Verso de Ricardo Gonçalves.
2. Capins de mato dentro, sempre ralos, magrelas.

Digitized by Google

quaruçú; caminha sem treguas, moroso e tibio quando a noite fecha, insolente se o sol o ajuda.

E vai galgando montes em arrancadas furiosas, ou descendo encostas a passo lento e traiçoeiro até que o detenha a barragem natural dum rio, estrada ou grota noruega. (1)

Barrado, inflete para os flancos, ladeia o obstaculo, deixa-o para trás, esgueira-se para os lados — e lá continua o abrasamento implacavel. Amordaçado por uma chuva repentina, alapa-se nas piúcas, quieto e invisivel, para no dia seguinte, ao esquentar do sol, prosseguir na faina carbonizante.

Quem foi o incendiario? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nero: é um urumbeva qualquer, de barba rala, amoitado num litro (2) de terra litigiosa.

E agora? Que fazer? Processa-lo?

Não ha recurso legal contra ele. A unica pena possivel, barata, facil e já estabelecida como praxe, é "toca-lo".

Curioso este preceito: "ao caboclo, toca-se".

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma galinha que vareja pela sala. E tão afeito anda ele a isso, que é comum ouvi-lo dizer: "Se eu fizer tal coisa o senhor não me toca?"

Justiça sumaria — que não pune, entretanto, dado o nomadismo do paciente.

Enquanto a mata arde, o caboclo regala-se.

— Êta fogo bonito!

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que os incidentes são um jacú abatido, uma paca fisgada n'agua ou o filho novimensal, a queimada é o grande espetaculo do ano, supremo regalo dos olhos e dos ouvidos.

Entrado setembro, começo das "aguas", o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que, para preparar uma quarta de chão, ele semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cincoenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome

1. Grota fria onde não bate o sol.
2. A terra se mede pela quantidade de milho que nela pode ser plantada; daí, um alqueire, uma quarta, um litro de terra.

Digitized by Google

e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo maximo da sua resistencia ás privações. Nem mais, nem menos. "Dando para passar fome", sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro — está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô; assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca núa no terreiro.

Quando se exhaure a terra, o agregado muda de sitio. No lugar fica a tapéra e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frageis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jeca Tatú ou outros sons ignaros, de dolorosa memoria para a natureza circunvizinha.

Digitized by Google

Urupês

Esboroou-se o balsamico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons que, ao invés de imaginarem indios num gabinete, com reminiscencias de Chateaubriand na cabeça e a *Iracema* aberta sobre os joelhos, metem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.

Morreu Perí, incomparavel idealização d'um homem natural como o sonhava Rousseau, prototipo de tantas perfeições humanas que no romance, ombro a ombro com altos tipos civilizados, a todos sobreleva em beleza d'alma e corpo.

Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Cecí.

Por felicidade nossa — e de D. Antonio de Mariz — não os viu Alencar; sonhou-os qual Rousseau. Do contrario, lá teriamos o filho de Araré a moquear a linda menina num bom braseiro de pau brasil, em vez de acompanha-la em adoração pelas selvas, como o Ariel benfazejo do Paquequer.

A sedução do imaginoso romancista criou forte corrente. Todo o clan plumitivo deu de forjar seu indiozinho refegado de Peri e Atala. Em sonetos, contos e novelas, hoje esquecidos, consumiram-se tabas inteiras de aimorés sanhudos, com virtudes romanas por dentro e penas de tucano por fora.

Vindo o publico a bocejar de farto, já ceptico ante o crescente desmantelo do ideal, cessou no mercado literario a procura de bugres homericos, inubias, tacapes, borés, piagas e virgens bronzeadas. Armas e herois desandaram cabisbaixos, rumo ao porão onde se guardam os moveis fora de uso, saudoso museu de extintas pilhas eletricas que a seu tempo galvanizaram nervos. E lá acamam poeira cochichando reminiscencias com a barba de D. João de Castro, com os frankisks de Herculano, com os frades de Garrett e que tais...

Não morreu, todavia.

Evoluiu.

Digitized by Google

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de "caboclismo". O cocar de penas de arára passou a chapeu de palha rebatido á testa; a ocára virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambú; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substrato psiquico não mudou: orgulho indomavel, independencia, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio, em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.

Este setembrino rebrotar d'uma arte morta inda se não desbagoou de todos os frutos. Terá seu "I-Juca-Pirama", seu "Canto do Piaga" e talvez dê opera heroica.

Mas, completado o ciclo, virão destroçar o inverno em flôr da ilusão indianista os prosaicos demolidores de idolos — gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o icone com as curetas da ciencia. E que feias se hão de entrever as caipirinhas côr de jambo de Fagundes Varela! E que chambões e sornas os Peris de calça, camisa e faca à cinta!

Isso, para o futuro. Hoje ainda ha perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o "Ai Jesus!" nacional.

É de ver o orgulhoso entono com que respeitaveis figurões batem no peito exclamando com altivez: Sou de raça de caboclo!

Anos atrás o orgulho estava numa ascendencia de tanga, inçada de penas de tucano, com dramas intimos e flechaços de curare.

Dia virá em que os veremos, murchos de prosapia, confessar o verdadeiro avô: — um dos quatrocentos de Gedeão trazidos por Tomé de Souza (1) num barco daqueles tempos, nosso mui nobre e fecundo "Mayflower".

Porque a verdade núa manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborigene de tabuinha no beiço, uma existe a vegetar de cocaras, incapaz de evolução, impenetravel ao progresso. Feia a sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos écos o seu grito historico e o país desperta estrouvinhado á crise d'uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.

---

1. Tomé de Souza veio ao Brasil com um carregamento de 400 degredados e uns tantos jesuitas.

Digitized by Google

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exhausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, 'magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de Novembro troca-se o trono vitalicio pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança (1). O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custodio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país (2). O caboclo continua de cocoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida Jéca, antes de agir, acocora-se.

Jéca Tatú é um piraquára do Paraíba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as carateristicas da especie.

Ei-lo que vem falar ao patrão. Entrou, saudou. Seu primeiro movimento após prender aos labios a palha de milho, sacar o rolete de fumo e disparar a cusparada d'esguicho, é sentar-se jeitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava a lingua e a inteligencia.

— "Não vê que...

De pé ou sentado as ideais se lhe entramam, a lingua emperra e não ha de dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocora-se em frente ao fogo para "aquenta-lo", imitado da mulher e da prole.

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, faze-lo noutra posição será desastre infalivel. Ha de ser de cocoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cocoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de tres palmitos.

Pobre Jéca Tatú! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jéca mercador, Jéca lavrador, Jéca filosofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo adivinha o que ele trás: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher — côcos de tucum ou jissára, guabirobas, bacuparis, ma-

1. Aristides Lobo: "O país assistiu bestificado à proclamação da Republica."
2. O Presidente Hermes da Fonseca!

Digitized by Google

racujás, jataís, pinhões, orquideas; ou artefatos de taquara-póca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensílios de madeira mole — gamelas, pilõezinhos, colheres de páu.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequencias da lei do menor esforço — e nisto vai longe.

Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao jôão-de-barro. Pura biboca de bosquimano. Mobilia, nenhuma. A cama é uma espipada esteira de tabôa posta sobre o chão batido.

Ás vezes se dá ao luxo de um banquinho de tres pernas — para os hospedes. Tres pernas permitem equilibrio; inutil, portanto, meter a quarta, o que ainda o obrigaria a nivelar o chão. Para que assentos, se a natureza os dotou de solidos, rachados calcanhares sobre os quais se sentam?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo — colher, garfo e faca a um tempo?

No mais, umas cuias, gamelinhas, um pote esbeiçado, a pichorra e a panela de feijão.

Nada de armarios ou baús. A roupa, guarda-a no corpo. Só tem dois "parelhos"; um que traz no uso e outro na lavagem.

Os mantimentos apaióla nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso à cumieira, de gancho na ponta e um disco de lata no alto: ali pendura o toucinho, a salvo dos gatos e ratos.

Da parede pende a espingarda picapáu, o polvarinho de chifre, o S. Benedito defumado, o rabo de tatú e as palmas bentas de queimar durante as fortes trovoadas. Servem de gaveta os buracos da parede.

Seus remotos avós não gozaram maiores comodidades. Seus netos não meterão quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem sem isso.

Se pelotas de barro caem, abrindo seteiras na parede, Jéca não se move a repo-las. Ficam pelo resto da vida os buracos abertos, a entremostrarem nesgas de ceu.

Quando a palha do této, apodrecida, gréta em fendas por onde pinga a chuva, Jéca, em vez de remendar a "tortura", limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamelinha a agua gotejante...

Remendo... Para que? se uma casa dura dez anos e faltam "apenas" nove para ele abandonar aquela? Esta filosofia economiza reparos.

Digitized by Google

Na mansão de Jéca a parede dos fundos bojou para fora um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela umidade, oscilam na podriqueira do baldrame. Afim de neutralizar o desaprumo e prevenir suas consequencias, grudou na parede uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarela — santo de mascate.

— "Por que não remenda essa parede, homem de Deus?

— "Ela não tem coragem de cair. Não vê a escora?

Não obstante, "por via das duvidas", quando ronca a trovoada ele abandona a toca e vai agachar-se no ôco d'um velho embirussú do quintal — para se saborear de longe com a eficacia da escora santa.

Um pedaço de páu dispensaria o milagre; mas entre pendurar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a madeira, atora-la, baldea-la e especar a parede, o sacerdote da Grande Lei do Menor Esforço não vacila. E' coerente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem arvores frutiferas, nem horta, nem flores — nada revelador de permanencia.

Ha mil razões para isso; porque não é sua a terra; porque se o "tocarem" não ficará nada que a outrem aproveite; porque para frutas ha o mato; porque a "criação" come; porque...

— "Mas, criatura, com um vedozinho por ali... A madeira está à mão, o cipó é tanto...

Jéca, interpelado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nú, coça a cabeça e cuspilha.

— "Não paga a pena.

Todo o inconciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fanatismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deita-la as brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. A mandioca é sem vergonha.

Bem ponderado, a causa principal da lombeira do caboclo reside nas benemerencias sem conta da mandioca. Talvez que sem ela ele se pusesse de pé e andasse. Mas enquanto dispuser de um pão cujo preparo se resume no plantar, colher e lançar sobre brasas, Jéca não mudará de vida. O vigor

Digitized by Google

das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente. Se a poder de estacas e diques o holandês extraiu de um brejo salgado a Holanda, essa joia do esforço, é que ali nada o favorecia. Se a Inglaterra brotou das ilhas nevoentas da Caledonia, é que lá não medrava a mandioca. Medrasse, e talvez os vissemos hoje, os ingleses, tolhiços, de pé no chão, amarelentos, mariscando de peneira no Tamisa. Ha bens que vêm para males. A mandioca ilustra este avesso de proverbio.

Outro auxiliar precioso da calaçaria é a cana. Dá rapadura, e para Jéca, o simplificador da vida, dá garapa. Como não possue moenda, torce a pulso sobre a cuia de café um rolete, depois de bem massetados os nós; açucára assim a beberagem, fugindo aos tramites condutores do caldo de cana à rapadura.

Todavia, *est modus in rebus*. E assim como ao lado do restolho cresce o bom pé de milho, contrasta com a cristianissima simplicidade do Jéca a opulencia de um seu vizinho e compadre que "está muito bem". A terra onde móra é sua. Possue ainda uma egua, monjolo e espingarda de dois canos. Pesa nos destinos politicos do país com o seu voto e nos economicos com o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amealhado com ambos, voto e polvilho, para mais de quinhentos mil réis no fundo da arca.

Vive num corropio de barganhas nas quais exercita uma astucia nativa muito irmã da de Bertoldo. A esperteza ultima foi a barganha de um cavalo cego por uma egua de passo picado. Verdade é que a egua mancava das mãos, mas inda assim valia dez mil réis mais do que o rossinante zanaga.

Esta e outras celebrizaram-lhe os engrimanços potreiros num raio de mil braças, grangeando-lhe a incondicional e babosa admiração do Jéca, para quem, fino como o compadre, "home"... nem mesmo o vigario de Itaoca!

Aos domingos vai à vila bifurcado na magreza ventruda da "Serena"; leva apenso á garupa um filho e atrás o potrinho no trote, mais a mulher, de criança nova enrolada no chale. Fecha o cortejo o indefectivel Brinquinho, a resfolgar com um palmo de lingua de fóra.

O fato mais importante de sua vida é sem duvida votar no governo. Tira nesse dia da arca a roupa preta do casamento, sarjão furadinho de traça e todo vincado de dobras; entala os pés num alentado sapatão de bezerro; ata ao pes-

Digitized by Google

coço um colarinho de bico e, sem gravata, ringindo e mancando, vai pegar o diploma de eleitor ás mãos do chefe Coisada, que lh'o retem para maior garantia da fidelidade partidaria.

Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfrega a pena no livro eleitoral, arabescando o aranhol de gatafunhos a que chama "sua graça".

Se ha tumulto, chuchurreia de pé firme, com heroismo, as porretadas oposicionistas, e ao cabo segue para a casa do chefe, de galo civico na testa e colarinho sungado para trás, afim de novamente lhe depor nas mãos o "dipeloma".

Grato e sorridente, o morubixaba galardoa-lhe o heroismo, flagrantemente documentado pelo latejar do couro cabeludo, com um aperto de munheca e a promessa, para logo, d'uma inspetoria de quarteirão.

Representa este freguês o tipo classico do sitiante já com um pé fóra da classe. Exceção, discolo que é, não vem ao caso. Aqui tratamos da regra e a regra é Jéca Tatú.

O mobiliario cerebral de Jéca, á parte o suculento recheio de superstições, vale o do casebre. O banquinho de tres pés, as cuias, o gancho de toucinho, as gamelas, tudo se reedita dentro de seus miolos sob a forma de ideias: são as noções praticas da vida, que recebeu do pai e intactas transmitirá aos filhos.

O sentimento de patria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que ha sempre terras para diante, que muito longe está a Côrte com os graúdos e mais distante ainda a Baía, donde vem baianos pernosticos e côcos.

Perguntem ao Jéca quem é o presidente da Republica.

— "O homem que manda em nós tudo?

— "Sim.

— "Pois de certo que ha de ser o imperador.

Em materia de civismo não sobe ponto.

— "Guerra? T'esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato p'ra mais de cinco anos por causa da guerra grande (1). Eu, para escapar do "reculutamento", sou "inté" capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço...

Guerra, defesa nacional, ação administrativa, tudo quanto cheira a governo resume-se para o caboclo numa palavra apavorante — "reculutamento".

---

1. **Guerra do Paraguai.**

Digitized by Google

Quando em principios da Presidencia Hermes andou na balha um recenseamento esquecido a Offenbach, o caboclo tremeu e entrou a casar em massa. Aquilo "havéra de ser reculutamento", e os casados, na voz corrente, escapavam á redada.

A sua medicina corre parelhas com o civismo e a mobilia — em qualidade. Quantitativamente, assombra. Da noite cerebral pirilampejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e eletuarios escapos á sagacidade comica de Mark Twain. Compendia-os um Chernoviz não escrito, monumento de galhofa onde não ha rir, lugubre como é o epilogo. A rede na qual dois homens levam á cova as vitimas de semelhante farmacopeia é o espetaculo mais triste da roça. A medicina do caboclo mata quasi tanto como a dos doutores.

Quem aplica as meizinhas é o "curador", um Eusebio Macario de pé no chão e cerebro trancado como moita de taquaruçú. O veículo usual das drogas é sempre a pinga — meio honesto de render homenagem á deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou hereticos.

Doenças hajam que remedios não faltam.

Para bronquite, é um porrete cuspir o doente na boca de um peixe vivo e solta-lo: o mal se vai com o peixe agua abaixo...

Para "quebranto de ossos", já não é tão simples a medicação. Tomam-se tres contas de rosario, tres galhos de alecrim, tres limas de bico, tres iscas de palma benta, tres raminhos de arruda, tres ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã; mete-se tudo numa gamela d'agua e banha-se naquilo o doente, fazendo-o tragar tres goles da zurrapa. E' infalivel!

O especifico da brotoeja consiste em cozimento de beiço de pote para lavagens. Ainda ha aqui um pormenor de monta; é preciso que antes do banho a mãe do doente molhe na agua a ponta de sua trança. As brotoejas saram como por encanto.

Para dôr de peito que "responde na cacunda", cataplasma de "jasmim de cachorro" é um porrete.

Além desta alopatia, para a qual contribue tudo quanto de mais repugnante e inocuo existe na natureza, ha a medicação simpatica, baseada na influição misteriosa de objetos, palavras e atos sobre o corpo humano.

O ritual bizantino dentro de cujas maranhas os filhos do Jéca vêm ao mundo, e do qual não ha fugir sob penas de gra-

Digitized by Google

vissimas consequencias futuras, daria um in-folio d'alto folego ao Silvio Romero bastante operoso que se propusesse a compendia-lo.

Num parto dificil nada tão eficaz como engulir tres caroços de feijão mouro, de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça, tambem pelo avesso, o seu chapéu. Falhando esta simpatia, ha um derradeiro recurso: colar no ventre encrúado a imagem de S. Benedito.

Nesses momentos angustiosos outra mulher não penetre no recinto sem primeiro defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe: a criança morreria pagã. A omissão de qualquer destes preceitos fará chover mil desgraças na cabeça do chorincas recem-nascido.

A posse de certos objetos confere dotes sobrenaturais. A invulnerabilidade ás facadas ou cargas de chumbo é obtida graças á flor da samambaia.

Esta planta, conta Jéca, só floresce uma vez por ano, e só produz em cada samambaial uma flôr. Isto á meia-noite, no dia de S. Bartolomeu. E' preciso ser muito mofino para colhe-la, porque tambem o diabo anda á cata. Quem consegue pegar uma, ouve logo um estoiro e tonteia ao cheiro do enxofre — mas livra-se de faca e chumbo pelo resto da vida.

Todos os volumes do Larousse não bastariam para catalogar-lhes as crendices, e como não ha linhas divisorias entre estas e a religião, confundem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde pára uma e começa outra.

A ideia de Deus e dos santos torna-se jéco-centrica. São os santos os graúdos lá de cima, os coroneis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela, ajudando-os ou castigando-os, como os metediços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrépe, o feijão entornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou — tudo diabruras da côrte celeste, para castigo de más intenções ou atos.

Daí o fatalismo. Se tudo movem cordeis lá de cima, para que lutar, reagir? Deus quis. A maior catastrofe é recebida com esta exclamação, muito parenta do "Allah Kébir" do beduino.

E na arte?

Nada.

A arte rustica do camponio europeu é opulenta a ponto de constituir preciosa fonte de sugestões para os artistas de escól. Em nenhum país o povo vive sem a ela recorrer para

Digitized by Google

um ingenuo embelezamento da vida. Já não se fala no camponês italiano ou teutonico, filho de alfobres mimosos, propicios a todas as florações esteticas. Mas o russo, o hirsuto mujique, a meio atolado em barbarie crassa. Os vestuarios nacionais da Ukrania nos quais a côr viva e o sarapantado da ornamentação indicam a ingenuidade do primitivo, os isbas da Lituania, sua ceramica, os bordados, os moveis, os utensilios de cozinha, tudo revela no mais rude dos camponios o sentimento da arte.

No samoieda, no pele-vermelha, no abexim, no papúa, um arabesco ingenuo costuma ornar-lhes as armas — como lhes ornam a vida canções repassadas de ritmos sugestivos.

Que nada é isso, sabido como já o homem pre-historico, companheiro do urso das cavernas, entalhava perfis de mamutes em chifres de rena.

Egresso á regra, não denuncia o nosso caboclo o mais remoto traço de um sentimento nascido com o troglodita.

Esmerilhemos o seu casebre: que é que ali denota a existencia do mais vago senso estetico? Uma chumbada no cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo roliço do porretinho de guatambú. E' tudo.

Ás vezes surge numa familia um genio musical cuja fama esvoaça pelas redondezas. Ei-lo na viola: concentra-se, tosse, cuspilha o pigarro, fere as cordas e "tempera". E fica nisso, no tempero.

Dirão: e a modinha?

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no país, é obra do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos esteticos, borbulha d'envolta com o sangue selvagem, alegre e são do negro.

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lugubres.

Não dansa senão o catereté aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.

Não compõe sua canção, como o felá do Egito.

No meio da natureza brasilica, tão rica de formas e côres, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a infolhescencia dos cedros, ás primeiras chuvas de setembro, abre a dansa dos tangarás; onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, côr, perfume, vida dionisiaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio de tanta vida, não vive...

Digitized by Google

2.ª PARTE

CIDADES MORTAS

Cidades Mortas — A vida em Oblivion — Os perturbadores do silencio — Vidinha ociosa — Cavalinhos — Noite de São João — Gramatica Viva — Pedro Pichorra — Cabelos compridos — O "Resto de Onça" — Porque Lopes se casou — Juri na roça — "Gens Ennuyeux" — O figado indiscreto — O plagio — O romance do Chopim — O luzeiro agricola — A "Cruz de Ouro" — De como quebrei a cabeça á mulher do Melo — O espião alemão

Digitized by Google

Digitized by Google

Cidades Mortas

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outróra, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanavel caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurte de tantas ruinas: nosso progresso é nomade e sujeito a paralisias subitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflue com eles duma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

A uberdade nativa do solo é o fator que o condiciona. Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital — e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.

Em S. Paulo temos perfeito exemplo disso na depressão profunda que entorpece boa parte do chamado Norte.

Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é preterito.

Umas tantas cidades moribundas arrastam um viver decrepito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.

Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de ha muito, em materia de rodas, se voltou ao rodizio desse rechinante simbolo do viver colonial — o carro de boi. Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e tres andares, solidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiuna; casarões que lembram ossaturas de megaterios d'onde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram.

Vivem dentro, mesquinhamente, vergonteas mortiças de familias fidalgas, de bôa prosapia entroncada na nobiliarquia lusitana. Pelos salões vazios, cujos frisos dourados se recobrem da patina dos anos e cujo estuque, lagarteado de fendas, esborôa á força de goteiras, paira o bafio da morte. Ha nas paredes quadros antigos, "crayons", figurando efigies de capitães-mores de barba em colar. Ha sobre os aparadores Luiz XV bronzeos candelabros de dezoito velas, esverdecidos

Digitized by Google

de azinavre. Mas nem se acendem as velas, nem se guardam os nomes dos enquadrados — e por tudo se agruma o bolor rancido da velhice.

São os palacios mortos da cidade morta.

Avultam em numero, nas ruas centrais, casas sem janelas, só portas, tres e quatro: antigos armazens hoje fechados, porque o comercio desertou tambem. Em certa praça vazia, vestigios vagos de "monumento" de vulto: o antigo teatro — um teatro onde já ressoou a voz da Rosina Stolze, da Candiani...

Não ha na cidade exangue nem pedreiros, nem carapinas; fizeram-se estes remendões; aqueles, meros demolidores, — tanto vai da ultima construção. A tarefa se lhes resume em especar muros que deitam ventres, escorar paredes rachadas e remenda-las mal e mal. Um dia, metem abaixo as telhas: sempre vale trinta mil réis o milheiro — e fica á inclemencia do tempo o encargo de aluir o resto.

Os ricos são dois ou tres forretas, coroneis da Briosa, com cem apolices a render no Rio; e os sinecuristas acarrapatados ao orçamento; juiz, coletor, delegado. O resto é a "mob": velhos mestiços de miseravel descendencia, roida de opilação e alcool; familias decaidas, a viverem misteriosamente umas, outras á custa do parco auxilio enviado de fóra por um filho mais audacioso que emigrou. "Bôa gente", que vive de aparas.

Da geração nova, os rapazes debandam cedo, quasi meninos ainda; só ficam as moças — sempre fincadas de cotovelos á janela, negaceando um marido que é um mito em terra assim, donde os casadouros fogem. Pescam, ás vezes, as mais jeitosas, o seu promotorzinho, o seu delegadozinho de carreira — e o caso vira prodigioso acontecimento historico, criador de lendas.

Toda a ligação com o mundo se resume no cordão umbilical do correio — magro estafeta bifurcado em ponteagudas eguas pisadas, em eterno ir e vir com duas malas postais á garupa, murchas como figos secos.

Até o ar é proprio; não vibram nele fonfons de auto, nem cornetas de bicicletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem *ten-tens* de sorveteiros, nem *plás-plás* de mascates sirios. Só os velhos sons coloniais — o sino, o chilreio das andorinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o sincerro de tropas raras, o taralhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu.

Isso, nas cidades. No campo não é menor a desolação. Leguas a fio se sucedem de morraria aspera, onde reinam soberanos a sauva e seus aliados, o sapé e a samambaia. Por

Digitized by Google

ela passou o Café, como um Atila. Toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão, ensacada e mandada para fóra. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra nova; ou se transfez nos palacetes em ruina; ou reentrou na circulação europeia por mão de herdeiros dissipados.

A' mãe fecunda que o produziu nada coube; por isso, ressentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz. E o deserto lentamente retoma as posições perdidas.

Raro é o casebre de palha que fumega e entremostra em redor o quartelzinho de cana, a rocinha de mandioca. Na mór parte os escassissimos existentes, descolmados pelas ventanias, esburaquentos, afestoam-se do melão de São Caetano — a hera rustica das nossas ruinas.

As fazendas são Escoriais, de soberbo aspecto vistas de longe, entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Ladeando a Casa Grande, senzalas vazias e terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos intersticios. O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafezais extintos. Agregados dispersos. Subsistem unicamente, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerotica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querencia, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam — fauna cadaverica de ultima fase, a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões.

— Aqui foi o Breves. Colhia oitenta mil arrobas!...

A gente olha assombrada na direção que o dedo cicerone aponta. Nada mais!... A mesma morraria nua, a mesma sauva, o mesmo sapé de sempre. De banda a banda, o deserto — o tremendo deserto que o Atila Café creou.

Outras vezes o viajante lobriga ao longe, rente ao caminho, uma ave branca pousada no topo dum espeque. Aproxima-se de vagar ao chouto ritmico do cavalo; a ave exquisita não dá sinais de vida: permanece imovel. Chega-se inda mais, franze a testa, apura a vista. Não é ave, é um objeto de louça... O progresso cigano, quando um dia levantou acampamento dali, rumo Oeste, esqueceu de levar consigo aquele isolador de fios telegraficos... E lá ficará ele, atestando mudamente uma grandeza morta, até que decorram os muitos decenios necessarios para que a ruina consuma o rijo poste de "candeia" ao qual o amarraram um dia — no tempo feliz em que Ribeirão Preto era ali...

1906

Digitized by Google

A vida em Oblivion

Os tres livros

A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, á beira do caminho se deixasse ficar, exhausto e só, com olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além.

Desviou-se dela a civilização. O telegrafo não a põe á fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de uni-la á rêde por intermedio de humilde ramalzinho.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lepida, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbota a mocidade. E sua vida de vóvó entrevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Trazem-lhe os jornais o rumor do mundo, e Oblivion comenta-o com discreto parecer. Mas como os jornais vêm apenas para meia duzia de pessoas, formam estas a aristocracia mental da cidade. São "Os Que Sabem". Lembra o primado dos Dez de Veneza, esta sabedoria dos Seis de Oblivion.

Atraidos pelas terras novas, de feracidade sedutora, abandonaram-na seus filhos; só permaneceram os de vontade anemiada, debeis, faquirianos. "Mesmeiros", que todos dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam — pitam longos cigarrões de palha, matadores do tempo.

. . . . . .

Entre as originalidades de Oblivion uma pede narrativa: o como da sua educação literaria.

Promovem-na tres livros venerandos, encardidos pelo uso, com as capas sujas, consteladas de pingos de vela — lidos e relidos que foram, em longos serões familiares, por sucessivas gerações. São eles: *La mare d'Auteuil*, de Paulo de Kock,

Digitized by Google

para o uso dos conhecedores do francês; uns volumes truncados do *Rocambole,* para enlevo das imaginações femininas; e a *Ilha Maldita* de Bernardo Guimarães, para deleite dos paladares nacionalistas.

O dono primitivo seria talvez algum padre morto sem herdeiros. Depois, á força de girarem de déu em déu, esses livros forraram-se á propriedade individual. Quem, por exemplo, deseja ler o *Rocambole,* diz na rodinha da farmacia:

— Onde andará o *Rocambole?*

Informam-no logo, e o candidato toma-o das mãos do detentor ultimo, ficando desde esse momento como o seu novo depositario. Processo sumarissimo e inteligente.

Quando se esgotou a minha provisão de livros e, ignorante ainda da riqueza literaria da terra, deliberei recorrer ao stock local, dirigi-me a um dos Seis. O homem enfunou-se de legitimo orgulho ao dar-me os informes pedidos.

— Temos obras de folego, poucas mas bôas, e para todos os paladares. Genero pandego, para divertir, temos, "por exemplo", *La mare d'Autcuil,* de Paulo de Kock. Impagavel!

— Obrigado. De Kock, nem a tuberculina.

— Temos o celebre *Rocambole,* "genero imaginoso"; infelizmente está incompleto; faltam uns dezessete volumes.

— Não me serve o resto.

— E temos uma obra prima nacional, a *Ilha Maldita,* do "nosso" Bernardo Guimarães.

Parando aí o catalogo, era forçoso escolher.

No concerto dos nossos romancistas, onde Alencar é o piano querido das moças e Macedo a sensaboria relamboria d'um flautim piegas, Bernardo é a sanfona. Le-lo é ir para o mato, para a roça — mas uma roça adjetivada por menina de Sion, onde os prados são *amenos,* os vergeis *floridos,* os rios *caudalosos,* as matas *virdentes,* os pincaros *altissimos,* os sabiás *sonorosos,* as rolinhas *meigas.* Bernardo descreve a natureza como um cego que ouvisse contar e reproduzisse as paisagens com os qualificativos surrados do mau contador. Não existe nele o vinco energico da impressão pessoal. Vinte vergeis que descreva são vinte perfeitas e invariaveis amenidades. Nossas desajeitadissimas caipiras são sempre lindas morenas côr de jambo.

Bernardo falsifica o nosso mato. Onde toda a gente vê carrapatos, pernilongos, espinhos, Bernardo aponta doçuras, insetos maviosos, flores olentes.

Bernardo mente.

Digitized by Google

Mas como mente menos que o Paulo de Kock ou o truculento Ponson, pai do *Rocambole,* escolhi-o.

Veio o livro. Volume velho como um monumento egipcio e como ele coberto de inscrições. Cada leitor que passava ia deixando o rastro gravado a lapis.

"Li e gostei", dizia um; "Li e apreciei", afirmava certa senhorita. Inscrição quasi em cuneiforme rezava: "Fulano leu e apreciou o talento do grande escritor brasileiro". Outro versificava: "Já foi lido — Pelo Walfrido". Tal moça notara parcimoniosamente: "Li" e assinou. Um amigo da ordem inversa pôs: "Li e muito gostei".

Houve quem discordasse. "Li e não gostei", declarou um fulano.

O patriotismo literario dum anonimo saiu a campo em pról do autor: "Os porcos preferem milho a perolas", escreveu ele em baixo.

Monograma complicadissimo subscrevia isto "O *Rocambole* diverte mais".

E assim, por quanto espaço em branco tinha o livro, margens ou fins de capitulo, as apreciações se alastravam com levissimas variantes ao sobrio "li e gostei" inicial. Havia nomes bem antigos, de pessoas falecidas, e nomes das meninas casadeiras da epoca.

Os intelectuais de Oblivion bebiam á farta naquela veneranda fonte. Naquele Bernardo abeberavam-se de "estilo e boa linguagem", conforme afirmou um; no *Rocambole* truncado exercitavam os musculos da imaginativa; e no Paulo de Kock, os eleitos, os Sumos (os que sabiam francês!) fartavam-se da *grivoiserie* permitida a espiritos superiores.

Essa trindade impressa bastava á educação literaria da cidade. Feliz cidade! Se é de temer o homem que só conhece um livro, a cidade que só conhece tres é de venerar. Veneração, entretanto, que não virá, porque o mundo desconhece totalmente a pobrezinha da Oblivion...

1908

Digitized by Google

Os perturbadores do silencio

O silencio em Oblivion é como o frio nas regiões articas: uma permanente. Não se compreende a segunda sem o primeiro. Ele a completa; ela o define.

Durante a noite aquele silencio faz-se inteiriço como a escuridão. Por mais que se apurem, os ouvidos nada ouvem a não ser um vago e remoto ressoar, que lembra miriade de grilos microscopicos em imperceptivel surdina chiadeira. Não será isso a tal harmonia das esferas a que se refere o filosofo grego?

Durante o dia, porém, a integridade do silencio em Oblivion sofre lesões. Uns tantos rumores, sempre os mesmos e periodicamente repetidos, constelam-no de quebras de continuidade. O velho inimigo do Silencio, o Som, a espaços berra dentro dele gritos sediciosos, tal o relampago que momentaneamente destroi o imperio das trevas. Mas o Silencio logo subjuga e absorve o intruso.

A' frente desse grupo de Irreverencias está o Sino da igreja. Repicando missa aos domingos ou chorando a defunto, alegre ou funebre — é o Sino o mais violento perturbador do Silencio em Oblivion.

Outro, é a capina trimensal das ruas: o raspar das enxadas perturba o silencio com a insistencia do coaxar do sapo-ferreiro.

Outro, é o fim das aulas. Quando soam quatro horas o portão do Grupo Escolar borbota um fluxo de meninos rompidos em algazarra, a berrar, a cantar — e adeus, silencio!

Outro, e este devéras notavel, é o carrinho da Camara.

O carrinho da Camara constitue o veículo mais importante de Oblivion — que além dele só conta mais um, o Zé Burro, sólido preto mina empregado no transporte das coisas pesadas. E é o principal por varias razões ponderosas, entre as quais a de ser ele todo de ferro, ao passo que o outro é de carne. Verdade que o carrinho só tem uma roda e o preto tem duas pernas... Mas como a roda do carrinho é bem centrada e as pernas do Zé são cambaias, aquela superioridade desaparece e o carrinho instala-se de vez no primado.

Digitized by Google

Mas esta questão de primazias não vem ao caso. O caso é a perturbação do Silencio determinada pelo carrinho, fato que se dá da seguinte maneira. Como o carrinho tem pouco serviço e passa a mór parte do tempo a cochilar no deposito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inação, subrepticiamente vem pintar de vermelho o eixo das rodas, de modo que, mal sai á rua o veículo, o pobrezinho do eixo grita como um gotoso, geme, range, ringe — perturbando lamentavelmente o Silencio de Oblivion.

Quando Isaac Fac-Totum — um mulato retaco, grosso e curto como certas tatoranas — recebe ordem para ir a tal parte formicidar um olheiro de sauvas, o rolete d'homem mete as garrafas de formicida, a enxada e o fosforo dentro do carrinho e, imagem da Compenetração, simbolo da Convicção Inabalavel, parte, *nhem-nhim, nhem-nhim,* através das vias principais da cidade, em busca do mal aventurado olheiro.

De sobrecenho carregado, Isaac leva o olhar atentamente fito á frente — para "evitar algum desastre". Nas ruas desertas apenas um ou outro cachorrinho se estira ao sol. Isaac, a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.

— Diabo! A' mó que é o *Joli* do Pedro Surdo? e com uma pedra o espanta: "Sái porquêra! Não *ouve* o carro? Não tem medo de morrê masgaiado?"

E, convencido de que salvou a vida a um cristão, Isaac-Garrafa-de-Licor-de-Cacau retoma os varais e lá segue por Oblivion afóra, *nhem-nhim, nhem-nhim,* com solenidade de dalai lama do Tibé.

Ás janelas acode gente. Crianças repimpadas no peitoril gritam para dentro:

— Mamãe, o carrinho "evem" vindo!

Muita moça nervosa deixa a costura e tapa os ouvidos:

— Que inferneira! Não se póde com esta barulhada!

Não obstante, o terrivel veículo passa, indiferente á admiração como á censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, *nhem-nhim, nhem-nhim,* empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Tôco-de-Vela.

E enquanto o carrinho da Camara não torna ao deposito municipal, o Silencio não reentra na posse dos seus dominios.

1908

Digitized by Google

Vidinha ociosa

Apologo

O velho Torquato dá relevo ao que conta á força de imagens engraçadas ou apologos. Ontem explicava o mal da nossa raça: *preguiça de pensar*. E, restringindo o asserto á classe agricola:

— Se o governo agarrasse um cento de fazendeiros dos mais ilustres e os trancasse nesta sala, com cem machados naquele canto e uma floresta virgem ali adiante; e se naquele quarto pusesse uma secretaria com papel, pena e tinta, e lhes dissesse: "Ou vocês *pensam* meia hora naquele papel ou botam abaixo aquela mata", d'aí a cinco minutos *cento e um machados* pipocavam nas perobas!...

A mesmice

Um coronel inglês suicidou-se, "tired of buttoning and unbuttoning" — cansado de abotoar e desabotoar a farda.

A vida em Oblivion é um perpetuo "buttoning and unbuttoning" que não desfecha no suicidio.

Salvam-na a botica e o jogo. A botica, porque nela ha uma sessão permanente de mexerico, e o mexerico é a ambrosia dos lugarejos pobres. E o jogo, porque quem perdeu não póde suicidar-se antes da desforra, e quem ganhou vai alegre, a cantarolar que afinal de contas a vida é bôa. Dessa forma escapam todos ao cansaço da mesmice.

A folhinha

A folhinha inventou-a algum boticario do interior para uso da sua cidade-aldeia, onde correm os dias tão iguais e parecidos que só por meio dela podemos distinguir uma segunda duma quarta-feira.

Digitized by Google

Um só dia tem feição propria; o domingo. Assinala-o a roupa limpa, a roupa nova, a roupa preta que surge pelas ruas a tomar sol no corpo de toda gente. Redobram de movimento as praças. Caras novas de gente extra-muros dão ares de sua graça. Ha mercado cedo, missas até ás onze; depois, pelo resto da tarde, continuam a assinalar o Dia do Senhor caboclos e negros encachaçados, aglomerados pelas vendas. Vendem elas mais pinga nesse dia do que durante a semana inteira. Todos voltam para as casas mais ou menos chumbeados. Os "de cair", dormem na cidade. Os de vinho exaltado, no xadrez. E assim transcorre o belo domingo sem necessidade de irmos á folhinha para sabermos que dia é.

Touradas

Transformaram o antigo velodromo em circo de touros; metade das arquibancadas virou *Sombra,* a mil réis; e a outra metade, *Sol,* a quinhentos. Num camarote enfeitado de setim amarelo e verde está um *inteligente* pegado a laço e imensamente bronco. Ao seu lado, um *clarim* tuberculoso; cada vez que sopra na corneta falta-lhe folego para um som completo — e o povo ri-se.

Toureiro de verdade ha um, o Antonio Corajoso, empresario, bilheteiro e assessor do *inteligente.* Mais dois açougueiros vestidos de *toreros,* com o competente rabicho, completam a *cuadrilha.*

A cada passinho Corajoso berra para o *inteligente*: "Dê ordem de recolhida, faça isto, faça aquilo". E o pobre diabo se vê tonto para conciliar uma burrice inata com os deveres do encargo.

O povo vaia ou aplaude num tom amolecado que é toda a graça da festa. Reles, mas divertido. "Feche a boca, negro! Está com fome?" (isto para um toureiro mulato). "Recolham esse canivete aleijado!" (para um zebuzinho preto muito magro). "Hu! hu! Tira leite dessa vaca, ó canudo de pito!"

Uma farpa fere um boi na veia; o sangue começa a correr. Enternecimento geral. Para-se a tourada para remendar-se o boi. Laçam-no, cosem-lhe a ferida — operação demorada que consome vinte minutos. Tomado de piedade, o povo não consente que farpeiem os restantes.

Digitized by Google

Ha palhaço — um palhaço que faz jus ao cinturão de ouro do Desenxabimento e da Moleza. Tem preguiça até de andar, preferindo apanhar marradas a correr. Lá quando a banda de musica ataca a valsa *Amoureuse,* o ladrão atravessa a arena dansando. Mas dansa com tamanha preguiça que o povo rompe num berreiro colerico "Lincha o cinico! Mata!" E chovem-lhe em cima toda a sorte de desaforos — e cascas de pinhão.

Remata a festa a "pantomina", como diz o programa. Consiste no *Pançudo,* figura de um comico prodigioso. Tem tanto de largo como de alto. Perfeita esfera encimada por uma cabeça e "embaixada" por dois pés. E' um homem acolchoado. Mal aparece, em passinhos miudos e lentos, uma voz o denuncia: "E' o Zé de Mamã! Aí, negro safado!" E toda a gente morre de rir, adivinhando o pobre preto, muito sério, a suar em bicas dentro da couraça de colchões. O boi investe, marra-o, arremessa-o longe. Os toureiros reerguem-no. Nova investida, novo rebolar. E assim até que o touro, desconfiado, se recuse á pagodeira. Sôa por fim o toque de recolher e, todo esburacado, com a palhaça á mostra, lá vai para os bastidores o pobre Zé de Mamã, rolado qual uma pipa.

A enxada e o parafuso

Cada terra com seu uso. O nosso teatrinho sempre usou campainha para as chamadas. Campainha é eufemismo. Havia lá dentro uma enxada velha, pendurada de um arame, com um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinais eram batidos ali.

Veio um mambembe pernostico e calou a enxada, substituindo os seus sonidos por tres pancadas no assoalho.

No primeiro dia o povo da plateia entreolhou-se ao ouvir aquilo, e lá pelo poleiro houve risadas e assobios. O delegado quis intervir.

— Este mambembe parece que está mangando conosco!

Explicações. O empresario provou que aquele sistema era a ultima moda de Paris. Os espectadores remexeram-se, desconfiados. Estavam nessa indecisão, quando o Major dirimiu a pendenga com o peso de sua autoridade:

— Mas isto aqui não é Paris!...

— Bravos! Bravos!

Digitized by Google

E a velha enxada sonorosa voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.

Rabulices

Nos dias de Juri reunem-se os advogados e rabulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a virem, os ultimos a sairem, como gente que procura gozar, bem gozado, um ambiente poucas vezes fornecido pelas circunstancias. E, como peixes n'agua, á vontade, dão trela á comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminavel prosa sobre processos, atos judiciarios, movimento forense, nomeações, negocios profissionais, pilherias juridicas. As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e fatos juridicos, a modo de só tomarem conhecimento das relações entre o fato e a lei escrita, e nunca entre o fato e a lei natural — o que é proprio do filosofo. Na natureza só vêem coisas fungiveis, infungiveis, moveis, imoveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de enfiteuse — a carne e o osso, enfim, da propriedade. Essa janelinha que o artista e o filosofo trazem aberta para a natureza bruta, ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em perene esfervilhar, outra como oceano de paixões onde se debate o *Homo* — animal filho da natureza, todo ele vegetação viçosa de instintos irredutiveis — o homem de leis abre-a para a rêde de fios que a Lei trama e destrama, fios que atam os homens entre si ou á Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca que isso é engloba-se dentro da mais bela concepção do idealismo — a Justiça.

Pé no chão

Fica no extremo da rua o Grupo Escolar, de modo que a meninada passa e repassa á frente da minha janela. Notei que muitas crianças sofriam dos pés, pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma delas:

— Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

O pequeno baixou a cabeça com acanhamento; depois confessou:

— E' "inconomia".

Digitized by Google

Compreendi. Como nos Grupos não se admitem crianças de pés-no-chão, inventaram as mães pobres aquela pia fraude. Um pé vai calçado; o outro, doente de imaginario mal cronico, vai descalço. Um par de botinas dura assim por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funções. Dest'arte, guardadas as conveniencias, fica o dispendio reduzido a meio. Acata-se a lei e guarda-se o cobre.

Benditas sejam as mães engenhosas!

Barquinha de papel

Quando chove, logo que passa o aguaceiro e o enxurro transforma a rua num sistema de rios e riachos lamacentos, começam a derivar barquinhas de papel. A casa do Joaquim, o moleque-chefe da rua, vira estaleiro. Saem de lá as grandes, com bandeirolas. A mocinha de fronte tambem deita, a medo, a sua; e quem seguir esta barquinha, verá o rapaz moreno, que mora na outra esquina e está á janela, correr á sargeta, apanha-la e ler, risonho, a mensagem a lapis da sua namorada...

O hereje

Os filhos do capitão Zarico brincam todos os dias debaixo da minha janela. E' a ciranda, é o pegador, é a senhora pastora. A preta Esmeria fica o tempo todo com o caçula ao colo, vigiando-os. Inda hoje estava lá, ás voltas com o pequerrucho.

— Quem tirou o toucinho d'aqui?
— Foi o gato.
— Que é do gato?
— Está no mato.
— Que é do mato?
— O fogo queimou.
— Que é do fogo?
— A agua apagou.
— Que é da agua?
— O boi bebeu.
— Que é do boi?
— Está dizendo missa...

Digitized by Google

— Crédo! resmungou a preta. Tão pequenino e já hereje como o pai...

Juquita

E' Juquita o terror da bicharia miuda. Cães e gatos conhecem-no de longe. Esta manhã encontrei-o a brincar com um sanhaço semi-morto que, de repente, não se sabe como, sumiu. O menino procurava-o quando passei.

— Não viu o meu sanhaço? perguntou-me ele.

— Com certeza algum gato o pegou, sugeri.

— Gato! — e Juquita riu-se com a maior comiseração da minha ingenuidade: "Não ha gato que *tenha coragem* de chegar perto de mim."

No forum

Quando os "juizes de fato" se fecham (ou são fechados) na sala secreta, ficam de guarda á porta os oficiais de justiça. O juiz vai fumar e a prosa se generaliza, cindida por varios grupos. O donde saem coisas mais interessantes é o dos oficiais de justiça. Jesuino, porém, é o unico merecedor de atenção. Os demais, uns songa-mongas. Jesuino é o decano do clan. Mulato velhusco e grandalhão, tem o falar pausado, lento como carro de boi serra acima. As historias que desfia são sempre as mesmas — aventuras onde o meirinho triunfa ás avessas. Já *absorveu* muita pancada, e até cargas de chumbo.

Como homem da lei, porém, não reage senão por meio da lei. E' comezinho ir citar um caboclo na roça e ser "hospedado a guatambú". Mas volta glorioso. Cada vergão no corpo, cada galo na testa, ele o traz como estigma do martirio que vive a padecer em pról da justiça. Exibe-o ao juiz e exibe-o sobretudo á parte promotora da citação. Esta comove-se e paga-lhe o galo. D'aí a calunia dum seu colega de oficio:

— O Jesuino ganha mais com a criação de galos do que com as custas. Para mim, aquilo é embroma. Ele cita o homem e de volta vem dando cabeçadas pelas porteiras, para apanhar a gorgeta...

1908

Digitized by Google

Cavalinhos

Elsa entrou da rua repuxando com o dedo a gola da blusa de seda carmezim, para refrescar, com abanos freneticos de leque, o pescoço afogueado. Falou da procissão, que estivera linda — povareu, muitas palmas. Disse que nunca vira tanta gente na igreja; que nem se podia respirar, que estava assim! (e apinhava os dedos). Que a filha de Nha Vica fizera um berreiro dos demonios; que não sabe porque levam crianças á igreja. Depois interpelou o primo:

— Por que não foi, Lauro?

— Eu... ganiu o rapaz derreado na cadeira de balanço.

Não terminou. Entrava dos fundos dona Didi. Elsa, sua filha casada, beijou-lhe a mão, abraçou-a.

— Por que não foi, mamãe, aos cavalinhos, hontem? Esperei-a lá. Não imagina o que perdeu! A companhia é otima.

— Não pude, passei mal o dia — dôr de cabeça, visitas...

— Pois perdeu. Ha lá um menino que é um prodigio — pouco maior que o Juquinha, completamente desengonçado. Faz trabalhos pasmosos, que contados ninguem acredita. Pega nas duas perninhas, cruza-as na cabeça, aqui na nuca, e com as mãos pula como um sapo. Depois desengonça a cabeça e gira com ela como se a tivesse presa por um barbante. Uma coisa extraordinaria! O sujeito do trapezio não trabalha mal. Achei muita graça no Juquinha — era a primeira vez que ele ia ao circo: "De que é que você gostou mais, meu filho?" perguntei. "Gostei mais do homem que se balança na rêde e cai na peneira". A rede é o trapezio e a peneira é a rêde de malhas...

Todos riram; a vóvó, com delicias; Lauro, complacente — e Juquinha, que estava á janela cuspilhando nos transeuntes, recebeu olhares cheios de amorosa admiração.

Elsa parolou inda um bocado. Depois, voltando-se para o primo:

— Que horas são, Lauro?

— Sete e meia, expectorou o moço, com um pigarro que foi cuspir á rua.

Digitized by Google

— Quasi horas!... Começa ás oito. Não vai, mamãe? Vá, a senhora precisa de distrações. E' por causa desse aferrolhamento em casa que anda assim magra e amarela. Saia, espaneje-se!

Nisto espocaram foguetes. Elsa contou-os, de dedo para o ar.

— Tres! E' o sinal. E você, Lauro, vai ou...

— Pode ser que sim, pode ser que não, gemeu o filosofo.

— Diabo de rapaz este! "Pode ser"!... O' velho de cem anos! O' caramujo! Desate isso, vá!

— Fazer? Ver trapezios? Meninos desossados? Palhaços?... Iria, se não houvesse lá nenhuma dessas coisas, nem a moça que corre no cavalo, nem o homem do arame, nem...

— Mas que é então que havia de haver?

— Nada. Gente nas prateleiras, cochilando, e no picadeiro um gato morto... a cheirar.

— Só? Ai, que já é mania de originalidade! Pois vou eu. Não tanto pelos trabalhos, como pela troça, o farrancho. Bole-se com um, atira-se uma casca de pinhão noutro, e assim corre a noite alegremente. E quem não fizer isto, neste cinismo de terra, morre encarangado, cria orelha de pau.

Ajeitou sobre o penteado o fichú de sedinha vermelha, deu diante do espelho uns retoques á cara e, com um "Até logo, corujas!", saiu com o Juquinha pela mão.

Dona Didi recolheu.

Lauro ficou outra vez só na saleta, uma perna sobre o braço da cadeira, fumando pensativamente. Zoava-lhe ao ouvido a parolice trefega da prima. Consultou o relogio: quasi oito! Ergueu-se, tomou do chapeu, saiu.

Noite linda. No alto, a lua cheia apascentando um rebanho de nuvenzinhas acarneiradas.

Lauro deambulou a esmo, de mãos cruzadas ás costas, batendo o calcanhar com o ponteiro da bengala. Familias deslisavam pelas ruas, de rumo ao circo; deslisavam como sombras, á luz baça dos lampeões de querozene. Magotes de pretas passavam, taralhando, num rufo de saias engomadas. Iam com pressa, numa açodada ansia pelas molecagens do palhaço.

E Lauro rememorou os tempos em que tambem ele se tomava d'aquela sofreguidão, nos dias magnificos em que o pai anunciava ao jantar: "Aprontem-se, que hoje vamos aos cavalinhos". Com longa antecedencia já ele e os irmãos ves-

Digitized by Google

tiam a roupa nova, punham o gorro de marinheiro e de bengalinha de junco na mão sentavam-se á porta da rua á espera do anoitecer.

Lauro reviu nitidamente o Laurinho de outróra, trotando para o circo á frente do farrancho, e depois sentado na terceira fila das arquibancadas, com olhadelas gulosas para a ultima, rente ao pano, onde se repimpavam os moleques. Lá é que era a pandega!

Soava a sineta. O povo pedia o "paiaço". Vinha um "casaca de ferro" espevitar os lampeões. Grosso berreiro: "Arára! Arára! O' caradura"! Impassivel, o homem graduava a luz dos belgas, um por um, sem pressa; depois pegava da corda e içava aquela corôa de lampeões acesos, aos goles, até meio mastro.

Rompia a musica. Bem maçante a musica. Dava sono...

Afinal, começava a função e o palhaço entrava como um bolide, rolando ás cambalhotas. Tão engraçado!... O relogio dos fundilhos do calção marcava meio-dia. Na cabeça, inclinado para a orelha, o chapelinho de funil, microscopico. Bastava-lhe ver o palhaço e Lauro desandava a expremer risos sem fim. A cara caiada, as enormes sobrancelhas de zarcão, os modos, a roupa, tinha tudo tanta graça...

Mas o melhor eram as micagens e as historias. "Vem cá, sêo cara de burro: quem de vinte tira dois quanto fica?" O "casaca de ferro" respondia: "Dezoito, naturalmente". "O' asno! Fica zero!" O povo estourava de riso — e Lauro com ele...

Vinham depois os trabalhos. Não gostava. O arame, que caceteação! O trapezio, maçante... Mas gostava dos cavalos porque reaparecia o palhaço e mais o Tony.

Oh, como era bom quando havia Tony! A gente estava distraida e de repente *plaf!* Que foi? Foi o Tony que caiu! E cada tombo...

No melhor da festa aparecia um idiota com uma tabuleta: INTERVALO. Era um desmancha-prazeres e porisso objeto de odio. Todos saiam. Ficava só a mulherada. Lauro cochilava então, e ás vezes dormia recostado na tabua dura. Ao termo dum quarto de hora voltavam todos, e o papai trazia embrulhos de doces, empadas, pasteis.

A pantomima! Era o melhor. *Salteadores da Calabria*, a *Estatua de Carne*...

E a *Maria Borralheira?* Vira-a duas vezes, e nunca havia de esquecer aquele desfile de figurões historicos — Garibaldi de muletas, o general Deodoro, Napoleão...

Digitized by Google

Suas recordações estavam em Napoleão, quando Lauro chegou á praça onde zumbia o circo. Reviu a classica barraca, iluminada por dentro, deixando ver, desenhada no pano, a silhueta dos espectadores repimpados nos bancos de cima. Em redor, tabuleiros com lanternas dubias a alumiarem as cocadinhas queimadas, os pés-de-moleque, os bombocados; e mulatas gordas ao pé, vendendo; e baús com pasteis, cestas de amendoim torrado, balaios de pinhão cozido. E, grulhantes em torno, os pés-rapados de bolso vazio, que namoram as cocadas, engulindo em seco, e admiram com respeito os "peitudos" que chegam á bilheteria e malham na tabua um punhado de niqueis, pedindo com entono:

— Uma geral!

O encanto de tudo aquilo, porém, estava morto, tanto é certo que a beleza das coisas não reside nelas senão em nós.

1900

Digitized by Google

Noite de S. João

.. ..

— Á fogueira!

Confluem todos para ela. A palhaça de milho sotoposta á lenha miuda que lhe serve de intestinos vê-se ateada em fogo pelos quatro lados. O fogo péga e é a principio indecisa crepitação, acompanhada de leve e discreto fumegar. Depois, estrepitante, estala e de dentro da prisão de tóros, que quatro espeques de jissára mantêm em forma, escorados nos encruzes, róla em bojos de fumo espesso.

Panos de labareda esgarçam-se, tentando seguir a fumaça faulhenta em seu vertiginoso arranco para o alto. Vermelho clarão ilumina o terreiro e chapeia os vultos de debruns de cobre polido.

Barulham gritos, palmear de crianças, apupos e vivas, aos quais casam os bambús do recheio os seus estouros de bombas. A faiscalha ascendente galga o ceu recamado de estrelas, qual invertido chuveiro.

O frio fino da noite atrai para a fogueira os fandanguistas, de mãos espichadas para o calor irradiante. Mãos e pés. Um diluvio de pés entanguidos — pés de marmanjões, pés calçados e pés-no-chão, pézinhos de crianças, pés brancos, pés pretos e pés mulatos — das criadinhas e molecotes crias da casa — em alegre confraternizar apinham-se junto a ela, nas mil atitudes do "aquentar fogo".

As crianças furtam-lhe os tições a jeito, e guiadas pelas mais peraltas dividem-se em grupos para queimar traques da China ou bichas de rabear. O ar estreleja ao estalo daqueles, enquanto estas zigzagueiam pelo chão, chiando faiscas, como buscapésinhos de Liliput. Á porta da casa escorva-se o primeiro pistolão de côr.

— Caminho, gente! "Evai" fogo!

Abre-se uma ala por onde, d'um repuxo de faiscas, jorra a primeira bomba d'um verde de doer nos olhos. O esverdeamento da cena atrai todos os olhares, seguidos de espontaneo e sincero "Bonito!" Vem outra mais forte, vermelha.

Digitized by Google

e outra azul, e outra branca... A cada *bláf* ha um volver geral de caras, e ao ultimo um "Que pena! Outro! Outro!" E os pistolões se sucedem, com reboliços na molecada ao fim de cada um para a disputa do canudo.

Aqui o quadro perde a unidade. De cada lado cenasinhas pitorescas dividem a atenção.

— Mamãe, Zéquinha queimou eu!

Um menino aparece berrando, a sacudir um dedo enegrecido pelo chamusco da bicha que o irmão, "de proposito", lhe atacara em cima. Acodem mulheres, que rodeiam a criança com exclamações de piedade. Uma velhota lembra o querozene como o melhor porrete para queimadura. Surge a lamparina de petroleo ás mãos duma criadinha, e conserta-se o dedo ao Jojóca, que, mal sarado, ainda fungando e soluçando, lá se volta ás bichas, seguido de longe pelos olhares ressabiados do Zéquinha, ao qual a mãe, estalando os dedos, ameaçou com um "amanhã você me paga!"

Num grupo de taludotes conspira-se visivelmente. Tudo ali são meias-palavras e cochichos: *buscapés... no meio do povo... vai ser uma pandega!...*

Noutro, de fedelhinhos, o Zéquinha se faz centro de minuciosa atenção, e no silencio só quebrado por um ou outro soluço do Jojóca desmancha pistolões á cata das bombas, distribuindo a polvora pelos amigos.

Nisto, rebentam palmas no grupo dos moços.

— Bravo! Viva a sanfona!

Era o Quim da Venda que chegava, a exprémer um velho dobrado na sanfona fanhosa. Rodeiam-no; "inspiram-no" com uma vez de caninha, e cada qual vai pedindo a musica da sua predileção. Quim sorri perguntando: "Mas afinal que é que mecêis querem?"

Teve maioria uma *Não te esqueças de mim* — "muito dansante", na opinião de Sinházinha Lopes — a cujos primeiros acordes os pares se uniram de peito e iniciaram o giro valsado em torno á fogueira. Aos ouvidos das moças ressoam as eternas amabilidades do galanteio.

Em certo magote comenta-se:

— Parzinho jeitoso, a Miloca e o Lulú, não?

— E gostam-se desde meninos; ouvi dizer que ele já a pediu.

— Historias. Quem foi pedida, um dia destes, foi a Nenê. Mas parece que o sujeitinho levou tabua.

Digitized by Google

— Bem feito! Tenho birra áquele coisinha. Pensa que é gente... Não viu o que andou dizendo de mim? Como coisa que eu era capaz de dar confiança a um moleque daquela marca...

A sonfona gemia cadenciada, com o Quim deitado sobre ela, alheio ao mundo. Tocava bem, o ladrão, sobretudo quando lhe graduavam o estro com sabias doses de pinga. Aqueles sons ritmavam o movimento dos pares, enlanguecidos d'um mixto de amor e bem estar fisico. Perto deles inutilmente espocavam as bichas e chiavam fogos; nem sequer lhes atraia os olhos o *puf!* balofo dos derradeiros pistolões.

Subito, chiou ao longe um buscapé de limalha que, qual raio epiletico, enveredou pelo meio do povo aos corcóvos, criando o panico e a debandada. Os dansarinos fugiram espavoridos, com as damas penduradas ao peito, e a meninada prorrompeu em atroadora grita — meio medo, meio contentamento. Os velhos protestaram indignados, que era uma patifaria, que aquilo não se fazia. No meio da desorganização geral só não largou o posto o Quim, sempre deitado na sanfona, alheio ao mundo, absorto nas sonoridades fanhosas que su'alma de artista barbaro ia arrancando ao instrumento querido.

Cessado o panico com o estouro final do buscapé, surgiu um tio Pedro, de porretinho em punho, para "ensinar" o malvado.

Quem foi? Quem não foi?

Não fôra ninguem; ninguem vira.

Ferviam ainda o comentario e a indignação, quando apareceram duas criadas carregando bandejas com chicaras e bules.

— A gengibrada! "Evem" a gengibrada!

Foi agua na fervura. Todos se esqueceram do buscapé para só se lembrarem da garganta. Era a vez de consertar os gorgomilos e matar no ovo a possivel constipação. Por minutos um soprar de chicaras e um chuchurrear, com estalos de lingua dominaram todos os barulhos.

— Está supimpa!

— Isto regenera o figado.

— Corrobora, pois não.

— Mais uma chicara, dona Lulú?

— Ardidinha, mas bôa que dói!

— Está d'apetite, como diz o Eça.

Digitized by Google

Este comentario saiu do literatelho da roda, Julio da Silva de nome, Julius d'Altamira no pseudonimo com que desovava sonetos semanais nas folhas da terra. A Candoquinha, de ha muito pelo beiço, encantou-se com a frase.

— E' da pele, este sêo Julio!

Bem gengibrados, dispersaram-se de novo.

O Quim anunciou quadrilha, que foi organizada num apice. Quem a marcava era o Julio. Ah, o Julio tinha tanta graça para marcar...

— "En avant turco!" — "Grande chaine"! — "Tour, à pas de "porca"!

Gargalhadas, *quiás, quiás, quiás.* A Candoca fundia-se de gosto.

— Este sêo Julio tem cada uma!...

Certa ex-musa do poeta não se conteve:

— Crédo, Candoca! Você está escandalosa.

— Deixe. Isto é p'ra quem pode...

— "Joujou d'enfant"! — "Grande confusion!" — "Tour"!

— Sêo Julio, outra vez "Joujou d'enfant"!

— Arre, Candoca!

Para lá da fogueira enchia-se um grande balão. A criançada rodeava-o, acotovelando-se, na ansia de ver melhor. O Zéquinha era quem punha a mecha e distribuia tabefes aos atrapalhadores.

O bojo multicor encheu-se dum fumo sujo.

— Está pronto, pode largar!

— Ainda não, bôbo! Falta gas...

— Agora!

Sentindo-o com força, o "segurador" largou-o, e o balão hesitante subiu a prumo.

Rompeu o berreiro.

— Viva o balão! Viva Santos Dumont!

O Julio, que nesse momento estilizava o decimo "tour" com sua "vis-à-vis", a Candoca, aproveitou a ensancha para poetar.

— O amor, dona Candoca, é como o balão: quanto mais rapido sobe, mais rapido desaparece.

— Adoravel pensamento para um cartão postal! suspirou ingenuamente a menina, envolvendo-o num olhar de mel.

Nisto a fogueira desmoronou, golfando para o ceu escuro bulcões de fagulhas vivissimas.

Digitized by Google

— Bonito! Parece o Vesuvio!

O Julio incontinente "cascou" para a Candoca:

— Sabe como Deus criou as estrelas? Mandou que os anjos cortassem grandes florestas e armassem enorme fogueira da altura do Himalaia. Acendeu-a e, quando tudo estava em brasa, despegou um pedaço do ceu e arremessou-o contra ela. Ergueu-se então um repuxo imenso de faiscas, que foram subindo, foram subindo, até se grudarem na abobada negra do firmamento...

— Lindo! Ha de escrever isso no meu album, esse lindissimo pensamento, sim? O que é ter alma de poeta...

E Candoca lambusou-o de um novo olhar de mel, onde não se sabia o que mais babava, se o amor, se a admiração pelo esteta...

1900

Digitized by Google

Gramatica viva

Itaoca é uma grande familia com presunção de cidade, expremida entre montanhas, lá nos confins do Judas, precisamente no ponto onde o demo perdeu as botas. Tão isolada vive do resto do mundo, que escapam á compreensão dos forasteiros muitas palavras e locuções de uso local, puros itaoquismos. Entre eles este, que seriamente impressionou um gramatico em transito por ali: *Maria, dá cá o pito!*

Usado em sentido pejorativo para expressar decepção ou pouco caso, e aplicado ao proprio gramatico, mal descobriram que ele era apenas isso e não "influencia politica", como o supunham, descreve-se aqui o fato que lhe deu origem. E pede-se perdão aos gramaticões de má morte pelo crime de introduzir a anedota na tão sisuda quão circunspecta ciencia de torturar crianças e ensandecer adultos.

* * *

O reverendo tomou do estojo os velhos oculos de ouro, encavalgou-os no batatão nasal e leu pausadamente a carta do compadre, que dava noticias, pedia-as, e comunicava a proxima ida para ali do doutor Emerencio do Val, "nosso ministro em Viena d'Austria, homem de muito saber e distinção de maneiras, um desses diplomatas á antiga, como já os não ha nesta republica que etc. etc.", em viagem de recreio pelo interior, a matar saudades do país.

O reverendo coçou o toitiço com dedos sornas, e releu a carta demorando o pensamento nos trechos que pintavam o alto figurão itinerante, em via de honrar-lhe a casa com a sua nobilissima presença.

Verdade é que dispensava tal honraria, bôa séca á pacatez do seu viver abacial, repartido entre missinhas de cinco mil réis (mais um frango), cachimbadas de muito bom fumo de corda e os pitéus (senão ainda ternura, como propalavam as más linguas) da otima caseira e afilhada, a Maria Prequeté. Culpa toda sua, aliás. Quem lhe mandara a ele pos-

Digitized by Google

suir a melhor casa de Itaoca e ser, modestia á parte, um homem de luzes notorias, autor de varios acrosticos em latim?

Já d'outra feita hospedara um eloquente inspetor agricola e, logo depois, o tal sabio que colecionava pedrinhas — grande falta de serviço! Um diplomata agora... Ahn! A coisa variava...

Que viesse, respondeu ao compadre, mas que não esperasse encontrar na roça desses "confortos e excelencias de vida que é de habito nas grandes terras".

Escrita a resposta, foi o reverendo á cozinha conferenciar com a caseira sobre a hospedagem, e longamente confabularam sobre o pato a sacrificar-se (se o patão de peito branco ou aquele mais novo com que a viuva do João das Bichas lhe pagara a missa, a gatuna!); sobre a toalha de mesa e a roupa de cama; sobre o tratamento a dispensar — Vossa Excelencia, Vossa Senhoria ou Vossa Diplomacia.

Após longo bate-boca, salpicado de injurias em calão e algum latim, assentaram no pato da missa, na toalha de renda e no Vossa Excelencia.

Combinadas essas minucias, uma nuvem de nostalgia ensombrou a nedia cara do reverendo. Os olhos penduraram-se-lhe no vago, saudosos, e de lá só desciam para envolver, com ternura viciosa, o velho pito de barro que lhe fedia na mão.

Notou a Prequeté aquelas sombras, e:

— Acorda, boi sonso! A mó'que está ervado?...

O reverendo abriu-se. Era o pito. Eram já saudades do velho pito... Pois não ia privar-se desse amigo de tantos anos durante a estada do "empata"? Tinha educação. Não queria impressionar mal a um homem de raro primor de maneiras. E o pito, se é bom, é tambem plebeu e, mais que plebeu, chulo.

Reconhecia-o, reconhecia-o...

Entretanto, tres, quatro dias — sabia lá a quantos iria a séca? — de abstenção forçada, sem que a boca sentisse o bendito contacto do saboroso canudo amarelo de sarro?... Doloroso...

E o reverendo sorveu com delicia uma baforada maciça. Tragou-a. Depois, recostada a cabeça ao espaldar, semi-cerrados os olhos, semi-aberta a boca, deixou-se fumegar gostosamente, como piúca de queimada. Coisas boas da vida!...

Mas, que remedio? O homem fôra diplomata e em Viena d'Austria! Confabulara com arquiduques e cardeais. Homem de requintes, portanto. Era forçoso transigir com o

Digitized by Google

pito, o rico pito, o amor de pito. Sim, porque a dignidade do clero antes de tudo! Lá isso...

• • •

Uma semana depois nova carta anunciava que "o tal das Europas" em tal data repontaria por ali.

Grande alvoroço de saia e batina. A Prequeté arregaçou as mangas — braços á Machado de Assis tinha a morena! — e pôs de pernas para o ar a casa. Varreu, esfregou, escovou tudo, demoliu teias de aranha, limpou o vidro do lampeão, matou o pato e desfez com decoada os muitos pingos de gema d'ovo que constelavam a batina do padrinho.

— Arre! que até parece uma gemada! reguingou ela, entre repreensiva e caçoista. Depois, relanceando-lhe o olhar pelo alto da cabeça:

— Chi!... A corôa está que é uma tapéra! exclamou.

E, expedita, *zas! zas!* deu nela uma alimpa de tesoura.

— E o breviario? inquiriu de subito o padre.

Andava de muito tempo sumido, o raio do livro; procura que procura, descobrem-no afinal no quarto dos badulaques, feito calço d'uma comoda capenga. A Prequeté — maravilhosa caseira! — com uma dedada de banha pô-lo escorreito e envernizado, a fingir com tanta perfeição uso diario que nem Deus desconfiaria da marosca.

— Que mais? disse ela depois, plantando-se á distancia para uma vista de conjunto no seu restaurado padrinho. E como d'alto abaixo tudo estivesse a contento: Está mesmo *pshut!* concluiu, brejeira, borrifando-lhe por cima um chuvilho d'Agua Florida, para disfarçar o ranço.

Ficou o padre um amor de reverendo, liso e bem amanhado como conego de oleografia. Ele proprio o reconheceu ao espelho e, nadando nas delicias daquele carinho sem par — e muito agradavel a Deus, pois não! — sorriu-se babosamente, acariciando-a no queixo:

— Esta marota!

• • •

Conclusa a arrumação, da corôa do padre á cozinha, postou-se a Prequeté de vigia á janela, indagando os extremos da rua, enquanto o reverendo, lindo como no dia da sua primeira missa, passeava pela saleta a chupar as derradeiras cachimbadas.

Subito,

— "Evem" vindo o *reis!* — exclamou a atalaia.

Digitized by Google

O reverendo meteu o pito na gaveta, passou a mão no breviario e assumindo cara de circunstancia rumou para a porta da rua. Instantes depois defrontava-o um cavaleiro. O padre correu a segurar-lhe a redea e o estribo.

— Queira apear-se V. Excia., que esta choupana é de V. Excia.. Sou o padre vigario de Itaoca, humilde servo de V. Excia.

O diplomata, como que ressabiado com tão respeitosa acolhida, deixou-se descavalgar. Mas sem garbo, esquerdão e réles, como aí um pulha qualquer.

Entrou.

Trocaram-se rapapés, palacianos da parte do reverendo, mal achavascados (quem o diria?) da parte do cortezão que conversara arquiduques e cardeais. Houve etiquetas revividas, sempre claudicantes do lado diplomatico. Houve cerimonia.

Mas o doutor não era positivamente o que se esperava. Já no fisico desiludia. Em vez d'uma fina figura de mundano, saira-lhes um magrela de barba recrescida, roupa surrada, chambão e alvar. Enfim, pensou lá consigo o reverendo, o habito não faz o monge. Quem sabe, sob aquelas aparencias vulgares, e talvez rebuscadas, não luzia o espirito de um Talleyrand ou as manhas d'um Metternich?

Foram para a mesa e no decurso do jantar acentuou-se a desilusão. O homem comia com a faca, baforava no copo, chupava os dentes. Um puro pai-da-vida.

Observando-o por cima dos oculos, o reverendo piscava para a caseira, que, da cozinha, pela fresta da porta, torcia o nariz á pifia excelencia excursionista. Ao trincar o pato, desastre. O doutor deixou cair no chão um osso, que logo apanhou, muito encalistrado. Depois, ás voltas com a asa do palmipede, falseou-se-lhe a faca, resultando espirrar-lhe á cara um chuvisco de arroz. A Prequeté por sua vez espirrou lá dentro uma risadinha de mofa, acompanhada dum mortificante — *ché!...*

O reverendo entrou-se de duvidas. Era lá possivel que o doutor Emerencio do Val fosse um estupor daqueles?

A' sobremesa caiu a conversa sobre a politica, e o doutor desmanchou-se em bobagens graudas. Enquanto asneava, o padre ia matutando lá consigo:

— E eu com cerimonias, e eu com bobices, e eu querendo até privar-me do pito por amor a um cretino destes! Fumo-lhe nas ventas e já!

Digitized by Google

Nisto veio o café. Enquanto o ingeriam, o doutor entrou a falar de remedios, farmacias e projetos de estabelecimento.

O reverendo, decifrando o misterio, deteve a chicara no ar.

— Mas... mas então o senhor...

— Sou farmaceutico, e vim estudar a localidade a ver se é possivel montar aqui uma botica. Portei em sua casa porque...

O padre mudou de cara.

— Então não é o doutor Emerencio, o diplomata?

— Não tenho diploma, não senhor, sou farmaceutico pratico...

O padre sorveu d'um trago o café e refloriu a cara de todos os sorrisos da beatitude; desabotoou a batina, atirou com os pés para cima da mesa, expeliu um suculento arrôto de bemaventurança e berrou para a cozinha:

— Maria, dá cá o pito!

1906

Digitized by Google

Pedro Pichorra

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista saturada pela verdura monotona, espairece na Grota Fria, ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca. E passa levando nos olhos a impressão daquela sepia afogada em campo verde: Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antonio com os desenhos já escorridos pela chuva e a bandeira rota trapejante ao vento. Dois mamoeiros no quintal, apinhados de frutos; canteiros de esporinhas com periquito em redor e mangericões entreverados. Um pé de girassol, magro e desenxabido, a sopesar no alto a rodela côr de canario; laranjeiras semi-mortas sob o toucado da erva-de-passarinho.

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, descoivorado apenas, num poço onde o corgo rebrilha tres palmos d'agua. Sobre um tabuão emborcado a meio, lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher do Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas. E' ali o sitio dos Pichorras e — até a Grota Funda já é conhecida por Fundão da Pichorrada.

* * *

Por que os antigos Pereiras de Sousa, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

E' toda uma historia.

Pedrinho ia nos onze anos. Já se destabocara e já preferia, em materia de fumo, o forte, bem melado. Na vespera realizara o sonho de toda criança da roça — a faca de ponta. Dera-lha o pai, como um diploma de virilidade.

— Menino, d'ora em diante você é homem. Agredido, não gritará por gente grande; é mão na faca, pé atrás e corisco nos olhos.

Não lhe falou assim o pai, mas leu Pedrinho essa fala na lamina rebrilhante. Por isso irradiava d'orgulho, imaginando pegas, aloites, tempo-quentes e tocaias onde a "sardinha" alumiasse.

O pai, áquel'hora de pé na soleira da porta, assuntava o ceu. Viu que chover não chovia — e

Digitized by Google

Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pai?

— Vá pegar a egua.

O menino passou mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois repontava trotando em pelo a Serena, egua velha, de muita barriga mas aguentadeira.

— Dê milho, do mole e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no embornal e, enquanto a egua mascava o lambisco, alisou-a, ajeitou-lhe no lombo pisado um saco velho, depois a carona, o lombilho, o pelego.

— Não coche demais a barrigueira. Tem potrinho.

O menino folgou dois dedos o arrocho e esperou um bocado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim, arrumou o freio e montou.

— Agora você vai no sitio do Nheco e diz p'r'aquele tranca que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sózinho?

— Ué! E a faca, então? Não é "companheiro"?

O argumento valeu. Pedrinho, sem mais palavra, deu redea e, *lepte! lepte!* arrancou estrada afora.

O pai, alisando maquinalmente um palhão de milho, acompanhou-o com os olhos até perde-lo de vista na primeira curva. Depois monologou:

— "Sózinho?" Ué! Até quando? Precisa acostumar. Onze anos. E' homem. Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sobe e desce morro, quebra á direita, á esquerda, *pac, pac, pac*... Ia pensando na volta. Teria tempo de transpor a figueira antes do escurecer? A figueira... Passavam-se ali coisas do arco da velha. Pela meia noite — diziam — o capeta juntava debaixo dela sua côrte inteira para pinoteamento de um samba infernal. Os sacis marinhavam galhos acima em cata de figuinhos, que disputavam aos morcegos. E os lobishomens, então? Vinham aos centos focinhar o esterco das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar! Quando o Quincas da Estiva contava casos da figueira, não havia chapeu que parasse na cabeça.

Mas de dia, nada; passarinhada miuda só, a debicar frutinhas. Foi o que o menino viu naquela tarde ao cruzar com a figueira. Mesmo assim passou rapido e encolhidinho — por via das duvidas.

Chegou ao Nheco ainda com sol e deu o recado.

Digitized by Google

Nheco, marotissimo, coçou o cabelo de milho da barbicha e embromou:

— Pois não. Mas... "não vê" que o toichinho baixou. De Minas tem descido um "poder" de capadaria que mete medo. De sorte que você diga p'r'o pai que nestes "causos" eu não sustento o trato. Se ele quiser vinte e tres mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e tres, ouviu?

Pedrinho desandou para trás, pensando consigo: "Safado!" E veio todo o caminho, absorvido em xingar mentalmente o aproveitador.

Ao defrontar com a figueira o medo agarrou-o. Escurecia. A luz do ceu estava morrendo, palida no alto, laranja esmaiada no poente. Por felicidade cruzaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurou o encardido Santo Antonio da familia e transpôs dum galão o passo perigoso.

— Arre!... exclamou com desabafo, olhando para trás e vendo a arvore maldita diminuir de porte. E *pac, pac pac,* estrada em fora, rumo ao sitio paterno.

Mas escureceu e, já perto de casa, vai senão quando a egua empina a orelha e passarinha.

— Egua velha passarinhou é sací! — sugeriu dentro dele o medo. E o menino, retranzido, viu de repente, no barranco, um saci de braços espichados, barrigudo, *"com um olho de fogo que passeava pelo corpo".*

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!

Assustado por aquele berro, o "olho do saci voou pelo ar, piscando"...

.. ..

Pedrinho bateu em casa de cabelos em pé, olhos saltados. Agarrou-se com o pai, tremulo, sem fala. A custo desfez o nó da lingua.

— O saci, pai!...

— ?

— ... P'ra cá da figueira... na curva... Barrigudinho... preto...

O pai deu-lhe agua na cuia.

— Sossegue um pouco, menino.

E depois d'uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não ha saci destas bandas.

— Juro, pai! Por Deus do Céu que vi.

E contou a viagem por miudo, até á aparição.

— Altinho? Pretinho? indagou o pai.

Digitized by Google

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo, assim que nem pichorra grande.

— Então não é saci, concluiu o velho, entendidissimo em demonologia rural. E depois:

— Fedeu enxofre?

— Não.

— 'assobiou?

— Não.

— Mexeu do logar?

— Não. Só o olho. O olho andava e voava.

O caboclo refletiu um bocado, até que por fim uma ideia lhe iluminou a cara.

— Onde foi isso — p'ra cá do corguinho?

— E'...

— No barranco?

— E'...

— O olho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual...

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo...

O velho clareou a cara e, desmanchando as rugas da testa, disse rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo!... Sabe o que você viu, menino? Você viu o saci pichorra...

E mudando de tom, depois de refletir durante um par de minutos:

— "Quedele" a faca?

— P'ra quê? perguntou o menino, desconfiado.

— Deixe ver, dê cá a faca.

Pegou dela e pô-la á cinta. E, rispido:

— Vá dormir.

Pedrinho, compreendendo a degradação, ergueu-se com lagrima nos olhos.

— E a faca?

— Fica comigo. P'ra você, porquerinha, é canivete marca anzol ainda.

E com infinita ironia:

— Vá dormir, Pedro... Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudindo de soluços. O velho pegou do borralho um tição para acender na brasa viva o cigarro. Baforou uma fumaça com o pensamento no falecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva.

— Por quem havia de puxar o Pedrinho, pelo Chico Vira...

Digitized by Google

E assim o rebento masculino dos Pereiras do Barro Branco virou, por troça do proprio pai, o tronco duma nova familia, essa Pichorrada que hoje põe a nota sepia da sitioca na verdura da Samambaia. Tudo porque a velha Miquelina havia deixado naquele dia a pichorra d'agua a refrescar ao relento á beira do barranco, e um vagalume-guassú pousara nela por acaso, justamente quando o menino ia passando...

1910.

Digitized by Google

Cabelos compridos

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Das Dores é isso, só isso — bôazinha. Não possue outra qualidade. E' feia, é desengraçada, é inelegante, é magerrima, não tem seios, nem cadeiras, nem nenhuma rotundidade posterior; é pobre de bens e de espirito; e é filha daquele Joaquim da Venda, ilheu de burrice eburnea — isto é, dura como o marfim. Moça que não tem por onde se lhe pegue fica sendo apenas isso — bôazinha.

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Só tem uma coisa a mais que as outras — cabelo. A fita da sua trança toca-lhe a barra da saia. Em compensação, suas ideias medem-se por frações de milimetro, tão curtinhas são. Cabelos compridos, ideias curtas — já o dizia Schopenhauer.

A natureza pôs-lhe na cabeça um tabloide homeopatico de inteligencia, um granulo de memoria, uma pitada de raciocinio — e plantou a cabeleira por cima. Essa mesquinhez por dentro. Por fora ornou-lhe a asa do nariz com um grão de ervilha, que ela modestamente denomina verruga, arrebitou-lhe as ventas, rasgou-lhe boca de dimensões comprometedoras e deu-lhe uns pés... Nossa Senhora, que pés! E tantas outras pirraças lhe fez que ao ve-la todos dizem comiserados:

— Coitada da Das Dores, tão bôazinha...

Das Dores só faz o que as outras fazem e porque as outras o fazem. Vai á igreja aos domingos de livrinho na mão, ouve a missa, ouve a predica, reza. Nunca falhou um dia. Se lhe perguntarem o porque daqueles atos, responderá, muito admirada da pergunta:

— Mas se todas vão!

O grande argumento de Das Dores é esse: as outras. Ouve o sermão do padre e chora nos lances tragicos, não porque compreenda algo daquela retorica, nem porque sinta vontade de chorar — mas porque as outras choram.

Digitized by Google

Toma tudo quanto ouve ao pé da letra, incapaz que é de galgar do concreto ao abstrato. Se ouve falar em "fazer pé de alferes", fica a pensar em pés e mãos de alferes e tenentes.

—Tão bôazinha, a Das Dores...

Uma vez foi á predica de um padre em missão pela zona, orador famoso pelas muitas almas que desatolara do chafurdeiro de Satanaz. Ouviu-lhe muita coisa que não entendeu mas entendeu um pedacinho que terminava assim: "Meditai, meus irmãos, refleti em cada uma das palavras das vossas orações quotidianas, pois do contrario não terão elas nenhum valor".

Das Dores saiu da igreja impressionada com o estranho conselho, e se foi de consulta á tia Vicencia, velha sabidissima em mezinhas e teologias.

— Tia Vicencia "viu" o que o sêo conego disse? Para pensar em cada palavra, senão a reza não vale?...

A tia mastigou um "pois é" que dava toda a razão ao padre.

— Que coisa, não? foi o comentario final de Das Dores, que continuava a achar exquisitissima aquela ideia.

A' noite era costume seu rezar umas tantas orações preventivas dos mil males possiveis no dia seguinte. Mas até ali as rezara qual um fonografo, psi, psi, psi, amem. Tinha agora que pensar nas palavras. Diabo! Havia de ficar engraçada a reza...

Caiu a noite.

Das Dores meteu-se na cama, cobriu a cabeça com o lençol e deu inicio á novidade. Abriu com o Padre Nosso.

— *Padre Nosso que estais no ceu;* padre, padre; os padres, padre Pereira, padre vigario... Padre Luiz... Coitado, já morreu, e que morte feia — estuporado!... Padre... Que ideia do sêo conego mandar a gente pensar nas palavras! Nem se pode rezar direito...

— ... *nosso;* nosso é o que é da gente; nossa casa; nossa vida; nosso pai... P'ra quem seria que foi o Nosso-Pai hontem? Para a nhá Véva não é, que ela já melhorou. Seria para o major Lesbão? Coitado! Quem sabe se a estas horas já não está no outro mundo? Bom homem, aquele... Tão caridoso... O' diabo! Estou me distraindo? "Nosso"; "nosso"... Em certas palavras não se tem jeito de pensar...

— ... *que estais no ceu*: estar no ceu, que lindeza não será! Os anjos voando, as estrelinhas, Nossa Senhora tão bo-

Digitized by Google

nita com o Menino no braço, os santos passeando de lá para cá... O ceu; ceu; ceu da boca; ceu azul. Por que será que se diz ceu da boca?

— ... *santificado,* san-ti-fi-ca-do; que é santo; dia santificado; dia santo...

— ... *seja vosso nome;* nome; nome bonito... Nome feio... Quantos tapas levei na boca por dizer nomes feios! Quem me ensinava era aquela bruxa da Cesaria. Peste de negrinha! Onde andará ela? "Nome de gente"; "nome de cachorro". Gustavo, bonito nome. Está ali um que se quisesse... Mas nem me enxerga, o mauzinho; é só a Loló p'r'aqui, a Loló p'r'ali, aquela caraça de brôa... Gustavo é o nome de homem mais bonito para mim. De mulher é... Rosinha? Não. Merencia? Não... "Home", a falar verdade, nenhum. Gustavo. Gustavinho... Ahn! que sono!

— *O pão nosso;* pão; pão... Por que será que quando a gente repete muitas vezes uma palavra ela perde o jeito e fica assim exquisita? Pão; pão; pã-o... Por falar em pão, como anda minguando o pão do Zé Padeiro! E que pão ruim! Azedo... Pão sovado; pão de cará; pão de Petropolis...

— ... *de cada dia;* dia; dia; marido da noite; dia de sol; dia de chuva; dia das almas; dia de anos; dia bonito... E que dia bonito fez hontem! Vão ver que domingo chove. E' sempre assim. Havendo uma festinha, chove mesmo. Amanhã, se fizer bom dia, vou á casa da Ignez. Coitada da Ignez! Acontece cada coisa nesta vida...

— ... *dai-nos hoje;* hoje, hoje... Que é que eu fiz hoje? Ahn! Que soneira!

— ... *e livrai-nos Senhor;* senhor; ilustrissimo senhor Gustavo da Silva. Bonito nome! Senhor, amado; Senhor morto; senhor, se-nhor, nhor-se, nhor-sim...

— ... *de todo o mal;* mal; mal... mal... al...

Os olhos de Das Dores fecharam-se, o corpo moleou e o seu sono foi um só até romper o dia. Ao despertar lembrou-se logo do caso da vespera. Sorriu. Achou que a ideia do conego — um padre de tanta fama! — não passava de grossa asneira. E pela primeira vez na vida duvidou.

— Ora, titia, foi ela dizer á tia Vicencia, aquilo é asneira. Se a gente fôr pensar em cada palavra, não pode rezar direito. O conego que me perdoi, mas ele disse uma grande bobagem...

Digitized by Google

Não se sabe se a tia lhe deu razão ou não; mas o fato é que Das Dores continuou a rezar pelo sistema antigo, mais rapido, mais correntio e com certeza mais agradavel a Deus. Quem se saiu mal do incidente foi o pobre missionario. Cada vez que se referiam a ele perto de Das Dores, ela floria a cara de uma risadinha ironica.

— Está aí um que póde estar dizendo as coisas, que eu...

E concluia a frase com o mais convencido muxoxo de pouco caso.

1904

Digitized by Google

O "Resto de Onça"

— Leram o conto de Alberto Pessegueiro?

— O imortal?

— Sim.

— Perdemos alguma coisa?

— Não perderam coisa nenhuma, que aquilo é maçador. Confesso que bocejei de enfado e, consoante velho costume, passei-o á minha cozinheira, velha mulata sabidissima, parenta da cozinheira de Molière.

— "Josefa, lê-me isto e bota opinião.

A excelente criatura lavou as munhecas, diminuiu o gás ao fogão, acavalou no nariz os oculos através de cujos vidros costuma coar-se-lhe para o cerebro todo o rodapé dos jornais e albertizou-se durante meia hora. Ao cabo, veio ter comigo.

— "Pronto, sinhôzinho, está lido.

— "E que tal?

Josefa tem um maravilhoso paladar quituteiro. Seus tutús com torresmo, o picadinho que ela faz, as moquecas!... São purissimas obras de arte capazes de re-matar de inveja ao proprio Vatel, se Vatel acaso ressuscitasse. Pois bem: o mesmo genio que a Zefa demonstra na confeição de uma obra prima culinaria, revela-o no julgamento das coisas de literatura. Tem o faro, que não falha, do rato, o qual entre cem queijos escolhe sempre o melhor. Por essa razão, quando me sinto em duvidas apelo para o seu juizo instintivo, e acato-lhe a sentença como emanada da propria Minerva.

— "Então, Zefa? insisti.

Ela refranziu os labios num muxoxo.

— "Não fede, nem cheira, disse; é virado de feijão velho mexido com farinha mal torrada. Falta sal, tem gordura demais — parece comida feita por menina da Escola Normal, concluiu, com sorriso de veterano ao ouvir falar em proezas de recruta.

— "Mas, Zefa, que diz o homem, afinal de contas?

Digitized by Google

— "Não diz nada; engrola, engrola, vai p'ra lá, vem p'ra cá e a gente fica na mesma. É dos tais perobinhas da miuda que outro dia mecê chamou... como é mesmo?... pici... pici.

— "... cologos, psicologos. Os homens dos estados d'alma. Penso como você, Josefa. Quero conto que conte coisas; conto d'onde eu saia podendo contar a um amigo o que aconteceu, como o fulano morreu, se a menina casou, se o mau foi enforcado ou não. Contos, em suma, como os de Maupassant ou Kipling...

— "Ou de sêo Cornelio Pires...

— "Perfeitamente, do Cornelio, do Artur Azevedo, contos onde haja drama, comedia ou, pelo menos, uma anedota original. Mas estas pretensiosas aguas panadas, este fantasiar por paginas e paginas sem lance que arrepie os cabelos ou repuxe musculos faciais, esta gelatina insossa da Academia de Letras de Itaoca...

Josefa, quando lhe falam na Academia de Itaoca, regala-se toda, e toda se expande em risos. Ficou assim desde que leu a *Condessa Herminia* e varias imortalices quejandas.

— "E então este sêo Alberto tambem é imortal, dos tais que escrevem homem sem h?

— "É, Zefa, é imortal vitalicio, com patente e direito de podar os *h h* da lingua e comer o *s* da ciencia, e — o que é peor — com privilegio de maçar a humanidade com sornices pacovias, que só não engolem criaturas como tu, sãs de paladar e sinceridade.

* * *

E a conversa recaiu sobre contos. Disse um da roda:

— Contos andam aí aos pontapés, a questão é saber apanha-los. Não ha sujeito que não tenha na memoria uma duzia de arcabouços magnificos, aos quais, para virarem obra d'arte, só falta o vestuario da forma, bem cortado, bem cosido, com pronomes bem colocadinhos. Querem vocês a prova? Vou arrancar um conto ao primeiro conhecido que entrar.

E pusemo-nos de tocaia.

Não tardou muito, surge o Cesar.

— Viva! Fazia-te ainda no sertão, homem! comecei eu.

Digitized by Google

— Pois estou cá. Cheguei hontem, refeito, oxigenado, reverdecido de alma e corpo. Que delicia o sertão!

— Muita caçada?

— Dez queixadas, tres onças... E, por falar — já ouviram vocês a historia do "Resto de Onça"?

— "Resto de Onça"?! exclamamos, aparvalhados.

Cesar gozou o nosso espanto. Depois narrou.

— Estavamos organizando uma batida ás onças. Quem tudo dirigia era lá o meu capataz, Quim da Peroba, o mais terrivel caçador das redondezas. Quando é ele quem dirige o serviço, a bicharia sofre destroço pela certa, tão habil se mostra na escolha dos companheiros, dos cães e das disposições estrategicas.

— "Vai, dizia o Quim contando nos dedos, vai o Nico, vai o Péva, vai o "Resto de Onça"...

— "Resto de Onça"? exclamei eu, tão aparvalhado como vocês inda agora. Que diabo de bicho é esse?

Quim sorriu e disse, depois de sacar uma palha:

— "E' um pedaço de homem; um homem a quem a onça comeu uma parte e que continua a viver com o resto do corpo. Pois assim mesmo ainda é um cuéra que não troco por tres sujeitos inteiros da cidade. Mecê vai ver.

De fato, vi. Tudo organizado, na vespera da caçada, á tarde, o primeiro a apresentar-se foi "Resto de Onça".

— "Stardes".

Era um caboclo chupado, sem o braço direito, sem um olho, sem um pedaço de cara. Horrivel! Uma bochecha fôra lanhada e despegara com parte dos labios e um dos olhos, de modo que aquilo por ali era uma só pavorosa cicatriz, repuxada em varias direções. Entreabriu a camisa: no peito, a mama esquerda, arrancada a unhaço, era outra horrivel cicatriz de arrepiar.

Pedi-lhe que contasse a sua historia. "Resto" não se fez de rogado.

— "Não vê que — foi dizendo — lá na fazenda do coronel Eusebio, na beira do sertão, havia onça que era um castigo. Foi preciso bater nelas, de cachorrada e chumbo, um ano inteiro para livrar o gado. O coronel, tanto lidou que venceu. As que não cairam mortas afundaram para longe. Mas ficou uma. Era uma bela onça pintada, matreira como cachorro do mato. Tinha manhas de negro fujão. Nem mundéu, nem cachorro mestre, nem o Leopoldino On-

Digitized by Google

ceiro, que é um cabra-macho para desiludir uma bicha mesquinha, nunca puderam atinar com ela de jeito a barrear a volta do apá com um lote de *paula souza*. Escapava sempre e de birra vinha pegar os porcos no chiqueiro.

Um dia — o coronel estava na mesa almoçando — rebentou uma tormenta no chiqueirão, de trás da casa. Corremos todos: estava a onça ferrada na mais bonita porca da fazenda, já moida com um munhecaço. Corre que corre, grita, atira: — ela escapuliu.

O coronel virou bicho e jurou que seria a ultima vez.

— "Ela volta, disse eu, ela não "deseste" da porca. O melhor é ficar um bom atirador de plantão, dia e noite."

— "Pois fica você."

Fiquei na tocaia, escondido, de jeito que a onça não pudesse desconfiar.

Varei a noite de olho aceso: nada. Rompeu a manhã: nada. Eu disse comigo:

— "Agora dou um pulo dá dentro, bebo café e volto."

Fui; enguli um cafézinho com mistura, depressa, depressa; mas quando voltei... "quedele" a porca? A onça tinha me logrado!...

Quando soube da coisa, o coronel bufou que nem queixada em mundéu.

— "Quim, disse ele, vá juntar gente e cachorrada. Bote um exercito aqui p'ra domingo, e vamos picar de bala essa malvada. Quero ver o couro dela aqui no chão, com seiscentos milhões de diabos!

Eu sai, corri a vizinhança e apalavrei para domingo tudo quanto era espingarda, foice e cachorro de cinco leguas de roda.

Chegado o momento, começou uma batida em regra.

Tudo corria bem, senão quando, de repente, *au! au!*, o meu Brinquinho — conheci a voz! — acuou primeiro de todos. E logo a cachorrada inteira, uns cincoenta — *au! au! au!* — musica de arrepiar a gente. Ah, moço, que festa foi esse dia! A bicha de cada tapa esmigalhava um cão... Ia parando na carreira, de tocaia atrás dos troncos e mal o cachorro dianteiro fronteava, ela, *baf!* tripa de fóra! Um castigo.

Já levara um tiro, mas nem conta fez; e, assim, fugindo, ia arrasando os cachorros onceiros. Eu corria na frente, seco por ganhar a gloria da caçada, e por via disso me distan-

Digitized by Google

ciei dos companheiros. De repente, sem ver nada, *paf!* um manotaço de unha na cara me pinchou de costas no chão; um corpo caiu sentado em cima de mim. Ah, mundo! Que luta aquela! Eu, c'os braços, só defendia a cara, que se a onça me aboca era o fim; e como a espingarda me ficasse debaixo do corpo, minha porfia era passar a unha nela.

O que me salvou foi a coragem do Brinquinho. Como os caçadores e os outros cães ainda não tivessem chegado, só ele me ajudava, latindo com desespero e ferrando o dente nos trazeiros da féra. A cada dentada a onça se voltava para estapear o cachorro, que fugia — que fugia para atacar de novo, logo que a onça virava a cara pr'a mim.

Tudo isto que eu levo agora um tempão contando se passou num corisco de minuto. Lá em certo momento pude alcançar a faca — faquinha atôa de matar porco. Saquei a faca e casquei no pescoço da bicha. Quem disse enterrar? Vergou, a porquêra, como se fosse de lata, sem calar nem a pontinha! Me vi perdido. "Férra, Brinquinho!" Aquela pessoa de quatro pés, com uma coragem louca, zás! outra dentada. A onça me folgou, e eu vi romper do mato o primeiro caçador. Era justamente meu sogro.

— "Atira, nho Vadô!" gritei.

Que atirar nada! O raio do maleiteiro ficou tão estuporado de me ver na goela da onça, que estarreceu no logar.

— "Atira, nho Vadô!

Que, nada! Nisto houve jeito d'eu desentalar a espingarda e entrouxar o cano na boca da onça. Estrondei o tiro; a bicha moleou de banda.

Eu estava em pedaços, mas não sentia dôr nenhuma. Só me lembro que, ainda no chão, puxei a espingarda de dentro da boca da onça, virei o cano p'r'o lado do meu sogro e sapequei nele o segundo tiro, junto com um nome ofensivo á defunta avó da minha mulher, Deus que me perdoi! De "reiva"... Depois veio a dôr e perdi os sentidos.

"Resto de Onça" tomou folego.

— "E fiquei assim. O braço direito, sem carne, sem osso inteiro, foi preciso o medico cortar c'a serra; a cara e o peito foram sarando e fiquei assim, resto de onça, caco de gente, mas homem ainda p'ra escorar o diabo!"

* * *

Digitized by Google

— Então, que lhes dizia eu? comentou, voltando-se para os companheiros, o que prometera extrair um conto do primeiro conhecido que passasse.

— Sim — retrucou o ranzinza do grupo — mas não é bem um conto, não passa dum caso, duma anedota de caçador.

— Está enganado. Tem todas as qualidades do conto e tem a principal: poder ser contado adiante, de modo a interessar por um momento o auditorio.

Dê ao fato forma literaria, umas pitadas de descritivo, pronomes p'r'ali, uns enfeites pimpões e pronto! — vira conto dos autenticos, dos que não sécam a paciencia da humanidade com a arqui-maçadora psicologia do sr. Alberto Pessegueiro...

1923

Digitized by Google

Porque Lopes se casou

— Pois, meu caro, dizia Lucas ao seu amigo Lopes, fiz essa asneira, casei-me.

— E és pai d'uma legião...

— Tenho doze filhos e já alguns ávos do decimo terceiro.

— E tudo quanto produz o teu trabalho, some-se em bugigangas, leite, farinha, cueiros, fraldas, cavalinhos de pau...

— Um trabalho de negro cativo mal dá para mante-los no pé de decencia que minha posição requer. E é uma voragem a minha casa. Quando entro numa sapataria é para comprar doze, quatorze pares de sapatos! Das lojas nunca trouxe fazenda aos metros, é ás peças. De feijão gasto meia saca por quinzena. Uma voragem!

E se visses que jararaca me saiu minha mulher... Uma fera, Lopes! Dessas que lançam com o prato á cara do marido se este torce o nariz ao quitute. E feia, desleixada, lambona, cabelos despenteados, um fedelho aos berros no braço, as chinelas a se arrastarem pela casa, *trec, trec, trec.* Traz á cinta a penca de chaves e um rabo de tatú que até a mim inspira respeito. Dirige o movimento da casa a lambadas. Grita sem parar, deblatera, diz nomes, arranca a orelha ás criadinhas. E' um despotismo de saias a serviço d'um estado de sitio que suprimiu o meu poder marital, o meu patrio poder, o meu poder animal de homem, e me põe na casa humilde e caladinho, d'orelhas murchas como um lazarento burro de carroça. Felizmente o trabalho na repartição afasta-me da inferneira oito horas por dia. E' quando vivo. Mas logo que a tarefa termina e vôlto para a gehena, ah, Lopes, nunca saberás com que angustia o faço... O lar! Falam poetas nas delicias do lar, no remanso do lar... A avaliar pelo meu, o lar é circulo que esqueceu ao Dante. Em caminho para o "remanso do lar" rememoro tudo o que me espera. No topo da escada, de mãos á cintura, a minha tremenda metade em atitude de juiz em face do reu.

— "Trouxe a pimenta? Comprou o sabão? Chamou o homem para consertar a torneira?"

Digitized by Google

E se acaso me esquece alguma coisa, lá desaba o temporal.

— "E' isto. Não presta para nada, não sei porque casou, já que não serve nem para trazer da cidade um pão de sabão de cinza para a burra da mulher que fica em casa a se matar de trabalho", e tá, tá, tá. Não imaginas a minha vida, Lopes...

Arrepiado ante as confidencias do amigo, Lopes alvitrou certas soluções desesperadas.

— Em teu caso, Lucas, eu recorria a meios extremos, ao divorcio, á bolinha...

— Caçôa, caçôa. Eu tambem caçoava...

— Mas, Lucas, estás a exagerar. Dou de barato que seja assim. Mas ha compensações. Os filhos, por exemplo, as sãs alegrias da paternidade...

— Os filhos... Tem muita graça o primeiro, o segundo e ainda o terceiro. Depois, do quarto ao decimo segundo... que pestezinhas infernais! Destroem tudo, põem a casa imunda, vivem num corropio de travessuras, capazes de endoidecer um santo. Não sei se os filhos dos outros são assim, mas os meus batem todos os recordes. Ha um, o senhor Lulú, que prenuncia novo Atila. Diverte-se em quebrar, furar, judiar, escangalhar o que encontra. Hontem procurei um livro — livro de contas, sossega! — e fui encontra-lo no quintal, dentro d'uma poça d'agua, á guisa de barragem de dique. Só em louça quebrada esse patife me dá um rombo de quarenta mil réis por mês.

E não é só ele.

O Eduardinho tem a mania de encafuar os talheres nos buracos dos ratos, nas frestas do assoalho.

Outro especializou-se em quebrar os dentes aos garfos. Chegamos á perfeição de ter em casa apenas um garfo com quatro dentes! Já as facas são uma dentadura completa. Quem é o dentista? O sr. Lulú. Aparece uma cadeira com tres pernas. Quem foi o carpinteiro? O sr. Lulú.

A Ignezita tem a bossa da costura. Está praticando no corte... Em pilhando a tesoura, esconde-se nos cantos e vai picando o que encontra. Ha dias recortou um corpinho no oleado da mesa, um oleado adquirido na vespera — e tão caro...

O Leandro é o homem da balistica. Vive com o papo da camisa cheio de pedregulho e cacos de telha — "tentos", diz ele — e brinca de partir vidraças aos vizinhos. Tem, para mal meu, mão certa como o Guilherme Tell.

Digitized by Google

O Lucas, esse chora. Chora doze horas por dia, átoa, por brincadeira. E' o rei da manha, mas daquelas manhas interminaveis, que deixam os nervos da gente em carne viva.

O Bentinho, que é torto, o coitado, já fuma pontas de cigarro e coleciona nomes feios apanhados na rua.

O mais velho foge de casa pela janela e entra de madrugada. Anda-me sorumbatico, com umas perebas suspeitas.

O Juvenal...

— Pára um bocado, Lucas. Deixa-me tomar folego e fazer uma observação. Sendo assim como dizes, travessos, insubordinados, insuportaveis, a culpa é só tua. E' que lhes não dás a devida disciplina, não os corriges, não lhes torces o pepino no tempo propicio, homem!

— Será, mas que queres? Não posso, não tenho energia. Sou uma tapera, um homem arrasado que me fiz fatalista para ter uma filosofia que me dê paz á conciencia. Bem me acusa ela de inepcia e frouxidão extrema... Ás vezes vêm-me impetos de reagir, entrar em casa de guatambú em punho e ir deslombando ás cegas a escadinha inteira, coisa de começar no frangote das perebas e acabar nos seis gatos ladrões do Chiquinho, com escala pelos cães sarnentos do Manoel, pelos canarios azucrinantes do Julio e pelas bonecas de pano de Mariinha. Moê-los em massa, a granel e ir entregar-me á policia e pedir ao juri, de joelhos, trinta deliciosos anos de paz e silencio no fundo duma celula. Mas fica em impetos. Sou uma tapera arrasada, incapaz dum movimento energico...

O pobre Lucas consultou o relogio e assustou-se.

— Tres horas! Minha cara metade deve estar furiosa. Adeus, Lopes, vou-me ao "repouso do lar", concluiu, despedindo-se com um riso amargo.

E foi-se, o Lucas, apressadamente, cheio de pacotes pelos nós dos dedos, embrulhos nos bolsos e um queijo sobraçado...

Lopes ficou imovel no logar, com os olhos parados, recordando. Veio-lhe á mente o Lucas de quinze anos atrás. Era um rapagão alegre, todo esperanças no futuro, e amigo de arquitetar castelos de Espanha. Poetara. Amara uma duzia de meninas em duas centenas de sonetos parnasianos, e por fim elegeu como diva á Nonoca Fagundes, uma loura translucida, magrinha, de falas melifluas — Botticelli temperado á moderna, dizia ele.

Era bonitinha, dezessete anos, em pleno viço da beleza do diabo, um mimo de fragilidade gracil, bôazinha como não havia outra — bôa, "boa constrictor"... Muito ingenua e

Digitized by Google

amiga de reticencias graciosas, corava a todo instante. Dizia ele: *Moram em suas faces duas rosas Bela-Helena.* Andar saltitante como de silfide. Um verso dele rezava:

Das plumas' tens no andar
a suave macieza...

Lucas amou-a em regra, e sonetou-a inteira dos cabelos aos pés, parnasianamente, nefelibatamente, com lirismo de comover as pedras. Não a tratou antropofagicamente, porque a antropofagia guindada a escola estetica ainda não fôra inventada.

Sonhou-a ao seu lado, "amiga peregrina d'alma e coração", num arroubo perene de felicidade celestial pela estrada da vida afora...

Amou-a tres anos seguidos, com o dispendio d'uma arroba de versos arrancados á carne viva da inspiração. Bateu-se a punhadas com varios rivais temiveis. Rompeu com a familia, que desaprovava o casamento. Cantou-lhe á janela, com muito chôro de violão, todas as modinhas do tempo — *Quizera amarte, Acorda donzela,* alem de outras adrede compostas para aquele fim. Amou-a loucamente, "como só se ama uma vez na vida". Foi desses que dizem em prosa, verso e cochicho: "Ver-te e amar-te foi obra de um só momento". Intercalou em alexandrinos o classico "anjo, mulher ou visão". Esgotou inteirinho o alforje romantico das imagens enluaradas; recorreu á botanica e assolou o reino vegetal á cata de flores comparativas. Não contente com isso, ainda deambulou pelos ceus e mergulhou no oceano em busca de imagens — que nada era bastante á imensidade d'aquele amor.

Casou por fim e estava reduzido áquilo...

Em vista do que, Lopes, que andava noivo e irresoluto se casaria ou não, tendo já no ativo uma duzia de sonetos amorosissimos, decidiu-se incontinenti — casou.

Se tinha de acabar como o Lucas, levasse sobre ele, ao menos, a vantagem de menor copia de versos á futura cascavel. Porque lhe pareceu que o maior sofrimento do Lucas havia de ser o remorso da enorme bagagem de versos prenupciais.

E era.

1903

Digitized by Google

Juri na roça

Não é meu este caso, mas dum tio, juiz numa Itaoca beira-mar. Homem sessentão, cheio de rabugens, pigarros e mais macacôas da velhice, nem por isso deixa de ser amigo da pulha, como diria Mestre Machado. Gosta de contar pilherias e casos de truz, que a meio descambam em caretas reumaticas, muito de apiedar corações sobrinhos.

Os seus dominios juridicos são o reino da propria Pacatez. Os anos ali fluem para o Esquecimento no deslisar preguiçoso dos ribeirões espraiados, sem cascatas nem corredeiras encrespadoras do espelho das aguas — disturbio, tiro ou escandalo passional. O povo, escasso como penas em frango impubere, vive de apanhar tainhas e mariscos. Feito o que, come-os. Feito o que, digere-os. Feito o que, "da capo" ás tainhas e mariscos.

E' extrema a penuria de emoções. Vidas ha que ardem inteirinhas sem o tremelique duma comoção forte. Só a Morte pinga, a espaços, no cofre vazio dos acontecimentos, o vintem azinavrado dum velho mariscador morto de pigarro senil, ou o tostão duma pessoa grada, coletor de rendas, fiscal, agente do correio. Em tempos deu cedula graúda, um visconde da Jamanta, ultimo varão conspicuo de que ficou memoria no logar.

Fora disso nada mais bole com a sensibilidade em perpetua cômа do excelente povo — nem dramas de amor, nem rixas eleitorais, nem coisa nenhuma destoante dos mandamentos do Pasmado Viver.

A taramelagem das más linguas vê-se forçada, nos serões familiares, ou na venda do José Inchado (clube da ralé), ou na *Botica do Cação de Ouro* (aqui o escol), a esgravatar as castanhas chochas do assunto sovado ou frivolo. Sempre conversinhas que não vão nem vêm.

A grande preocupação de todos é matar o tempo. Matam-no, os homens, pitando cigarrões de palha, e as mulheres, gestando a prole enfermiça. E assim escorregam-se para o Nirvana os dias, os meses, os anos, como lesmas de Cronos,

Digitized by Google

deixando nas memorias um rastilho dubio que rapidamente se extingue.

Nessa lagoa urbana rebentou com estardalhaço a noticia d'uma sessão do juri. O povo rejubilou. Vinte anos havia que o realejo da justiça popular empoeirava num desvão do Forum, mudo á falta d'um capadocio que lhe metesse no bojo o niquel dum modesto ferimento leve. Fizera-o agora o Chico Baiano, ave d'arribação despejada ali por um navio da Costeira. Que regalo! Ia o promotor cantar a tremenda aria da Acusação; o Zézéca Esteves, solicitador, recitaria a *Douda de Albano* disfarçada em Defesa. Sua Excelencia, o Meritissimo Juiz, faria de ponto e contra-regra. Delicias da vida!

Ao pé do fogo, em casebre humilde, o pai explicava ao filho:

— Aquilo é que é, Manequinho! Você vai ver uma estrumela de gosto, que até parece missa cantada de Taubaté. O juiz, feito um gavião pato, senta no meio da mesa, num estrado deste porte; á mão direita fica o doutor promotor com uma maçaroca de papeis na frente. Em baixo, na sala, uma mesa comprida com os jurados em roda. E a coisa garra num falatorio até noite alta: o Chico lê que lê; o promotor fala e refala; o Zézéca rebate, e tal e tal. Uma lindeza!

O assunto era o mesmo na venda do José Inchado.

— Lembra-se, compadre, daquele juri, deve fazer vinte anos, que "absorveu" o Pedro Intanha? Eh, juri macota! O dr. Gusmão veio de Pinda especialmente, e falou que nem um vigario. Era só o "nobre orgo do ministerio" p'r'aqui, o "meritricio doutor juiz" p'r'ali. Sabia dizer as coisas, o ladrão! Tambem, comeu milho grosso! p'r'a mais de quinhentos bagos, dizem. Mas valia. Isso lá valia.

Na Botica do Cação de Ouro o assunto ainda era o mesmo.

— Não, não; você está enganado; não foi desse jeito, não! Ora! Pois se eu até servi de testemunha!... Não teime, homem de Deus!... Sabe como foi? Eu conto. O Pedro Intanha teve um bateboca com o major Vaz, perdeu a cabeça e chamou ele de estupor, bem ali defronte da Nhá Veva; e vai o major e diz: "Estupor é a avó". Foi então o Pedro e...

Só não gostou da noticia o meu tio juiz. Maçada. Incomodarem-no por causa dum crimezinho tão atôa. E tinha razão.. O delito do mulato não valia uma casca de ostra.

Chico Baiano costumava todas as noites "soverter" um martelo da "legitima" no botequim do Bento Ventania. Ficava alegrete, chasqueador, mas não passava disso. Certa vez, porém, errou a dose, e em vez do martelo do costume

Digitized by Google

chamou ao papo tres. A pinga era forte; subiu-lhe imediatamente á torre das ideias. A principio Baiano destabocou. Deu grandes punhadas no balcão; berrou que o Sul é uma joça; que o Norte é que é; que baiano é ali no duro; que quem fosse homem que pulasse para fora, etc., etc. O botequim estava deserto; não havia quem lhe apanhasse a luva, a não ser o Ventania; mas este acendeu o cigarro pachorrentamente, trancou as portas na cara do bebado e foi dormir.

Chico Baiano, na rua, continuou a desafiar o mundo — que rachava, partia caras, arrancava figados. Infelizmente tambem a rua estava deserta, e nem sequer a mingoante, a pino, lhe dava sombras com que esgrimisse. Foi quando saltou do corredor da casa dos Mouras o Joli, cachorrinho de estimação da Sinhárinha Moura, bicho de colo, metade pelado, metade peludo, e deu de ladrar, feito um bôbo, diante do insolito perturbador do silencio.

O Baiano sorriu-se. Tinha contendor, afinal.

— 'guenta lixo! berrou e, cambeteando, descreveu uma "letra" de capoeiragem, cujo remate foi o valentissimo pontapé com que projetou o tótó a cinco metros de distancia. Joli rompeu num ganir de cortar a alma, e o ofensor, perdido o equilibrio, veio de lombo ao chão.

A Mourisma despertou de sobressalto, surgindo logo á porta o redondo intendente da Camara, Maneco Moura, de camisola, carapuça de dormir e vela na mão. Estrouvinhado, o homem não enxergava coisa nenhuma desta vida, a não ser o clarão da luz á sua frente.

— Que é lá isso aí? berrou ele para a rua.

— E' pimenta cumari! roncou o mulato já a prumo; e enquanto, esfregando os olhos, o Moura perguntava a si proprio se não era aquilo pesadelo, o facinora desenhou no chão uma figura de capoeiragem chamada "rabo de arraia". Consequencia: o pesado vereador aluiu com vela e tudo, esborrachando o nariz no cimento da calçada.

Era esse o fato sobre o qual ia a Justiça manifestar-se.

Fale o tio: Foi uma séca sem nome o tal juri. O promotor, sequioso por falar, com a eloquencia ingurgitada por vinte anos de chôco, atochou no auditorio cinco horas maciças d'uma retorica do tempo do onça, que foram cinco horas de pigarros e caroços de encher balaios. Principiou historiando o direito criminal desde o Pitecantropo Erecto, com estações em Licurgo e Vedas, Moisés e Zend-Avesta. Analisou todas as teorias filosoficas que vêm de Confucio a Freixo Portugal; aniquilou Lombroso e mais "lérias" de Garófalo (que dizia

Digitized by Google

Garofálo); provou que o livre arbitrio é a maior das verdades absolutas e que os deterministas são uns cavalos, inimigos da religião de nosso pais; arrasou Comte, Spencer e Haeckel, representantes do Anti-Cristo na terra — et coetera. Contou depois sua vida, sua nobre ascendencia entroncada na alta prosapia duns Esteves do Rio Cávado, em Portugal; o heroismo de um tio morto na guerra do Paraguai e o não menos heroico ferimento de um primo, hoje escriturario do Ministerio da Guerra, que no combate de Cerro-Corá sofreu uma arranhadura de baioneta na "face lateral do lóbo da orelha sinistra".

Provou em seguida a imaculabilidade da sua vida; releu o cabeçalho da acusação feita no julgamento-Intanha; citou periodos de Bossuet — a aguia de Meaux, de Ruy — a aguia de Haya, e de outras aves menores; leu paginas de Balmes e Donoso Cortez sobre a resignação cristã; aduziu todos os argumentos do Doutor Sutil a respeito da Santissima Trindade; e concluiu, finalmente, pedindo a condenação da "fera humana que cinicamente me olha como para um palacio" a trinta anos de prisão celular, mais a multa da lei.

Aqui o tio parou, acabrunhado. Correu a mão livida pela testa em suor. Negrejaram-se-lhe as olheiras.

— Sinto um cansaço d'alma ao recordar esse dia. Como é fertil em recursos a imbecilidade humana! Houve replica. Houve treplica. O Zézéca bateu o promotor em asnice. Engalfinharam-se, disputando, acirrados, o cinturão de ouro do Ornejo. Horror... O borbotão de asneiras era caudal sem fim e o conselho já dava evidentes sinais de canseira. A tantas, um jurado levantou-se e pediu licença para ficar de cocoras no banco, porque, "com perdão da palavra, estava com escandescencia". Veja você!...

— Afinal...

— Afinal foram os jurados para a sala secreta. Noite alta já. Os candieiros de petroleo, com os vidros fumados, modorravam funeriamente. O Forum, deserto de curiosos, estava quasi ás escuras. O destacamento policial (duas praças e o cabo) cabeceava, a dormir em pé. Tres horas já haviam corrido, de sonolenta espectação, quando da sala secreta saem os jurados com o papelorio. Entregam-mo. Corro os olhos e esfrio. Tudo errado! Era impossivel julgar com base na salada de batata e ovos que me fizeram dos quesitos. Tive de reenvia-los ao curral do conselho. Expliquei-lhes novamente, com infinita paciencia, como deveriam proceder. Façam isto, assim, assado, entenderam?

Digitized by Google

— "Entendemos, sim, senhor, respondeu um por todos, mas por via das duvidas era bom que o sêo doutor mandasse cá dentro o João Carapina, p'ra nos ajudar.

Abri a minha maior boca e olhei assombrado para o escrivão: E esta, amigo Chico? O escrivão cochichou-me que era sempre assim. Em não saindo sorteado o João Carapina, não havia meio da coisa correr bem na sala secreta. E citou varios antecedentes comprobatorios. Não me contive — berrei, chamei-lhes nomes, asnos de Minerva, onagros de Temis, e fi-los trancafiar de novo na saleta.

— "Ou a coisa vem conforme o formulario, ou vocês, cambada, ficam aí toda a vida!"

Decorreu mais outra hora e nada. Nenhum ruido promissor na sala secreta. Perdi a esperança e acabei perdendo a paciencia. Chamei o oficial de justiça.

— "Vá desentocar-me esse Carapina e ponha-mo cá debaixo de vara, dormindo ou acordado, vivo ou morto. Depressa!..."

O oficial saiu, lepido, e meia hora depois voltava com o carpinteiro dos nós gordios a bocejar, estremunhado, de chinelas e cobertor vermelho ao pescoço.

— Senhor João, gritei, meta-se na sala secreta e amadrinhe-me esse lote de cavalgaduras. Com seiscentos milhões de réus, é preciso acabar com isto!

O carpinteiro foi introduzido na sala secreta.

Logo em seguida, porém, *toc, toc, toc,* batem lá de dentro. O oficial de justiça abre a porta. Surge-me o Carapina com cara idiota.

— "Que ha?" perguntei, escamado.

— "O que ha, senhor doutor, é que não ha ninguem na sala; os jurados fugiram pela janela!..."

— ! ! !

— "E deixaram em cima da mesa este bilhetinho para Vossa Excelencia".

Li-o. "Sr. doutor Juiz, nos desculpe, mas nós condenamos o bicho no grau maximo".

Maximo foi a palavra que decifrei pelo sentido: estava escrito "maquecimo".

Levantei-me, possesso.

— "Está suspensa a sessão! Senhor comandante, recolha o réu á... Que é do réu?"

Firmei a vista: não vi sombra de réu no banquinho. O comandante, que estava a dormir de pé, despertou sobressaltado, esfregando o olho.

Digitized by Google

— "Senhor comandante, que é do réu?" gritei.

O pobre cabo, com a ajuda dos dois soldados a cairem de sono, deu busca em baixo da mesa, pelos cantos, no mictorio, dentro das escarradeiras. Como nada encontrasse, perfilou-se e disse com respeitosa indignação:

— "Saberá Vossa Excelencia que o safado escafedeu..."

O relogio da matriz badalava tres horas — tres horas da madrugada!... Era demais. Perdi a compostura e explodi.

— "Sabem duma coisa? Vão todos a... e berrei a plenos pulmões o grande palavrão da lingua portuguesa".

— E?...

— E fui dormir.

1909

Digitized by Google

"Gens ennuyeux"

— Queres ir? indagou Lino, espichando-me um convite. Li: *A Sociedade Cientifica,* ahn, ahn... *convida,* ahn... *a conferencia versará sobre a Historia da Terra.*

— É; a tese é catita; vais?

— Está-me apetecendo conhece-los, aos nossos sabios.

— Sabios, rosnei, *gens ennuyeux*...

— Nem sempre, contraveio Lino. O assunto é magnifico — e depois, que diabo! uma penitenciazinha de vez em quando, por amor á ciencia...

— Pois vamos, resolvi com intrepidez.

— Ás oito, rua tal.

— O.K.

. . . . . .

Ao assomarmos á porta, já as cadeiras do grande salão se pintalgavam de graves sobrecasacas cientificas, encimadas por carecas luzidias, em cujo espelho punha gangrenas de luz (perdão, Apolo!) a luz violacea do arco voltaico.

Entramos com religiosa compostura, pisando com passos humilimos o augusto assoalho do Pagode da Ciencia.

No rosto do meu amigo vi uma leve expressão de terror sagrado. Os quichuas, quando davam de chofre com o Eldorado, haviam de ficar assim... Lino comovia-se devéras e foi balbuciante que cochichou:

— Sabios, hein?

Sentamo-nos devagarinho e pusemo-nos a olhar. Novas sobrecasacas chegavam, aos magotes de tres e quatro, compenetradas, pensabundas. Eram novos sabios de variegado estilo. Havia o estilo-fiambre: gente vermelha, com sangue á flor da pele em permanente congestão. O estilo melado: genero de importação alemã. O estilo-*ball:* queijos de Palmira com o vermelho substituido por um palor circular de cabelugens ralas. O estilo-clorose: rapazelhos de peito cavo

Digitized by Google

e barba a espontar ingenuamente, macilentos de tez, olhos de bezerro desinterico, em cujas meninas — meninas dos olhos — pareciam boiar hipotenusas de braços dados a binomios de Newton.

Á nossa dextra suava uma rubra apoplexia alemã, enchouriçada em sobrecasaca de debrum contemporanea do iguanodonte, cujas costuras cediam á pressão das enxundias comprimidas; sua mão gordita, recoberta de dourados pelinhos, alisava a grenha côr de fogo, como quem alisa um gato de luxo.

Mais adiante, um amplo burguês, barbaçudo, verrugoso, bexiguento, fungava a suar.

Á sua frente, sorrindo com bondade em meio dum grupinho amigo, uma especie de criatura do sexo neutro, acondicionada em alpaca, sem um só enfeite e cujos cabelos grisalhantes se erguiam em rispido pericote sob a copa acartolada dum chapeu masculino. Discutia Cuvier.

— E' a doutora Mariote... sussurrou-me o Lino. Uma sabia sapientissima!...

Mais além, um oculista de nomeada; depois, um pomologo; em seguida um filologo, uma parteira, uma charlata, um lente de geometria, um fisio-psico-patologista.

Nós, miserandos intrusos, vexados da nossa espessa ignorancia a dois, comentavamos baixinho, com respeitosa deferencia, as efigies hirsutas daqueles paredros que davam de tu a Minerva. Lino nem falava: ciciava tatibitati. Aquela face da sociedade nos era de todo ignorada. Tudo ali cheirava a novidade. O proprio ar nada tinha do ar comum das ruas: pairava nele um cheirinho sutil a raizes cubicas.

Á frente do salão havia uma comprida mesa em cujo centro o presidente da Sociedade — um rolete d'homem côr de salame — cofiava os bigodinhos ruivos, bamboleando no ar pés que não alcançavam o chão. Ladeavam-no dois bonitos secretarios a remexerem atas. Sobre a mesa, enfileirada, uma récua de bichos pre-historicos em miniatura — estegossauros, plesiossauros, iguanodontes e um mamutezinho que escancarava a goela vermelha num urro mudo.

— *Dlin, dlin, dlin!*... Está aberta a sessão, rosnou o presidencial salame.

O secretario mascou a ata — tá, tá, tá...

— Tem a palavra o conferencista.

Corre pela sala o bisbilho da curiosidade. Galga a tribuna um homem. Roliço e pipote, tem a calva resplendente,

Digitized by Google

traz casaca, oculos e convicção profunda. Prepara os papeis, tosse.

Novo *psst!* deslisa pelo salão. Cái nele o silencio curioso da espectativa.

— Minhas senhoras e meus senhores! Me parece que a outro e não a mim, que sou o mais modesto membro da Sociedade...

Entreolhamo-nos áquele *me* com piscadelas gramaticais, e entregamos nossos quatro ouvidos ás palavras do Sabio. Após o exordio da praxe, o orador veste o escafandro da observação, apoia-se no pau ferrado da critica, encavalga na penca os nasoculos da analise e, sem tir-te, cai de mergulho no fundo sombrio das idades. Vai aos periodos *eos* examinar *gneiss* e *micaxistos;* mostra exemplares ao auditorio, descreve-os com minucia. Narra como vieram os primeiros vegetais — samambaiuçús enormes e molengos — e como á sombra deles foram surgindo bichinhos tontos, sem experiencia da vida, admiradissimos de verem casa tão grande posta a seres tão pequenos. Fala com a segurança de um feto arborescente, testemunha ocular daquilo, transfeito em sabio moderno. Diz e rediz. Vai e volta — porque o *gneiss* p'ra aqui, porque o *gneiss* p'ra lá, porque o *gneiss,* o *gneiss,* o *gneiss*...

Depois agarra os *trilobitas,* os *amonitas,* e moi, remoi, tremoi, pulveriza os pobres bichinhos, digressiona, gesticula, súa: o *amonita*... porque o *trilobita*... não obstante o *amonita*... *bita*... *nita*... e *nita* e *bita,* lá borbota ele ciencia pura, hispida, hirsuta, inexoravel, num fluxo que berra por tampões de percloreto de ferro.

O tempo corre, e da torneira aberta deflue caudaloso o jorro hermafrodita do palavriado greco-latino. O espelho da sua careca tremeluz de inspiração. Seu dedo pontifical coleia riscos explicatorios. E a linfa cientifica a jorrar, jorrar... durante quinze, trinta minutos, uma hora, hora e meia...

O esgoelado urro do mamutezinho já não é mais urro, sim bocejo formidoloso. E não o unico. Pela sala outros se escancaram, incoerciveis. A doutora reprime os seus, com caretas. Algumas sobrecasacas cochilam. O burguês das verrugas resfolga com maior estrepito e mais bagas de suor na testa.

E na tribuna a ciencia a correr... a farragem fossil a desfilar inesgotavel numa sarabanda sem fim: — porque o *gneiss,* o *micaxisto*... não obstante o *bita,* o *nita*... os conglomerados da Westphalia, as superposições devonianas, a sedimentação evolutiva, *tá, tá, tá tá*...

Digitized by Google

Nesse ponto penetrou na sala um delicioso casal, pisando de leve os passinhos de lã preventivos dos *pssts*. Ele, alto e elegante; ela, mimosa e feminina, tom exotico de teteia cara. Sentam-se. Ele abre os ouvidos. Ela espevita o *lorgnon* e corre os olhos vivos de malicia ironica pela assembleia inteira: pousa-os por fim na figura salpiconesca do orador.

Lino segue esses olhos.

— Que graciosos! diz, furando-me as costelas a cotoveladas — repara na ironia daqueles dois diamantes negros. Pousam na careca do homem... alisam-na com bonhomia malandra... agora descem, examinam o nariz... Riem-se, os marotos — e da verruga talvez... Tentam arranca-la... irritam-se... fogem da penca... examinam o feitio da sobrecasaca. Bom, deixaram em paz o homem... passeiam pela sala... dão com o chapeu da doutora Mariote... Como se riem perdidamente, os moleques!

Enquanto os olhos do meu amigo estudam os maliciosos olhos da linda criatura, barafustam-se os meus pela goela do mamutezinho que o dedo do sabio apontava naquele momento.

— ... e apareceu então, dizia ele, um animal de pêlos duros e pretos, de presas recurvadas, cujo foi encontrado na embocadura do Iena e se chamou mamute...

Lino arrancou-me de golpe ás goelas do monstro e ao cassange do sabio.

— Vê como ela boceja com graça.

De fato, a petulante boquinha da moça escondia no leque um bocejo saciado; saciado e contagioso, porque logo em seguida o sociologo escancarou o seu, o pomologo lá ao fundo abriu outro, e o alemão da nossa direita reprimiu um que prometia levar as lampas ao do mamute.

— Dez horas já! espantou-se o Lino, consultando o relogio. Ha esperanças de fim?

— Qual! gemi. Ele ainda está no megaterio.

— E é comprido o megaterio?

— Enorme. E tem vasta parentela. Só depois de descritos os gliptodontes, os megaceros, os rinoceros e as hienas é que ha esperanças de entrarmos em terra do nosso avô pitecantropo. Coragem!

.. ..

Ás dez e meia inda o corrimento paleontologico continuava copioso, sem sintomas de exhaustão. Sistemas sobre

Digitized by Google

sistemas amontoavam-se, induções sobre induções e hipoteses, num mascar monotono de realejo eletrico. Nossas nadegas protestavam. Novos bocejos insolentes amiudavam exigencias: queriam sair já e já, queriam passagem franca, bocas bem escancaradas — e nós lutavamos por conter-lhes a mácriação.

E o chafariz cientifico a despejar.

.. ..

— Ha esperanças, sussurrei para o Lino. Já estamos no *Homo sapiens*.

— Bendito sejas, ó rei da criação!

Era verdade. O sabio penetrara no homem. Mais cincoenta minutos de séca e pingou o ponto, convidando a assistencia a examinar de perto os fosseis amontoados sobre a mesa.

Estrepitaram palmas, e após o *uf!* de ressurreição encheu o recinto o sussurro do "á vontade", das cadeiras recuadas, do frufrutar surdo dos capotes enfiados, dos espreguiçamentos risonhos.

— Que gostosura, um fim de séca!

A assistencia aflue aos magotes para junto á mesa afim de examinar os bichos. Fomos na onda. Todos comentavam, queriam pegar, apalpar os fosseis, cheira-los, prova-los.

Com um estegossauro de palmo e meio seguro pelo congote, o sociologo explicava ao pomologo "de como pela restauração de Cuvier se tinha ali um élo da vasta cadeia da evolução que Darwin descobrira".

Ao centro da mesa o conferencista desfazia-se em amabilidades de caixeiro, fragmentando sua ciencia e distribuindo-a em pilulas.

— Olhe, doutor, dizia ao filologo, olhe a *baculite* de transição de que falei.

E para outro sujeito:

— Já viu, doutor, o magnifico exemplar de *hipurite* que nos veio de Berlim?

Nisto ouvi ao meu lado um resfolego adiposo; voltei-me: era o burguês das verrugas, com a toicinhenta consorte pelo braço, a examinar uma lasca de pedra azulega que de mão em mão viera ter ás suas. O bicharoco olhava a pedra como quem olha talismã. Não resisti, atirei-lhe a esmo:

— E' o *gneiss*.

Digitized by Google

O burguês encarou-me com o respeito devido a Quem Sabe e, virando-se para a mulher, repetiu gravemente:

— Este é o *gneiss*, Maricota.

Dona Maricota tomou-o nos dedos, examinou-o sob todas as faces e em seguida passou-o a uma sua amiga, gaguejando de geologica emoção:

— O *gneiss*, Nhanhã!

.. ..

Na rua esfumada pela garôa, um friozinho de tiritar. De golas erguidas estugamos o passo, enquanto iamos extraindo a moralidade da festa.

Ciencia e Arte nasceram para viver juntas, porque Arte é harmonia e Ciencia é verdade. Quando se divorciam, a verdade fica desharmonica e a harmonia falsa. Se este senhor sabio trouxesse pela mão direita a Ciencia e pela esquerda a Arte, para fundi-las no momento de falar, que coisa esplendida não faria de um tal tema! Trouxe uma só e por isso maçou-nos, empaturrou-nos a alma de coisas duras, indigeriveis, misturadas com mil pronomes fóra dos mancais. Além disso...

Foi-nos impossivel prosseguir na filosofia. Um carro passava estalando rumorosamente as pedras da rua. Dentro vinha a nossa diva.

— Ela...

— A Verdade e a Harmonia...

Nossas bocas emudeceram, porque a imaginação, tomando as redeas nos dentes, nos levava de galope no encalço da teteia de olhos negros.

1901

Digitized by Google

O figado indiscreto

Que ha um Deus para o namoro e outro para os bebados, está provado — *a contrario sensu*. Sem eles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a medo sem maiores consequencias afora uns sobressaltos desagradaveis, quando passos inoportunos põem fim a duos de sofá em sala momentaneamente deserta?

Acontece, todavia, que esses deuses, ao jeito dos de Homero, tambem cochilam: e o borracho parte o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra lá apanha Romeu e Julieta em flagrante contacto de mucosas petrificando-os com o classico: "Que pouca vergonha!..."

Outras vezes acontece aos protegidos decairem da graça divina.

Foi o que sucedeu a Inacio, o calouro, e *isso* lhe estragou o casamento com a Sinharinha Lemos, bôa menina a quem cincoenta contos de dote faziam otima.

Inacio era o rei dos acanhadões. Pelas coisas minimas avermelhava, saia fora de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro foi, como era natural, menos obra sua que da menina, e da familia de ambos, tacitamente concertadas numa conspiração contra o celibato do futuro bacharel. Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos, em certo dia de aniversario familiar comemorado a perú.

Inacio barbeou-se, laçou a mais formosa gravata, floriu de orquideas a botoeira, friccionou os cabelos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se saira da fôrma naquel'hora. Levou consigo, entretanto, para mal seu, o acanhamento — e d'aí proveio a catastrofe...

Havia mais moças na sala, afora a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benevola curiosidade a que faz jus um possivel futuro parente.

Digitized by Google

Inacio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galã á força que lhe atribuiam. Uma das moças, criaturinha de requintada malicia, muito "saida" e "semostradeira", interpelou-o sobre coisas do coração, ideias relativas ao casamento e tambem sobre a "noivinha" — tudo com meias palavras intencionais, sublinhadas de piscadelas para a direita e a esquerda.

Inacio avermelhou e tartamudeou palavras desconchavadas, enquanto o diabrete maliciosamente insistia: "Quando os doces, sêo Inacio?"

Respostas mascadas, gaguejadas, ineptas, foram o que saiu de dentro do moço, incapaz de replicas jeitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o a ida para a mesa.

Lá, enquanto enguliam a sopa, teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilibrio. Por dá cá aquela palha o pobre rapaz mudava-se de si para fora, sofrendo todos os horrores consequentes. A culpada aqui foi a dona da casa. Serviu-lhe dona Luiza um bife de figado, sem consulta prévia.

Exquisitice dos Lemos: comiam-se figados naquela casa até nos dias mais solenes.

Exquisitice do Inacio: nascera com a estranha idiosincrasia de não poder sequer ouvir falar em figado. Seu estomago, seu esofago e talvez o seu proprio figado tinham pela viscera biliar uma figadal aversão. E não insistisse ele em contraria-los: amotinavam-se, repelindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal dona Luiza o serviu, Inacio avermelhou de novo, e novamente saiu fora de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiavel solução. Sentiu lá dentro o motim das visceras; sentiu o estomago, encrespado de colera, exigir, com imperio, respeito ás suas antipatias. Inacio parlamentou com o orgão digestivo, mostrou-lhe que mau momento era aquele para uma guerra intestina. Tentou acalma-lo a goles de clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Inacio! A porejar suor nas asas do nariz, chamou a postos o heroismo, evocou todos os martirios sofridos pelos cristãos na éra romana e os padecidos na éra cristã pelos hereticos; contou um, dois, tres e *glug!* enguliu meio figado sem mastigar. Um gole precipitado de vinho rebateu o empache. E Inacio ficou a esperar, de olhos arregalados, imovel, a revolução intestina.

Digitized by Google

Em redor a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe de suspeitarem o suplicio daquele martir posto a tormentos de uma nova especie.

— "Você já reparou, Miloca, na "ganja" da Sinharinha! disse uma sirigaita de "beleza" na testa. Está como quem viu o passarinho verde... e olhou de soslaio para Inacio.

O calouro, entretanto, não deu fé da tagarelice; surdo ás vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes viscerais. Além disso, a tortura não estava concluida: tinha ainda diante de si a segunda parte do figado engulhento. Era mistér ataca-la e concluir de vez a ingestão penosa. Inacio engatilhou-se de novo e — um, dois, tres: *glug!* — lá rodou, esofago abaixo, o resto da miseravel viscera.

Maravilha! Por inexplicavel milagre de polidez, o estomago não reagiu. Estava salvo Inacio. E como estava salvo, voltou lentamente a si, muito palido, com o ar lorpa dos ressuscitados. Chegou a rir-se. Riu-se alvarmente, de gozo, como riria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo os rumores do mundo, seu cerebro voltava a funcionar normalmente e seus olhos volveram outra vez ás visões habituais.

Estava nessa doce beatitude, quando,

— Não sabia que o senhor gostava tanto de figado, disse dona Luiza, vendo-lhe o prato vazio. Repita a dose.

O instinto de conservação de Inacio pulou em guarda. E fóra de si outra vez o pobre moço exclamou, tomado de panico:

— Não! Não! Muito obrigado!...

— Ora deixe-se de luxo! Tamanho homem com cerimonias em casa de amigos. Coma, coma, que não é vergonha gostar de figado. Aqui está o Lemos, que se péla por uma isca.

— Iscas são comigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com elas ou sem elas, nunca as enjeitei (1). Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luiza.

E não houve salvação! Veio para o prato de Inacio um novo naco — este formidavel, dose dupla.

Não se descreve o drama criado no seu organismo. Nem um Shakespeare, nem Conrad — ninguem dirá nunca os lances tragicos daquela estomacal tragedia sem palavras. Nem

1 — Iscas com elas ou sem elas, é como os restaurantes portugueses anunciam figado com ou sem batatas.

Digitized by Google

eu portanto. Direi sómente que á memoria de Inacio acudiu o caso da Nora, de Ibsen, na *Casa de Boneca,* e disfarçadamente ele aguardou o milagre.

E o milagre veio! Um criado estouvadão, que entrava com o perú, tropeçou no tapete e soltou a ave no colo de uma dama. Gritos, reboliço, tumulto. Num lampejo de genio, Inacio aproveitou-se do incidente para agarrar o figado e mete-lo no bolso.

Salvo! Nem dona Luiza, nem os vizinhos perceberam o truque — e o jantar chegou á sobremesa sem maior novidade.

Antes da dansata lembrou alguem recitativos e a espevitadissima Miloca veio ter com Inacio.

— A festa é sua, doutor. Nós queremos ouvi-lo. Dizem que recita admiravelmente. Vamos, um sonetinho de Bilac. Não sabe? Olhe o luxinho! Vamos, vamos! Repare quem está ao piano. *Ela...* Nem assim? Mauzinho!... Quer decerto que a Sinharinha insista?... Ora, até que enfim! A *Douda de Albano?* Conheço sim, é linda, embora um pouco fóra da moda. Toque a *Dalila,* Sinharinha, bem *piano...* assim...

Inacio, vexadissimo, vermelhissimo, já em suores, foi para pé do piano onde a futura consorte preludiava a *Dalila* em surdina. E declamou a *Douda de Albano.*

Pelo meio dessa hecatombe em verso, ali pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa paroulhe na sobrancelha, comichando qual importuna mosca. Inacio lembra-se do lenço e saca-o fóra. Mas com o lenço vem o figado, que faz *plaf!* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame viscera, manobras do instinto, salvam o lance.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinario fenomeno. Inacio, que tanto se fizera rogar, não queria agora sair do piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro, sem que ninguem lho pedisse. E' que o acorrentava áquele posto, novo Prometeu, o implacavel figado...

Inacio recitava. Recitou, sem musica, o *Navio Negreiro, As duas ilhas, Vozes da Africa, O Tejo era sereno.*

Sinharinha, desconfiada, abandonou o piano. Inacio, firme. Recitou o *Corvo* de Edgar Poe, traduzido pelo senhor João Kopke; recitou o *Quisera amar-te,* o *Acorda donzela;* borbotou poemetos, modinhas e quadras.

Digitized by Google

Num canto da sala Sinharinha estava chora-não-chora. Todos se entreolhavam. Teria enlouquecido o moço?

Inacio, firme. Completamente fora de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquela festa) e falto já de recitativos de salão, recorreu aos *Lusiadas*. E declamou *As armas e os barões, Estavas linda Ignez, Do reino a redea leve, o Adamastor* — tudo!...

E esgotado Camões ia-lhe saindo um "ponto" de Filosofia do Direito — *A escola de Bentham* — a coisa ultima que lhe restava de cór na memoria, quando perdeu o equilibrio, escorregou e caiu, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamerrima viscera de má morte...

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor de Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração matrimonial falhou; e que Inacio teve de mudar de terra. Mudou de terra porque o desalmado major Lemos deu de espalhar pela cidade inteira que Inacio era, sem duvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato não se contentava de comer e repetir — ainda levava escondido no bolso o que podia...

1904

Digitized by Google

O plagio

— Você sai, Nenesto, com um tempo destes?
— Não ha outro.
— Dia de S. Bartolomeu, inda mais?...
— Importa-me lá o santo.
— Está bem. Depois não se arrependa...

Isto dizia dona Eucaris ao "queixo duro" do seu marido Ernesto d'Olivais, ao ve-lo tomar o chapeu do cabide para sair.

Fora, remoinhava o vento, anunciando tempestade proxima.

Por castigo, nem bem caminhara o teimoso duzentos passos e desaba o aguaceiro. Tão repentino, que mal teve tempo de barafustar por um "sebo" a dentro, no instante preciso em que o belchior cerrava a ultima folha de porta. Mesmo assim resfriou-se e foi com tres espirros que retribuiu á saudação do homem.

— *Atchim*!...
— Viva!
— *Atchim*!...
— Viva!
— *Atchim*... Brr! P'ra burro! Espirro p'ra burro! *C'est le diable.*

(Seculo trinta! Se por acaso um exemplar deste livro chegar ao conhecimento dos teus fariscadores de antigualhas, não se assombrem eles com a expressão curralina do meu Ernesto. Nem quebrem a cabeça a interpreta-la com ajuda da filosofia comparada, da veterinaria e mais ciencias conexas. Cá fica a chave do enigma. A expressão "p'ra burro" viveu correntia pelas imediações da Grande Guerra, com significado de abundante, excessivo ou estupendo. Nascida nalguma cocheira, alargou-se ás ruas e passou destas aos salões. Penetrou até na retorica amorosa. Romeus houve que, pintando a formosura das respectivas Julietas, substituiam o arcaico — *lindo como os amores* — por este soberbo jacto de impressionismo cavalar: *E' linda p'ra burro!* Não obstante, as Julietas casavam com eles e eram felizes. Lá se entendiam.)

Digitized by Google

O belchior era francês, e Ernesto taramelava na lingua adotiva do sr. Jacques d'Avray o necessario para embrulhar lingua com um belchior francês. Sabia diferençar *femme sage* de *sage femme*, distinguia *chair* de *viande* e alambicava a primor os *u u* gauleses. Além disso tinha ciencia de varios idiotismos, usando amiude o *qu'est-ce que c'est que ça?* sabia de cór a historia do *Didon dit-on*, além d'uma duzia de prosopopeias d'alto calibre, forrageadas nos *Miseraveis* de Victor Hugo — o que já é bagagem glossica de peso para um carrapato orçamentivoro com seis anos de sucção.

Tais conhecimentos, mensalmente postos em jogo, bastavam para espezinhar a paciencia do livreiro, a quem Ernesto, em todo dia dois de cada mês, tomava alugado um bacamarte de Escrich, matador das horas vazias da repartição.

Naquela tarde, porém, Ernesto não queria livros, sim um teto, razão pela qual falhou o usual encetamento da séca. (Esse ritual começava assim: *Qu'est-ce que vous avez de nouveau, monsieur?*).

Fóra, em regougos sibilantes, o vento pulverizava a chuva.

Tinha de esperar.

Ernesto esperou. Esperou a remexer as estantes, a folhear revistas, a ler a meia voz os titulos dourados. De longe em longe tomava dum volume e perguntava ao francês acurvado na escrituração de um livro de capa preta:

— *Combien, monsieur?...*

E, á resposta do homem, repicava invariavelmente:

— *C'est très salé, c'est très salé, c'est très salé,* estribilho trauteado em surdina até que novo livro lhe empolgasse a atenção.

Empolgou-lha, logo depois, uma brochura esborcinada: *A Maravilha*, de Ernesto Souza.

— Olé! Um xará! *Combien, monsieur?*

O livreiro, sem maior atenção, rosnou qualquer coisa, enquanto Ernesto, absorto no manuseio do livro, ia murmurando maquinalmente o *très salé...*

Leu-lhe o periodo inicial e o final, vezo antigo adquirido no colegio, onde colecionava num caderninho a primeira e a ultima frase de quanto livro lhe transitava pela carteira.

A Maravilha era um desses romances esquecidos, que trazem o nome do autor á frente d'uma comitiva de identificações, á laia de passaporte á posteridade, muito em moda no tempo do onça:

Digitized by Google

ALFREDO MARIA JACUACANGA

(Natural do Recife)

3.º anista da Escola de Medicina da Bahia

OU

DOUTOR CORNELIO RODRIGUES FONTOURA

Ex-lente disto, ex-director daquilo, ex-membro do Pedagogium, ex-deputado provincial, ex-cavaleiro da Cruz Preta, etc., etc.

Romances descabelados, onde ha lagrimas como punhos e punhais vingativos, e virtudes premiadissimas de par com vicios arqui-castigados pela intervenção final e apoteotica do Dedo de Deus — livros que a traça rendilhou nos poucos exemplares escapos á função, sobre todas bendita, de capear bombas de foguetes.

O periodo final rezava assim: "E um rubro fio de sangue correu do niveo seio da donzela apunhalada, como uma vibora de coral num marmore pagão".

Ernesto, *né* de Oliveira mas d'Olivais por contingencias esteticas, enrubesceu de apolineo prazer. E assoou-se, demonstração muito sua de entusiasmo chegado a ponto de arrepio.

— Sim, senhor! Está aqui uma frase soberba! "Como vibora de coral..." Magnifico! E este "marmore pagão"...

Foi ter com o *Monsieur* e leu-lha "com alma"; mas o tipo, absorvido numa adição, miou apenas o *oui, oui,* sem sequer erguer a cabeça.

Ernesto não comprou o livro (não era dois do mês) mas escondeu-o num desvão para que ninguem lhe pusesse a vista em cima até o dia aquisitivo.

Entrementes a chuva amainara.

Ernesto entreabiu a porta para a rua murmurejante e resolveu abalar.

— *Monsieur, au revoir!*

— *Oui, oui,* miou pela ultima vez o belchior.

Na rua endireitou para casa, ruminando que, sim senhor, era ter fogo sagrado! Uma frase daquelas fazia um nome. O xará tinha talento. Bem dizia Vitor Hugo nos *Miseraveis,* que o genio... é o genio!

E foi pelo caminho a redize-la com cariciosa unção, a remira-la de todos os lados, sob todas as luzes. Degustou-a em surdina inumeras vezes; pela forma, revendo o jeito com

Digitized by Google

que a fixaram no papel os caracteres tipograficos; pelas correlações associadas, evocando vagos helenismos classicos que o padre mestre Jordão lhe embutira no cerebro a palmatoadas — Frineia, o cão de Alcibiades, as Termopilas, o barril de Diogenes.

Por fim, á noite, já a celebre frase se lhe encrustara nos miolos, no logar onde costumam encruar as ideias fixas. Chegou a repeti-la á dona Eucaris. Mas dona Eucaris, uma criatura sovada, toda virtude conjugais e preocupações caseiras, interrompeu-o prosaicamente:

— E você trouxe, Nenesto, o pavio de lampeão que encomendei?

Ernesto d'Olivais arrepanhou a cara num assomo de dó ante a chinfrinice mental da companheira. Dó, despeito e meia colera, coisa rara em seu imo de amanuense gomoso e manso.

— Que pavio? Que me importa o pavio? Quem fala aqui de pavio? Ora não me aborreça com historias de pavio!

E voltando-se para o canto (que a cena se passava na cama) embezerrou.

O sono dessa noite não foi bom conselheiro, e no dia seguinte Ernesto andou pela repartição mais meditativo que do costume, com olhos parados — olhos de cabra morta que olham sem vêr.

E' que uma ideia...

Não era bem uma ideia ainda, mas celulas vagas, destroços vogantes de ideias mortas, lampejos de ideias futuras, coisas tão afins que ao cabo de tres dias se globavam numa ideia-mãe de imperiosa vitalidade.

— Escrever um conto, uma simples "variedade", em linguagem bem caprichada, com floreados bem bonitos, arabescos de alto estilo... Duas ou tres personagens — não gostava de muita gente. Um conde, uma condessa palida, a cidade de Tres Estrelinhas, o ano de 18... Como enredo, uma paixão violenta da condessa de X pelo pintor Gontran. Gostava muito deste nome. A cena, já se sabe, passava-se em França, que nunca achara jeito em personagens nacionais, vivendo em nosso meio, ao nosso lado. Perdiam o encanto. A narrativa vinha num crescendo até engastar-se naquele final... Oh! sim!... naquele final, porque, em suma, o conto só viveria para justificar a exibição daquela joia de "celinio lavor". E logo abaixo o seu nome por extenso: Ernesto da Cunha Olivais.

Digitized by Google

Esse remate furtado ao xará d'*A Maravilha* insinuou-se aos poucos na conciencia de Ernesto como coisa muito sua, propriedade artistica indiscutivel.

A Maravilha, ora! Um miseravel caco de livro cuja existencia ninguem conhecia...

Plagio? Como plagio?! Por que plagio? E' tão comum duas criaturas terem a mesma ideia... Coincidencia, apenas. E, além disso, quem daria pela coisa?

Ernesto era literato.

"Fazer literatura" é a forma natural da calaçaria indigena. Em outros paises o desocupado caça, pesca, joga o murro. Aqui beletrea. Rima sonetos, escorcha contos ou tece desses artiguetes inda não classificados nos manuais de literatura, onde se adjetiva sonoramente uma aparencia de ideia, sempre feminina, sem pé e raramente com cabeça, que goza a propriedade, aliás preciosa, de deixar o leitor na mesma. A gramatica sofre umas tantas marradas, os tipografos lá ganham sua vida, as beldades se saboreiam na candi-adjetivação e o sujeito autor lucra duas coisas: mata o tempo, que entre nós em vez de dinheiro é uma simples maçada, e faz jús a qualquer academia de letras, existente ou por existir, de Sapopemba a Icó.

Ernesto não fugira á regra. Em moço, enquanto vivia ás sopas do pai á espera de que lhe caisse do ceu um amanuensado, fundara *A Violeta,* orgão literario e recreativo, com charadas, sonetos, variedades e mais mimos de Apolo e Minerva. Redigiu depois certa folha "critica, cientifica e literaria" com dois tt, *O Combatente,* que morreu aos sete meses, combatendo a gramatica até ao derradeiro transe. Compôs nesse intervalo, e publicou, um livro de sonetos, cuja impressão deu com o pai na miseria.

Incompreendido pelo publico, que não percebia o advento de um novo genio, Ernesto amargou como peroba da miuda, deixou crescer grenha e barba, esgrouviou-se e disse cobras cascaveis do país, do publico, da critica, do José Verissimo e da "cambada" da Academia de Letras. Citava amiude Schopenhauer e Kropotkine, mostrando tendencias para saltar dum pessimismo inofensivo ao perigoso nihilismo russo. Foi quando o pai, farto das atitudes teatrais do filho, meteu-o numa roda de guatambú e pô-lo fóra de casa com um valente pontapé: — "Vá ganhar a vida, sêo anarquista de bôrra!"

Ernesto, jururú, achegou-se a um tio influente na politica e afinal cavou o empreguinho. No empreguinho amou,

Digitized by Google

casou e tomou a seu cargo a seção "Conselhos Uteis" do *Batalhador*. Estava nisso quando ventou, choveu, entrou no sebo, pilhou *A Maravilha* e patinhou como Hamlet no pégo da indecisão, até que...

Ernesto, em tiras de papel do governo, lançou em belo cursivo um lindo começo bem arredondado:

"Era por uma dessas noites de abril, em que o ceu recamado de estrelas lembra um manto negro com mil buraquinhos..."

Na roda de orçamentivoros que domingueiramente bebericavam o chá com torradas de dona Eucaris, todos afinados pela cravelha do Ernesto — vitimas imbeles da incompreensão — o conto estampado no *Lirio* causou agradavel surpresa. O João Damasceno foi o primeiro a dar-lhe um abraço num vai-e-vem de café.

— Olha, li o teu "Never more" no *Lirio*. Esplendido! O final, então, divino! Tens miolo, meu caro! Pagas o chope?

Nesse dia Ernesto contou á esposa toda a vida do João, terminando cismatico: E' um carater, Eucaris, um nobilissimo carater...

O capitão Prelidiano, chefe da sua seção, foi comedido e pausado como o convinha á eminencia do seu tamanco: "Li o seu trabalho, senhor Ernesto e gostei; termina com brilhantismo; continue, continue..."

E o Claro Vieira? Fôra brutal, esse.

— Que otimo fecho arranjaste para o teu conto! O resto está pulha, mas o final é *un morceau de roi!*

O que nessa noite dona Eucaris ouviu relativo ao carater baixo, infame e vil do Claro...

Ernesto entrou-se de receios. Pareceu-lhe que o Claro estava no segredo do "encontro de ideias". Como medida de precaução deu busca aos sebos em cata de quanto exemplar d'*A Maravilha* empoava por lá. Encontrou meia duzia, adquiriu-os e queimou-os, com grande assombro de dona Eucaris, que duvidou da integridade dos miolos maritais ao ve-lo transfeito em Torquemada de inocentes brochuras carunchosas.

Mas nem assim sossegou.

— Quem me assegura não existirem outras, espalhadas aí pelas bibliotecas publicas? Se ao menos houvesse eu variado a forma, conservando apenas a ideia... Fôra audacioso, não havia duvida. Fôra tolo, pois não.

— Sou uma besta, bem mo dizia o pai...

Digitized by Google

Ernesto arrependeu-se do plagiato — sim, porque, afinal de contas, vamos e venhamos, era um plagio aquilo! Sua conciencia proclamava-o de cabeça erguîda, reagindo contra as chicanas peitadas em provar o contrario. E Ernesto arrependia-se, sobretudo por causa do "Dizem..." do *Cromo*. Constava ser o Claro o enredeiro daquelas maldades — e o Claro era impiedoso na mofina. Sabia revestir as palavras dum jossá urente de urtiga.

Fizera mal, sim, porque, afinal de contas, um plagio... é sempre um plagio.

Quando no domingo seguinte recebeu o *Cromo*, tremeu ao correr os olhos pelo "Dizem..." Mas não vinha nada, e respirou. No "Recebemos e Agradecemos" havia bôa referencia ao conto, muito elogiosa para o remate.

Tambem a *Dalia* desse dia trouxe algo: "O conto do sr. F. é um desses etc., etc. O final é uma dessas frases que chispam beleza helenica, etc".

— O final, sempre o final! Então todos apostados em fazerem-me perder a paciencia. Ora pistolas!

Ernesto deblaterou contra os jornalistas, contra os amigos, contra os dez exemplares do *Lirio* em seu poder — dez arautos do seu crime. E queimou-os.

Na repartição, a um novo elogio do Damasceno, Ernesto rompeu desabridamente.

— Ora vá ser besta na casa da sua sogra!

Damasceno abriu a boca.

Nas palavras mais inocentes o pobre autor via alusões ironicas, diretas, claras, brutais. Num simples "bom dia" enxergava risinhos de mofa. O proprio capitão Prelidiano, honestissima cavalgadura incapaz de ironias, afigurava-se-lhe o chefe da tropa.

Conspiravam contra ele, não havia duvida.

Ernesto pôs-se em guarda. Fugiu aos amigos. Deu cabo do mate domingueiro. Não podia sequer ouvir falar em literatura, o assunto dileto de tantos anos. Emagreceu.

Dona Eucaris, pensabunda, matutava:

— Serão lombrigas?

E deu-lhe quenopodio ás ocultas.

* * *

Digitized by Google

— Afinal...

— Afinal? E' o diabo ser a vida tão pouco romantica como é! Os casos mais interessantes descambam a meio para o mais reles prosaismo. Este do Ernesto d'Olivais, por exemplo. Merecia fim tragico, duelo ou quebramento de cara. Quando nada, uma remoçãozinha a pedido.

Mas seria mentir. Nem toda a gente encontra, como Ernesto, remates de estrondo á mão.

E' o caso deste caso.

Ernesto adoeceu, mas sarou. O quenopodio revelou-se um porrete para o seu mal. Depois, com o decorrer do tempo, esqueceu o plagio. Os amigos esqueceram o "Never more". O Lirio morreu como morrem *Lirios, Dalias* e *Cromos*: calote na tipografia. Ernesto engordou. Já é major. Tem seis filhos. Continua a fazer literatura — clandestinamente, embora. E se encontrar a talho de foice um novo final de estrondo, plagiará de novo.

Moralidade ha nas fabulas. Na vida, muito pouca — ou nenhuma...

1903

Digitized by Google

O romance do Chopim

Ouviamos no cinema a musica precursora da primeira fita, quando entrou na sala um curioso casal. Ela, feiarrona, na idade em que a natureza começa a recolher uma a uma todas as graças da mocidade, como a lavadeira recolhe as roupas do varal. Tirara-lhe já a frescura da pele e o viço da côr, deixando-lhe em troca as sardas e os primeiros pés-de-galinha. Tirara-lhe tambem os flexuosos meneios do corpo, a garridice amavel, os tiques todos que, somados, formam essa teia de sedução feminina onde se enreda o homem para proveito multiplicativo da especie. Quasi gorda, as linhas do rosto entravam a perder-se num empaste balofo. Certa pinta da face, mimo que aos dezoito anos inspiraria sonetos, virara verruga, com um sordido fio de cabelo no pincaro. No nariz amarelecido cavalgava o *pince-nez* classico da professora que se preza. Em materia de vestuario, suas roupas escuriças, mais atentas á comodidade do que á elegancia, denunciavam a transição do "moda" para o "fóra da moda".

Ele, bem mais moço, tinha um ar vexado e submisso de "coisa humana", em singular contraste com o ar mandão da companheira. O estranho do casal residia sobretudo nisso, no ar de cada um, senhoril do lado fraco, servil do lado forte. Inquilino e senhorio; quem manda e quem obedece; quem dá e quem recebe. Ela falava d'alto; ele ouvia de baixo e mansinho; caso evidente em que cantava a galinha e o galo chocava os pintos.

Meu amigo apontou o homem com o beiço e murmurou:

— Um chopim.

— Chopim? repeti interrogativamente, estranhando a palavra que ouvia pela primeira vez.

— Quer dizer, *marido de professora*. O povo alcunha-os desse modo por analogia com o passarinho preto que vive á custa do tico-tico. Conheces?

Lembrei-me da cena tão comum em nossos campos, do tico-tico a pagear um graúdo filho de chopim, e pus-me a

Digitized by Google

observar o casal com maior interesse, mormente depois de começada a fita, relissima salgalhada francesa. Já eles não tiravam os olhos da tela, salvo o marido, que para melhor ouvir algum comentario da esposa não se limitava a dar-lhe ouvidos, dava-lhe olhos tambem.

— Os chopins, prosseguiu o meu cicerone, são homens falhos, *ratés* da virilidade — a moral, está claro, que a outra lhes é indispensavel para o bom desempenho do cargo.

— Cargo?

— Cargo, sim. Eles desempenham o cargo importantissimo de *maridos*. Em troca, as esposas ganham-lhes a vida e dirigem os negocios do casal, desempenhando todos os papeis normalmente atribuidos aos machos. Tais mulheres apenas fazem aos maridos a concessão suprema de engravidarem por obra e graça deles, já que é impossivel a revogação de certas leis naturais.

Quando a mulher vai á escola, fica o chopim em casa cocando os filhos, arrumando a sala ou mexendo a marmelada. Ha sempre para eles uma recomendaçãozinha á hora da saida para a aula.

— As vidraças da frente estão muito feias. Você, hoje, quando as Moreiras sairem, passe um pano com gesso. (As Moreiras são as vizinhas da frente).

O chopim acostuma-se á submissão e acaba usando em casa as saias velhas da mulher, para economia de calças.

— Para aí, homem de Deus! Do contrario acabas contando a historia de um que chegou a dar á luz um creanço!...

A fita chegara ao fim. Surgiu o galo vermelho da *Pathé*, que boleou o pescoço num coricócó mudo e sumiu-se para dar lugar ao reacender das lampadas.

A mulher ergueu-se, espanejou-se e saiu, seguida do chopim solicito. Acompanhamo-los de perto, estudando o caso, e na rua, depois que os perdemos de vista, o meu amigo retomou o assunto.

— Em materia de chopins conheço um caso interessante, que seguí desde os primordios.

Eduardinho Tavares, filho de tio e sobrinha, nascera sem tara aparente, a não ser uma extrema dubiedade de carater, uma timidez de menina — de menina do tempo em que a timidez nas meninas era moda. Especie de criatura intermediaria entre os dois sexos.

Em criança brincava de boneca, de preferencia ás nossas touradas, ao jogo dos "caviunas", ao "pegador". Em meni-

Digitized by Google

note, enquanto os da sua idade descadeiravam gatos pela rua, lia Paulo e Virginia á sombra das mangueiras, chorando sentidas lagrimas nos lances lacrimogenios.

Fomos colegas de escola, e lembro-me que um dia lá nos apareceu Eduardo com um papagaio de missanga verde, obra sua. Eu, estouvadão de marca, ri-me daquilo e escangalhei com a prenda, enquanto o maricas, abrindo uma bocarra de urutáu, rompia num chôro descompassado, como choram mulheres. Irritado, dei-lhe valentes cachações. Eduardo não reagiu; acovardou-se, humilhou-se e acabou feito o meu carneirinho. Só procurava a mim dentre cem companheiros. Acamaradamo-nos daí por diante, o que me não impediu de o fazer armazem de pancadas. Por qualquer coisinha, uma cacholeta. Ele ria-se, meigo, e cada vez mais me rentava. Pus-lhe o apelido de Maricota. Não se zangou, gostou até, confessando achar mais graça nesse nome do que no seu.

Hoje eu estudaria esse tipo á luz de Freud, como caso devéras notavel; naquele tempo feliz de sadia ingenuidade, limitava-me a tirar partido da sua submissão, transformando-o em peteca, em escravo, em coisa de que a gente põe e dispõe.

Saidos do colegio continuamos camaradas, de modo que pude acompanha-lo por um bom pedaço da vida afora. Nunca perdeu a timidez donzelesca. Fugia ás meninas, sobretudo se eram romanticas, ou acentuadamente mulherís — o meu genero.

Fez-se misogino.

Por essas alturas casei-me — casei-me com a moça mais feminina da epoca, uma romantica escapulida a Escrich, dessas que têm medo ás baratas e caem de fanico se um rato lhes corre pela sala — o meu genero, enfim.

Eduardo permaneceu solteiro, sempre ás sopas do pai, até que este morreu e lhe deixou de herança uns predios, mais uns titulos. Sem tino comercial, passaram-lhe a perna, comeram-lhe casas e apolices; quando o pobre rapaz abriu os olhos estava a nenhum. Recorrendo a mim para um bom conselho de arrumação de vida, vi que não dava para coisa nenhuma — e receitei-lhe professora.

— Casa-te. Incapaz de ação como és, tua saida unica se resume em tirar partido da tua qualidade de macho. Casa com moça rica, ou, então, com mulher trabalhadeira.

Nada valeu o conselho. Eduardo não tinha jeito para requestar mãos femininas, quer bem aneladas, quer muito calejadas. Embaraçava-o a irredutivel timidez.

Mas o diabo as arma.

Digitized by Google

Um belo dia apareceu na terra uma professora nova, mais ou menos ao molde desta de ha pouco. Tipo de mulheraça mascula, angulosa, ar energico, autoritaria. Gostava de discutir politica, entendia de cavalos, lia jornais, tinha ideias sobre a seca do Ceará e o saneamento dos sertões. Apesar de bem conservada, andava perto dos quarenta, não fazendo nenhum misterio disso. Se não casara até então, não é que fosse infensa ao matrimonio: — não achara ainda o seu tipo d'homem, dizia.

Pois não é que o raio da pedagoga vê Eduardo e se engraça dele? Examina-o fulminantemente, como quem examina um cavalo; mira-o d'alto abaixo, interpela-o, dá-lhe balanço ás ideias e aos sentimentos, pesa-lhe o valor monetario, pede-lhe, ou antes, toma-lhe a mão, leva-o á igreja e casa-o consigo.

Foi um relampago tudo aquilo. Em tres tempos namorado, noivado, casado e metido no gineceu, o pobre moço, quando abriu os olhos, estava chopim por todo o sempre.

Dona Zenobia sabia avir-se com a vida. Ganhava-a folgadamente. Além da escola particular que dirigia, tinha a juros um pequeno capital que não cessava de crescer, colocado a quatro e cinco por cento ao mês, sob garantias de toda ordem. Casada, continuou á testa dos negocios; o marido, se aparecia nominalmente nalguma transação, era pro-forma.

Encaramujado em casa da professora, Eduardinho foi sonegado ao mundo e o mundo acabou esquecendo Eduardinho. Nunca mais o viram na rua, ou nas festas, sem ser pelo braço da mulher, na atitude encolhida daquele chopim do cinema.

Um filho nasceu-lhes nesse entretempo, e começa aqui o mais engraçado da comedia.

A tantas, dona Zenobia deu de gabar as qualidades artisticas do esposo. Eduardo era um grande talento literario, capaz de obras deveras notaveis.

— Vocês, dizia ela ás professoras do colegio, não sabem que tesouro perderam. Eduardo saiu-me uma verdadeira revelação. E' dessas criaturas privilegiadas que possuem o dom divino da arte, mas que ás vezes passam a vida inteira sem se revelarem a si proprias. Aqueles seus modos, aquela timidez: genio puro, minhas amigas! Vocês hão de ve-lo um dia aparecer qual meteoro, alcançar a gloria e cair como um bolide dentro da Academia. Está escrevendo um romance que é um suquinho! Lindo, lindo!...

Digitized by Google

Esse romance levou meses a compôr-se. Todos os dias, no quarto de hora de folga que juntava as professoras na saleta de espera, dona Zenobia vinha com noticias da obra.

— Está ficando que dá gosto! O capitulo acabado esta manhã parece uma coisa do outro mundo!

E desfiava o enredo. Era o caso d'um moço loucamente apaixonado por uma donzela de cabelos loiros e olhos azues. A primeira parte do romance ia toda na pintura desse amor, lindo como não havia outro, puro poema em prosa. E dona Zenobia revirava os olhos, em extase.

As outras professoras acabaram por interessar-se a fundo pelo romance de Eduardo — *Nupcias Fatais,* o qual virara folhetim vocalizado aos pedacinhos, dia a dia, pela pitoresca dona Zenobia.

A noticia correu pela cidade e isso acabou rehabilitando Eduardo da sua fama de Zé-faz-fôrmas, pax-vobis e mais apelidos deprimentes de que é fertil o povo.

— Como a gente se engana! diziam; parecia uma lesma de pernas, ninguem dava nada por ele e no entanto é um romancista!...

As professoras davam á tréla e o enredo das *Nupcias Fatais* corria de boca em boca pela cidade, os lances de efeito gabados, com citação das melhores tiradas. *O Popular,* noticiando o aniversario do moço, consagrou-o — "festejado homem de letras".

D. Zenobia sabia dosar a narração de modo a manter as professoras suspensas nos lances mais comoventes. Houve um trecho que as pôs palidas de espanto. Era assim: Lucia fôra pedida pelo rival de Lauro, o galã infeliz. O pai de Lucia e toda a familia queriam o casamento, porque o monstro era riquissimo, tinha casa em Paris, hiate de recreio e um titulo de conde prometido pelo Papa. Já o triste do Lauro, coitado, para cumulo de desgraça perdera uma demanda e estava mais pobre que Job. As cartas em que ele contava isso a Lucia eram de chorar! Todos contra o misero e tudo a favor do monstro...

O pai fizera uma cena horrivel.

— "Antes ver-te morta do que ligada a esse miseravel... poeta!"

E a coitadinha, alanceada no mais dolorido do coração, doida de amor, chorava noite e dia, encerrada no fundo de escura cela.

Digitized by Google

— Pobre martir! exclamavam com um nó na garganta as compassivas professoras. Por que não ha de sair a sorte grande para um desditoso destes? Peça ao seu marido, dona Zenobia, que lhe faça sair a sorte, sim?

— Não pode. Prejudicaria o desfecho e, ademais, não é estetico, respondeu preciosamente dona Zenobia.

E assim corria o tempo.

O romance era á moda antiga, em varios volumes, sistema *Rocambole*. Já tinha acontecido o diabo. A moça fugira de casa, raptada em noite de tempestade pelo cavaleiro gentil; mas o dinheiro do monstro vencia tudo: foram presos e encarcerados, ela num convento, ele num calabouço infecto.

Mas quem pode vencer o amor? O cavaleiro conseguiu, iludindo os guardas, abrir um subterraneo que ia ter ao convento. Que tarefa ingente! Como as professoras deliraram acompanhando a obra desesperada do homem-toupeira, a escavar com as unhas em sangue a terra fria!

Venceu, porém; alcançou o pavimento da cela onde Lucia chorava de amor e conseguiu falar-lhe. Que lance este, quando Lucia percebe o estranho murmurio da voz subterranea que a chamava! Era a redenção, afinal!

Entendem-se e combinam a fuga. Um barqueiro espera-los-ia em tal logar, á meia noite, etc., etc.

Dona Zenobia parava nos trechos mais empolgantes, deixando a assembleia ora em lagrimas, ora em arroubos de indizivel extase. A's vezes, quando estava de saia preta, em seus dias de azedume, não adiantava a novela de um passo sequer.

— Hoje, descanso. Eduardo está com um pouco de dôr de cabeça e não escreveu uma linha.

As professoras ficavam pensativas...

Chegou por fim o dia da fuga, ponto culminante da obra. Dona Zenobia, perita na arte de armar efeitos, anunciou-o de vespera.

— E' amanhã, o grande dia!

— Mas escapam, dona Zenobia? indagou uma torturada do romantismo, com a mão no seio palpitante.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, dona Zenobia!! Eu não posso mais! Se o monstro ganha a partida ainda esta vez, diga logo, porque eu tiro umas ferias e vou para a roça esquecer este maldito romance que já me está deixando histerica.

Digitized by Google

— Paciencia, filha! Como posso saber o que lá se passa na imaginação do artista?

— Mas peça a ele, peça por nós todas, que desta vez não deixe os espiões do monstro descobrirem os fugitivos Pelo menos agora. Mais tarde vá, mas agora eles precisam de uns meses de recompensa. Arre, que tambem é demais!!...

No dia seguinte dona Zenobia apareceu sorridente. As professoras em ansias, ao ve-la assim, criaram alma nova.

— Então? exclamaram palpitantes.

Dona Zenobia fez um muxoxo.

— Esperem lá. A coisa não vai a matar. Eduardo neste momento atinge o ponto culminante da obra. Deixei-o com o olhar em fogo — o fogo da inspiração! — os cabelos revoltos, a cabeça febril. E' o momento supremo do *fiat!* Toda obra depende deste fecho de abobada. Como a solução do caso vem das profundas do subconciente estetico, e ainda não viera até a hora de eu sair, pedi-lhe que me comunicasse o resultado pelo telefone. Esperemos...

As moças puseram os olhos no céu e as mãos no peito.

— Meu Deus! disse uma. Estou com o coração aos pinotes! Se Lauro é preso, se os emboscados o matam... O monstro é capaz de tudo!

Nisto, vibrou a campainha do telefone. Dona Zenobia piscou para as amigas estarrecidas e foi atender.

Ficaram todas no ar, imoveis, trocando olhares de interrogação, enquanto no compartimento vizinho dona Zenobia conversava com o grande artista.

— "Ele não para de chorar, Zenobia. A meu ver é colica o que ele tem. Desde que você saiu está que é um berro só. Já fiz tudo, dei chá de erva-doce, dei banho quente — nada! Berra que nem um bezerro!"

— "Você já cantou o Guaraní?"

— "Cantei tudo, o Guaraní, o "Tutú já lá vem", o "Somos da patria a guarda"... Mas é peor."

— "Deu camomila?"

— "A camomila acabou. Quis mandar a negrinha buscar um pacote na botica, mas não achei o dinheiro..."

— "Lerdo! E aqueles dois mil réis de hontem? Não sobrou metade?"

— "E' que... é que comprei um maço de cigarros..."

— "Sempre o maldito vicio! Olhe, atrás do espelho, perto da saboneteira azul, está uma pratinha de quinhentos. Mande buscar a camomila, mas no Ferreira, que a do Brandão

Digitized by Google

não presta, é falsificada. Ferva uma pitada numa chicara d'agua e dê ás colherinhas. Dê tambem um cristel de polvilho. Mudou os paninhos?"

— "Tres vezes, já".

— "Verde?"

—"Verde carregado, como espinafre."

— "Bem. Eu hoje volto mais cedo. Faça o que eu disse, e fique com ele na rede. Cante a aria da *Mignon*, mas não berre como daquela vez, que assusta o menino. Em surdina, ouviu? Olhe: ponha já as fraldas sujas na barrela. Escute: veja se tem agua no bebedouro dos pintos. A marmelada? Ora bolas! Deixe isso para amanhã. Bom, até logo!"

Dona Zenobia largou o fone e voltou ás companheiras, que continuavam suspensas.

— Estes artistas!... começou ela. Que é que vocês pensam que Lauro fez?

— Fugiu! disse uma.

— Deixou-se prender! aventou outra.

— Suicidou-se! declarou terceira.

— Ninguem adivinha. Lauro rompeu o pavimento, entrou na cela e depois de uma grande cena resolveu fazer-se frade!...

Foi um oh! geral de desapontamento. Aquele fim imprevisto decepcionara a todas. Protestaram, e dona Zenobia, condoida, voltou atrás.

— Estou brincando. Eduardo está hoje com uma dor de cabeça danada e eu o aconselhei a descansar um bocadinho. Ficou para outro dia o fim. Esperemos.

As romanticas respiraram...

O romance do chopim tem hoje onze anos. Já é menino de escola. Chama-se Lauro e, para rehabilitação do sexo barbado, puxou o carater da mãe.

1923

Digitized by Google

O luzeiro agricola

I

Sizenando Capistrano é o inspetor agricola do vigesimo distrito. Incumbe-lhe fomentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de maquinas agricolas, preconizar a policultura, combater a rotina e ao fim de cada mês perceber na coletoria a realidade de setecentos mil réis.

Antes de inspetor Capistrano fôra poeta. Cultivara as musas. Não sabia que coisa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados e fazia pé d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emagrecia-o. A sua produção de hendecassilabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, eglogas, satiras, anagramas, logogrifos, charadas eletricas e enigmas pitorescos, conquanto copiosa, não lhe dava pão para a boca, nem cigarro para o vicio. A palidez de Capistrano, sua cabeleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varela, seu *spleen* á Lord Byron e suas atitudes fatais, ao invés de lhe aureolarem a face dos nimbos da poesia, comiseravam o burguês, que, ao ve-lo deslisar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, murmurava condoido:

— Não é poesia, não, coitado, é fome...

O editor artilhava a cara de carrancas más quando Capistrano lhe surgia escritorio a dentro com a maçaroca de versos candidatos a edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lirico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico, retorquia a fera. De lirismo bastam-me aquelas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vendem nem a peso.

— O' vil metal! murmurava o poeta, franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da criação, do suino toucinhento que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eumenides! Musas de Colera! Inspi-

Digitized by Google

rai-me versos candentes com que cauterise até aos penetrais da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire, dá-me os teus venenos...

— Rapazes, berrava o livreiro á caixerada, ponham-me este vate no olho da rua!

Ante o *manu-militari* irretorquivel, o poeta apanhava a papelada lirica e moscava-se para a zona neutra do passeio, onde, readquirida a altivez ossianica, objurgava para dentro da loja hostil:

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta do editor o pó das suas sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro. Em seguida, remessando para trás a cabeleira, num repelão, ia fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva atitude, á espera d'um conhecido esfaqueavel, a quem, com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac, estorquisse um niquel.

Cansado, entretanto, de ouvir estrelas em jejum, de amar a lua no céu sem possuir um queijo na terra, acatou a voz do estomago e quebrou a lira — para viver. Meteu a tesoura nas melenas, deu brilho aos sapatos, desfatalizou o semblante, substituiu o ar absorto e vago do aédo pelo ar avacalhado do pretendente, e á força de pistolões guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça (1). Todo mundo o recomendou ao Gaucho Onipotente, porque todos andavam fartos daquela perpetua fome lirica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é boi gordo, semelhante áquela estatua equestre de Hindenburg, feita de madeira, em que os alemães pregavam pregos de ouro. A diferença está em que no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheiro.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Onipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Beleza, as manhãs côr de rosa, as auroras boreais, a natureza enfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi o mel do Himeto pela taça de Anacreonte. Evoluido para o parnasianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lira, estava ascen-

(1) Residencia do general Pinheiro Machado, o mandão da politica na epoca.

Digitized by Google

dendo ao cubismo transcendental. Sim, general, sou um genio incompreendido, novo Asverus a percorrer todas as regiões do ideal em busca da Forma Perfeita. Qual Prometeu, vivi atado ao potro do *Inania Verba,* onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Forma...

O general, que era amigo das belas imagens, iluminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse ele, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heroi-comicos. Conheces a *Hermeida?* E' obra minha. Amo as belas imagens e tenho lançado algumas imortais. "A mulher de Cesar"! "Os levitas do Alcorão"! Hein? Tu me caiste em graças e, pois, acolho-te sob o meu palio. Que queres ser?

— Inspetor. . . .

— ...de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Se-lo-ás do vigesimo distrito. Conheces as culturas rurais?

— Já cultivei batatas gramaticais.

— E de pecuaria, entendes? Distingues um zebú d'um galo Brama? um pampa d'um morzelo?

— Já cavalguei Pegaso em pêlo!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trinca-lo com tutú de feijão.

— És um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Teu nome?

— Sizenando. Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vai, que estás aí, estás fomentando a agricultura como inspetor do vigesimo distrito, com setecentos bagos por mês. Os poetas dão otimos inspetores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vai, levita do Ideal...

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor de estrelas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, luademelou tres meses e ao cabo compareceu perante o ministro para saber em que rumos nortear a sua atividade.

Digitized by Google

O ministro franziu a testa: é tão dificil dar ocupação aos fosforos ministeriais... Pensou um bocado, e:

— Escreva um relatorio, sugeriu.

— Sobre que, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A função capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba sobre o que ha e o que não ha. Relate.

— Mas, Excia., eu desejava ao menos uma sugestãozinha emanada do alto criterio de V. Excia. sobre o tema do relatorio que a bem da lavoura V. Exçia., com tanto descortino, me incumbe de escrever...

— Já disse: sobre qualquer coisa que lhe dê na veneta. Relate, vá relatando e depois apareça.

Sizenando saiu tonto com os processos expeditos do dr. Grifado (1) com assento na pasta, e passou tres meses de papo ao ar, procurando uma tese conveniente. Como por essa epoca a lua de mel lhe entrasse em plena mingoante, houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherzinha de pêlo crespo no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega. Tal o celebre estalo que abriu a inteligencia do padre Antonio Vieira em menino, aquele obuz culinario teve a estranha ação de iluminar os refolhos cerebrais do inspetor.

— Eureka! berrou ele radiante. E com um grande riso de gozo na cara emplastada de verdura, ergueu-se precipitadamente da mesa e correu ao escritorio. A mulherzinha, entre colerica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa e levou a cabo um estudo botanico-industrial da beldroega, com afã tal que, transcorridos dez meses, dava a prelo o *Relatorio sobre o Papalvum brasiliensis, vulgo Beldroega, e sua aplicação na culinaria.*

O ano seguinte gastou-o em rever as provas do calhamaço, a modo de escoima-lo dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Forma ressurtia ali... Saiu obra papafina, em otimo papel e com muitas gravuras elucidativas. Entre estas, em belo destaque, os retratos do Ministro e do Diretor da Agricultura, do Marechal Hermes, do tenente Pulquerio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes beldroegas do momento. Pronta a edição, embaraçou-se Sizenando quanto ao destino a dar-lhe. Que fazer de tanta beldroega?

(1) Um ministro da Agricultura da epoca que não era doutor mas não protestava contra o tratamento.

Digitized by Google

Foi ao ministro.

— Excelencia! De acordo com as sabias ordens de V. Excia., venho comunicar a V. Excia. que se acha pronta a edição do relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? Que relatorio? inquiriu o ministro, deslembrado.

— O que V. Excia. me incumbiu de escrever.

— Quando?

— Haverá dois sinos.

— Não me recordo, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizenando abriu a maior boca deste mundo. Compreendendo aquela estuporação, o ministro sorriu.

— Então? Que queria que eu fizesse de cinco mil exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o pusesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o aceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste Ministerio, o mais pratico é passar a edição diretamente da tipografia ao forno. Isso evitará a maçada de nos preocuparmos com ela e de a termos por aí a atravancar os arquivos. Não acha V. que é o mais razoavel? Retire os que quiser e forno com o resto.

— E depois que devo fazer? indagou Sizenando, ainda, tonto do expeditismo ministerial.

— Escrever outro relatorio, respondeu sem vacilar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspetor.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em perpetua atividade o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja como é sabia a nossa organização administrativa! A montagem do forno foi a melhor ideia do governo passado. Antes dele a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos; a produção de relatorios, função capital deste Ministerio, periclitava; e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á supressão da Imprensa e do meu Ministerio. O forno sanou a situação. O *fervet opus* é magnifico e a espada de Damocles está para sempre arredada de nossas cabeças. Hein? Vá. Escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carurú, por exemplo.

Digitized by Google

Sizenando deixou o gabinete do ministro profundamente meditativo. S. Excia. derrancara-o!

Viu com dôr d'alma as chamas do Forno lerem aquele relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou seis meses de licença com vencimentos para descansar.

Esgotada a licença, ia Sizenando começar a pensar em preparar-se para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carurú, quando a politica apeou da administrança o Dr. Grifado. Sizenando deixou que transcorressem mais seis meses, ao termo dos quais se apresentou ao novo ministro para lhe sondar a orientação.

O novo ministro era um bacharel em ciencias juridicas e sociais, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em arqueologia inca. Mas lêra uns numeros das *Chacaras e Quintais* e ali se abeberara de umas tantas noções sobre avicultura, policultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas uras o seu programa. No discurso de apresentação, ao empossar-se no cargo, emitiu os seguintes conceitos, louvadissimos pelos circunstantes, empregados no Ministerio quasi todos e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— "A monocultura, senhores, é o grande mal; a policultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpiste, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachofra..."

(Um arrepio de entusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gozosos, como quem diz: Temos homem pela prôa!)

— ...cebolinho, couve-flôr, sorgo, soja amarela, centeio, aveia, figos da Tracia, uvas de Corinto, violetas de Parma..."

— Bravissimo!

— ... violetas de Parma... e outros cereais europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional se assentará num soclo basaltico, do qual não a arrancarão as mais rijas lufadas dos vendavais economicos. Conduzir a patria a essa Canaã da policultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programa, eis o fim supremo colimado pela minha atividade. Espero, pois, que, etc., etc."

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores de entusiasmo em grau de ebulição estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado e beijado — nas mãos. Aquele salvara a patria, não havia a menor duvida!

Digitized by Google

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia — igual ás anteriores. Tinha programa. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da policultura mecanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desatolar a vigesima região do atascal da rotina. Aquela gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café; era mister tange-la á estação aurea da policultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canarios hamburgueses, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegando á séde do distrito, com sequito numeroso e abundante farragem mecanica, Sizenando distribuiu convites para a inauguração d'um curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um "rapador" a um quilometro da cidade, e lá, no dia emprazado, reuniu os convivas. Veio o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o coletor federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o diretor do grupo escolar com a meninada, o vigario da paroquia, o fiscal da iluminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, dois guarda-chaves da Central, cinco inspetores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento — e *um* fazendeiro recem-despojado da sua propriedade por dividas. A turma docente e os bois do arado formavam grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve alocução alusiva á personalidade sobrexcelente do ministro, e ao papel dos novos metodos racionais na agricultura moderna.

— O novo metodo, meus senhores, é baseado na ciencia pura. Vem dos laboratorios de braços dados á quimica. Começarei pela demonstração do arado, ou charrúa, a pedra angular de todo progresso agricola. Senhor Primeiro Arador, arado para a frente!

Despegou-se da turma um capataz, que empurrou para perto do cupim tribunicio um belo arado de disco. Rodearam-no os circunstantes, como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodelas são os discos, servem para sulcar a terra; este ferrinho é a manivela graduadora; este pauzinho é o balancim. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o condutor.

Explicou depois o seu funcionamento.

— Vejamo-lo agora em ação. Senhor Primeiro Condutor de Primeira Classe, atrelar!

Digitized by Google

Adiantou-se da turma um carreiro e tangeu os bois para a maquina, jungindo-os á canga. Os assistentes riram-se. Acharam imensa graça no Tomé Pichorra, que nunca fôra senão o Tomé Pichorra, carreiro, transformado em Primeiro Condutor de Primeira Classe! Era de primeirissima.

— Senhor Primeiro Arador, arar!

O Primeiro Arador saltou á boleia e empunhou as manivelas. O Primeiro Condutor aguilhoou a junta de bois.

—'amo, Bordado! Puxa, Malhado!

Os dois caracús moveram-se pesadamente. A terra, sulcada pelo ferro, abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, senhores, que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens, além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorização atmosferica — o que equivale a um adubamento copioso.

Este pedacinho encantou sobremodo ao zelador do cemiterio, o qual não conteve um sincero *Muito bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica, para disfarçar a entaladela, requebrou o *Vem cá, mulata.* E assim terminou a primeira parte da bela demonstração agricola.

A segunda constituiu no destorroamento e no gradeamento da terra, feitos com o mesmo luxuoso aparato. Havia Primeiro e Segundo Destorroador, Primeiro e Segundo Gradeador. Um mimo de hierarquia!

Ao terminar o serviço, a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e outras salvações nacionais.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa mésse vai brotar, farta, deste torrão safaro e ingrato só porque aplicamos sumariamente os processos modernos da cultura racional, os quais centuplicam a produção e diminuem o trabalho. A maquina agricola é a verdadeira alavanca do progresso!

— Protesto! A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveio um jornalista, cioso da velha prerrogativa.

— Será, retrucou Sizenando; mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a maquina agricola, alçaprema o progresso economico!

— Bravissimo! rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura. Isto é que é!

— Sim, senhor, muito bem! grunhiram outros.

Rubro de gozo pelo feliz sucesso da tirada, Capistrano espichou o dedo para a filarmonica, a pedir o hino nacional.

Digitized by Google

Desbarretaram-se todos. Erecto sobre o pedestal de cupim, Capistrano imobilizou-se em atitude de religiosa unção, d'olhos fixos no futuro da patria. E á derradeira nota, pôs fim á festa com um escarlate viva á Republica com tres "erres".

Acompanharam-no, como um eco, o coletor, o zelador do cemiterio, o agente do correio e os funcionarios federais demissiveis, além dos bois, que mugiram.

* * *

Meses mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra, devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante, devido ás vaquinhas; as outras "policulturas" negaram fogo devido ás saúvas, a quenquem, á geada, a isto e mais aquilo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatorio de trezentas paginas onde Capistrano, entre outras maravilhas, notava: "Os resultados praticos do nosso metodo demonstrativo *in loco* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acodem em massa ás lições, aplaudem-nas com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poli, em tão bôa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O Senhor Ministro pode felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional".

Os jornais transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E muita gente se encheu de mais um bocado de ufania por este nosso maravilhoso país.

1910

Digitized by Google

A "cruz de ouro"

— Entre, quem é.

— O Feroz não está solto?

— Viva, compadre! Suba!...

Um barbaças de oculos e cachenê de lã ringiu o portão de ferro e galgou a passos tropegos a escadinha que levava ao alpendre de ipomeias. Lá o aguardava, de cara amavel, um segundo barbaças, o coronel Liberato, vestido d'uma farda consentanea com a sua belicosidade: chambre de palha de seda, chinelo cara-de-gato e gorro de veludo negro com cercadura de ponto russo.

O que subia tambem era coronel. Coronel Antonio Leão Carneiro Lobo de Souza Guerra, ou simplesmente Nho Gué. Chegaram ambos áquele alto posto militar pela razão estrategica de colherem para mais de dez mil arrobas de café. Se em vez de dez colhessem apenas cinco mil, seriam majores ou capitães. Este inteligentissimo criterio economico do nosso militarismo é garantia de paz muito mais segura do que a Liga das Nações.

— Que milagre foi esse? disse o de cima, abraçando o velho amigo.

— Quem é vivo sempre aparece e eu ainda não morri, apesar desta sufocação que me escangalha o peito.

— Você é o peito, eu a enxaqueca. Não valemos mais nada, compadre. Mas como lá vão todos? a comadre?

— Bôa, todos bons, isto é, a Chiquinha... Ui!

— A cotucada?

— Não, este ventinho encanado...

— Pois vamos entrar.

E os dois urumbevas penetraram na sala de fora.

A sala de fora do Coronel Liberato merece relatorio para que a posteridade se deleite em conhecer como era uma sala de visitas de coronel brasileiro no seculo XX. Cadeiras austriacas, sofá e cadeiras de balanço, tudo enfeitado com os crochézinhos das filhas. Mesinha central de cipó com embre-

Digitized by Google

chados, obra de um "curioso" do lugar. Duas almofadas no sofá, uma tendo um gato estufado, de lã, com olhos de vidro; outra, um papagaio de missanga verde — maravilhas feitas por certa afilhada prendadissima. Dois aparadores com vasos para flores artificiais, figurinhas de louça — "bibelótes" como lá dizia o dono, e varias curiosidades naturais — caramujos, conchas, um ninho de João-de-barro, um mico seco e duas familias de içás vestidos. Nas paredes, espelho oval, dois retratos grandes a carvão e fotografias em porta-cartões de talagarça, bordados pelas meninas. Pendurado do lampeão belga suspenso ao teto, grande abacaxi de papel de seda. Piano de armario. Tapete com grande onça. Que mais? Iam-me esquecendo as duas "escarradeiras de sobrado", com caraças de leões... Viva o naturalismo!

Entrados que foram, os dois coroneis refestelaram-se nas cadeiras de balanço, o do "ui!" com cautelas, gemidos e caretas ao dobrar as juntas. Liberato puxou o cigarro de palha e, enquanto afrouxava o fumo na palma da mão, reatou a conversa.

— Ahn! Com que então a dona Chiquinha...

— Compadre, entre nós não ha segredos; a doença dela são amores. Quer casar, ora aí tem.

— Não vejo mal nisso. Está na idade. Só se...

— Mas adivinhe lá com quem a tolinha emberrinchou de casar?

— ?

— Com o José de Paula!

— O filho da Nhá Vé?

— Esse mesmo. Um moço sem vintem de seu, gente do Chicão de Paula... Sair do nicho de filha unica, onde vive como uma Nossa Senhorinha, para ligar-se a um lorpa de marido, ser criada, escrava dele! Se pudessemos, nós que temos experiencia da vida, abrir os olhos a essas mariposinhas tontas... Mas é inutil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o amôr, o amôôr, o amôôôr é tudo na vida, e adeus. O que nos vale é que o rapaz é pobre mas direitinho — quanto ao moral.

Liberato interveio com cara purgativa.

— Homem, não sei. Não é por falar, mas não me cheira bem aquele sujeitinho. Você o acha moralizado. Será. Mas a familia dele é droga e a prudencia manda atentar não só para as qualidades do galho, como tambem para as do tronco.

Digitized by Google

Olhe o que sucedeu outro dia com o primo dele, o Chiquinho...

— Não soube de nada, compadre. Que foi?

— Você anda no mundo da lua, homem! Refiro-me ao escandalo da Recreativa.

A' palavra escandalo Nho Gué esqueceu o reumatismo e arrastou a cadeira para mais perto.

— Escandalo?

O coronel Liberato, gozoso de contar uma novidade, limpou o pigarro da garganta e disse:

— Foi no ultimo domingo, na festa anual da Recreativa. Discursos, recitativos e uma peça — aquela indromina de sempre. A sociedade mandou convite a toda gente, aos jornais, aos gremios e d'entre estes á *Camelia Branca,* da qual é secretario o Chiquinho de Paula, primo lá do teu. Por sinal que para a *Camelia* foi um camarote, o 7, justamente aquele donde assistimos ao *Poder do Ouro,* lembra-se?

— Se me lembro! Pois uma representação daquela é lá de esquecer? Montepin! e inda mais pelo Furtado Coelho! Noitão! Hoje é que não ha mais disso. São umas comediasinhas indecentes, e cinemas, e drogas.

— A Lucinda Simões, hein? Mulherão!

Este "mulherão" foi dito com um arregalar de olho em que toda a concupiscencia retrospectiva se espojava arreitada.

— Nem fale! disse o outro num tom de inexprimivel saudade.

— Pois muito bem: o teatro encheu-se. Estava lá o coronel Totó Fernandes com a familia; a familia do dr. Izidoro; o major Gonçalves com a mulher — e por falar, como está acabada a dona Elisa!

— E' verdade! Quem a viu e quem a vê! A Elisinha do Rincão, como lhe chamavamos, menina sapeca, da pá virada, semostradeira até ali... Os anos, compadre, os anos...

— Só não vi a gente da oposição. Isso, nenhum, nem o Zé Penetra, aquele caradura.

Riram ambos, gostosamente, á lembrança da ausencia dos adversarios. (Esqueceu-me dizer que estes coroneis faziam parte do diretorio situacionista, colunas fortissimas que eram da força governamental no distrito).

— Era ali entre nove e dez, continuou Liberato, quando, de repente, adivinhe, se for capaz, compadre, quem surge pelo camarote n.º 7 a dentro.

Digitized by Google

Nho Gué aparvalhou a cara com o ar de quem não é capaz.

— A "Cruz de Ouro"! concluiu o Liberato, de pé, chupando uma, duas, tres baforadas do cigarro apagado, num triunfo.

Nho Gué pasmou.

— Não me diga!...

— Pois é o que digo: a "Cruz de Ouro".

Liberato riscou triunfalmente um fosforo e prosseguiu:

— O reboliço foi grande. Toda a gente se pôs a murmurar, olhando uns para os outros. A familia do Totó quis retirar-se. A mulher do Gonçalves virou bicha, abanava-se com frenesi, indignada com a pouca vergonha. O dr. Izidoro, presidente da Recreativa, que no palco já se preparava para deitar o verbo, espia pelo buraco do pano, percebe o negocio, fica possesso e berra lá dentro, de ouvir-se cá na plateia, que processava, que partia a cara, que mais isto e mais aquilo — um fim do mundo! Houve conferencias de um camarote para outro, e destes com os bastidores. Houve pedidos de informação á bilheteria. Era preciso desagravar a moralidade publica ofendida com a execravel presença da "coisa atôa" em festa puramente familiar. Afinal a policia interveio. O delegado foi ter com a descarada e, com muito bons modos fe-la sair. Só então, onze horas, começou o espetaculo. No primeiro intervalo, porém, soube-se tudo: o Chiquinho de Paula, secretario da *Camelia,* recebera o convite para a festa, mas em vez de organizar uma comissão que dignamente representasse o gremio, péga do camarote e o dá... á "gereba", de quem é...

Aqui o coronel Liberato, para remate da frase, fez uma cara de supremo nojo:

— ... o queridinho!

Voltando em seguida á cara anterior, disse, grave e pundonorosamente, bamboleando a cabeça:

— Veja você que refinadissimo tranca!

E concluiu, por fim, com desalentada severidade:

— E é com o primo de semelhante crapula que dona Chiquinha quer casar-se!

. . . . . .

Na noite desse dia, altas horas, Liberato deixou em casa a enxaqueca e foi sorrateiramente bater á porta da "Cruz de Ouro". Apareceu a criada. Confabularam baixinho.

Digitized by Google

— Não póde ser, disse a Liberia, está cá sêo coronel Nho Gué.

Liberato fez uma careta.

— E amanhã? perguntou.

— Amanhã é a vez do dr. Izidoro.

— E depois d'amanhã?

— Quarta-feira? Deixa ver — fez calculos nos dedos e disse: Quarta-feira é o dia de sêo Gonçalves.

— E quinta?

— Pois não sabe que as quintas são de sêo Tótó?

Liberato não desanimou.

— E domingo?

A Liberia despejou uma gargalhada sonorosa.

— Os "home"! Pois então sinházinha não ha-de ter um descansinho na "somana"?

E fechou-lhe a porta na cara.

1901

Digitized by Google

De como quebrei a cabeça á mulher do Melo

— Olha, esperam-te hoje em casa para o jantar.
— Impossivel. Não janto fora.
— Abre uma exceção e vai.
— Impossivel, já disse. Não insistas.
— Põe de lado a exquisitice e vai.
— Não é exquisitice, meu caro, é sibaritismo e prudencia. Tenho para mim que comer é uma das bôas coisas da vida. Mas comer o que se quer, como se quer, quando se quer. Gosto, por exemplo, de lombo de porco, mas a meu modo, assado cá d'um jeito que sei. Se o como fora de casa, nunca o tenho ao sabor do meu paladar. Gosto ainda de comer quando tenho fome. Detesto o horario forçado, almoço ás onze, jantar ás seis, haja ou não apetite. Ora, a não ser em minha casa, onde não tenho horario, raramente o apetite coincidirá com o momento do brodio. Esta circunstancia, aliada ao fato de ser induzido a comer o que está na mesa e não o que me pede a veneta, leva-me a recusar sistematicamente convites para jantar.
— Mas, homem de Deus, para tudo ha remedio. Farás tu mesmo o cardapio, darás as receitas e só se porá a mesa á voz do teu apetite.
— Não. Em tua casa são todos de tal modo amaveis que receio não chegar á sobremesa sem cometer um homicidio.
— !!!
— Nunca te contei o meu rompimento com a familia Melo? Eramos amicissimos de longos anos, e sel-o-iamos até hoje, se não fosse a minha imprudencia aceitando um convite para lá jantar em dia de anos da dona Vidoca. Havia á mesa umas dez pessoas, todas intimas, e as filhas, os genros — um povareu. D. Vidoca, como sabes, é uma criatura excessivamente amavel e nesse dia excedeu-se. Serviu-me sopa, ela propria, mas carregando a mão como se eu fôra um frade. Arrepiou-me aquele pantagruelismo brutal, mas calei a exasperação e

Digitized by Google

ingeri com paciencia toda a maranha de fios amarelos, boiantes num caldo untuoso. Mal absorvera a ultima colherada, a bôa senhora, sem consulta previa, atocha feijão num prato e passa-mo.

— "Não, minha senhora, muito obrigado!"

— "Ora, coma! Deixe-se de historias. Coma feijão que dá sustancia".

Não houve escapatoria possivel; tive que aceitar o truculento prato de caroços pretos, coisa que detesto. Olhei para a rodela escura, côr de chocolate, que se me esparramava pelo prato inteiro sem deixar transparecer uma nesga sequer da louça branca, enchi-me de resignação e empreendi o trabalho de Hercules que era trasladar tudo aquilo para o estomago. Mas meu sangue começou a esquentar e senti o nó das coleras surdas a subir-me á garganta. Estava eu em meio da empreitada, quando vi a excelente senhora dirigir para o meu prato um enorme naco de carne fisgado no garfo.

— "Doutor, um *pedacinho* de carne assada?"

Gaguejei, mal firme nas estribeiras:

— Mas, minha senhora, eu..."

— Sempre com cerimonias! Olhe que aqui não se usa disso! Coma lá!"

E soltou-me no prato o boi...

Senti bagas de suor frio borbulharem-me na testa. O nó da garganta engrossou. Baixei a cabeça, resignado, e encetei silenciosamente a mastigação, matutando sobre o modo de dar cabo daquilo. Comer tudo era impossivel; deixar no prato, impolidez...

— "Agora um pouco de arroz!"

Lancei um olhar facinoroso á santa criatura, que o interpretou de maneira erronea, como de assentimento.

— "Eu bem vi que estava querendo arroz."

— Impossivel, dona Vidoca! Peço-lhe perdão, mas estou satisfeito. Como pouco e o que tenho no prato janta-me por tres dias."

— "Luxento! Coma lá!"

E *zás!* uma, duas, tres colheradas, das grandes.

Uma onda de sangue escureceu-me a vista. Tive impetos de saltar pela janela. Contive-me, porém, e com a resignação dos verdadeiros martires recomecei a mastigar.

— "Um pastelzinho, agora?"

Era demais! A virtuosa criatura abusava da minha situação. Recusei desabridamente, aspero.

Digitized by Google

— "Já sei porque não quer... E' que foram feitos por mim... Mas deixe estar..."

— "Dona Vidoca! Pelo amor de Deus!" — gaguejei.

— "Unzinho só! Para me dar opinião sobre o tempero da massa, sim? Apare lá estezinho tostadinho, sim?"

Conheces o meu genio, sabes com que facilidade saio fóra de mim e cometo as maiores loucuras. Esse estado de superexcitação nervosa preludia por um tremor da voz e excessiva quentura nas faces. Naquele momento, sentindo os prodromos da erupção, entreguei-me a esforços sobrehumanos para conter a fera que mora em mim. E contive-a. Curvei de novo a cabeça e levei á boca mais umas garfadas.

Aqui o Melo principia a trinchar o leitão.

Refleti: se mo oferecem, estouro. E fiquei de sobreaviso, engatilhado para o revide.

Não tardou muito que dona Vidoca espetasse no garfo uma alentadissima costela de leitão e fizesse pontaria para meu lado.

Ah! Perdi a tramontana! Agarrei na garrafa que estava na minha frente e abri a cabeça da santa criatura com uma pancada horrivel!

De nada mais me lembro. Ouvi um berro, um clamor. Senti o panico em redor de mim e corri para a rua como um ebrio. Foi quando...

Não pude concluir. O meu amigo havia abalado.

— Esta historia deu origem a curioso incidente. Publicada em julho de 1906, sob o pseudonimo de Antão de Magalhães, no *Minarete*, que circulava não só em Pinda como nas cidades vizinhas, caiu sob os olhos de um hoteleiro da cidade de S. Bento, de nome Melo e por coincidencia esposo de uma senhora de apelido Vidoca. O excelente homem viu no artigo alusões pessoais e ofensivas a ele e sua familia — e apresentou queixa-crime. Aqui vai a petição, transcrita do *Minarete*:

Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito desta Comarca.

Diz F. F. Melo, por seu procurador, que, sentindo-se ofendido, com sua familia, pelo injurioso artigo do Minarete, *periodico de imprensa desta cidade, ora junto, distribuido por mais de 15 pessoas, intitulado "De como quebrei a cabeça á mulher do Melo", de 19 de julho de 1906, assinado por Antão de Magalhães, edição n.º 159, e querendo a bem de seus direitos promover a responsabilidade criminal do autor, que não é pessoa conhecida, pelas in-*

Digitized by Google

jurias que afetam ao suplicante e sua familia, vem requerer a V. Exa. que se digne mandar intimar ao editor ou gerente da typografia do dito periodico, sr. José Monteiro Salgado, que é quem assumiu a responsabilidade da publicação do Minarete *perante a Camara, preliminarmente, para exibir em juizo o respectivo autografo, em dia, logar e hora previamente designados, requerendo tambem o suplicante a V. Exa. para isso uma audiencia extraordinaria, visto ser urgente a diligencia, etc., etc. Nestes termos, o suplicante requer que D. e A. esta, com os documentos inclusos, se proceda na forma da lei, afim de que, terminadas as diligencias, a exibição do referido autografo e pagas as custas do processo, sejam os autos originais entregues ao procurador do suplicante independente de traslado, para deles fazer o uso que convier ao suplicante.*

P. deferimento E. R. M. Pinda, 26 de Julho de 1906. Com a proc. inclusa — o advogado J. M. F. J.

O processo não foi por diante, irrisorio que era. Apesar disso a brincadeira custou ao *escamado* hoteleiro perto de um conto de réis...

1906

Digitized by Google

O espião alemão

Abre a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquele tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de féras — e leva a chacina a proporções inauditas. Seu capricho exige em Ispahan setenta mil cabeças humanas. Cada seção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cansados de corta-las, os soldados entram a adquiri-las, pagando a moeda de ouro cada uma. Era bom negocio, a oferta cresceu e o preço baixou a meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de cranios em redor da cidade.

Ruge a sangueira além. E' em Delhi. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Maomé IV delibera aliviar o exercito de cem mil prisioneiros incomodos. Solução magistral: degola-os... A vaga prossegue, chega a Ancira, esmaga Bajazet, o grande sultão, e passa...

E acolá? Assiria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flecheiros. Ashurbanipal canta os proprios feitos em inscrições chegadas até nós: "Construi um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a pele dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a inumeros, e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de corôas e os corpos entrelacei como guirlandas".

A vida da Assiria é toda uma primorosa carnificina. Tuklatabazar, Ashurbanipal, Nabuco, Sargão — todos os magarefes reais viram a sua pericia em arrancar o couro a criaturas humanas cantada pelos poetas, comemorada pela arquitetura, admirada pelos posteros.

Timur passou. Passou a Assiria.

Homens e coisas passam, mas a guerra fica.

E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apoteósa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio de sangue lhes fumega a inspiração.

Digitized by Google

A beleza suprema é Aquiles fendendo cranios do frontal á nuca, e a historia da humanidade não passa dum sistema potamografico de enxurros vermelhos, musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos.

A guerra sempre!

Sempre guerras!

A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numancia, mercenarios, Jugurtha, Mitridates, civil...

Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dinasticas. A dos Cem Anos, a dos Trinta Anos, a guerra das Duas Rosas, a da sucessão da Espanha. A guerra americana de secessão. As napoleonicas, a russo-turca, a hispano-americana, a sino-japonesa, a franco-prussiana, a anglo-boer...

Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Alemanha.

O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio e como a Estupidez Humana é irredutivel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado.

Os grandes condutores de povos: simples vontades de aço despidas de inteligencia, incapazes d'outra filosofia que não a das maxilas da hiena. Por que eles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com eles, poetas, pensadores, generais, a industria, o comercio, a imprensa, todos, todos e tudo — fora as mães — zelam, como vestais, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeová, era a vingança o prazer supremo. Se sabe assim a guerra a paladares divinos, que admira saber tanto ao macaco glabro que se classificou a si proprio *Homo sapiens,* ignorante de como os classificariam os cavalos?

Tambem nós temos tido por aqui nossas guerras. A grande, do Paraguai, onde chacinamos os selvagens do Chaco e as pequenas, internas — intestinais. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, se arranhou um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra grande, a guerra-guerra, a guerra de encher o olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Iliadas parnasianas com o retrato de Belona no

Digitized by Google

frontispicio, ah! temo-la em a nossa guerra contra a Alemanha!

Essa nação formidavel, Assiria encouraçada de aço, maquina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente um Davi de iverapema em punho.

E o caso foi que mais uma vez Davi venceu o gigante!... Quem duvidar do milagre, leia o *Lirio* de Itaoca, semanario "literario, recreativo e comercial", numero extra, de oito paginas, comemorativo da assinatura do Armisticio. Diz ele:

"*Vencemos!* O gigante jaz por terra, exangue. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida — a invencivel Alemanha dobra os joelhos e entrega-*nos* a espada sangrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á luta! Honra ao Exmo. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, dignissimo Presidente da Republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do diretorio politico de Itaoca e chefe honorario da heroica linha de tiro "Frei Gaspar da Madre de Deus"! Avé! Avé! Evoé!"

* * *

E' força que os novelistas fixem estes aspectos heroicos do país, já que descuram deles os Pombos e Capistranos sisudos.

A ação de Itaoca durante a guerra foi de fato notavel; mas como Itaoca não passa de pobre logarejo perdido no espinhaço da serra, sem bons correspondentes para os jornais do Rio, toda a sua agitação mavortica permanecerá sem noticia se não lhe acode romanceador fiel.

Itaoca tem, oficialmente, cinco mil habitantes — estatistica feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de "crescima" no calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapuca, cidade vizinha, onde o olhometro municipal acusara quatro mil e quinhentas almas, afora as penadas. Itaoca não se abaixa! Já a sua filarmonica era a melhor, o jornal tinha mais estilo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa tambem, depois do patriotico recenseamento.

Itaoca é regida politicamente pelo coronel José Pedro, e intelectualmente pelo vigario, monsenhor Acacio da Silva,

Digitized by Google

um homem que sabe tudo, até astronomia! Além deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaoca: o juiz, velho bacharel pelo Pedro II; o Leão Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogrifos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara; o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o *Rocambole* a fio e assinam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra, grande foi a emoção de Itaoca. Sensação de estupor. Mas o coronel, expedito que era, sem vacilar um minuto convocou o diretorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expôs com palavras solenissimas a gravidade do momento e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propôs ficasse o diretorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a ideia dum Comité de Salvação Publica, bem como a dum vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou aprovação a ideia sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferrado nos jornais e no patriotico presidente da Republica, ao qual oficiaram no mais alevantado estilo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande maçada.

Assim se fez, e Itaoca, não podendo revelar genio criador, portou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vai-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra valeu no país inteiro pelo incremento das linhas de tiro. Itaoca não ficou atrás — deitou tambem o seu tirozinho.

Que revolução no seu pacifico viver não foi aquilo! Veio instrutor de fora, e a coisa se fez "por musica", com duzentos homens de efetivo — no papel. Efetivos na realidade, apenas vinte. Os mais, homens de oitenta quilos, negociantes, fazendeiros, "gente grada", constituiam o "enchimento". Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicios, e ginastica, e tiro ao alvo — "coisas de meninada".

Apesar de serem só vinte, os rapagotes de perneiras e chapeu á americana transformaram Itaoca em praça de guerra e varreram do coração das meninas todos os rivais civis. Era de ve-los passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinhazinhas e Mariquitas janeleiras. Da pobre ralé de paletó saco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marte...

Digitized by Google

O armamento requisitado ao Ministerio da Guerra para o Tiro "Frei Gaspar da Madre de Deus", apesar de prometido, nunca chegou a Itaoca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma carabina Flaubert do Pimenta. Aos sabados, na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava o seu tirozinho na lata de banha posta como alvo a vinte metros de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço de cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastarem-se vinte cada semana para transformar lata velha em crivo. Daí a grande ideia do major Ventania, comandante superior do "Frei Gaspar". Ponderou ele: alvo por alvo, tanto faz uma lata como um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro, com proveito duplo — do treino e do jantar. Sendo assim, não será mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanais no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a ideia, foi logo posta em pratica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado deste modo: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para que caçassem onde quisessem, sob a condição de repartirem a caça abatida com Ventania, pai da ideia mãe e muito guloso de arroz com passarinho. O major emitiu ainda um conselho de alta estrategia culinaria.

— Dêem preferencia ás rolinhas: são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriotico atirar nos rouxinois de Gonçalves Dias — além de que a carne não vale nada...

Este mirifico sistema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major.

Apurado o seu aparelho de defesa, Itaoca dormiu sossegada, á espera do inimigo. Viessem os barbaros germanicos e cairiam ceifados como rolinhas.

Não foram tolos. Não vieram. Não veio um uhlano sequer. Mas que a Alemanha pôs o seu olho de aguia em Itaoca, não resta a menor duvida. Aqui muito em segredo o confessamos hoje: andaram espiões por lá!

— ? ? ? ! ! ! !

— Sim, espiões, e dos peores. Andaram rondando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permitido confessar o fato. Antes, não;

Digitized by Google

porisso foi o segredo religiosamente oculto pelas autoridades locais, por Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras.

Nobilissimo povo de Itaoca! Quantos males não poupou ao país a tua severa discreção!...

Foi assim o caso. Leão Lobo saia da chimbica do costume em casa do Pimenta, ás doze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabelos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxa mais suspeita ainda sobraçada. Um profetico relampago lucilou-lhe no cerebro: Espião! Sobresteve a alma aos pinotes, meditou tres segundos e, como flecha do patriotismo despedida do arco da salvação publica, voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençois áquel'hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel apareceu de chambre, gorro de lã e vela na mão — assustadissimo.

— Que é lá?

— Espiões na terra, coronel!...

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao topo num dos maiores abalos sismicos de sua vida. Engasgou. Tartamudeou. E ao termo de uns segundos de tonteira pôde apenas murmurar em voz debil um imperceptivel — "Entre!" A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões?... disse o coronel, de olho arregalado.

— E dos peores! *Daqueles,* coronel!...

A entonação do "daqueles" foi tão impressionadora que José Pedro se encostou á parede para conservar o aprumo coronelicio.

A situação era de tal modo imprevista que o chefe não sabia o que fazer. Salvou-o Leão Lobo, afeito a lidar com charadas e logogrifos dos mais crespos.

— Coragem, coronel! O momento não é para vacilações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilize o "Frei Gaspar", mais o destacamento policial, e que se monte guarda rigorosa ás saidas da cidade durante o resto da noite. Amanhã, engaiola-se o melro!

— Bem ponderado! exclamou o chefe, já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens, enquanto eu...

Leão Lobo, sem esperar o fim, saiu aos pinotes, enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apreensivo.

— A gente tão "sossegado" aqui e aquela peste do Kaiser... murmurou ele ao deitar-se.

Digitized by Google

— Que foi? indagou a mulher num bocejo.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

Dona Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquele bodinho...

E, virando-se para o canto, adormeceu.

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Horas depois o destacamento policial — um cabo e duas praças — mais o Tiro inteiro, estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias damas despenteadas que, á janela, em camisa, punham as mãos, invocando as varias Nossas Senhoras adequadas ao lance — que aquilo era por certo o fim do mundo.

Nenhum luar no ceu, e como os lampiões já de semanas não se acendessem por precaução contra os zeppelins mortiferos, o escuro era de breu. Mesmo assim ás apalpadelas as forças mobilizadas agiram com tal estrategia que, "tres horas" após o rebate, todas as saidas de Itaoca estavam hermeticamente sentineladas. Numa delas ficou metade do "Frei Gaspar" com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se de uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza.

A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma loura ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, o qual, como o seu dono, tinha incoerciveis habitos noturnos.

Amanheceu, enfim.

Quando o astro rei, desdobrando as roseas gases da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o *Lirio*, historiando os fatos — o major Ventania e o delegado deram começo a rigorosa pesquisa.

Não foi preciso muito. O espião lá estava, espichado no *trottoir* da igreja, ronflando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinha-se aqui o estilo do "Pall-Mall-Lyrio", seção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José, da *Gazeta de Noticias*).

O major Ventania não vacila: mete dois dedos na boca e produz um assobio agudissimo.

Era o sinal. Acode logo o Tiro, mais o destacamento e a molecada, e solenemente, num sherlockiano *nhoc!*, agarram. em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser.

Digitized by Google

Não ha memoria em Itaoca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pro-homens da terra, emudecendo-os de sagrada emoção. Naquele momento augusto salvava-se a Patria querida!...

Dali seguiu para a cadeia o infame dolicocefalo louro, e lá lhe montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserva-la engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de molezas, ordenou o major. Fogo nele — fogo de barragem!

Ás dez estava tudo pronto para o interrogatorio. Mas aqui surgiu imprevista dificuldade: o espião insistia em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia alemã, ninguem pescava um *ya* da odiosa lingua de Goethe. (A colonia alemã de Itaoca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com farmacia havia sessenta anos e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora? indagou a autoridade, atarantada. Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não! Não é possivel! Muller, como germanico, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho para "lingua" o monsenhor Acacio. Ha-de saber alemão. Que é que ele não sabe? Até astronomia...

Era verdade. Monsenhor Acacio sabia tudo, dissertava *de omni re scibili,* e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro II, que sabia quatorze.

Veio o padre. Solenemente, por meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O alemão deste homem, concluiu ele sentenciosamente, é o alemão turingio da baixa germanidade valona da Silesia hanoveriana. Ininteligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o alemão gramatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Schneider-Canets.

Leão Lobo, entusiasmado, cochichou para Ventania: "Eu não disse? Ele é um *bicho!*"

Do pouco que o espião dissera, uma frase, por muito repetida, gravou-se na memoria dos itaoquenses: *ai éme inglix.* Leão Lobo, afeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas,

Digitized by Google

tentou decifrar a misteriosa frase por meio dos processos charadisticos. *A, I, M. inglix; A,* uma; *I,* uma; *M,* uma; *inglix,* duas. Conceito? Engasgava no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio.

— *Ai éme inglix,* disse ele enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glotologicas — "estou com fome". E é natural. Já bateu meio dia. Dêem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para retirar-me, pois que estou de hora passada.

E pondo na cabeça o chapeu felpudo, saiu solene e sabio como a propria Minerva de batina e corôa.

Leão Lobo namorou-o até certa distancia, com o olhar humido de ternura.

— E' um *báita,* o nosso monsenhor!... Pena viver neste fim de mundo. Se "atuasse" no Rio, hein? Que figurão!...

• • •

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavra inteligivel, resolveram envia-lo á capital, de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte.

Assim se fez, e no dia solene da partida houve choradeira de mulheres e um discurso de bota-fora. "Ide-vos", disse o orador oficial, "a Patria exige de vós esse sacrificio. Não ocultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios, emboscados á beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gases lacrimogenios, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria exige o vosso sangue! Se cairdes, tereis como recompensa a nossa gratidão eterna!"

— E o nome numa rua! aparteou o presidente da Camara.

Bravos em atoarda abafaram as palavras do orador. Bem merecidos!

Partiram, afinal, os jovens herois e nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como bravos de raça que eram, com antepassados na guerra do Alecrim e da Mangerona e outras.

Itaoca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrivel que o orador desenhara, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo problematico, do que da viagem pela via ferrea

Digitized by Google

Central do Brasil, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão por que só empalideceram quando na estação ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque remeteram para Itaoca um despacho, conciso mas eloquente: "Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a Republica!"

Quando o Zé Burro, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil réis por legua, entregou o zéburrograma ao major Ventania, o prefeito municipal comemorou a auspiciosa noticia mandando atochar uma duzia de foguetes — pela verba "socorros publicos".

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu imponente manifestação patriotica. Falou na praça Sete de Setembro, com patetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais veemente oração da sua vida.

"Ali, senhores — disse a apontar com dedo energico o *trottoir* d'ora avante historico — esteve deitado, fingindo que dormia, mas de fato *espiando,* um dos mais perigosos agentes da espionagem alemã. O celerado, não confessou. Mas havia de confessar? Havia de denunciar os tenebrosos planos do Anti-Cristo moderno, esse Kaiser assassino que está assassinando o mundo?

A situação é gravissima, senhores! Itaoca está sobre um vulcão! Minada de todos os lados, a vida das nossas familias, a honra das nossas esposas, as mãosinhas das nossas crianças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano (sensação)! Senhores! Um desagravo se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia alemã que, como vibora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, nosso imperterrito presidente!"

Foi um delirio. Estrepitaram palmas, d'envolta com imprecações de vingança contra a colonia alemã — o boticario e sua criada.

— Abaixo o Muller! Morra a Gretche!

A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre civismo, despejou-se, como avalanche, para os lados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a 100 gráus centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburg, Mackensen e Enver-Pachá.

Digitized by Google

Os gavroches (está no *Lirio*) iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa farmacia, nela choveram projeteis, entre apupos e assobios. Não ficou vidraça intacta. Um obuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou ali o vidro de sal-amargo. Tambem a ipéca e a tintura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia alemã não deu mostras de si. Nem Muller, nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta do nariz.

Covardes!

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na, á guiza de trofeu, para a redação do *Lirio*, onde beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba "socorros publicos".

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, que voltou de mãos abanando.

— Sêo Muller manda dizer que não tem; que os patriotas quebraram o vidro; que se serve sal de azedas, que tem.

A pobre da dona Candoca estorceu-se e,

— E' isto! exclamou. Aquele bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim. Ai, Ai!...

— Mulher! interveio o marido. A Patria acima de tudo!

— Vocês são uns...

O cronista não ouviu o qualificativo de dona Candoca, mas a avaliar pela cara do marido foi forte. O homem passou embezerrado o resto do dia.

Á noite chegou telegrama do chefe de policia: "Verificamos prisioneiro sudito inglês. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva grotesco incidente".

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois reuniu os paredros e disse:

— Recebi telegrama confidencial do chefe de policia. O caso é mais grave do que supus. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de estado, vocês compreendem...

Apatetamento geral. Cada um comentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinenti, recorreu ao metodo charadistico: *Telegrama, reserva, segredo de estado...* Conceito? Engasgou no conceito. Era a segunda vez na semana que por falta de conceito perdia uma charada.

Digitized by Google

Assim permaneceram até á volta dos heroicos expedicionarios.

Que bela festa, a recepção! Foi a banda espera-los á boca da cidade, e com ela os patriotas, o Tiro, as moças. Mal os avistaram, romperam em vivas. A banda malhou o hino. Depois, a *accolade* (*Lirio*). Mariquinha Fagundes ofereceu a cada qual sua corôa de louros, feita de folhas de jaboticada. Ela mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro e nos guatambús chumbados dos restantes. Itaoca sabia ser grata aos seus herois.

E a coisa não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão da Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha comemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando viboras e no anverso um lindo distico em latim. E' verdade que este projeto caiu. Mas vingou outro mais economico: dar a quatro ruas o nome dos quatro herois. Dess'arte, e com muita justiça, pois não, as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respectivamente, rua Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira.

Mas Leão Lobo, o infatigavel patriota, não está satisfeito. Entre uma charada e outra, perde-se em meditabundos devaneios. Como ainda não se abriu com os amigos, ninguem sabe qual é a grande ideia que lá lhe fulgura sob a gaforinha.

Mas ha meios de devassar o pensamento secreto dos homens generosos que pronunciam cem vezes ao dia a palavra patria com P maiusculo. Ele — nobilissima criatura! — está amadurecendo a ideia de pedir a Clemenceau a fita da Legião de Honra para a lapela da mui leal e invicta Itaoca.

E vão ver que Clemenceau acaba por fazer-lhe a vontade, dando ainda a ele Leão Lobo, de lambuja, a comenda do *Mérite Agricole*.

Merecidissima, aliás, pois não, pois não!

1916

Digitized by Google

3.ª PARTE

NEGRINHA

Negrinha — As fitas da vida — O drama da geada — Bugio moqueado — O jardineiro Timoteo — O fisco — Os negros — Barba Azul — O colocador de pronomes — Uma historia de mil anos

Digitized by Google

Digitized by Google

Negrinha

Negrinha era uma pobre orfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patrôa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patrôa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no ceu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigario, dando audiencias, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — "dama de grandes virtudes apostolicas, esteio da religião e da moral", dizia o reverendo.

Otima, a dona Inacia.

Mas não admitía chôro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a calejara o chôro da carne de sua carne, e porisso não suportava o chôro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele chôro nunca vinha sem razão. Fome quasi sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-n'os doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Orfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quasi não an-

Digitized by Google

dava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a bôa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relogio batia uma, duas, tres, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento, ve-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante.

Puseram-na depois a fazer croché, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o numero de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi — *bubonica*. A epidemia andava na bérra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida — nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa, todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cócres e beliscões a mesma atração que o iman exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cócre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e vêr a careta...

A excelente dona Inacia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regimen novo — essa indecencia de negro igual a branco e qualquer coisinha: a policia! "Qualquer coisinha": uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho (1), porque disse: "Como é ruim, a sinhá!"...

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava Negrinha em casa como remedio para os frenesis. Inocente derivativo.

---

1. Surra de chicote durante nove dias.

Digitized by Google

— Ai! Como alivia a gente uma bôa roda de cócres bem fincados!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miuda, os niqueis da crueldade. Cócres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma — divertidissimo! A vara de marmelo, flexivel, cortante: para "doer fino" nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o figado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela historia do ovo quente.

Não sabem? Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreou a revolta — atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— "Peste"? Espere aí! Você vai ver quem é peste — e foi contar o caso à patrôa.

Dona Inacia estava azeda, necessitadissima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! disse — e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inacia mesma pô-lo na agua a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava tremula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a bôa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patrôa, então, com uma colher, tirou da agua "pulando" o ovo e *zás!* na boca da pequena. E antes que o urro de dôr saisse, suas mãos amordaçaram-na até que ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

Digitized by Google

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, afim de receber o vigario que chegava.

— Ah, monsenhor! Não se póde ser bôa nesta vida... Estou criando aquela pobre orfã, filha da Cesaria — mas que trabalheira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora, murmurou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A boa senhora suspirou resignadamente.

— Inda é o que vale...

Certo dezembro vieram passar as férias com *Santa* Inacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do ceu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora. certa de ve-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se tambem... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o ceu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição de desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias: "Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga"?

Com lagrimas dolorosas, menos de dôr fisica que de angustia moral — sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos — a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha de ser? disse a tia num suspiro de vitima. Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.

"Brinquem!" Brincar! Como seria bom brincar! — refletiu com suas lagrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

Digitized by Google

Chegaram as malas e logo,

— Meus brinquedos! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu-as e tirou os brinquedos.

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E, mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava "mãmã"... que dormia...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— E' feita?... perguntou extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem animo de pega-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus! Seria possivel? Depois, pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor Menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços d'olhos para a porta. Fóra de si, literalmente... Era como se penetrara no ceu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patrôa, já de volta. Dona Inacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, presenciando a cena.

Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extatica de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebe-la na sala Negrinha tremera, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipoteses de castigos peores ainda. E incoerciveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Digitized by Google

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo — estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— Vão todas brincar no jardim, e vá você tambem, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patrôa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a féra antiga. Compreendeu vagamente e sorriu.

Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha...

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida mulher: o momento da boneca — preparatorio, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flôr de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e d'ora avante ser-lhe-ia impossivel viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi — e essa conciencia a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inacia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, bôa de coração, amenizava-lhe a vida,

Negrinha, não obstante, caira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostalgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de ceu trevas a dentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão bôa, tão quieta, a dizer mãmã a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Digitized by Google

Morreu na esteirinha rôta, abandonada de todos como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguem morreu com maior beleza. O delirio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azues. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farandola do ceu. Sentia-se agarrada por aquelas mãosinhas de louça — abraçada, rodopiada.

Veio a tontura; uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela ultima vez o cuco lhe apareceu, de boca aberta.

Mas, imovel, sem rufar as asas.

Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...

E tudo se esvaiu em trevas.

.....

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miseria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma comica, na memoria das meninas ricas.

— "Lembras-te d'aquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?"

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inacia.

— "Como era bôa para um cócre!..."

1923

Digitized by Google

As fitas da vida

Perambulavamos ao sabor da fantasia, noite a dentro, pelas ruas feias do Braz, quando nos empolgou a silhueta escura duma pesada mole tijolacea, com aparencia de usina vazia de maquinismos.

— Hospedaria dos Imigrantes, informa o meu amigo.

— É aqui, então...

Paramos a contempla-la. Era ali a porta do Oeste paulista, essa Canaã em que o ouro espirra do solo; era ali a antesala da Terra Roxa — essa California do rubidio, oasis côr de sangue coagulado onde cresce a arvore do Brasil de amanhã, uma coisa um pouco diferente do Brasil de hontem, luso e perro; era ali o ninho da nova raça, liga, amalgama, juxtaposição de elementos etnicos que temperam o néo-bandeirante industrial, anti-jéca, anti-modorra, vencedor da vida á moda americana.

Onde pairam os nossos Walt Whitmans, que não vêem estes aspectos do país e os não põem em cantos? Que cronica, que poema não daria aquela casa da Esperança e do Sonho! Por ela passaram milhares de criaturas humanas, de todos os paises e de todas as raças, miseraveis, sujas, com o estigma das privações impresso nas faces — mas refloridas de esperança ao calor do grande sonho da America. No fundo, herois, porque só os herois esperam e sonham.

Emigrar: não existe fortaleza maior do que esta. Só os fortes atrevem-se a tanto. A miseria do torrão natal cansa-os e eles se atiram á aventura do desconhecido, fiando na paciencia dos musculos a vitoria da vida. E vencem.

Ninguem ao ve-los na Hospedaria, promiscuos, humildes, quasi muçulmanos na surpresa da terra estranha, imagina o potencial de força neles acumulado, á espera de ambiente propicio para explosões magnificas.

Cerebro e braço do progresso americano, gritam o Sézamo ás nossas riquezas adormidas. Estados Unidos, Argentina, S. Paulo devem dois terços do que são a essa varredura humana, trazida a granel para aterrar os vazios demograficos das

Digitized by Google

regiões novas. Mal cai no solo novo, transforma-se, floresce, dá de si a apojadura farta com que se aleita a Civilização.

Aquela Hospedaria... Casa do Amanhã, corredor do Futuro...

Por ali desfilam, inconcientes, os formadores duma raça nova.

— Dei-me com um antigo diretor desta almanjarra, disse o meu companheiro, ao qual ouvi muita coisa interessante acontecida cá dentro. Sempre que passo por esta rua, avivam-se-me na memoria varios episodios sugestivos, e entre eles um, romantico, patetico, que até parece arranjo para terceiro ato de dramalhão lacrimogenio. O romantismo, meu caro, existe na natureza, não é invenção dos Hugos; e agora que se fez cinema, posso assegurar-te que muitas vezes a vida plagía o cinema escandalosamente.

Foi em 1906, mais ou menos. Chegara do Ceará, então flagelado pela seca, uma leva de retirantes com destino á lavoura de café, na qual havia um cego, velho de mais de sessenta anos. Na sua categoria dolorosa de indesejavel, por que cargas d'agua déra com os costados aqui? Erro de expedição, evidentemente. Retirantes que emigram não merecem grande cuidado dos prepostos ao serviço. Vêm a granel, como carga incomoda que entope o navio e cheira mal. Não são passageiros, mas fardos de couro vivo com carne magra por dentro, a triste carne de trabalho, irmã da carne de canhão.

Interpelado o cégo por um funcionario da Hospedaria, explicou sua presença por engano de despacho. Destinavam-no ao Asilo dos Invalidos da Patria, no Rio, mas pregaram-lhe ás costas a papeleta do "Para o eito" e lá veio. Não tinha olhos para guiar-se, nem teve olhos alheios que o guiassem. Triste destino o dos cacos de gente...

— Por que para o Asilo dos Invalidos? perguntou o funcionario. É voluntario da Patria?

— Sim, respondeu o cego, fiz cinco anos de guerra no Paraguai e lá apanhei a doença que me pôs a noite nos olhos. Depois que ceguei caí no desamparo. Para que presta um cego? Um gato sarnento vale mais.

Pausou uns instantes, revirando nas orbitas os olhos esbranquiçados. Depois:

— Só havia no mundo um homem capaz de me socorrer: o meu capitão. Mas, esse, perdi-o de vista. Se o encontrasse — tenho a certeza! — até os olhos me era ele capaz de reviver.

Digitized by Google

Que homem! Minhas desgraças todas vêm de eu ter perdido meu capitão...

— Não tem familia?

— Tenho uma menina — que não conheço. Quando veio ao mundo, já meus olhos eram trevas.

Baixou a cabeça branca, como tomado de subita amargura.

— Daria o que me resta de vida para ve-la um instantinho só. Se o meu capitão...

Não concluiu. Percebera que o interlocutor já estava longe, atendendo ao serviço, e ali ficou, imerso na tristeza infinita da sua noite sem estrelas.

O incidente, entretanto, impressionara o funcionario, que o levou ao conhecimento do diretor. O diretor da Imigração era nesse tempo o major Carlos, nobre figura de paulista dos bons tempos, providencia humanizada daquele departamento. Ao saber que o cego fôra um soldado de 70, interessou-se e foi procura-lo. Encontrou-o imovel, imerso no seu eterno cismar.

— Então, meu velho, é verdade que fez a campanha do Paraguai?

O cego ergueu a cabeça, tocado pela voz amiga.

— Verdade, sim, meu patrão. Fui soldado do 33.

— O 33 de S. Paulo? Como isso, se é do norte? objetou o major.

— Verdade, sim, meu patrão. Vim no 13, e logo depois de chegar ao imperio do Lopes entrei em fogo. Tivemos má sorte. Na batalha de Tuiuti nosso batalhão foi dizimado como milharal em tempo de chuva de pedra. Salvamo-nos eu e mais um punhado de camaradas. Fomos então incorporados ao 33 paulista, para preenchimento dos claros, e nele fiz o resto da campanha.

O major Carlos tambem era veterano do Paraguai, e por coincidencia servira no 33. Interessou-se, pois, vivamente, pela historia do cego, pondo-se a interroga-lo a fundo.

— Quem era o seu capitão?

O cego suspirou.

— Meu capitão era um homem que se eu o encontrasse de novo até a vista me era capaz de dar! Mas não sei dele, perdi-o — para mal meu...

— Como se chamava?

— Capitão Boucault.

Ao ouvir esse nome o major sentiu eletrizarem-se-lhe as carnes num arrepio intenso; dominou-se, porém, e prosseguiu:

Digitized by Google

— Conheci esse capitão. Foi meu companheiro de regimento. Mau homem, por sinal, duro para com os soldados, grosseiro...

O cego, até ali vergado na atitude humilde de mendigo, ergueu altivamente o busto e, com a indignação a fremir na voz, disse com firmeza:

— Pare aí! Não blasfeme! O capitão Boucault era o mais leal dos homens, amigo, pai do soldado. Perto de mim ninguem o insulta. Conheci-o em todos os momentos, acompanhei-o durante anos como sua ordenança e nunca o vi praticar o menor ato de vileza.

O tom firme do cego comoveu estranhamente o major. A miseria não conseguira romper no velho soldado as fibras da lealdade, e não ha espetaculo mais arrebatador do que o de uma lealdade assim vivedoira até os limites extremos da desgraça. O major, quasi rendido, sobresteve-se por um instante. Depois, friamente, prosseguiu na experiencia.

— Engana-se, meu caro. O capitão Boucault era um covarde...

Um assomo de colera transformou as feições do cego. Seus olhos anuveados pela catarata revolveram-se nas orbitas, num horrivel esforço para ver a cara do infame detrator. Seus dedos crisparam-se; todo ele retezou-se, como féra prestes a desferir o bote. Depois, sentindo pela primeira vez em toda a plenitude a infinita fragilidade dos cegos, recaiu em si, esmagado. A colera transfez-se-lhe em dôr, e a dôr assomou-lhe aos olhos sob forma de lagrimas. E foi lacrimejando que murmurou em voz apagada:

— Não se insulta assim um cego...

Mal pronunciara estas palavras, sentiu-se apertado nos braços do major, tambem em lagrimas, que dizia:

— Abrace, amigo, abrace o seu velho capitão! Sou eu o antigo capitão Boucault...

Na incerteza, aparvalhado ante o imprevisto desenlace e como receoso de insidia, o cego vacilava.

— Duvida? exclamou o major. Duvida de quem o salvou a nado na passagem do Tebiquari?

Áquelas palavras magicas a identificação se fez e, esvaecido de duvidas, chorando como criança, o cego abraçou-se com os joelhos do major Carlos Boucault, a exclamar num desvario:

— Achei meu capitão! Achei meu pai! Minhas desgraças se acabaram!...

.....

Digitized by Google

E acabaram-se, de fato.

Metido num hospital sob os auspicios do major, lá sofreu a operação da catarata e readquiriu a vista.

Que impressão a sua, quando lhe tiraram a venda dos olhos! Não se cansava de "vêr", de matar as saudades da retina. Foi á janela e sorriu para a luz que inundava a natureza. Sorriu para as arvores, para o ceu, para as flores do jardim. Ressurreição!...

— Eu bem dizia! exclamava a cada passo, eu bem dizia que se encontrasse o meu capitão estava findo o meu martirio. Posso agora ver minha filha! Que felicidade, meu Deus!...

.....

E lá voltou para a terra dos verdes mares bravios onde canta a jandaia. Voltou a nado — nadando em felicidade. A filha, a filha!...

— Eu não dizia? Eu não dizia que se encontrasse o meu capitão até a luz dos olhos me havia de voltar?

1925

Digitized by Google

O drama da geada

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas, o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela boca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sairamos cedo a ver cafesais, e ali parámos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. Dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, o major voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja!

Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquele desbravador de sertões era uma força criadora, dessas que enobrecem a raça humana.

— Quando adquiri esta gleba, disse ele, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café — fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja.

Vi. Vi o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras de absoluta regularidade. Nem uma falha! Era um exercito em pé de guerra. Mas, bisonho ainda. Só no ano vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros frutos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do verde exercito por ele criado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha o olhar orgulhoso dum pai diante de filhos que não mentem à estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Cada fazenda é uma vitoria sobre a fereza retratil dos elementos brutos, coligados na defesa da virgindade agredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poe-

Digitized by Google

tas, mas muita epopeia ha por aí que não vale a destes herois do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é façanha formidavel. Alterar a ordem da natureza, vence-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano pre-estabelecido, dominar a replica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas... — batalha sem treguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é peor, sem a certeza plena da vitoria. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adiantou um capital carissimo e ficou a seu salvo na cidade, de cocoras num titulo de hipoteca, espiando o momento oportuno para cair sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major, isto é de enfunar o peito! É diante de espetaculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, comodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, ele só, um quarto de produção: o governo. Sangram-na depois as estradas de ferro — mas destas não me queixo por que dão muita coisa em troca. Já não digo o mesmo dos tubarões do comercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vai numa cadeia até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do produtor... concluiu, pilheriando.

Tocamos os animais a passo, com os olhos sempre presos ao cafesal intermino. Sem um defeito de formação, as paralelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que, sobrepondo-se à natureza, o homem lhe impunha o ritmo da simetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contraí dividas; a fazenda está hipotecada a judeus franceses. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe: mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas à vida em comum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas prisioneiras à cola de um carro de triunfo! Orfãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchego de outróra? Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo

Digitized by Google

aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordôa, o excesso de luz as martiriza — afeitas que estavam ao espaço confinado e à penumbra sonolenta do *habitat*.

Fazendeidos desalmados — não deixeis nunca arvores pelo cafesal... Cortai-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquela perobeira ali, disse o major, ficou para assinalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um baiano valente que morreu ao pé dela estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para o fazendeiro aquelas paragens.

— Como tudo aqui lhe ha-de falar à memoria, major!

— É isso mesmo. Tudo me fala à recordação. Cada toco de pau, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma historia que sei, tragica às vezes, como essa da peroba, às vezes comica — pitoresca sempre. Ali... — está vendo aquele tôco de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigara-me num rancho coberto de sapé, e lá em silencio esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio quasi em cima das nossas cabeças.

— "Fim do mundo, patrão!" lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... E parecia!... Mas foi apenas o fim de um velho coqueiro, do qual resta hoje — *sic transit*... esse pobre tôco... Cessada a chuva, encontramo-lo desfeito em ripas.

Mais adiante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbarrondada em coleios até morrer no corrego. O major apontou-a, dizendo:

— Cenario do primeiro crime cometido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça, pinga e saia são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correição. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tertius*. A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação às sugestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos à casa de moradia, onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei se por bôa disposição criada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira o almoço desse dia ficou-me na memoria gra-

Digitized by Google

vado para sempre. Não sou poeta, mas se Apolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei-de fazer uma beleza de ode à linguiça com angú de fubá vermelho desse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo...

Em seguida, enquanto o major atendia à correspondencia, saí a espairecer pelo terreiro, onde me pus de conversa com o administrador. Soube por ele da hipoteca que pesava sobre a fazenda e da possibilidade de outro, não o major, vir a colher o fruto do penoso trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada, daquelas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, por que?

— Porque a ultima geada grande foi em 1895. Daí para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só de meio morro acima. Agora não. Viu aquele cafesal do meio? Terra bem baixa; no entanto, se bate geada alí é sempre coisinha — um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais "prepotente" do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece, rematei.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Por que será que as pintam sempre de verde? Incapaz por mim de solver o problema, interpelei o preto, que não se embaraçou e respondeu sorrindo:

— Pois veneziana é verde como o ceu é azul. É da natureza dela...

Aceitei a teoria e entrei.

À mesa a conversa girou em torno da geada.

— É o mês perigoso este, disse o major. O mês da aflição. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta epoca. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janela, numa sondagem profunda ao ceu limpido.

Digitized by Google

— Hoje, por exemplo, está com jeito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou a cismar uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está gravado no livro do destino.

— Livra-te dos ares!... objetei.

— Cristo não entendia de lavoura, replicou o fazendeiro sorrindo.

E a geada veio! Não geadinha mansa de todos os anos, mas calamitosa, geada ciclica, trazida em ondas do sul.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caira sem preambulos.

Deitei-me cedo, batendo o queixo, e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma bôa hora antes que ferrasse no sono. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada. Sentindo-me enregelado, com os pés a doerem, ergui-me para um exercicio violento. Fui para o terreiro.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espetaculo! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores imoveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varais, têsas, como endurecidas em goma forte. As palhas do terreiro, os sabugos de ao pé do côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das tabuas — tudo polvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um saco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que é a nossa paisagem, sempre nos mesmos tons o ano inteiro, encantava sobremodo ve-la de subito mudar, e vestir-se dum esplendoroso veu de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da cena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces de batedeira andavam-lhe os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes ressurretos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do fogoso Febo, apressada demais, transformara em desastre horroroso a ne-

Digitized by Google

vada daquele ano — a maior de quantas deixaram marca nas embaubeiras de São Paulo.

A ressurreição do verde fôra aparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, por toda parte, a vestimenta do solo seria um burel imenso, com a sepia a mostrar a gama inteira dos seus tons ressecos. Pontilha-lo-ia apenas, cá e lá, o verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retransida no pavor das grandes catastrofes. Só então me acudiu que o belo espetaculo que eu até ali só encarara pelo prisma estetico tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. E procurei-o, ansioso.

Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me a mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janela e lá permanecera imovel, observando o ceu através dos vidros. Depois saira sem ao menos pedir o café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas e nada — a familia entrou-se de apreensões.

Meio-dia. Uma hora, duas, tres — e nada.

O administrador, que a mandado da mulher saíra a procura-lo, voltou à tarde sem noticias.

— Bati, tudo, e nem rasto. Estou com medo dalguma coisa... Vou espalhar gente por aí, à cata.

D. Ana, inquieta, de mãos enclavinhadas, só dizia uma coisa:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

— Pus-me em campo tambem, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direções — inutilmente.

Caíu a tarde. Caíu a noite — a noite mais lugubre de minha vida — noite de desgraça e aflição.

Não dormi. Impossivel conciliar o sono naquele ambiente de dôr, sacudido de chôro e soluços.

Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo.

Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo apareceu geado novamente.

Veio o sol. Repetiu-se a mutação da cena. Esvaiu-se a alvura, e o verde torrado da vegetação envolveu a paisagem num sudario de desalento.

Digitized by Google

Em casa repetiu-se o corre-corre do dia anterior — o mesmo vai-e-vem, o mesmo "quem sabe?", as mesmas pesquisas inuteis.

À tarde, porém — tres horas — um camarada apareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoróca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Ana surgira à porta e ao ouvir a bôa nova exclamou, chorando e sorrindo:

— Bendido sejas, meu Deus!...

Minutos depois partimos todos de rumo à bossoróca e a cem passos dela avistamos um vulto às voltas com os cafeeiros requeimados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em tiras, cabelos sujos de terra, olhos vitreos e desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e uma brocha — brocha do pintor que andava a olear as venezianas. Compreendi o latido dos cães à noite...

O major não se deu conta da nossa chegada. Não interrompeu o serviço: *continuou a pintar, uma a uma, do risonho verde esmeraldino das venezianas, as folhas requeimadas do cafesal morto*...

D. Ana, estarrecida, entreparou atonita. Depois, compreendendo a tragedia, rompeu em chôro convulso.

Digitized by Google

Bugio moqueado

— *Uno!*
Ugarte...
— *Dos!*
Adriano...
— *Cinco...*
Villabona...
— ...

Má colocação! Minha pule é a 32 e já de saida o azar me põe na frente Ugarte... Ugarte é furão. Na quiniela anterior foi quem me estragou o jogo. Querem ver que tambem me estraga nesta?

— "Mucho", Adriano!

Qual Adriano, qual nada! Não escorou o saque, e lá está Ugarte com um ponto já feito. Entra Genúa agora? Ah, é outro ponto seguro para Ugarte. Mas quem sabe se com uma torcida...

— "Mucho", Genúa!

Raio de azar! Genúa "malou" no saque. Entra agora Melchior... Este Melchior ás vezes faz o diabo. Bravos! Está aguentando... Isso, rijo! Uma cortadinha agora! "Buena", "buena"! Outra agora... Oh!... Deu na lata! Incrivel...

Se o leitor desconhece o jogo da pelota em cancha publica — Frontão da Bôa-Vista, por exemplo, nada pescará desta giria, que é a na qual se entendem todos os aficionados que jogam em pules ou "torcem".

Eu jogava, e portanto falava e pensava assim. Mas como vi meu jogo perdido, desinteressei-me do que se passava na cancha e pus-me a ouvir a conversa de dois sujeitos velhuscos, sentados á minha esquerda.

"...coisa que você nem acredita, dizia um deles. Mas é verdade pura. Fui testemunha, vi! Vi a martir, branca que nem morta, diante do horrendo prato...

"Horrendo prato?" Aproximei-me dos velhos um pouco mais e pus-me de ouvidos alerta.

Digitized by Google

— "Era longe a tal fazenda, continuou o homem. Mas lá em Mato-Grosso tudo é longe. Cinco leguas é "ali", com a ponta do dedo. Este troco miudo de quilometros que vocês usam por cá, em Mato-Grosso não tem curso. E' cada estirão!...

"Mas fui ver o gado. Queria arredondar uma ponta para vender em Barretos, e quem me tinha os novilhos nas condições requeridas, de idade e preço, era esse coronel Teotonio, do Tremedal.

"Encontrei-o na mangueira, assistindo á domação dum potro — zaino, inda me lembro... E, palavra d'honra! não me recordo ter esbarrado nunca tipo mais impressionante. Barbudo, olhinhos de cobra muito duros e vivos, testa entiotada de rugas, ar de carrasco... Pensei comigo: Dez mortes no minimo. Porque lá é assim. Não ha *soldados rasos*. Todo mundo traz *galões*... e aquele, ou muito me enganava ou tinha divisas de general.

"Lembrou-me logo o celebre Panfilo do Rio Verde, um de "doze galões", que "resistiu" ao tenente Galinha e, graças a esse benemerito "escumador de sertões", purga a esta hora no tacho de Pedro Botelho os crimes cometidos.

"Mas, importava-me lá a féra! — eu queria gado, pertencesse a Belzebú ou São Gabriel. Expus-lhe o negocio e partimos para o que ele chamava a invernada de fóra.

"Lá escolhi o lote que me convinha. Apartamo-lo e ficou tudo assentado.

"De volta do rodeio caia a tarde e eu, almoçado ás oito da manhã e sem um café de permeio até aquel'hora, chiava numa das boas fomes da minha vida. Assim foi que, apesar da repulsão inspirada pelo urutú humano, não lhe rejeitei o jantar oferecido.

"Era um casarão sombrio, a casa da fazenda. De poucas janelas, mal iluminado, mal arejado, desagradavel de aspecto, por isso mesmo toava na perfeição com a cara e os modos do proprietario. Traste que se não parece com o dono é roubado, diz muito bem o povo. A sala de jantar semelhava uma alcova. Além de escura e abafada, rescendia a um cheiro exquisito, nauseante, que nunca mais me saiu do nariz — cheiro assim de carne mofada...

"Sentámo-nos á mesa, eu e ele, sem que viva alma nos surgisse a fazer companhia. E como de dentro não viesse nenhum rumor, conclui que o urutú morava sozinho — solteiro ou viuvo. Interpela-lo? Nem por sombras. A secura e a má cara do facinora não davam azo á minima expansão

Digitized by Google

de familiaridade; e, ou fosse real ou efeito do ambiente, pareceu-me ele inda mais torvo em casa do que fora em pleno sol.

"Havia na mesa feijão, arroz e lombo, além dum misterioso prato coberto em que se não buliu. Mas a fome é boa cozinheira. Apesar de engulhado pelo bafio a mofo, pus de lado o nariz, achei tudo bom e entrei a comer por dois.

"Correram assim os minutos.

"Em dado momento o urutú, tomando a faca, bateu no prato tres pancadas imperiosas. Chama a cozinheira, calculei eu. Esperou um bocado e, como não aparecesse ninguem, repetiu o apelo com certo frenesi. Atenderam-no, desta vez. Abriu-se devagarinho uma porta e enquadrou-se nela um vulto branco de mulher.

"Sonambula?

"Tive essa impressão. Sem pinga de sangue no rosto, sem fulgor nos olhos vidrados, cadaverica, dir-se-ia vinda do tumulo naquele momento. Aproximou-se, lenta, com passos de automato, e sentou-se de cabeça baixa.

"Confesso que esfriei. A escuridão da alcova, o ar diabolico do urutú, aquela morta-viva morre-morrendo a meu lado, tudo se conjugava para arrepiar-me as carnes num calafrio de pavor. Em campo aberto não sou medroso — ao sol, em luta franca, onde vale a faca ou o 32. Mas escureceu? Entrou em cena o misterio? Ah! — bambeio de pernas e tremo que nem geleia! Foi assim naquele dia...

"Mal se sentou a morta-viva, o marido, sorrindo, empurrou para o lado dela o prato misterioso e destampou-o amavelmente. Dentro havia um petisco preto, que não pude identificar. Ao vê-lo a mulher estremeceu, como horrorizada.

— "Sirva-se!" disse o marido.

Não sei porque, mas aquele convite revelava uma tal crueza que me cortou o coração como navalha de gelo. Pressenti um horror de tragedia, dessas horrorosas tragedias familiares, vividas dentro de quatro paredes, sem que de fóra ninguem nunca as suspeite. Desde aí nunca ponho os olhos em certos casarões sombrios sem que os imagine povoados de dramas horrendos. Falam-me de hienas. Conheço uma: o homem...

"Como a morta-viva permanecesse imovel, o urutú repetiu o convite em voz baixa, num tom cortante de ferocidade glacial.

— "Sirva-se, faça o favor! E fisgando ele mesmo a nojenta coisa, colocou-a gentilmente no prato da mulher.

Digitized by Google

"Novas tremuras agitaram a martir. Seu rosto macilento contorceu-se em esgares e repuxos nervosos, como se o tocasse a corrente eletrica. Ergueu a cabeça, dilatou para mim as pupilas vitreas e ficou assim uns instantes, como á espera dum milagre impossivel. E naqueles olhos de desvario li o mais pungente grito de socorro que jamais a aflição humana calou...

"O milagre não veio — infame que fui! — e aquele lampejo de esperança, o derradeiro, talvez, que lhe brilhou nos olhos, apagou-se num lancinante cerrar de palpebras. Os tiques nervosos diminuiram de frequencia, cessaram. A cabeça descaiu-lhe de novo para o seio, e a morta-viva, revivida um momento, reentrou na morte lenta do seu marasmo sonambulico.

"Enquanto isso, o urutú espiava-nos de esguelha, e ria-se por dentro venenosamente...

"Que jantar! Verdadeira cerimonia funebre transcorrida num escuro carcere da Inquisição. Nem sei como digeri aqueles feijões!

"A sala tinha tres portas, uma abrindo para a cozinha, outra para a sala de espera, a terceira para a despensa. Com os olhos já afeitos á escuridão, eu divisava melhor as coisas; enquanto aguardavamos o café, corri-os pelas paredes e pelos moveis, distraidamente. Depois, como a porta da despensa estivesse entreaberta, enfiei-os por ela a dentro. Vi lá umas brancuras pelo chão — sacos de mantimento — e, pendurada a um gancho, uma coisa preta que me intrigou. Manta de carne seca? Roupa velha? Estava eu de rugas na testa a decifrar a charada, quando o urutú, percebendo-o, silvou em tom cortante:

"— E' curioso? O inferno está cheio de curiosos, moço...

"Vexadissimo, mas sempre em guarda, achei de bom conselho engulir o insulto e calar-me. Calei-me. Apesar disso o homem, depois duma pausa, continuou, entre manso e ironico:

"— Coisas da vida, moço. Aqui a patrôa péla-se por um naco de bugio moqueado, e ali dentro ha um para abastecer este pratinho... Já comeu bugio moqueado, moço?

"— Nunca! Seria para mim o mesmo que comer gente...

"— Pois não sabe o que perde!... filosofou ele, como um diabo, a piscar os olhinhos de cobra.

Digitized by Google

Neste ponto o jogo interrompeu-me a historia. Melchior estava colocado e Gaspar, com tres pontos, sacava para Ugarte. Houve luta; mas um "camarote" infeliz de Gaspar deu o ponto a Ugarte. "Pintou" a pule 13, que eu não tinha. Jogo vai, jogo vem, "despintou" a 13 e deu a 23. Pela terceira vez Ugarte estragava-me o jogo. Quis insistir, mas não pude. A historia estava no apogeu e antes "perder de ganhar" a proxima quiniela do que perder um capitulo da tragedia. Fiquei no lugar, muito atento, a ouvir o sujeito continuar:

— "Quando me vi na estrada, longe daquele antro, criei alma nova. Fiz cruz na porteira: "Aqui nunca mais! Crédo!" E abri de galopada pela noite a dentro.

"Passaram-se anos.

"Um dia, em Tres Corações, tomei a serviço um preto de nome Zé Esteves. Traquejado da vida e sério, meses depois virava Esteves a minha mão direita. Para um rodeio, para curar uma bicheira, para uma comissão de confiança, não havia outro. Negro quando acerta de ser bom vale por dois brancos. Esteves valia quatro.

"Mas não me bastava. O movimento crescia e ele sozinho não dava conta. Empenhado em descobrir um novo auxiliar que o valesse, perguntei-lhe uma vez:

— "Não teria você, por acaso, algum irmão de sua força?

— "Tive, respondeu o preto, tive o Leandro, mas o coitado não existe mais...

— "De que morreu?

— "De morte matada. Foi morto a rabo de tatú... e comido.

— "Comido? repeti com assombro.

— "E' verdade. Comido por uma mulher.

A historia complicava-se e eu, aparvalhado, esperei a decifração.

— "Leandro, continuou ele, era um rapaz bem apessoado e bom para todo serviço. Trabalhava no Tremedal, numa fazenda em...

— "... em Mato-Grosso? Do coronel Teotonio?

— "Isso! Como sabe? Ah, esteve lá!... Pois dê graças de estar vivo; que entrar na casa do carrasco era facil, mas saír? Deus me perdoe, mas aquilo foi a maior peste que o raio do diabo do barzabú do canhoto botou no mundo!...

— "O urutú... murmurei recordando-me. Isso mesmo...

Digitized by Google

— "Pois o Leandro — não sei que intrigante malvado inventou que ele... que ele, com perdão da palavra, andava com a patrôa, uma senhora muito branca, que parecia uma santa. O que houve, se houve alguma coisa, Deus sabe. Para mim, tudo foi feitiçaria da Liduina, aquela mulata amiga do coronel. Mas, inocente ou não, o caso foi que o pobre Leandro acabou no tronco, lanhado a chicote. Uma novena de martirio — *lepte lepte!* E pimenta em cima... Morreu. E depois que morreu, foi moqueado.

— "???

— "Pois então? Moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem. Penduraram aquela carne na despensa e todos os dias vinha á mesa um pedacinho para a patrôa comer..."

Mudei-me de logar. Fui assistir ao fim da quiniela a cincoenta metros de distancia. Mas não pude acompanhar o jogo. Por mais que arregalasse os olhos, por mais que olhasse para a cancha, não via coisa nenhuma, e até hoje não sei se deu ou não deu a pule 13...

1925

Digitized by Google

O jardineiro Timoteo

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias coloniais: — frente com varanda, uma ala e patio interno. Neste ficava o jardim, tambem à moda antiga, cheio de plantas antigas, cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timoteo, um preto branco por dentro. Timoteo o plantou quando a fazenda se abria e a casa inda cheirava a reboco fresco e tintas d'oleo recentes, e desd'aí — lá se iam quarenta anos — ninguem mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim".

Verdadeiro poeta, o bom Timoteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia sutil das coisas. Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema, onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho ao reflorir anual da primavera, desmedrado e sofredor quando junho sibilava no ar os lategos do frio. O jardim tornara-se a memoria viva da casa. Tudo nele correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desd'o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda rescendente à escavação. O canteiro principal consagrara-o Timoteo ao "Sinhô velho", tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d'alforria muito antes da Lei Aurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos vindos do forno para ali inda quentes, e embutidos no chão como rude cingulo de coral; hoje, semi desfeitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos musgos da velhice.

— Veludo de muro velho, é como chama Timoteo a essa muscinea invasora, filha da sombra e da humidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, esfogueados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim do Cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso

Digitized by Google

guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura. Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos da Angola.

— Tenha paciencia, minha negra! — conversava ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o ceu brotos audazes. Tenha paciencia, que aqui ninguem olha de cima para o "Sinhô velho".

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerarios.

Cercando o jasmineiro havia uma corôa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais nada.

— Ele era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as irmãsinhas do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

— Este é o de Sinházinha; e como ela um dia ha-de casar, fica a par dele o canteiro do "Sinhô-moço".

O canteiro da Sinházinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da familia e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto que, ao romper da Lei Aurea, nenhum teve animo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinházinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na familia, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, simbolo vivo, cronica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira "planta séria" ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nele flores alegres de criança: — esporinhas, bocas-de-leão "borboletas", ou flores amaveis da adolescencia — amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosotis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timoteo os primeiros tufos de violeta.

— Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malogrado botãozinho de carne rosea, o jardineiro, em lagrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o

Digitized by Google

lugar aos suspiros roxos, e a sempre-viva foi para o canto onde viçavam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro do "Sinhô-moço" revelava intenções simbolicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas de espinhos; palmas de Santa Rita, de folhas laminadas; junquilhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timoteo compunha os anais vivos da familia, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos dalgumas significação. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diario da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hospede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria — tudo memorava ele, com hieroglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa familia do Rio — pai, mãe e tres sapequissimas filhas — lá ficou assignalada por cinco pés de "ora-pro-nobis". E a venda do pampa calçudo, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda dum galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedotica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal domestico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinházinha; o sangue-de-Adão do Tiburcio cocheiro; a rosa-maxixe da mulatinha Cesaria, sirigaita enredeira, de cara fuchicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Mangerona, a Teteia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pézinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpetuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo, morto hidrofobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

— Quem ha-de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Tambem os gatos tinham memoria. Lá estava a cineraria da gata branca, morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembrativo do velho gato Romão.

Ninguem, a não ser Timoteo, colhia flores naquele jardim. Sinházinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

— Não *sabem*, Sinházinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguem *sabe* apanhar flor...

Era verdade. Só Timoteo sabia escolhe-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para

Digitized by Google

florir a mesa em dia de anos da moça, Timoteo combinava os buquês como estrofes vivas. Colhia-as resmungando:

— Perpetua? Não. Você não vai para a mesa hoje. É festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa-maxixe? Ah! ah! Tinha graça, a Cesaria em festa de branco!...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciencia de mestre. Ás vezes parava, a filosofar:

— Ninguem se lembra hoje do anjinho... P'ra que, então, goivo nos vasos? Quieto fique aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemiterio...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguem? Seus louvores, de ninguem suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hospede, um lembrete à patrôa, uma censura ao senhor, composto sob forma dum ramalhete? Ignorantes da lingua do jardim, riam-se eles da maluquice do Timoteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timoteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delirio de poeta. Sem familia, criara uma familia de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas — embora a copa e a cozinha se implicassem com aquilo.

— Que tanto resmunga o Timoteo? Fica ali, mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada...

E' que na sua imaginação as flores se transfiguravam em sêres vivos. Tinham cara, olhos, ouvidos... O jasmim do Cabo, pois não é que lhe dava a benção todas as manhãs? Mal Timoteo aparecia, murmurando, "A benção, Sinhô", e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: "Deus te abençôe, Timoteo".

Contar isso aos outros? Nunca! "Está louco!" haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

— E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, hom'essa!...

Tambem dialogava com elas.

— Contentinha, hein? Bôa chuva a de hontem, não?

— ...

— Sim, lá isso é verdade. As chuvas miudas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo ele!

Digitized by Google

E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

— Sêo malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. "Vira esterco, diabinho!"

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timoteo a chovisçar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

— O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timoteo não estivesse aqui de "chovedor" na mão.

— Chega, tambem, ué! Então quer sózinho um regador inteiro? Bôa moda! Não vê que as esporinhas estão com a lingua de fora?

— E esta boca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma boca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

— E você tambem, sêo resedá, tome lá seu banho p'ra depois namorar aquela dona hortensia, moça bonita do "zôio" azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesaria.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se flor fosse gente.

Só a moça, com seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha margarida deste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

— Que beleza!

E Timoteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

— Precisamos mudar isto — lembrou o moço, de volta dum passeio a S. Paulo. Ha tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerarias, esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandalias magnificas, crisantemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timoteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se com a moça. Ele tambem conhecia essas flores de fora, vira crisantemos em casa do coronel Barroso, e as tais dalias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espirito Santo.

Digitized by Google

— Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de familia. Aquela dalia rajada, está vendo? E' singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita côr de rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda no corpo mas sem fé no coração? De manhã "fica assim" de abelhas e cuitelos em roda dela!... E eles sabem, eles conhecem quem merece! Se as das cidades fossem de mais estimação. por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão p'ra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa ideia da cabeça de Sinhô-moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. E' preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timoteo tomado de aversão pela familia dos "ora-pro-nobis"! Pressentimento puro... O "ora-pro-nobis" pai voltou, e esteve ali uma semana em conciliabulo com o moço. Ao fim desse tempo, explodiu como bomba a grande noticia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timoteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timoteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituia a alma do velho patrimonio.

— Adeus, Timoteo! disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veiculo.

— Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timoteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

— Branco não tem coração...

Os novos proprietarios eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa franzindo o nariz a tudo.

— Velharias, velharias...

Digitized by Google

E tudo reformaram. Em vez da austera mobilia de cabiuna, adotaram moveis pechisbeques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um "hall", mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas:

— E' incrivel! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Souza, em pleno seculo das crisandalias!

E correram-no todo, a rir, como perfeitos malucos.

— Olha, Yvette, esporinhas! E' inconcebivel que inda haja esporinhas no mundo!

— E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timoteo ouvia aquilo com mil mortes n'alma. Não restava duvida, era o fim de tudo, como pressentira: aqueles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo de acordo com a arte modernissima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as ultimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

— E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho aquele macaco a me arrasar isto — disse o homem, apontando para Timoteo.

— O' tição, vem cá!

Timoteo aproximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficas encarregado de limpar este mato e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasas-me isto, bem arrasadinho, entendes?

Timoteo, tremulo, mal pôde engrolar uma palavra:

— Eu?...

— Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

— Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audacia, sem nada compreender daquela resistencia.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E não podendo mais conter-se explodiu num assomo estupendo de colera — o primeiro e o unico de sua vida.

— Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto ha de virar uma tapera de lacraias! A

Digitized by Google

geada ha de torrar o café. A peste ha de levar até as vacas de leite! Não ha de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoura! E a familia amaldiçoada, coberta de lepra, ha de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixa estar, gente amaldiçoada! Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguem sabe o que é. Deixa estar, branco de má casta! Deixa estar, caninana! Deixa estar!...

E fazendo o gesto fatidico, com a mão espalmada, saiu às arrecuas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

— Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

— Deixa estar!...

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosos vôos de sombra pelas estradas desertas. O ceu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coaxavam nos brejos e os vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.

Só não ressurgirá Timoteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã. enrijecido pelo relento, de bôrco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar!...

1924

Digitized by Google

O fisco

(Conto do Natal)

Prologo

No principio era o pantano, com valas de agrião e rãs coaxantes. Hoje é o parque do Anhangabaú, todo ele relvado, com ruas de asfalto, pérgola grata a namoriscos noturnos, a *Eva* de Brecheret, a estatua dum adolescente nu que corre — e mais coisas. Autos voam pela via central, e cruzam-se pedestres em todas as direções. Lindo parque, civilizadissimo.

Atravessando-o certa tarde, vi formar-se ali um bolo de gente, rumo ao qual vinha vindo um policia apressado.

Fagocitose, pensei. A rua é a arteria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bebado, o gatuno são os microbios maleficos, perturbadores do ritmo circulatorio. O soldado de policia é o globulo branco — o *fagocito* de Metchenikoff. Está de ordinario parado no seu posto, circunvagando olhares atentos. Mal se congestiona o trafego pela ação anti-social do desordeiro, o fagocito move-se, caminha, corre, cai a fundo sobre o mau elemento e arrasta-o para o xadrez.

Foi assim naquele dia.

Dia sujo, azedo. Ceu dubio, de decalcomania vista pelo avesso. Ar arrepiado.

Alguem perturbara a paz do jardim, e em redor desse rebelde logo se juntou um grupo de globulos vermelhos, vulgo passantes. E lá vinha agora o fagocito fardado restabelecer a harmonia universal.

O caso girava em torno de uma criança maltrapilha, que tinha a tiracolo uma caixa tosca de engraxate, visivelmente feita pelas suas proprias mãos. Muito sarapantado, com lagrimas a brilharem nos olhos cheios de pavor, o pequeno murmurava coisas de ninguem atendidas. Sustinha-o pela gola um fiscal da camara.

— Então, sêo cachorrinho, sem licença, hein? exclamava entre colerico e vitorioso o mastim municipal, focinho muito nosso conhecido. E' um que não é um mas sim legião, e sabe ser tigre ou cordeiro conforme o naipe do contraventor.

A miseravel criança evidentemente não entendia, não sabia que coisa era aquela de licença, tão importante, recla-

Digitized by Google

mada assim a empuxões brutais. Foi quando entrou em cena o policia.

Este globulo branco era preto. Tinha beiço de sobejar e nariz invasor de meia cara, aberto em duas ventas acesas, relembrativas das cavernas de Trofonio. Aproximou-se e rompeu o magote humano com um napoleonico — "Espalha!"

Humildes alas se abriram áquele Sézamo, e a Autoridade, avançando, interpelou o Fisco:

— Que encrenca é esta, chefe?

— Pois este cachorrinho não é que está exercendo ilegalmente a profissão de engraxate? Encontrei-o banzando por aqui com estes tróços, a fisgar com os olhos os pés dos transeuntes e a dizer "Engraxa, freguês". Eu vi a coisa de longe. Vim pé ante pé, disfarçando e, de repente, *nhoc!* "Mostre a licença", gritei. "Que licença?", perguntou ele com arzinho de inocencia. "Ah, você diz que licença, cachorro? Está me debochando, ladrão? Espera que te ensino o que é licença, trapo!" E agarrei-o. Não quer pagar a multa. Vou leva-lo ao deposito, autuar a infração para proceder de acordo com as posturas, concluiu com soberbo entono o cariado canino da Maxila Fiscal.

O solene Mata-Piolho da Manopla Policial concordou.

— E' isso mesmo. Casca-lhes!

E chiando por entre os dentes uma cusparada de esguicho, deu a sua sacudidela suplementar no menino. Depois voltou-se para os basbaques e ordenou com imperio de sóba:

— Circula, paisanada! E' "purivido" ajuntamentos de mais de um.

Os globulos vermelhos dispersaram-se em silencio. O bulldogue lá seguiu com o pequeno nas unhas. E o Páu-de-Fumo, em atitude de Bonaparte em face das piramides, ficou, de dedo no nariz e boca entreaberta, a gozar a prontidão com que, num apice, sua energia resolvera o tumor maligno formado na arteria sob a sua jurisdição.

O Braz

Tambem lá, no principio, era o charco — terra negra, fôfa, turfa tressuante, sem outra vegetação além dessas plantinhas miseraveis que sugam o lodo como minhocas. Aquem da varzea, na terra firme e alta, São Paulo crescia. Erguiam-se casas nos cabeços, e esgueiravam-se ladeiras encostas abaixo: a Bôa Morte, o Carmo, o Piques; e ruas, Imperador, Direita, S. Bento. Poetas cantavam-lhe as graças nascentes:

Digitized by Google

O' Liberdade, ó Ponte-Grande, ó Gloria...

Deram-lhe um dia o Viaduto do Chá, esse arrojo... Os paulistanos pagavam sessenta reis para, ao atravessa-lo, conhecerem a vertigem do abismo. E em casa narravam a aventura ás esposas e mães, palidas de espanto. Que arrojo de homem, o Jules Martin que construira aquilo!

Enquanto S. Paulo crescia o Braz coaxava. Enluaravam-se naquele brejal legiões de sapos e rãs. A' noite, do escuro da terra um coral subia, de coaxos, *pan-pans* de ferreiro, latidos de mimbuias, *glu-glus* de untanhas; e por cima, no escuro do ar, vagalumes ziguezagueantes riscavam fosforos ás tontas.

E assim foi até o dia da avalanche italiana.

Quando lá no Oeste a terra roxa se revelou mina de ouro das que pagam duzentos por um, a Italia vazou para cá a espuma da sua transbordante taça de vida. E São Paulo, não bastando ao abrigo da nova gente, assistiu, atonito ao surto do Braz.

Drenos sangraram em todos os rumos o brejal turfoso; a agua escorreu; os espavoridos sapos sumiram-se aos pulos para as baixadas do Tieté; rã comestivel não ficou uma para memoria da raça; e, breve, em substituição aos guembês, ressurtiu a cogumelagem de centenas e centenas de casinhas tipicas — porta duas janelas e platibanda.

Numerosas ruas, alinhadas na terra côr de ardosia que já o sol ressequira e o vento erguia em nuvens de pó negro, margearam-se com febril rapidez desses prediozinhos terreos, iguais uns aos outros, como saidos do mesmo molde, pifios, mas unicos possiveis então. Casotas provisorias, desbravadoras da lama e vencedoras do pó á força de preço modico.

E o Braz cresceu, espraiou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Moóca, bateu estacas no Marco da Meia Legua, lançou-se rumo á Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fabricas, viu surgirem avenidas e vida propria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o corso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Braz, separado de São Paulo pelo faixão vermelho da Varzea aterrada — Pest da Buda á beira do Tamanduateí plantada.

São duas cidades vizinhas, distintas de costumes e de almas já bem diversas. Ir ao Braz é uma viagem. O Braz não é ali, como o Ipiranga; é lá do outro lado, embora mais perto que o Ipiranga. Diz-se — vou ao Braz, como quem diz — vou á Italia. Uma Italia agregada como um bócio

Digitized by Google

recente e autonomo a uma *urbs* antiga, filha do país; uma Italia função da terra negra, italiana por sete decimos e *algo nuevo* pelos tres restantes.

* * *

O Braz trabalha de dia e á noite gesta. Aos domingos fandanga ao som do bandolim. Nos dias de festa nacional (destes tem predileção pelo 21 de Abril: vagamente o Braz desconfia que o barbeiro da Inconfidencia, porque barbeiro, havia de ser um patricio), nos dias feriados o Braz vem a São Paulo. Entope os bondes no travessio da Varzea e cá ensardinha-se nos autos: o pai, a mãe, a sogra, o genro e a filha casada no banco de trás; o tio, a cunhada, o sobrinho e o Pepino escoteiro no da frente; filhos miudos por entremeio; filhos mais taludos ao lado do motorista; filhos engatinhantes debaixo dos bancos; filhos em estado fetal no ventre bojudo das matronas. Vergado dê molas, o carro geme sob a carga e arrasta-se a meia velocidade, exibindo a Pauliceia aos olhos arregalados daquele exuberante cacho humano.

Finda a corrida, o auto debulha-se do enxame no Triangulo e o bando toma de assalto as confeitarias para um regabofe de spumones, gasosas, croquetes. E tão a serio toma a tarefa, que ali pelas nove horas não restam iscas de empada nos armarios termicos, nem vestigios de sorvete no fundo das geladeiras. O Braz devora tudo, ruidosa, alegremente, e com massagens ajeitadoras do abdomen sai impando bemaventurança estomacal. Caroços de azeitonas, palitos de camarões, guardanapos de papel, pratos de papelão seguem nas munhecas da petizada como lembrança da festa e consolo ao bersalhérzinho que lá ficou de castigo em casa, berrando com goela de Caruso.

Em seguida, toca para o cinema! O Braz abarrota os de sessão corrida. O Braz chora nos lances lacrimogeneos da Bertini e ri nas comedias a gas hiliriante da L-Ko mais do que autorizam os mil e cem da entrada. E repete a sessão, piscando o olho: é o jeito de dobrar a festa em extensão e obte-la a meio preço — 550 réis, uma pechincha.

* * *

As mulheres do Braz, ricas de ovario, são vigorosissimas de utero. Desovam quasi filho e meio por ano, sem interrupção, até que se acabe a corda ou rebente alguma peça essencial da gestatoria.

Digitized by Google

E' de ve-las na rua. Bojudas de seis meses, trazem um Pepininho á mão e um choramingas á mama. A' tarde o Braz inteiro chia de criançalha a chutar bolas de pano, a jogar pião, ou a piorra, ou o tento de telha, ou o tabefe, com palavriados mixtos de português e dialetos de Italia. Mulheres escarranchadas ás portas, com as mãos ocupadas em manobras de agulha de osso, espigaitam para os maridos os sucessos do dia, que eles ouvem filosoficamente, cachimbando calados ou cofiando a bigodeira á Humberto Primo.

De manhã esfervilha o Braz de gente estremunhada a caminho das fabricas. A mesma gente reflue á tarde aos magotes — homens e mulheres de cesta no braço, ou garrafas de café vazias penduradas do dedo; meninas, rapazes, raparigotas de pouco seio, galantes, tagarelas, com o namoro rente.

Desce a noite, e nos desvãos de rua, nos becos, nas sombras, o amor lateja. Ciciam vozes cautelosas das janelas para os passeios; pares em conversa disfarçada nos portões emudecem quando passa alguem ou tosse lá dentro o pai.

Durante o escuro das fitas, nos cinemas, ha contactos longos, febricitantes; e quando nos intervalos irrompe a luz, não sabem os namorados o que se passou na tela — mas estão de olhos langues, em quebreira de amor.

E' o latejar da messe futura. Todo aquele eretismo por musica, com ciclos de pensamentos de cartão postal, estará morto no ano seguinte — legalizado pela igreja e pelo juiz, transfeita a sua poesia em choro de criança e nas trabalheiras sem fim da casa humilde.

Tal menina rosada, leve de andar, toda requebros e dengues, que passa na rua vestida com graça e atrai os olhares gulosos dos homens, não a reconhecereis dois anos depois na lambona filhenta que deblatera com o verdureiro a proposito do feixe de cenouras em que ha uma menor que as outras.

Filho da lama negra, o Braz é como ela um sedimento de aluvião. E' São Paulo, mas não é a Pauliceia. Ligadas pela expansão urbana, separa-os uma barreira. O velho caso do fidalgo e do peão enriquecido.

Pedrinho, sem ser consultado, nasce

Viram-se, ele e ela. Namoraram-se. Casaram.

Casados, proliferaram.

Eram dois. O amor transformou-os em tres. Depois, em quatro, em cinco, em seis...

Chamava-se Pedrinho o filho mais velho.

Digitized by Google

A vida

De pé na porta a mãe espera o menino que foi á padaria. Entra o pequeno, com as mãos abanando.

— Diz que subiu; custa agora oitocentos.

A mulher, com uma criança ao peito, franze a testa desconsolada.

— Meu Deus! Onde iremos parar? Hontem, era a lenha: hoje é o pão... Tudo sobe. Roupa, pela hora da morte. José, ganhando sempre a mesma coisa. Que será de nós, Deus do céu!

E voltando-se para o filho:

— Vá a outra padaria, quem sabe se lá... Se fôr a mesma coisa, traga só um pedaço.

Pedrinho sai. Nove anos. Franzino, doentio, sempre mal alimentado e vestido com os restos das roupas do pai.

Trabalha este num moinho de trigo, ganhando jornal insuficiente para a manutenção da familia. Se não fosse a bravura da mulher, que lavava para fóra, não se sabe como poderiam subsistir. Todas as tentativas feitas com o intuito de melhorarem a vida com industrias caseiras esbarraram no obice tremendo do Fisco. A féra condenava-os á fome. Assim escravizados, José perdeu aos poucos a coragem, o gosto de viver, a alegria. Vegetava, recorrendo ao alcool para alivio de uma situação sem remedio.

Bendito sejas, amavel veneno, refugio derradeiro do miseravel, gole inebriante de morte que faz esquecer a vida e lhe resume o curso! Bendito porque embruteces, e arrancas do homem o nervo doloroso da conciencia. Bendito sejas!

Apesar de moça, 27 apenas, Mariana aparentava o dobro. A labuta permanente, os partos sucessivos, a chiadeira da filharada, a canseira sem fim, o serviço emendado com o serviço, sem folga outra além da que o sono fórça, fizeram da bonita moça que fôra a escanzelada besta de carga que era.

Seus dez anos de casada... Que eternidade de canseiras!...

Rumor á porta. Entra o marido. A mulher, ninando a pequena de peito, recebe-o com a má nova.

— O pão subiu, sabe?

Sem murmurar palavra o homem senta-se, apoiando nas mãos a cabeça. Está cansado.

A mulher prossegue:

Digitized by Google

— Oitocentos réis o quilo agora. Hontem, foi a lenha; hoje é o pão... E lá? Sempre aumentaram o jornal?

O marido esboçou um gesto de desalento e permaneceu mudo, com o olhar vago. A vida era um jogo de engrenagens de aço entre cujos dentes se sentia esmagar. Inutil resistir. Destino, sorte.

Na cama, á noite, confabulavam. A mesma conversa de sempre. José acabava grunhindo rugidos surdos de revolta. Falava em revolução, saque. A esposa consolava-o, de esperança posta nos filhos.

— Pedrinho tem nove anos. Logo estará em ponto de ajudar-nos. Um pouco mais de paciencia e a vida melhora.

Aconteceu que nessa noite Pedrinho ouviu a conversa e a referencia á sua futura ação. Entrou a sonhar. Que fariam dele? Na fabrica, com o pai? Se lhe dessem a escolher, iria a engraxador. Tinha um tio no oficio, e em casa do tio era menor a miseria. Pingavam niqueis.

Sonho vai, sonho vem, brota na cabeça do menino uma ideia, que cresceu, tomou vulto extraordinario e fe-lo perder o sono. Começar já, amanhã, por que não? Faria ele mesmo a caixa; escovas e graxa, com o tio arranjaria. Tudo ás ocultas, para surpresa dos pais! Iria postar-se num ponto por onde passasse muita gente Diria como os outros: "Engraxa, freguês!" e niqueis haviam de juntar-se no seu bolso. Voltaria para casa recheado, bem tarde, com ar de quem as fez... E mal a mãe começasse a ralhar, ele lhe taparia a boca despejando na mesa o monte de dinheiro. O espanto dela, a cara admirada do pai, o regalo da criançada com a perspectiva da ração em dobro! E a mãe a aponta-lo aos vizinhos: "Estão vendo que coisa? Ganhou, só hontem, primeiro dia, dois mil réis!" E a noticia a correr... E murmurios na rua quando o vissem passar: "E' aquele"!

Pedrinho não dormiu essa noite. De manhãzinha já estava a dispor a madeira dum caixote velho sob forma de caixa de engraxate ao molde classico. Lá a fez. Os pregos, bateu com o salto de uma velha botina. As tabuas, serrou pacientemente com um facão dentado. Saiu coisa tosca e mal ajambrada, de fazer rir a qualquer carapina e pequena demais — sobre ela só caberia um pé de criança igual ao seu. Mas Pedrinho não notou nada disso, e nunca trabalho nenhum de carpintaria lhe pareceu mais perfeito.

Conclusa a caixa, pô-la a tiracolo e esgueirou-se para a rua, ás escondidas. Foi á casa do tio e lá obteve duas velhas

Digitized by Google

escovas fóra de uso, já sem pêlos, mas que á sua exaltada imaginação se afiguraram otimas. Graxa, conseguiu alguma raspando o fundo de quanta lata velha encontrou no quintal.

Aquele momento marcou em sua vida um apogeu de felicidade vitoriosa. Era como um sonho — e sonhando saiu para a rua. Em caminho viu o dinheiro crescer-lhe nas mãos, aos montes. Dava á familia parte; e o resto encafuava. Quando enchesse o canto da arca onde tinha suas roupas, montaria um "corredor", pondo a jornal outros colegas. Aumentaria as rendas! Enriqueceria! Compraria bicicletas, automovel, doces todas as tardes na confeitaria, livros de figura, uma casa, um palacio, outro palacio para os pais. Depois...

Chegou ao parque. Tão bonito aquilo — a relva tão verde, tosadinha... Havia de ser bom o ponto. Parou perto de um banco de pedra e, sempre sonhando as futuras grandezas, pôs-se a murmurar para cada passante, fisgando-lhe os pés: "Engraxa, freguês!"

Os fregueses passavam sem lhe dar atenção. "E' assim mesmo, refletia consigo o menino; no começo custa. Depois, afreguesam."

Subito, viu um homem de boné caminhando para o seu lado. Olhou-lhe para as botinas. Sujas. Viria engraxar, com certeza — e o coração bateu-lhe apressado, no tumulto delicioso da estreia. Encarou com o homem já a cinco passos e sorriu com infinita ternura nos olhos, num agradecimento antecipado em que havia tesouros de gratidão.

Mas em vez de lhe espichar o pé, o homem rosnou aquela terrivel interpelação inicial:

— Então, cachorrinho, que é da licença?

Epilogo? Não! Primeiro ato...

Horas depois o fiscal aparecia em casa de Pedrinho com o pequeno pelo braço. Bateu. O pai estava, mas quem abriu foi a mãe. O homem nesses momentos não aparecia, para evitar explosões. Ficou a ouvir do quarto o bate-boca.

O fiscal exigia o pagamento da multa. A mulher debateu-se, arrepelou-se. Por fim, rompeu em choro.

— Não venha com lamurias, rosnou o Buldogue; conheço o truque dessa aguinha nos olhos. Não me embaça, não. Ou bate aqui os vinte mil réis, ou penhoro toda esta cacaria. Exercer ilegalmente a profissão! Ora, dá-se! E olhe cá, minha madama, considere-se feliz de serem só vinte. Eu é

Digitized by Google

de dó de vocês, uns miseraveis; senão, aplicava o maximo. Mas se resiste, dobro a dose!

A mulher limpou as lagrimas. Seus olhos endureceram, com uma chispa má de odio represado a faiscar. O Fisco, percebendo-o, motejou:

— Isso. E' assim que as quero — têzinhas! ah! ah! ah!

Mariana nada mais disse. Foi á arca, reuniu o dinheiro existente — dezoito mil réis ratinhados havia meses, aos vintens, para o caso dalguma doença, e entregou-os ao Fisco.

— E' o que ha, murmurou com tremura na voz.

O homem pegou o dinheiro e gostosamente o afundou no bolso, dizendo:

— Sou generoso, perdôo o resto. Adeuzinho, amor!

E foi á venda proxima beber dezoito mil reis de cerveja.

.....

Enquanto isso, no fundo do quintal, o pai batia furiosamente no menino.

— Noutra não has de cair, filho do diabo!... Toma! e encheu-o de bofetadas...

1921

Digitized by Google

Os negros

I.

Viajavamos certa vez pelas regiões estereis por onde ha um seculo, puxado pelo Negro, o carro triunfal de Sua Majestade o Café passou, quando grossas nuvens reunidas no ceu entraram a desmanchar-se.

Sinal certo de chuva.

Para confirma-lo, um vento brusco, raspante, veio quebrar o mormaço, vascolejando a terra como a preveni-la do iminente banho meteorico. Remoinhos de poeira sorviam folhas secas e gravetos, que lá torvelinhavam em espirais pelas alturas.

Sofreando o animal, parei, a examinar o ceu.

— Não ha duvida, disse o meu companheiro, temo-la e bôa! O remedio é acoutar-nos quanto antes nalgum socavão, que agua vem aí de rachar.

Circunvaguei os olhos em torno. Morraria aspera a perder-se de vista, sem uma casota de palha a acenar-nos com um "Vem cá".

— E agora? exclamou desnorteado o Jonas, marinheiro de primeira viagem que tudo fiava da minha experiencia.

— Agora é galopar. Atrás deste espigão fica uma fazenda em ruinas, de má nota, mas unico oasis possivel nesta emergencia. Casa do Inferno, chama-lhe o povo.

— Pois toca para o inferno, já que o ceu nos ameaça, retorquiu Jonas, dando de esporas e seguindo-me por um atalho.

— Tens coragem? gritei-lhe. Olha que é casa mal assombrada!...

— Benvinda seja. Anos ha que procuro uma, sem topar coisa que preste. Correntes que se arrastam pela calada da noite?

— Dum preto velho que foi escravo do defunto capitão Aleixo, fundador da fazenda, ouvi coisas de arrepiar...

Digitized by Google

Jonas, a criatura mais gabola deste mundo, não perdeu vasa duma pacholice:

— De arrepiar a ti, que a mim, bem sabes, só me arrepiam correntes de ar...

— Acredito, mas toca, que o diluvio não tarda.

O ceu enegrecera por igual. Um relampago fulgurou, seguido de formidavel ribombo, que lá se foi às cabeçadas pelos morros até perder-se distante. E os primeiros pingos vieram, escoteiros, pipocar no chão ressecado.

— Espora, espora!

Em minutos vingavamos o espigão, de cujo topo vimos a casaria maldita, tragada a meio pelo matareu da tapera. Os pingões mais e mais se amiudavam, e já eram agua de molhar quando a ferradura das bestas estrepitou, com faiscas, no velho terreiro de pedra. Sururucados por ele a dentro, rumo a um telheiro em aberto, lá apeamos afinal, esbaforidos, mas a salvo da molhadela.

E as bategas vieram, furiosas, em cordas d'agua a prumo, como devia ser no chuveiro biblico do diluvio universal.

Examinei o couto. Telheiro de carros e tropa, derruido em parte. Os esteios, da cabiuna eterna, tinham os nabos (1) à mostra — tantos enxurros correram por ali erodindo o solo. Por eles marinhava a caetaninha (2), essa mimosa alcatifa dos tapumes, toda rosetada de flores amarelas e pingentada de melõesinhos de bico, côr de canario.

Tambem aboboreiras viçavam na tapera, galgando vitoriosas pelos espeques para enfolharem no alto, entremeio das ripas e caibros a nú. Suas flores grandalhudas, tão caras às mamangavas, manchavam d'amarelo palido o tom crú da folhagem verde-negra.

Fóra, a pouca distancia do telheiro, a "casa grande" se erguia, vislumbrada apenas através da cortina d'agua.

E a agua a cair.

E a trovoada a escalejar seus ecos pela morraria intermina.

E o meu amigo, tão calmo sempre e alegre, a exasperar-se:

— Raio de peste de tempo desgraçado! Já não posso almoçar em Vassouras amanhã, como pretendia.

— Chuva de corda não dura hora, consolei-o.

— Sim, mas será possivel alcançar o tal pouso do Alonso ainda hoje?

Consultei o pulso.

---

1. Parte mais grossa dum esteio, que fica enterrada.
2. Melão de S. Caetano.

Digitized by Google

— Cinco e meia. E' tarde. Em vez de Alonso, temos que gramar o Aleixo. E dormir com as bruxas, mais a alma do capitão infernal.

— Inda é o que nos vale, filosofou o impenitente Jonas. Que assim, ao menos, haverá o que contar amanhã.

II.

O temporal durou meia hora e ao cabo amainou, com os relampagos espacejados e os trovões a roncarem muito longe dali. Apesar de proxima a noite, inda tinhamos uma hora de luz para sondar o terreno.

— Ha-de morar aqui por perto algum urumbeva, disse eu. Não existe tapera sem lacraia. Vamos à cata desse abençoado urupê.

Encavalgamos de novo e saimos a rodear a fazenda.

— Acertaste, amigo! exclamou de repente Jonas, ao divisar uma casinhola erguida entre moitas, a duzentos passos de distancia. Bico-de-papagaio, pé de mamão, terreiro limpo: é o urumbeva sonhado!

Para lá nos dirigimos e já do terreiro gritamos o "O' de casa!" Uma porta abriu-se, enquadrando o vulto d'um negro velho, de cabelos ruços. Com que alegria o saudei...

— Pai Adão, viva!

— Vassuncristo! respondeu o preto.

Era dos legitimos...

— P'ra sempre! gritei eu. Estamos aqui trancados pela chuva e impedidos de prosseguir viagem. Tio Adão ha-de...

— Tio Bento, p'ra servir os brancos.

— Tio Bento ha-de arranjar-nos pouso por esta noite.

— E bóia, acrescentou Jonas, visto que temos a caixa das empadas a tinir.

O excelente negro sorriu-se, com a gengiva inteira à mostra e disse:

— Pois é apeá. Casa de pobre, mas de bom coração. Quanto a "de comer", comidinha de negro velho, já sabe...

Apeamos, alegremente.

— Angú? chasqueou o Jonas.

O negro riu-se:

— Já se foi o tempo do angú com "bacalhau"... (1)

— E não deixou saudades, hein, tio Bento?

— Saudades não deixou, não, eh! eh!...

1. Chicote de varios rabos com que se chibatavam os negros.

Digitized by Google

— Para vocês, pretos; porque entre os brancos muitos ha que choram aquele tempo de vacas gordas. Não fosse o Treze de Maio e não estava agora eu aqui a arrebentar as unhas neste raio de latego, que encruou com a chuva e não desata. Era servicinho do pagem...

Desarreamos as bestas e depois de solta-las penetramos na casinha, sobraçando os arreios. Vimos, então, que era pequena demais para nos abrigar aos tres.

— Amigo Bento, olha, não cabemos tanta gente aqui. O melhor é acomodar-se na casa grande, que isto cá não é casa de bicho-homem, é ninho de cuitelo...

— Os brancos querem dormir na casa mal-assombrada? exclamou admirado o preto. Não aconselho, não. Alguem já fez isso mas se arrependeu depois.

— Arrepender-nos-emos tambem depois, amanhã, mas já com a dormida no papo, disse Jonas.

E como o preto abrisse a boca:

— Você não sabe o que é coragem, tio Bento. Escoramos sete. E almas do outro mundo, então, uma duzia! Vamos lá. Está aberta a casa?

— A porta do meio emperrou mas á força de ombros deve abrir.

— Abandonada ha muito tempo?

— "Quizano!" Des'que morreu o ultimo filho do capitão Aleixo ficou assim, ninho de morcego e suindara.

— E por que a abandonaram?

— "Descabeçada" do moço. P'r'a mim, castigo de Deus. Os filhos pagam a ruindade dos pais, e o capitão Aleixo, Deus que me perdoi, foi mau, mau, mau inteirado. Tinha fama! Aqui em dez legoas de roda, quem queria ameaçar um negro reinador era só dizer: Espera, diabo, que te vendo p'r'o capitão Aleixo". O negro ficava que nem uma seda!... Mas o que ele fez, os filhos pagaram. Eram quatro: Sinhozinho, o mais velho, que morreu "masgaiado" num trem; Nha Zabelinha...

III.

Enquanto o preto falava, insensivelmente fomos caminhando para a casa maldita.

Era o casarão classico das antigas fazendas negreiras. Assobradado, erguido em alicerces e muramento de pedra até meia altura e d'aí por diante de pau a pique. Esteios de cabreuva, entremostrando-se picados a enxó nos trechos d'onde se esboroara o reboco. Janelas e portas em arco, de ban-

Digitized by Google

deiras em pandarecos. Pelos intersticios da pedra amoitavam-se as samambaias; e nas faces de sombra, avenquinhas raquiticas. Num cunhal crescia anosa figueira, enlaçando as pedras na terrivel cordoalha tentacular. À porta de entrada ia ter uma escadaria dupla, com alpendre em cima e parapeito esborcinado.

Pus-me a olhar para aquilo, invadido da saudade que sempre me causam ruinas, e parece que em Jonas a sensação era a mesma, pois que o vi muito serio, de olhar pregado na casa, como quem recorda. Perdera o bom humor, o espirito brincalhão de inda ha pouco. Emudecera.

— Está visto, murmurei depois d'alguns minutos. Vamos agora à boia, que não é sem tempo.

Voltamos.

O negro, que não parara de falar, dizia agora de sua vida ali.

— Morreu tudo, meu branco, e fiquei eu só. Tenho umas plantas na beira do rio, palmito no mato e uma paquinha lá de vez em quando na ponta do chuço. Como sou só...

— Só, só, só?

— "Suzinho, suzinho!" A Merencia morreu, faz tres anos. Os filhos, não sei deles. Criança é como ave: cria pena, avôa. O mundo é grande — andam pelo mundo avoando...

— Pois, amigo Bento, saiba que você é um heroi e um grande filosofo por cima, digno de ser memorado em prosa ou verso pelos homens que escrevem nos jornais. Mas filosofo de peor especie está me parecendo aquele sujeito... conclui, referindo-me ao Jonas, que se atrasara e parara de novo em contemplação da casa.

Gritei-lhe:

— Mexe-te, ó poeta que ladras às lagartixas! Olha que saco vazio não se põe de pé, e temos dez legoas a engulir amanhã.

Respondeu-me com um gesto vago e ficou-se no lugar, imovel.

Larguei mão do cismabundo e entrei na casinhola do preto, que, acendendo luz — um candieiro de azeite — foi ao borralho buscar raizes de mandioca assada. Po-las sobre um mocho, quentinhas, dizendo:

— E' o que ha. Isto e um restico de paca moqueada.

— E achas pouco, Bento? disse eu, metendo os dentes na raiz deliciosa. Não sabes que se não fosse tua providencial

Digitized by Google

presença teriamos de manducar viradinho de brisas com torresmos de zefiros até alcançarmos a venda do Alonso, amanhã? Deus que te abençoi e te dê no ceu um mandiocal imenso, plantado pelos anjos.

IV.

Caira de todo a noite. Que céu! Alternavam estrelas vivissimas com rebojos negros de nuvens acasteladas. Na terra, escuridão de breu, rasgada de piques de luz pelas estrelinhas avoantes. Uma coruja berrava longe, num esgalho morto de perobeira.

Que solidão, que espessura de trevas é a de uma noite assim, no deserto! Nesses momentos é que um homem bem compreende a origem tenebrosa do Medo...

V.

Acabada a magra refeição, observei ao preto:

— Agora, amigo, é agarrarmos estas mantas e pelegos, mais a luz, e irmo-nos à casa grande. Dormes lá conosco, à guiza de para-raios de almas. Topas?

Contente de ser-nos util, tio Bento sobraçou a quitanda e deu-me a levar o candieiro. E lá fomos pelo escuro da noite, a chapinhar nas poças e na grama empapada.

Encontrei Jonas no mesmo lugar, absorto em frente à casa.

— Estás louco, rapaz? Não comeres, tu que estalavas de fome, e ficares aí como pereréca diante da cascavel?

Jonas olhou-me dum modo estranho e como unica resposta esganiçou um "deixa-me". Fiquei a encara-lo por uns instantes, devéras desnorteado por tão inexplicavel atitude. E foi assim, de rugas na testa, que galguei a escadaria musgosa do casarão.

Estava perra de fato a porta, como dissera o negro, mas com valentes ombradas abria-a no preciso para dar passagem a um homem. Mal entramos, morcegos às dezenas, assustados com a luz, debandaram às tontas, em voejos surdos.

— Macacos me lambam se isto aqui não é o quartel general de todos os ratos de asas deste e dos mundos vizinhos!

— E das suindaras, patrãozinho. Mora aqui um bandão delas que até dá medo, acrescentou o preto, ao ouvir-lhes os pios no fôrro.

Digitized by Google

A sala de espera toava com o restante da fazenda. Paredes lagarteadas de rachas, escorridas de goteiras, com vagos vestigios do papel. Moveis desaparelhados — duas cadeiras Luiz XV, de palhinha rôta, e mesa de centro do mesmo estilo, com o marmore sujo pelo guano dos morcegos. No této, tabuas despregadas, entremostrando rombos escuros.

Lugubre...

— Tio Bento, disse eu, procurando iludir com palavras a tristeza do coração, isto aqui cheira-me à sala nobre do sabá das bruxas. Que não venham hoje atropelar-nos, nem apareça a alma do capitão-mor a nos infernizar o sono. Não é verdade que a alma do capitão-mor vagueia por aqui a deshoras?

— Dizem, respondeu o preto. Dizem que aparece ali na casa do tronco, não às dez, mas à meia-noite, e que sangra as unhas a arranhar as paredes...

— E depois vem cá arrastar correntes pelos corredores, hein? Como é pobre a imaginativa popular! Sempre e em toda a parte a mesma aria das correntes arrastadas! Mas vamos ao que serve. Não haverá um quarto melhor do que isto, nesta hospedaria de mestre tinhoso?

— Haver, ha — trocadilhou sem querer o preto, mas é o quarto do capitão-mor. Tem coragem?

— Ainda não estás convencido, Bento, de que sou um poço de coragem?

— Poço tem fundo, retrucou ele, sorrindo filosoficamente. O quarto é aqui, à direita.

Dirigi-me para lá. Entrei. Quarto amplo e em melhor estado que a sala de espera. Guarneciam-no duas velhas marquesas de palhinha bolorenta, alem de varias cadeiras rôtas. Na parede, um retrato na moldura classica da epoca, dourada, de cantos redondos, com florões. Limpei com o lenço a poeira acumulada no vidro e vi que era um daguerreotipo esmaiado, representando imagem de mulher.

Bento percebeu a minha curiosidade e explicou:

— E' o retrato da filha mais velha do capitão Aleixo, nha Zabé, uma moça tão desgraçada...

Contemplei longamente aquela antigualha veneravel, vestida à moda da epoca.

— Tempo das anquinhas, hein, Bento? Lembras-te das anquinhas?

— Se me lembro! A sinhá velha, quando vinha da cidade, era assim que ela andava, que nem uma perúa choca...

Digitized by Google

Recoloquei na parede o daguerreotipo e pus-me a arranjar as marquesas, arrumando numa e noutra pelegos, à guiza de travesseiros. Em seguida fui ao alpendre, de luz na mão, a ver se amadrinhava o meu relapso companheiro. Era demais aquela maluquice! Não jantar e agora ficar-se ali ao relento.

VI.

Perdi meu requebrado. Chamei-o, mas nem com o "deixa-me" respondeu desta vez. Tal atitude pôs-me seriamente apreensivo.

— Se lhe desarranja a cabeça, aqui nestas alturas...

Torturado por esta ideia, não pude sossegar. Confabulei com o Bento e resolvemos sair em procura do transviado.

Fomos felizes. Encontramo-lo no terreiro, em face da antiga casa do tronco. Estava imovel e mudo.

Ergui-lhe a luz à altura do rosto. Que estranha expressão a sua! Não parecia o mesmo — não *era* o mesmo. Deu-me a impressão de retesado no ultimo arranco duma luta suprema, com todas as energias crispadas numa resistencia feroz. Sacudi-o com violencia.

— Jonas! Jonas!

Inutil. Era um corpo largado da alma. Era um homem "vazio de si proprio!" Assombrado com o fenomeno, concentrei todas as minhas forças e, ajudado pelo Bento, trouxe-o para casa.

Ao penetrar na sala de espera, Jonas estremeceu; parou, arregalou os olhos para a porta do quarto. Seus labios tremiam. Percebi que articulavam palavras incompreensiveis. Precipitou-se, depois, para o quarto e, dando com o daguerreotipo de Izabel, agarrou-o com frenesi, beijou-o, rompido em chôro convulsivo. Em seguida, como exhausto duma grande luta, caiu sobre a marquesa, prostrado, sem articular nenhum som.

Inutilmente interpelei-o, procurando a chave do enigma. Jonas permanecia vazio... Tomei-lhe o pulso: normal. A temperatura: boa. Mas largado, como um corpo morto.

Fiquei ao pé dele uma hora, com mil ideias a me azoinarem a cabeça. Por fim, vendo-o calmo, fui ter com o preto.

— Conta-me o que sabes desta fazenda, pedi-lhe. Talvez que...

Meu pensamento era deduzir das palavras do negro algo explicativo da misteriosa crise.

Digitized by Google

VII.

Nesse entremeio zangara de novo o tempo. As nuvens recobriam inteiramente o ceu, transformado num saco de carvão. Os relampagos voltaram a fulgurar, longinquos, acompanhados de rebôos surdos. E para que ao horror do quadro nenhum tom faltasse, a ventania cresceu, uivando lamentosa nas casuarinas.

Fechei a janela.

Mesmo assim, pelas frinchas, o assobio lugubre entrava a me ferir os ouvidos...

Bento falou em voz baixa, receoso de despertar o doente. Contou como viera ter ali, comprado pelo proprio capitão Aleixo, na feira de escravos do Valongo, molecote ainda. Disse da formação da fazenda e do carater cruel do senhor.

— Era mau, meu branco, como deve ser mau o canhoto. Judiava da gente atôa, pelo gosto de judiar. No começo não era assim, mas foi peorando com o tempo.

No caso da Liduina... A Liduina era uma bonita crioula aqui da fazenda. Muito viva, desde bem criança passou da senzala p'r'a casa grande, como mucama de Sinhazinha Zabé...

Isso foi... deve fazer sessenta anos, antes da guerra do Paraguai. Eu era molecote novo e trabalhava aqui dentro, no terreiro. Via tudo. A mucama, uma vez que Sinhazinha Zabé veio da Côrte passar as ferias na roça, protegeu o namoro dela com um portuguesinho, e foi então...

Na marquesa, onde dormia, Jonas estremeceu. Olhei. Estava sentado e em convulsões. Os olhos exorbitantes fixavam-se nalguma coisa invisivel para mim. Suas mãos crispadas mordiam a palhinha rota.

Agarrei-o, sacudi-o.

— Jonas, Jonas, que é isso?

Olhou-me sem ver, com a retina morta, num ar de desvario.

— Jonas, fala!

Tentou murmurar uma palavra. Seus labios tremeram na tentativa de articular um nome. Por fim enunciou-o, arquejante:

— "Izabel"...

Mas aquela voz já não era mais a voz de Jonas. Era

Digitized by Google

uma voz desconhecida. Tive a sensação plena de que um "eu" alheio lhe tomara de assalto o corpo vazio. E falava por sua boca, e pensava com seu cerebro. Não era Jonas, positivamente, quem estava ali. Era um "outro"!...

Tio Bento, ao pé de mim, olhava assombrado para aquilo, sem compreender coisa nenhuma; e eu, num horroroso estado de superexcitação, sentia-me à beira do medo panico. Não fossem os trovões ecoantes e o ululo da ventania nas casuarinas denunciarem-me lá fóra um horror talvez maior, e é possivel que não resistisse ao lance e fugisse da casa maldita como um criminoso. Mas ali ao menos havia luz, aquele humilde candieiro de azeite, no momento mais precioso do que todos os bens da terra.

Estava escrito, entretanto, que ao horror dessa noite de trovoada e misterio não faltaria uma nota sequer. Assim foi que, altas horas, a luz principiou a esmorecer. Estremeci, e fiquei de cabelos eriçados quando a voz do negro murmurou a unica frase que eu não queria ouvir:

— O azeite está no fim...

— E ha mais, lá em tua casa?

— Era o restinho...

Estarreci...

Os trovões ecoavam longe, e o uivar do vento nas casuarinas era o mesmo de sempre. Parecia empenhada a natureza em pôr em prova a resistencia dos meus nervos. Subito, um estalido no candieiro. A luz bruxoleou um clarão final e extinguiu-se.

Trevas. Trevas absolutas...

Corri à janela. Abria-a.

As mesmas trevas lá fóra...

Senti-me sem olhos.

Procurei a cama às apalpadelas e caí de bruços na palhinha bolorenta.

. . . . . .

VIII.

Pela madrugada começou Jonas a falar sózinho, como quem se recorda. Mas não era o meu Jonas quem falava — era o "outro".

Que cena!...

Tenho até agora gravadas a buril no cerebro todas as palavras dessa misteriosa confidencia, proferida pelo incubo

Digitized by Google

no silencio das trevas profundas. Mil annos que viva e nunca se me apagará na memoria o ressoar macabro daquella voz de misterio. Não reproduzo suas palavras da maneira por que as enunciou. Seria impossivel, sobre nocivo á compreensão de quem lê. O "outro" falava ao jeito de quem pensa em voz alta, como a recordar. Linguagem taquigrafica, ponho-a aqui traduzida em lingua corrente.

IX.

"Meu nome era Fernão. Filho de pais incognitos, quando me conheci por gente já rolava no mar da vida, como rolha sobre a onda. Ao léo, solto nos vai-e-vens da miseria, sem carinhos de familia, sem amigos, sem ponto de apoio no mundo.

Era no Reino, na Povoa do Varzim; e do Brasil, a boa colonia preluzida em todas as imaginações como o Eldorado, ouvia os marinheiros de torna-viagem contarem maravilhas.

Fascinado, deliberei emigrar.

Parti um dia para Lisboa, a pé, como vagabundinho de estrada. Caminhada inesquecivel, faminta, mas rica dos melhores sonhos da minha existencia. Via-me na terra nova, feito mascate de bugigangas. Depois, vendeiro; depois, comerciante com casa forte no Rio. Depois, já casado com linda cachopa, via-me de novo na Povoa, rico, morando em quinta, senhor de vinhedo e terras de semeadura.

Assim embalado em sonhos aureos, alcancei o porto de Lisboa, onde passei o primeiro dia no cais, namorando os navios surtos no Tejo. Um havia em aprestos para largar de rumo á colonia, a caravela "Santa Tereza". Acamaradando-me com velhos marujos de gandaia por ali, consegui nela, por intermedio deles, o engajamento necessario.

— Lá, foges, aconselhou-me um, e afundas para o sertão. E mercadejas, e enriqueces, e voltas cá excelentissimo. E' o que faria eu se tivesse os verdes anos que tens.

Assim fiz e, grumete do "Santa Tereza", boiei no oceano, rumo às terras de ultramar.

Aportamos em Africa para recolher pretos d'Angola, metidos nos porões como fardos de couro suado com carne viva por dentro. Pobres pretos! Desembarcado no Rio, tive ocasião de avista-los ainda no Valongo, semi-núS, expostos á venda como rezes. Os pretendentes chegavam, examinavam-n'os, fechavam negocio.

Digitized by Google

Foi assim, nessa tarefa, que conheci o capitão Aleixo. Era um homem alentado, de feições duras, olhar de gelo. Trazia botas, chapeu largo e rebenque na mão. Atrás dele, como sombra, um capataz mal encarado.

O capitão notou o meu tipo, fez perguntas e, ao cabo, propôs-me serviço em sua fazenda. Aceitei e fiz a pé, em companhia do lote de negros adquiridos, essa viagem pelo interior de um país onde tudo me era novidade.

Chegamos.

Sua fazenda, formada de pouco tempo, ia então no apogeu, riquissima de canaviais, gado e café em inicios. Deram-me servicinhos leves, compativeis com a idade e a minha nenhuma experiencia da terra. E, sempre subindo de posto, ali continuei até ver-me homem.

A familia do capitão morava na Côrte. Os filhos vinham todos os anos passar temporadas na roça, enchendo a fazenda de travessuras loucas. Já as meninas, então no colegio, lá se deixavam ficar mesmo nas ferias. Só vieram uma vez, com a mãe, dona Teodora — e foi isso a minha desgraça...

Eram duas, Inês, a caçula, e Izabel, a mais velha, lindas meninas de luxo, radiosas de mocidade. Eu as via de longe, como nobres figuras de romance, inacessiveis e lembro-me do efeito que naquele sertão bruto, asselvajado pela escravaria retinta, fazia a presença das meninas ricas, sempre vestidas à moda da Côrte. Eram princesinhas de conto de fadas que só provocavam uma atitude: adoração.

Um dia...

Aquela cachoeira — lá lhe ouço o remoto rumorejo — era a piscina da fazenda. Escondida numa grota, como joia de cristal vivo a defluir com permanente escachôo num engaste rustico de taquaris, caetês e ingazeiros, formava um recesso grato ao pudor dos banhistas.

Um dia...

Lembro-me bem — era domingo e eu, de vadiagem, saira cedo a passarinhar. Seguia pela margem do ribeirão, tocaiando os passaros ribeirinhos.

Um picapau de cabeça vermelha zombou de mim. Errei a bodocada e, metido em brios, afreimei-me em persegui-lo. E salta d'aqui, salta dali, quando dei acordo estava embrenhado na grota da cachoeira, onde, num galho de ingá, pude visar melhor a minha presa e espelotea-la.

Caíu a avezinha longe do meu alcance; barafustei pela trama dos taquaris para colhe-la. Nisto, por uma aberta na

Digitized by Google

verdura, avistei em baixo a bacia de pedra onde a agua chofrava. Mas estarreci. Duas ninfas nuas brincavam na espuma. Reconheci-as. Eram Izabel e sua mucama dileta, da mesma idade, a Liduina.

O improviso da visão ofuscou-me os olhos. Quem ha insensivel à beleza da mulher em flor e, a mais, vista assim em nudez num quadro agreste daqueles?

Izabel deslumbrou-me.

Corpo escultural, nesse periodo entontecedor em que florescem todas as promessas da puberdade, diante dele senti a explosão subitanea dos instintos. Ferveu-me nas veias o sangue. Fiz-me cachoeira de apetites. Vinte anos! O momento das erupções incoerciveis...

Imovel como estatua, ali me quedei em extase o tempo que durou o banho. E estou ainda com o quadro na imaginação. A graça com que ela, de cabeça erguida, boca entreaberta, apresentava os pequeninos seios ao jacto das aguas... Os sustos e gritinhos nervosos quando gravetos derivantes lhes esfrolavam a epiderme... Os mergulhos de sereia na bacia de pedra e o emergir do corpo aljofrado de espuma...

Durou minutos o banho fatal. Depois vestiram-se numa lage a seco e lá se foram, contentes, como borboletinhas ao sol.

Fiquei-me por ali, extatico, rememorando a cena mais linda que meus olhos viram.

Impressão de sonho...

Aguas de cristal rumorejante; frondes orvalhadas, pendidas para a linfa como a lhe escutar o murmurio; um raio de sol matutino, coado pelas franças, a pintalgar de ouro tremeluzente a nudez menineira das naiades.

Quem poderá esquecer um quadro assim?

. . . . . .

X.

Essa impressão matou-me. Matou-nos.

. . . . . .

XI.

Saí dali transformado.

Digitized by Google

Não era mais o humilde serviçal da fazenda, contente de sua sorte. Era um homem branco e livre que desejava uma mulher formosa.

Daquele momento em diante minha vida iria girar em torno dessa aspiração. Nascera em mim o amor, vigoroso e forte como as hervas loucas da tiguera. Dia e noite só um pensamento ocuparia meu cerebro: Izabel. Um só desejo: vê-la. Um só objetivo à minha frente: possuí-la.

Todavia, apesar de branco e livre, que abismo me separava da filha do fazendeiro! Eu era pobre. Era um subalterno. Era nada.

Mas o coração não raciocina, nem o amor olha para conveniencias sociais. E assim, desprezando obstaculos, cresceu o amor no meu peito como crescem rios em tempo de cheia.

Aproximei-me da mucama e, depois de lhe cair em graça e lhe conquistar a confiança, contei-lhe um dia a minha tortura.

— Liduina, tenho um segredo n'alma que me mata, mas tu poderás salvar-me. Só tu. Preciso do teu socorro... Juras auxiliar-me?

Ela espantou-se da confidencia, mas, insistida, rogada, implorada, prometeu tudo quanto pedi.

Pobre criatura! Tinha alma irmã da minha e foi ao compreender su'alma que pela primeira vez alcancei todo o horror da escravidão...

Abri-lhe o meu peito e revelei-lhe em frases candentes a paixão que me consumia.

Liduina a principio assustou-se. Era grave o caso. Mas quem resiste à dialetica dos apaixonados? E Liduina, vencida afinal, prometeu auxiliar-me.

XII.

A mucama agiu por partes, fazendo desabrochar o amor no coração da senhora sem que esta o percebesse. A principio, uma vaga e discreta referencia à minha pessoa.

— Sinhazinha conhece o Fernão?

— Fernão?!... Quem é?

— Um moço que veio do reino e toma conta do engenho...

— Se já o vi, não me lembro.

— Pois repare nele. Tem uns olhos...

— E' teu namorado?

— Quem me dera!...

Digitized by Google

Foi essa a abertura do jogo. E assim, aos poucos, em dosagem habil, hoje uma palavra, amanhã outra, no espirito de Izabel nasceu a curiosidade — passo numero um do amor.

Certo dia Izabel quis ver-me.

— Falas tanto nesse Fernão, nos olhos desse Fernão, que estou curiosa de vê-lo.

E viu-me.

Eu estava no engenho, dirigindo a moagem da cana, quando as duas apareceram, de copo na mão. Vinham com o pretexto da garapa.

Liduina achegou-se a mim e,

— Sêo Fernão, uma garapinha de espuma para Sinhá Izabel.

A menina olhou-me de frente, mas não lhe pude sustentar-lhe o olhar. Baixei os meu olhos, conturbado. Eu tremia, balbuciava apenas, nessa ebriez do primeiro encontro.

Dei ordens aos pretos e logo jorrou da bica um jacto fofo de garapa espumejante. Tomei o copo da mão da mucama, enchi-o e ofereci-o à naiade. Ela o recebeu com simpatia, bebeu aos golinhos e pagou-me o serviço com um gentil "obrigada", olhando-me de novo nos olhos.

Pela segunda vez baixei os meus.

Sairam.

Mais tarde Liduina contou-me o resto — um pequenino dialogo.

— Tinhas razão, dissera-lhe Izabel, é um bonito rapaz. Mas não lhe vi bem os olhos. Que acanhamento! Parece que tem medo de mim... Duas vezes que o olhei de frente, duas vezes que os baixou.

— Vergonha, disse Liduina. Vergonha ou...

— ... ou quê?

— Não digo...

A mucama, com o seu fino instinto de mulher, compreendeu que não era ainda tempo de pronunciar a palavra amor. Pronunciou-a dias mais tarde, quando percebeu a menina suficientemente madura para ouví-la sem escandalo.

Passeavam pelo pomar da fazenda, então no auge da florescencia.

O ar embriagava, tanto era o perfume nele solto.

Abelhas aos milhares, e colibris, zumbiam e esfusiavam num delirio orgiaco.

Era a festa anual do mel.

Digitized by Google

Percebendo em Izabel o trabalho dos amavios ambientes, Liduina aproveitou o ensejo para um passo a mais.

— Quando eu vinha vindo vi sêo Fernão sentado na pedra do muro. Uma tristeza...

— Que será que ele tem? Saudades da terra?

— Quem sabe?! Saudades ou...

— ... ou quê?

— ... ou amor.

— Amor! amor! disse Izabel sorvendo com volupia o ar embalsamado. Que linda palavra, Liduina! Eu, quando vejo um laranjal assim florido, a palavra que me vem à ideia é essa: amor! Mas amará ele a alguem?

— Pois de certo. Quem não ama neste mundo? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...

— Mas a quem amará ele? A alguma preta do eito, com certeza... e Izabel riu-se desabaladamente.

— Aquele? fez Liduina num muxoxo. Não é desses, não, Sinhazinha. Moço pobre, mas de condição. Para mim, até penso que ele é filho d'algum fidalgo do reino. Anda por aqui escondido...

Izabel quedou-se pensativa.

— Mas a quem amará, então, aquí, neste deserto de brancas?

— Pois às brancas...

— Que brancas?

— Dona Inesinha... Dona Izabelinha...

A mulher desapareceu por um momento para ceder o lugar à filha do fazendeiro.

— Eu? Engraçadinha! Era só o que faltava...

Liduina calou-se. Deixou que a semente lançada corresse o prazo da germinação. E, vendo um casal de borboletas a perseguirem-se com estalidos de asas, mudou o rumo à conversa.

— Sinhazinha já reparou nestas borboletas de perto? Têm dois numeros debaixo das asas — oito, oito. Quer ver?

Correu atrás delas.

— Não pégas! gritou Izabel, divertida.

— Mas pégo esta aqui, retrucou Liduina apanhando outra, lerdota, e trazendo-a a espernejar entre os dedos.

— E' ver uma casca de arvore com musgo. Espertalhona! Assim se difarça, que ninguem a percebe quando está sentadinha. E' como o periquito, que está gritando numa arvore, em cima da cabeça da gente, e a gente nada vê. Por

Digitized by Google

falar em periquito, por que Sinhazinha não arranja um casal?

Izabel tinha o pensamento longe dali. A mucama bem o sentia, mas muito de industria continuava na tagarelice.

— Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro se mata. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pocinha d'agua no dia em que a periquita morreu. Só entre os passaros ha coisas dessas...

Izabel continuava absorta. Mas em dado momento quebrou o mutismo.

— Por que te lembraste de mim, nesse negocio do Fernão?

— Por que? repetiu Liduina cavorteiramente. Porque é tão natural isso...

— Alguem te disse alguma coisa?

— Ninguem. Mas se ele ama de amor, aqui neste sertão, e ficou assim agora, depois que Sinhazinha chegou, a quem ha-de amar?... Ponha o caso em si. Se Sinhazinha fosse ele, e ele fosse Sinhazinha...

Calaram-se ambas e o passeio terminou no silencio de quem dialoga consigo mesmo.

XIII.

Izabel dormiu tarde essa noite. A' ideia de que sua imagem enchia o coração de um homem esvoaçava-lhe na imaginação como as abelhas no laranjal.

— "Mas é um subalterno! alegava o Orgulho.

— "Qu'importa, se é um moço rico de bons sentimentos? retorquia a Natureza.

— "E bem pode ser que fidalgo!... acrescentava, insinuante, a Fantasia.

A Imaginação tambem veio à tribuna.

— "E póde vir a ser um poderoso fazendeiro. Quem era o capitão Aleixo na idade dele? Um simples arreador...

Já era o Amor quem assoprava tais argumentos.

Izabel ergueu-se da cama e foi à janela. A lua em mingoante quebrava de tons cinerios o escuro da noite. Os sapos no brejal coaxavam melancolicos. Vagalumes tontos riscavam fosforos no ar.

Era aqui... Era aqui neste quarto, era aqui nesta janela!...

Digitized by Google

Eu a espiava de longe, nesse estado de extase que o amor provoca na presença do objeto amado. Longo tempo a vi assim, imersa em cisma. Depois fechou-se a persiana, e o mundo para mim se encheu de trevas.

XIV

No outro dia, antes que Liduina abordasse o tema dileto, disse-lhe Izabel:

— Mas, Liduina, que é amor?

— Amor? respondeu a arguta mucama em quem o instinto substituia a cultura. Amor é uma coisa...

— ... que...

— ... que vem vindo, vem vindo...

— ... e chega!

— e chega e toma conta da gente. Tio Adão diz que o amor é doença. Que a gente tem sarampo, catapora, tosse comprida, cachumba e amor — cada doença no seu tempo.

— Pois eu tive tudo isso, replicou Izabel, e não tive amor...

— Sossegue que não escapa. Teve as peores e não ha-de ter a melhor? Espere que um dia ele vem...

Silenciaram.

Subito, agarrando o braço da mucama, Izabel encarou-a a fito nos olhos.

— És minha amiga do coração, Liduina?

— Um raio me parte neste momento se...

— És capaz dum segredo, mas dum segredo eterno, eterno, eterno?

— Um raio me parte se...

— Cala a boca.

Izabel vacilava.

Depois, nessa ansia de confidencia que nasce ao primeiro luar do amor, disse, corando:

— Liduina, parece-me que estou ficando doente... da doença que faltava.

— Pois é tempo, exclamou a finoria arregalando os olhos. Dezessete anos...

— Dezesseis.

E Liduina, cavilosa:

— Algum fidalguinho da Côrte?

Izabel vacilou de novo; por fim disse:

Digitized by Google

— Eu tenho um namorado no Rio — mas é namoro só. Amor, amor, desse que bole cá dentro com o coração, desse que vem vindo, vem vindo e chega, não! Não, lá...

E em cochicho ao ouvido da mucama, corando:

— Aqui!...

— Quem? perguntou Liduina, simulando espanto.

Izabel não respondeu com palavras. Ergueu-se e:

— Mas é um comecinho só. Vem vindo...

XV.

O amor veio vindo e chegou. Chegou e destruiu todas as barreiras. Destruiu nossas vidas e acabou destruindo a fazenda. Estas ruinas, estas corujas, este morcegal, tudo não passa da florescencia de um grande amor...

Por que ha-de ser a vida assim? Por que hão de os homens, à força d'orgulho, impedir que o botão da maravilhosa planta passe a flôr? E por que hão de transformar o que é ceu em inferno, o que é perfume em dôr, o que é luz em negrume, o que é beleza em caveira?

Izabel, mimo de fragilidade feminil avivada de graça brasilia, tinha o quê perturbador das orquideas. Sua beleza não era ao molde da beleza rechonchuda e corada, forte e sadia, das cachopas da minha terra. Por isso mesmo, mais fortemente me seduzia a palida princesinha tropical.

Ao inverso, o que em mim a seduzia era a força varonil e transbordante e a nobre rudeza dos meus instintos, que iam até à audacia de pôr os olhos na altura em que ela pairava.

XVI.

O primeiro encontro foi... casual. Meu acaso chamava-se Liduina. Seu genio instintivo fê-la a boa fada de nossos amores.

Foi assim.

Estavam as duas no pomar, diante duma pitangueira enrubescida de frutos.

— Lindas pitangas! disse Izabel. Sobe, Liduina e apanha um punhado.

Aproximou-se Liduina da pitangueira e fez vãs tentativas para trepar.

— Impossivel, Sinhazinha, só chamando alguem. Quer?

— Pois vai chamar alguem.

Digitized by Google

Liduina partiu correndo e Izabel teve a previsão nitida de quem viria. De fato, momentos depois apareci eu.

— Senhor Fernão, desculpe-me, disse a moça. Pedi àquela maluca que chamasse algum preto para colher pitangas — e foi ela incomodá-lo.

Perturbado pela sua presença e com o coração aos pulos, gaguejei, para dizer algo:

— São pitangas que quer?

— Sim. Mas falta uma cestinha que Liduina foi buscar.

Pausa.

Izabel, tão senhora de si, percebi-a nesse momento embaraçada como eu. Não tinha o que dizer. Silenciava. Por fim:

— Moi cana hoje? perguntou-me.

Gaguejei que sim e novo silencio se fez. Para quebra-lo, Izabel gritou em direção da casa:

— Anda depressa, rapariga! Que lesmice...

E depois, para mim:

— Não tem saudades de sua terra?

Despregou-se-me a lingua. Perdi o embaraço. Respondi que tive, mas não as tinha mais.

— Os primeiros anos passei-os a suspirar à noite, saudoso de tudo de lá. Só quem emigrou sabe a dôr do fruto arrancado à arvore. Conformei-me, afinal. E hoje... o mundo inteiro para mim está aqui nestas montanhas.

Izabel compreendeu-me a intenção e quis perguntar-me por que. Mas não teve animo. Saltou para outro assunto.

— Por que motivo só as pitangas desta arvore prestam? As outras são tão azedas...

— Vai ver, disse eu, que esta arvore é feliz e as outras não. O que azeda os homens e as coisas é a desgraça. Fui doce como a lima, logo que vim para cá. Hoje sou amargo...

— Julga-se infeliz?

— Mais do que nunca.

Izabel arriscou-se:

— Por que?

Respondi intrepidamente:

— Dona Izabel, que é menina rica, não imagina a posição desgraçada de quem é pobre. O pobre forma neste mundo uma casta maldita, sem direito a coisa nenhuma. O pobre não pode nada...

— Pode, sim. Pode uma coisa...

— ?

Digitized by Google

— Deixar de ser pobre.

— Não falo da riqueza do dinheiro. Essa é facil de alcançar, depende apenas de esforço e habilidade. Falo de coisas mais preciosas que o ouro. Um pobre, tenha o coração que tiver, seja a mais nobre das almas, não tem o direito de erguer os olhos para certas *alturas*...

— Mas se a *altura* quiser descer até ele? retrucou audaciosa e vivamente a menina.

— Esse caso acontece às vezes nos romances. Na vida, nunca...

Calamo-nos de novo. Neste entremeio Liduina reapareceu, esbaforida, com a cestinha na mão.

— Custou-me a achar, disse a velhaca, justificando a demora. Estava caida atrás do toucador.

O olhar que lhe lançou Izabel dizia: "Mentirosa!"

Tomei a cesta e preparei-me para trepar à arvore.

Izabel, porém, interveio:

— Não! Não quero mais pitangas. Vão tirar-me o apetite para a garapa do meio-dia. Ficam para outra vez.

E para mim, amavel:

— Queira desculpar-me...

Saudei-a, ebrio de felicidade, e lá me fui de aleluias n'alma, com o mundo a dansar em torno de mim.

Izabel seguiu-me com o olhar, pensativamente.

— Tinhas razão, Liduina, é um rapagão que vale todos os pelintras da Côrte. Mas, coitado!... Queixa-se tanto do seu destino...

— Bobagens, muxoxou a mucama, trepando à pintangueira com agilidade de macaco.

Vendo aquilo, Izabel sorriu e murmurou, entre repreensiva e maliciosa:

— Você, Liduina...

A rapariga, que tinha entre os dentes alvissimos o vermelho duma pitanga, esganiçou uma risada velhaca.

— Pois Sinházinha não sabe que sou mais sua amiga do que sua escrava?

XVII

O amor é o mesmo em toda parte e em todos os tempos. Aquele enleio do primeiro encontro é o eterno enleio dos primeiros encontros. Aquele dialogo à sombra da pitangueira é o eterno dialogo da abertura. Assim, nosso amor, tão novo para nós, reproduzia um jogo velho qual o mundo.

Digitized by Google

Nascera em Izabel e em mim um sexto sentido maravilhoso. Compreendiamo-nos, adivinhavamo-nos e descobriamos meios de inventar os mais imprevistos encontros — encontros deliciosos, onde um olhar bastava para a permuta de mundos de confidencias...

Izabel amou-me.

Que periodo de vida, esse!

Eu sentia-me alto como as montanhas, forte como o oceano e todo a coruscar de estrelas por dentro.

Era rei.

A terra, a natureza, os ceus, a lua, a luz, a côr, tudo existia para ambiente do meu amor. Não era mais vida aquele meu viver, sim um extase continuo.

Alheado de tudo, uma só coisa eu via, duma só coisa me alimentava.

Riquezas, poderio, honras — que vale tudo isso ante a sensação divina de amar e ser amado?

Nessa ebriedade vivi — quanto tempo não sei. O tempo não contava para o meu amor. Vivia — tinha a impressão de que só nessa epoca entrara a viver. Antes, a vida não me fôra mais que simples agitação animalesca.

Poetas! Como vos compreendi a voz interior, ressoada em rimas, como me irmanei convosco no esvoaçar pelos intermundios do sonho!...

Liduina comportava-se como a fada boa dos nossos destinos. Sempre vigilante, a ela deviamos, inteirinho, o mar de felicidade em que boiavamos. Lepida, mimosa, travessa, a gentil creoula enfeixava em si toda a artimanha da raça perseguida — e todo o genio do sexo escravizado à prepotencia do homem.

Entanto, o bem que nos fizeste como se avinagrou para ti, Liduina!... Em que fel horroroso se transfez para ti, afinal...

Eu sabia que o mundo é governado pelo monstro Estupidez. E que Sua Majestade não perdôa o crime de Amor. Mas nunca supus que esse monstro fosse a féra delirante que é — tão sanguissedenta, tão requintada em ferocia. Nem que houvesse rainha mais bem servida que essa.

Que comitiva numerosa traz!

Que servos diligentes possue!

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juizes, as morais, tudo que é força social organizada presta mão forte à Estupidez Onipotente.

Digitized by Google

E assanha-se em punir, em torturar o ingênuo que, conduzido pela natureza, arrosta com os mandamentos da megéra.

Ai dele, se comete um crime de lesa-Estupidez! Mãos de ferro constringem-lhe a garganta. Seu corpo rola por terra, espezinhado; seu nome perpetua-se com péchas infames.

Nosso crime — que lindo crime: amar! — foi descoberto. E a monstruosa engrenagem de aço triturou-nos, ossos e alma, aos tres...

XVIII

Uma noite...

A lua, bem no alto, empalidecia as estrelas e eu, triste, velava, rememorando o ultimo encontro com Izabel. Fôra à tardinha, numa volta do ribeirão, à sombra dum tufo de marianeiras cacheadas de frutos. Mãos unidas, cabeça contra cabeça, num enlevo de comunhão d'alma, assistiamos ao alvoroto da peixaria assanhada na disputa das frutinhas amarelas que, a espaços, pipocavam na agua remansosa do rio. Izabel, absorta, olhava aquelas ariscas linguinhas de prata, apinhadas em torno das iscas.

— Sinto-me triste, Fernão. Tenho medo da nossa felicidade. Qualquer coisa me diz que isso vai ter fim — e fim tragico...

Minha resposta foi aconchega-la inda mais ao meu peito.

Um bando de saíras e sanhaços, de pouso nas marianeiras, entraram a debicar energicamente os cachos da frutinha silvestre. E o espelho das aguas piriricou ao chuveiro das migalhas caidas. Coalhou-se o rio de lambaris famintos, engalfinhados num delirio de regabofe, com saltos de prata faiscantes no ar.

Izabel, sempre absorta, dizia:

— Como são felizes!... E são felizes porque são livres. Nós — pobres de nós!... Nós somos inda mais escravos do que os escravos do eito...

Duas "viuvinhas" pousaram numa haste de perí emersa da margem fronteira. A vara vergou-se-lhes ao peso, oscilou uns instantes e estabilizou-se de novo. E o lindo casal permaneceu imovel, juntinho, comentando talvez, como nós, a festa glutona dos peixes.

Izabel murmurou num sorriso de infinita melancolia:

— Que cabecinha sossegada eles têm...

Eu rememorava frase por frase esse ultimo encontro com a minha amada, quando, dentro da noite, ouvi bulha à porta..

Digitized by Google

Alguem corria o ferrolho e entrava.

Sentei-me na cama, de sobressalto.

Era Liduina. Tinha os olhos esgazeados de pavor e foi em voz arquejante que atropelou as derradeiras palavras que lhe ouvi na vida.

— Fuja! O capitão Aleixo sabe tudo. Fuja, que estamos perdidos...

Disse, e esgueirou-se para o terreiro como sombra.

XIX

O choque foi tamanho que me senti vazio de cerebro. Parei de pensar...

O capitão Aleixo...

Lembro-me bem dele. Era o plenipotenciario de Sua Majestade a Estupidez nestas paragens. Frio e duro, não reconhecia sensibilidade em carne alheia. Recomendava sempre aos feitores a sua receita de bem conduzir os escravos: "Angú por dentro e relho por fora, sem economia e sem dó."

Consoante tal programa, a vida na fazenda escoava-se entre trabalhos de eito, comezaina farta e "bacalhau".

Com o tempo desenvolveu-se nele a crueldade inutil. Não se limitava a impôr castigos: ia presencia-los. Gozava de ver a carne humana avergoar-se aos golpes do couro crú.

Ninguem, entretanto, estranhava aquilo. Os pretos sofriam como predestinados à dôr. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levam pretos.

O sentimento de revolta não latejava em ninguem, salvo em Izabel, que se fechava no quarto, de dedos fincados nos ouvidos, sempre que na casa-do-tronco o bacalhau arrancava urros a um pobre infeliz.

A mim, em começo, tambem me era indiferente a dôr alheia. Ao depois — depois que o amor me floriu a alma de todas as flores do sentimento — aquelas barbaridades diarias punham-me fremente de colera.

Uma vez tive impetos de estrangular o despota. Foi o caso dum vizinho que lhe trouxera um cão de fila para vender.

XX

— E' bom? Bem bravo? perguntou o fazendeiro examinando o animal.

Digitized by Google

— Uma féra! Para apanhar negro fugido, nada melhor.

— Não compro nabos em sacos, disse o capitão. Experimentemo-lo.

Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquele momento o portão se abriu e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ao ombro, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação.

O fazendeiro teve uma ideia. Tirou o cão da corrente e atiçou-o contra o preto.

— Péga, Vinagre!

O mastim partiu como bala e instantes depois ferrava o pobre velho, dando com ele em terra. Estraçalhou-o...

O fazendeiro sorria-se com entusiasmo.

— E' de primeira, disse ao sujeito. Dou-lhe cem mil réis pelo Vinagre.

E como o sujeito, assombrado daqueles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto.

— Ora bolas! Um caco de vida...

XXI

Pois foi esse homem que vi subitamente penetrar no meu quarto, essa noite, logo depois que se sumiu Liduina. Acompanhavam-no dois feitores, como sombras. Entrou e fechou a porta sobre si. Parou a alguma distancia. Olhou-me e sorriu.

— Vou dar-te uma bela noivinha, disse ele. E num gesto ordenou aos carrascos que me amarrassem.

Despertei da vacuidade. O instinto de conservação retesou-me todas as energias e, mal os capangas vieram a mim, atirei-me a eles com furor de onça femea a quem roubam os cachorrinhos.

Não sei quanto tempo durou a luta horrorosa; sei apenas que, a tantas, perdi os sentidos em consequencia das violentas pancadas que me racharam a cabeça.

Quando despertei pela madrugada vi-me por terra, com os pés doridos entalados no tronco. Levei a mão aos olhos sujos de pó e sangue e entrevi à minha esquerda, no extremo do madeiro hediondo, um corpo desmaiado de mulher.

Liduina...

Digitized by Google

Percebi ainda que havia mais gente ali.

Olhei.

Dois homens de picaretas abriam um largo rombo no espesso muro de taipa.

Outro, um pedreiro, misturava cal e areia no chão, rente a uma pilha de tijolos.

O fazendeiro tambem ali estava, de braços cruzados, dirigindo o serviço. Vendo-me desperto, aproximou-se do meu ouvido e murmurou com gelido sarcasmo as ultimas palavras que ouvi sobre a terra:

— Olhe! A tua noivinha é aquela parede...

Compreendi tudo: iam emparedar-me vivo...

.. ..

XXII

Aqui se interrompeu a historia do "outro", como a ouvi naquela horrorosa noite. Repito que a não ouvi assim, nessa ordem literaria, mas murmurada em soliloquio, aos arrancos, às vezes entre soluços, outras num cicío imperceptivel. Tão estranha era essa forma de narrar que o velho tio Bento não apanhou coisa nenhuma.

E foi com ela a me doer no cerebro que vi chegar a manhã.

— Bendita sejas, luz!

Ergui-me, alvoroçado.

Abri a janela, todo a renascer-me dos horrores noturnos.

O sol lá estava, espiando-me dentre a copa do arvoredo. Seus raios de ouro invadiram-me a alma. Varreram dela os frocos de trevas que a entenebreciam qual cabelugem de pesadelo.

O ar lavado e alerta encheu-me os pulmões da delirante vida matutina. Respirei-o alegremente, em haustos largos.

E Jonas? Dormia ainda, repousado de feições.

Era "ele" outra vez. O "outro" fugira com as trevas da noite.

— Tio Bento, exclamei, conte-me o resto da historia. Que fim teve Liduina?

O velho preto recomeçou a conta-la, a partir do ponto em que a interrompera na vespera.

Digitized by Google

— Não! gritei eu, dispenso isso tudo. Só quero saber que fim teve Liduina depois que o capitão deu sumiço ao moço.

Tio Bento abriu cara de espanto.

— Como o meu branco sabe disso?

— Sonhei, tio Bento.

Ele permaneceu ainda uns instantes admirado, custando a crer. Depois narrou:

— Liduina morreu no chicote, a coitadinha — tão na flor, dezenove anos... O Gabriel e o Estevão, os carrascos, retalharam o seu corpinho de criança com os rabos do bacalhau... A mãe dela, que só na hora do castigo soube do acontecido na vespera, correu, feito louca, para a casa do tronco. No momento em que empurrou a porta e olhou, uma chicotada cortava o seio esquerdo da filha. Antonia deu um grito e caiu para trás como morta.

Apesar do radioso da manhã meus nervos fremiram às palavras do preto.

— Basta, basta... De Liduina basta. Só quero agora saber o que sucedeu a Izabel.

— Nha Zabé ninguem mais viu ela na fazenda. Foi levada para a Côrte e acabou mais tarde no hospicio, é o que dizem.

— E Fernão?

— Esse, sumiu. Ninguem nunca soube dele — nunca, nunca...

Jonas acabava de despertar. E ao ver luz no quarto, sorriu. Queixava-se de peso na cabeça.

Interpelei-o sobre o eclipse noturno de sua alma, mas Jonas mostrou-se alheio a tudo. Enrugou a testa, recordando-se.

— Lembro-me que uma coisa me invadiu, que fui empolgado, que lutei com desespero...

— E depois?

— Depois?... Depois um vacuo...

Saimos para fóra.

A casa maldita, mergulhada na onda de luz matutina, perdera o aspecto tragico.

Disse-lhe adeus — para sempre...

— *Vade retro!...*

E fomo-nos à casinhola do preto engulir o café e arrear os animais.

De caminho espiei pelas grades da casa-do-tronco: na taipa grossa da parede havia um trecho murado a tijolo...

Digitized by Google

Afastei-me, horripilado.

E guardei comigo o segredo da tragedia de Fernão. Só eu no mundo a conhecia, contada por ele mesmo, oitenta anos após à catastrofe.

Só eu!

Mas como não sei guardar segredo, revelei-o em caminho ao Jonas.

Jonas riu-se à larga e disse, estendendo-me o dedo minguinho:

— Morde aqui!...

1922

Digitized by Google

Barba Azul

Jantavamos no Hotel d'Oeste, eu e o Lucas, um amigo que sabe historias. A tantas, como percebesse certo vulto lá ao fundo do salão, o rapaz firmou a vista e murmurou em soliloquio:

— Será ele?...

— Ele, quem?

— Estás vendo aquele sujeito gordo, na terceira mesinha á esquerda?

— O de luto?

— Sim... O patife anda sempre de luto...

— Quem é?

— Um celerado que tem muito dinheiro e teve muitas mulheres.

— Até aí nada vejo de mais.

— *Tem muito dinheiro porque teve muitas mulheres.* Está poderoso. Ri-se do mundo e de sua justiça. Inventou um crime inedito, não previsto pelas leis e com isso enriqueceu. Se um de nós o denunciasse, o patife nos processaria e nos meteria na cadeia. Note-lhe bem o tipo; raras vezes terás ocasião de topar um celerado desse tamanho.

— Mas...

— Lá fora contarei tudo. Toca a jantar.

Enquanto jantavamos examinei o sujeito, sem que nada no seu fisico me parecesse estranho. Deu-me a impressão dum medico aposentado que vivesse de rendas.

Por que de medico? Não sei. As criaturas dão-me ar disto ou daquilo por força duma aura que pressinto a envolve-las. Confesso, todavia, que minha adivinhação erra bastante. Sai-me fazendeiro um que eu previa medico, é surge-me corretor de negocios outro que eu jurava engenheiro. Creio que a falha do diagnostico vem dos homens desrespeitarem as vocações, e adotarem na vida atitudes profissionais diversas das que, por injunção natural, deviam eleger. Como no entrudo. As mascaras nunca dizem das caras verdadeiras que escondem.

Digitized by Google

Terminado o jantar, saimos em direção ao Triangulo, e lá nos abancamos num sordido café. O meu amigo voltou ao assunto.

— Caso notavel, o daquele homem! Caso merecedor de novela ou conto, já que a justiça não tem forças para mete-lo na cadeia. Conheci-o no Oéste, pratico de farmacia em Brotas. Um dia casou-se. Lembro-me disso porque assisti ao casamento a convite dos pais da moça. Era a Pequetita Mendes, filha dum sitiante arranjado.

Pequetita! Bem posto apelido, que não era bem mulher aquela isca de gente. Miudinha, magrinha, sequinha, sem cadeiras, sem ombros, sem seios, Pequetita não passava de um desses restolhos enfermiços que aparecem ao lado das espigas viçosas — sabuguinho debil, um grão aqui, outro ali. Apesar dos seus vinte e cinco anos, representava treze, e o escolhe-la Panfilo — chama-se Panfilo Novais o meu facinora — espantou a todos, a começar pela moça. Como, porém, era ele pobre e ela arranjada, explicou-se financeiramente a união.

Mas nada poderia resultar de bom duma união dessa ordem, que repugnava aos homens e á natureza. Pequetita não viera ao mundo para o matrimonio. O instinto da especie fizera-a ponto final. "Pararás aí."

Ninguem pensou nisso, nem ela, nem os pais, nem ele — nem ele, *que depois só pensaria nisso*...

— ?

— Ouve. Casaram-se e tudo correu excelentemente até que...

— ... se separaram...

— ... até que os separou a morte. Pequetita não resistiu ao primeiro parto; faleceu após uma cruel intervenção cirurgica.

Panfilo, dizem, chorou amargamente a morte da esposa, embora viessem consola-lo os trinta contos de um seguro que ela constituira em seu favor.

A meu ver é que daqui por diante que surge o criminoso. O desastre do primeiro casamento criou-lhe no cerebro um pensamento sinistro — pensamento que o iria nortear pela vida afora e que o fez, como te disse, rico e poderoso. A morte de Pequetita ensinou-lhe um crime inedito, não previsto pelas leis humanas.

— ?

— Espera. Compreenderás tudo dentro em pouco. Decorrido um ano, o nosso homem, já dono da farmacia, apresentou-se novamente enliçado pelo amor. Aparecera por lá uma

Digitized by Google

familia de fóra, gente pobre, mãe viuva com quatro filhas casadeiras. Tres delas, lindas e viçosas, viram-se logo requestadas por todos os moços desimpedidos do lugar. Já a quarta, restolho maninguéra que fazia lembrar Pequetita, só teve um par d'olhos que a cubiçassem, os de Panfilo.

Pediu-a em casamento.

A mãe opôs-se — que era loucura aquilo; que a menina lhe nascera enfezada; que se queria mulher, escolhesse uma das tres sadias.

Nada conseguiu. Panfilo fez pé firme e afinal casou-se.

Foi um assombro. Arranjadote que já era, coisa nenhuma justificava tal preferencia. Ele defendia-se hipocritamente, lamecha e sentimental:

— E' o meu genero. Gosto dos bibelôs e esta me lembra tanto a minha amada Pequetita...

Resumindo: dez meses depois o patife enviuvava de novo nas mesmas circunstancias da primeira vez. Morreu-lhe de parto a mulher.

— Novo seguro?

— E grande. Desta feita a bolada subiu a cem contos. Mudou-se de terra, então. Vendeu a farmacia e perdi-o de vista.

Anos depois fui encontra-lo no Rio, numa casa de chá. Estava outro, elegantemente vestido, denunciando prosperidade por todos os poros. Viu-me, reconheceu-me e chamou-me para sua mesa. Conversa vai, conversa vem, contou-me que se casara pela quarta vez, havia coisa de um ano.

Assombrei-me.

— "Pela quarta?"

— "É verdade. Depois que saí daquela abençoada terrinha onde o destino me fez enviuvar duas vezes, casei-me em Uberaba com a filha do Coronel Tolosa. Mas continuei perseguido pelo destino: faleceu-me essa tambem..."

— "Gripe?"

— "Parto..."

— "Como a primeira, então? Mas, doutor, perdoi-me a liberdade: o senhor escolhe mal as mulheres! Vai ver que essa terceira era miudinha como as anteriores", disse eu irrefletidamente.

O homem franziu os sobrolhos e encarou-me dum modo estranho, como se lhe batera a pacuera ante a ironia dum Sherlock disfarçado. Voltou logo ao natural, porém, e prosseguiu com serenidade:

Digitized by Google

— "Que quer? É o meu genero. Não suporto mulheraças".

E mudou de assunto.

Ao deixa-lo fiquei apreensivo, com a suspeita a gerar-se-me no cerebro. Liguei a estranheza dos seus modos ante a minha observação ao olhar perscrutador com que devassara meu intimo, e deixei escapar em voz alta um — *Hum!* que chamou a atenção de dois ou tres passantes. E o caso do doutor Panfilo ficou a verrumar-me os miolos dias e dias.

— Doutor, dizes tu?

— Está claro. O diploma veio logo atrás dos seguros, como consequencia logica. Quem nesta terra, com algumas centenas de contos no banco, permanece *senhor?*

Por curiosidade, no intuito exclusivo de esclarecer-me, tomei informações relativas á sua quarta esposa. Soube que era de cachoeira e fisicamente do mesmo naipe das outras.

Fui além. Tratei de indagar nas companhias de seguros que negocios trazia nelas o *doutor* Pánfilo e soube que a vida da quarta mulher estava garantida em mais de duzentos contos. Com os trezentos e cincoenta já embolsados, arredondaria ele, pela morte desta, um peculio de alto bordo para quem começara humildemente como pratico de farmacia.

Tudo isso me consolidou em convicção a suspeita de que Panfilo era de fato um grande criminoso. Segurava as esposas e matava-as...

— Como, se morriam de parto?

— Está aí o maquiavelismo do celerado. O Barba Azul aproveitou singularmente bem a lição do primeiro matrimonio. Viu que perdera a Pequetita no primeiro parto em virtude da sua *má conformação,* da sua inaptidão procriativa. Franzina em excesso, muito estreita de bacia...

— Hum!

— Foi um *hum!* assim que deixei escapar em plena rua do Ouvidor...

O miseravel, que tinha olho medico, só se casou d'aí por diante com mulheres de vicio organico semelhante ao da primeira. Cuidadosamente escolhia as esposas entre as predestinadas. E foi amontoando a sua fortuna.

Imagina tu agora a vida desse miseravel, sempre alternando a fase de tocaia da viuvez com um ano de casamento criminoso. Escolhia a vitima, representava a comedia do amor, sagrava a união e... seguro de vida! Depois, imagina o sadismo dessa alma ao ver desenvolver-se no ventre da vitima, não o filho que ela docemente esperava, mas a bolada gorda que

Digitized by Google

viria acrescentar os seus cabedais! Afez-se a tal caçada e aperfeiçoou-se nela de maneira a nunca errar o bote.

A quarta, soube-o logo depois, fôra pelo mesmo caminho das outras em seguida a uma crudelissima intervenção circurgica. E entraram os duzentos contos. Vês tu que monstro?...

No outro dia lá estava na mesma mesa o doutor Panfilo. Entraram na sala varias moças, e pela força do habito o seu olhar mortiço mediu num relance as ancas de cada uma. Bem feitas de corpo que eram, nenhuma o interessou — e seu olhar desceu calmamente para o jornal que lia.

— Está viuvo, pensei comigo. Anda evidentemente tocaiando a quinta mal conformada...

1922

Digitized by Google

O colocador de pronomes

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramatica.

Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um perú em cima da gramatica.

E morreu, afinal, vitima dum novo erro de gramatica.

Martir da gramatica, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização.

Havia em Itaoca um pobre moço que definhava de tedio no fundo de um cartorio. Escrevente. Vinte e tres anos. Magro. Ar um tanto palerma. Ledor de versos lacrimogeneos e pai duns acrosticos dados à luz no "Itaoquense", com bastante sucesso.

Vivia em paz com as suas certidões quando o frechou venenosa seta de Cupido. Objeto amado: a filha mais moça do coronel Triburtino, o qual tinha duas, essa Laurinha, do escrevente, então nos dezessete, e a do Carmo, encalhe da familia, vesga, madurota, histerica, manca da perna esquerda e um tanto aluada.

Triburtino não era homem de brincadeiras. Esguelara um vereador oposicionista em plena sessão da camara e desd'aí se transformou no tutú da terra. Toda a gente lhe tinha um vago medo; mas o amor, que é mais forte que a morte, não receia sobrecenhos enfarruscados nem tufos de cabelos no nariz.

Ousou o escrevente namorar-lhe a filha, apesar da distancia hierarquica que os separava. Namoro à moda velha, já se vê, que nesse tempo não existia a gostosura dos cinemas. Encontros na igreja, à missa, troca de olhares, dialogos de flores — o que havia de inocente e puro. Depois, roupa nova, ponta de lenço de seda e entremostrar-se no bolsinho de cima e medição de passos na rua d'Ela, nos dias de folga. Depois, a serenata fatal à esquina, com o

Acorda, donzela...

Digitized by Google

sapecado a medo num velho pinho de emprestimo. Depois, bilhetinho perfumado.

Aqui se estrepou...

Escrevera nesse bilhetinho, entretanto, apenas quatro palavras, afora pontos exclamativos e reticencias:

Anjo adorado!

Amo-lhe!...

?...

Para abrir o jogo, bastava esse movimento de peão.

Ora, aconteceu que o pai do anjo apanhou o bilhetinho celestial e, depois de tres dias de sobrecenho carregado, mandou chama-lo à sua presença, com disfarce de pretexto — para umas certidõezinhas, explicou.

Apesar disso o moço veio um tanto ressabiado, com a pulga atrás da orelha.

Não lhe erravam os pressentimentos. Mal o pilhou portas aquem, o coronel trancou o escritorio, fechou a carranca e disse:

— A familia Triburtino de Mendonça é a mais honrada desta terra, e eu, seu chefe natural, não permitirei nunca — nunca, ouviu? que contra ela se cometa o menor deslise.

Parou. Abriu uma gaveta. Tirou de dentro o bilhetinho côr de rosa, desdobrou-o.

— É sua esta peça de flagrante delito?

O escrevente, a tremer, balbuciou medrosa confirmação.

— Muito bem! continuou o coronel em tom mais sereno. Ama, então, minha filha e tem a audacia de o declarar... Pois agora...

O escrevente, por instinto, ergueu o braço para defender a cabeça e relanceou os olhos para a rua, sondando uma retirada estrategica.

— ... é casar! concluiu de improviso o vingativo pai.

O escrevente ressuscitou. Abriu os olhos e a boca, num pasmo. Depois, tornando a si, comoveu-se e com lagrimas nos olhos e disse, gaguejante:

— Beijo-lhe as mãos, coronel! Nunca imaginei tanta generosidade em peito humano! Agora vejo com que injustiça o julgam aí fora!...

Velhacamente o velho cortou-lhe o fio das expansões.

— Nada de frases, moço, vamos ao que serve: declaro-o solenemente noivo de minha filha!

E, voltando-se para dentro, gritou:

Digitized by Google

— Do Carmo! Venha abraçar o teu noivo!

O escrevente piscou seis vezes e, enchendo-se de coragem, corrigiu o erro.

— Laurinha, quer o coronel dizer...

O velho fechou de novo a carranca.

— Sei onde trago o nariz, moço. Vassuncê mandou este bilhete à Laurinha dizendo que ama-"lhe". Se amasse a ela deveria dizer amo-"te". Dizendo "amo-lhe" declara que ama a uma terceira pessoa, a qual não póde ser senão a Maria do Carmo. Salvo se declara amor à minha mulher!...

— Oh, coronel...

— ...ou à preta Luzia, cozinheira. Escolha!

O escrevente, vencido, derrubou a cabeça, com uma lagrima a escorrer rumo à asa do nariz. Silenciaram ambos, em pausa de tragedia. Por fim o coronel, batendo-lhe no ombro paternalmente, repetiu a bôa lição da sua gramatica matrimonial.

— Os pronomes, como sabe, são tres: da primeira pessoa — quem fala, e neste caso vassuncê; da segunda pessoa — a quem se fala, e neste caso Laurinha; da terceira pessoa — de quem se fala, e neste caso do Carmo, minha mulher ou a preta. Escolha!

Não havia fuga possivel.

O escrevente ergueu os olhos e viu do Carmo que entrava, muito lampeira da vida, torcendo acanhada a ponta do avental. Viu tambem sobre a secretaria um garrucha com espoleta nova ao alcance do maquiavelico pai. Submeteu-se e abraçou a urucáca, enquanto o velho, estendendo as mãos, dizia teatralmente:

— Deus vos abençôe, meus filhos!

No mês seguinte, solenemente, o moço casava-se com o encalhe, e onze meses depois vagia nas mãos da parteira o futuro professor Aldrovando, o conspicuo sabedor da lingua que durante cincoenta anos a fio coçaria na gramatica a sua incuravel sarna filologica.

Até aos dez anos não revelou Aldrovando pinta nenhuma. Menino vulgar, tossiu a coqueluche em tempo proprio, teve o sarampo da praxe, mais a cachumba e a catapora. Mais tarde, no colegio, enquanto os outros enchiam as horas de estudo com invenções de matar o tempo — empalamento de moscas e moidelas das respectivas cabecinhas entre duas folhas de papel, coisa de ver o desenho que sai — Aldrovando apalpava com erotica emoção a gramatica de Augusto Freire da Silva.

Digitized by Google

Era o latejar do furunculo filologico, que o determinaria na vida, para mata-lo, afinal...

Deixemo-lo, porém, evoluir e tomemo-lo quando nos serve, aos 40 anos, já a descer o morro, arcado ao peso da ciencia e combalido de rins. Lá está ele em seu gabinete de trabalho, fossando, à luz dum lampeão, os pronomes de Filinto Elisio. Corcovado, magro, seco, oculos de latão no nariz, créca, celibatario impenitente, dez horas de aulas por dia, duzentos mil réis por mês e o rim volta e meia a fazer-se lembrado.

Já leu tudo. Sua vida foi sempre o mesmo poento idilio com as veneraveis costaneiras onde cabeceiam os classicos lusitanos. Versou-os um por um com mão diurna e noturna. Sabe-os de cór, conhece-os pela morrinha, distingue pelo faro uma séca de Lucena duma esfalfa de Rodrigues Lobo. Digeriu todas as patranhas de Fernão Mendes Pinto. Obstruiu-se da brôa encruada de Fr. Pantaleão do Aveiro. Na idade em que os rapazes correm atrás das raparigas, Aldrovando escabichava belchiores na pista dos mais esquecidos mestres da bôa arte de maçar. Nunca dormiu entre braços de mulher. A mulher e o amor — mundo, diabo, carne, eram para ele o alfarrabios freiraticos do quinhentismo, em cuja soporosa verborreia espapaçava os instintos lerdos, como porco em lameiro.

Em certa epoca viveu tres anos acampado em Vieira. Depois vagamundeou, como um Robinson, pelas florestas de Bernardes.

Aldrovando nada sabia do mundo atual. Desprezava a natureza, negava o presente. Passarinho, conhecia um só: o rouxinol de Bernardim Ribeiro. E se acaso o sabiá de Gonçalves Dias vinha bicar "pomos de Hesperides" na laranjeira do seu quintal, Aldrovando esfogueteava-o com apostrofes:

— Salta fóra, regionalismo de má sonancia!

A lingua lusa era-lhe um tabú sagrado que atingira à perfeição com Fr. Luiz de Souza, e daí para cá, salvo lucilações esporadicas, vinha chafurdando no ingranzéu barbaresco.

— A ingresia d'hoje, declamava ele, está para a Lingua, como o cadaver em putrefação está para o corpo vivo.

E suspirava, condoido dos nossos destinos:

— Povo sem lingua!... Não me sorri o futuro de Vera-Cruz...

E não lhe objetassem que a lingua é organismo vivo e que a temos a evoluir na boca do povo.

Digitized by Google

— Lingua? Chama você lingua à garabulha bordalenga que estampam periodicos? Cá está um desses galicigrafos. Deletreemo-lo ao acaso.

E, baixando as cangalhas, lia:

— *Teve lugar hontem!...* É lingua esta espurcicia negral? Ó meu serafico Frei Luiz, como te conspurcam o divino idioma estes sarrafaçais da moxinifada!

—...*no Trianon...* Por que, Trianon? Por que este perene barbarizar com alienigenos arrevezos? Tão bem ficava — a *Benfica,* ou, se querem neologismo de bom cunho — o *Logratorio...* Tarelos é que são, tarelos!

E suspirava deveras compungido.

— Inutil prosseguir. A folha inteira cacografa-se por este teor. Ai! Onde param as bôas letras d'antanho? Fez-se perú o niveo cisne. Ninguem atende a lei suma — Horacio! Impera o desprimor, e o mau gosto vige como suprema regra. A galica intrujice é maré sem vasante. Quando penetro num livreiro o coração se me confrange ante o pelago de operas barbarescas que nos vertem cá mercadores de má morte. E é de notar, outrossim, que a elas se vão as preferencias do vulgacho. Muito não faz que vi com estes olhos um gentil mancebo preferir uma sordicia de Oitavo Mirbelo — *Canhenho duma dama de servir* (1), creio, à... adivinhe ao quê, amigo? À *Carta de Guia* do meu divino Francisco Manoel!...

— Mas a evolução...

— Basta. Conheço às sobejas a escolastica da epoca, a "evolução" darwinica, os vocabulos macacos — pitecofonemas que "evolveram", perderam o pelo e se vestem hoje à moda de França, com vidro no olho. Por amor a Frei Luiz, que ali daquela costaneira escandalizado nos ouve, não remanche o amigo na esquipatica sesquipedalice.

Um biografo ao molde classico separaria a vida de Aldrovando em duas fases distintas: a estatica, em que apenas acumulou ciencia, e a dinamica, em que, transfeito em apostolo, veio a campo com todas as armas para contrabater o monstro da corrupção.

Abriu campanha com um memoravel oficio ao congresso, pedindo leis repressivas contra os ácaros do idioma.

— "Leis, senhores, leis de Dracão, que diques sejam, e fossados, e alcaçares de granito prepostos à defensão do idioma. Mister sendo, a forca se restaure, que mais o baraço merece quem conspurca o sacro patrimonio da sã vernaculida-

1. Octave Mirbeau — *Journal d'une Femme de Chambre.*

Digitized by Google

de, que quem ao semelhante a vida tira. Vêde, senhores, os pronomes, em que lazeira jazem..."

Os pronomes, ai! eram a tortura permanente do professor Aldrovando. Doia-lhe como punhalada ve-los por aí pre ou pospostos contra regras elementares do dizer castiço. E sua representação alargou-se nesse pormenor, flagelante, concitando os pais da patria à criação dum Santo Oficio gramatical.

Os ignaros congressistas, porém, riram-se da memoria, e grandemente piaram sobre Aldrovando as mais crueis chalaças.

— Quer que instituamos patibulo para os maus colocadores de pronomes! Isto seria auto-condenar-nos à morte! Tinha graça!

Tambem lhe foi à pele a imprensa, com pilherias soezes. E depois, o publico. Ninguem alcançara a nobreza do seu gesto, e Aldrovando, com a mortificação n'alma, teve que mudar de rumo. Planeou recorrer ao pulpito dos jornais. Para isso mister foi, antes de nada, vencer o seu velho engulho pelos "galicigrafos de papel e graxa". Transigiu e, breve, desses "pulmões da publica opinião", apostrofou o país com o verbo tonante de Ezequiel. Encheu colunas e colunas de objurgatorias ultra violentas, escritas no mais estreme vernaculo.

Mas não foi entendido. Raro leitor metia os dentes naqueles interminaveis periodos engrenados à moda de Lucena; e ao cabo da asperrima campanha viu que pregara em pleno deserto. Leram-no apenas a meia duzia de Aldrovandos que vegetam sempre em toda a parte, como notas resinguentas da sinfonia universal.

A massa dos leitores, entretanto, essa permaneceu alheia aos flamivomos pelouros da sua colubrina sem raia. E por fim os "periodicos" fecharam-lhe a porta no nariz, alegando falta de espaço e coisas.

— Espaço não ha para as sãs ideias, objurgou o enxotado, mas sobeja, e pressuroso, para quanto rescende à podriqueira!... Gomorra! Sodoma! Fogos do ceu virão um dia alimpar-vos a gafa!... exclamou, profetico, sacudindo à soleira da redação o pó das cambaias botinas de elastico.

Tentou em seguida ação mais direta, abrindo consultorio gramatical.

— Têm-n'os os fisicos (queria dizer medicos), os doutores em leis, os charlatas de toda a especie. Abra-se um para a medicação da grande enferma, a lingua. Gratuito, já se vê, que me não move amor de bens terrenos.

Digitized by Google

Falhou a nova tentativa. Apenas as moscas vagabundas vinham esvoejar em torno da ciencia que se oferecia na salinha modesta do apostolo. Criatura humana, uma só, sequer, ali não veio remendar-se filologicamente.

Ele, todavia, não esmoreceu.

— Experimentemos processo outro, mais suasorio.

E anunciou a montagem da "Agencia de Colocação de Pronomes e Reparos Estilisticos".

Quem tivesse um autografo a rever, um memorial a expungir de cincas, um calhamaço a compôr-se com os "afeites" do lidimo vernaculo, fosse lá, que, sem remuneração nenhuma, nele se faria obra limpa e escorreita.

Era bôa a ideia, e logo vieram os primeiros originais necessitados de ortopedia, sonetos a consertar pés de versos, oficios ao governo pedindo concessões, cartas de amor.

Tais, porém, eram as reformas que nos doentes operava Aldrovando, que os autores não mais reconheciam suas proprias obras. Um dos clientes chegou a reclamar.

— Professor, v. s. enganou-se. Pedi limpa de enxada nos pronomes, mas não que me traduzisse a memoria em latim...

Aldrovando ergueu os oculos para a testa:

— E traduzi em latim o tal ingranzéu?

— Em latim ou grego, pois que o não consigo entender...

Aldrovando impertigou-se.

— Pois, amigo, errou de porta. Seu caso é ali com o alveitar da esquina.

Pouco durou a Agencia, morta à mingua de clientes. Teimava o povo em permanecer empapado no chafurdeiro da corrupção...

O rosario de insucessos, entretanto, em vez de desalentar, exasperou o apostolo.

— Hei-de influir na minha epoca. Aos tarelos hei-de vencer. Fogem-me à ferula os maráus de pau e corda? Ir-lhes-ei empós, fila-los-ei pela gorja!... Salta rumor!

E foi-lhes "empós". Andou pelas ruas examinando disticos e tabuletas com vicios de lingua. Descoberta a "asnidade", ia ter com o proprietario, contra ele desfechando os melhores argumentos catequistas.

Foi assim com o ferreiro da esquina, em cujo portão de tenda uma tabuleta — "Ferra-se cavalos" — escoicinhava a santa gramatica.

Digitized by Google

— Amigo, disse-lhe pachorrentamente Aldrovando, natural a mim me parece que érres, alarve que és. Se erram paredros, nesta epoca de ouro da corrupção...

O ferreiro pôs de lado o malho e entreabriu a boca.

— Mas da bôa sombra do teu focinho espero, continuou o apostolo, que ouvidos me darás. Naquela tabua um dislate existe que seriamente à lingua lusa ofende. Venho pedir-te, em nome do asseio gramatical, que o expunjas.

— ? ? ?

— Que reformes a tabuleta, digo.

— Reformar a tabuleta? Uma tabuleta nova, com a licença paga? Estará acaso rachada?

— Fisicamente, não. A racha é na sintaxe. Fogem ali os dizeres à sã gramaticalidade.

O honesto ferreiro não entendia nada de nada.

— Macacos me lambam se estou entendendo o que v. s. diz...

— Digo que está a forma verbal com eiva grave. O "ferra-se" tem que cair no plural, pois que a forma é passiva e o sujeito é "cavalos".

O ferreiro abriu o resto da boca.

— O sujeito sendo "cavalos", continuou o mestre, a forma verbal é "ferram-se" — "ferram-se cavalos"!

— Ahn! respondeu o ferreiro, começo agora a compreender. Diz v. s. que...

— ...que "ferra-se cavalos" é um solecismo horrendo e o certo é "ferram-se cavalos".

— V. s. me perdôe, mas o sujeito que ferra os cavalos sou eu, e eu não sou plural. Aquele "se" da tabuleta refere-se cá a este seu criado. E' como quem diz: Serafim ferra cavalos — Ferra Serafim cavalos. Para economizar tinta e tabua abreviaram o meu nome, e ficou como está: Ferra Se (rafim) cavalos. Isto me explicou o pintor, e entendi-o muito bem.

Aldrovando ergueu os olhos para o ceu e suspirou.

— Ferras cavalos e bem merecias que te fizessem eles o mesmo!... Mas não discutamos. Ofereço-te dez mil réis pela admissão dum "m" ali...

— Se v. s. paga...

Bem empregado dinheiro! A tabuleta surgiu no dia seguinte dessolecismada, perfeitamente de acôrdo com as bôas regras da gramatica. Era a primeira vitoria obtida e todas as tardes Aldrovando passava por lá para gozar-se dela.

Digitized by Google

Por mal seu, porém, não durou muito o regalo. Coinci dindo a entronização do "m" com maus negocios na oficina o supersticioso ferreiro atribuiu a macaca à alteração do dizeres, e lá raspou o "m" do professor.

A cara que Aldrovando fez quando, no passeio desse dia deu com a sua vitoria borrada! Entrou furioso pela oficina a dentro, e mascava uma apostrofe de fulminar quando o ferreiro, às brutas, lhe barrou o passo:

— Chega de caraminholas, ó barata tonta! Quem mand aqui, no serviço e na lingua, sou eu. E é ir andando, ante que eu o ferre com um bom par de ferros ingleses!

O martir da lingua meteu a gramatica entre as pernas e moscou-se.

— "Sancta simplicitas!" ouviram-no murmurar na rua de rumo à casa, em busca das consolações seraficas de Fr Heitor Pinto. Chegado que foi ao gabinete de trabalho, caiu de borco sobre as costaneiras venerandas e não mais conteve as lagrimas, chorou...

O mundo estava perdido e os homens, sobre maus, eram impenitentes. Não havia desvia-los do ruim caminho, e ele, já velho, com o rim a resingar, não se sentia com forças para a continuação da guerra.

— Não hei-de acabar, porém, antes de dar a prelo um grande livro, onde compendie a muita ciencia que hei acumulado.

E Aldrovando empreendeu a realização de um vastissimo programa de estudos filologicos. Encabeçaria a série um tratado sobre a colocação dos pronomes, ponto onde mais claudicava a gente de Gomorra.

Fe-lo, e foi feliz nesse periodo de vida em que, alheio ao mundo, todo se entregou, dia e noite, à obra magnifica. Saiu trabuco volumoso, que daria tres tomos de 500 paginas cada um, corpo miudo. Que proventos não adviriam dali para a lusitanidade! Todos os casos resolvidos para sempre, todos os homens de bôa vontade salvos da gafaria! O ponto fraco do brasileiro falar resolvido de vez! Maravilhosa coisa...

Pronto o primeiro tomo — *Do pronome Se* — anunciou a obra pelos jornais, ficando à espera da chusma de editores que viriam disputa-la à sua porta. E por uns dias o apostolo sonhou as delicias da estrondosa vitoria literaria, acrescida de gordos proventos pecuniarios.

Calculava em oitenta contos o valor dos direitos autorais, que, generoso que era, cederia por cincoenta. E cincoenta contos para um velho celibatario como ele, sem familia nem vicios, tinha a significação duma grande fortuna. Empatados

Digitized by Google

emprestimos hipotecarios, sempre eram seus quinhentos mil réis por mês de renda, a pingarem pelo resto da vida na gavetinha onde, até então, nunca entrara pelega maior de duzentos. Servia, servia!... E Aldrovando, contente, esfregava as mãos, de ouvido alerta, preparando frases para receber o editor que vinha vindo...

Que vinha vindo mas não veio, ai!... As semanas se passaram sem que nenhum representante dessa miseravel fauna de judeus surgisse a chatinar o maravilhoso livro.

— Não me vêm a mim? disse ele. Salta rumor! Pois me vou a eles!

E saiu em via sacra, a correr todos os editores da cidade.

Má gente! Nenhum lhe quis o livro sob condições nenhumas. Torciam o nariz, dizendo: "Não é vendavel"; ou: "Por que não faz antes uma cartilha infantil aprovada pelo governo?"

Aldrovando, com a morte n'alma e o rim dia a dia mais derrancado, retesou-se nas ultimas resistencias.

— Fa-la-ei imprimir à minha custa! Ah, amigos! Aceito o cartel. Sei pelejar com todas as armas e irei até ao fim. Bofé!...

Para lutar era mister dinheiro e bem pouco do vilissimo metal possuia na arca o alquebrado Aldrovando. Não importa! Faria dinheiro, venderia moveis, imitaria Bernardo de Pallissy, não morreria sem ter o gosto de acaçapar Gomorra sob o peso da sua ciencia impressa. Editaria ele mesmo um por um, todos os volumes da obra salvadora.

Disse e fez.

Passou esse periodo de vida alternando revisão de provas com padecimentos renais. Venceu. O livro compôs-se, magnificamente revisto, primoroso na linguagem como não existia igual.

Dedicou-o a Fr. Luiz de Souza:

À memoria d'aquele que me sabe as dores — O autor.

Mas não quis o destino que o já tremulo Aldrovando colhesse os frutos de sua obra. Filho dum pronome improprio, a má colocação doutro pronome lhe cortaria o fio da vida.

Muito corretamente havia escrito na dedicatoria: *...d'aquele que me sabe...* e nem poderia escrever d'outro modo um tão conspicuo colocador de pronomes. Maus fados intervieram, porém — até os fados conspiram contra a lingua! — e, por artimanha do diabo que os rege, empastelou-se na oficina esta frase. Vai o tipografo e recompõe-na a seu

Digitized by Google

modo... *d'aquele que sabe-me as dores*... E assim saiu nos milheiros de copias da avultada edição.

Mas não antecipemos.

Pronta a obra e paga, ia Aldrovando recebe-la, enfim. Que gloria! Construira, finalmente, o pedestal da sua propria imortalidade, ao lado direito dos sumos cultores da lingua.

A grande ideia do livro, exposta no capitulo VI — *Do metodo automatico de bem colocar os pronomes* — engenhosa aplicação duma regra mirifica, por meio da qual até os burros de carroça poderiam zurrar com gramatica operaria como o "914" da sintaxe, limpando-a da avariose produzida pelo espiroqueta do pronomococus.

A excelencia dessa regra estava em possuir equivalentes quimicos de uso na farmacopeia alopata, de modo que a um bom laboratorio facil lhe seria reduzi-la a ampolas para injeções hipodermicas, ou a pilulas, pós ou poções para uso interno.

E quem se injetasse ou engulisse uma pilula do futuro PRONOMINOL CANTAGALO curar-se-ia para sempre do vicio, colocando os pronomes instintivamente bem, tanto no falar como no escrever. Para algum caso de pronomorreia aguda, evidentemente incuravel, haveria o recurso do PRONOMINOL N. 2, onde entrava a estriquinina em dose suficiente para libertar o mundo do infame sujeito.

Que gloria! Aldrovando prelibava essas delicias todas quando lhe entrou pela casa a dentro a primeira carroçada de livros. Dois brutamontes de mangas arregaçadas empilharam-n'os pelos cantos, em rumas que lá se iam; e concluso o serviço um deles pediu:

— Me dá um mata-bicho, patrão!...

Aldrovando severizou o semblante ao ouvir aquele "Me" tão fora dos mancais, e tomando um exemplar da obra ofertou-a ao "doente";

— Toma lá. O mau bicho que tens no sangue morrerá asinha às mãos deste vermifugo. Recomendo-te a leitura do capitulo sexto.

O carroceiro não se fez rogar; saiu com o livro, dizendo ao companheiro:

— Isto no "sebo" sempre renderá cinco tostões. Já serve!...

Mal se sumiram, Aldrovando abancou-se à velha mesinha de trabalho e deu começo à tarefa de lançar dedicatorias num certo numero de exemplares destinados à critica. Abriu o primeiro, e estava já a escrever o nome de Rui Barbosa quando seus olhos deram com a horrenda cinca:

Digitized by Google

"daquele QUE SABE-ME as dores".

— Deus do ceu! Será possivel?

Era possivel. Era fato. Naquele, como em todos os exemplares da edição, lá estava, no hediondo relevo da dedicatoria a Fr. Luiz de Souza, o horripilantissimo — QUE SABE-ME...

Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, no rosto uma estranha marca de dôr — dôr gramatical inda não descrita nos livros de patologia — permaneceu imovel uns momentos.

Depois, empalideceu. Levou as mãos ao abdomen e estorceu-se nas garras de repentina e violentissima ansia.

Ergueu os olhos para Frei Luiz de Souza e murmurou:

— *Luiz! Luiz! Lamma Sabachtani?!*

E morreu.

De quê, não sabemos — nem importa ao caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo da gramatica, o martir numero um da Colocação dos Pronomes.

Paz à sua alma.

1924

Digitized by Google

Uma historia de mil anos

— *Hu... hu...*

É como nos invios da mata soluça a juruti.

Dois *hus* — um que sobe, outro que desce.

O destino do *u!...* Veludo verde-negro transmutado em som — voz das tristezas sombrias. Os aborigenes, maravilhosos denominadores das coisas, possuiam o senso impressionista da onomatopeia. *Urutáu, urú, urutú, inambú* — que sons definirão melhor essas criaturinhas solitarias, amigas da penumbra e dos recessos?

A juruti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* — geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarinheiro sabe como ela morre sem luta ao minimo ferimento. Morre em *u...*

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia, lancinante.

A juruti apaga-se como chama de algodão. Fragil torrão de vida, extingue-se como se extingue a vida do torrão de açucar ao simples contacto da agua. Um *u* que se funde.

Como vivem e morrem jurutis, assim viveu e morreu Vidinha, a linda criança afinada em *u*. E como não seria assim, se era Vidinha uma juruti humana — meiguice feita menina-e-moça, begonia sensivel dos grotões?

Que amiga dos contrastes é a natureza!

Ali naquele barranco penhasquento crescem no arido as samambaias. Rijas, asperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraido que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, reviçam. Cinicas!

Mais adiante, na grota fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se a espaços, em meio dos caetês valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida e fragil, o menor contacto a magôa. Toda ela — caule, folhas, flores — é a mesma carne tenra de criança.

Sempre os contrastes.

Digitized by Google

Os eleitos da sensibilidade, os martires da dor — e os fortes. A juruti e o sanhaço. A begonia e a samambaia.

Vidinha, a inocente criança, era juruti e begonia.

O Destino, como os sabios, tambem faz suas experiencias. Permite vidas a titulo de experiencia, na tentativa de aclimar na terra seres que não são da terra.

— Vingará Vidinha, solta no mundo em meio da alcateia humana?

Janeiro. Dia de mormaço a envolver o mundo sob a curva do ceu imensamente azul.

A casa onde mora Vidinha é a unica das cercanias — garça pousada no oceano verde-sujo das samambaias e sapezeiros.

Que terra! Ondula em mamelões verdoengos até encontrar o ceu, longe, no horizonte. Hispidez, aridez — terra outróra bendita, que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito.

Os olhos pervagam: cá e lá, 'té aos confins, sempre o chamalote verde-oliva da samambaia aspera — esse musgo da esterilidade.

Entristece, aquilo. Cansa a vista o sem-fim da morraria nua de arvores — e o consolo é pousar os olhos na pombinha branca da casinhola.

Como a cal das paredes cintila ao sol! E como nos enleva a alma sua pequenina moldura de arvores domesticas! Aquele pé de espirradeira todo florido; o cercado de taquara; a horta, o canteirinho de flores; o poleiro das aves nos fundos sob a fronde da guabirobeira...

Vidinha é a manhã da casa. Vive entre duas estações: a mãe — um outono, e o pai — inverno em começos. Ali nasceu e cresceu. Ali morrerá. Inocente e ingenua, do mundo só conhece o centimetro quadrado de mundo que é o pequeno sitio paterno. Imagina as coisas — não as sabe. O homem: é seu pai. Quantos homens haja, todos serão assim: bons e pais. A mulher: sua mãe — um tudo.

Bichos? O gato, o cão, o galo indio que canta pela alvorada, as galinhas suras. Sabe, por ouvir dizer, de outros muitos: da onça — gatão feroz; da anta — bicho enorme; da capivara — porco dos rios; da sucuri — cobra "desta" grossura! Veados e pacas já viu diversos, mortos nas caçadas.

Longe da ermo onde está o sitio, é o mundo. Ha nele cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em

Digitized by Google

linha, com estradas pelo meio a que chamam ruas. Nunc as viu, sonha-as. Sabe que nelas moram os ricos, seres d outra raça, poderosos que compram fazendas, plantam cafezai e mandam em tudo.

As ideias que povoam sua cabecinha, bebeu-as ali n conversa caseira dos pais.

Um Deus no ceu, bom, ímenso, que tudo vê e ouve at o que a boca não diz. Ao lado dele, Nossa Senhora, tão bo resplandecente, rodeada de anjos...

Os anjos! Crianças de asas e longas tunicas esvoaçante No oratorio da casa ha o retrato de um.

Seus prazeres: a vida da casa, os incidentes do terreir

— Venha ver, mamãe, depressa!...

— Alguma bobagem...

— ... o pintinho sura trepado nas costas do capão péva tenteando-se nas asinhas! Venha ver que galanteza. Ei, ei.. caiu!

Ou:

— Brinquinho quer por força pegar a cauda. Está qu parece um pião, corropiando.

É bonita? Vidinha o ignora. Não se conhece, não fa de si nenhuma ideia. Se nem espelho possue... É, n entanto, linda, dessa lindeza das telas raras que jazem fór de moldura nos desvãos ignorados. Vestida á maneira dos po brezinhos, vale o que não está vestido: o corado das faces, a expressão de inocencia, o olhar de criança, as mãos irrequietas Tem a beleza das begonias silvestres. Deem-lhe um vaso d porcelana e cintilará.

Cinderela, a eterna historia...

O pai vive na luta silenciosa contra a aridez do solo disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade, umas co lheitinhas curtas. Não importa. Vive contente. A mãe mou reja o dia inteiro nos trabalhos da casa. Cose, arruma, re menda, varre.

E Vidinha, entre eles, orquidea que floriu em tronco rud brinca e sorri. Brinca e sorri com seus amigos: o cão, o gat os pintos, as rolas que descem ao terreiro. Em noites escura vêm visita-la, cirandando em torno á casa, seus amiguinh luminosos — os vagalumes.

Os anos passam. Os botões se fazem flôr.

Digitized by Google

Um dia Vidinha entrou a sentir vagas perturbações de alma. Fugia aos brinquedos e cismava. A mãe notou a mudança.

— Em que está pensando, menina?

— Não sei. Em nada... e suspirou.

A mãe observou-a inda uns tempos e disse ao marido:

— É lado de casar Vidinha. Está moça. Já não sabe o que quer.

Mas, casa-la como? Com quem? Não havia ali vizinhos, naquele deserto, e a criança corria o risco de estiolar-se como flôr esteril sem que olhos de homem casadoiro pusessem reparo em seus encantos.

Não será assim, todavia. O Destino levará por diante mais uma cruel experiencia.

O lobo fareja de longe a menina da capinha vermelha.

A begonia daquele deserto, filha das selvas, será caça. Será caçada por um caçador...

Está na idade do sacrificio.

O caçador não tardará.

Vem perto, piando de inambú, com espingarda nas mãos. Trocará de bom grado, vão ver, os inambús perseguidos pela inocente juruti incauta.

— O' de casa!

— ? ?

— Venho de longe. Perdi-me nestes carrascais, coisa de dois dias, e não posso comigo de canseira e fome. Venho pedir pousada.

Os ermitões do samambaial acolhem de braços abertos o transviado gentil.

Bonito moço da cidade. Bem falante, maneiroso — uma sedução!

Como são belos os gaviões caçadores de inocencias...

Deixou-se ficar a semana inteira. Contava coisas maravilhosas. O pai esquecia a roça para ouvi-lo, e a mãe desleixava a casa. Que sereia!

No pomar, sob o dossel das laranjeiras abotoadas:

— Nunca pensou em sair daqui?

— Sair? Aqui tenho casa, pai, mãe — tudo...

— Acha muito isso? Oh, lá fóra é que é o lindo! Que maravilha é lá fóra! O mundo! As cidades! Aqui é o deserto, prisão horrivel, aridez, melancolia...

Digitized by Google

E contava contos das mil e uma noites sobre a vida das cidades. Dizia do luxo, da magnificencia das festas, das pedrarias que cintilam, das sedas que acariciam o corpo, dos teatros, da musica inebriante.

— Mas isso é um sonho...

O principe confirmava.

— A vida lá fóra é um sonho.

E desfiava rosarios inteiros de sonhos.

Vidinha, num deslumbramento, murmurava:

— É lindo! Mas tudo só para os ricos.

— Para os ricos e para os formosos. Beleza vale mais que riqueza — e Vidinha é bela!

— Eu?...

O espanto da criança...

— Bela, sim — e riquissima, se o quiser. Vidinha é diamante a lapidar. É Cinderela, hoje no borralho, amanhã princesa. Seus olhos são estrelas de veludo.

— Que ideia...

— Sua boca, ninho de colibri feito para o beijo...

— !...

A iniciação começa. E tudo na alma de Vidinha se aclara. As ideias vagas se definem. Os hieroglifos do coração se decifram. Compreende a vida enfim. Sua inquietação era amor, em casulo ainda, a agitar-se nas trevas. Amor sem objeto, perfume sem destino. O amor é febre da idade, e Vidinha chegara á idade da febre sem o saber. Sentia-lhe o queimor no coração, mas ignorava. E sonhava.

Tinha agora a chave de tudo. O principe encantado viera afinal. Estava ali ele, o grande mago de palavras maravilhosas, senhor do Abre-te Sésamo da Felicidade.

E o casulo do amor rompeu-se — e a crisalida do amor, ebria de luz, fez-se ardente borboleta de amor...

O gavião da cidade, fino de faro, havia descido no momento oportuno. Dizia-se doente e ia ficando. Sua doença chamava-se — desejo. Desejo de caçador. Ansia de caçador por mais uma perdiz.

E a perdiz veio-lhe para as garras, fascinada pela estonteante miragem do amor.

O primeiro beijo...

Digitized by Google

A florada maravilhosa dos beijos...

O ultimo beijo, á noite...

Pela manhã do decimo dia:
— Que é do caçador?
Fugira...

Já não rescendem os manacás. São negras as flores do jardim. Não brilham as estrelas do ceu. Não cantam os passarinhos. Não luzem os vagalumes. O sol não alumia. A noite só traz pesadelos.

Uma coisa só não mudou: o *hu, hu* magoado da juruti lá no recesso das grotas.

Os dias de Vidinha são agora vagueios agitados pelo campo. Detem-se ás vezes ante uma flôr, de olhos parados, como recrescidos no rosto. E monológa mentalmente:

— Vermelha? Mentira. Cheirosa? Mentira. Tudo mentira, mentira, mentira...

Mas Vidinha é juruti, corpo e alma afinados em *u*. Não desespera, não luta, não explode. Chora por dentro e definha. Begonia silvestre que o passante brutal chicoteou, dobra no hastil quebrado, pende para a terra e murcha. Chama de algodão... Torrão de açucar...

Estava concluida a experiencia do Destino. Mais uma vez provava-se que não vive na terra o que não é da terra.

Uma cruz...

E dali por diante, se alguem falava em Vidinha, o velho pai murmurava:

— Era a nossa luz de alegria. Apagou-se...

E a mãe lacrimejante:

— Não me sai da memoria a ultima palavra dela: "Agora um beijo, mamãe, um beijo *seu*..."

1925

Digitized by Google

Digitized by Google

4.ª PARTE

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM

Era no Paraiso... — Um homem honesto — O rapto — A nuvem de gafanhotos — Tragedia dum capão de pintos — Duas cavalgaduras — O bom marido — Marabá — Fatia de vida — A morte do Camicego

Digitized by Google

Digitized by Google

Era no Paraiso...

Era no paraiso e Deus estava contente. Tinha criado a luz, as estrelas, o ar, a agua e por fim criou a Vida, semeando-a sob milhares de formas por cima da terra fresquinha e nua. E esfervilhou de viventes o orbe, aqui bacteria e mastodonte, ali musgo e baobá, além craca e baleia — a suma variedade de aspectos dentro da perfeita unidade de plano.

E Deus, que achara aquilo bom, deliberou consolidar sua obra de vida *per secula seculorum* com o invento da Fome e do Amor, dois apetites tremendos engastados no amago das criaturas á guisa de motu-continuo da Perpetuação. E cofiando a imensa barba branca, velha como o Tempo, lançou a palavra magica que tudo move e tudo explica:

— Comei-vos uns aos outros e nos intervalos amai!

Em seguida elaborou para a regencia da animalidade o Codigo da Sabedoria Ingenita.

Não deu esse nome ao Codigo, visto como, no começo, não existindo homem, não existiam nomes.

— Não existindo homem?...

Sim, o homem não estava nos planos do Criador. Esta revelação mirifica, que ainda ha de roer pelos alicerces as caducas verdades oficiais (e talvez me conquiste o premio Nobel), está ansiosinha por me fugir da pena. Que fuja, que se espoje no espirito do leitor. Adeus, filha!...

Não era escrito esse codigo. Lei escrita vale por pura invenção humana — donde a rapidez com que envelhecem os codigos humanos e as humanas leis. Escrever é fixar e fixar é matar. Perpetuo movimento, a vida é infixa.

Entretanto, se o não escreveu, foi além Jeová: impregnou com ele cada uma das criaturas recem-formadas, de modo que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de acordo com os imutaveis preceitos da lei natural.

Este saber sem aprender receberia do homem o nome de Intuição, assim como o Codigo Ingenito receberia o nome de

Digitized by Google

Instinto. Os futuros homens se caracterizariam pelo vezo de dar nome ás coisas, gozando-se da fama de sabios os que com maior entono e mais pomposamente as nomeassem. Grande doutor, o que tomasse o pulso a um doente, lhe espiasse a lingua e gravibundo dissesse, tirando do nariz os oculos de ouro: *polinevrite metabolica;* e grande mestre, o que apontasse o dedo para um grupo de estrelas e declarasse com voz firme: *constelação do Centauro.* Doença e estrelas, com ou sem nome, seguiriam o seu curso prefixo — mas nada de louvores ao medico que apenas dissesse: *doença,* ou ao mestre que humilde murmurasse: *astros.* Paga ou louvor não os teria o ignorante, isto é, o homem que não soubesse nomes. Viva o nome!

Assim, inoculou Deus em todos os seres a sabedoria da vida e po-los no orbe como notas cromaticas do "pot-pourri" sinfonico de cuja audição integral somente os seus ouvidos gozariam o privilegio.

E Deus achou que estava otimo.

Grandes coisas tinha feito. A gravitação dos mundos era jogo de movimentos que mais tarde derrubaria o queixo a Newton — mas não passava de mecanica pura.

A concepção do eter, da luz, do calor, assombrosas invenções eram — mas mecanica fria.

O bonito fôra a criação da Vida, porque, obra d'arte das mais autenticas, só ela dava medida completa dos imensos recursos do alto engenho de Deus.

Quanta afinação no tumulto aparente! A bacteria ás voltas com o mastodonte, o musgo em simbiose com o baobá, a craca aparasitada á baleia... Vida em vida, vida devorando vida, vida sobrepondo-se a vida, vida criando vida... O perpetuo ressoar dos uivos de colera, berros de dor, guinchos de alegria, gemidos de gozo sonorizando o perpetuo agitar-se das formas — vôo de ave, arranque de tigre, coleio de serpe, rabanar de peixe, tocaiar de saurio...

Tão pitoresca lhe saiu a opera VIDA, que o Sumo Esteta a elegeu para recreio de sua Eterna Displicencia. E, debruçado na amplidão, as longas barbas dispersas ao vento, o contemplativo Jeová antecipou a figura do sabio que no fundo dos laboratorios cisma sobre o microscopio.

Ora, pois, certo dia de estuporante mormaço, um casal de chimpanzés dormitava beatificamente no esgalho de enorme embauva. Digeriam as bananas comidas e prelibavam, risonhos, as bananas da manhã seguinte.

Digitized by Google

Eram chimpanzés como os demais, sabios da sabedoria inculcada pelo Eterno, e bem comportadinhas notas da opera paradisiaca.

Mas Eolo suspirou no seu antro e um forte pé de vento deu, que vascolejou com frenesi a arvore e fez o chimpanzé macho, perdido o equilibrio, precipitar-se de ponta-cabeça ao chão.

Seria aquilo um tombo como qualquer outro, sem consequencias funestas, se a malicia da serpente não houvesse colocado ao pé da embauva uma grande lage, no qual se chocou o cranio do infeliz desarvorado.

Perdeu os sentidos o macaco; e a macaca, presa de grande aflição, pulou incontinenti a socorre-lo. Rondou-lhe em torno aos guinchos, soprou-lhe nos olhos, amimou-o, beliscou-lhe as carnes insensiveis e, por fim, convencida de que estava bem morto, deu de ombros, já com a ideia na escolha de quem lhe consolasse a viuvez.

Mas não morrera, o raio do chimpanzé. Minutos depois entreabria os olhos, piscava sete vezes e levava as mãos á fonte, significando que lhe doia.

Neste comenos funga no juncal proximo um tigre. Desde o Paraiso que os tigres "adoram" os macacos, como desde o Paraiso que os macacos arrenegam dos tigres. Em virtude de tal divergencia, a fungadela felina valeu por frasco de amoniaco nas ventas do contuso. Pôs-se de pé, inda tonto e, ajudado da companheira, marinhou embauva acima, rumo ao galho de pouso, onde, a bom recato, pudesse distrair a dor de cabeça com a linda cena que é um tigre faminto á caça de bicho que não seja chimpanzé.

Desd'essa desastrada quéda nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e ele queixava-se de vágados e de estranho mal-estar.

É que sofrera uma seriissima lesão.

Digo isto porque sou homem e sei dar nomes aos bois; homem ignorante, porém, não vou mais longe, nem ponho nome grego á lesão. Afirmo apenas que era lesão, certo de que me entendem os meus incontaveis colegas em ignorancia nomenclativa.

Lesão grave, gravissima, e de resultados imprevisiveis á propria presciencia de Jeová!

A Biblia já tratou do assunto; de modo simbolico, entretanto, fugindo de tomar a Queda ao pé da letra. Moisés, redator do *Genesis,* tinha veleidade poeticas — mas não previra Darwin, nem a força do premio Nobel como aureo pai de

Digitized by Google

grandes descobertas. Moisés poetizou... Fez um Adão, uma Eva, uma serpente e um pomo, que certos exegetas declaram ser a maçã e outros, a banana. Compôs assim uma peça com a méstria conciente de Edgard Poe ao carpinteirar *O Corvo*, mas sem deixar, como Poe, um estudo da psicologia da composição, onde demonstrasse que fez aquilo por a + b e com bem estudada pontaria. E foi pena! Quanto papel, tinta e sangue tal esclarecimento não pouparia á humanidade, sempre rixenta na interpretação dos textos biblicos!

Vem dai que é o *Genesis* uma peça de fina psicologia, e por igual penetrante nas cabeças duras e nas dos Pascais, permeabilissimas; o que escasseia ao *Genesis* é acordo com a verdade dos fatos. Essa verdade, mais preciosa que o diamante Cullinan, eu a achei sob o montão de cascalho das hipoteses e sem nenhum alarde aqui a estampo de graça. Já é ser generoso! Tenho nas unhas a verdade das verdades e não requeiro do Congresso um premio de cincoenta contos! Contento-me com um apenas...

A partir da Queda, o nosso macaco entrou a mudar de genio. Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreocupação e deu de elaborar uns mostrengosinhos informes, aos quais, com alguma licença, caberia o nome de ideias.

Vacilava, ele que nunca vacilara e sempre agira com os soberbos impulsos do automatismo. Entre duas bananas pateteava na escolha, tomado de incompreensiveis indecisões — e por vezes perdeu a ambas, iludido por mônos de bote pronto, que nem vacilavam, nem escolhiam.

Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, ele que antes da lesão nunca errara pulo.

Até em suas relações sentimentais com a velha companheira o chimpanzé variou. Ganho de malsãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e cometia o pecado de desejar a macaca do proximo.

Como tambem claudicasse na escolha das frutas, comeu diversas improprias á alimentação simia, daí provindo as primeiras perturbações gastro-intestinais observadas na higidez do Paraiso — enterites, colites, desinteria ou o que seja.

Quando iam aguias pelo céu, punha-se ele a contemplar os seus harmoniosos vôos, com vagos anseios nas tripas e muito desejo n'alma de ser aguia. Era a inveja nascente, má cuscuta que vicejaria luxuriantemente na execravel descendencia desse mônо. Invejou as aves que dormiam em ninho fofo e os ani-

Digitized by Google

mais que moravam em boas tocas de pedra. Abandonou o viver em arvore, prescrito para os da sua laia pelo Codigo Ingenito, e deu de andar sobre a terra de pé nas patas trazeiras, com as dianteiras — futuras mãos — ocupadas em construir ninho, como os via fazer ás perdizes, ou tocas, como as tem o tatú.

E sempre nervoso e inquieto, e descontente com a ordem de coisas estabelecida no Eden, imaginava mudanças e "melhoramentos". E variava e tresvariava, e malucava, arrastando consigo a pobre companheira que, sem nada compreender de tudo aquilo, em tudo o imitava passivamente, docil e meiga.

Aconteceu o que tinha de acontecer. A admiravel disciplina reinante do Eden viu-se logo perturbada pelo estranho proceder do macaco, advindo daí murmurações e por fim queixas a Jeová. E tais e tantas foram as queixas, que o Sumo, zangado com a nota desafinadora da sua musica divina, ordenou ao anjo Gabriel que pusesse no olho da rua o sustenido anarquico.

Até esse ponto vai certo Moisés. Onde começa a fazer poesia é daí por diante. De fato, Jeová ordenou a expulsão do rebelde e São Gabriel deu para executa-la os primeiros passos. A curiosidade, porém, que dizem feminina mas aqui se vê que é divina, fez o Criador reconsiderar.

— Suspende, Gabriel! Estou curioso de ver até que extremos irá o desarranjo mental do meu macaco.

Era Gabriel o Sarrazani daquele jardim zoologico e, graças ao convivio com o Eterno, adquirira alguma coisa da divina preciencia. Assim foi que objetou:

— Vossa Eternidade me perdoi, mas se lá deixamos o trapalhão, aquilo vira em "humanidade"...

— Sei disso, retorquiu o Soberano Senhor de Todas as Coisas. A lesão do cerebro do meu macaco põe-no á margem da minha Lei Natural e fa-lo-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nele uma *doença,* que seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão inteligencia — e que, ai deles! lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da Queda, transmitir-se-á de pais a filhos — e crescerá sempre, e terrivelmente influirá sobre a terra, modificando-lhe a superficie de maneira muito curiosa. E, deslumbrados por ela, os homens ter-se-ão na conta de criaturas privilegiadas, entes á parte no universo, e olharão com desprezo para o restante da animalidade. E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...

Digitized by Google

— ? !

— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e á minha imagem e semelhança.

— ? ! !

— Os demais chimpanzés permanecerão como eu os criei; só o ramo agora a iniciar-se com a prole do lesado é que se destina a sofrer a diferenciação morbida, cuja resultante será cair o governo da terra nas unhas de um bicho que não previ.

— ?!!!

— Essa inteligencia se caracterizará pela ansia de ver-me através das coisas, e para que bem a compreendas, Gabriel, te direi que será como asas sem ave, luz sem sol, dedos sem pés...

Gabriel não compreendeu coisa nenhuma da longa definição de Jeová — e como sucederia o mesmo com os meus leitores, interrompo-a nos dedos sem pés. Até aí ainda a percepção é possivel; mas no ponto em que Jeová lhe assinalou a essencia ultima, nem Einstein pescaria um x...

Vendo o ar aparvalhado de Gabriel, o Criador pulou da metagenese abaixo e falou fisicamente.

— Essa inteligencia apurará aos extremos a crueldade, a astucia e a estupidez. Por meio da astucia se farão eles engenhosos, porque o engenho não passa da astucia aplicada á mecanica. E á força de engenho submeterão todos os outros animais, e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão istmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, domesticarão as ondas hertzianas, descobrirão os raios cosmicos, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra...

Gabriel estremeceu. Apavorou-o a força futura da inteligencia nascente; mas Jeová sorriu, e quando Jeová sorria Gabriel serenava.

— Nada receies. Essa inteligencia terá alguns atributos da minha, como o carvão os tem do diamante, mas estará para a minha como o carvão está para o diamante. A fraqueza dela provirá da sua jaça de origem. Inteligencia sem memoria, inteligencia de chimpanzé, o homem *esquecerá* sempre. Esquecerá o que ensinei aos seus precursores peludos e esquecerá de colher a boa lição da experiencia nova.

Seu engenho creará engenhosissimas armas de alto poder destrutivo — e empolgados pelo odio eles se estraçalharão uns aos outros, em nome de patrias, por meio de lutas tremendas a que chamarão guerras, vestidos macacalmente, ao som de musicas, tambores e cornetas, esquecidos de que não criei nem odio, nem corneta, nem patria.

Digitized by Google

E transporão mares, e perfurarão montes, e voarão pelo espaço, e rodarão sobre trilhos na vertigem louca de vencer as distancias e chegar depressa — esquecidos de que eu não criei a pressa nem o trilho.

E viverão em guerra aberta com os animais, escravizando-os e matando-os pelo puro prazer de matar — esquecidos de que eu não criei o prazer de matar por matar.

E inventarão alfabetos e linguas numerosas, e disputarão sem treguas sobre gramaticas, e quanto mais gramaticas possuirem menos se entenderão. E se entenderão de tal modo imperfeito, que aclamarão o messias do entendimento geral, um dr. Zamenhoff...

— Já sei! Um que proporá a supressão das linguas.

Jeová sorriu.

— Não! Apenas o criador de mais uma. E eles elaborarão ciencias, e excogitarão toda a mecanica das coisas, adivinhando o atomo e o planeta invisivel, e saberão tudo — menos o segredo da vida.

E um Pascal, muito cotado entre eles, dará murros na cabeça, na tortura de compreender os *x x* supremos — e os homens admirarão grandemente esses murros.

E criarão artes numerosas, e terão sumos artistas e jamais alcançarão a unica arte que implantei no Eden — a arte de ser biologicamente feliz.

E organizarão o parasitismo na propria especie, e enfeitar-se-ão de vicios e virtudes, igualmente anti-naturais. E inventarão o Orgulho, a Avareza, a Má-fé, a Hipocrisia, a Gula, a Luxuria, o Patriotismo, o Sentimentalismo, o Filantropismo, a Colocação dos Pronomes — esquecidos de que eu não criei nada disso e só o que eu criei é.

E em virtude de tais e tais macacalidades, a inteligencia do homem não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida, em contraste com os outros seres, que os terão a todos solvidos de maneira felicissima.

Não saberá comer — e ao lado das minhas abelhas, de tão sabio regimen alimentar — sabio porque por mim prescrito — o homem morrerá de fome ou indigestão, ou definhará achacoso em consequencia de erros ou vicios dieteticos.

Não saberá morar — e ao lado das minhas aranhas, tão felizes na casa que lhes ensinei, habitarão ascorosas espeluncas sem luz, ou palacios.

Não resolverá o problema da vida em sociedade, e experimentará mil soluções, errando em todas. E revoluções tre-

Digitized by Google

mendas agitarão de espaço em espaço os homens no desespero de destruir o parasitismo criado pela inteligencia — e as novas formas de equilibrio surgidas afirmar-se-ão com os mesmos vicios das velhas formas destruidas. E o homem olhará com inveja para os meus animaisinhos gregarios, que são felizes porque seguem a minha lei sapientissima.

E não solverá o problema do governo; e mais formas de governo invente, mais sofrerá sob elas — *esquecido de que não criei governo.* E criará o Estado, monstro de maxilas leoninas, por meio do qual a minoria astuta parasitará cruelmente a maioria estupida. E afim de manter nedio e forte esse monstro, os sabios escreverão livros, os matematicos organizarão estatisticas, os generais armarão exercitos, os juizes erguerão cadafalsos, os estadistas estabelecerão fronteiras, os pedagogos atiçarão patriotismos, os reis deflagrarão guerras tremendas e os poetas cantarão os herois da chacina — para que jamais a guerra cesse de ser uma permanente.

Queres ver ao vivo, Gabriel, o que vai ser a chimpanzéização do mundo? Corre essa cortina do futuro e espia um momento da humanidade.

Gabriel correu a cortina do futuro e espiou. E viu sobre a crosta da terra uma poeira — poeira movediça. Mas, ansioso de detalhes, Gabriel microscopou e distinguiu uma dolorosa caravana de chimpanzés pelados, em atropelada marcha para o desconhecido.

Miseravel rebanho! Uns grandes, outros pequenos; estes louros, aqueles negrissimos — nada que recordasse a perfeição somatica dos outros viventes, tão iguaesinhos dentro do tipo de cada especie. Que feia variedade! Ao lado do hercules, o torto, o capenga, o cambaio, o corcovado, o corcunda, o raquitico, o tropego, o careteante, o zanaga, o zarolho, o caréca, o manco, o cego, o tonto, o surdo, o espingolado, o nanico... Caricaturas moveis, com os mais grotescos disparates nas feições, era impossivel apanhar-lhes de pronto o tipo padrão. E Gabriel evocou mentalmente a linda coisa que é um desfile de abelhas ou pinguins, no qual não ha um só individuo que destoi do padrão comum.

Da manada humana subia um rumor confuso. Gabriel desencerou os ouvidos e pôde distinguir sons para ele ineditos: tosse, espirros, escarradelas, fungos, borborigmas, ronqueira asmatica, gemidos nevralgicos, ralhos, palavrões de insulto, blasfemias, gargalhadas, guinchos de inveja, rilhar de dentes, bufos de colera, gritos histericos...

Depois observou que á frente das multidões caminhavam seres de escol, semi-deuses lantejoulantes, vestidos fantasiosa-

Digitized by Google

mente, pingentados de cristaisinhos embutidos em engastes metalicos, com penas de aves na cabeça, cordões e fitas e crachás e missangas...

— Quem são?

— Os chefes, os magnatas, os reis: os condutores de povos. Conduzem-n'os... não sabem para onde.

E viu, entremeio á multidão, homens armados, tangendo o triste rebanho a golpes de espada ou vergalho. E viu uns homens de toga negra que liam papeis e davam sentenças, fazendo pendurar de forcas miseraveis criaturas, e a outras cortar a cabeça, e a outras lançar em ergastulos para o apodrecimento em vida. E viu homens a cavalo, carnavalescamente vestidos, empenachados de plumas, que arregimentavam as massas, armavam-nas e atiravam-nas umas contra as outras. E viu que depois de tremenda carnificina um grupo abandonava o campo em desordem, e outro, atolado em sangue e em carne gemebunda, cantava o triunfo num delirio orgiaco, ao som de musicas marciais. E viu que os homens de penacho, organizadores das chacinas, eram tidos em elevadissima conta. Todos os aplaudiam, delirantes, e os carregavam em charolas de apoteose. E viu que a multidão caminhava sempre inquieta e em guarda, porque o irmão roubava o irmão, e o filho matava o pai, e o amigo enganava o amigo, e todos se maldiziam e se caluniavam, e se detestavam e jamais se compreendiam...

Horrorizado, Gabriel cerrou a cortina do futuro e disse ao Criador:

— Se vai ser assim, cortemos pela raiz tanto mal vindouro. Um chimpanzé a menos no paraiso e estará evitado o desastre.

— Não! respondeu o Criador. Tenho um rival: o Acaso. Ele criou o homem, provocando a lesão desse macaco, e quero agora ver até a que extremos se desenvolverá essa criatura aberrante e alheia aos meus planos.

Gabriel piscou por uns momentos (quatorze vezes ao certo), desnorteado pela expressão "quero ver" jamais caida dos labios do Senhor. Haveria porventura algo fechado, ou obscuro, á preciencia divina?

E Gabriel ousou interpelar Jeová.

— Não sois, então, Senhor, a Preciencia Absoluta?

Jeová franziu os sobrolhos terriveis e murmurou apenas:

— Eu Sou, e se Sou, Sou tambem O que se não interpela.

Gabriel encolheu-se, como fulminado pelo raio e sumiu-se da presença do Eterno com pretexto de uma vista d'olhos pelo Eden.

Digitized by Google

Linda tarde! O sol moribundo chapeava debruns de cobre nos gigantescos samambaiuçús, a cuja sombra dormitavam megaterios de focinhos metidos entre as patorras.

As arqueopterix desajeitadonas chocavam na areia seus grandes ovos.

Um urso das cavernas catava as pulgas da companheira com a minuciosa atenção dum entomologista apaixonado, e de longe vinham urros de estegossaurios perseguidos por motucões venenosos.

Ao fundo dum vale de avencas viçosas como bambús, dois labirintodontes amavam-se em silencioso e pacato idilio, não longe de um leão fulvo que comia a carne fumegante da gazela caçada.

Aves gorgeavam amores nos ramos; serpes monstruosas magnetizavam monstruosas rãs; flores carnivoras abriam a goela das corolas para a apanha de animaisinhos incautos.

Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguisse a Vida — tudo rigorosamente de acordo com a senha divina.

Só Adão, o macaco lesado, discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa ideia.

Gabriel parou perto dele e deixou-se ficar a observa-lo. Viu que Adão, de olhos ferrados numa toca de onça, *raciocinava*: "Ela sai e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha..."

Eva, a macaca ilesa, permanecia muda ao seu lado, embevecida no macho pensante. Não o compreendia — não o compreenderia nunca! — mas admirava-o, *imitava-o* e obedecia-lhe passivamente.

Nisto, a onça deixou o antro e foi tocaiar uma veadinha.

— "Acompanha-me!" disse Adão á companheira — e ambos precipitaram-se para a toca da onça, cuja entrada fecharam por dentro com uma grande pedra roliça. E ficaram *donos*.

Gabriel, que acompanhara toda aquela maromba, acendeu um cigarro de papiro, baforou para o ceu tres fumaças e murmurou:

— Ele já é inteligencia. Ela não passa de imitação. E' logico: só ele foi lesado no cerebro; mas vão ver que Eva, a instintiva, ainda acabará fingindo-se lesada...

E o primeiro difamador da mulher foi jogar sua partida de gamão com o Todo Poderoso.

1924

Digitized by Google

Um homem honesto

— Excelente criatura! Dali não vem mal ao mundo. E honesto, ah! honesto como não existe outro — era o que todos diziam do João Pereira.

João Pereira trabalhava em repartição publica. Estivera a principio num tabelionato, e depois no comercio como caixeiro do emporio *Ao Imperador dos Generos.*

Deixou o emporio por discordancia com a tecnica comercial do imperante, que toda se resumia no velhissimo lema: gato por lebre. E deixou o cartorio por não conseguir aumentar com extras o lucro legal do honradissimo tabelião. Atinha-se ao regimento de custas, o ingenuo, como se aquilo fôra a tabua da lei de Moisés, coisa sagrada.

Na repartição vegetava já de dez anos sem conseguir nunca mover passo à frente. Ninguem se empenhava por ele, e ele, por honestidade, não orgulho, era incapaz de recorrer aos expedientes com tanta eficacia empregados pelos colegas na luta pela promoção.

— Quero subir por merecimento, legalmente, ho-nes-ta-men-te! costumava dizer, provocando risinhos piedosos nos labios dos que "sabem o que é a vida".

João Pereira casara cedo, por amor — não compreendia outra forma de casamento — e já tinha duas filhas mocetonas. Como fossem sobremaneira curtos os seus vencimentos, a pequena familia remediava-se com a renda complementar dos trabalhos caseiros. Dona Maricota fazia doces; as meninas faziam croché — e lá empurravam a pulso o carrinho da vida.

Viviam felizes. Felizes, sim! Nenhuma ambição os atormentava e o ser feliz reside menos na riqueza do que nessa discreta conformidade dos humildes.

— Haja saude que vai tudo muito bem, era o moto de João Pereira e dos seus.

Mas veio um telegrama...

Nos lares humildes telegrama é acontecimento de monta,

Digitized by Google

anunciador certo de desgraça. Quando o estafeta bate à porta e entrega o papelucho verde, os corações batem violentos.

— Que será, santo Deus?

Não anunciava desgraça, aquele. Um tio de João Pereira, residente no interior, convidava-o a servir de padrinho no casamento da filha.

Era distinção inesperada e Pereira, agradecido, foi. E muito naturalmente foi de segunda classe, porque nunca viajara de primeira, nem podia.

Bem recebido, apesar de sua roupa preta fóra da moda, funcionou gravemente de testemunha, disse aos nubentes as chalaças do uso, comeu os doces da festa, beijou a afilhada e no dia seguinte se fez de volta.

Acompanharam-no à estação o tio e os noivos, amaveis e contentes; mas protestaram indignados ao ve-lo meter a maleta num carro de segunda.

— Não admitimos!... Tem que ir de primeira.

— Mas, se já comprei o bilhete de volta...

— E' o de menos, contraveio o tio. Mais vale um gosto do que quatro vintens. Pago a diferença. Tinha graça!...

E comprou-lhe bilhete de primeira, sacudindo a cabeça:

— Este João...

João Honesto, assim forçado, pela primeira vez na vida embarcou em vagão de luxo, e o conforto do *Pullman,* mal o trem partiu, levou-o a meditar sobre as desigualdades da vida. A conclusão foi dolorosa. Verificou que é a pobreza o maior de todos os crimes, ou, pelo menos, o mais severa e implacavelmente punido.

Aqui, por exemplo, neste vagão dos ricos, refletia ele: poltronas de couro, boas molas no *truck,* asseio meticuloso, janelas amplas, criado às ordens. Tudo pelo melhor. Já nos carros dos pobres é o reverso, demonstrando-se o proposito de castigar com requintes de crueldade o crime de pobreza dos que neles embarcam. Nada de molas nos *trucks,* para que o rodar aspero, solavancado, faça padecer a carne humilde. Nos bancos de tabua dura, tudo reto e anguloso, sem sequer um boleio que favoreça o repouso das nadegas. Bancos feitos de tabuinhas estreitas, separadas entre si de modo a martirizar o corpo. O espaldar — uma tabua a prumo — vai só até meia altura, negando assim a esmolinha dum apoio à triste cabeça do "sentado". Bancos, em suma, que parecem estudados pacientemente por grandes tecnicos da judiaria com o fim de obter o minimo de comodidades no maximo de pos-

Digitized by Google

sibilidades torturantes. As janelas sem vidraças, só de venezianas, dir-se-iam ajeitadas ao duplo fim de impedir o recreio da vista e canalizar para dentro todo o pó de fóra. Nada de lavatorios: o pobre deve ser mantido na sujeira. Agua para beber? Vá ter sêde na casa do senhor seu sogro!

João sorriu. Veio-lhe à ideia lindo "melhoramento" escapo à sagacidade dos tecnicos: encanar para dentro dos vagões de segunda a fumaça quente da locomotiva.

— Incrivel não terem ainda pensado nisso!...

Lembrou-se depois dos teatros, e viu que é lá a mesma coisa. As torrinhas são construidas de jeito a manter bem viva na conciencia do espectador a sua odiosa condição social.

— És pobre? Toma! Aguenta a dor de espinha do banco sem espaldar nos trens e resigna-te a não ver nem ouvir o que vai no palco.

João Pereira inda filosofava estas desconsoladoras filosofias, quando o trem chegou.

Desembarcaram todos — à rica, pacote e malas por mãos de solicitos carregadores. Só ele conduzia a sua, pequenina mala barata de papelão a fingir couro.

Saiu. Na rua, porém...

— *"Diario P'ular, Plateia..."*

...lembrou-se dum jornal comprado em caminho e que deixara no carro. Não vale nada um jornal lido? Vale, sim, e tanto que Pereira voltou depressa a busca-lo. Sempre é um bocado a mais de papel na casa. Ao penetrar no *Pullman* vazio tropeçou num pacote largado no chão.

— Não sou eu só o esquecido! refletiu Pereira a sorrir, apanhando-o.

A curiosidade não é privilegio das mulheres. João apalpou o pacote, cheirou-o e por fim rasgou de leve um canto do envólucro.

— Dinheiro!

Era dinheiro, muito dinheiro, um pacotão de dinheiro!

Pereira sentiu um tremelique d'alma e corou. Se o vissem naquele momento, sózinho no carro, com o pacote a queimar-lhe as mãos... "Péga o larapio!" Esqueceu do jornal lido e partiu incontinenti à procura do chefe da estação.

— Dá licença?

O chefe interrompeu o que fazia e olhou-o com displicencia.

— Encontrei num carro do expresso este pacote de dinheiro.

Digitized by Google

À magica voz de dinheiro o chefe perfilou-se e, arregalando os olhos num dos bons assombros da sua vida, exclamou pateticamente:

— Dinheiro?!...

— Sim, dinheiro, confirmou João. Num carro do expresso. Eu voltava de Himenopolis, e ao desembarcar...

— Deixe ver, deixe ver...

João depôs sobre a mesa o pacote. Com os oculos erguidos para a testa, o chefe desfez o amarrilho, desembrulhou o bolo e assombrado viu que era na verdade dinheiro, muito dinheiro, um dinheirão!

Contou-o, com dedos comovidos.

— Trezentos e sessenta contos!

Pasmou. Encarou a fito o homem sobrenatural. Abriu a boca. Depois, erguendo-se, disse em tom sincero, espichando-lhe a mão:

— Quero ter a honra de apertar a mão do homem mais honesto que ainda topei na vida. O senhor é a propria honestidade sob forma humana. Toque!

João apertou-lha humildemente, e tambem a de outros auxiliares que se haviam aproximado.

— O seu caso, continuou o chefe, marcará epoca. Ha trinta anos que sirvo nesta companhia e nunca tive conhecimento de coisa identica. Dinheiro perdido é dinheiro sumido. Só não é assim quando o encontra um... como é o seu nome?

— João Pereira, para o servir.

— Um João Pereira, o Honrado. Toque de novo!

João saiu nadando em delicias. A virtude tem suas recompensas, deixem falar, e a conciencia dum ato como aquele cria n'alma inefavel estado de extase. João sentia-se muito mais feliz do que se tivera no bolso, suas para sempre, aquelas tres centenas de contos.

Em casa narrou o fato à mulher, minuciosamente, sem todavia indicar o *quantum* achado.

— Fez muito bem, aprovou a esposa. Pobres, mas honrados. Um nome limpo vale mais do que um saco de dinheiro. Eu sempre o digo às meninas e puxo o exemplo deste nosso vizinho da esquerda, que está rico, mas sujo como um porco.

João abraçou-a comovido e tudo teria ficado por ali se o demonio não viesse espicaçar a curiosidade da honrada mulher. D. Maricota, depois do abraço, interpelou-o:

— Mas quanto havia no pacote?

— Trezentos e sessenta contos.

Digitized by Google

A mulher piscou seis vezes, como se jogada de areia nos olhos.

— Quan... quan... quanto?

— Tre-zen-tos e ses-sen-ta!

Dona Maricota continuou a piscar por varios segundos. Em seguida arregalou os olhos e abriu a boca. A palavra dinheiro nunca lhe sugeria a ideia de contos. Pobre que era, dinheiro significava-lhe cem, duzentos, no maximo quinhentos mil réis. Ao ouvir a historia do pacote, imaginou logo que se trataria aí duns centos de mil réis apenas. Quando, porém, soube que a soma atingia a vertigem de trezentos e sessenta contos, sofreu o maior abalo de sua vida. Esteve uns momentos estarrecida, com as ideias fora do lugar. Depois, voltando a si de salto, avançou para o marido num acesso de colera histerica, agarrou-o pelo colarinho, sacudiu-o nervosamente.

— Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idiota!... Idioooota...

E caiu numa cadeira, tomada de chôro convulso.

João pasmou. Seria possivel que morasse tantos anos com aquela criatura e ainda lhe não conhecesse a alma a fundo? Tentou explicar-lhe que seria absurdo variar de proceder só porque variava a quantia; que tanto é ladrão quem furta um como quem furta mil; que a moral...

Mas a mulher o interrompeu com outra série de "idiotas" esganiçados, histericos, e retirou-se para o quarto, descabelando-se, louca de desespero.

As filhas estavam na rua; quando voltaram e souberam do caso, puseram-se incontinenti ao lado da mãe, furiosissimas contra a *tal honestidade* que lhes roubava uma fortuna.

— Você, papai...

João quis impor a sua autoridade paterna. Ralhou, e fe-las ver quão indecoroso era pensarem de semelhante maneira. Foi peor. As meninas riram-se, escarninhas, e deram de suspirar com o pensamento posto na vida de regalos que teriam se o pai possuisse melhor cabeça.

— Automovel, um bangalô em Higienopolis, meias de seda...

— ...com *baguettes*...

— ... chapeus de Mme. Lucille, vestidos de tafetá...

— Tafetá? Seda *lamée!*...

— Meninas! esbravejou Pereira. Eu não admito!

Elas sorriram com ironia e retiraram-se da sala, murmurando com desprezo:

Digitized by Google

— Coitado! Até dá dó!

Aquele nunca imaginado desrespeito magoou-o inda mais do que a repulsa da mulher. Pois quê?! Ter aquela recompensa uma vida inteira de sacrificios norteada no culto severo da honra? Insultos da esposa, censura e sarcasmo das filhas? Teria, acaso, errado?

Verificou que sim. Errara num ponto. Devia ter entregue o dinheiro em segredo, de modo que ninguem viesse a ter noticia do incidente...

Os jornais do dia seguinte trouxeram notas sobre o grande acontecimento. Louvaram com calor aquele "gesto raro, nobilissimo, denunciador das finas qualidades morais que alicerçam o carater do nosso povo".

A mulher leu a noticia em voz alta, por ocasião do almoço e, como não houvesse sobremesa, disse à filha:

— Leva, Candoca, leva este elogio ao armazem e vê se nos compra com ele meio quilo de marmelada...

João encarou-a com infinita tristeza. Não disse palavra. Largou o prato, ergueu-se, tomou o chapeu e saiu.

Na repartição consolou-se. Receberam-no com parabens e louvores.

— O teu ato é daqueles que nobilitam a especie humana, disse, dando-lhe a mão, um companheiro. Toque.

Pereira apertou-lha, mas já sem comoção nenhuma, preferindo no intimo que não lhe falassem naquilo.

Estavam todos curiosos de saber como fôra a coisa e rodearam-no.

— Conta por miudo a historia, João.

— Muito simples, respondeu ele com secura. Encontrei um pacote de dinheiro que não era meu e entreguei-o, aí está.

— Ao dono?

— Não. A um chefe, a um chefe lá...

— Muito bem, muito bem. Mas, escuta: não devias ter entregue o dinheiro antes de saber a quem pertencia.

— Perfeitamente, acudiu outro. Antes de saber a quem pertencia e antes que o dono reclamasse...

— ... e provasse — pro-va-sse entendes? que era dele! concluiu um terceiro.

João irritou-se.

— Mas que é que têm vocês com isso? Fiz o que a minha conciencia ordenava e pronto! Não compreendo essa meia-honestidade que vocês preconizam, ora bolas!

— Não se abespinhe, amigo. Estamos dando nossa opi-

Digitized by Google

nião sobre um fato publico que os jornais noticiaram. Você hoje é um caso — e os casos debatem-se.

O chefe da seção entrou nesse momento. A palestra cessou. Cada qual foi para sua mesa e João absorveu-se no trabalho, de cara amarrada e coração pungido.

À noite, na cama, já mais conformada, dona Maricota voltou ao assunto.

— Você foi precipitado, João. Não devia ter tanta pressa em entregar o pacote. Por que não o trouxe primeiro aqui? Eu queria ao menos ver, pegar...

— Que ideia! "Ver, pegar"...

— Já contenta uma pé-rapada como eu, que nunca enxergou pelega de quinhentos. Trezentos e sessenta contos!...

— Não suspire assim, Maricota! Basta a cena de ontem...

— Impossivel. E' mais forte do que eu...

— Mas, venha cá, Maricota, fale sinceramente, fale de coração: acha mesmo que fiz mal procedendo honestamente?

— Acho que você devia ter trazido o dinheiro e devia consultar-me. Guardavamos o pacote e esperavamos que o dono o reclamasse — e provasse — pro-va-sse que era dele...

— Dava na mesma. Esse dinheiro nunca seria meu.

— Ficava sendo, é bôa! Mas, olhe, João, você nunca pensou bem. Você não tem boa cabeça. E' por isso que vivemos toda a vida esta vidinha miseravel, comendo o pão que o diabo amassou...

— "Vidinha miseravel!"... Sempre fomos felizes, nunca percebemos que eramos pobres...

— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— "Deus"...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé. Poderiamos estar hoje ricos, fazendo caridade, beneficiando os doentes... Quanta coisa! Mas a *tal honestidade*...

— "A tal honestidade!..."

— Sim, sim! Tudo tem conta na vida, homem! Ladrão é quem furta um; quem pega mil é barão, você bem sabe. Veja os seus companheiros. O Nunes, que começou com você no cartorio, já ronca automovel e tem casa.

— Mas é um gatuno!

— Gatuno, nada! O Claraboia, esse já tem fabrica de chapeus. O sêo Miguel — até quem, meu Deus! — comprou outro dia um terrenão em Vila Mariana.

Digitized by Google

— Mas é um passador de nota falsa, mulher!

— Passador de nota falsa, nada! Tem boa cabeça, é o que é. Não vai na onda. Não é um trouxa como você...

E não teve mais arranjo a vida do homem honrado. Adeus, paz! Adeus, concordia! Adeus, humildade! A casa tornou-se-lhe um perfeito inferno. Só se ouviam suspiros, palavras duras. João perdeu a esposa. Impossivel reconhecer na meiga companheira de outróra a criatura amarga, irredutivel de ideias, que a visão dos trezentos e sessenta contos produzira.

E aquele côro que com ela faziam as meninas, sempre ironicas, sarcasticas...

— O vestido da Climene custou quinhentos mil réis. Quando teremos um assim!

— Pois, olhe, às vezes a gente *acha* na rua vestidos assim não um, mas centenas...

— Que adianta? *Acha,* mas *desacha*...

E suspiros.

Tambem na repartição foi-se-lhe o sossego. Todos os dias torturavam-no com alusões e indiretas ironicas.

Certa vez um dos colegas disse logo ao entrar:

— Sabem? Encontrei na rua um lindo broche de brilhantes.

— E levaste-o logo ao *chefe,* digo, ao Gabinete dos Objetos Achados...

— Não sou nenhum trouxa! Levei-o, sim, ao prégo. Deu-me trezentos e sessenta mil réis — e desde já vos convido a todos para uma vasta farra no domingo proximo.

— Vai tambem, sêo Pereira?

O martir não respondeu, fingindo-se absorto no trabalho.

— Não dá a honra... E' um homem honéééésto... Raça privilegiada, superior, que não se mistura, que não liga... Pois vamos nós, beber à bessa, beber o broche inteirinho! Nem todos nascem com vocação para santo do calendario.

E o peor foi que desde o malfadado encontro do dinheiro João Pereira entrou a decair socialmente. Parentes e conhecidos deram de fazer pouco caso no "trouxa". Se alguem lhe lembrava o nome para algum negocio, era fatal o sorrisozinho de piedade.

— Não serve, o João não serve. E' um coitado...

Digitized by Google

Convenceram-se todos de que João Pereira não era "um homem do seu tempo". O segredo de todas as vitorias está em ser um homem do seu tempo...

Seis meses depois o descalabro da casa era completo. Perdida a alegria de outróra, dona Maricota azedara de genio. Vivia num desanimo, lambona, descuidada dos afazeres domesticos, sempre aos suspiros.

— Para que lutar? Nunca sairemos disto... As ocasiões não aparecem duas vezes e quem deixa de agarra-las pelos cabelos está perdido.

Aquele desleixo agravou a situação financeira da casa. Todos os encargos recaiam agora sobre os ombros do chefe, cujo ordenado não aumentava.

João enojou-se da vida e perdeu o animo de vive-la até o fim. Desejou a morte e acabou pensando no suicidio. Só a morte poria termo àquele martirio de todos os momentos, forte demais para uma alma bem formada como a sua.

Um dia o proprietario do predio suspendeu o aluguel. Dona Maricota deu a noticia ao marido, cheia de indiferença.

— Esteve cá o homem da casa e disse que do proximo mês em diante são mais cincoenta...

— ? !...

— Mais cincoenta mil réis, sim, ali na ficha! Ou, então, olho da rua!

— Mas é uma exploração miseravel! exclamou Pereira. A casa é um pardieiro e nós não podemos, positivamente não podemos...

— Pois é. E quando uns diabos destes perdem pacotes — porque você bem sabe que só eles possuem pacotes para perder — inda aparece quem lhos restitua... Você está vendo agora como eles formam os tais pacotes. Arrancando o pão da boca duns miseraveis como nós — dos *honestos*...

— Pelo amor de Deus, Maricota, não me fale mais assim que sou capaz duma loucura!...

— Está arrependido? Está convencido de que foi tolo? Pois quando encontrar outro pacote faça o que todos fariam: meta-o no bolso. Quem rouba a ladrão tem cem anos de perdão.

Estavam à mesa, sozinhos, tomando o magro café da noite.

—E você ainda não sabe de uma coisa, continuou ela depois duma pausa, como indecisa se contaria ou não.

— Que é?

Digitized by Google

— Disse-me hoje a Ignezinha que você anda por aí de apelido às costas...

— Quê?

— *João Trouxa!* Ninguem diz mais João Pereira...

O martir ergueu-se, lançado por violento impulso interno.

— Basta! exclamou num tom de desvario que assustou a mulher — e largando a chicara de chofre retirou-se para o quarto precipitadamente.

Dona Maricota, ressabiada, susteve a sua caneca a meio caminho da boca. E assim ficou, suspensa, até que tombou para trás, estarrecida.

Reboara no quarto um tiro — o tiro que matou o ultimo homem honesto...

1923

Digitized by Google

O rapto

Sou oculista.

Dentre tantas especialidades abertas ao anel de pedra verde, barafustei pela oftalmologia, movido de nobres razões sentimentais. Lutar contra a noite da retina, arrebatar presas à treva: poderá existir profissão mais abençoada?

Assim pensei, e jamais me arrependi de o ter pensado. Minha melhor paga nunca foi o dinheiro ganho em troca dos milagres da faca de Graefe, (1) senão o extase da triste criatura imersa na escuridão, ao ver-se de subito restituida à luz.

O oculista, fora dos grandes centros, é um animal andejo. Não pode estacionar permanentemente no mesmo ponto, a exemplo dos colegas que curam todas as molestias conhecidas e *quibusdam aliis*. Possue em cada zona um reduzido grupo de clientes, curados os quais, ou desenganados, força é que abale de freguesia.

Fiz-me andejo. Andei de déo em déo, por Séca e Méca, desfazendo cataratas, recompondo nervos óticos; e se não enriqueci, vale um tesouro o livro da minha carreira clinica, tão cheio o tenho de impressões suculentas de psicologia ou pitoresco.

Estampo cá uma delas: o caso do cego do Rio Manso. Não é caso comico e não será tragico; duvido, porém, que me apresentem outro mais humano — e de tão grande rigor de logica.

Rio Manso é viloca que os fados plantaram seis leguas além de Itaguassú, cidadezinha onde permaneci tres meses de consultorio aberto.

Parti para Rio Manso — lembro-me tão bem! — bifurcado em asperrimo sendeiro de aluguel, avatar evidente do Rocinante, salvo o trote, que o tinha capaz de desfazer em pandarecos a nobre vestimenta de lata do heroi manchego.

1. Instrumento cirurgico usado nas operações de catarata.

Digitized by Google

Meu Sancho era o Geremario, excelente cabrocha a quem extirpei uma catarata e que virou desd'aí o meu fidelissimo escudeiro.

Nem eu, nem ele, conheciamos o caminho. Não obstante, funcionou Geremario como perfeita bussola, agudissimo que é o senso de orientação adquirido pela gente da roça no traquejo da vida ao ar livre.

A terra é para eles um mapa vivo; e o chão das estradas, um roteiro luminoso. Conhecem a primor a linguagem dos sinais impressos no solo vermelho — sulcos de carros, pegadas de animais, galhos partidos, restos de fogueirinhas — e os lêem como nós lemos letra de fôrma. Foi assim que o arguto Geremario em certo ponto de viagem murmurou convictamente, com os olhos postos no caminho:

— Estamos chegando!

Olhei em redor e nada vi senão a mesma morraria desnuda, as mesmas samambaias. Nada denunciativo de povoado proximo.

— Como sabe, se nunca viajou destas bandas?

O meu cabrocha sorriu com malicia e explicou:

— A estrada está peorando. Estrada ruim, camara municipal perto...

De fato, o caminho, bom até ali, principiava a esburacar-se. Pus-me a observar a mudança, rapida transição para peor, até que, dobrada uma curva, de chofre avistamos as primeiras casas da vila.

— Não disse? exclamou jubiloso o pagem. Camara municipal é marca que não nega...

Ri-me por fóra, e por dentro admirei a suave ironia daquela agudeza de altos quilates.

Todos os nossos povoados possuem o mesmo aspecto suburbano — a mesma somatica, como diria o meu velho professor de patologia, no seu preciosismo de academico.

A estrada principia de repente a margear-se de humildes casebres de sapé e barro, com cercas de bambú atrepadas do melão de São Caetano, ou cercas vivas de pinhão do Paraguai, cactus e outras plantas da zona. Aos poucos os casebres melhoram. Começam a surgir casas de telha, já rebocadas, já caiadas; e vendinhas; e tendas de ferradores; e assim vai em gradação insensivel até virar rua, com passeios e espaçados lampeões de querozene.

Tambem a categoria social dos moradores acompanha tal ascenção. De mendigos, de velhos negros capengas, de sor-

Digitized by Google

didas pretas que se espiolham ao sol — perfeita varredura humana de entristecedor aspecto — a população passa a jornaleiros, a gente pobre mas arranjadinha até chegar à "gente limpa". E como a rua, no crescendo em que vai, desfecha em praça — o largo da matriz, com gramados, coreto de musica e casas de comercio — assim tambem as "almas" sobem do mendigo roto ao senhor doutor delegado e ao excelentissimo senhor coronel N. N., chefe da politica local, semi-deus, dono e tutú-marambaia da terra.

Ao entrar em Rio Manso, vencidos os primeiros casebres, chamou-me atenção um berreiro. Em certa casinhola fechada ia rolo velho, surra ou luta, a avaliar pelos gritos que de lá vinham. Não posso ver dessas coisas sem intervir. Parei à porta e com rompante de autoridade dei com a argola do relho.

— Que é lá isso aí?

O rumor interno cessou, mas ninguem me respondeu. Nisto aproximaram-se alguns vizinhos, de mãos no bolso e ar velhaco.

— Que terra é esta? gritei. Mata-se gente dentro das casas e ninguem se move?...

Retrucou-me um deles:

— Se a gente fosse se incomodar cada vez que o Bento Cego desce o guatambú nos filhos...

"Guatambú nos filhos..." Bento Cego..." O caso interessava-me. Pedi informações.

— E' um cego que mora aqui, o Bento. Ele gosta da sua pinguinha. Bebe às vezes demais, vira valente e mete a lenha nos filhos. Tranca a porta e é, como diz o outro, pancada de cego!

Fiquei na mesma e, vendo que o sujeito não me adiantava o expediente, bati de novo à porta com o cabo do relho. Abriu-ma dessa feita um rapazinho aí dos seus quatorze anos. Interpelei-o. O menino, a coçar-se, olhou para a gente reunida atrás de mim e riu-se.

— Bem se vê que o senhor não é daqui. Papai é assim mesmo. Bebe seus martelinhos (1) e quando esquenta a cabeça o gosto dele é bater. "Nós deixa", e até "se diverte" com isso...

Assombrei-me. Um pai cujo gosto é bater na prole e filhos que se divertem com a surra! Mas como cada roca tem seu fuso e eu não conhecia o uso daquela terra, não pedi

1. Martelo — medida de pinga, correspondente a um calice.

Digitized by Google

mais — toquei para o hotel, vivamente interessado pelo estranho costume daquela familia.

Armei tenda em Rio Manso e pus-me a consertar olhos. Entrementes, enfronhei-me na historia do Bento Cego. Nascera arranjado, filho dum fiscal da camara, e quando casou morava em casa propria, legada pelo pai e sita em rua de procissão. Maus negocios fizeram-no perde-la e passar a rua mais modesta. Vieram filhos, vieram doenças, macacôas de toda a especie, urúcas, e Bento, a decair mais e mais, foi rolando para baixo até acabar cego, à beira da cidade, na zona da mendicancia.

Como e por que?

Era Bento um triste incapaz. Não prestava para coisa nenhuma. Começasse por onde começasse, seu destino seria sempre aquele, acabar na rua chorando esmolas. Bôbo em negocios, tinha, entretanto, fumos de finorio. Piscava o olho a cada transação que fazia, e quando os arregalava via-se logrado, tungado, embrulhado, furtado pelos "passadores de perna".

Fez-se barganhista, e jamais a barganha (1) lhe deu o menor lucro. Começou pela casa. Barganhou-a por outra, muito inferior, tentado pela "volta". Em tres meses comeu a "volta" e ficou a nenhum em materia monetaria.

Mas a tentação da "volta" não o abandonou mais. Iria barganhando e comendo as "voltas": solução mirifica, pensou ele piscando o olho.

E assim fez.

Casão por casa, casa por casinha, casinha por dois carros e quatro juntas de bois, carros por dois cavalos, os dois cavalos por uma besta de fama que fazia e acontecia e não sei quem dava por ela oitocentos "bagos" — um negocião, sempre um negocião!

A ciganagem espigatoria (2) viu nele uma perfeita mina incapaz de resistir ao sézamo — "volta"!

E tantas voltas deram no pisca-olho, que Bento se viu por fim com toda a herança paterna reduzida à mula, que não valia nem metade do preço. O freguês dos oitocentos bagos era fantastico e por muito feliz se deu ele de passa-la

---

1. Existe pelo interior a "arte da barganha" — em que na troca de um objeto por outro o mais esperto ganha uma "volta" em dinheiro.

2. Os que na barganha sabem lograr o parceiro ingenuo.

Digitized by Google

adiante por duzentos e sessenta mil réis, mais uma garrucha velha de lambuja.

Os filhos, já taludos por esse tempo, sairam ao pai. Nunca frequentaram escolas, nem queriam saber de trabalho. Não se "sojeitavam". Pelas vendas, atôa pelas ruas, viraram os peores moleques da terra e transformaram num inferno a casa do Bento. Exigencias, brigas diarias, palavrões imundos e uma lambança das mais sordidas. E como o pai, frouxissimo de carater, nunca tivesse animo de lhes torcer o pepino, eles acabaram torcendo o pepino ao pai. Tratavam-no como se trata cachorro, aos pontapés, e por fim, quando a miseria chegou e faltou um dia feijão à panela, foram às ultimas — espancaram-no.

Bento não reagiu.

Reagir como, se eram tres e ele não chegava a um? Resignou-se. E estimulados por tamanha covardia entraram os filhos a repetir as doses, a amiudarem-nas, até o meterem para ali, num canto, bode expiatorio e armazem de pancadas.

Bento deixou de ser homem. Passou a coisa humana, triste molambo de carne pensante, timida, apavorada; desprezado de todos, seu consolo unico era o alcool, em cujo sopor vivia agora imerso.

Tal situação durou até à venda da besta! Aí explodiu. Quando entraram em casa os duzentos e sessenta mil réis, mais a garrucha, Bento anunciou que ia aplica-los num excelente negocio. Fartos de excelentes negocios, os filhos opuseram-se. Ele havia que repartir o cobre.

Bento resistiu, retesando as vagas fibras da energia restante em sua alma. Os filhos quebraram-lhe a cara com o cabo da garrucha e fugiram com o dinheiro.

Datou d'aí a cegueira do homem, pois do espancamento resultou traumatismo do nervo ótico e consequente catarata.

Bento passou a mendigo.

Viuvo que era, sem um cão em casa, arranjou um cão, um porrete, um negrinho sarambé ajustado para guia e iniciou vida nova.

Como em Rio Manso não existissem cegos, todos se apiedaram dele. Davam-lhe roupas velhas, chapeus, mantimentos, dinheiro — afora consolações verbais.

Resultou disso que uma relativa abundancia veio substituir-se à miseria de até então. Chapéus, possuia-os às duzias, e de todos os formatos, inclusive cartola! Calças pa-

Digitized by Google

letós e coletes, às pilhas. Até fraques e uma formosa sobrecasaca de debrum vieram enriquecer-lhe o guarda-roupa.

Bento dizia:

— Deus dá nozes a quem não tem dentes. Agora que é um corpo só na casa, tanta roupa, até fraque...

Mas os filhos marotos cheiraram de longe a reviravolta da fortuna e bateu-lhes a pacuéra do arrependimento. Hoje um, amanhã outro, vieram os tres, cabisbaixos e humilimos, implorar perdão ao velho.

Que não perdoará um cego, inda mais pai? Bento perdoou-os e readmitiu-os em casa. A esmola sempre farta havia de dar para todos.

E deu. Nunca daí por diante faltou feijão à panela, nem roupa ao corpo, nem dinheirinho para o resto, inclusive cachaça e fumo.

Milagre! Aquele homem que de olhos perfeitos jamais conseguira coisa alguma na vida alem do desprezo do publico e da pancada dos filhos, recebia agora provas de carinho, gozava certa consideração, fazia-se chefe da casa, respeitado, ouvido — e até temido!

Acostumou-se a mandar e a ser obedecido. E não o fizessem! E não o fizessem depressa! Sua mão, outróra tão frouxa, esmagava agora todas as resistencias. Sua vontade encorpou, enrijou, deitou os galhos da veneta.

Até da viuvez remendou-se o Bento. Surgiu logo uma parenta pobre que lhe escreveu propondo-se a morar com ele e cuidar da casa. Veio a mulher, arrumou-se, deu boa aparencia de limpeza e ordem ao tugurio da lambança e do desmazelo — fazendo coisa fina, que a toda a gente causava pasmo.

Bento chegou a pensar na aquisição da casinha, e foi apartando vintens para isso.

Mais tarde, novo parente em petição de miseria veio achegar-se à sua sombra — um corujão misantropo, que lhe contava lorotas e lia capitulos do Bertoldo e da *Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares da França.*

Bento era fanatico de Roldão e nunca admitiu que fosse lida a segunda parte do livro, em que Bernardo Del Carpio vence os doze pares.

— Mentira! Não venceu nada, dizia ele. Veja se um Bernardo, seja donde diabo fôr, é lá capaz de aguentar uma só lambada da durindana de Roldão! Venceu coisa nenhuma...

Uma nuvem apenas toldava a paz da familia restaurada. Bento bebia, e se errava a dose, sorvendo a mais um mar-

Digitized by Google

telo que fosse, esquentava a cabeça. Aspectos da vida antiga vinham-lhe então à memoria: o caso da besta, a cena da pancadaria, e Bento, com grande furor, apostrofava os filhos criminosos. Em seguida castigava-os. Corria os ferrolhos das portas e, chispando maldições tremendas, deslombava-os à cega.

Os filhos suportavam o tratamento sem a minima reação. Mereciam-no e, além disso, era tão gostosa aquela vidinha esmolenga...

Foi por essas alturas que cheguei a Rio Manso, e o caso do Bento, que desde o primeiro dia me interessara à curiosidade, interessou-me depois à piedade.

Resolvi cura-lo.

Examinei-o e vi que cegara em virtude de catarata de origem traumatica, sob forma de facil remoção. A faca de de Graefe punha-o bom em tres tempos.

Propus-lhe o tratamento.

— Deus que o abençôe! Que vontade que tenho de ver de novo o sol! O sol, as côres, as gentes... Só quem perdeu a vista sabe o que valem os olhos. Esta noite sem fim...

— Terá fim a tua, meu velho. O caso é simples e tenho a certeza de por-te sãozinho como dantes. Apronto-te um quarto em minha casa, donde só sairás curado.

— Deus o ouça! Sempre pensei em procurar curar-me. Mas não havia medico por aqui, era preciso ir longe, viagem cara... Se os "videntes" soubessem o que é a cegueira...

"Videntes"! Ele chamava videntes aos cegos que enxergam...

— Pois está combinado. Amanhã cedo vais ao meu consultorio e amanhã mesmo te opero. E verás de novo o sol, as flores, o céu...

A fisionomia do cego irradiava.

— Sabe o que mais desejo ver? disse revirando nas orbitas os olhos branquicentos. A cara dos meus filhos. Eram tão maus e são hoje tão bonzinhos...

No dia seguinte, cedo, preparada a ferramenta, fiquei à espera do meu homem.

Oito, nove horas, dez, onze e nada. Bento não aparecia.

— Geremario, já aprontou o quarto do cego?

Digitized by Google

— Não, senhor.

— Por que? Não ordenei isso hontem?

Geremario sorriu maliciosamente.

— O homem não vem, sêo doutor. Vai ver que não vem. Pois se a sorte dele é ser cego...

Revoltou-me aquele cinismo de opinão e ordenei-lhe com rispidez que cumprisse minhas ordens sem mais filosofias. E inda de vincos na testa saí de rumo à casa do Bento.

Encontrei-a fechada. Bati e ninguem me respondeu. Insistia nisso quando à janela do casebre fronteiro assomou a trunfa duma bodarrona em camisa.

— Pode dizer-me que fim levou a gente desta casa? perguntei-lhe.

— Sêo Bento? Sêo Bento foi-se embora. Ali pelas dez da noite os filhos "vinheram" com um carro de boi e um recado seu.

— Meu!...

— Seu, sim! Que o doutor mandou dizer que fosse já, já, por causa da operação — uma historia comprida. Sêo Bento trepou no carro, com aquela coruja que mora com ele, mais o ledor de livros, e as roupas, e o cachorro, e o negrinho, e a cacaria inteira. Até uma cartola desta altura levaram! Depois o carro seguiu por esse mundo fora...

Fiquei parvo, inteiramente desnorteado de ideias.

A boda prosseguiu:

— Mas se ele só presta porque é cego... Se sarasse, toda a familia afundava na miseria outra vez...

No meu primeiro impeto de dar queixa à policia, disparei para a casa do delegado. A meio caminho, porém, estava arrefecida essa inspiração e ao chegar à delegacia, gelada de todo. Parei à porta. Vacilei.

Em seguida dei de ombros, convencido de que o Geremario tinha razão e tinha razão a boda, e os filhos do cego tinham razão e todo o mundo tem razão.

Policia! A policia viria romper ineptamente esse maravilhoso equilibrio das coisas de que resulta a harmonia universal.

Rodei para casa.

Digitized by Google

Logo ao entrar apareceu-me o Geremario com ar de quem adivinhou tudo.

— Ponha o almoço, ordenei-lhe secamente.

— Sim, senhor. E... posso desarrumar o quarto do cego?

Olhei bem para ele, ainda irritado. Mas a irritação caiu logo. Que culpa tinha o Geremario de conhecer a vida melhor do que eu?

Humilhei-me e respondi apenas:

— Desarrume...

1924

Digitized by Google

A nuvem de gafanhotos

Ser empregado publico de inferior categoria e por mal de pecados demissivel: será isso programa que seduza alguem?

— É.

E para Pedro Venancio mais que seduzia — sorria. Foi, pois, com enlevo d'alma que recebeu a noticia de sua nomeação para fiscal da camara-municipalzinha de Itaoca.

— Vou sossegar, disse consigo, esfregando as mãos de contentamento. Cavei o meu osso e agora é roe-lo pela vida em fora na santa paz do Senhor.

E ferrou o dente no ossinho.

Mas acontece que ha osso e osso. Osso de bom tutano e osso pedra-pome. No andar dos tempos verificou Venancio que o tal ossinho era desses que embotam os dentes sem dar o minimo de suco.

Gastar a vida inteira naquilo? É ser tolo, cochichou-lhe a humana ambição de melhoria, engenhosa fada a quem se devem todos os progressos do mundo. Assim espicaçado, entrou Venancio a fariscar tutanos. Recorreu antes de mais nada à loteria, pois que é a Sorte Grande o supremo engodo dos pé-rapados. Venham gasparinhos! Todas as semanas adquiria um — e sonhava. O mesmo vendeiro que lhe fornecia aos sabados a semanal quarta de feijão, os semanais oito litros de arroz e o semanal cento de cigarros, juntava na conta mil réis de sonhos. E Venancio, comido o feijão, fumado o cigarro, sonhava. Sonhava o doce beijo da Fortuna, bôa deusa que o despegaria do atoleiro com um simples toque de sua asa potente.

Em materia de cultura não era Venancio de todo cru. Lia suas coisas e tinha lá suas ideias. Revelara desde cedo grande embocadura para a lavoura e documentava o pendor assinando quanta publicação oficial existe. Publicações gratuitas...

Assim, nas palestras da farmacia ninguem piava sobre lavoura sem que ele pulasse no meio com a sua colher torta. E era de ver o calor da sua argumentação e a riqueza das suas citações estatisticas.

Digitized by Google

Fazendeiro que nesses momentos passasse, havia que parar e abrir bem aberta a boca. Venancio possuia planos grandiosos para salvar o café e po-lo aí a quarenta mil réis a arroba...

— Quarenta mil réis, Venancio? Não acha meio muito?

Venancio incendiava-se.

— Por que muito? Não somos os maiores produtores? Não temos o quasi privilegio dessa cultura? Se é assim, o logico é que imponhamos o preço. Eu disse quarenta, não foi? Pois digo agora quarenta e cinco! Digo cincoenta!

— !!!

— Não se espantem. Eu provo que pode ser assim e que os americanos têm que gemer ali no dolarzinho, queiram ou não queiram!

— !!!

— Quei-ram ou não quei-ram! reafirmava o salvador, escandindo as palavras.

E provava.

Tambem extinguia em menos de um ano a lagarta rosada, mais o curuquerê; e triplicava a corrente imigratoria; e extraia o azoto do ar, pondo o adubo ao alcance de todos, a cem réis o quilo, talvez mesmo a setenta.

— Porque, como os senhores sabem, a quimica agricola demonstra que...

E demonstrava.

Num desses rompantes demonstrativos o coronel da terra, de passagem pela rua, deteve-se a ouvi-lo e, finda a tirada, disse-lhe à queima-roupa:

— Que excelente ministro da Agricultura não daria você! Duvido que os Calmons e os Bezerras (1) entendam mais de lavoura...

— Está caçoando, coronel! murmurou Venancio com modestia, embora no intimo convencido da justiça da apreciação.

— Falo sério. Bem sabe que não brinco.

Os circunstantes sorriram discretamente, enquanto o massa-de-ministro se lambia todo, como boi solto.

Em casa repetiu à esposa a opinião do chefe politico.

— Brincadeira dele, Pedro! objetou a sensatissima consorte. Não está vendo?

— Brincadeira nada! O coronel é homem que não brinca, você bem sabe...

1. Ministros da Agricultura.

Digitized by Google

Desde esse dia, imaginariamente, Venancio transformou-se num maravilhoso ministro da Agricultura. Plantou-se de armas e bagagens no casarão da Praia Vermelha e com raro tino administrativo salvou o país. Que eficacia de medidas! Que sabias leis protetoras! Que maravilhosos resultados! Lagarta nos algodoais? Nem umazinha para remedio! Curuquerê? Nem sombra! O café trepou à casa dos quarenta...

— Por arroba?

— Por dez quilos, homem!

E, firmissimo, revelava tendencias para alta ainda maior. Os mais pessimistas já concediam que não era de admirar fosse a cincoenta.

A borracha do norte arrancou-se ao marasmo em que emperrara e voltou a ser um Pactolo de esterlinas.

Azoto andava por aí aos pontapés, como um trambolho.

E na cabeça de Venancio os sonhos lotericos desapareceram trocados pelos sonhos administrativos, muito mais amplos e de muito maior alcance patriotico.

A consequencia foi que Venancio se eternizou no ministerio. Varios presidentes se sucederam sem que nenhum ousasse tocar em sua pasta. Era sagrado aquele ministro de genio, que salvara o país, enriquecera a lavoura, desafogara o comercio, consolidara a industria e que, adorado pela nação, teria estatua em vida.

Que teria? Que teve! Por mais que em sua infinita modestia o grande ministro recusasse tal homenagem, a gratidão nacional teimou em glorifica-lo no bronze.

Inesquecivel a manhã em que Venancio, de lagrimas nos olhos, viu rasgarem-se os véus da sua estatua!...

AO SALVADOR DA PATRIA,
O POVO AGRADECIDO.

Agradecido ou enriquecido? A turvação dos olhos não lhe permitiu distinguir a expressão exata — e por longo tempo semelhante duvida o torturou.

Mas a grande recompensa teve-a ele em casa, ouvindo à esposa estas deliciosas palavras:

— Agora, sim, Venancio, acredito que você é mesmo o que dizia. Até estatua!...

A bôa senhora só se convencia com provas de bronze...

O doloroso, porém, era o contraste das duas vidas — ministro por dentro e fiscal da camara por fóra, obrigado a interromper a matutação de um projeto salvador da nação para ir, de bonézinho na cabeça, cercar na rua carros de boi não aferidos...

Digitized by Google

Um ano se passou assim, no qual os gasparinhos falharam lamentavelmente. O mesmo dinheiro; zéro, zéro, zéro; o mesmo dinheiro; zéro, zéro. Os seus rapapés à Sorte Grande recebiam da grande cortezã apenas esta magra resposta. Tabuas sobre tabuas; carranca amarrada sempre e jámais o sorrisozinho de uma "aproximação" para consolo.

Mas um dia...

Nesse dia Venancio disputava com a esposa, que pedia dinheiro para umas compras.

— Estamos com a louça reduzida a cacos. Chicara de chá, duas e desbeiçadas. De café, tres e sem asas. Hontem, quando aquele cacetão do Freitas esteve aqui, fui obrigada a pedir emprestada uma da vizinha. Veja que vergonha...

Venancio relutou.

— Mas por que é que quebram a louça? O ano passado, lembro-me, eu mesmo comprei meia duzia de cada.

Dona Fortunata pôs as mãos na cintura.

— Por que quebram? A pergunta é bem idiotazinha... A louça quebra-se porque é quebravel. Se fosse inquebravel não se quebraria. Parece incrivel que um homem, já indicado para ministro...

— Não admito ironias! Quer louça? Compre com o dote que trouxe...

— Já esperava por essa resposta. Está mesmo uma resposta de ministro... do coronel, concluiu dona Fortunata venenosamente.

Venancio, engasgado de colera, ia replicar, quando a porta da sala se abriu e o vendeiro irrompeu como um pé de vento:

— Deixe ver o seu bilhete! Se é o 3743, deu a tacada!

O improviso do lance transformou em estupor a colera de Venancio, que entrou a piscar, numa tonteira, como quem leva porretada no craio.

— Quê? Que é? tartamudeava ele.

O vendeiro bateu o pé, impaciente.

— O bilhete, homem! Deixe ver o seu bilhete, homem de Deus! Parece estuporado...

Custou a Venancio encontrar na papelada agricola que lhe enchia os bolsos o raio do bilhete. Suas mãos tremiam e o cerebro andava-lhe à roda.

Por fim achou-o.

Era o 3743.

Pegara os vinte contos.

Estas revoluções operadas pela sorte em cerebros venancinos não ha aí quem as conte. É banho de opio, é fumarada

Digitized by Google

de haschich, é gole de cocaina, é bebedeira que rompe toda a velha cristalização dos miolos. Á ebriez do ouro vale pela soma da essencia ultima de todas as mais ebriedades. Só ela abre a gaiola a "todos" os sonhos e põe o homem leve, com pequeninas asas em cada póro do corpo.

No caso de Venancio, porém, não houve muita vacilação. Sua diretriz estava traçada pelo insopitavel pendor agricola.

Uma fazenda, uma grande fazenda, a melhor fazenda do municipio — a fazenda modelo da zona. Da zona? Do país, por que não? E depois, e depois — quem sabe? — o ministerio, desta vez de verdade. O mundo dá tantas voltas...

E faria isto e mais aquilo, e mais isto e mais aquilo. Meu Deus! Como a fazenda se foi aperfeiçoando, e a que requintes de primor atingiu! Legiões de curiosos vinham de longe visita-la, e pasmavam. A fama corria, os jornais estudavam-na em artigos longos. Por fim o governo, impressionado com a voz publica, mandava examina-la e propunha-lhe compra. Era forçoso que pertencesse ao patrimonio da nação uma coisa daquelas, para que todos pudessem aprender na maravilhosa escola as palavras ultimas do aperfeiçoamento agricola.

Mas, vende-la? A um particular, nunca! À nação, sim, coagido pelo patriotismo. Isso mesmo, porém, sob uma condição! Oh, sim, uma condição "sine qua non": darem-lhe a pasta da Agricultura...

— Porque eu, senhores, farei do Brasil inteiro o mimo que fiz da minha fazenda. Um vergel florido! A nova California, o paraiso terreal...

O governo chorava de comoção e dava-lhe a pasta, sob as aclamações delirantes do povo agradecido...

Infelizmente, os vinte contos não eram elasticos e Venancio teve que arrepiar da vertigem megalomanica e adquirir um pequeno sitio, aí de trinta contos de réis. Deu quinze à vista e ficou a dever quinze sob hipoteca. Os cinco restantes reservou-os para custeio e reformas.

Sitio velho, de terras cansadas; mas isso mesmo queria ele, para estrondosa demonstração do axioma tantas vezes berrado na botica:

— Não ha terras más, ha más cabeças. Com a quimica agricola na mão esquerda e um arado na direita, eu faço o Saára produzir milho de pipoca!

— Mas, Venancio...

— Não ha "mas", ha "más": más cabeças, já disse. De pipoca!

Digitized by Google

Tinha agora de provar o asserto.

Começou mudando o nome antigo — sitio do Embirussú — por este muito mais adiantado — "Granja Modelo de Pomona".

Apesar do lindo nome, o sitio permaneceu a pinoia que sempre fôra. Barba-de-bóde, guanxuma, sauva, cupins, joveva, geadas — todos os mimos da brasileirissima deusa Praga.

Em compensação, no que toca ao pitoresco poucos haveria mais bem arranjados. Tudo velho e musgoso e carcomido, como o quer a estetica. Vate de cabeleira que ali caisse, desentranhava-se logo em sonetos do mais repassado bucolismo; e o pintor de paisagens encontrava quadrinhos já feitos, encantadores, que era um gosto trasladar para a tela.

As paineiras laterais à casa faziam em setembro o enlevo dos colibris e das abelhas — mas a paina produzida mal dava para encher um travesseiro.

O pomar, velhissimo, lembrava um ninho de faunos tocadores de avena; laranjeiras de cincoenta anos, pitangueiras altissimas, ameixeiras musgosas, jaboticabeiras, romeiras — o que ha de virgiliano e romantico e sombrio e humido e parasitado. Renda, porém, zero.

Tudo mais pelo mesmo teôr.

Venancio mediu com os olhos penetrantes a grandeza da sua tarefa e sorriu. Tinha tanta convicção de transmutar aquele bucolismo em fonte de lucros...

Começou pelas aves. Em vez daquele sordido restolho de galinhame da terra, sem sangue de "pedigree", venham Leghorns para ovos e Orpingtons para carne. Imbecil o fazendeiro que não adota as belas raças americanas!

A mesma coisa com os porcos. Nada de canastrões ou tatuzinhos, tardios ou degenerados. Venha o Yorkshire, o Duroc-Jersey!

E venham mudas de bôas arvores frutiferas, caquís, ameixas do Japão, damascos, maçãs, peras, tudo isto com explicações ao eterno nariz torcido da esposa:

— Porque você vê, Fortunata, dá o mesmo trabalho e vale cinco vezes mais. Um ovo de Orpington, por exemplo: quanto vale no Rio? Dois mil réis; mais que uma duzia de ovos crioulos!

E venham sementes de capim de Rodes para as pastagens.

E venha um aradinho de disco, e agora, uma semeadeira, e uma carpideira, e uma grade...

Digitized by Google

E venha isto e mais aquilo — e as novidades vinham vindo e os cinco contos iam indo muito mais depressa do que ele o imaginou.

Tudo isso não seria nada se não viesse tambem uma coisa bem fora dos calculos de Venancio: visitas.

Um belo dia o correio trouxe uma carta de S. Paulo: "...e soubemos que V. está de maré, empacotado pela sorte grande (200 ou 500?) e já montado em linda fazenda. E como andamos todos aqui muito amarelos, e a Bibi necessitada, a conselho medico, de ares do campo, lembramo-nos de passar uns dias aí, se o caro parente não levar isso a mal..."

— "Caro parente?!"...

Venancio releu a missiva.

— Quem será este novo parente, Ladislau Teixeira?

Consultou a mulher. Dona Fortunata franziu a testa e lembrou:

— Vai ver que é aquele filho da Carola...

— ? ?

— ... que casou por lá com uma tipa de beiço rachado...

— Ahn!...

— ...e esteve uma vez em Itaoca um ano atrás.

— Em casa do Estevinho, sei...

— Isso. Um tal Lalau.

— Sei sei... Mas que diabo de parentesco tem ele comigo? Por parte de Adão e Eva póde ser...

— Você já reparou Venancio, quantos parentes estão aparecendo agora?

— E' verdade. Com este, cinco. E amigos, então? Nunca imaginei que os possuisse tantos...

Venancio respondeu que a casa, casa de pobres, estava às ordens; que viessem.

Vieram. Quinze dias depois um trole despejava no terreiro um senhor de meia idade, sua esposa Filoca, tres filhas empalamadas, Bibi, Babá, Bubú, e mais uma preta mucama. Venancio reconheceu-os vagamente, mas por delicadeza fingiu intimidade.

— Benvindo sejam à casa do parente pobre!

O Lalau abraçou-o carinhosamente.

— Não diga isso! Você é hoje a gloria da familia. Recebeu a recompensa que merecia. Quantas vezes eu não disse à Filoca: aquele nosso parente vai longe, porque quem planta colhe. Não é verdade, Filoca?

Digitized by Google

Dona Filoca sibilou através do beiço rachado uma confirmação plena:

— E' sim! Nós nunca duvidamos do futuro do "primo" Venancio.

Venancio ficou sabendo que eram primos...

Nisto um novo trole assomou à porteira. Lalau explicou:

— Ia-me esquecendo... Vieram conosco umas vizinhas, moças muito boazinhas, as Seixas. Não te avisei na carta porque foi coisa de ultima hora. Devem ser parentas de dona Fortunata, ao que me disseram...

Venancio interrogou furtivamente a esposa com o olhar e esta respondeu-lhe com um imperceptivel movimento de beiço.

Apearam do segundo trole tres moças e uma negrinha. Lalau apresentou-as.

— Dona Fafá, dona Fifi, dona Fufú.

As moças abraçaram os fazendeiros com grande cordialidade e abriram-se em louvores para as belezas bucolicas.

— Veja, Fifi, que coisa estupenda esta paineira!

— Nem diga! E aquele maravilhoso beija-flor? Que belezinha! Como ficaria bem no meu chapeu azul...

E a Babá para o Venancio:

— Que ar primo! Que pureza de ar! A vida aqui deve ser um encanto. E que apetite dá! Eu, que não como nada, seria capaz de devorar um leitão inteiro hoje!

A Bibi conversava com a "prima" Fortunata:

— Leite ha muito, já sei. Fazenda quer dizer fartura. Lá em São Paulo o leite é agua com polvilho, e carissimo! E' como os ovos: pela hora da morte e metade chocos. Sua galinhada quantas duzias põe por dia?

E a Fifi para a Bubú:

— Pesei-me antes de vir: quarenta e nove quilos, veja que miseria! Mas daqui não saio sem alcançar cincoenta e oito! Ah, não saio! O meu peso normal deve ser este, disse-me o medico.

Dona Fortunata atendia a todas, sorrindo amavelmente, enquanto Lalau, já no pomar, investia contra as laranjas com furia de "retirante".

— A minha conta, quando me pilho num pomar, são tres duzias. Pelo-me por laranjas!

Venancio, armando cara alegre, dizia-lhe que era chupar, chupar...

Mas lá consigo pensava que naquela toada não venderia aquele ano uma duzia, sequer. Só o Lalau daria cabo da safra inteira em quinze dias...

Digitized by Google

À decima quinta laranja Lalau parou, entupido.

— Estou por aqui! grugulejou, riscando no pescoço o nivel do caldo.

E, confidencial, ao ouvido do primo:

— Agora, que ninguem nos ouve, diga lá a verdade: duzentos ou quinhentos contos?

Venancio não teve animo de pronunciar a palavra vinte. Tambem não quis mentir, e marombou:

— Não chega lá. Tirei apenas uns cobrinhos...

O primo cotucou-lhe a barriga:

— Está escondendo o leite? Faz muito bem, que isso de arrotar grandeza é transformar-se em "fruteira": todo o mundo péga a aproveitar-se.

E dando-lhe o braço:

— Conselho de velho: defenda os arames, enforque a cobreira! Do contrario, começam a aparecer amigos e parentes que não acaba mais.

Venancio entreparou, pasmado.

— E' o que lhe digo, prosseguiu Lalau. Enquanto não possuimos nada, ninguem se importa com a gente. Mas, logo que a maré chega, brotam da terra os aproveitadores — como cogumelos!

Venancio pasmou dois pontos mais, e Lalau, lendo a seu modo aquele pasmo, insistiu:

— E' o que lhe digo! Como cogumelos! Você é inexperiente ainda, não tem os anos que tenho, e deve, portanto, ouvir-me. Como parente proximo, zélo pela familia e faço grande empenho em abrir os seus olhos contra a caterva de parasitas que vai por esse mundo de Cristo. Quer saber de uma coisa? Foi por esse motivo que eu vim. Motivo real! O resto foi pretexto, você compreende. Eu disse à Filoca: é preciso abrir os olhos ao primo; dinheiro escorrega das mãos como peixe e se lhe não acudo com os meus conselhos, adeus sorte grande! Vê? Foi por este motivo que vim.

Inda atonito, Venancio balbuciou umas palavras de agradecimento pela generosa intenção, e Lalau, colhendo nova laranja, continuou:

— Porque, cá comigo, é assim: para salvar um parente não poupo sacrificios! Ah, não poupo! Vou longe atrás dele, gasto dinheiro, mas aviso-o. Pensa que não foi um sacrificio esta minha viagem? Só de trem, duzentos mil réis! Mas, como já disse, não olho a despesas. E' parente? E' amigo? Não olho a despesas. Ah, não olho! Não acha que deve ser assim?

Digitized by Google

— Está claro, sussurrou Venancio.

— Parece claro, mas poucos pensam deste modo e, em vez de sacrificarem um bocado das suas comodidades e virem abrir os olhos ao parente em perigo, sabe o que fazem?

— ?

— Vêm explora-lo. Vêm ex-plo-ra-lo, primo! Admira-se? Pois saiba que o mundo está cheio de gente assim. Olhe, eu conheço um caso que...

Nessa noite o casal de fazendeiros passou a dormir na cozinha. Tiveram que ceder seu quarto ao Lalau e à esposa. As B... acomodaram-se na sala de espera. As F... numa alcova. As duas criadas, na despensa. Ficou a casa repleta, tendo a cozinheira de dormir fóra, no paiol.

Venancio perdeu o sono. Altas horas inda matutava:

— Não sei como está para ser! De um momento para outro, onze bocas a mais...

— E que bocas! observou dona Fortunata. Como comem! A tal Fifi, que é um bilro e parece viver de brisas, bebeu um litro de leite para "rebater" meia duzia de ovos. E sabe o que disse, toda espevitada? "Isto é para começarrrr... O medico mandou-me ir aumentando as doses aox poucox..." Veja você!

— Parece que chegaram da seca do Ceará! Lalau chupou de uma assentada quinze laranjas, e das de umbigo...

— Esse não me admiro, que é homem e grandalhão. Mas aquele figo seco da tal prima Filóca? Com partes de enfastiada, foi à cozinha e chamou para o bucho todos os torresmos que eu tinha guardado para você. Dizem que é o ar...

— Ar! Ar! Eu respiro o mesmo ar e nunca tenho apetite. Esfaimados por natureza é o que eles são.

— E depois isto de comer à custa alheia deve ser um regalo! concluiu dona Fortunata, valente criatura que jamais provara um quitute que não fosse preparado por suas proprias mãos.

O sono custou a vir, mas veio, e com ele um sonho. Sonhou Venancio que uma nuvem de gafanhotos vinda do sul se abatera no sitio, deixando-o nú em pelo, sem folha nas arvores, nem sóca de capim nos pastos.

Despertou sobressaltado. A manhã ia alta, com resteas de sol a coarem-se pelos vidros. Saltou da cama e foi à janela. Um vulto caminhava rumo ao pomar, de pijama, faca de mesa na mão, assobiando despreocupadamente o "Pé de Anjo".

Digitized by Google

— Lá vai ele, murmurou Venancio. Lá vai às laranjas baianas...

— Quem? indagou a esposa, interrompendo o amarrar da saia.

— Ora quem! O gafanhoto-mór.

E como a esposa fizesse cara de não entendida, Venancio contou-lhe o sonho da nuvem.

Dona Fortunata concluiu o nó da saia apreensivamente:

— Queira Deus não dê certo!

Deu certo. Nunca um sonho profetico ante-pintou o futuro com maior precisão. Os hospedes devoraram o sitio do Venancio em poucos meses. Foram-se todos os porcos, transfeitos em torresmos, lombo assado e linguiça. Os lindos leitõesinhos que brincavam no terreiro acabaram no espeto, um por um. O mesmo destino tiveram as aves, com exceção do casal de Orpingtons amarelas, que muito tentou a gula dos hospedes, mas que Venancio, por precaução, mandou esconder em casa de um vizinho. Os ovos, porém, se perderam.

— Sabe, disse dona Fortunata ao marido uma noite (era sempre à noite, na cama, que murmuravam e rogavam pragas nos gafanhotos), sabe que a ninhada de ovos de raça já se foi?

— Não me diga! exclamou Venancio.

— Pois escondi-os num canto, no quarto dos badulaques, mas aquele pau de virar tripa da Bubú meteu o nariz lá e descobriu-os, e veio berrando muito lampeira: "Prima! suas galinhas estão botando no quarto dos cacaréos. Olhe que lindos ovos encontrei lá! Duas duzias: a continha certa para hoje".

Expliquei-lhe o caso, contei que eram ovos de raça, caros, que você reservava para chocar. Sabe o que a bisca respondeu? "Ora, prima, não seja somitica. Nós vamos embora logo e suas galinhas ficam por aqui botando ovos pelo resto da vida".

Venancio suspirou.

Um mês. Dois meses. Tres meses.

No dia em que os hospedes se foram, Venancio mais a esposa deram uma volta pelo sitio, em desconsoladora visita. Tudo deserto. Nem um frango no galinheiro, nem uma goiaba no pomar, nem um porquinho na ceva.

— Comeram até o cachaço! murmurou Venancio, sacudindo a cabeça.

Digitized by Google

Na horta, as leiras de couve só apresentavam talos esguios — folha nenhuma. Os pés de abobora davam dó: nem uma abobrinha, nem um broto...

— Como eles gostavam de cambuquira! recordou dona Fortunata.

Finda a inspeção, um olhou para o outro, com desanimadissimos focinhos.

— E agora? indagou a mulher.

— Agora? repetiu Venancio — agora é fazer a trouxa e tocar para Itaoca antes que morramos de fome.

— E volta você para o empreguinho?

— Que remedio! Os "primos" devoraram a carne; tenho que roer o osso.

E foi graças ao apetite desses bemaventurados primos que Itaoca viu reintegrar-se em seu seio um precioso elemento social. As palestras da botica andavam mortas, e sempre que se ventilava um ponto agricola todos lamentavam a ausencia do argumentador seguro, que sempre detivera com tanto brilho a palma da vitoria.

Mas a volta de Venancio foi uma decepção. O antigo entusiasmo murchara-lhe e nunca mais em sua vida piou sobre o velho tema favorito. E se acaso falavam perto dele em pragas da lavoura, geada, ferrugem, curuquerê ou o que seja, sorria melancolicamente, murmurando de si para si:

— Conheço uma muito peor...

E conhecia.

1923

Digitized by Google

Tragedia dum capão de pintos

Nasceram na mesma semana um pinto, um peruzinho e um marreco. Até aqui, nada. Todos os dias vêm ao mundo marrecos, perús e pintos sem que isso ponha comichões na pena dos novelistas. O estranho do caso foi que nasceram irmãos, contra todos os preceitos biologicos.

— ? ?

Explica-se. Tio Pio, preto cambaio que tomava conta do terreiro, tivera a ideia de reunir sob certa galinha, em choco sobre apenas cinco ovos, mais tres de perúa e dois de marreca salvos de ninhadas infelizes, conseguindo assim dar vida àquela estranha irmandade de nova especie.

Dos nove ovos só vingaram tres, e lá estavam os produtos já crescidotes sob a guarda solicita do Péva-de-raça, capão de pintos posto a pagea-los para que dona galinha não perdesse tempo com tão pifia ninhada.

Triste sorte na fazenda a dos galos cotós de pernas! Tio Pio os punha de parte para capões de pintos, transformando os belicosos "clarins da aurora" em tristes eunucos, bichos metade galo, metade galinha, senhores de crista, espora e cauda flamante não mais destinadas a seduzir frangas, senão a divertir pintinhos.

Péva-de-raça tinha este nome pelas razões que o nome indica. Mas vá lição para os leitores da cidade, gente que de galos e galinhas só conhece os da torre das igrejas e as que aparecem ao jantar em molho pardo. *Péva*: perna curta; *de raça*: raça extrangeira.

— A mó que Plimú, explicava Pio aos interpelantes.

Excelente sujeito o Péva! Tomara os orfãos no primeiro dia, sem nenhuma relutancia, e dera com eles criados à custa de infinitos de pachorra.

Muitos dissabores sofreu. O marrequinho, sobretudo, causou-lhe sérios aborrecimentos.

Havia na fazenda um tanque bordado de tabôas esbeltas, rico de trairas e sapinhos de cauda. Esse tanque era a mania do lindo pompom de arminho amarelo. Quantas vezes não

Digitized by Google

ficou o Péva à beira d'agua seguindo de olhos aflitos as evoluções do mimoso palmipede, que nela penetrava e nadava, e mergulhava com louca afoiteza inconcebivel para o velho capão!

Já os outros não o afligiam tanto. Divertiam-no até. O capão gostava de ver o peruzinho em caça às moscas. Magricela e tonto, como sabia marcar a presa, achegar-se com extrema lentidão e, de repente — zás! — uma bicada certeira!

O pinto, esse era mestre em travessuras. Subia-lhe às costas, tenteando-se nas asinhas, e trepava-lhe pelo pescoço até alcançar a crista, cujas carunculas bicava.

Era muito cauteloso, o Péva. Se vinha chuva, punha-se logo de agacho para abrigo dos guris — de dois apenas, que o terceiro, o marreco, nenhum caso d'agua fazia, antes pelava-se por chuva, só recolhendo ao sentir-se entanguido.

E era muito metodico, o Péva. Mal a tarde fechava a carranca anunciativa da noite, lá ia ele de rumo ao terreiro aninhar-se rente ao muro, sempre no mesmo lugar. Escarrapachava-se ali ao jeito das galinhas, e esperava que os orfãos, depois dumas derradeiras voltas por perto, viessem chegando e se metessem dentro da plumosa casa viva.

Entrava primeiro o perú, um friorento de marca; depois o pinto; o marreco por ultimo.

E o Péva cochilava, transfeito em exquisito animal de quatro cabeças: a sua, grande, cristuda, e mais tres cabecinhas curiosas, que abriam seteiras na plumagem e espiavam o misterio do mundo a envolver-se nas sombras da noite.

Aquela singularidade deu nome e renome aos tres bichinhos. Quantos pintos, perús e marrecos houvesse na fazenda eram todos conhecidos por pinto, perú e marreco, genericamente. Só eles se personalizavam. Eram o Pinto Sura, o Peruzinho do Capão e o Réco-Réco. Sêres privilegiados, libertos da disciplina comum do galinheiro, tornaram-se logo as criaturinhas mais populares daquele pequeno mundo. Viviam soltos, sem lei nem grei, como boemios errantes, encontradiços por toda parte — nos chiqueiros, nos pastos, ao pé das tulhas, à porta das cozinhas, onde quer que aparecesse fartura de milho, siriris e quiréras.

Havia na fazenda outros animais populares. Havia a Ruça, mulinha de carroça bastante velha e proxima da aposentadoria. Só trabalhava em serviços leves de terreiro, puxando a "carrocinha de dentro". Pertencera à tropa, trans-

Digitized by Google

portara muito café para a cidade, sempre com carga de oito arrobas, façanha de que, com saudades, se recordava agora.

Entre as vacas era a Princesa a mais popular. Vaca de estimação. Enriquecera a fazenda de numerosos filhos, entre os quais o possante Beethoven, agora pastor do rebanho. Dera ainda a Rosita, leiteira de truz fiel à estirpe e certa nas doze garrafas diarias. E quantas outras crias que já andavam por sua vez de bezerrinho-novo, ou na canga a puxar carros! Em virtude disso gozava a Princesa de certas regalias. Vivia às soltas, livre de cercas, sempre no pasto dos porcos, ocupando o tempo em mascar babosamente boas palhas de milho.

Quem mais? Sim, o Vinagre — fiel guardião da "casa grande", veadeiro de fama outróra, hoje um dorminhoco que o que fazia era cochilar ao sol, de focinho entre as patas e olhos lacrimejantes. Todo ele era passado. Durante as sonecas vinham agita-lo pesadelos, nos quais reviviam as cenas violentas das caçadas de antanho. E o glorioso veterano acuava a dormir.

Os homens nunca prestam grande atenção aos animais que os rodeiam. Brutinhos, dizem, e desprezam-n'os. Mas a verdade é que a esses nossos manos o que os inferioriza é não gozaram o dom da fala, pelo menos de fala inteligivel para nós, visto como pensam e superiormente raciocinam, possuindo sobre os homens e as coisas ideias terrivelmente logicas.

Ali na fazenda eram todos concordes num ponto: a supremacia de Tio Pio sobre os demais seres humanos. Era Ti'Pio a atenção que nada esquece, a justiça que dá e pune, o amor que compreende, o deus que cura, a ordem que tudo simplifica.

Para o trio do Péva era Ti'Pio o Recolhe-ovos, o Deita-ninhadas, o Mata-piolho, o Varre-galinheiro, o Péga-frango, o Arruma-ninho, o Traz-quiréra, o Rebenta-cupim, o Espanta-cachorro — modalidades varias dum alto espirito de providencia.

Para a Princesa era o Traz-milho, o Tira-leite, o Prende-bezerro, e Esvurma-berne, o Fecha-porteira, o Bota-no-pasto.

Para a mulinha era o Põe-carroça, o Arruma-arreios, o Escova-pêlo, o Dá-ração.

Para o Vinagre era o Lava-cachorro, o Traz-angú, o Atiça-atiça, o Prega-pontapés.

Só ele, entre tantos homens da fazenda, revelava-se, apesar de preto, claro de intenções e compreensivel; só ele não podia desaparecer sem grave dano geral. Lembravam-se de como

Digitized by Google

todos padeceram certa ocasião em que o Ti'Pio caiu de cama. Houve desordem grossa. Pintos morreram de fome; Vinagre emagreceu; a Princesa viu-se privada de palha, o Péva dormiu fóra do terreiro pela primeira vez. Ao cabo de dez dias, quando o preto ressurgiu, recem-sarado, foi como se repontasse o sol em seguida a longo estirão de chuvas. Que alegria!

As demais criaturas humanas afiguravam-se-lhes misteriosas e sobretudo ilogicas. Impossivel ao Vinagre entender o patrão. Já de cara alegre, já de cara amarrada, recebia-o alternativamente com carinho ou pontapés. E o velho cachorro filosofava: como é que um mesmo ato meu, sempre gesto de afago e submissão, ora recebe premio, ora castigo? Não entendia...

E muito menos o entendiam o Péva, a Princesa e a Ruça.

Mandava em tudo, aquele homem. Inspirava terror. Sua presença no curral ou no pasto era signo certo de calamidade — morte, prisão, tortura. "Mate aquele boi", "Pegue aquele frango", "Arreie aquele cavalo", "Cape aquele porco". Mate, pegue, arreie, cape, venda, esfole — não se lhe ouviam outras palavras. E toda gente corria pressurosa a executar-lhe as ordens, por mais tiranicas que fossem.

Igualmente incompreensiveis eram os filhotes do homem. Que criaturinhas variaveis, irrequietas, crueis! Sempre de vara na mão, perseguiam abelhas e borboletas, esmagavam os sapos, atropelavam as galinhas. Ao ve-las, Vinagre disfarçadamente saía para longe e o Péva bandeava-se com seus orfãos para o outro lado dalgum vêdo. Só a Princesa nenhum caso deles fazia, certa do terror que lhes inspiravam os seus longos chifres.

Já a Dona, mulher do Senhor, não infundia medo senão às aves. Terrivel inimiga do galinheiro! Depredava os ovos e condenava à morte justamente os mais belos frangos e as mais respeitaveis matronas de pena — "galinhas velhas", como dizia a ingrata.

Para os outros animais a Dona significava apenas ignorancia. Era a "Perguntativa" e a "Muda-côr". Hoje de côr de rosa, amanhã de azul, não usava côr fixa. E vivia interrogando:

— Pio, que burro é esse?

— Não é burro, Sinhá, é a mulinha ruça.

Perguntava sempre. Que *caroços* eram aqueles na vaca? Que *boi* estava rinchando no pasto? Que *trepadeira* andavam a tirar das arvores?

Digitized by Google

Viera duma cidade grande, havia pouco tempo, cheia de gritinhos e medo aos bichos. Ignorava tudo, fóra pilhar ninhos. *Papa-ovo,* apelidou-a o Péva, como já havia apelidado tio Pio de *E'-hora,* e aos demais camaradas da fazenda de *Sim-Senhores,* porque *Sim-Senhor* era o estribilho com que habitualmente retrucavam a todas as ordens do Dono.

Por uma tarde igual às outras recolhia-se Péva ao pouso do costume seguido dos tres orfãos já marmanjões. No céu, a caraça vermelha do sol escondia-se detrás do morro, e na terra os primeiros grilos ensaiavam as asas cricrilantes. Rente à porteira a mulinha, solta no pasto minutos antes, espojava-se regaladamente.

— Bôa tarde! saudou-a o Péva. Cansadinha, hein?

A mula interrompeu a cabriola e abanou as orelhas, como quem diz: "E' verdade". Depois, falou:

— Acho prudente que tome cuidado com seus filhos. A Perguntativa anda interessada por eles — e isso é mau sinal. Vi-a em conversa com E'hora e pilhei este pedacinho: "O marreco do capão está no ponto". Não sei o que dizer, mas bôa coisa não será.

O Péva enrugou a testa, apreensivo. Jámais a Perguntativa se referira a alguma ave sem que logo sobreviesse desgraça. "Está no ponto" — que quereria dizer aquilo?

A mulinha ignorava-o. Sabia de algumas palavras triviais, conhecia o *pegue,* o *prenda,* o *mate* — mas o *está no ponto* era-lhe coisa nova.

— Quem ha-de saber disto é o Vinagre. Mora na casa grande e entende a lingua dos homens melhor do que nenhum de nós. Consulte-o, e não deixe tambem de consultar a Princesa, cuja experiencia da vida é grande.

Péva se foi à Princesa, que encontrou mascando as palhas do costume.

— *Está no ponto* — poderá dizer-me, senhora Princesa, que coisa significa na lingua dos homens?

A vaca interrompeu a mascação e disse:

— Já ouvi essa palavra aplicada ao meu filho segundo, o Barroso. Tinha ele dois anos e meio. O Dono passava em companhia de um Sim-Senhor. Avistou de longe o meu Barroso no pasto e ordenou: "Aquele boizinho está no ponto. Carro com ele!" No dia seguinte laçaram-no, meteram-no na canga e o pobre do meu garrote muito que padeceu a puxar um carro pesadissimo. Deste incidente concluo que *estar no ponto* quer dizer *carro.*

Digitized by Google

Péva, um tanto curto de ideias, tremeu ante aquela revelação. Horror, meterem no carro ao seu querido marrequinho! Em seguida duvidou. Andar no carro era coisa que só vira fazer aos bois. Não podia ser. A vaca errara evidentemente.

— Resta-me consultar o Vinagre, refletiu — e todo pé-pé, com ruguinhas de apreensão na crista, foi ter com o velho cachorro.

Vinagre não resolveu o enigma, embora respondesse como o mais sabio dos oraculos:

— Póde ser muita coisa. A linguagem dos homens varia, ora quer dizer isto, ora aquilo. Mas que não é coisa bôa, isso eu asseguro.

Nesse dia o capão, seguido dos orfãos, recolheu-se ao pouso habitual sem a despreocupação de outróra. Custou-lhe conciliar o sono. Não lhe saiam da cabeça as palavras misteriosas e de sentido inapreensivel. Por fim dormiu e sonhou. Sonhou que ao lado do Barroso jungiam ao carro o pobre marrequinho. O sonho virou pesadelo e Péva sofreu horrores ante o quadro do filho adotivo a debater-se sob a monstruosa canga...

No dia seguinte, no momento da ração de milho, Ti'Pio inesperadamente agarrou o marrequinho pelas pernas e lá se foi com ele a debater-se rumo à Cozinha.

Aflitissimo, tomado de imenso desespero, Péva inda alimentou esperanças de ve-lo voltar. Mas a noite chegou e com ela a primeira desilusão de sua vida. Nada do marreco. Pela manhã, nada. Meio-dia, nada.

À hora do jantar encontrou Vinagre roendo uns ossos no terreiro.

— Que é isso, amigo?

— Ossos de marreco.

— De marreco! exclamou Péva, surpreso.

— Sim. Que admiras? Que os marrecos tenham ossos? Tem-n'os, e excelentes...

Péva estarreceu. Compreendia afinal o tremendo sentido das palavras misteriosas. *Está no ponto* significava condenação à morte. Horror!...

Guardou consigo, entretanto, aquela magua. Nada disse ao peruzinho nem ao frango, prevendo para os dois sorte identica.

— Bem triste a vida sob o dominio cruel do homem! Nada de bom vem deles... filosofou.

Digitized by Google

Nessa mesma tarde Péva cruzou-se com a Princesa e disse-lhe:

— Erraste, Princesa. *Está no ponto* quer dizer *morte.*

A vaca parou a mastigação da palha e sorriu da ingenuidade do Péva. Ela tinha tanta certeza de que queria dizer *carro...*

A vida na fazenda rolava na mesmice de sempre. Tudo continuava. A Ruça, a puxar a carrocinha; a Princesa, a mascar palhas; o Vinagre, a acuar em sonhos. Só na tribu do Péva a alegria não era a mesma. Saudades do marreco. Varias vezes o frango indagou do destino de Réco-Réco, forçando o capão a mentir. "Anda de viagem, uma longa viagem... Um dia volta".

Mas com que tristeza punha os olhos no tanque ou nas poças de enxurro que se formavam em dias de aguaceiro, pensando lá consigo: Nunca mais!...

O tempo corre, as estações se sucedem. A primavera anunciou-se nos mil botões que se arredondavam nas laranjeiras. Os orfãos do capão já eram mais companheiros de ciscagem do que filhotes pipilantes. Já dispensavam a sua solicita assistencia. O peruzinho, grandalhudo e bem empenado, fez-se independente. O frango punha crista, com as esporas abotoadinhas. Mudara de genio, e se via alguma franga ia arrastar-lhe a asa até que algum galo de verdade o escorraçasse.

Certa manhã a Perguntativa veio assistir à amilhagem das aves. Fez varias perguntas e deu varias ordens ao Pio, concluindo, de dedo apontado para o frango:

— Está pedindo panela, aquele!

— Qual, Sinhá? O Sura?

— Sura quer dizer sem rabo? É. É ele mesmo.

Péva, que tudo ouvira, engasgou-se com o grão de milho que tinha no bico, perdeu a fome e incontinenti saiu do bando. Embora não compreendesse o sentido daquelas palavras, previu que "bôa coisa não seria", como filosofava o Vinagre.

E acertou. O frango, no dia imediato, desapareceu misteriosamente. Péva procurou-o por todos os cantos e, desconfiado, foi rondar os fundos da cozinha na esperança de ouvi-lo piar lá dentro. Não ouviu pio nenhum — mas encontrou penas suspeitas no monte de lixo...

Adquirida a certeza do novo desastre, fez-se ainda mais tristonha a vida do pobre capão. A Cozinha! Era nas goelas

Digitized by Google

daquele horrendo Moloch que sucessivamente iam desaparecendo os seus queridos orfãos. Engulira o marreco, engulira o frango... Enguliria tambem o peruzinho, porque não?

Velho e desalentado, com o coração sempre saudoso dos travessos garotinhos que criara, tornou-se macambuzio. Inda passeava com o perú, apesar da cada vez maior independencia deste. Chegou a notar que era ele, Péva, quem o acompanhava agora. Notou-o, mas procurou iludir-se e simulava amadrinha-lo, como outróra...

Pela força do habito inda dormiam juntos, no antigo pouso ao pé do muro. Mas logo o perú, que é amigo de poleiro, elegeu um, comodo, em certa escada velha, e o capão teve de acompanha-lo na mudança. E ali passaram a dormir juntinhos e encorujados, no mesmo degrau da escada.

Assim viveram até à chegada do Ano Bom.

Na vespera a Perguntativa apareceu no momento do dar milho e disse ao Pio:

— Olhe, amanhã temos o perú. Não esqueça de comprar pinga.

Desta feita Péva não vacilou quanto ao sentido da expressão. *Está no ponto, pedir panela, temos o perú* deviam ser frases equivalentes. Estava pois condenado a entrar para a Cozinha o seu derradeiro filho...

Cheio de resignação e com a alma em transes, Péva passou o dia num canto, jururú, remoendo as doces recordações de outróra. Ao cair da noite recolheu-se. Empoleirou-se na velha escada e achou muito natural que o perú não comparecesse.

Dormiu tarde, e teve o sono agitado de continuos estremeções de angustia.

No dia seguinte notou movimento fóra do comum na casa grande. Vinha gente de longe, mulheres de trole, homens a cavalo. Vinagre, esquecido da soneca do costume, entrava e saía, abanando a cauda com vivacidade de cachorro novo.

Num destes vai-e-vens Péva o deteve.

— Que ha na casa grande? Tanta gente...

— Ha perú, respondeu o cão. Quando ha perú os homens se assanham, vestem roupas novas, brincam e dansam. Tenho notado que a presença do perú à mesa provoca nos homens uma especie de delirio, como entre as galinhas a queda de içás.

Esta observação do cachorro, embora muito lisonjeira para a raça dos perús, não consolou nada ao nosso Péva, que

Digitized by Google

se sentiu ganho menos de tristeza que de funda indiferença pela vida. O sucessivo sacrificio dos filhotes calejara-lhe por partes o coração. No dia do marreco a dôr que sentiu foi verdadeira dôr de pai; em seguida, pela morte do frango, a sua dôr foi dôr de pai adotivo; agora, ao perder o perú, a dôr era calma e resignada. Dôr de filosofo. Compreendia, afinal, que a vida foi, e é assim, e não melhora...

Os capões inspiram despreso aos galos e talvez piedade ironica às senhoras galinaceas. Porisso Péva, em sua triste solidão, deambulava no terreiro como criatura sem lugar na vida. As lindas frangas, as viçosas poedeiras e até as velhas galinhas aposentadas, tinham pela sua honesta companhia um profundo desdem. E como nem os frangotes o procuravam, o isolamento do triste eunuco era completo.

Esse errar à tôa fe-lo notado do Ti'Pio, que se lembrou de po-lo a criar nova ninhada.

— Anda vadiando aqui, este diabo... Espera que te arrumo.

Agarrou-o, levou-o ao galinheiro, esfregou-lhe urtiga no abdomen e deitou-o sobre uma ninhada de dez pintos nascidos na vespera.

Não ofereceu Péva a menor resistencia. Deixou fazer. Agachou-se como dantes e cobriu lindamente os gentis recemnascidos.

Altas horas, porém, ergueu-se e tomou rumo do poleiro, abandonando aos frios da noite a roda de vidinhas pipilantes. Não mais queria exercer a profissão de mãe. Para que?

— Se têm de morrer na Cozinha, morram agora enquanto ainda não lhes tenho amor.

Os pintos amanheceram mortos, entanguidos de frio.

Quando Ti'Pio tomou conhecimento do desastre, ficou furioso.

— Cachorro! Você fez mas paga!

Houve um corre-corre. A galinhada assustadiça debandou; os marrecos meteram-se no tanque.

Cotó de pernas, frouxo de asas, Péva pouco resistiu à perseguição do negro. Rendeu-se e, seguro pelas patas, de cabeça para baixo, com as ideias perturbadas pela congestão do cerebro, por sua vez transpôs a soleira da Cozinha, insaciavel sorvedouro de vidas, odioso tumulo de Réco-Réco, do Sura, do Perú e, agora, do veneravel tutor da estranha irmandade...

Digitized by Google

Quem na manhã do dia seguinte passasse pelo fundo da horta veria no monte de lixo um punhado de penas escaldadas, escorridas, sem côr, sujas de cinza. E veria duas pernas rugosas de longas esporas recurvas. E veria ainda uma dolorosa cabeça de crista violacea, com os olhos semi-abertos em cujas pupilas de vidro varias formiguinhas se miravam.

Horriveis, aqueles despojos?

Um urubú pousado ali perto não pensava assim...

1924

Digitized by Google

Duas cavalgaduras

Um grande amigo dos livros, o estudante Batista (1), de Ribeiro Couto.

Na sua dolorosa miseria de rapaz pobre, solto sem padrinhos na voragem carioca, desses bons amigos se socorria para desafogo da alma crestada ao vento das decepções. Falhava-lhe o sonhado emprego? Abria *Dom Casmurro* e logo a malicia de Capitú o empolgava, levando-o para casos bem distantes do seu dorido caso pessoal. Traia-o algum amigo? O moço embarcava para Florença no *Lys Rouge*, hospedava-se com Miss Bell e, de visita às igrejas com Dechartre, ei-lo embriagado no ardente amor da condessa.

O estomago, porém, é Sancho. Não digere contemplações. Exige pão. E a fome, um dia, apresentou ao estudante o seu inexoravel ultimatum: Mata-me ou mato-te.

Um só recurso lhe restava: reduzir a pão duro os seus amados livros.

Fe-lo, mas com que magua! Como vacilou na escolha da primeira vitima! E como lhe doeu o sordido negocismo do belchior, miseravel depreciador da "mercadoria" com o fito de obte-la pelo minimo!

Era este belchior certo judeu mulato com um "sebo" à rua do Catete. Mulato de barbicha ironica, propria para coçadelas nos momentos de engatilhar o preço. Tinha um jeito irritante de tomar os livros e ler o titulo por baixo dos oculos, como se os cheirasse. Tipo desagradavel de mumia ressurreta, em perfeita harmonia com a sordidez da casa.

Que vitrina! Já ali se lhe anunciava a alma. Livros encardidos, brochuras de cantos surrados, canetas de vintem, lapis "quebra-a-ponta", tinteiros de refugo — tudo desbotado pelo sol e tamisado pela horrivel poeira negra da rua. Dentro, um cheiro de velhice, mixto de mofo e ranço — bafio proveniente metade da mumia, metade das estantes prenhes de brochuras infectas.

---

1. *O Crime do Estudante Batista*, livro de contos de Ribeiro Couto.

Digitized by Google

Pois foi nas garras de tal aranha barbada que o pobre contemplativo caiu, e um a um lhe sorvia ela todos os volumes da amada biblioteca, sempre a ratinhar, a rosnar, a espichar niqueis para o que valia notas.

Uma vez recebeu o moço más noticias de casa e instante pedido de uma linda irmãzinha que deixara em Catalão. Era forçoso servi-la, inda que houvesse de vender a alma ao diabo.

O jeito era um só: negociar em bloco os livros restantes. Que vá, que vá! Uma grande dôr unica é de preferir-se a mil doresinhas parceladas. Que vá tudo!

Contou-os. Trezentos. Pelo preço medio que o judeu lhe pagava por unidade, obteria com aquele sacrificio os duzentos mil réis necessarios e mais uns bicos. Que vá.

Batista retesou-se d'alma, amordaçou o coração, meteu na carroça os velhos amigos e, como vai para a guilhotina o condenado, foi com eles para a rua do Catete.

O judeu examinou os volumes um por um, cheirou-os, sopesou-os e depois de longas manobras, engasgos, meias palavras e coçadelas de barbicha, abriu oferta.

— Dou-lhe quarenta mil réis, moço por ser para o senhor. E lamba as unhas hein?

Tomado de subita onda de colera homicida o estudante não lambeu as unhas: lambeu-lhe a vila. Estrangulou-o...

Havia eu lido esse formoso conto e ficara com os tipos gravados em relevo na memoria, tanta nitidez dera à pintura o autor. O judeu mulato, sobretudo, passara a viver dentro de mim, em lugar de honra na "sala de Harpagão".

Somos todos nós uns museus de tipos apanhados na rua ou colhidos na literatura. Museus classificados, com salas disto e daquilo. A minha sala dos usurarios encerrava bom numero de shylockesinhos modernos, fisgados à porta de cartorios ou diretamente nos antros onde costumam empoleirar-se como harpias pacientes à espera dos naufragos da vida. Ombro a ombro conviviam eles com os patriarcas do clan — mestre Harpagão, tio Grandet e o João Antunes, de Camilo Castelo Branco.

Lida a novela de Couto, entrou para a sala mais um — o judeu mulato do Catete, tipo de tal vida que uma suspeita breve me tomou: "Êste diabo existe. Não póde ser ficção. Ha nele traços que se não inventam. E se existe, hei de ve-lo".

E pus-me a procura-lo em certo dia de folga.

Fui feliz. Logo adiante do palacio do Catete, certa vitrina atraiu-me a atenção. Acerquei-me dela com cara de

Digitized by Google

Colombo. Aqueles livros desbotados, aquelas canetas... Tudo exato!

Mas... e aquele coelhinho?...

Sim, havia a mais, na sordida vitrina, um coelhinho de lã, do tamanho de um punho fechado. Encardido, os olhos de louça já bambos, as longas orelhas roidas — visivelmente brinquedo de criança já muito brincado.

Aquele coelhinho!

Uma criança existe de quem o usurario comprou o coelhinho...

Meu Deus! Poderá haver em corpo humano almas assim?

Shakespeare, Balzac: que fraca imaginação a vossa! Creastes Shylock, Grandet, mas a potencia de vosso genio não previu este caso extremo. O judeu mulato rehabilita os vossos herois e atinge a suprema expressão do sordido.

Furtou o coelhinho à criança...

Furtou-o com a gazua dum niquel...

Privou a pobrezinha do seu unico brinquedo, do seu unico amigo, talvez...

Abra-se um parentesis

Aqui intervem a imaginação.

Bastou que meus olhos vissem na sordida vitrina o coelhinho de lã, para que a irrequieta rainha Mab me viesse cabriolar na cachola.

E todo um drama infantil se me antolhou, nitidamente.

Era um menino de poucos anos, filho de pais miseraveis.

O homem bebia e a mãe definhava nas unhas "da pertinaz molestia". Minto: da tisica. "Pertinaz molestia" é a tisica dos ricos...

O classico operario bebedo, em suma, e a classica mãe tuberculosa. É sempre assim nos romances e é sempre assim na vida, essa impiedosa plagiaria dos romances.

Reina a miseria na cafúa humida em que vivem, ele a delirar o seu eterno delirio alcoolico, ela a tossir os pulmões cavernosos — e a triste criança, sempre de olhos assustados, a criar-se um mundinho de sonhos para refugio da almazinha que teima em ser alma.

Só tem um amigo essa criança: o coelhinho de lã que a mãe lhe deu em certo dia de doença grave.

Excelente quinino! A febre cedeu incontinenti e dois dias depois o enfermo se punha de pé.

Digitized by Google

Desd'aí ficou sendo o coelhinho o amigo unico da criança triste, seu confidente de todas as horas, seu irmãozinho mais novo.

Conversavam o dia inteiro, brincavam, contavam-se mutuamente lindas historias; e à noite, muito abraçados, dormiam o sono dos anjos e dos coelhos.

Aquele coelhinho de lã...

É preciso ser Dickens para compreender o papel dos brinquedos unicos na vida das crianças miseraveis.

O comum dos homens não vê nisso coisa nenhuma.

Triste coisa, o comum dos homens...

Um dia, o pai desapareceu.

Inutilmente a tisica o esperou até altas horas, e o esperou no dia seguinte, e o esperou a semana inteira.

Desapareceu, e está dito tudo.

Na vida, os miseraveis desaparecem, tal qual nos romances.

Vida, romance; romance, vida: será tudo um?

A tisica peorou, e certa manhã não pôde erguer-se da cama.

E a fome veio.

E foi mister vender, hoje isto, amanhã aquilo, todos os trapos e cacos da mansarda em crise.

A *mansarda!* Que lindo efeito faz em romance esta palavra lugubre! A *man-sar-da!*...

Vendeu-se tudo.

Luizinho era o leva-e-traz.

Levava o trapo, o caco, e trazia os niqueis do pão. E assim até que as reservas se exgotaram e a mansarda ficou núa como Job.

— E agora?

A tisica lançou os olhos cansados pelas paredes núas, pelos cantos nús.

Nada. Só viu o coelhinho. Mas era um crime sacrificar o coelhinho de lã...

Resistiu ainda algum tempo.

Por fim, disse:

— Vai, meu filho, vai vender o coelhinho de lã...

A criança relutou, mas cedeu ao cabo de muitas lagrimas. A fome impunha-lhe aquele sacrificio: trocar o seu tesouro por um pão.

O que chorou nessa manhã!

Como apertava contra o peito o amiguinho sem animo de lhe dar conta da tragedia iminente!

Resolveu mentir.

Digitized by Google

— Sabe? disse ao coelho; vou pôr você numa casa que tem vitrina para a rua. Fica lá sentadinho, a ver quem passa, os bondes, os automoveis tão bonitos! E eu vou todos os dias espiar você através do vidro. Quer?

O coelhinho não compreendeu aquilo e desconfiou.

— Mas por que? Estou tão bem aqui...

Não era facil iludi-lo; a fome, porém, é capciosa e Luizinho continuou a mentir:

— É cá uma coisa que sei. Uma pandega! Por enquanto é segredo. Fica você lá quietinho uns tempos, e depois volta para cá de novo e eu conto a historia.

O coelhinho de lã piscou para o menino, cavorteiramente. Gostava desses misterios...

Luizinho levou-o ao belchior. Mostrou-o ao judeu; ofereceu-lho. O aranho tomou o coelhinho entre os dedos rapinantes, examinou-o, apalpou-o, cheirou-o e abrindo a gaveta suja tirou de dentro o menor niquel.

— Toma!

Luizinho ressentiu-se. Já conhecia o valor do dinheiro; achou aquilo "pouco demais". Vendo, porém, pela cara do judeu, que era inutil insistir, pegou do niquel, beijou o coelhinho e disparou a correr.

No dia seguinte reapareceu na loja. Parou diante da vitrina e longo tempo esteve a namorar o amigo, trocando com ele sinais de inteligencia. O coelhinho piscava-lhe com uma vontade doida de rir e ele piscava para o coelhinho com uma vontade doida de chorar. E assim todos os dias, a semana inteira.

—"A semana inteira, senhor novelista? Não estou compreendendo nada. Vosmecê disse que o ultimo recurso dos famintos fôra o coelhinho de lã, que trocaram por um pão. Ora, comido o pão, e nada mais havendo para vender, manda a logica que mãe e filho tenham morrido de fome.

— Obrigado, senhor logico! Vejo que leu Stuart-Mill e Bain, mas que nunca leu Dickens, nem Escrich, nem Montepin. Devia ser como dizes, se a vida fosse feita pelos logicos. Mas Deus não era logico, era apenas romancista. Não morreram, não, nem mãe nem filho. E não morreram porque justamente naquele dia o pai bebedo reapareceu...

— "Oh!...

— Sim, meu Bain, reapareceu. E sabe que mais? Reapareceu regenerado...

— "Oh! Oh!... .

Digitized by Google

— ...e com dinheiro no bolso. Quer mais? E rico! Quer mais? E milionario, com o sorte grande da Espanha no papo. Quer mais? Quer mais? Nos romances ha o epilogo e não sabe que o epilogo é o esparadrapo que une os bordos da ferida? o dedo de Deus que recompensa? o suspiro de consolo que nos reconcilia com a vida?

— "Mas isto, afinal de contas, é vida ou romance?

— Grande tolo... É a vida com a lição da arte. A arte corrige a vida, dizendo-lhe: se não és assim, megéra, devias se-lo; se não procedeste assim, harpia, devias ter procedido; se não fizeste o bebedo reaparecer no momento oportuno, carcassa, devias te-lo feito. A arte ensina à vida o seu dever.

Imagina tu, amigo logico, que quando Deus creou o mundo...

Feche-se o parentesis

Mas acordei. A rainha Mab fugiu-me do cerebro, a galope em sua carruagenzinha *made by the joiner squirrel,* e entrei no belchior.

Lá estava no balcão o judeu mulato, com sua barbicha de bode, os oculos de latão, o gorro sebento.

Não morrera, o aranho; apesar de estrangulado na novela de Ribeiro Couto, passava muito bem de saude, o infame.

Era ele mesmo!

Naquele momento cheirava o lombo de um livro que um novo estudante Batista lhe oferecera.

Enquanto negociavam, pus-me à espreita disfarçadamente.

Exatinho! Couto fotografara-o com objetiva Zeiss. Até a voz...

— Hum! hum! fungou ele, depois de lido o titulo. Oscar Wilde... Isto não se vende, já passou da moda. Tenho carradas *Dorian Gray*... A peor coisa que ele escreveu...

— Mas quanto oferece? indagou o estudante, aborrecido de tantas micagens.

— Por ser freguês, dou-lhe sete tostões. E lamba as unhas, que hoje me pegou de veia!

O meu estudante Batista não fez como o de Ribeiro Couto. Não lhe lambeu a vida. Lambeu-lhe os sete niqueis oferecidos e saiu a pegar o bonde, displicentemente.

— E o senhor, que deseja? disse-me então o pirata, depois de encafuar o livro na estante.

Digitized by Google

Eu não desejava coisa nenhuma, além de ve-lo, apalpa-lo, cheira-lo, talvez estrangula-lo de verdade. Não obstante, fiz-me de tolo.

— Ando à procura de um livro. Um livro de Wilde. Tem aí qualquer coisa deste escritor?

A fisionomia do estrangulado iluminou-se.

— Tenho a melhor coisa que Wilde escreveu, *O Retrato de Dorian Gray,* conhece? disse, puxando fóra da estante o volume adquirido momentos antes. Coisa papa-fina!

Tomei o livro, folheei-o. Tradução francesa vulgar. Valeria, novo, quatro mil réis.

— Quanto pede?

— Seis mil réis, por ser para o amiguinho.

Sorri-me por dentro e por fóra. Larguei o volume e acendi o cigarro.

— Não me interessa. É caro.

— Caro? Um livro destes, nesta encadernação, deste editor, deste autor? Nem me diga isso! E o senhor deve saber que *Dorian Gray* é a obra prima de Oscar Wilde.

Meus dedos se crisparam. Que prazer estrangular aquela harpia! Contive-me, porém.

— E aquele coelhinho? perguntei-lhe. Quanto?

— Que coelhinho? exclamou o aranho, mudando de cara.

— Um que está na vitrina.

— Ah! Sim... Aquele coelhinho não vendo.

— Por que o expõe, então?

— Expu-lo ao sol. Mora aqui na minha mesa, mas como a casa é humida ponho-o às vezes lá para evitar o bolor.

Diabo! O homem principiava a desnortear-me. Tinha em casa um objeto que não vendia. Era lá possivel que um judeu daqueles não vendesse até a alma?

Insisti:

— Dou-lhe cinco mil réis pelo coelhinho.

— Já lhe disse que não é de venda. Cinco mil réis! Nem cinco contos, sabe?

Revoltei-me. Veio-me à imaginação toda a tragedia do Luizinho e tive impetos de insulta-lo.

Contive-me e disse apenas:

— No entanto, furtou-o a uma pobre criança miseravel...

O meu Shylock abriu a mais expressiva cara de espanto que já topei na vida. Depois encarou-me a fito e seus olhos lacrimejaram. Sentou-se, como aniquilado de subita dor e explicou-me, em voz entrecortada:

Digitized by Google

— Não sou casado, não tenho filhos, não tenho ninguem no mundo. Mas tive uma criança. Enjeitaram-na aqui à minha porta e recolhi-a. Criei-a.

Foi durante sete anos a minha unica alegria. O Antoninho... Um dia veio a gripe e levou-o para o ceu. Seu ultimo brinquedo foi esse coelhinho de lã. Conservo-o aqui na minha mesa como joia preciosa, pois me fala do Antoninho melhor que um livro aberto. Como quer que lho venda? Não ha no mundo o que para mim valha esse coelhinho...

Foi até à vitrina e recolheu o brinquedo. Pô-lo sobre a mesa ao lado do tinteiro. E depois de uma pausa exclamou, olhando com um sorriso que me pareceu divino:

— Tinha um nome. O Antoninho só dizia o Labi...

— ? ?

— Sim, Rabi... Quer dizer rabicó, sem cauda. Antoninho trocava o R pelo L...

Saí da casa do judeu completamente desorientado. Fui ao telegrafo e expedi ao autor d'*O Crime do Estudante Batista* o seguinte despacho: "Couto, somos duas cavalgaduras!".

1924

Digitized by Google

O bom marido

Enquanto a mulher morria no trabalho, com oito filhos à cola, Téofrasto, o bom marido, procurava emprego.

Téofrasto Pereira da Silva Bermudes. Magro, alto, arcado, feio. Bigodeira, orelhas cabanas, pastinha na testa.

Dona Belinha casara-se contra a vontade dos seus, movida, quem sabe, menos de amor que de dó. Apiedou-a a humildade romantica de Téo, cujo palavrear de namoro feria habilmente uma tecla apenas — sua pobreza.

— Que vale haver dentro de mim um coração de ouro, nicho que habitarias a vida inteira, Isabel? Que vale este meu amor purissimo, forte como a morte, feito de todas as abnegações, renuncias e delicadezas, se sou pobre? Que crime horroroso, ser "pobrezinho"!... e ele armava a cara dolorida das presas da Fatalidade.

O noivado inteiro foi esse ferir a nota exata. Téofrasto adivinhou por instinto que a corda sensivel da moça era a da piedade e fe-la vibrar de mil maneiras. Lido que era nas *Tristezas à Beira-mar*, em *Graziela*, Escrich e mais lacrimogeneos do ultra-sentimentalismo, seu cerebro virou arsenal de glandulas peritas em verter lagrimas de 1840 sobre o coração das mulheres de hoje.

Venceu assim aquela, e fe-la romper com a familia — burgueses arranjados de limpida visão pratica.

Inutilmente tentaram os pais abrir os olhos à moça.

— E' um vagabundo, Belinha, sem eira nem beira, incapaz de ganhar a vida, malandro completo. Esteve na venda do Souza, mais foi posto no olho da rua por excesso de preguiça. Tambem esteve no cartorio um mês e perdeu o lugar pelas mesmas razões. Além disso, é filho do Chico Manteiga, o maior parasitão que já vegetou por estes lados. Puxou ao pai...

— Falta de sorte, exclamava Belinha. Téo ainda não se arrumou porque ainda não foi compreendido.

— Sorte!... Incapacidade é que é. Téofrasto não presta. Quem chega aos trinta e dois anos sem achar o que fa-

Digitized by Google

zer na vida, está julgado: não presta. Ele inventou esse casamento contigo por uma razão só: viver à tua custa.

— Isso não! Téo jurou que ha de trabalhar feito um mouro para que eu tenha a melhor das vidas. Sou professora, mas ele não admite que eu tire cadeira.

— Diz isso agora. Casa-te e verás como tudo muda. Nasceu para chopim, o malandro, e escolheu-te para tico-tico...

A moça, entretanto, teimou. Preferiu romper com a familia a soltar o romantico pretendente. As juras de Téo, suas cartas de arrancar lagrimas às pedras, recebidas todos os dias, e aquele seu modo de olhar com infinitos de meiguice, deram à menina forças para resistir à sensatez dos conselhos.

— Ninguem te conhece, Téo. Desprezam-te porque és pobre. Mas para mim a riqueza que vale é a que me ofereces: esse tesouro de amor e carinho que sinto em teu peito.

Téo respondia dando corda às glandulas lacrimais e estilando grossos pingos.

— Anjo de bondade, tu és o orvalho que reanima a planta queimada do sol, és a chuva que abranda o fogo do deserto, és o pão que mata a fome ao faminto, és Deus, és Tudo...

E abraçava-a, soluçante.

— Isabel, meu anjo da guarda, meu paraiso, minha salvação... Abençoado o momento em que te encontrei na vida...

Repousava a cabeça no colo da moça e ficava a soluçar baixinho, enquanto Isabel lhe alisava maternalmente as melenas revoltas.

Realizado o casamento, Téofrasto, ganho de subito furor, deu de procurar emprego. Passava os dias fora de casa, na "labuta", e só vinha para as refeições, cansado.

— Uf! Não posso mais...

— Conseguiste alguma coisa?

— Promessas, por enquanto.

Isabel revoltava-se contra a dureza dos homens. Por que motivo repeliam assim criatura tão bôa, tão honesta, tão esforçada e de tanta capacidade? Todos se arrumavam, aqui, ali, bem ou mal; só Téofrasto se debatia em vão... Por que? Tres meses já de caça ao trabalho e nada...

Resolveu ajuda-lo. Obteria uma cadeira, mesmo contra a vontade d'ele, e lecionaria. Trezentos mil réis por mês! Já dá...

Digitized by Google

Quando o marido soube desses projetos, indignou-se.

— Não consinto! Para trabalhar aqui estou eu, homem e forte. Tinha graça ver-te a ensinar meninos e a custear as despesas da casa...

— Mas, Téo, tu vives a te matar sem conseguires coisa nenhuma...

— Mas conseguirei. Insistirei até o fim. Fecham-me as portas? Arromba-las-ei. Habilitações não me faltam, tu sabes; falta-me sorte apenas.

— Sei disso. Ninguem o reconhece melhor do que eu. Mas havemos de ficar assim toda a vida, esperando?...

— Peço-te um mês de prazo. Juro-te que dentro de um mês estará tudo arrumado. O que não quero, o que de maneira nenhuma consinto, é que digam por aí: "Olhem o Téo, um homenzarrão, a viver do trabalho da pobre mulher". Isso, nunca!

Passou-se o mês concedido, e mais outro, e o terceiro. Agravando-se a situação, resolveu Isabel requerer cadeira às escondidas do esposo. Fe-lo e foi feliz, vendo-se nomeada logo.

Nesse dia esteve Téofrasto na farmacia, como de costume. Lá se reuniam todas as tardes diversos amigos para comentario dos fatos locais e encrencas da alta politica. Nenhum dissertava tão bem como ele. Ninguem como ele para "descangicar" aquela "trapalhada" de "hermismo" e "civilismo" que dividia o país.

Era hermista. Adorava o marechal Hermes, o Pinheiro Machado, o Surucucu e *tutti quanti*.

— Precisamos endireitar este país, custe o que custar. Basta de conselheiros! Venha a espada! Venha o pulso forte que diz — quero, posso e mando. E' de despotismo, de um sabio e largo despotismo, que o país precisa.

Os civilistas troçavam.

— Espada burocratica, que vale? Antes a pena luminosa da Aguia de Haia:

Téo pulava da cadeira, furioso.

— Aguia de Haia? Sabem quem foi a verdadeira Aguia de Haia? Foi o Barão do Rio Branco! Rui não passou dum fonografo. Os discos iam daqui, pelo telegrafo.

Tomou folego, gozando-se da piada e prosseguiu:

— Depois, respondam-me cá: E as emissões? Rui é emissor, e eu sou contra a emissão!

Um coronel lido em jornais saltou-lhe à frente.

Digitized by Google

— Calunia velha! Rui já provou que o ministro da fazenda que emitiu menos foi ele.

— Será. Mas a Revisão? A Constituição, como diz o Pinheiro, deve ser a arca santa, a deusa intangivel — e Rui é revisionista.

— Está claro! Foi ele quem fez a joça e sabe melhor do que ninguem os vicios que ela encerra. O Pinheiro, um pente-fino de marfim, que é que entende de constituições? Entende de cavalos e pocker, e nada mais...

— Não admito!

— Vá não admitir na casa do diabo!

Téofrasto abandonou a arena e foi para casa, furioso. Entrou e caiu na rede, já com a habitual cara de vitima.

— Que infeliz sou, Isabel! O mundo me persegue. Corri Seca e Meca e... nada.

— Não faz mal, respondeu a moça, cuja fisionomia irradiava. Requeri às escondidas uma cadeira e obtive-a!...

Téo sentou-se de golpe.

— Quê?

— E' verdade. Fui nomeada hoje adjunta ao grupo escolar.

Téo desmanchou a pastinha.

— Fado cruel! Destino espezinhador! Eu, que te adoro, que te quero com todas as véras d'alma, ser obrigado a viver do produto do teu trabalho? Nunca!

— Mas que tem isso, bobo? Não sou vadia, gosto de serviço e a escola me distrairá.

— Nunca! Não consinto, não admito que minha adorada esposa trabalhe! Antes rebentar os miolos a bala!

— Não digas isso, Téo!...

— Digo, digo porque sinto! És um anjo e não me conformo com a situação.

E arrepelando a grenha, de olhos cravados no teto:

— Em que signo maldito nasci eu? Que te fiz, meu Deus, para me castigares desta maneira?

A criadinha veio nesse momento chama-lo para o jantar. À mesa Téo prosseguiu na lamuria, alternando imprecações com garfadas.

— Não me conformo! Não me sujeito! Pensas que não tenho brio, Isabel? Como me conheces pouco ainda! Passa-me o arroz...

Isabel acalmava-o.

Digitized by Google

— Tolice. Todo o mundo trabalha. A mulher do Pecegueiro não está a lecionar depois de velha? O marido perdeu o emprego e ela agora é quem... Coma deste bolinho, que está muito bom.

— Sim, mas ali o caso é diferente. Ele perdeu o emprego, mas logo arranja outro. Tem sorte, tem a proteção de todo o mundo. Cerveja!... Oh! Isto é então um banquete?

— Natural. Quis fazer-te surpresa dupla: nomeação e jantarzinho melhor.

— Nomeação! Não pronuncies tal palavra, Isabel, que me ofendes sem querer. Hamburguesa? Porque não compraste Brama? Gosto mais da Brama.

Houve sobremesa e Téo repetiu o papo-de-anjo.

Entraram em fase nova. O ordenado da professora veio salvar as finanças do casal. E seriam perfeitamente felizes se não fôra a resistencia de Téo. Mas não se conformava, o homem...

Depois do almoço, todos os dias, saiam ambos, ela para a escola, ele para o "serviço exhaustivo" de procurar emprego — na farmacia, onde crescia de virulencia o eterno bate-boca politico.

Assim viveram até a vinda do primeiro filho, cuja presença perturbou o regime da casa. Fazia-se necessario meter nova criada, simples pagem que fosse.

Téo achou que não.

— É bôa! E quem pagea o menino durante a minha ausencia? quis saber a esposa.

— Ora quem! Eu, Isabel.

— Não consinto. Nada mais ridiculo que um homem de bigodes a pegar criança. Prefiro tomar costuras para fazer à noite e com o rendimento pôr criada.

— Mas eu é que não consinto que redobres de trabalho! Costurar à noite, que horror! Nunca!

Isabel, que já conhecia o genio do marido, cedeu provisoriamente, e finda a licença retomou as aulas, deixando em casa o marido às voltas com o pimpolho.

Correu tudo muito bem durante os primeiros dias, enquanto brincar com o filho era para Téo novidade. Ao termo de duas semanas, porém, fartou-se e principiou a sentir saudades da farmacia. Disse-o à esposa, estilizadamente.

— Não vai bem assim, Isabel. Perco o meu tempo aqui

Digitized by Google

a lidar com o menino e desse modo não arrumo a vida. Quinze dias já que não procuro emprego.

— Não to dizia? O melhor é fazer como pensei. Tomo costuras de fóra e ponho criada.

— Mas não posso conformar-me com esse redobro de trabalho, Isabel! Vá que ensines, mas costurar para fóra...

— Que é que tem? Nada me custa, sou forte— e além disso é o jeito...

Veio a criada. Dona Isabel tomou costuras e passava as noites à maquina, pedalando. Cosia habitualmente até às onze. Inumeras vezes ao recolher encontrava o marido no vale dos lençois, ressonando. Entrava de manso na ponta dos pés e despia-se sem rumor para não acordar o coitadinho. Como o queria! Tão carinhoso... Incapaz de entrar a deshoras, às oito já estava ali ao lado dela, brincando com o pequeno, enfiando a agulha da maquina, contando os casos do dia.

— Tive com o Bragadas hoje uma discussão violenta na farmacia. Provei que o Hermes vai ser a salvação do país e ele embuchou. Ninguem pode comigo na polemica! Nasci para advogado.

— Por falar, por que não tiras cartas de solicitador? O João Candó não vive tão bem como rabula?

Téo segurou o queixo.

— E' verdade? Esta aí uma ideia que não me ocorreu ainda. Vou pensar nisso.

Téofrasto Pereira da Silva Bermudes pensou naquilo durante varios anos. Nesse intervalo vieram novos filhos, dois tres, quatro, cinco. Os encargos da familia redobraram e dona Isabel teve que fazer prodigios para assegurar a subsistencia do clan.

Pobre criatura! Perdera a mocidade, Seus vinte e seis anos pareciam quarenta. A beleza fôra-se-lhe, minada pela gravidez ininterrupta. Por fim, em consequencia de certo aborto infeliz, entrou a perder a saude. Era já com esforço que prosseguia na tarefa penosa, muito acima das suas forças.

Não se queixava, entretanto. Gabava-se até de feliz. Ao receber visitas, puxava logo a palestra para o tema classico das mulheres, *os maridos,* e louvava o seu.

— Não é por me gabar, prima Biluca, mas marido como o meu não ha outro. Téo me adora! A nossa lua de mel não acabou, nem acabará nunca. Que carinhos! Que mei-

Digitized by Google

guice! Sempre entrou cedo em casa, nunca me disse palavra dura, vive para mim, faz tudo quanto quero. Um mimo!

Biloca já não dizia o mesmo do seu. Casara com um um homem forte, de rara atividade, que se absorvia nos negocios e estava prosperando magnificamente. Dava à familia o maximo conforto, educava os filhos muito bem, mas... não era carinhoso. Muito ocupado sempre, não a punha ao colo, não lhe dizia palavrinhas doces.

Isabel irradiava.

— Téo não é assim. Beija-me sempre, ao sair e ao entrar. Tem caidos de noivo. E se você soubesse como se amofina de me ver trabalhar... Coitado!

Abria pausa de ternura, e prosseguia:

— Sim, porque isso de homem para uso externo, uma figa! Quero maridinho para mim e não para as outras, não acha?

— Pois decerto!

— Téo mata-se no trabalho, passa os dias no serviço...

— No serviço?

— Sim... procurando emprego. Você sabe que não ha peor serviço do que esse. Mas não tem sorte nenhuma, o pobre, não consegue colocar-se...

A fama do bom marido correu mundo. Todas as mulheres apontavam-no como o exemplo a seguir.

Os homens exemplares, porém, enfureciam-se.

— Um vagabundo daqueles! Um miseravel chopim!

— Que tem isso? Eu, franqueza, disse uma, preferia que fosses tambem chopim, mas que me desses o carinho que ele dá à Isabel.

— E' o cumulo! Pois não vês que aquilo é da profissão? Tipo asqueroso!... Agrada à mulher porque vive dela. E' o seu negocio. Como ha de um malandro daqueles encher o dia senão conversando bobagens na farmacia ou beijocando a idiota da esposa em casa?

Todos os homens pensavam assim; as mulheres, entretanto, liam pela cartilha de dona Isabel — e invejavam-na.

Dez anos se passaram sem que o emprego viesse. Estava escrito no livro do destino que Téofrasto morreria a procurar emprego. Fatalidade...

O triste é que viviam em penuria crescente. O trabalho da professora, por mais estirado que fosse, já não dava para

Digitized by Google

vestir e alimentar os oito filhos pequenos e mais o nono, de bigodes.

A doença começou a derrea-la.

Mas como se galvanizava! Como insistia na terrivel luta sem treguas! Dona Isabel transformava em alento os carinhos do esposo. Comovia-se com eles, e enlevava-se à noite a ouvi-lo dizer, da rêde onde se balançava de pernas cruzadas, lançando baforadas para o ar:

— Isabel, como me doi ver-te sempre pedalando essa maquina! Por que não descansas um pouco? (Baforada). Tenho o coração em chaga viva, pisado, torturado pela dor de não poder aliviar-te. (Baforada). Tu te matas, Isabel e eu...

Numa dessas vezes espicaçou-o uma ideia. Ergueu-se de salto e disse:

— Isto não pode ficar assim. Vou agarrar o coronel na rua e obriga-lo a dar-me o posto de fiscal da Camara. Se o não fizer, mato-o!

A mulher, assustada, interrompeu a costura.

— Pelo amor de Deus, Téo, não me vás cometer alguma loucura!...

— Não me detenhas, Isabel! Tudo tem fim na vida. Hei de conseguir, hei de extorquir, hei de arrancar o emprego! Não se martiriza assim um homem...

E saiu — ou vai ou racha — deixando a esposa apavoradissima.

Fóra, o ar livre acalmou-o e Téo, seguiu para a farmacia, onde penetrou dizendo:

— Aposto o que vocês quiserem como antes do fim do mês os russos estão em Berlim. Assumiu o governo o Kerensky, e o Kerensky é um bicho!

— Como sabe disso?

— Li. Como tambem aposto que o General Cadorna vai envolver os austriacos por cima e dar um pealo por baixo, exclamou fazendo gestos no ar, indicativos das operações estrategicas.

O dialogo se passava durante a Grande Guerra.

— Pois eu aposto, retrucou um germanofilo, que o Ludendorff esfrega toda essa canalha em tres tempos!

A conversa pegou fogo. Aquela gente entendia de guerra muito mais que os beligerantes, e o ardor do Téofrasto excedia ao do proprio Clemenceau. O debate só arrefeceu quando o relogio da matriz soou as dez.

Digitized by Google

— Diabo! Perdi a conta esta vez! exclamou Téo.

Despediu-se e tocou para casa, apressadamente. Dona Isabel, assustada com a demora, recebeu-o convencida da tragedia.

— Que houve, Téo? Fizeste alguma para ele?

— Ele, quem?

— O coronel...

— Ah, sim, o coronel... Ficou para amanhã. Não houve meio de encontra-lo.

A mulher calou-se, compreendendo tudo...

O estado de dona Isabel agravava-se dia a dia. Por mais que se fizesse de têsa, tinha de arrear a carga. Ponderou tudo com o seu raro bom senso e escreveu à familia: "Fiz o que pude, mas estou vencida. Não me queixo. Sou feliz, imensamente feliz. Téo me adora e faz o possivel para colocar-se. Não tem sorte. Persegue-o a mais cruel das fatalidades. Venham olhar para estas crianças, que o meu fim está proximo".

Téo nada soube desse passo e muito admirado ficou de ver chegarem os sogros.

Os velhos olharam-no com rancor e dirigiram-se para o quarto da filha.

Foi dolorosa a cena do encontro. Separados de dez anos, mal a reconheciam agora.

— Em que estado te encontramos, Belinha! Por que não nos chamou ha mais tempo? O orgulho te matou...

Isabel, no fundo da cama, sorria.

— Perdoi, mamãe, e lembre-se que não me queixo. Fui feliz. Téo é para mim um anjo de bondade. O que nos fez mal foi a miseria e agora a doença. Estou no fim.

Os pais choravam, assombrados em face da mumia a que se reduzira a linda menina de outrora. E culpavam-se de a terem abandonado, de não a terem socorrido a tempo.

Veio o doutor. Os velhos conferenciaram com ele a um canto.

— Caso perdido. Galopante. Morre exhausta, de canseira, de trabalheira excessiva, de partos e abortos mal conduzidos — de miseria, em suma. Aquele infame assassinou-a...

Dona Isabel morreu nos braços do bom marido, beijando-o e abençoando-o. Suas ultimas palavras foram:

Digitized by Google

— O que mais me doi, Téo, é deixar-te sózinho no mundo, ao desamparo. Mas já pedi... e mamãe... olhará... para...

Não teve forças para o *ti*. Enunciou-o com os olhos e fechou-os para sempre.

Após o enterro, o sogro dispôs tudo para levar consigo o batalhãozinho de orfãos. Quanto ao chopim, puseram-no incontinenti no olho da rua.

— Fora d'aqui, assassino! Vá procurar outra!...

Téofrasto humildemente obedeceu. Saiu, procurou outra e achou. Um mês mais tarde ligava-se a certa mulata doceira, cuja quitanda ia prospera.

Guardou, entretanto, luto rigoroso e só dois meses mais tarde reapareceu na farmacia.

— *Resurrexit!* exclamaram os amigos.

Téofrasto cumprimentou-os com cara de circunstancia, triste como se recebera pesames. E falou da morta.

— Uma santa! O meu consolo é que tenho a conciencia tranquila. Fui o melhor dos maridos e fi-la a mais contente das esposas.

— Lá isso parece. Ela o dizia e *todas* o repetem. Mas, olha, isto aqui não é sala de visitas de casa de defunto. Está na berlinda a declaração de guerra do Brasil à Alemanha. Que achas?

Téofrasto mudou de cara, esquecido já da santa e todo nas unhas da paixão politica.

— Acho que fizemos muito bem. Precisamos entrar na guerra e mostrar aos alemães de quantos páus se faz uma canoa. O presidente Wenceslau Braz é um bicho!...

1924

Digitized by Google

Marabá

Bom tempo houve em que o romance era coisa de aviar com receitas á vista, qual faz o honesto boticario com os seus xaropes.

Quer trabuco historico? Tome tanto de Herculano, tanto de Walter Scott, um pagem, um escudeiro e o que baste de Briolanjas, Urracas e Guterres.

Quer indianismo? Ponha duas arrobas de Alencar, uns laivos de Fenimore, pitadas de Chateaubriand, graunas *quantum satis,* misture e mande.

Receitas para tudo. Para começo (formula Herculano): "Era por uma dessas tardes de verão, em que o astro rei etc., etc."

E para fim (formula Alencar): "E a palmeira desapareceu no horizonte..."

Arrumado o cenario da natura, surgia, lá em Portugal, um lidador com o seu espadagão, todo carapaçado de ferro e erecto no lombo dum ardego morzelo; ou, aqui no Brasil, um cacique de feroz catadura, todo arco, flechas e inubias.

E vinha, ou uma castelã de olhos com cercadura de violetas, ou uma morena virgem nua, de pulseira na canela e mel nos labios.

E não tardava um donzel trovadoresco que "cantava" a castelã, ou um guerreiro branco que fugia com a iracema á garupa.

Depois, a escada de corda, o luar, os beijos — multiplicação da especie á moda medieval; ou um sussurro na moita — multiplicação da especie á moda natural.

A tantas o pai feroz descobria tudo e, á frente dos seus peões, voava á caça do sedutor em desabalada corrida, rebentando duzias de corceis; ou o cacique de rabos de arara na cabeça erguia as mãos para o ceu de Tupã, implorando vingança.

E Dom Bermudo, apanhando o trovador pirata, o objurgava em estilo de catedral, com a toledana erguida sobre sua cabeça:

Digitized by Google

— "Mentes pela gorja, perro infame!"

Ou o cacique filava o guerreiro branco e o trazia para a taba ao som da inubia, e lá o assava em fogueira de pau brasil; vingança tremenda, porém não maior que a de Dom Bermudo a fender o cranio do pagem sedutor e a lhe arrancar o coração fumegante para depo-lo no regaço da castelã manchada.

E a moça desmaiava, e o leitor chorava e a obra recebia etiqueta de historica, se passada unicamente entre Dons e Donas, ou de indianista, se na manipulação entravam ingredientes do emporio Gonçalves Dias, Alencar & Cia.

Veio depois Zola com o seu naturalismo, e veio a psicologia e a preocupação da verdade, tudo por contagio da ciencia que Darwin, Spencer e outros demonios derramaram no espirito humano.

Verdade, Verdade!... Que musa tiranica! Como fez mal aos romancistas — e como os *força* a ter talento!

Foram-se as receitas, os figurinos. Cada qual faça como entender, contanto que não discrepe do *veritas super omnia*, latim que era em arte significa mentir com verossimilhança.

— Tudo isso para que? perguntará o leitor atonito.

E' que trago nos miolos uma novela tão ao sabor antigo, tão fora da moda, que não me animo a impingi-la sem preambulo. E não é feia não. Vem de Alencar, esse filho dalguma Sheerazade aimoré, que a todos nós, na juventude, nos povoou a imaginação de lindas coisas inesqueciveis. E compõe-se de um guerreiro branco, duas virgens das selvas, caciques, dansas guerreiras, fuga heroica, etc.

Chama-se *Marabá* e principia assim:

— Era por uma dessas noites enluaradas de verão, em que a natureza parece chovida de cinzas brancas.

Dorme a taba, e dorme a floresta circundante, sem sussurros de brisas, nem regorgeio de aves.

Só o urutau pia longe, e uma ou outra suindara perpassa, descrevendo vôos de veludo ao som dum *clu, clu, clu*... que ora se aproxima, ora se perde distante.

No centro do terreiro, atado a um poste da canjerana rija, o prisioneiro branco vela. Foi vencido em combate cruento, teve todos os seus homens trucidados e vai agora pagar com a vida o louco ousío de pisar terra aimoré. Será sacrificado pela manhã ao romper do sol, cabendo ao potente Anhembira, cacique invicto, a honra de fender-lhe o cranio com a iverapema de pau-ferro. Seu corpo será destroçado pelas horrendas megeras da tribu, sua carne devorada pelos ferozes canibais.

Digitized by Google

O guerreiro branco rememora com melancolia o viver tão breve — sua meninice de hontem, o engajamento numa nau, a viagem por mar, as aventuras nas terras novas de Santa Cruz, norteadas pela desmedida ambição do ouro.

E' louro e tem olhos azues. Em suas veias corre o melhor sangue do reino. Seu avô caiu nas Indias, varado duma zagaia cingaleza; seu pai, nos sertões inospitos dos Brasis, acabou na paralisia do curare que uma seta fatal lhe inoculou.

Chegara a vez do malaventurado rebento ultimo dessa estirpe de herois...

Em redor, guerreiros côr de bronze, exhaustos da dansa e bebados de cauim, jazem estirados, as mãos soltas dos tacapes terriveis. Tambem dormita o velho pagé, de cocoras rente á ocara, com o maracá em silencio ao lado.

Que mais? Sim, a lua... A lua que no alto passeia o seu crescente.

Subito, um vulto se destaca de moita vizinha e aproxima-se cauteloso, com pés sutis de corça arisca.

E' Iná, a mais formosa virgem das selvas, oriunda do sangue cacical de Anhembira, o Morde-corações.

A virgem caminha em direção ao prisioneiro. Para-lhe defronte e por instantes o contempla, como presa de indecisas ideias.

Por fim decide-se e, ligeira como a irara, desfaz os nós da mussurana fatal e dá de beber ao guerreiro branco o trago de cauim desentorpecedor dos musculos adormentados. Em seguida mira-o a furto nos olhos, perturbada, e num gesto indica-lhe a mata, sussurrando em lingua da terra:

— Foge!

O guerreiro branco vacila. Não conhece a mata, que é imensa, e teme encontrar em seu seio morte mais cruel que a pelo tacape de Anhembira.

Iná compreende o seu enleio e, tomando-lhe a mão, leva-o consigo; conhece a mata palmo a palmo e sabe o caminho de pô-lo a seguro em sitio até onde não ousa alongar-se a gente aimoré.

A noite inteira caminham, e só quando um grande rio de aguas negras lhes tranca o passo é que a virgem morena se detem. Aponta o rio ao moço guerreiro e nesse gesto diz que está finda a sua missão, pois que o rio leva ao mar e o mar é o caminho dos guerreiros brancos.

O moço tem o peito a estourar de gratidão e amor, e como não pode significa-los com palavras lusas, recorre ao esperanto da natureza: abraça a virgem morena, beija-a e, a ceu

Digitized by Google

aberto, ao som murmuro das aguas eternas, louco de paixão, a possue.

Reticencias.

Ao romper da madrugada:

— E' a cotovia que canta!... diz ela.

— Não; é o rouxinol, retruca Romeu.

— E' a cotovia...

— E' o rouxinol...

Vence a cotovia. O moço beija-a pela ultima vez e parte. Não esquece, porém, de enfiar no dedo de Julieta um anel — joia indispensavel ao desfecho da nossa tragedia.

PRIMEIRO ATO

A tribu está apreensiva. As velhas murmuram e o pagé inquieta-se.

— Marabá! sussurram todos.

Castigo de Tupã? Sinal do ceu que marca o termo da gloria de Anhembira, o chefe da tribu?

Uma criança nascera ali, de olhos azues e loura, evidentemente marabá. E nascera de Iná, a virgem bronzeada em cujas veias corre o sangue do grande morubixaba.

Traição!

A mãe mentira á raça, e do contacto com o estrangeiro invasor, cruel inimigo que do seio do mar surgiu para desgraça do povo americano, teve aquela filha. O louro dos cabelos, o azul dos olhos, a alvura da pele, denunciam claramente o imperdoavel crime.

— Marabá! sussurram todos.

E um vago terror espalha-se pela tribu.

O pagé reune em concilio os velhos para decidirem sobre o gravissimo caso. E após longas ponderações a assembleia resolve o sacrificio da pequena marabá, em holocausto aos manes irritados da tribu.

Levam a sentença ao cacique, que é pai, mas que antes de pai é o Chefe, o inexoravel guardião da Lei velha como o tempo.

Anhembira cerra o sobrecenho, baixa a cabeça e queda-se imovel como a propria estatua da dor.

Entre parentesis.

Uma coisa me espanta: que haja inda hoje, nestes nossos atropelados dias modernos, quem *escreva* romances! E quem os *leia*!...

Digitized by Google

Conduzir por trezentas paginas a fio um enredo, que estafa!

Nada disso. Sejamos da epoca. A epoca é apressada, automobilistica, aviatoria, cinematografica, e esta minha *Marabá*, no andamento em que começou, não chegaria nunca ao epilogo.

Abreviemo-la, pois, transformando-a em entrecho de filme. Vantagem triplice: não maçará o pobre do leitor, não comerá o escasso tempo do autor e ainda pode ser que acabe filmada, quando tivermos por cá miolo e animo para concorrer com a Fox ou a Paramount.

Vá daqui para diante a cem quilometros por hora, dividida em *quadros e letreiros.*

QUADRO

Enquanto Anhembira, de cabeça derrubada sobre o peito, medita na sentença que condenou a criança loura, uma india velha corre a avisar Iná.

Iná é mãe e as mães não vacilam. Toma a filhinha nos braços e foge para as selvas...

QUADRO

Lindo cenario. Trecho de mata-virgem, trancado de cipoeira, trançado de taquaruçús. Vê-se á direita um velho tronco de enorme jequitibá ocado. E' nesse ôco que mora a menina loura de olhos azues. A mãe ajeitou-o para esconderijo seguro; tapetou-o de musgos macios; fez dele um ninho de meter inveja ás aves.

Ali dorme o lindo anjo, filho do amor a ceu aberto. Ali recebe a mãe inquieta que, de fuga, lhe traz o seio nutriz. De fuga, pois a tribu ignora o estratagema e está certa de que a filha de Anhembira arrojou ao abismo das aguas o fruto maldito do seu ventre.

LETREIRO

Marabá cresceu no sombrio da mata, como a ninfa mimosa do ermo. Iná ensinou-lhe a vida e deu-lhe armas com que abatesse as aves que piam no subosque, e a caça ligeira que entoca, e os peixes faiscantes que se alapam nas pedras.

Digitized by Google

QUADRO

Marabá despede-se de sua mãe.

Já pode viver por si e quer seguir para ermos distantes onde não chegue o som das inubias de Anhembira — lá onde o rio é como um deus irrequieto que ora escabuja nas fragas, ora brinca com as petalas mortas remoinhantes em seus remansos.

Iná despede-se da filha e, repetindo o gesto do guerreiro branco, põe-lhe no dedo o anel de nupcias.

QUADRO

A vida solitaria de Marabá. Seu namoro com o rio. Nele banha-se e mergulha e nada, com a linda cômа loura flutuante, e nele mira seus olhos feitos de pedaços do ceu.

E' seu amante, é seu deus o rio eterno. E' o ser vivo em cuja companhia refoge á depressão do ermo absoluto.

LETREIRO

Em Marabá confluem duas psiquicas — a da terra, herdada de sua mãe, e a do moço louro vindo d'além-mar, duma plaga distante que em sonhos indecisos su'alma em botão adivinha.

QUADRO

Mas pouco cisma, a linda Marabá. O tempo lhe é escasso para a delirante vida de ninfa que é o seu viver ali.

Ora perde a manhã inteira na perseguição do gamo que veio beber ao rio; ora galga a pedranceira em prodigios de arrojo para colher uma flor que se abriu no mais alto da penha.

Persegue borboletas — e que quadro é ve-la no campo, veloz como a gazela, a loura cabeleira solta ao vento!

Sua nudez de virgem esplende em fulgor de escultura divina. Deus a esculpiu — e escultor nenhum jamais concebeu corpo assim, de linhas mais puras, seios mais firmes, ancas mais esgalgas, braços de torneio mais fino.

Tem a nudez divina, Marabá — porque existe a nudez humana: das criaturas que convivem entre humanos e sofrem todos os vincos da humanidade..

Digitized by Google

Marabá não viciou sua nudez no contacto humano; é nua como é nu o lirio — sem saber que o é.

Mas é mulher. Adivinha de instinto que as flores fe-las Deus para a mulher, e colhe-as, e tece-as em guirlandas, e com elas enfeita os cabelos e o colo e a cintura. E assim, toda flores, mira-se no espelho das aguas e sorri. E porque sorri, logo salta, alegre, e dansa. E porque dansa, anima as selvas da luz maravilhosa que os helenos ensinaram ao mundo.

Subito, um rumor fa-la estacar. A filha de Dionisio se apaga e surge Diana. Ei-la de arco em punho, em louca desabalada, na pista do cervo incauto que lhe interrompeu a bela improvisação coreografica.

Quem lhe ensinou a dansar?

Tudo. O sangue estuante em suas veias, o vento que agita a fronde das jissaras, o remoinho das aguas, as aves. Viu dansarem os tangarás, um dia, e desde esse momento sua vida é uma continua e maravilhosa criação em que a alma da terra americana se exsolve em movimentos ritmicos.

Sempre mulher, Marabá amansou uma veadinha de leite e tem-na consigo como inseparavel companheira, docil ás suas expansões de carinho. Com a pequena corça brinca horas a fio, e abraça-a, e beija-a no mimoso focinho roseo.

Que festa, a vida de Marabá!

Ninguem a vence em riquezas. Ouro, dá-lhe o sol ás catadupas, e todo só para ela. Perfume, não em frascos microscopicos o tem, mas ambiente, perenal; as flores só exalam para ela, e todas as brisas se ocupam em traze-lo de longe, tomado da corola das orquideas mais raras.

E as abelhas ofertam-lhe o mel purissimo; e os ingazeiros de beira-rio dão-lhe a nivea polpa dos seus frutos invaginados; e cem outras arvores da floresta parecem precipitar a maturescencia de suas bagas rubras, roxas, verdoengas, para que mais cedo os alvos dentes da ninfa as mordam com delicia.

E os dias de Marabá são assim um delirio de luz, de perfumes, de movimentos sadios e livres, capaz de enlouquecer a imaginação dos pobres seres chamados homens, que vivem em prisões chamadas cidades, dentro de gaiolas chamadas casas, com poeira para os pulmões em vez de ar, catinga de gasolina em vez de aromas — e morte a prestações em vez de vida...

NOTA A MR. CECIL B. DE MILLES

Este papel de Marabá tem que ser feito por Annette Kellermann. Como, porém, Annette já está madura e Marabá

Digitized by Google

é o que existe de mais botão, torna-se preciso inventar um processo que rejuvenesça de trinta anos a interprete.

QUADRO

Um dia, um caçador tresmalhado surpreende a ninfa no banho.

E' Ipojuca, o filho dileto de Anhembira e seu sucessor no cacicado. Tres dias e tres noites correu ele em perseguição de um jaguar; mas no momento em que dobrava o arco para desferir a flecha certeira, descaiu-lhe das mãos a arma e seus olhos se dilataram de assombro.

O corpo nu da virgem loura emergira das aguas á sua frente.

— Iara?

No primeiro momento o medo sobressaltou-o — mas o sangue de Anhembira reagiu em suas veias, e não seria o filho do guerreiro que jamais conheceu o medo quem tremesse diante de mulher, Iara que fosse.

E Ipojuca imobilizou-se á margem do rio, em muda contemplação, até que a ninfa, percebendo-o, fugisse para o lado oposto, mais arisca do que a tabarana.

Ipojuca atravessou o rio e logo mergulhou na floresta, em sua perseguição.

Jamais as ninfas venceram a faunos na corrida. Foi assim na Grecia; seria assim sob o ceu de Colombo. O filho do cacique alcançou-a. Seu braço de ferro enlaçou-a; suas mãos potentes quebraram-lhe a resistencia e dobraram-lhe a cabeça loura para o beijo de nupcias.

Mas a virgem vencida abriu para o macho vitorioso os grandes olhos azues e, encarando-o a fito, murmurou a tremenda palavra que afasta:

— Sou marabá!

Ipojuca estarrece, como fulminado pelo raio, e deixa que a presa loura fuja para o recesso das selvas.

QUADRO

Ipojuca, o vencedor vencido, caminha de cabeça baixa, absorto em sonhos. Vai de regresso á taba. O jaguar que vinha perseguindo cruza-se-lhe á frente. Ipojuca não o vê. A seta que lhe destinara cravou-lha Eros no coração.

Digitized by Google

QUADRO

Na taba. Ipojuca, desde que regressou, vive arredio. Pensa.

A cabeça lhe estala. Travam-se de razões seu cerebro e seu coração — o dever de solidariedade para com a tribu e o amor. Um impõe-lhe o desprezo da criatura maldita; outro pede-a para o beijo.

LETREIRO

Vence Amor — o eterno vencedor, e Ipojuca volta ao ermo em procura de Marabá.

QUADRO

A virgem loura, desde o encontro fatal, perdida tem a sua serenidade de lirio.

Cisma.

Horas e horas passa imovel, com o olhar absorto. Sua veadinha, ao lado, inutilmente espera as caricias de sempre. Marabá não a vê. Marabá esqueceu-a. Como esqueceu as borboletas amarelas que douram o humido em redor da lage onde jaz reclinada. Como não vê o casal de martim-pescadores que a tres passos a espiam curiosos.

Marabá só vê o guerreiro de pele bronzeada que a subjugou com o braço potente, que lhe premiu com violencia a carne virgem, que lhe derramou n'alma um veneno mortal.

Marabá só vê o seu guerreiro.

Vê-lhe o vulto erecto, firme e forte como os penedos. Vê-lhe a musculatura mais rija que o tronco da peroba. Vê o fogo que seus olhos chispam.

E com tamanha nitidez o vê, que para ele estende os braços, amorosamente.

E Ipojuca, pois era Ipojuca em pessoa e não sua sombra o que ela via, cai-lhe nos braços e esmaga-lhe nos labios o primeiro beijo.

QUADRO

Idilio. Marabá espera o seu guerreiro no alto de uma canjerana.

Digitized by Google

Ipojuca chega, procura-a, chama-a, aflito.

A resposta é um punhado de bagas rubras que a virgem lhe lança da fronde.

Agil como o gorila, Ipojuca abarca o tronco da canjerana e marinha galhos acima.

Ao ser alcançada, Marabá despenha-se no rio e mergulha.

Susto do indio, logo seguido de alegria ao ve-la emergir alem. Lança-se á agua, persegue-a — e são dois peixes de pasmosa agilidade que brincam.

Agarra-a — e a luta finda-se na doce quebreira dos beijos.

QUADRO

Moema, a formosa virgem por Anhembira destinada para esposa de Ipojuca, desconfia dos modos de seu noivo. Aquelas continuas ausencias, aquele incessante cismar, seu alheamento a tudo, dizem-lhe com clareza que uma rival se interpõe entre ambos.

E, como desconfia, segue-o cautelosa. E tudo descobre, pois alcança o rio onde, o coração varado de crudelissima flecha, assiste, oculta em propicia moita, ás expansões amorosas dos ternos amantes. Adivinha quem é a rival, pois que ainda tem vivo na memoria o caso da marabazinha misteriosamente desaparecida.

QUADRO

Moema regressa á tribu e, sequiosa de vingança, denuncia ao pagé o esconderijo da virgem maldita.

O velho reune os guerreiros, arenga-os, incita-os á vingança antes que volte Anhembira, alongado numa expedição de vindita contra os brancos invasores. Receia que o cacique perdoi á neta, movido pelas lagrimas da velha Iná.

QUADRO

Os guerreiros em marcha para a vingança.

QUADRO

Surpreendidos pelos indios, os amantes fogem rio abaixo numa piroga. (E' dificil explicar o aparecimento desta providencial piroga, mas não impossivel. Derivou rio abaixo,

Digitized by Google

por exemplo, e ali ficou enredada numa tranqueira. Não esquecer de introduzir num dos quadros anteriores um *close up* da piroga).

Os indios metem-se em outras pirogas. (Mais pirogas! E' que não derivou uma só, sim varias...) E remam com furia na esteira dos fugitivos.

QUADRO

Continua a perseguição. Não ha flechaços, para evitar-se o perigo de ferir-se Ipojuca. Perseguição silenciosa, á força de remos que estalam.

QUADRO

A noite vem e a regata continua ao luar.

QUADRO

E descem os fugitivos até que, de subito, dão de cara com um fortim português.

LETREIRO

Entre dois fogos!

QUADRO

Os remos caem das mãos de Ipojuca. Marabá aninha-se-lhe ao peito rijo, indiferente á morte — que nada ha mais suave do que acabar assim, a dois, em pleno apogêu do delirio do amor.

QUADRO

Os indios perseguidores ganham terreno. São avistados pelos portugueses, que logo acodem com os seus trabucos de boca de sino e abrem fuzilaria.

QUADRO

Os perseguidores fogem desordenadamente, Ipojuca, ferido no peito, é aprisionado, juntamente com Marabá.

Digitized by Google

QUADRO

Na praia, ao lado do seu arco, Ipojuca estorce-se nas dores da agonia, enquanto Marabá é levada á presença do capitão do forte, que demora um minuto para apresentar-se.

QUADRO

Rodeiam-na os lusos e admiram-lhe a beleza do tipo europeu.

Nisto o capitão do fortim aparece.

Interroga-a; examina-a cheio de pasmo, como que tomado de vagos pressentimentos.

Marabá tem no dedo o anel que Iná lhe deu.

O capitão examina-o e, assombrado, o reconhece.

— Minha filha! exclama.

E numa delirante explosão de amor paterno abraça-a e beija-a com frenesi.

QUADRO

Ipojuca, á distancia, estorce-se na agonia. Vê a cena e, sem compreender o que se passa, julga que o capitão, como um satiro, lhe rouba a amante querida. Reune as ultimas forças, toma do arco, ajusta uma flecha e despede-a contra Marabá.

QUADRO

A flecha crava-se no peito da virgem loura, que desfalece e morre nos braços do pai atonito, enquanto na praia o heroico Ipojuca exala o derradeiro suspiro, murmurando:

LETREIRO

— *Minha ou de ninguem!*

(Acendem-se as luzes e enxugam-se as lagrimas).

1923

Digitized by Google

Fatia de vida

Não era homem querido, o doutor Bonifacio Torres. Não era querido pela ponderosa razão de pensar por sua propria cabeça. Para ser querido é força pensar como toda gente.

"Toda gente!"

Moloch social cujos mandamentos havemos de seguir de cabecinha baixa, sob pena dos mais engenhosos castigos. Um deles: incidir na pécha de exquisitice.

"E' um exquisitão!"

Inutil dizer mais. O homem marcado vê-se logo posto de través e á margem, como o leproso. Torna-se um indesejavel. E' um suspeito. Haja meio e eliminam-no do gremio como a um corpo estranho, de malsão convivio.

Assombramo-nos hoje ao recordar os crimes de grupo que enchem a historia — Santo-Oficio, guerras, matanças religiosas. Transportados á época vemos que os instigou "Toda gente", o monstro incoercivel. Como vemos ainda que progredir humano não passa de consolidar as vitorias do "exquisitão" sobre "Toda gente".

"Toda gente" não tolerava duvidas sobre a fixidez da terra. Vem um "exquisitão" e diz: A terra move-se em redor do sol. "Toda gente", por intermedio de seus representantes legais, agarra o velho pelo gasnete e força-o a retratar-se.

— Renega a heresia, infame, ou asso-te já na fogueira! Galileu baixou a cabeça encanecida e abjurou. E a Terra, que começára a girar em torno ao Sol, teve que mudar de politica e imobilizar-se por muito tempo ainda. Hoje, roda livremente. O monstro deu-lhe essa liberdade...

Como se vê, apesar da guerra que "Toda gente" move aos exquisitões, as ideias destes influenciam e aos poucos transformam a mentalidade do Moloch. No começo o monstro encarcera, esquarteja, empala, sufoca. Depois, volta atrás, medita e murmura: "Ele tinha razão!" e adere com a maior inocencia.

"Toda gente" tem hoje a caridade como dogma infalivel, e por esse motivo encarou com assombro o dr. Bonifacio

Digitized by Google

quando o exquisitão sorriu a uma frase nedia e lisa do conego Eusebio. O conego Eusebio, conspicuo representante legal do Moloch, dissera no tom solene dos que monopolizam a verdade sobre o orbe:

— Não ha virtude mais sublime. Só ela tem forças para resolver a questão social. Aquele movimento belissimo durante a epidemia da gripe em S. Paulo — que replica de escachar ao espirito que nega! Todos, á uma, governos, matronas, meninas, associações, todos empenhados em lenir o sofrimento dos pobres, como que a derramar Deus nos corações!...

O dr. Bonifacio sorrira e o padre olhara-o de revés, com saudades, quem sabe, do bemaventurado tempo em que sorrisos assim recebiam a replica do fogo pio.

— Sorri-se o hereje? interpelou o padre. Nega até a caridade?

— Não nego, respondeu mansamente o filosofo, porque não nego nem afirmo coisa nenhuma. Negam e afirmam os atores, os que se agitam no palco da vida. Eu tenho meu lugar na plateia e, como não represento, observo. E como observo, sorrio — sorrio para não chorar...

— Seja mais claro.

— Serei. Quando o reverendo se abriu em louvores á caridade, não desfiz nessa cristianissima virtude. Apenas me lembrei de certo drama a que assisti — e, repito, sorri para não chorar...

Depois de breve pausa de interrogativa expectação o Dr. Bonifacio principiou.

— Isaura, a minha lavadeira...

As anedotas têm força de iman. Varios curiosos aproximaram-se e ficaram a ouvir.

— Minha lavadeira, como todas as lavadeiras, era uma pobre mulher de incomparavel heroismo, desse que os épicos não cantam, o estado não recompensa e ninguem sequer observa. Para mim, entretanto, é a forma nobre por excelencia do heroismo — a luta silenciosa contra a miseria.

— Que exquisitice!

— Porque é heroismo ininterrupto, sem treguas, continuou o dr. Bonifacio, sem momento de repouso e, alem disso, sem nenhuma esperança de qualquer especie de paga.

— Vamos ao caso...

Digitized by Google

— Viuva com quatro filhos, a heroica Isaura matava-se no trabalho incessante. Aquelas mãos vermelhas e curtidas... Aqueles braços requeimados... Que maquinas! Era do movimento deles que vinha o sustento da casa. Parassem, repousassem — e a Fome, esqualida megera que ronda os bairros pobres, meter-se-ia portas a dentro.

— Romantismo... "Esqualida megera"...

— No primeiro sabado da Grande Gripe, Isaura, minha pontualissima lavadeira, não me apareceu como de costume com a sua bandeja de roupa lavada. Em lugar dela veio uma vizinha.

— "A Isaura? perguntei-lhe.

— "Anda ás voltas com os filhos. Deu lá a "espanhola" e a pobre está que está uma roda viva.

— "Hei de ir ve-la, coitada...

— "E' caridade, senhor. A pobre é bem capaz de endoidecer...

Não fui. Impediu-mo a propria gripe, cujos primeiros sintomas nesse mesmo dia comecei a sentir. Passei de molho tres semanas e quando me levantei e me preparava para ir ver Isaura, eis que ela me reaparece em pessoa.

Em que estado, porém! Envelhecera vinte anos, tinha os cabelos brancos, os olhos no fundo, o ar de uma coisa vencida pelo destino. E tossia.

— "Sente-se e conte-me tudo.

Sentou-se e sem derramar uma só lagrima, pois já as chorara todas, narrou-me a sua tragedia.

Tinha em casa uma filha de dezoito anos, que trabalhava na costura; outra, de dezesseis, que a ajudava na lavagem; um filho de quinze, entregador de roupa, e mais uma netinha de seis anos, orfã.

A gripe apanhou-os a todos e a ela tambem. Mas a pobre creatura não soube disso, não o notou. Como perceber que estava doente, se suas faculdades eram poucas para atentar nos filhos? E lá sarou de pé, sem um remedio. E como ela tambem sarariam os filhos todos se...

O dr. Bonifacio voltou-se para o conego.

— ... se a caridade não interviesse...

— Já sei onde quer bater, exclamou o conego. Mas cumpre notar que quando falo de caridade não me refiro á assistencia publica, nem sequer á filantropia. Falo da caridade-sentimento, da caridade virtude cristã — concluiu baforando o cigarro, alegre, com ar de quem cortou vasas.

Digitized by Google

O dr. Bonifacio prosseguiu:

— ... se a caridade-sentimento não intervísse por intermedio do coração bondoso de uma vizinha. Esta vizinha, compadecida daquele angustioso transe, telefonou a um posto medico, narrando o caso e pedindo assistencia. A ambulancia veio, justamente durante a ausencia da Isaura, que saíra a compras, e levou-lhe todos os filhos para o Hospital da Imigração.

Corriam boatos apavorantes a respeito deste hospital improvisado, onde — murmuravam — só se recebiam os pobres bem pobres e o tratamento era o que devia ser, porque pobre bem pobre não é bem gente. De modo que nada apavorava tanto o povinho miudo como ir para a Imigração.

Assim, ao voltar da rua e saber do acontecido, Isaura estarreceu. Foi como se o proprio inferno houvesse aberto as goelas e engulido os adorados doentes. Quem zelaria por eles? Sozinhas em meio de desconhecidos, de enfermeiros mercenarios, que seria das pobres creanças?

Correu para aqueles lados, inquirindo ás tontas: "A Imigração? Onde fica a Imigração?" "E' por aqui". "Dobre á direita." "É lá naquela casa grande", informavam-na pelo caminho.

Chegou. Bateu. Esperou á porta um tempo enorme. Entravam e saiam pessoas apressadas, medicos, ajudantes, homens de avental. "Não é comigo", diziam. "Espere". "Bata outra vez".

Afinal, uma alma caridosa...

— Ca-ri-do-sa, repetiu o conego, sorrindo.

— ... uma alma caridosa apareceu e deu-lhe a informação pedida. Os filhos estavam lá, mais a netinha. A de dezesseis anos, porém, atacada de tifo.

— "Tifo?! exclamou, alanceada, a pobre mãe.

A alma caridosa enterrou mais fundo o punhal:

— "Sim, tifo, e do bravo.

A mulher já não ouvia. De olhos esbugalhados, como fora de si, repetia a esmo a palavra tremenda — "Tifo!" Conhecia-o muito bem. Fôra a doença malvada que lhe arrebatara o marido.

— "Quero ve-la, quero ver minha filha!...

— "Impossivel!

Isaura lutou, insistiu.

Inutil.

A porta fechou-se com chave e a pobre mulher se viu despejada na rua.

Digitized by Google

Andou muito tempo atôa, como ebria, sem destino. "Olha a louca!" gritavam os moleques. E parecia mesmo, senão louca, pelo menos aluada.

Subito Isaura resolveu-se. Havia de ver os filhos. Era mãe. "São meus, o mundo nada tem com eles. Eu os tive, eu os criei, só eu os quero no mundo. São tudo para mim. Como gentes estranhas me roubam assim os filhos, me impedem que eu, mãe, os veja? Nem ver, apenas ver? Oh, isso é demais.

Havia de ve-los.

Galvanizada pela resolução Isaura correu a implorar socorro de um homem influente cuja roupa lavava.

O influente deu-lhe uma carta. "Vá com isto que as portas se abrem".

Nova corrida ao hospital. Nova espera angustiosa. Por fim a mesma alma caridosa...

O dr. Bonifacio entreparou, olhando para o sacerdote. E, como desta vez ele silenciasse, prosseguiu:

— Por fim a alma caridosa reapareceu e disse á desolada mãe:

— "Posso ir lá dentro saber de seus filhos, mas deixa-la entrar, não!

— "E a carta?

— "Inutil. E' expressamente proibido.

— "Pois dê-me noticias de meus filhos, então.

A alma caridosa foi saber dos doentinhos e a triste mãe, embrulhada em seu chale humilde, ficou a um canto, esperando. Minutos depois reaparecia a alma caridosa.

— "Olhe, sua filha morreu.

— "Morr...

E os olhos da miseranda mãe exorbitaram, seus dedos se crisparam...

— "Morreu!... Mas qual delas?

— "Uma delas.

— "Mas qual? Qual?...

Já eram gritos lancinantes que lhe saiam da boca. A alma caridosa fechou a porta e sumiu-se...

O infinito desespero de Isaura nessa noite em casa, a revolver-se na cama, a remorder o travesseiro... "Qual? Qual das minhas filhas morreu?... A dor requintava-se ante a incerteza. "Seria a Inezinha? Seria a Marietinha?" E o cerebro lhe estalava na ansia de adivinhar. "Qual delas, meu Deus?"

São dores que a palavra não diz. Imagina-as a imaginação de cada um. Adiante.

Digitized by Google

No outro dia, a mulher correu de novo ao hospital. Repete-se a mesma cena — a ansiosa espera de sempre, os pedidos com lagrimas a saltarem dos olhos. O ambiente é o mesmo — de indiferença geral. Só não ha indiferença na alma caridosa, que reaparece e pergunta:

— "Que quer de novo, santinha?

— Meus filhos... saber...

— "Seus filhos? Não estão mais aqui. Foram removidos para o hospital do Isolamento, os dois.

— "Os dois?!...

— "Os dois, sim, porque a mais pequena tambem morreu.

— "A minha netinha morreu?!...

— "Coragem, minha velha, a vida é isto mesmo.

E a porta fechou-se pela ultima vez.

As tres ou quatro pessoas reunidas em torno do dr. Bonifacio ansiavam pelo final da historia. "E depois?" era a sugestão de todos os olhos.

O dr. Bonifacio prosseguiu:

— Depois? Depois a gripe declinou, a normalidade foi se restabelecendo e os dois filhos restantes voltaram á casa materna. Em que estado! O menino, semi-morto, cadaverico e a Inez (só ao ve-la chegar soube Izaura qual das duas morrera) e a Inez com uma tosse de tuberculosa. E ali ficaram, destroços de horrivel naufragio, aqueles tres miseraveis molambos de vida, sob a assistencia da negra enfermeira — a Fome. Continuaram a viver, sem saber como, por instinto — num desvario, numa alucinação...

Da ultima vez que vi a pobre Isaura, disse-me ela, entre dois acessos de tosse:

— Tudo porque me levaram os filhos de casa. Se ficassem nada lhes teria acontecido. A nossa vizinha, tão boa, coitada, quis fazer o bem e fez a nossa desgraça. E' um perigo ser muito bom...

O dr. Bonifacio calou-se. O conego não achou que fosse caso de comentar. A roda dissolveu-se em silencio.

Digitized by Google

A morte do camicego

Foi o Edgard quem "lançou" esse monstro. O Camicego era para sua imaginação de quatro anos um "bicho malvado", grande como o guarda-louça. Depois foi crescendo, chegou a ficar do tamanho do morro.

Moravamos na fazenda, num casarão rodeado de morros, e ser grande como o morro avistado da "porta da rua" era algo serio...

Comia gente, o Camicego, e tinha um bico *assim!* Este *assim* não era explicado com palavras, mas figurado numa careta de labios abrochados em bico e olhos esbugalhados.

Com tão gentil focinho não devia ser má rez o monstro — pensava a "gente grande" que, de passagem, via o Edgard refranzir os beicinhos naquela onomatopeia muscular. Mas para os nervosos cinco anos de sua irmã, a Marta, era de crer que fosse horrendo, tal o rictus de pavor com que, enfitando a macaquice do irmão, instintivamente lhe arremedava o muxoxo.

E todas as noites, na rede da sala de jantar, ficavam os dois absorvidos no caso do Camicego — ele a desfiar as proezas incontaveis do monstro, ela a interrompe-lo com perguntas.

— E come gente?

(Preocupava á Marta, sempre que se lhe antolhava algo desconhecido, visto pela primeira vez — um besourão, um lagarto, uma coruja — saber o grau de antropofagia da novidade. Para ela o mundo se dividia em duas classes: a dos seres bons, que não comem gente, e a dos maus, que comem gente.)

— Come sim! inventava o Edgard. Pois não sabe que comeu o filhinho de Mariana, no dia da chuvarada?

Marta volvia os olhos sonhadores para a paisagem enquadrada na janela e quedava-se a cismar...

Nisto vinha para a rede um terceiro, o Guilherme, cujos dois anos e pico o traziam ainda muito amodorrado de imaginativa. Ouvia as historias mas não se impressionava coisa nenhuma, e no meio da pagagueada hoffmanica saltava ao chão e pedia coisa mais positiva — o pão-de-ló, o bolinho de milho, a gulodice qualquer do dia, entrevista no armario.

Digitized by Google

E a historia continuava a dois, sempre na rede, onde eles se balançavam isocronos como dois ponteiros de metronomo — sempre entremeada das perguntas da menina, futura leitora de Wallace e cabalmente dilucidada pelo Edgard, um Wells em embrião.

— E onde mora o Camicego?

No quarto escuro, no porão, debaixo da cama, no buraco do forno, naquele barranco onde caiu a vaca pintada — o Edgard encontrava incontinente uma duzia de biocos tenebrosos onde encafuar a sua creação.

Ás vezes brincavam de casinha na sala de visitas, um grande salão sempre mergulhado em penumbra. Sob o sofá antigo, de canela preta, armavam com albuns de musica e almofadas a casinha da Irene, a grande boneca de louça sem uma perna.

Que maravilhosa mobilia tinha a casa de Irene! Coloridos cacos de tijela figuravam de suntuosa porcelana. Havia travessas e sopeiras "de mentira". Em torno sentavam-se sabugos de milho, representando as grandes personagens da fazenda — Anastacia, a cozinheira; Esaú, o preto tirador de leite; Leoncio, o domador. Quando comparecia á mesa este heroi, não deixava de figurar tambem, solidamente amarrado a um pé de cadeira, o ultimo animal que ele amansara. Este ultimo animal era sempre o mesmo xúxú com quatro palitos á guiza de pernas, uma pena de galinha como cauda e tres caroços de feijão figurando boca e olhos — sugestiva escultura da cozinheira que aquelas crianças preferiam aos mais bem feitos cavalinhos de pau vindos da cidade.

Assim brincavam horas, até que, de subito, farto já, o Edgard apontava para um canto da sala, onde eram mais intensas as sombras, e berrava com cara de terror:

— O Camicego!

Debandavam todos em grita, tomados de panico, rumo á sala de jantar, a rirem-se do susto.

Um dia apareceu no quintal um grande morcego moribundo, de asas rotas por uma vassourada da copeira.

O Edgard foi quem o descobriu; trouxe-o para dentro e sem vacilar o identificou:

— O Camicego!

Reuniram-se os tres em torno do monstro, em demorada contemplação: a menina, mais arredada, no instintivo asco da sua sensibilidade feminil; o Guilherme, espichado de barriga, o rosto moreno apoiado nas duas mãos; o Edgard pegando sem nojo nenhum no bicharoco, estirando-lhe as asas em gomos de

Digitized by Google

guarda-chuva, abrindo-lhe a boca para mostrar a serrilha dos alvos dentinhos. E explicava, inventava petas a respeito.

— E este Camicego tambem come gente? perguntou a menina.

— Boba! Pois não vê que é um coitado que nem come esta palhinha? e Edgard enfiou uma palha goela a dentro do bicho já morto.

Nesse momento "gente grande" apareceu na sala e pilhou-os na "porcaria" e com ralhos asperos dispersou o bando, pondo termo á lição anatomica.

O morcego, pegado com asco pela pontinha da asa, lá voou por cima do muro, pinchado e xingado — "... esta imundicie..."

Mas de nada valeu a energia. O improvisado necroterio transferiu-se ali da sala para detrás do muro, á sombra de uma laranjeira onde caira o morcego. O Edgard, com uma faca de mesa, procurava abrir a barriga do "porco" para ver o que tinha dentro. Depois teve uma grande ideia: fazer sabão da barrigada!

A faca, porém, não cortava aquelas pelancas moles e rijas, o "porco" fugia á direita e á esquerda, e assim foi até que a Anastacia, de passagem para a horta em busca de cebolinha, pilhou-os de novo na "porcaria".

— Cambadinha! Vou já contar para mamãe!...

Nova dispersão do grupo, e vôo final da nojenta pelanca do vampiro, que desta vez foi parar em poleiro inacessivel — em cima do telhado.

Datou daí a morte do Camicego. Não amedrontava mais.

Se Edgard o relembrava, os outros riam-se, porque a imaginação dos guris passara a encarnar o monstro na figura triste do pobre morcego morto, a estorricar-se ao sol no telhado.

Os homens, creanças grandes, não procedem de outra maneira. Os seus mais temerosos Camicegos saem-lhes morcegos relissimos, sempre que uma boa vassourada da critica os pespega em cima da mesa anatomica...

Digitized by Google

5.ª PARTE

ULTIMOS CONTOS

Sorte grande — O 22 da "Marajó" — Dona Expedita — Herdeiro de si mesmo — Os pequeninos — A facada imortal — A policitemia de D. Lindoca

Digitized by Google

Digitized by Google

Sorte grande

Foi numa quieta cidadezinha entrevada, dessas que se alheiam do mundo com a discreção humilde dos musgos. Havia lá a gente do Moura, o arrecadador de taxas municipais no mercado. A morte arrecadou o Moura muito fora de tempo e proposito. Resultado: viuva e sete filhos na dependura.

Dona Teodora, quarentona que nunca soubera a significação da palavra descanso, viu-se de trabalhos dobrados. Encher sete estomagos, vestir sete nudezes, educar outras tantas individualidades... Se houvesse justiça no mundo, quantas estatuas a certos tipos de mães!

A vida em tais lugarejos lembra a dos liquens na pedra. Tudo se encolhe no "limite" — no minimo que a civilização comporta. Não ha "oportunidades". Os meninos, mal empenam, emigram. As meninas, como não podem emigrar, viram moças; as moças passam a "tias"; e as tias evoluem para velhinhas enrugadas como o maracujá murcho — sem que nunca venha ensejo para a realização dos dois grandes sonhos: casamento ou ocupação decentemente remunerada.

Os empreguinhos publicos, de paga microscopica, são tremendamente disputados. Quem se aferra a um, dali só é arrancado pela morte — e passa a vida invejado. Uma só saida para as mulheres, afora o casamento: a meia duzia de cadeiras das escolinhas locais.

O mulherio de Santa Rita lembra os rizomas de gladiolos de certas casas de "cera e sementes" pouco frequentadas. O dono do negocio os expõe numa cesta á porta, á espera do freguês eventual. Não aparece freguês nenhum — e o homem os vai retirando da cesta á proporção que murcham. Mas o estoque não diminue porque entram sempre rizomas novos. O dono da casa de "cera e sementes" de Santa Rita é a Morte.

A boa mãe revoltava-se. Tinha culpa de terem vindo ao mundo as cinco meninas e os dois meninos, e de nenhum modo admitia que elas virassem maracujás secos e eles se estiolassem na lambança viciosa dos zés-ninguens.

Digitized by Google

O problema não era totalmente insoluvel com os meninos, porque podia manda-los para fora no momento oportuno — mas as meninas? Como arranjar a vida de cinco moças numa terra em que havia seis para cada homem casadouro — e só cinco cadeirinhas?

A mais velha, Maricota, herdara o temperamento e a valentia materna. Estudou o que pôde e como pôde. Fez-se professora — mas já estava nos vinte e quatro e nem sombra de colocação. As vagas iam sempre para as de maior peso politico, ainda que analfabetas. Maricota, um peso-pluma, que poderia esperar?

Mesmo assim dona Teodora não desanimava.

— Estudem. Preparem-se. De repente qualquer coisa acontece e vocês se arrumam.

Os anos, entretanto, passavam sem que a esperadissima "qualquer coisa" viesse — e os apertos recresciam. Por muito que trabalhassem em cocadas, bordados de enxoval e costurinhas, a renda não se distanciava do zero.

Dizem que as desgraças gostam de vir juntas. Quando a situação dos Mouras atingiu o ponto perigoso da "dependura", nova calamidade sobreveiu. Maricota recebeu do ceu um estranho castigo: a singularissima doença que lhe atacou o nariz.

No começo não deram importancia ao caso; só no começo, porque a doença entrou a progredir, com desorientação de todos os entendidos em medicina das redondezas. Nunca, verdadeiramente nunca, ninguem soubera por lá de coisa assim.

O nariz da moça crescia, engordava, engrovinhava, lembrando o de certos bebedos incorrigiveis. A deformação nessa parte do rosto é sempre desastrosa. Dá á fisionomia um ar comico. Todos se apiedavam da Maricota — mas riam-se sem querer.

A maldade dos logarejos tem a insistencia de certas moscas. Aquele nariz foi virando o prato predileto do Comentario. Nos momentos de escassez de assunto era infalivel porem-no á mesa.

— Se aquilo pega, ninguem mais planta rabanetes em Santa Rita. E' só levar a mão ao rosto e colher um...

— E dizem que está crescendo...

— Se está! A moça já não põe o pé na rua — nem para a missa. Aquela negrinha, cria de dona Teodora, me disse que já não é nariz — é beterraba...

Digitized by Google

— Serio?

— Cresce tanto que se a coisa continua vamos ter um nariz com uma moça atrás e não uma moça com um nariz na frente. O maior, o principal, ficará sendo o rabanete...

Nos galinheiros tambem é assim. Quando aparece uma ave doente, ou ferida, as sãs correm-na a bicadas — e bicam-na até destrui-la. Em materia de maldade o homem é galinaceo. A tal ponto chegou a de Santa Rita que, quando aparecia alguem de fóra, não vacilavam em enfileirar entre as curiosidades locais a doença da moça.

— Temos varias coisas dignas de ver-se. Ha a igreja, cujo sino tem um som sem igual no mundo. Bronze do ceu. Ha o pé de cactus da casa do major Lima, com quatro metros de roda na altura do peito. E ha o rabanete da Maricota...

O visitante espantava-se, está claro.

— Rabanete?

O informante desfiava a cronica do famoso nariz com invenções inhas comicas de sua lavra. "Não poderei ver isso?" "Creio que não, porque ela já não tem animo de pôr o pé na rua — nem para a missa".

Chegou o momento de recorrer aos medicos especialistas. Como por lá não houvesse nenhum, dona Teodora lembrou-se de um doutor Clarimundo, especialista de todas as especialidades na cidade proxima. Tinha de mandar-lhe a filha. O nariz de Maricota estava ficando clamoroso demais. Mas... mandar como? A distancia era grande. Viagem por agua — pelo rio S. Francisco, em cuja margem direita se assentava Santa Rita. O percurso custaria dinheiro; e custariam dinheiro a consulta, o tratamento, a estada lá — e onde o dinheiro? Como reunir os duzentos mil réis necessarios?

Não ha barreiras para o heroismo das mães. Dona Teodora redobrou de faina, operou milagres de genio e por fim reuniu o dinheiro da salvação.

Chegou o dia. Muito vexada de mostrar-se em publico depois de tantos meses de segregação, Maricota embarcou para a viagem de dois dias. Embarcou num "gaiola" — o "Comandante Éxuperio" — e logo que se viu a bordo tratou de descobrir um cantinho em que ficasse a salvo da curiosidade dos passageiros. Inutilmente. Deu logo nos olhos de varios, sobretudo nos dum moço de bom aspecto, que entrou a mira-la com singular insistencia. Maricota esgueirou-se de sua presença e, de bruços na amurada, fingiu-se absorta

Digitized by Google

na contemplação da paisagem. Fraude pura, coitadinha. A unica paisagem que via era a sua — a nasal. O passageiro, entretanto, não a largava.

— Quem é essa moça? quis saber — e um de boca perdigotante, tambem embarcado em Santa Rita, regalou-se em contar pormenorizadamente tudo quanto sabia a respeito.

O moço refranziu a testa. Reconcentrou-se a meditar. Por fim seus olhos brilharam.

— Será possivel! murmurou em soliloquio, e resolutamente encaminhou-se na direção da triste criatura absorvida na contemplação da paisagem.

— Perdão, minha senhora, eu sou medico e...

Maricota voltou para ele os olhos, muito vexada, sem saber o que dizer. Como um eco, repetiu:

— Medico?...

— Sim, medico — e o seu caso está me interessando profundamente. Se é o que suponho, talvez que... Mas, venha cá — conte-me tudo — conte-me como isso começou. Não se vexe. Sou medico — e para os medicos não ha segredos. Vamos...

Maricota, depois de alguma resistencia, contou tudo, e á medida que falava o interesse do moço recrescia.

— Com licença, disse ele — e pôs-se a examinar-lhe o nariz, sempre com perguntas cujo alcance a moça não percebia.

— Como é seu nome? atreveu-se a indagar Maricota.

— Doutor Cadaval.

A expressão do medico lembrava a do garimpeiro que encontra um diamante de valor fabuloso — um Cullinan! Nervosamente ele insistia:

— Conte, conte...

Queria saber tudo; como aquilo começara, como se desenvolvera, que perturbação ela sentira e outras coisinhas tecnicas. E as respostas da moça tinham o condão de aumentar-lhe o entusiasmo. Por fim,

— Maravilhoso! exclamou. Um caso unico de boa sorte...

Tais exclamações desnortearam a doente. "Maravilhoso?" Que maravilhamento poderia causar a sua desgraça? Chegou a ressentir-se. O medico tentou sossega-la.

— Perdoi-me, dona Maricota, mas o seu caso é positivamente extraordinario. De momento não posso firmar parecer — estou sem livros; mas macacos me lambam se o que a senhora tem não é um rinofima — um RINOFIMA, imagine!

Digitized by Google

Rinofima! aquela palavra estranha, dita naquele tom de entusiasmo, em coisa nenhuma melhorou a situação de atrapalhamento de Maricota. O fato de sabermos o nome de uma doença não nos consola nem cura.

— E que tem isso? perguntou ela.

— Tem, minha senhora, que é uma doença rarissima. Pelo que sei a respeito, não se conhece ainda um só caso em toda America do Sul. Olhe que não estou falando do Brasil — sim da America do Sul... Compreende agora o meu entusiasmo de profissional? Medico que descobre casos unicos é medico de nome feito...

Maricota começava a compreender.

Longamente Cadaval debateu a situação, informando-se de tudo — da familia, do objeto da viagem. Ao saber de sua ida á cidade proxima em busca do Dr. Clarimundo, revoltou-se.

— Qual Clarimundo, minha senhora! Esses medicos da roça não passam de perfeitas cavalgaduras. Formam-se, afundam nos logarejos, nunca lêem nada. Atrasadissimos. Se a senhora vai consulta-lo, perderá o seu tempo e o seu dinheiro. Ora o Clarimundo!

— Conhece-o?

— Claro que não, mas adivinho. Conheço a classe. O seu caso, minha senhora, é a maravilha das maravilhas, desses que só podem ser tratados pelos grandes medicos dos grandes centros — e estudado pelas academias. A senhora vai mas é para o Rio de Janeiro. Tive a sorte de encontra-la e não a largo mais. Ora esta! Um rinofima destes nas mãos do Clarimundo! Tinha graça...

A moça alegou que a sua pobreza não lhe permitia tratar-se na capital. Eram pauperrimos.

— Sossegue. Eu farei todas as despesas. Um caso como o seu vale ouro. Rinofima! O primeiro observado na America do Sul! Isso é ouro em barra, minha senhora...

E tanto falou, e tanto gabou a beleza do rinofima, que Maricota deu de sentir uns começos de orgulho. Depois de duas horas de debates e combinações, já estava outra — sem vexame nenhum dos passageiros — e a exibir pelo tombadilho o seu rabanete como quem exibe algo fascinante.

O doutor Cadaval era um moço extremamente expansivo, dos que não param de falar. O empolgamento em que ficou fê-lo debater o assunto com todos de bordo.

Digitized by Google

— Comandante, disse ao capitão horas depois, aquilo é uma preciosidade sem par. Unico na America do Sul, imagine! O sucesso que vou fazer no Rio — na Europa! E' dessas coisas que arrumam a carreira de um medico. Um rinofima! Um ri-no-fi-ma, capitão!...

Não houve passageiro que se não inteirasse da historia do rinofima da moça — e o sentimento de inveja tornou-se geral. Evidentemente Maricota fôra marcada pelo Destino. Possuia algo unico, uma coisa de fazer a carreira de um medico e de figurar em todos os tratados de medicina. Muitos houve que instintivamente correram os dedos pelo nariz, na esperança de apalpar um comecinho da maravilha...

Maricota, ao recolher-se á cabina, escreveu á mãe:

"Tudo está mudando da maneira mais exquisita, mamãe! Encontrei a bordo um medico distintissimo, que ao dar com o meu nariz abriu a boca no maior entusiasmo. Eu só queria que a senhora visse. Acha que é uma grande — uma grandissima coisa, a coisa mais rara do mundo, unica na America do Sul, imagine! Disse que vale um tesouro, que para ele foi o mesmo que ter encontrado um tal diamante Cullinan. Quer que eu vá para o Rio de Janeiro. Paga tudo. Como aleguei que somos muito pobres, prometeu que depois da operação me arranja um logar de professora. Imagine, eu professora no Rio de Janeiro! Que ponta, hein? Estou que não caibo em mim. Professora no Rio!... Até a vergonha lá se foi. Passeio com o nariz bem á mostra, alto. E, coisa incrivel, mamãe, todos me olham com inveja! Inveja, sim — eu leio nos olhos de todos. Decore esta palavra: RINOFIMA. E' o nome da doença. Ah, eu só queria ver a cara desses bobos de Santa Rita que tanto caçoavam de mim — quando souberem..."

Maricota mal conseguiu dormir nessa noite. Grande mudança de ideias se operava em sua cabeça. Qualquer coisa a advertia de que era chegado o momento de uma grande tacada. Tinha de tirar vantagens da situação — e como ainda não dera resposta definitiva ao Dr. Cadaval, deliberou executar um plano.

No dia seguinte o medico abordou-a de novo.

— Então, dona Maricota, está resolvida, afinal?

A moça estava resolvidissima; mas, boa mulher que era, fingiu.

— Não sei ainda. Escrevi a mamãe... Ha a minha situação pessoal e a da minha gente. Para que eu vá ao Rio

Digitized by Google

preciso ficar sossegada quanto a estes dois pontos. Tenho dois irmãos e quatro irmãs — e como é? Ficar lá no Rio sem eles, impossivel. E como deixa-los sozinhos em Santa Rita, se sou o esteio da casa?

O Dr. Cadaval refletiu uns momentos. Depois disse:

— Os rapazes eu posso colocar facilmente. Já suas irmãs, não sei. Que idade têm elas?

— Alzira, a logo abaixo de mim, está com 25 anos. Muito boa criatura. Borda que é um primor. E bonitinha.

— Se tem essas prendas, poderemos coloca-la numa boa casa de modas. E as outras?

— Ha a Anita, com 22, mas essa só sabe ler e escrever versos. Sempre teve um jeito extraordinario para a poesia.

O Dr. Cadaval coçou a cabeça. Colocar uma poetiza não é nada facil — mas veria. Ha os empregos do governo, nos quais cabem até os poetas.

— Ha a Olga, com 20 anos, que só pensa em casar. Essa não quer outro emprego. Nasceu para o casamento — e lá em Santa Rita está secando porque não ha homens — todos emigram.

— Arranjaremos um bom casamento para a Olga, prometeu o medico.

— E ha a Odete, com 19 anos, que ainda não revelou disposição para coisa nenhuma. Boa criatura, mas muito criançola, bobinha.

— Vai ser outro casamento, sugeriu o medico. Arranja-se. Arranjaremos a vida de todos.

O Dr. Cadaval ia prometendo com aquela facilidade porque no intimo não tinha intenção de colocar tanta gente. Poderia, sim, arrumar a vida de Maricota — depois de opera-la. Mas o resto da familia, que se fomentasse.

Assim não sucedeu, entretanto. As aperturas da vida tinham dado a Maricota um senso das realidades verdadeiramente totalitario. Percebendo que aquela oportunidade era a maior da sua vida, resolveu não deixa-la escapar. De modo que ao chegar ao Rio, antes de entregar-se ao tratamento e exibir na Academia de Medicina o seu caso unico, impôs condições. Alegou que sem a irmã Alzira não tinha jeito de ficar sozinha na capital — e o remedio foi a vinda de Alzira. Mal pilhou lá a irmã, insistiu em coloca-la — porque não tinha o menor proposito ficarem as duas nas costas do medico. "Assim, a Alzira acanha-se e volta".

Digitized by Google

Ansioso por dar inicio á exploração do rinofima, o medico pulou para arranjar a colocação da Alzira. E depois disso deu novos pulos para mandar vir e colocar a Anita. E depois da Anita chegou a vez da Olga. E depois da Olga chegou a vez da Odete. E depois da Odete chegou a vez de dona Teodora e dos dois rapazes.

O caso da Olga foi dificil. Casamento! Mas Cadaval teve uma ideia filha do desespero: intimou um seu ajudante no consultorio, português quarentão de nome Niceforo, a casar-se com a menina. Ultimatum da Moral.

— Ou casa-se ou vai para o olho da rua. Não quero mais saber de auxiliares solteirões.

Niceforo, tipo bastante pai-da-vida, coçou a cabeça mas casou-se — e foi o mais feliz dos Niceforos.

A familia já estava toda arrumada, quando Maricota se lembrou de dois primos. O medico, porém, resistiu.

— Não. Isso tambem é demais. Se continua assim, a senhora acaba forçando-me a arranjar um bispado para o padre de Santa Rita. Não e não.

A vitoria do Dr. Cadaval foi verdadeiramente estrondosa. Encheram-se as revistas medicas, e os jornais, com a noticia da solene apresentação á Academia de Medicina do belissimo caso — unico na America do Sul — dum maravilhoso rinofima, o mais belo dos rinofimas. As publicações estrangeiras acompanharam as nacionais. O mundo cientifico de todos os continentes ficou sabendo de Maricota, do seu "rabanete" e do eminente Doutor Cadaval Lopeira — luminar da ciencia medica sul-americana.

Dona Teodora, felicissima, não cessava de comentar o estranho curso dos acontecimentos.

— Bem se diz que Deus escreve direito por linhas tortas. Quando havia eu de imaginar, ao nos surgir aquela horrivel coisa no nariz de minha filha, que era para o bem geral de todos!

Restava a parte ultima — a operação. Maricota, entretanto, ainda nas vesperas do dia marcado vacilava.

— Que acha, mamãe? Deixo ou não deixo que o doutor me opere?

Dona Teodora abriu a boca.

— Que ideia, menina! Claro que deixa. Pois ha de ficar toda vida assim, com esse escandalo na cara?

Maricota não se decidia.

Digitized by Google

— Podemos demorar um pouco mais, mamãe. Tudo quanto nos veio de bom saiu do rinofima. Quem sabe se nos rende mais alguma coisa? Há ainda o Zezinho a colocar — e o pobre do Quindó, que nunca achou emprego...

Mas dona Teodora, arquifarta do "rabanete", ameaçou de leva-la de volta para Santa Rita, se ela teimasse na asneira de retardar, por um só dia, a operação. E Maricota foi operada. Perdeu o rinofima, ficando com um nariz igual ao de todas as outras, apenas levemente enrugadinho em consequencia dos enxertos de epiderme.

.. ..

Quem positivamente desapontou foi a gente maldosa do logarejo. O maravilhoso romance da Maricota era comentado em todas as rodinhas com grandes exageros — até com o exagero de que ela estava noiva do Dr. Cadaval.

— Como a gente se engana neste mundo! filosofou o farmaceutico. Todos pensamos que aquilo fosse doença — mas o verdadeiro nome de tais "rabanetes", sabem qual é?

— ?

— Sorte Grande, minha gente! Sorte Grande da Espanha...

1939

Digitized by Google

O 22 da "Marajó"

Esse delirio que por aí vai pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O espetaculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes filosofos gregos; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos atletas vencedores no estadio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoço a touros, só para nós tem menos importancia que seu mestre Pitagoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inadmissivel a ideia de que o filosofo pudesse um dia ofuscar a gloria do lutador.

Em França, antes da surra que lhe deu Dempsey, o homem verdadeiramente popular era George Carpentier, mestre em sôcos de primeira classe; e se dessem nas massas um balanço sincero, veriam que ele sobrepujava em prestigio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que quasi está em suas mãos subverter o regimen politico.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual milhares de criaturas, sobretudo crianças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios coletivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel assistir-se a espetaculo mais revelador da alma humana do que o jogo de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cincoenta mil pessoas deliram, em transe, extaticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa, ou violentissimas deflagrações de entusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, fica fóra de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos.

Digitized by Google

A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cincoenta mil espectadores, possibilizando um esfaqueamento mutuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as eletricidades psiquicas acumuladas em cada individuo.

O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo da marasmo de nervos em que vivia. Antes dele, só nas classes medias a luta politica tinha o prestigio necessario para uma exaltaçãozinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu aclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transformou-se quasi em praga, conseguindo, só ele, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente o nosso povo.

No Estado de S. Paulo não ha recanto, viloca, fazenda, bairro onde não sejam vistos num chão plaino e batido os dois retangulos opostos, assinaladores dum *ground*. Pelas regiões novas, de virgindade só agora atacada pelos invasores, é comum topar-se de subito, em plena mata, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de pau vêm bater bola.

Já assistimos a um *match* em certa fazenda. Tudo muito bem arrumado; os *players* uniformizados, de meias grossas e botinas ferradas, tal qual nos *clubs* das cidades. E falando em *corners, goals, hands, halftimes,* a inglesia inteira dos termos tecnicos.

Ao nosso lado o fazendeiro explicava:

—Aquele *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está-me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros; e os *forwards,* simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos diante da maior revolução de costumes jamais operada em terras de Santa Cruz. E tudo por arte e obra de uma simples esfera de couro estufada de ar...

Antes do futebol, só a capoeiragem conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus Friedenreichs, e afinal acabou perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nela uma das nossas poucas coisas de legitima criação nacional.

Infelizmente não se guardou memoria escrita desse esporte, cujos anais se encheram de maravilhosas proezas.

Digitized by Google

Não teve poetas, não teve cantores, não teve sabios que as salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de rasteiras, rabos d'arraia e soltas restam apenas anedotas esparsas, em via de se diluirem na memoria de velhos contemporaneos.

Que se fixe, pois, em letra de fôrma, ao menos o caso do 22 da *Marajó,* com tanto chiste narrado pelo maior humorista brasileiro, esse prodigioso Mark-Twain inedito que é o sr. Felinto Lopes.

O 22 da *Marajó* era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de pernas para cima quiosques portugueses. Rapazinho bonito, imperava na Saude onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de boca em boca, discutidas como façanhas de Rolando. E tais fez ele que o governo, incomodado, deportou-o para o Norte, a servir no Alto Amazonas, em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido dos seus dotes plasticos, ferrou namoro com a mulher de um *shipchandler,* da qual se tornou amante.

Pouco durou o trio.

O *shipchandler* morreu e o 22 casou-se com a viuva, herdeira dum paco de quatrocentos contos de reis. Pediu baixa, obteve-a e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu dois anos. Ao cabo regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman,* embasbacava a rua do Ouvidor com o apuro dos trajes, as polainas, as luvas, a cartola café-com-leite.

Quem é? Quem é? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo certamente, cochichavam. Não vêem que modos distintos?

E o 22, impavido, petroneando de monoculo no olho, a olhar de cima para os homens e as coisas...

Tinha habitos certos e todos os dias passava pelo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que ali era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida, em materia de esporte feminino. Os quais rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar a prôa ao novo concorrente, apenas aguardando para isso a bôa oportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais imponente do que nunca, coincidiu aproximar-se da roda chique um capoeira mordedor, que se gabava de ser mestre em *soltas.*

Digitized by Google

Quem sabe hoje o que é a solta, nesta epoca de *kicks* e *shootes*? Solta era uma cabeçada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil reis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapecar uma solta naquele freguês que ali vai de monoculo.

— É já! exclamou o capoeira, gingando o corpo. E, tirando o chapeu, foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de lord, muito esticado dentro do seu croisé cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio o defronta, o capoeira avança e despeja-lhe uma formidavel e primorosa cabeçada.

O Petronio, porém, quebra o corpo, e a cabeça do atacante vai de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado planta-o no chão com elegantissima rasteira. O mordedor, tonto e confuso, ergue-se... mas desaba de novo, cerceado por outra gentil rasteira. Passara imprevistamente de agressor a agredido e, desnorteado, deu sebo ás canelas, indo apalpar o galo da cabeça a cem passos de distancia.

Enquanto isso o Petronio, serenamente consertando a gravata, com grande calma dirige a palavra á assombradissima roda elegante.

— Só uma besta destas dá soltas sem negaça. Já dizia o Cincinato Quebra-Louça: Soltas sem negaça, só em lampeão de esquina. Se "grampeasse", inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia e o Zé da Gambôa admitem soltas neste caso, mas isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra.

E girando a bengala de unicornio entre os dedos concluiu com saudades:

— Já gostei deste divertimento. Hoje a minha posição social não mais mo permite. Mas vejo com tristeza que a arte está decaindo...

E lá se foi, imperturbavel e superior, murmurando consigo:

— Soltas sem negaça... Forte besta!

Passado o momento de estupor, os elegantes planearam solene desforra. Contratariam o famoso Dente de Ouro, da Saude, para romper o baluarte e quebrar de vez a prôa ao estranho personagem.

Tudo bem assentado, no dia do ajuste vieram colocar-se no carreiro, com o rompe-e-rasga á frente.

— É aquele lá! disseram, assim que repontou ao longe a cartola café-com-leite do Petronio.

Digitized by Google

Dente de Ouro avançou para o desconhecido. Ao defronta-lo, porém, entreparou e abriu-se num grande riso palerma.

— O 22!... Você por aqui?...

— Cala o bico, moleque, e toma lá para o cigarro; mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, respondeu o Petronio, correndo-lhe uma pelega de dez e seguindo o seu caminho imperturbavelmente.

Dente de Ouro voltou para o grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram estes, desnorteados com o imprevisto desfecho.

— 'cês tão bestas! Pois aquele é o 22 da *Marajó,* corpo fechado p'ra "sardinha" e pé que nunca "malou saque". Estrompar o 22, 'cês 'tão bestas!...

1923

Digitized by Google

Dona Expedita

— ...

— Minha idade? Trinta e seis...

— Então, venha.

Sempre que dona Expedita se anunciava no jornal, dando um numero de telefone, aquele dialogo se repetia. Seduzidas pelos termos do anuncio, as donas de casa telefonavam-lhe para "tratar" — e vinha inevitavelmente a pergunta sobre a idade, com a tambem inevitavel resposta dos 36 anos. Isso desde antes da Grande Guerra. Veio o 1914 — ela continuou nos 36. Veio a batalha do Marne; veio o armisticio — ela firme nos 36. Tratado de Versalhes — 36. Começos de Hitler e Mussolini — 36. Conversações de Munich — 36...

A futura guerra a reencontrará nos 36. O mais teimoso dos empaques! Dona Expedita já está "pendurada", escorada de todos os lados, mas não tem animo de abandonar a casa dos 36 anos — tão simpatica!

E como só tem 36 anos, veste-se á moda dessa idade, um pouco mais vistosamente do que a justa medida aconselha. Erro grande! Se á força de côres claras, ruges e batons, não mantivesse aos olhos do mundo os seus famosos 36, era provavel que désse a ideia duma bem aceitavel matrona de 60...

Dona Expedita é "tia". Amor só teve um, lá pela juventude, do qual ás vezes, nos "momentos de primavera", ainda fala. Ah, que lindo moço! Um príncipe. Passou um dia a cavalo pela sua janela. Passou na tarde seguinte e ousou um cumprimento. Passou e repassou durante duas semanas — e foram duas semanas de cumprimentos e olhares de fogo. E só. Não passou mais — desapareceu da cidade para sempre.

O coração da gentil Expedita pulsou intensamente naqueles maravilhosos quinze dias — e nunca mais. Nunca mais namorou ou amou ninguem — por causa da casmurrice do pai.

Seu pai era um caturra de barbas á von Tirpitz, português irredutivel, desses que fogem de certos romances de

Digitized by Google

Camilo e reentram na vida. Feroz contra o sentimentalismo. Não admitia namoros em casa, e nem que se pronunciasse a palavra casamento. Como vivesse setenta anos, forçou as duas unicas filhas a se estiolarem ao pé da sua catarreira cronica. "Filhas são para cuidar da casa e da gente".

Morreu, afinal e arruinado. As duas "tias" venderam a casa para pagamento das contas e tiveram de empregar-se. Sem educação tecnica, os unicos empregos antolhados foram os de criada grave, dama de companhia ou "tomadeira de conta" — graus levemente superiores á crua profissão normal de criada comum. O fato de serem de "boa família" autorisava-as ao estacionamento nesse degrau um pouco acima do ultimo.

Um dia a mais velha morreu. Dona Expedita ficou só no mundo. Que fazer, senão viver? Foi vivendo e especializando-se em lidar com patroas. Por fim distraia-se com isso. Mudar de emprego era mudar de ambiente — ver caras novas, coisas novas, tipos novos. Um cinema — o seu cinema! O ordenado, sempre mesquinho. O maior de que se lembrava fôra de 150 mil réis. Caiu depois para 120; depois para 100; depois 80. Inexplicavelmente as patroas íam-lhe diminuindo a paga a despeito da sua permanencia na linda idade dos 36 anos...

Dona Expedita colecionava patroas. Teve-as de todos os tipos e naipes — das que obrigam as criadas a comprar o açucar com que adoçam o café, ás que voltam para casa de manhã e nunca lançam os olhos para o caderno de compras. Se fosse escritora teria deixado o mais pitoresco dos livros. Bastava que fixasse metade do que viu e "padeceu". O capítulo das pequeninas decepções seria dos melhores — como aquele caso dos 400 mil réis...

Foi certa vez em que, saida de um emprego, andava em procura de outro. Nessas ocasiões costumava encostar-se á casa de uma família que se dera com a sua, e lá ficava um mês ou dois até conseguir nova colocação. Pagava a hospedagem fazendo doces, no que era perita, sobretudo num certo bolo inglês que mudou de nome, passando a chamar-se o "bolo de dona Expedita". Nesses interregnos comprava todos os dias um jornal especializado em anuncios domesticos, no qual lia atentamente a seção do "Procura-se". Com a velha experiencia adquirida, adivinhava pela redação as condições reais do emprego.

Digitized by Google

— Porque "elas" publicam aqui uma coisa e querem outra, comentava filosoficamente, batendo no jornal. Para esconder o leite, não ha como as patroas!

E ia lendo, de oculos na ponta do nariz: "Precisa-se duma senhora de meia idade para servicinhos leves".

— Hum! Quem lê isto pensa que é assim mesmo — mas não é. O tal servicinho leve não passa de isca — é a minhoca do anzol. A mim é que não me enganam, as biscas...

Lia todos os "procura-se", com um comentario para cada um, até que se detinha no que lhe cheirava melhor. "Precisa-se duma senhora de meia idade para serviços leves, em casa de fino tratamento".

— Este, quem sabe? Se é casa de fino tratamento, pelo menos fartura ha de haver. Vou telefonar.

E vinha a telefonada do costume com a eterna declaração dos 36 anos.

O habito de lidar com patroas manhosas levou-a a lançar mão de varios recursos estrategicos; um deles: só "tratar" pelo telefone e não dar-se como ela mesma. "Estou falando em nome duma amiga que procura emprego". Desse modo tinha mais liberdade e jeito de sondar a "bisca".

— "Essa amiga é uma excelente criatura" — e vinham bem dosados elogios. "Só que não gosta de serviços pesados".

— "Que idade?

— "Trinta e seis anos. Senhora de muito boa família — mas por menos de 150 mil réis nunca se empregou".

— "É muito. Aqui o mais que pagamos é 110 — sendo boa.

— Não sei se ela aceitará. Hei de ver. Mas qual é o serviço?

— "Leve. Cuidar da casa, fiscalizar a cozinha, espanar — arrumar...

— "Arrumar? Então é arrumadeira que a senhora quer?

E dona Expedita pendurava o fone, arrufada, murmurando: "Outro ofício!"

O caso dos 400 mil réis foi o seguinte. Ela andava sem emprego e a procura-lo na seção do "precisa-se". Subito, seus olhos deram com esta maravilha: "Precisa-se duma senhora de meia idade para fazer companhia a uma enferma; ordenado, 400 mil réis".

Dona Expedita esfregou os olhos. Leu outra vez. Não acreditou. Foi em busca duns oculos novos adquiridos na vespera. Sim. Lá estava escrito 400 mil réis!...

Digitized by Google

A possibilidade de apanhar um emprego unico no mundo fe-la pular. Correu a vestir-se, a pôr o chapeuzinho, a avivar as côres do rosto — e vôou pelas ruas afora.

Foi dar com os costados num rua humilde; nem rua era — numa "avenida". Defronte á casa indicada — casinha de porta e duas janelas — havia uma duzia de pretendentes.

— Será possivel? O jornal saiu agorinha e já tanta gente por aqui?

Notou que entre as postulantes predominavam senhoras bem vestidas, com o aspecto de "damas envergonhadas". Natural que assim fosse porque um emprego de 400 mil réis era positivamente um fenomeno. Nos seus... 36 anos de vida terrena jamais tivera noticia de nenhum. Quatrocentos por mês! Que mina! Mas como um emprego assim em casa tão modesta? "Já sei. O emprego não é aqui. Aqui é onde se trata — casa do jardineiro, com certeza..."

Dona Expedita observou que as pretendentes entravam de cara risonha e saiam de cabeça baixa. Evidentemente a decepção da recusa. E seu coração batia de gosto ao ver que todas iam sendo recusadas. Quem sabe? Quem sabe se o destino marcara justamente a ela como a eleita?

Chegou por fim sua vez. Entrou. Foi recebida por uma velha na cama. Dona Expedita nem precisou falar. A velha foi logo dizendo:

— "Houve erro do jornal. Mandei pôr 40 mil réis e puseram 400... Tinha graça eu pagar 400 a uma criada, eu que vivo á custa do meu filho, sargento da policia, que nem isso ganha por mês.."

Dona Expedita retirou-se com cara exatamente igual á das precedentes.

O peor da luta entre criados e patroas é que estas são compelidas a exigir o maximo, e as criadas, por natural defesa, querem o minimo. Nunca jamais haverá acordo, porque é choque de totalitarismo com democracia.

Um dia, entretanto, dona Expedita teve a maior das surpresas: encontrou uma patroa absolutamente identificada com suas ideias quanto ao "minimo ideal" — e, mais que isso, entusiasmada com esse minimalismo — a ajuda-la a minimizar o minimalismo!

Foi assim. Dona Expedita estava, pela vigesima vez, na tal familia amiga, á espera de nova colocação. Lembrou-se de recorrer a uma agencia, para a qual telefonou. "Quero

Digitized by Google

uma colocação assim, assim, de 200 mil réis, em casa de gente arranjada, fina e, se for possivel, em fazenda. Serviços leves, bom quarto, banho. Aparecendo qualquer coisa deste genero, peço que me telefonem" — e deu o numero do aparelho e da casa.

Horas depois retinia a campainha do portão.

— É aqui que mora Madame Expedita? perguntou em lingua atrapalhada uma senhora alemã, cheia de corpo, de bom aspecto.

A criadinha que atendeu disse que sim, fê-la entrar para o hall de espera e foi correndo avisar dona Expedita. "Uma estrangeira gorda, querendo falar com *Madame!*"

— Que pressa, meu Deus! murmurou a solicitada, correndo ao espelho para os retoques. Nem tres horas faz que telefonei. Agencia boa, sim...

Dona Expedita apareceu no hall com um excessozinho de ruge nos beiços de mumia. Apareceu e conversou — e maravilhou-se, porque pela primeira vez na vida encontrava a patroa ideal. A mais sui-generis das patroas, de tão integrada no ponto de vista das "senhoras de meia idade que procuram serviços leves".

O dialogo travou-se num crescendo de animação.

— Muito boa tarde! disse a alemã com a maior cortesia. Então foi Madame que telefonou para a agencia?

O "madame" causou especie a dona Expedita.

— É verdade. Telefonei e dei as condições. A senhora gostou?

— Muito, mas muito mesmo! Era exatamente o que eu queria. Perfeito. Mas vim ver pessoalmente, porque o costume é anunciarem uma coisa e a realidade ser outra.

A observação encantou dona Expedita, cujos olhos brilharam.

— A senhora parece que está pensando com a minha cabeça. É justamente isso o que se dá, vivo eu dizendo. As patroas escondem o leite. Anunciam uma coisa e querem outra. Anunciam serviços leves e botam em cima das pobres criadas a maior trabalheira que podem. Eu falei, eu insisti com a agencia: *"servicinhos leves"*...

— Isso mesmo ! concordou a alemã, cada vez mais encantada. Serviços leves, bem leves, porque afinal de contas uma criada é gente — não é burro de carroça.

— Claro! Mulheres de certa idade não podem fazer serviços de mocinhas, como arrumar, lavar, cozinhar quando a

Digitized by Google

cozinheira não vem. Otimo! Quanto á acomodação, falei á agencia em "bom quarto"...

— Exatamente! concordou a alemã. Bom quarto — com janelas. Nunca pude conformar-me com isso das patroas meterem as criadas em desvãos escuros, sem ar, como se fossem malas. E sem banheiro em que tomem banho.

Dona Expedita era toda risos e sorrisos. A coisa estava lhe saindo maravilhosa.

— E banho quente! acrescentou com entusiasmo.

— Quentissimo! berrou a alemã batendo palmas. Isso para mim é ponto capital. Como pode haver asseio numa casa onde nem banheiro ha para as criadas?

— Ah, minha senhora, se todas as patroas pensassem assim! exclamou dona Expedita erguendo os olhos para o ceu. Que felicidade não seria o mundo! Mas no geral as patroas são más — e iludem as pobres criadas, para agarra-las e explora-las.

— Isso mesmo! apoiou a alemã. A senhora está falando como um livro de sabedoria. Para cada cem patroas haverá cinco ou seis que tenham coração — que compreendam as coisas...

— Se houver! duvidou dona Expedita.

O entendimento das duas era perfeito: uma parecia o "double" da outra. Debateram o ponto dos "serviços leves" com tal mutua compreensão que os serviços ficaram levissimos, quasi nulos — e dona Expedita viu erguer-se diante de si o grande sonho de sua vida: um emprego em que não fizesse nada, absolutamente nada...

— Quanto ao ordenado, disse ela (que sempre pedia 200 para deixar por 80), fixei-o em 200...

Avançou isso medrosamente e ficou á espera da inevitavel repulsa. Mas a repulsa do costume pela primeira vez não veio. Bem ao contrario disso, a alemã concordou com entusiasmo.

— Perfeitamente! Duzentos por mês — e pagos no ultimo dia de cada mês.

— Isso! berrou dona Expedita levantando-se da cadeira. Ou no comecinho. Essa historia de pagamento em dia incerto nunca foi comigo. Dinheiro de ordenado é sagrado.

— Sacratissimo! urrou a alemã levantando-se tambem.

— Otimo, exclamou dona Expedita. Está tudo como eu queria.

— Sim, otimo, repetiu a alemã. Mas a senhora tambem falou em fazenda...

Digitized by Google

— Ah, sim. fazenda. Uma fazenda boa, com bastante frutas, bastante leite, bastante ovos — e bonita, porque ha fazendas muito feias.

O quadro da fazenda bonita, toda frutas, leite e ovos, extasiou a alemã. Que maravilha...

Dona Expedita continuou:

— Gosto muito de lidar com pintinhos.

— Pintos? Ah! É o maior dos encantos! Adoro os pintos — as ninhadas... O nosso entendimento vai ser absoluto, Madame...

O extase de ambas sobre a vida de fazenda foi subindo numa vertigem. Tudo quanto havia de sonhos incubados naquelas almas refloriu viçoso. Infelizmente a alemã teve a ideia de perguntar:

— E onde fica a *sua* fazenda, Madame?

— A *minha* fazenda? repetiu dona Expedita refranzindo a testa.

— Sim, a sua fazenda — a fazenda para onde Madame quer que eu vá...

— Fazenda para onde eu quero que a senhora vá? tornou a repetir dona Expedita, sem entender coisa nenhuma. Fazenda, eu? Pois se eu tivesse fazenda lá andava a procurar emprego?

Foi a vez da alemã arregalar os olhos, atrapalhadissima. Tambem não estava entendendo coisa nenhuma. Ficou uns instantes no ar. Por fim:

— Pois Madame não telefonou para a agencia dizendo que tinha um emprego, assim assim, na *sua fazenda?*

— *Minha* fazenda uma ova! Nunca tive fazenda. Telefonei *procurando* emprego, se possivel numa fazenda, isso sim...

— Então, então, então... e a alemã enrubeceu como uma papoula.

— Pois é, disse dona Expedita percebendo afinal o qui-pro-quó. Estamos aqui feito duas idiotas, cada qual querendo emprego e pensando que a outra é a patroa...

O comico da situação fe-las afinal rirem-se — e gostosamente, já retornadas á posição de "senhoras de meia idade que procuram serviços leves."

— Esta foi muito boa! murmurou a alemã levantando-se para sair. Nunca me aconteceu coisa assim. Que agencia, hein?

Dona Expedita filosofou.

Digitized by Google

— Eu bem que estava desconfiada. A esmola era demais. A senhora ia concordando com tudo que eu dizia — até com os banhos quentes! Ora, isso nunca foi linguagem de patroa — dessas biscas. A agencia errou, talvez por causa do telefone que estava danado hoje — além do que sou meio dura dos ouvidos...

Nada mais havia a dizer. Despediram-se. Depois que a alemã bateu o portão, dona Expedita fechou a porta, com um suspiro arrancado do fundo das tripas.

— Que pena, meu Deus! Que pena não existirem no mundo patroas que pensem como as criadas...

1939

Digitized by Google

Herdeiro de si mesmo

O povo de Dois Rios não cessava de comentar a inconcebivel "sorte" do coronel Lupercio Moura, o grande milionario local. Um homem que saira do nada. Que começara modesto menino de escritorio dos que mal ganham para os sapatos, mas cuja vida, dura até aos 36 anos, foi daí por diante a mais espantosa subida pela escada do Dinheiro. a ponto de aos 60 ver-se montado numa hipopotamica fortuna de 60 mil contos de réis.

Não houve o que Lupercio não conseguisse da Sorte — até o posto de Coronel, apesar de já extinta a pitoresca instituição dos coroneis. A nossa velha Guarda Nacional era uma milicia meramente decorativa, com os galões de capitão, major e coronel reservados para coroamento das vidas felizes em negocios. Em todas as cidades havia sempre um coronel: o homem de mais posses. Quando Lupercio chegou aos 20 mil contos, a gente de Dois Rios sentiu-se acanhada de trata-lo apenas de "senhor Lupercio". Era pouquissimo. Era absurdo que um detentor de tanto dinheiro ainda se conservasse "soldado raso" — e por consenso unanime promoveram-no, com muita justiça, a coronel, o posto mais alto da extinta milicia.

Criaturas ha que nascem com misteriosa aptidão para monopolizar dinheiro. Lembram imans humanos. Atraem a moeda com a mesma inexplicavel força com que o iman atrai a limalha. Lupercio tornara-se iman. O dinheiro procurava-o de todos os lados, e uma vez aderido não o largava mais. Toda gente faz negocios em que ora ganha, ora perde. Ficam ricos os que ganham mais do que perdem e empobrecem os que perdem mais do que ganham. Mas caso de homens de mil negocios sem uma só falha, existia no mundo apenas um — o do coronel Lupercio.

Até aos 36 anos ganhou dinheiro de modo normal, e conservou-o á força da mais acirrada economia. Juntou um peculio de 45:500$000 como o juntam todos os forretas. Foi por essas alturas que sua vida mudou. A Sorte "encostou-se"

Digitized by Google

nele, dizia o povo. Houve aquela tacada inicial de Santos e a partir daí todos os seus negocios foram tacadas prodigiosas. Evidentemente, uma Força Misteriosa passara a protege-lo.

Que tacada inicial foi essa? Vale a pena recorda-la.

Certo dia, inopinadamente, Lupercio apareceu com a ideia, absurda para o seu carater, de uma estação de veraneio em Santos. Todo mundo se espantou. Pensar em veraneio, em flanar, botar dinheiro fóra, aquela criatura que nem sequer fumava para economia dos niqueis que custam os maços de cigarros? E quando o interpelaram, deu uma resposta exquisita:

— Não sei. Uma coisa me empurra para lá...

Lupercio foi para Santos. Arrastado, sim, mas foi. E lá se hospedou no hotelzinho mais barato, sempre atento a uma só coisa: o saldo que lhe ficaria dos 500 mil réis que destinara á "maluquice". Nem banhos de mar tomou, apesar da grande vontade, para economia dos 20 mil réis da roupa de banho. Contentava-se com ver o mar.

Que enlevo d'alma lhe vinha da imensidão liquida, eternamente a aflar em ondas e a refletir os tons do ceu! Lupercio extasiava-se diante de tamanha beleza.

— Quanto sal! Quantos milhões de milhões de toneladas de sal! dizia lá consigo — e seus olhos em extase ficavam a ver pilhas imensas de sacas de sal amontoadas por toda a extensão das praias.

Tambem gostava de assistir á puxada das redes dos pescadores, enlevando-se no calculo do valor da massa de peixes recolhida. Seu cerebro era a mais perfeita maquina de calcular que o mundo ainda produzira.

Num desses passeios afastou-se mais que de costume e foi ter á Praia Grande. Um enorme trambolho ferrugento, semi-enterrado na areia, chamou-lhe a atenção.

— Que é aquilo? indagou dum passante.

Soube tratar-se dum cargueiro inglês que vinte anos antes déra á costa naquele ponto. Uma tempestade arremessara-o á praia, onde encalhara e ficara a afundar-se lentissimamente. No começo o grande casco aparecia quasi todo de fóra — "mas ainda acaba engulido pela areia", concluiu o informante.

Certas criaturas nunca sabem o que fazem, nem o que são, nem o que as leva a isto e não áquilo. Lupercio era assim. Ou andava assim agora, depois do "encostamento" da Força. Essa Força o puxava ás vezes como o cabreiro puxa

Digitized by Google

um cabrito para o mercado — arrastando-o. Lupercio veio para Santos arrastado. Chegara até aquele casco arrastado — e era a contragosto que permanecia diante dele, porque o sol estava terrivel e Lupercio detestava o calor. Travava-se dentro dele uma luta. A Força obrigava-o a atentar no casco, a calcular o volume daquela massa de ferro, o numero de quilos, o valor do metal, o custo do desmantelamento — mas Lupercio resistia. Queria sombra, queria escapar ao calor terrivel. Por fim venceu. Não calculou coisa nenhuma — e fez-se de volta para o hotelzinho com cara de quem brigou com a namorada — evidentemente amuado.

Nessa noite todos os seus sonhos giraram em torno do casco velho. A Força insistia para que ele calculasse a ferralha, mas mesmo em sonhos Lupercio resistia, alegava o calor reinante — e os pernilongos. Oh, como havia pernilongos em Santos! Como calcular qualquer coisa com o termometro perto de 40 graus e aquela infernal musica dos *fiuns?* Lupercio amanheceu de mau humor, amuado. Amuado com a Força.

Foi quando ocorreu o caso mais inexplicavel de sua vida: o casual encontro de um corretor de negocios que o seduziu de maneira estranha. Começaram a conversar bobagens e gostaram-se. Almoçaram juntos. Encontraram-se de novo á tarde para o jantar. Jantaram juntos e depois... a farrinha!

A principio a ideia de "farra" assustara Lupercio. Significava desperdicio de dinheiro — um absurdo. Mas como o homem lhe pagara o almoço e o jantar, era bem possivel que tambem custeasse a "farrinha". Essa hipotese fez que Lupercio não repelisse de pronto o convite, e o corretor, como se lhe adivinhasse o pensamento, acudiu logo:

— Não pense em despesas. Estou cheio de "massa". Com o negocião que fiz ontem, posso torrar um conto sem que meu bolso dê por isso.

A farra acabou diante de uma garrafa de whiskey, bebida cara que só naquele momento Lupercio veio a conhecer. Uma, duas, tres doses. Qualquer coisa levitante começou a desabrochar dentro dele. Riu-se á larga. Contou casos comicos. Referiu cem fatos de sua vida e depois, oh, oh, oh, falou em dinheiro e confessou quantos contos possuia no banco!

— Pois é! Quarenta e cinco contos — ali na batata!

O corretor passou o lenço pela testa suada. Uf! Até que enfim descobrira o peso metalico daquele homem. A

Digitized by Google

confissão dos 45 contos era algo absolutamente aberrante na psicologia de Lupercio. Artes do whiskey, porque em estado normal ninguem nunca lhe arrancaria semelhante confissão. Um dos seus principios instintivos era não deixar que ninguem lhe conhecesse "ao certo" o valor monetario. Habilmente despistava os curiosos, dando a uns a importancia de possuir mais, e a outros a de possuir menos, do que realmente possuia. Mas "in whiskey veritas", diz o latim — e ele estava com quatro boas doses no sangue.

O que se passou dalí até a madrugada Lupercio nunca o soube com clareza. Vagamente se lembrava de um estranhissimo negocio em que entravam o velho casco do cargueiro inglês e uma companhia de seguros maritimos.

Ao despertar no dia seguinte, ao meio-dia, numa ressaca horrorosa, tentou reconstituir o embrulho da vespera. A principio, nada; tudo confusão. De repente, empalideceu. Sua memoria começava a abrir-se.

— Será possivel?

Fôra possivel, sim. O corretor havia "roubado" os seus 45 contos! Como? Vendendo-lhe o ferro velho. Esse corretor era agente da companhia que pagara o seguro do cargueiro naufragado e ficara dona do casco. Havia muitos anos que recebera a incumbencia de apurar qualquer coisa daquilo — mas nunca obtivera nada, nem 5, nem 3, nem 2 contos — e agora o vendera áquele imbecil por 45!

A entrada triunfal do corretor no escritorio da companhia, vibrando no ar o cheque! Os abraços, os parabens dos companheiros tomados de inveja...

O diretor da sucursal fe-lo vir ao escritorio.

— Quero que receba o meu abraço, disse-lhe. A sua façanha vem pô-lo no primeiro logar entre os nossos agentes. O senhor acaba de tornar-se a grande estrela da Companhia.

Enquanto isso, lá no hotelzinho Lupercio amarfanhava o travesseiro desesperadamente. Pensou na policia. Pensou em contratar o melhor advogado de Santos. Pensou em dar tiro — um tiro na barriga do infame ladrão; na barriga, sim, por causa da peritonite. Mas nada pôde fazer. A Força lá dentro o inibia. Impedia-o de agir neste ou naquele sentido. Forçava-o a esperar.

— Mas esperar que coisa?

Ele não sabia, não compreendia, mas sentia aquela impulsação tremenda que o forçava a esperar. Por fim, exhaus-

Digitized by Google

to da luta, ficou de corpo largado — vencido. Sim, esperaria. Não faria nada — nem policia, nem advogado, nem peritonite, apesar de ser um caso de escroquerie pura, desses que a lei pune.

E como não tivesse animo de regressar a Dois Rios, deixou-se ficar em Santos num empreguinho dos mais modestos — esperando, esperando... não sabia o quë.

Não esperou muito. Dois meses depois rebentava a Grande Guerra, e a tremenda alta dos metais não demorou a sobrevir. No ano seguinte Lupercio revendeu o casco do "Sparrow" por 320 contos de réis. A noticia encheu Santos — e o corretor-estrela foi tocado da companhia de seguros quasi a ponta-pés. O mesmo diretor que o promovera ao "estrelato" despediu-o com palavras ferozes:

— Imbecil! Esteve anos e anos com o "Sparrow" e vai vende-lo por uma ninharia justamente nas vesperas da valorização. Rua! Faça-me o favor de nunca mais pôr os pés aqui, seu coisa!

Lupercio voltou para Dois Rios com os 320 contos no bolso e perfeitamente reconciliado com a Força. Daí por diante nunca mais houve amuos, nem hiatos na sua ascenção ao milionarismo. Lupercio dava ideia do demonio. Enxergava no mais escuro de todos os negocios. Adivinhava. Recusava muitos que todos consideravam da China, para realizar outros que todos refugavam — e o que inevitavelmente sucedia era o fracasso desses negocios da China e a vitoria dos de todos refugados.

No jogo dos marcos alemães o mundo inteiro perdeu — menos Lupercio. Um belo dia deliberou "embarcar nos marcos", contra o conselho de todos os prudentes locais. A moeda alemã estava a 50 réis. Lupercio comprou milhões e mais milhões, empatou nela todas as suas disponibilidades. E com espanto geral o marco principiou a subir. Foi a 60 a 70, a 100 réis. O entusiasmo pelo negocio tornou-se imenso. Iria a 200, a 300 réis, diziam todos — e não houve quem não se atirasse á compra daquilo.

Quando a cotação chegou a 110 réis, Lupercio foi a São Paulo consultar um banqueiro das suas relações, verdadeiro oraculo em finanças internacionais — o "infalivel", como diziam nas rodas bancarias.

— Não venda, foi o conselho do homem. A moeda alemã está firmissima, vai a 200, pode chegar mesmo a 300 — e só então será o momento de vender.

Digitized by Google

As razões que o banqueiro deu para demonstrar matematicamente o asserto eram de perfeita solidez; eram a propria evidencia materializada em raciocinio.

Lupercio ficou absolutamente convencido daquela matematica — mas, arrastado pela Força, encaminhou-se para o banco onde tinha os seus marcos — arrastado como o cabritinho que o cabreiro conduz á feira — e lá, em voz sumida, submisso, envergonhado, deu ordens para a venda imediata dos seus milhões.

— Mas, coronel, objetou o empregado a quem se dirigiu, não acha que é erro vender agora que a alta está numa vertigem? Todos os prognosticos são unanimes em garantir que teremos o marco a 200, a 300, e isso antes de um mes...

— Acho, sim, que é isso mesmo, respondeu Lupercio, como que agarrado pela garganta. Mas quero, sou "forçado" a vender. Venda já, já, hoje mesmo.

— Olhe, olhe... disse ainda o empregado. Não se precipite. Deixe essa resolução para amanhã. Durma sobre o caso.

A Força quasi estrangulou Lupercio, que com os ultimos restos de voz apenas pôde dizer:

— E' verdade, tem razão — mas venda, e hoje mesmo...

No dia seguinte começou a degringolada final dos marcos alemães, na descaida vertiginosa que os levou ao zero absoluto.

Lupercio, comprador a 50 réis, vendera-os pelo maximo da cotação alcançada — e justamente na vespera da debacle! O seu lucro foi de milhares de contos.

.....

Os contos de Lupercio foram vindo aos milhares, mas tambem lhe vieram vindo os anos, até que um dia se convenceu de estar velho e inevitavelmente proximo do fim. Dores aqui e ali — doencinhas insistentes, cronicas. Seu organismo evidentemente decaia á proporção que a fortuna aumentava. Ao completar os 60 anos Lupercio tomou-se de uma sensação nova, de pavor — o pavor de ter de largar a maravilhosa fortuna reunida. Tão integrado estava no dinheiro, que a ideia de separar-se dos milhões lhe parecia uma aberração da natureza. Morrer! Teria então de morrer, ele que era diferente dos outros homens? ele que viera ao mundo com a missão de chamar a si quanto dinheiro houvesse? ele que era o iman atrator da limalha?

Digitized by Google

O que foi a sua luta com a ideia da inevitabilidade da morte não cabe em descrição nenhuma. Exigiria volumes. Sua vida ensombreceu. Os dias iam-se passando e o problema se tornava cada vez mais angustioso. A morte é um fato universal. Até aquela data não lhe constava que nenhum homem deixasse de morrer. Ele, portanto, morreria tambem — era o inevitavel. O mais que poderia fazer era prolongar a vida até os 70, até os 80. Poderia mesmo chegar a quasi 100, como o Rockefeller — mas ao cabo teria de ir-se, e então? Quem ficaria com os 200 ou 300 mil contos que devia ter por essa epoca?

Aquela historia de herdeiros era o absurdo dos absurdos para um celibatario de sua marca. Se a fortuna era dele, só dele, como deixa-la a quem quer que fosse? Não. Tinha de descobrir um jeito de não morrer, ou...

Lupercio interrompeu-se no meio do raciocinio, tomado de subita ideia. Uma ideia tremenda, que por minutos o deixou de cerebro paralisado. Depois sorriu.

— Sim, sim... Quem sabe? e seu rosto iluminou-se de uma luz nova. As grandes ideias emitem luz...

Desde esse momento Lupercio revelou-se outro, com preocupações que nunca tivera antes. Não houve em Dois Rios quem o não notasse.

— O homem mudou completamente, diziam. Está se espiritualizando. Compreendeu que a morte vem mesmo e começa a arrepender-se da sua feroz materialidade.

Lupercio fez-se espiritualista. Comprou livros, leu-os, meditou-os. Passou a frequentar o Centro Espirita local e a ouvir com a maior atenção as vozes do Além, transmitidas pelo Chico Vira, o famoso medium da zona.

— Quem havia de dizer! era o comentario geral. Esse usurario que passou a vida inteira só pensando em dinheiro e nunca foi capaz de dar um tostão de esmola, está virando santo. E vão ver que faz como o Rockefeller: deixa toda a fortuna para o Asilo de Mendigos...

Lupercio, que nunca lera coisa nenhuma, estava agora se tornando um sabio, a avaliar pelo numero de livros que adquiria. Entrou a estudar a fundo. Sua casa fez-se centro de reuniões de quanto medium aparecia por lá — e muitos de fóra vieram a Dois Rios a convite seu. Generosamente hospedava-os, pagava-lhes a conta do hotel — coisa inteiramente aberrante dos seus principios financeiros. O assombro da população não tinha limites.

Digitized by Google

Mas o dr. Dunga, diretor do Centro Espirita, começou a estranhar uma coisa: o interesse do coronel Lupercio pela metapsiquica centrava-se num só ponto — a reincarnação. Só isso o preocupava realmente. Pelo resto passava como gato por brasas.

— Escute, irmão, disse ele um dia ao dr. Dunga. Ha na teoria da reincarnação um ponto para mim obscuro e que no entanto me apaixona. Por mais autores que eu leia, não consigo firmar as ideias.

— Que ponto é esse? indagou o dr. Dunga.

— Vou dizer. Já não tenho duvidas sobre a reincarnação. Estou plenamente convencido de que a alma, depois da morte do corpo, volta — reincarna-se em outro sêr. Mas em quem?

— Como em quem?

— Em quem, sim. Meu ponto é saber se a alma do desincarnado pode escolher o corpo em que vai novamente incarnar-se.

— Está claro que escolhe.

— Até aí vou eu. Sei que escolhe. Mas "quando" escolhe?

O dr. Dunga não percebia o alcance da pergunta.

— Escolhe quando chega o momento de escolher, respondeu.

A resposta não contentou ao coronel. O momento de escolher! Bolas! Mas que momento é esse?

— Meu ponto é o seguinte: saber se a alma de um vivo pode antecipadamente escolher a criatura em que vai futuramente incarnar-se.

O dr. Dunga estava tonto. Fez cara de não entender nada.

— Sim, continuou Lupercio. Quero saber, por exemplo, se a alma de um vivo pode antes de morrer marcar a mulher que vai ter um filho em quem essa alma se incarne.

A perplexidade do dr. Dunga recrescia.

— Meu caro, disse por fim Lupercio, estou disposto a pagar até cem contos por uma informação segura — segurissima. Quero saber se a alma de um vivo pode, antes de desincarnar-se, escolher o corpo da sua futura reincarnação.

— Antes de morrer?

— Sim...

— Em vida ainda?

— Está claro...

Digitized by Google

O dr. Dunga quedou-se pensativo. Estava ali uma hipotese em que jamais refletira e sobre que nada lêra.

— Não sei, coronel. Só vendo, só consultando os autores — e as autoridades. Nós aqui somos bem pouco neste assunto, mas ha mestres na Europa e nos Estados Unidos. Podemos consulta-los.

— Pois faça-me o favor. Não olhe a despesas. Darei cem contos, e até mais, em troca de uma informação segura.

— Sei. Quer saber se ainda em vida do corpo podemos escolher a criatura em que vamos reincarnar-nos...

— Exatamente.

— E por que isso?

— Maluquices de velho. Como ando a estudar as teorias da reincarnação, logico que me interesse pelos pontos obscuros. Os pontos claros esses já os conheço. Não acha natural a minha atitude?

O dr. Dunga teve de achar naturalissima aquela atitude.

Enquanto as cartas de consulta cruzavam o oceano, endereçadas ás mais famosas sociedades psiquicas do mundo, o estado de saude do coronel Lupercio agravou-se — e concomitantemente se agravou a sua pressa pela solução do problema. Chegou a autorizar pedido de resposta pelo telegrafo — custasse o que custasse.

Certo dia o dr. Dunga, tomado de vaga desconfiança, foi procura-lo em casa. Encontrou-o mal, respirando com esforço.

— Nada ainda, coronel. Mas a minha visita tem outro fim. Quero que o amigo fale claro, abra esse coração. Quero que me explique a verdadeira causa do seu interesse pela consulta. Francamente, não acho natural isso. Sinto, percebo, que o coronel tem uma ideia secreta na cabeça...

Lupercio olhou-o de revés, desconfiado. Mas resistiu. Alegou que era apenas curiosidade. Como nos seus estudos sobre a reincarnação nada vira sobre aquele ponto, viera-lhe a lembrança de esclarece-lo. Só isso...

O dr. Dunga não se satisfez. Insistiu:

— Não, coronel, não é isso, não. Eu sinto, eu vejo, que o senhor tem uma ideia oculta na cabeça. Seja franco. Bem sabe que sou seu amigo.

Lupercio resistiu ainda por algum tempo. Por fim confessou, com relutancia.

— E' que estou no fim, meu caro — e tenho de fazer o testamento...

Não disse mais, nem foi preciso. Um clarão iluminou o espirito do dr. Dunga. O coronel Lupercio, a mais pura en-

Digitized by Google

carnação humana do dinheiro, não admitia a ideia de morrer e deixar a fortuna aos parentes. Não se conformando com a hipotese de separar-se dos 60 mil contos, pensava em fazer-se o herdeiro de si mesmo em outra reincarnação... Seria isso?

Dunga olhou-o firmemente, sem dizer palavra. Lupercio leu-lhe o pensamento nos olhos inquisidores. Corou — pela primeira vez na vida. E, baixando a cabeça, abriu o coração.

— Sim, Dunga, é isso. Quero que vocês me descubram a mulher em que vou nascer de novo — para faze-la em meu testamento a depositaria da minha fortuna...

1939

Digitized by Google

Os pequeninos

Ouvi certa vez uma conversa inesquecivel. A esponja de doze anos não a esmaeceu em coisa nenhuma. Por que motivo certas impressões se gravam de tal maneira e outras se apagam tão prontamente?

Eu estava no caes, á espera do "Arlanza", que me ia devolver de Londres um velho amigo já de longa ausencia. O nevoeiro atrasara o navio.

— Só vai atracar ás dez horas, informou-me um "sabe-tudo" de boné.

Bem. Tinha eu de matar uma hora de espera dentro dum nevoeiro absolutamente fora do comum, dos que negam aos olhos o consolo da paisagem distante. A visão morria a dez passos; para alem, todas as formas desapareciam no algodoamento da nevoa. Pensei nos "fogs" londrinos que o meu amigo devia trazer na alma, e comecei a andar por ali atôa, entregue a esse trabalho, tão frequentes na vida, de "matar o tempo". Minha tecnica em tais circunstancias se resume em recordar passagens da vida. Recordar é reviver. Reviver os bons momentos tem as delicias do sonho.

Mas o movimento do caes interrompia amiude o meu sonho, forçando-me a cortar e a reatar de novo o fio das recordações. Tão cheio de nós foi ele ficando que o abandonei. Uma das interrupções me pareceu mais interessante que a evocação do passado, porque a vida exterior é mais viva que a interior — e a conversa dos tres carregadores era inegavelmente "agua-forte".

Tres portugueses bem tipicos, já maduros; um deles de rosto singularmente amarrotado pelos anos. Um incidente qualquer ali do caes dera origem á conversa.

— Pois esse caso, meu velho, dizia um deles, me lembra a historia da ema que tive num cercado. Tambem ela foi vitima dum animalzinho muitissimo menor, e que seria esmagado, como esmagamos moscas, se lhe ficasse ao alcance do bico — mas não ficava...

Digitized by Google

Esse começo assanhou a curiosidade dos companheiros.

— Como foi? perguntaram.

— Eu nesse tempo estava de cima, dono de terras, com casa minha, meus animais de cocheira, familia. Foi um ano antes daquela rodada que me levou tudo... Peste de mundo! Tão bem que eu ia indo e afundei, perdi tudo, tive de rolar morro abaixo até bater com o lombo neste caes, entregue ao mais baixo dos serviços, que é o de carregador...

— Mas como foi o caso da ema?

Os ouvintes não queriam filosofias; ansiavam por pitoresco — e o homem por fim contou, depois de sacar o cachimbo, enche-lo, acende-lo. Devia ser historia das que exigem pontuação a baforadas.

— Eu morava em minhas terras, lá onde vocês sabem — na Vacaria, zona de campos e mais campos, aquela planura sem fim. E ha lá muita ema. Conhecem? E' a avestruz do Brasil, menor que a avestruz africana, mas mesmo assim um avejão dos mais alentados. Que força tem! Domar uma ema corresponde a domar um potro. Exige o mesmo muque. Mas são aves de boa indole. Domesticam-se facilmente e eu andava querendo ter uma em meus cercados.

— São de utilidade? perguntou o utilitario da roda.

— De nenhuma; apenas enfeitam a casa. Aparece um visitante. "Viu minha ema?" — e lá o levamos a examina-la de perto, a assombrar-se do tamanhão, a abrir a boca diante dos ovos. São assim como uma laranja baiana das graúdas.

— E o gosto?

— Nunca provei. Ovos para mim, só os de galinha. Mas, como ia dizendo, fiquei com ideia de apanhar uma ema nova para domestica-la — e um belo dia eu mesmo o consegui graças a ajuda dum perípery.

A historia começava a interessar. Os companheiros do narrador ouviam-no suspensos.

— Como foi? Ande logo.

— Foi num dia em que saí a cavalo para uma chegada á fazendinha do João Coruja, que morava a uns seis quilometros do meu rancho. Montei no meu pampa e fui varando a macega. Aquilo lá não ha caminho, só trilhas de vai-um pelo capim rasteiro. Os olhos alcançam longe naquele mar de verde sujo que some na distancia. Fui andando. De repente vi, a uns trezentos metros á frente, qualquer coisa que se movia na macega. Parei. Firmei a vista. Era uma ema a dar voltas num circulo estreito. "Que diabo disto será aqui-

Digitized by Google

lo?" perguntei comigo mesmo. Emas eu vira muitas, mas sempre a pastarem sossegadas, ou a fugirem no galope, *nadando* com as asas curtas. Assim a dar voltas, era novidade. Fiquei de rugas na testa. Que será? A gente da roça conhece muito bem a natureza de tudo; se vê qualquer coisa na "forma da lei", não se espanta, porque é o natural; mas se vê qualquer coisa fora da lei, fica logo de orelha em pé — porque não é o natural. Que tinha aquela ema para dar tantas voltas em torno do mesmo ponto? Não era da lei. A curiosidade me fez esquecer o negocio do João Coruja. Torci a redea ao pampa e lá me fui para a ema.

— E ela fugiu no galope...

— O natural seria isso, mas não fugiu. Ora, não ha ema que não fuja do homem — nem ema, nem animal nenhum. Nós somos o terror da bicharia toda. Parei o pampa a cinco passos dela e nada, nada da ema fugir. Nem me viu; continuou nas suas voltas, com ar aflito. Pus-me a observa-la, intrigado. Seria seu ninho ali? Não era. Não havia sinal de ninho. A pobre ave girava e regirava, fazendo movimentos de pescoço sempre na mesma direção, para a esquerda, como se quisesse alcançar qualquer coisa com o bico. A roda que fazia era de raio curto, aí duns tres metros, e pelo amassamento do capim calculei que já havia dado umas cem voltas.

— Interessante! murmurou um dos companheiros.

— Foi o que pensei comigo mesmo. Mais que interessante: exquisitissimo. Primeiro, não fugir de mim; segundo, continuar nas voltas aflitas, sempre com aqueles movimentos de pescoço para a esquerda. Que seria? Apeei e fui chegando. Olhei-a de bem perto. "A coisa é embaixo da asa", vi logo. A pobre criatura tinha qualquer coisa sob a asa, e aquelas voltas e aquele movimento de pescoço eram para alcançar o sovaco. Aproximei-me mais. Segurei-a. A ema, arquejante, não fez a menor resistencia. Deixou-se agarrar. Ergui-lhe a asa e vi...

Os ouvintes suspenderam o folego.

— ... e vi uma coisa vermelha atracada ali, uma coisa que se assustou e voou, e foi pousar num galho seco a vinte passos de distancia. Sabem o que era? Um periperí...

— Que é isso?

— Um gaviãozinho dos menores que existem, assim do tamanho dum sanhaço — um gaviãozinho carijó.

— Mas não disse que era vermelho?

— Estava vermelho do sangue da ema. Agarrara-se-lhe ao sovaco, que é um ponto despido de penas, e aferrara-se á

Digitized by Google

carne com as unhas, enquanto com o bico ia arrancando nacos de carne viva e devorando-os. Aquele ponto do sovaco é o unico sem defesa num corpo de ema, porque ela não o alcança com o bico. E' como esse ponto que temos nas costas e não podemos coçar com as unhas. O periperí conseguira localizar-se ali e estava a seguro de bicadas

Examinei a ferida. Pobre ema! Uma ferida enorme, assim dum palmo de diametro e onde o bico do periperí fizera menos mal que suas garras, pois, como tinha de manter-se aferrado, ia mudando as garras á proporção que a carne dilacerada cedia. Nunca vi uma ferida mais arrepiante.

— Coitada!

— As emas são duma estupidez famosa, mas o sofrimento abriu a inteligencia daquela. Fe-la compreender que eu era o seu salvador — e a mim entregou-se como quem se entrega a um deus. O alivio que minha chegada lhe produziu, fazendo que o periperí a largasse, iluminou-lhe os miolos.

— E o gaviãozinho?

— Ah, o patife, muito vermelho do sangue da ema, lá ficou no galho seco á espera de que eu me afastasse. Pretendia retornar ao banquete! "Eu já te curo, malvado!" exclamei. sacando o revolver. Um tiro. Errei. O periperí voou para longe.

— E a ema?

— Levei-a para casa, curei-a e tive-a lá por uns meses, num cercado. Por fim soltei-a. Não vai comigo isso de escravizar os pobres animaisinhos que Deus fez para vida solta. Se no cercado estava ela livre dos periperís, era em compensação uma escrava saudosa das correrias pelo campo. Se fosse consultada, certamente que preferiria os riscos da liberdade á segurança da escravidão. Soltei-a. "Vai, minha filha, segue o teu destino. Se outro periperí te apanhar, arruma-te com ele".

— Mas então é assim?

— Um velho caboclo da zona informou-me que aquilo é frequente. Esses minusculos gaviãozinhos procuram as emas. Ficam traiçoeiramente a ronda-las, á espera de que se descuidem e levantem a asa. Eles, então, rapidos como setas, lançam-se; e se conseguem alcançar-lhes o sovaco, ali enterram as garras e ficam como carrapatos. E as emas, apesar de imensas comparadas com eles, acabam vencidas. Caem exhaustas; morrem; e os malvadinhos repastam-se no carname durante dias.

Digitized by Google

— Mas como eles sabem? E' o que mais admiro...

— Ah, meu caro, a natureza está inçada de coisas assim, que para nós são misterios. Com certeza houve um perí-perí que por acaso fez isso uma primeira vez, e como deu certo ensinou a lição aos outros. Estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo. Ah, vocês, criaturas da cidade, não imaginam que coisas interessantes ha na natureza da roça...

O caso da ema foi comentado sob todos os angulos — e deu um broto. Fez sair da memoria do carregador de cara amarrotada uma historia vagamente similar, em que bichinhos muito pequenos destruiram a vida moral dum homem.

— Sim, destruiram a vida dum bicho imensamente maior, como sou eu em comparação com as formigas. Fiquem vocês sabendo que a mim aconteceu coisa ainda peor que o acontecido á ema. Fui vitima dum formigueiro...

Todos arregalaram os olhos.

— Só se já foste hortelão e as formigas te comeram a fazenda, sugeriu um.

— Nada disso. Comeram-me mais que a fazenda, comeram-me a alma. Destruiram-me moralmente — mas foi sem querer. Pobresinhas! Não as culpo de nada.

— Conta lá isso depressa, Manoel. O "Arlanza" não tarda.

E o velho contou.

— Eu era o fiel da firma Toledo & Cia., com obrigação de tomar conta daquele grande armazem da rua Tal. Vocês sabem que tomar conta dum deposito de mercadorias é coisa seria, porque o homem se torna o unico responsavel por tudo quanto entra e sai. Ora, eu, português dos antigos, desses de antes quebrar que torcer, fui escolhido para "fiel" porque era fiel — era e sou. Não valho nada, sou um pobre homem ao léu, mas honradez está aqui. Meu orgulho sempre foi esse. Criei reputação desde menino. "O Manuel é dos bons; quebra mas não torce". Pois não é que as formigas me quebraram?

— Conta lá isso depressa...

— A coisa foi assim. Na qualidade de fiel do armazem, nada entrava nem saía sem ser por minhas mãos. Eu fiscalizava tudo e com tal severidade que Toledo & Cia. juravam sobre mim como sobre uma biblia. Certa vez entrou lá uma partida de 32 sacos de arroz, que contei, conferi e fiz empilhar a um canto, junto a uma pilha de velhos caixões que lá estavam encostados de muito tempo. Trinta e dois. Con-

Digitized by Google

tei-os e recontei-os e escrevi no livro de entradas 32, nem mais um, nem menos um. E no dia seguinte, conforme velho habito meu, ainda me fui á pilha e recontei os sacos. Trinta e dois.

Pois muito que bem. O tempo se passa. O arroz lá fica meses á espera de negocio, até que um dia recebo do escritorio ordem para entrega-lo ao portador. Vou dirigir a entrega. Fico na porta do armazem conferindo os sacos que por ali passavam ás costas de dois carregadores — um, dois, vinte, trinta e um... Faltava o ultimo.

— Anda lá com isso! berrei ao carregador que fôra busca-lo, mas o bruto aparece-me lá dos fundos com as mãos vazias: "Não ha mais nada".

— Como não ha mais nada? exclamei. São 32. Falta um. Vá busca-lo, vá ver.

Ele foi e voltou na mesma: "Não ha mais nada".

— Impossivel! e fui eu mesmo fazer a verificação e nada achei. Misteriosamente desaparecera um saco de arroz da pilha...

Aquilo pôs-me tonto de cabeça. Esfreguei os olhos. Cocei-me. Voltei ao livro de entradas; reli o assento; claro como o dia: 32. Alem disso eu lembrava-me muito bem daquela partida por causa dum incidente agradavel. Logo que terminei a contagem eu havia dito "32, ultima dezena do Camelo!" e aproveitei o palpite na venda da esquina. Mil reis na dezena 32: de tarde apareceu-me o empregadinho com 80 mil reis. Dera o Camelo com 32.

Vocês bem sabem que essas coisas a gente não esquece. Eram pois 32 sacas — e como então só estavam lá 31? Pus-me a parafusar. Furtar ninguem furtou, porque eu era o mais fiel dos fieis, não arredava pé da porta e dormia lá dentro. Janelas gradeadas de ferro. Porta uma só. Que ninguem furtara o saco de arroz era coisa que eu juraria perante todos os tribunais do mundo, como jurava para a minha consciencia. Mas a saca de arroz desaparecera... e como era?

Tive de comunicar ao escritorio o desaparecimento — e foi o maior vexame da minha vida. Porque nós, operarios, temos a nossa honra, e a minha honra era aquela — era ser o unico responsavel por tudo quanto entrasse e saisse daquele deposito.

Chamaram-me ao escritorio.

— Como explica a diferença, Manoel?

Cocei a cabeça.

Digitized by Google

— Meu senhor, respondi ao patrão, bem quisera eu explica-la, mas por mais que torça os miolos não no consigo. Recebi os 32 sacos de arroz; contei-os e recontei-os, e tanto eram 32 que nesse dia deu essa dezena e "mamei" do vendeiro da esquina 80 "paus". O arroz demorou lá meses. Agora recebo ordem para entrega-lo ao caminhão. Vou presidir á retirada e só encontro 31. Furta-lo, ninguem o furtou; isso, juro, porque a entrada do armazem é uma só e eu sempre fui cão de fila — mas o fato é que o saco de arroz desapareceu. Não sei explicar o misterio.

As casas comerciais têm que seguir certas normas. e se eu fosse o patrão faria o que ele fez. Já que era o Manoel o responsavel unico, se não havia explicação para o misterio, peor para o Manoel.

— Manoel, disse o patrão, a nossa confiança em você sempre foi completa, como você muito bem sabe, confiança de doze anos; mas o arroz não podia ter-se evaporado como agua ao fogo. E como desapareceu um saco podem desaparecer mil. Quero que você mesmo nos diga o que devemos fazer.

Respondi como devia.

— O que ha a fazer, meu senhor, é despedir o Manoel. Ninguem furtou a saca de arroz mas a saca de arroz confiada á guarda do Manoel desapareceu. O que o patrão tem a fazer é fazer o que o Manoel faria se estivesse em seu lugar: despedi-lo e contratar outro.

O patrão disse:

— Muito lamento ter de agir assim, Manoel, mas tenho socios que me fiscalizam os atos, e serei criticado se não fizer como você mesmo me aconselha.

O velho carregador parou para avivar o cachimbo.

— E foi assim, meus caros, que depois de doze anos de serviço no armazem de Toledo & Cia. fui para o olho da rua, suspeitado de ladrão por todos os meus colegas. Se ninguem podia furtar aquele arroz e o arroz desaparecera, qual o culpado? O Manoel, evidentemente.

Fui para a rua, meus caros, já velhusco e sem carta de recomendação, porque recusei a que a firma me quis dar por esmola. Em boa conciencia, que carta poderiam dar-me os srs. Toledo & Cia.?

Ah, o que sofri! Saber-me inocente e sentir-me suspeitado — e sem meios de defesa. Roubar é roubar, seja um mil reis, sejam contos. Cesteiro que faz um cesto faz um

Digitized by Google

cento. E eu, que era um homem felíz porque compensava a minha pobreza com a fama de honestidade sem par, rolei para a classe dos duvidosos. E o peor era o rato que me roia os miolos. Os outros podiam satisfazer-se atribuindo a mim o furto, mas eu, que sabia da minha inocencia, não arrancava aquele rato da cabeça. Quem tiraria de lá o saco de arroz? Esse pensamento ficou-me lá dentro como um berne dos cabeludos.

Dois anos se passaram, em que envelheci dez. Um dia recebo recado da firma, "que aparecesse no escritorio." Fui.

— Manoel, disse-me o mesmo chefe que me despedira, o misterioso desaparecimento do saco de arroz está decifrado e você rehabilitado da maneira mais completa. Ladrões tiraram de lá o arroz sem que você visse...

— Não pode ser, meu senhor! Tenho orgulho do meu trabalho de guarda. Sei que ninguem entrou lá durante aqueles meses. *Sei.*

O chefe sorriu.

— Pois saiba que inumeros ladrõezinhos entraram e sairam com o arroz.

Fiquei tonto. Abri a boca.

— Sim, as formigas...

— As formigas? Não estou entendendo nada, patrão...

Ele então contou tudo. A partida dos 32 sacos fôra arrumada, como já disse, junto a uma pilha de velhos caixões vazios. E o ultimo saco ficava pouco acima do nivel do ultimo caixão — disso eu me lembrava perfeitamente. Fôra esse o saco desaparecido. Pois bem. Um belo dia o escritorio dá ordem ao novo fiel para remover de lá os caixões. O fiel executa-a — mas ao faze-lo nota uma coisa: grãos de arroz derramados no chão, em redor dum olheiro de formigas sauvas. Foram as sauvas as roubadoras da saca de arroz numero 32!

— Como?

— Subiram pelos intersticios da caixotaria e furaram o saco ultimo, o qual ficava um pouco acima do nivel do ultimo caixão. E foram retirando os grãos um a um. Com o progressivo esvasiar-se, o saco perdeu o equilibrio e escorregou da pilha para cima do ultimo caixão — e nessa posição as formigas completaram o esvasiamento...

— E...

— Os srs. Toledo & Cia. pediram-me desculpas e ofereceram-me de novo o lugar, com paga melhorada a titulo de

Digitized by Google

indenização. Sabem o que respondi? "Meus senhores, é tarde. Já não me sinto o mesmo. O desastre matou-me por dentro. Um rato roubou-me todo o arroz que havia dentro de mim. Deixou-me o que sou: carregador do porto, saco vazio. Já não tenho interesse em nada. Continuarei portanto carregador. E' serviço de menos responsabilidade — alem de que este mundo é uma pinoia. Pois um mundo onde uns bichinhos inocentes dão cabo da alma dum homem, então isso é lá mundo? Obrigado, meus senhores!" e saí.

Nesse momento o Arlanza apitou. O grupo dissolveu-se e tambem eu fui colocar-me a postos. O amigo de Londres causou-me má impressão. Magro, corcovado.

— Que te aconteceu, Marinho?

— Estou com os pulmões afetados.

Hum! sempre a mesma coisa — o pequenininho a derrear o grande. Periperí, sauva, bacilo de Koch...

1939

Digitized by Google

A facada imortal

Todos os tratados de xadrez descrevem a celebre partida jogada por Philidor no seculo XVIII, a mais romantica que os anais enxadristicos mencionam. Tão sabia foi, tão imprevista e audaciosa, que recebeu o nome de *Partida Imortal*. Embora depois dela se jogassem pelo mundo milhões de partidas de xadrez, nenhuma ofuscou a obra prima do famoso Philidor André Danican.

Tambem a "facada" do Indalicio Ararigboia, um saudoso amigo morto, se vem perpetuando nos anais da alta malandragem como a *La Gioconda* do genero ou — como está admitido nas rodas tecnicas, a *Facada Imortal*. Indalicio foi positivamente o Philidor dos faquistas.

Lembro-me bem: era um rapaz lindo, de olhos azues e voz suavissima; as palavras vinham-lhe como pessegos embrulhados em paina, e sabiamente camara-lentadas, porque, dizia ele, "o homem que fala depressa é um perdulario que deita fóra o melhor ouro da sua herança. Ninguem dá tento ao que esse homem diz, porque *quod abundat nocet*. Se não valorizamos nós mesmos as nossas palavras, como pretendermos que os outros as prezem? Meu mestre nesse ponto foi o general Pinheiro Machado, num discurso que lhe ouvi certa vez. Que astuciosa e bem calculada lentidão! Entre uma palavra e outra o Pinheiro punha um intervalo de segundos, como se sua boca estivesse perdigotando perolas. E a assistencia o ouvia com religiosa unção absorvendo como perolas o que como perolas era emitido. Substantivos, adjetivos, verbos, adverbios e conjunções caiam sobre os ouvintes como seixos lançados á lagoa; e antes que cada um chegasse bem lá no fundo, o general não soltava outro. Cacetissimo, mas de alta eficiencia.

— Foi ele então o teu mestre na arte de falar valorizadamente...

— Não. Nasci sono-lento. O Pinheiro apenas me abriu os olhos quanto ao valor monetario do dom que a natureza me dera. Depois de ouvir esse seu discurso é que passei a dedicar-me á nobre arte de fazer com os homens o que fazia Moisés nas rochas do deserto.

Digitized by Google

— Faze-los "sangrar"...

— Exatamente. Vi que se somasse minha natural lentidão de palavra com alguma psicologia vienense (Freud, Adler), o dinheiro dos homens me atenderia como as galinhas atendem ao *"quit, quit"* das donas de casa. Para cada bolso ha uma chave Yale. Minha tecnica se resume hoje em só abordar a vitima depois de descobrir a chave certa.

— E como o consegue?

— Tenho minha algebra. Considero os homens equações do terceiro grau — equações psicologicas, está claro. Estudo-os, deduzo, concluo — e esfaqueio com precisão praticamente absoluta. O mordedor comum é um ser indecoroso, digno do desprezo que lhe dá a sociedade. Pedincha, implora; apenas desenvolve, sem a menor preocupação estetica, o surrado cantochão do mendigo; "Uma esmolinha pelo amor de Deus!" Comigo, não! Assumi essa atitude (porque o pedir é uma atitude na vida), primeiro, por esporte; depois, com o fito de rehabilitar uma das mais velhas profissões humanas.

— Realmente, a intenção é nobilissima...

Indalicio racionalizara a "mordedura" ao ponto da sublimação. Citava filosofos gregos. Mobilizava musicos de fama.

— Liszt, Mozart, Debussy, dizia ele, nobilitaram essa coisa comum chamada "som" á força de harmoniza-lo de certo modo. O escultor nobilitará até um paralelepipedo de rua, se lhe der forma estetica. Por que não nobilitaria eu o deprimentissimo ato de pedir? Quando lanço a minha facada, sempre depois de sérios estudos, a vitima não me *dá* o seu dinheiro, apenas *paga* a finissima demonstração tecnica com que o tonteio. Paga-me a facada do mesmo modo que o amador de pintura paga o arranjo de tintas que o pintor faz sobre uma estopa, um quadrado de papelão, uma relissima tabua. O faquista comum, notem, nada dá em troca do miseravel dinheirinho que tira. Eu dou emoções gratissimas á sensibilidade das criaturas finas. Minha vitima tem que ser fina. O simples fato da minha escolha já é um honroso diploma, porque nunca me deshonrei em esfaquear criaturas vulgares, de alma grosseira. Só procuro gente na altura de compreender as sutilezas das paisagens de Corot ou dos versos de Verlaine.

Como se requintava a formosura do Indalicio nos momentos em que discorria assim! Envolvia-o a aura dos predestinados, dos apostolos que se sacrificam para aumentar de alguma coisa a beleza do mundo. De sua barba loura, á Cristo, escapavam os suaves reflexos do cendré. As frases fluiam-lhe da boca de fino desenho como o oleo ou o mel escorre duma

Digitized by Google

anfora grega suavemente inclinada. Suas palavras traziam patins aos pés. Tudo no Indalicio eram mancais de bolinha. Talvez o ajudasse a circunstancia de ser surdinho. Isso de não ouvir bem põe veludos em certas pessoas, dá-lhes um macio de violoncelo. Como não se distraem com a vulgaridade dos sons que todos normalmente ouvimos, atentam mais em si proprios, "ouvem-se mais", concentram-se.

Nosso costume naquele tempo era reunir-nos todas as noites no velho "Café Guarany" com y grego — a reforma ortografica ainda dormia no calcanhar do Medeiros de Albuquerque; ficavamos ali horas trabalhando para a Antartica e comentando as proezas de cada um. Rodinha muito interessante e varia, cada um com a sua mania, a sua arte ou a sua tara. Ligava-nos apenas uma coisa: o pendor comum pelas finuras mentais em qualquer campo que fosse, literatura, perfidia, oposição ao governo, arte de viver, amor. Um deles era absolutamente ladrão — desses que a sociedade trancafia. Mas que ladrão engraçado! Estou hoje convencido de que roubava unicamente com um fim: deslumbrar a rodinha com a primorosa estilização das proezas. Outro era bebedo profissional — e talvez pela mesma razão: informar á roda sobre o que é a vida do clan de adoradores do alcool que passam a vida nas "botecas". Outro era o Indalicio...

— E antes, Indalicio? Que é que fazias?

— Ah, perdia o tempo numa escola do Rio como professor de meninos. Nada mais desinteressante. Fugi, farto e refarto. Odeio qualquer atividade vazia dessa "emoção da caça" que considero a coisa suprema da vida. Fomos caçadores durante milhões e milhões de anos, na nossa longuissima fase de homens primitivos. A civilização agricola é coisa de ontem, e por isso ainda espinoteiam com tanta vivacidade, dentro do nosso modernismo, os velhos instintos do caçador. Continuamos os caçadores que eramos, apenas mudados de caça. Como nestas cidades de hoje não existem aqueles *Ursus speleus* que no periodo das cavernas nós caçavamos (ou nos caçavam), matamos a sêde do instinto com as amaveis cacinhas da civilização. Uns caçam meninas bonitas, outros caçam negocios, outros caçam drinks, outros, ali como o Raul, que é poeta, caçam imagens e rimas. O Ferraz caça boatos contra o governo...

— E eu que caço? perguntei.

— Antiteses, respondeu de pronto o Indalicio. Fazes contos, e que é o conto senão uma antitese estilizada? Eu caço otarios, com a espingarda da psicologia. E como isso

Digitized by Google

me dá para viver folgadamente, não quero outra profissão. Tenho prosperado. Calculo que nestes ultimos tres anos consegui remover do bolso alheio para o meu cerca de duzentos contos de réis.

Aquela revelação fez que o nosso respeito pelo Indalicio aumentasse de dez pontos.

— E sem abusar, continuou ele, sem forçar a nota, porque meu intento nunca foi acumular dinheiro. Em dando para o passadio á larga, está otimo. O lucro maior que obtenho, entretanto, está na contenteza de alma, na paz da conciencia — coisas que nunca tive nos anos em que, como professor de educação moral, eu transmitia ás inocentes crianças: noções que considero absolutamente falsas. As nevralgias da minha conciencia naquela epoca, quando provava nas aulas, com infames sofismas, que a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos!

Com o perpassar do tempo o Indalicio desprezou completamente as facadas simples, ou do "primeiro grau", como dizia ele, isto é, as que apenas produzem dinheiro. Passou a interessar-se unicamente pelas que representavam "soluções de problemas psicologicos" e lhe davam, além do intimo prazer da façanha, a mais pura gloria ali na rodinha. Uma noite desenvolveu-nos o teorema do maximo...

— Sim, cada homem, em materia de facada, tem o seu maximo; e o faquista que arranca 100 mil réis dum freguês cujo maximo é de um conto, lesa-se a si proprio — e ainda perturba a harmonia universal. Lesa-se em 900 mil réis e interfere na ordem preestabelecida do cosmos. Aqueles 900 mil réis estavam predestinados a mudarem-se de bolso *naquele dia, naquela hora,* por meio *daqueles agentes;* a inepcia do mau faquista perturba a predestinação, dess'arte criando uma ondulazinha de desharmonia que até ser reabsorvida contribue para o mal estar do Universo.

Essa filosofia ouvimo-la no dia do seu "grande deslise", quando o Indalicio nos apareceu no Guarany seriamente incomodado com a perturbação que uma sua "mancada" podia estar determinando na harmonia das esferas.

— Errei, disse ele. Meu assalto foi no Macedo, que, vocês sabem, é a maior vitima dos mordedores de S. Paulo. Mas fui precipitado em minhas conclusões quanto ao seu maximo, e dei-lhe um golpe de dois contos apenas. A prontidão com que atendeu, *reveladora de que estava ganhando tres,* demonstrou-me, da maneira mais evidente, que o maximo do Macedo é de cinco contos! Perdi, pois, tres contos... E o peor não

Digitized by Google

está nisso, mas na desconfiança em que fiquei de mim mesmo. Estarei por acaso decaindo? Nada mais grotesco do que ferir em oitenta ao otario cujo maximo é de cem. O bom atirador não gosta de acertar *perto*. Ha de enfiar as balas, exatinho, no centro geometrico do alvo.

Nesse dia foram necessarios dez chopes para abafar a inquietação do Indalicio; e ao recolher-nos, lá pela meia noite, saí com ele a pretexto de consola-lo, mas na realidade para impedi-lo de passar pelo Viaduto. Mas afinal descobri a aspirina adequada ao caso.

— Só vejo um meio de te restaurares na confiança perdida, meu caro Indalicio: dares uma facada no Raul! Se o consegues, terás realizado a proeza suprema de tua vida. Que tal?

Os olhos do Indalicio iluminaram-se, como os do caçador que depois de perder um coatí dá de frente com um precioso veado — e foi assim que teve inicio a construção da grande obra prima do nosso saudoso Indalicio Ararigboia.

O Raul, velho companheiro de roda, tinha-se, e era tido como absolutamente imune a facadas. Rapaz de modestas posses, vivia duns 400 mil réis mensalmente drenados do governo; mas tratava-se bem, vestia-se com singular apuro, usava lindas gravatas de seda, bons sapatos; para perpetuar semelhante proeza, entretanto, adquirira o habito de não pôr fora dinheiro nenhum, e hermeticamente fechara o corpo a facadas, por minimas que fossem. Recebido o ordenado no começo do mês, pagava as contas, as prestações, retinha os miudos do bonde e pronto — ficava até o mês seguinte leve como um beija-flor. Em materia de facadas, sua teoria sempre fôra de negação absoluta.

— "Morre" quem quer, dizia ele. Eu por exemplo não "sangrarei" nunca porque de ha muito *deliberei* não sangrar! O mordedor pode atacar-me de qualquer lado, norte, sul, leste, oeste, a jusante ou a montante, e com uso de todas as armas inclusive as do arsenal do Indalicio: inutil! Não sangro, pelo simples fato de haver deliberado não sangrar — além de que por sistema não ando com dinheiro no bolso.

Indalicio não ignorava a inexpugnabilidade do Raul, mas como se tratasse dum companheiro de roda, nunca pensou em tirar o ponto a limpo. Minha sugestão daquele dia, porém, fe-lo mudar de ideia. A inexpugnabilidade do Raul entrou a irrita-lo como intoleravel desafio á sua genialidade.

— Sim, disse o Indalicio, porque verdadeiramente imune a facadas não creio que haja ninguem no mundo. E se alguem,

Digitized by Google

como o Raul, faz essa ideia de si, é que nunca foi abordado por um verdadeiro mestre — um Balzac, como eu. Hei de destruir a inexpugnabilidade do Raul; e se meu golpe vier a falhar, talvez até me suicide com a pistola de Vatel. Viver deshonrado aos meus proprios olhos, nunca!

E Indalicio pôs-se a estudar o Raul afim de descobrir-lhe o maximo — sim, porque até no caso do Raul aquele genio insistia em ferir no maximo! Duas semanas depois confessou-me, com a habitual suavidade:

— O caso está resolvido. O Raul realmente jamais levou facada e considera-se em absoluto imune — mas lá no fundo da alma, ou do inconciente, está inscrito o seu maximo: cinco mil réis! Tenho orgulho em revelar a minha descoberta. Raul considera-se inesfaqueavel, e jurou morrer sem a menor cicatriz no bolso; a sua conciencia, portanto, não admite maximo nenhum. *Mas o maximo do Raul é de cinco!* Para chegar a essa conclusão tive de insinuar-me nos desvãos de sua alma com a gazua do Freud.

— Só cinco?

— Sim. Só cinco — e maximo absoluto! Se o Raul se psicanalisasse, descobriria, com assombro, que apesar das suas juras de imunidade a natureza o colocou na casa dos cinco.

— E vai o nosso Balzac sujar-se com uma facada de cinco mil réis! Em que ficou a tua fixação do minimo em duzentos?

— De fato, hoje não dou facadas de menos de duzentos, e me julgaria deshonrado se me abaixasse a uma de cento e oitenta. Mas o caso do Raul, especialissimo, me força a abrir uma exceção. Vou esfaquea-lo em cincoenta mil réis...

— Por que cincoenta?

— Porque ontem, inopinadamente, a minha algebra psicologica demonstrou que ha possibilidade de um segundo maximo no Raul, não de cinco, como está inscrito no seu inconciente, mas de dez vezes isso, como consegui ler na aura desse inconciente!...

— No inconciente do inconciente!...

— Sim, na verdadeira estratosfera do inconciente raulino. Mas só serei bem sucedido se não errar na escolha do momento mais favoravel, e se conseguir deixa-lo em ponto de bala por meio da aplicação de diversas cocainas psicologicas. Só quando Raul se sentir levitado, expandido, com a alma bem rarefeita, é que sangrará no maximo astral que eu descobri!...

Mais um mês gastou o Indalício em estudos do Raul. Certificou-se do dia em que lhe pagavam no Tesouro, do

Digitized by Google

quanto lhe levavam as contas e prestações, e quanto costumava sobrar-lhe depois de satisfeitos todos os compromissos. E não ha pôr aqui toda a série de preparos psicologicos, fisicos, metapsiquicos, mecanicos e até gastronomicos a que o genio do Indalicio submeteu o Raul; encheria paginas e paginas. Resumirei dizendo que o ataque em vôo piqué só seria realizado depois do completo "condicionamento" da vitima por meio da sabia aplicação de todos os "matadores". O nosso pobre Indalicio faleceu sem saber que estava lançando os fundamentos do moderno totalitarismo...

No dia 4 do mês seguinte avisou-me da iminencia do golpe.

— Vai ser amanhã, às oito da noite, no Baron, quando o Raul cair na leve crise sentimental que lhe provocam certas passagens do *Petit Chose* de Daudet, recordadas entre a segunda e a terceira dose do *meu* vinho...

— Que vinho?

— Ah, um que descobri em estudos *in anima nobile* — nele mesmo: a unica vinhaça que, de mistura com o Daudet do *Petit Chose*, deixa o Raul, durante meio minuto, sangravel no maximo astral! Vocês vão abrir a boca. Estou positivamente criando a minha obra prima! Aparece amanhã no Guarany às nove horas, para ouvires o resto...

No dia seguinte fui ao Guarany às oito e já lá encontrei a roda. Pu-los ao par dos desenvolvimentos da vespera e ficamos a comentar os prós e contras do que áquela hora estaria se passando no Bar Baron. Quasi todos jogavam no Raul.

As nove entrou o Indalicio, suavemente. Sentou-se.

— Então? perguntei.

Sua resposta foi tirar do bolso e sacudir no ar uma nota nova de cincoenta mil réis.

— Fiz um trabalho preparatorio perfeito demais para que me falhasse o golpe, disse ele. No momento decisivo bastou-me um *"quit, quit"* dos mais simples. Os cincoenta *fluiram* do bolso do Raul para o meu — contentes, felizes, alegrinhos...

O assombro da roda chegou ao auge. Era realmente escachante aquele prodigio!

— Maravilhoso, Indalicio! Mas põe isso em troco miudo, pedimos. E ele contou:

— Nada mais simples. Depois do preparo do terreno, a tecnica foi, entre a segunda e a terceira dose da vinhaça e o Daudet, ferir fundo nos cincoenta — e o que eu esperava ocorreu. Ultra-surpreso de haver no globo quem o avaliasse em cincoenta mil réis, a ele, que na intimidade trevosa do sub-

Digitized by Google

conciente só admitia o miseravel maximo de cinco mil réis, Raul deslumbrou-se... perdeu o controle de si proprio... sentiu-se levitado, rarefeito por dentro, estratosferico — e com os olhos emparvecidos meteu a mão no bolso, sacou tudo quanto havia lá, exatamente esta nota, e entregou-ma, sonambulico, num incoercivel impulso de gratidão! Instantes depois voltava a si. Corou como a romã, formalizou-se — e só não me agrediu porque a minha sabia fuga estrategica não lhe deu tempo...

Maravilhamo-nos sinceramente. Aquela Yale psicologica era talvez a unica, dos milhões de chaves existentes no universo, capaz de abrir a carteira do Raul para um faquista; e o te-la descoberto e manejado com tanta segurança, era coisa que indiscutivelmente vinha fechar com corôa de ouro a gloriosa carreira do Indalicio — como de fato fechou: meses depois a gripe espanhola de 1918 nos levava esse precioso e amavel amigo.

— Parabens, Indalicio! exclamei. Só a má fé te negará o dom da genialidade. *A Partida Imortal* do grande Philidor já não está sem *pendant* no mundo. Criaste a *Facada Imortal.*

Como ninguem da roda jogasse xadrez, todos me olharam perguntativamente. Mas não houve tempo para explicações. Vinha entrando o Raul. Sentou-se, calado, contido. Pediu uma caninha (sinal de rarefação no bolso). Ninguem disse nada. Esperamos que ele se abrisse. Indalicio estava profundamente absorvido nos "Pingos e Respingos" dum "Correio da Manhã" sacado do bolso.

Subito, veiu-me uma infinita vontade de rir, e foi rindo que rompi o silencio:

— Então, seu Raul, caiu, hein?...

Realmente desapontado, o querido Raul não achou a palavra chistosa, o "espirito" com que em qualquer outra circunstancia comentaria um seu desaso qualquer. Limitou-se a sorrir amareladamente e a emitir um "Pois é!..." — o mais desenxabido "Pois é" ainda pronunciado no mundo. Tão desenxabido, que o Indalicio engasgou-se de rir... com o "Pingo" que lia.

1942

D'"*A Gazeta*".

Digitized by Google

A policitemia de Dona Lindoca

Dona Lindoca não era feliz. Quarentona bem puxada, apesar dos trinta e sete anos em que fizera finca-pé, via pouco a pouco chegar a velhice, com seu empaste de feições, rugas e macacôas.

Não era feliz, porque nascera com o genio da ordem e do asseio meticuloso — e gente assim passa a vida a amofinar-se com criados e coisinhas. E como tambem nascera casta e amorosa, não ia com o desamor e desrespeito do mundo. O marido jamais lhe retribuira o amor com os mimos entressonhados em noiva. Não tinha "caídos", nem usava para a sua sensibilidade, sempre menineira, desses pequeninos nadas cariciosos que para certas criaturas constituem a suprema felicidade na terra.

Isso, porém, não traria a dona Lindoca mal de monta, excedente a suspiros e queixas ás amigas, se a certeza da infidelidade do Fernando não viesse um dia estragar tudo. Estava a boa senhora a escovar-lhe um paletó quando sentiu vago aroma suspeito. Foi logo aos bolsos — e apanhou o corpo do delito num lencinho perfumado.

— Fernando, você deu agora para usar perfumes? indagou a santa esposa aspirando o lenço comprometedor. E "Coeur de Jeannette", inda mais...

O marido, pegado de surpresa, armou a cara mais alvar de toda a sua coleção de "caras circunstanciais" e murmurou o primeiro rebate sugerido pelo instinto de defesa:

— Você está sonhando, mulher...

Mas teve que render-se á evidencia, logo que a esposa lhe chegou ao nariz o crime.

Ha coisas inexplicaveis, por mais lepida que seja a presença de espirito de um homem traquejado. Lenço cheiroso em bolso de marido que jamais usou perfume, eis uma. Põe em ti o caso, leitor, e vai estudando desde já uma saída honrosa para a hipotese de te suceder o mesmo.

— Pilheria de mau gosto do Lopes...

Digitized by Google

O melhor que lhe acudiu foi lançar á conta do espirito brincalhão do seu velho amigo Lopes, mais essa. Dona Lindoca, está claro, não enguliu a grosseira pilula — e desde aquele dia entrou a suspirar suspiros de um novo genero, com muita queixa ás amigas sobre a corrupção dos homens.

Mas a realidade era diferente de tudo aquilo. Dona Lindoca não era infeliz; seu marido não era um mau marido; seus filhos não eram maus filhos. Gente toda ela muito normal, vivendo a vida que todas as criaturas normais vivem. Dava-se apenas o que se dá sempre na existencia da generalidade dos casais pacificos. A peça matrimonial "Multiplicai-vos" tem um segundo ato em excesso trabalhoso na criação e procriação dos rebentos. É uma dobadoura de anos, na qual os atores principais mal têm tempo de cuidar de si, tanto lhes monopolizam as energias os cuidados absorventes da prole. Nesse periodo longo e rotineiro, quanto perfume vago não trouxe da rua o doutor Fernando! Mas o olfato da esposa, sempre saturado com o cheirinho das crianças, jamais deu tento de nada.

Um dia, porém, começou a dispersão. Casaram-se as filhas e os filhos foram deixando o borralho um por um, como passarinhos que já sabem fazer uso das asas. E como o esvasiamento do lar ocorreu no periodo muito curto de dois anos, o vacuo trouxe a dona Lindoca uma penosa sensação de infelicidade.

O marido não mudara em coisa nenhuma, mas como só agora dona Lindoca tinha tempo de dar-lhe atenção, parecia-lhe mudado. E queixava-se dos seus eternos negocios fora de casa, da sua indiferença, do seu "desamor". Certa vez, perguntou-lhe ao jantar:

— Fernando, que dia é hoje?

— Treze, filha.

— Treze só?

— Está claro que treze só. Impossivel que fosse treze e mais alguma coisa. É da aritmetica.

Dona Lindoca arrancou um suspiro dos mais sucados.

— Essa aritmetica antigamente era bem mais amavel. Pela aritmetica antiga, hoje não seria treze só — e sim treze de julho...

O doutor Fernando bateu na testa.

— É verdade, filha! Não sei como escapou que era hoje dia dos teus anos. Esta cabeça...

— Essa cabeça não falha quando as coisas a interessam. E' que para você eu já passei... Mas console-se, meu caro.

Digitized by Google

Não me ando sentindo bem e breve deixarei você livre no mundo. Poderá então, sem remorso, regalar-se com as Jeannettes...

Como as recriminações alusivas ao caso do lenço perfumado fossem uma "scie", o marido adotara a boa politica de "passar", como no poker. "Passava" todas as alusões da esposa, meio eficaz de torcer em germe o pepino de um debate tão inutil quão indigesto. Fernando "passou" a Jeannette e aceitou a doença.

— Serio? Sente qualquer coisa, Lindoca?

— Uma ansiedade, uma canseira, isto desde que vim de Terezopolis.

— Calor. Estes verões cariocas derrancam até aos mais pintados.

— Sei quando é calor. O mal estar que sinto deve ter outra causa.

— Nervoso, então. Porque não vai ao medico?

— Já pensei nisso. Mas, a qual medico?

— Ao Lanson, filha. Que ideia! Pois não é o medico da casa?

— Deus me livre. Depois que matou a mulher do Esteves? Isso quer você...

— Não matou tal, Lindoca. E' tolice propalar essa maldade inventada por aquela caninana da Marocas. Ela é que diz isso.

— Ela e todos. Voz corrente. Alem do mais, depois daquele caso da corista do Trianon...

O doutor Fernando espirrou uma gargalhada.

— Não diga mais nada! exclamou. Adivinhei tudo. A eterna mania.

Sim, era a mania. Dona Lindoca não perdoava infidelidade de marido, nem no seu nem no das outras. Em materia de moralidade sexual não cedia milimentro. Como fosse de natural casta, exigia castidade de todo mundo Daí o desmerecerem ante seus olhos todos os maridos que na voz das comadres andavam de amores fora do ninho conjugal. Aquele doutor Lanson perdera-se no conceito de dona Lindoca, não porque houvesse "matado" a mulher do Esteves — pobre tuberculosa que mesmo sem medico tinha de morrer — mas porque andara ás voltas com uma corista.

A gargalhada do marido enfureceu-a.

— Cinicos! São todos os mesmos... Pois não vou ao Lanson. E' um sujo. Vou ao doutor Lorena, que é homem limpo, decente, um puro.

Digitized by Google

— Vai, filha. Vai ao Lorena. A pureza desse medico, que eu cá chamo hipocrisia requintada, com certeza lhe ha de ajudar muito a terapeutica.

— Vou, sim, e nunca mais me ha de entrar aqui outro medico. De Lovelaces ando eu farta, concluiu D. Lindoca sublinhando a indireta.

O marido olhou-a de soslaio, sorriu filosoficamente e, "passando" o "Lovelaces", pos-se a ler os jornais.

No dia seguinte, dona Lindoca foi ao consultorio do medico puritano e voltou radiante.

— Tenho uma policitemia, foi logo dizendo. Garante ele que não é grave, embora requeira tratamento serio e longo.

— Policitemia? repetiu o marido com vincos na testa, sinal de que entendia suas pitadas de medicina.

— Que espanto é esse? Policitemia, sim, a doença da rainha Margarida e da grã-duqueza Estefania, disse o doutor. Mas cura-me, assegurou — e ele sabe o que diz. Como é fino o doutor Lorena! Como sabe falar!...

— Sobretudo falar...

— Já vem você. Já começa a implicar com o homem só porque é um puro... Pois, quanto a mim, só sinto te-lo conhecido agora. É um medico decente, sabe? Fino, amavel, muito religioso. Religioso, sim! Não perde a missa das onze na Candelaria. Diz as coisas de um modo que até lisonjeia a gente. Não é um sujo como o tal Lanson, que anda metido com atrizes, que vê humores em tudo e põe as clientes nuas para examina-las.

— E o teu Lorena, como as examina? Vestidas?

— Vestidas, sim, está claro. Não é nenhum libertino. E se o caso exige que a cliente se dispa em parte, ele aplica os ouvidos mas fecha os olhos. É decente, ora aí está! Não faz do consultorio casa de encontros.

— Venha cá, minha filha. Noto que você fala com leviandade da sua doença. Tenho minhas noções de medicina e parece-me que essa tal de policitemia...

— Parece nada. O doutor Lorena afirmou-me que não é coisa de matar, embora de cura lenta. Doença até distinta, de fidalgos.

— De rainhas, grã-duquezas, sei...

— Só que exige muito tratamento — sossego, regime alimentar, coisas impossiveis nesta casa.

— Por que?

— Ora essa. Quer você que uma dona de casa possa cuidar de si, tendo tanta coisa que olhar? Vá a pobre de

Digitized by Google

mim deixar de matar-se na trabalheira, para ver como isto vira de pernas para o ar. Tratamento na regra, só para essas que tomam o marido das outras. A vida é para elas...

— Deixemos isso, Lindoca, até cansa.

— Mas vocês não se cansam delas.

— Elas, elas! Que elas, mulher? exclamou já exasperado o marido.

— As perfumadas...

— Bolas.

— Não briguemos. Basta. O doutor... ia-me esquecendo. O doutor Lorena quer que você apareça por lá, no consultorio.

— Para que?

— Ele dirá. Das duas ás cinco.

— Muita gente a essa hora?

— Como não? Um medico daqueles... Mas a você não fará esperar. É negocio á parte da clinica. Vai?

O doutor Fernando foi. O medico desejava adverti-lo de que a doença de dona Lindoca era grave, havendo perigo serio, caso o tratamento que prescrevera não fosse seguido á risca.

— Muito sossego, nada de contrariedades, mimos. Principalmente mimos. Indo tudo a contento, num ano poderá estar boa. Do contrario, teremos mais um viuvo em pouco tempo.

A possibilidade da morte da esposa, quando assim se antolha pela primeira vez a um marido de coração sensivel, abala profundamente. O doutor Fernando deixou o consultorio e rodando para casa ia a recordar o tempo roseo do namoro, o noivado, o casamento, o enlevo dos primeiros filhos. Não era mau marido. Poderia até figurar entre os otimos, no juizo dos homens que se perdoam uns aos outros os pequenos arranhões no pacto conjugal, filhos da curiosidade adamica. Já as mulheres não compreendem assim, e dão demasiado vulto a borboleteios que muitas vezes só servem para valorizar as esposas aos olhos dos maridos. Assim é que a noticia da gravidade da molestia de dona Lindoca despertou em Fernando um certo remorso, e o desejo de redimir com carinhos de noivo os anos de indiferença conjugal.

— Pobre Lindoca. Tão boa de coração... Se azedou um bocado, a culpa foi só minha. O tal perfume... Se ela pudesse compreender a absoluta insignificancia do frasco donde emanou aquele perfume...

Ao entrar em casa indagou logo da esposa.

— Está em cima, respondeu a criada.

Digitized by Google

Subiu. Encontrou-a no quarto, numa preguiçosa.

— Viva, a minha doentezinha! E abraçou-a e beijou-a na testa.

Dona Lindoca espantou-se.

— Ué! Que amores esses agora? Até beijos, coisas que me dizias estarem fora da moda...

— Vim do medico. Confirmou-me o diagnostico. Não ha gravidade nenhuma, mas exige tratamento de rigor. Muito sossego, nada de amofinações, nada que abale o moral. Vou ser o enfermeiro da minha Lindoca e hei de pô-la sãzinha.

Dona Lindoca arregalou os olhos. Não reconhecia no indiferente Fernando de tanto tempo aquele marido amavel, tão perto do padrão com que sempre sonhara. Até diminutivos...

— Sim, disse ela, tudo isso é facil de dizer — mas sossego de fato, repouso absoluto, como, nesta casa?

— Por que não?

— Óra, você será o primeiro a dar-me aborrecimentos.

— Perdoi-me, Lindoca. Compreenda a situação. Confesso que não fui contigo o esposo entressonhado. Mas tudo mudará. Você está doente e isso vai fazer que tudo renasça — até o velho amor dos vinte anos, que não morreu nunca, apenas encasulou-se. Não imagina como me sinto cheio de ternura para com a minha cara mulherzinha. Estou todo lua de mel por dentro.

— Os anjos digam amem. Só receio que com tanto tempo o mel já esteja azedo...

Apesar de mostrar-se assim tão incredula, a boa senhora irradiava. O seu amor pelo marido era o mesmo dos primeiros tempos, de modo que aquela ternura o fez logo reflorir, á imitação das arvores desfolhadas pelo inverno a um chuvisco de primavera.

E a vida de dona Lindoca de fato mudou. Os filhos passaram a vir vê-la com frequencia — logo que o pai os advertiu da vida periclitante da boa mãe. E mostravam-se muito carinhosos e solicitos. Os parentes mais chegados, tambem por influxo do marido, amiudaram as visitas, de tal jeito que dona Lindoca, sempre queixosa, outrora, de isolamento, se fosse queixar-se agora seria de solicitude excessiva.

Veio uma tia pobre do interior tomar conta da casa, chamando a si todas as preocupações amofinantes.

Dona Lindoca sentia um certo orgulho da sua doença, cujo nome lhe soava bem aos ouvidos e fazia abrir a boca aos visitantes — *policitemia*... E como o marido e os demais

Digitized by Google

lhe lisonjeassem a vaidade enaltecendo o chique das policitemias, acabou por considerar-se uma privilegiada.

Falavam muito na rainha Margarida e não grã-duqueza Estefania, como se fossem pessoas da casa, havendo um dos filhos conseguido e posto na parede o retrato de ambas. E certa vez em que os jornais deram um telegrama de Londres noticiando achar-se enferma a princesa Mary, dona Lindoca sugeriu logo, convencidamente:

— Vai ver que uma policitemia...

A prima Elvira trouxe de Petropolis uma novidade de sensação.

— Viajei com um doutor Maciel na barca. Contou-me que a baroneza de Pilão Arcado tambem está com policitemia. E tambem aquela grandalhona loura, mulher do ministro francês — a Grouvion.

— Sério?

— Serio, sim. É doença de gente graúda, Lindoca. Este mundo!... Até em questão de doenças as bonitas vão para os ricos e as feias vão para os pobres! Você, a Pilão Arcado e a Grouvion, com policitemia — e lá a minha costureirinha do Catete, que morre dia e noite em cima da maquina de costura, sabe o que lhe deu? Tísica mesenterica...

Dona Lindoca fez cara de nojo.

— Eu nem sei onde "essa gente" apanha tais doenças...

Outra ocasião, ao saber que uma sua ex-criada de Terezopolis fôra ao medico e viera com diagnostico de policitemia, exclamou, incredula, a sorrir com superioridade:

— Duvido! A Liduina com policitemia? Duvido!... Vai ver que quem disse tal bobagem foi o Lanson, aquela toupeira.

A casa virou perfeita maravilha de ordem. As coisas surgiam á hora e no ponto, como se anões invisiveis estivessem a prover tudo. A cozinheira, otima, fazia pitéus de arregalar o olho. A arrumadeira alemã dava ideia de uma abelha em forma de gente. A tia Gertrudes era uma governante de casa como jamais existiu outra.

E nenhum barulho, todos nas pontas dos pés, com "pssius" aos estouvados. E presentinhos. Os filhos e noras jamais esqueciam a boa mamãe, ora com flores, ora com os doces de que ela mais gostava. O marido fizera-se caseiro. Deu jeito aos negocios e pouco saía, e á noite nunca, passando a ler para a esposa os crimes dos jornais nas raras vezes em que não tinham visitas.

Digitized by Google

Dona Lindoca começou a viver vida de ceu aberto.

— Como me sinto feliz agora! dizia. Mas para que nada haja perfeito, tenho a policitemia. Verdade é que esta doença não me incomoda em nada. Não a sinto absolutamente — alem de que é doença fina...

O medico vinha vê-la amiude, mostrando boa cara á doente e má ao marido.

— Demora, ainda, meu caro. Não nos iludamos com aparencias. As policitemias são insidiosas.

O curioso era que dona Lindoca realmente não sentia coisa nenhuma. O mal estar, a ansiedade do começo que a levara a consultar o medico, de muito que havia passado. Mas quem sabia da sua doença não era ela e sim o medico. De modo que enquanto ele não lhe desse alta, teria de continuar nas delicias daquele tratamento.

Certa vez chegou a dizer ao doutor Lorena:

— Sinto-me boa, doutor, completamente boa.

— Parece-lhe, minha senhora. O caracteristico das policitemias é iludir assim os doentes, e pô-los derreados, ou liquidados, á menor imprudencia. Deixe-me cá levar o barco a meu modo, que para outra coisa não queimei as pestanas na escola. A grã-duqueza Estefania tambem se julgou boa, certa vez, e contra o parecer do medico assistente deu-se alta a si propria...

— E morreu?

— Quasi. Recaiu e foi um custo pô-la de novo no ponto em que estava. O abuso, minha senhora, a falta de confiança no medico, tem levado muita gente para o outro mundo...

E repetiu ao marido aquele parecer, com grande encanto de dona Lindoca, que não cessava de abrir-se em elogios ao grande clinico.

— Que homem! Não é atoa que ninguem diz "isto" dele, neste Rio de Janeiro das más linguas. "Amantes, minha senhora", declarou ele outro dia á prima Elvira, "ninguem me apontará jámais nenhuma."

O doutor Fernando ia se saindo com uma ironia á moda antiga, mas recolheu-se a tempo, por amor ao sossego da esposa, com a qual jamais esgrimira depois da doença. E resignou-se a ouvir o estribilho de sempre: "É um homem puro e muito religioso. Fossem todos assim e o mundo seria um paraiso".

Durou seis meses o tratamento de dona Lindoca e duraria doze, se um belo dia não rebentasse um grande escandalo —

Digitized by Google

a fuga do doutor Lorena para Buenos Aires com uma cliente, moça da alta sociedade.

Ao receber a noticia dona Lindoca recusou-se a dar credito.

— Impossivel! Ha de ser calunia. Vai ver como ele logo aparece por aquí e tudo se desmente.

O doutor Lorena jamais apareceu; o fato confirmou-se, fazendo dona Lindoca passar pela maior desilusão de sua vida.

— Que mundo, meu Deus! murmurava. Em que mais acreditar, se até o doutor Lorena faz dessas?

O marido rejubilou-se por dentro. Sempre vivera engasgado com a pureza do charlatão, comentada todos os dias em sua presença sem que ele pudesse explodir o grito da alma que lhe punha um nó na garganta: "Puro nada! É um pirata igual aos outros".

O abalo moral não fez dona Lindoca recair enferma, como era de supor. Sinal de que estava perfeitamente curada. Para melhor certificar-se disso o marido lembrou-se de consultar outro medico.

— Pensei no Lemos de Souza, sugeriu ele. Está com muito nome.

— Deus me livre! acudiu logo a doente. Dizem que é amante da mulher do Bastos.

— Mas trata-se de um grande clinico, Lindoca. Que importa o que lá do seu namoro dizem as más linguas? Neste Rio ninguem escapa.

— A mim importa muito. Não quero. Veja outro. Escolha um decente. Sujeiras não admito aqui.

Depois de comprido debate, acordaram chamar o Manuel Brandão, professor da Escola e já em adiantado grau de senilidade. Não constava que fosse amante de ninguem.

Veio o novo doutor. Examinou cuidadosamente a doente e ao cabo de algum tempo concluiu com absoluta segurança.

— Vossa Excelencia não tem nada, disse ele. Absolutamente nada.

Dona Lindoca pulou, muito lepida, da sua preguiçosa.

— Então sarei de uma vez, doutor?

— Sarou... se é que esteve doente. Não consigo ver sinal nenhum em seu organismo de doença presente ou passada. Quem foi seu medico

— O doutor Lorena...

O velho clinico sorriu e, voltando-se para o marido:

Digitized by Google

— É o quarto caso de doença imaginaria que o meu colega Lorena (aqui entre nós, um refinadissimo patife) leva a explorar durante meses. Felizmente raspou-se para Buenos Aires, ou "desinfetou" o Rio, como dizem os capadocios.

Foi um assombro. O doutor Fernando abriu a boca.

— Mas então...

— É o que lhe digo, reafirmou o medico. A sua senhora teve qualquer crise nervosa que passou com o repouso. Mas, policitemia, nunca! Policitemia!... Até me espanta que tão grosseiramente pudesse o tal Lorena iludir a todos com essa pilheria...

.....

A tia Gertrudes voltou para sua casa no interior. Os filhos foram se tornando mais parcos nas visitas — e os demais parentes, idem. O doutor Fernando retomou a sua vida de negocios e nunca mais teve tempo de ler crimes para a desconsolada esposa, sobre cujos ombros recaiu a velha trabalheira de zelar pela casa.

Em suma, a infelicidade de dona Lindoca voltou com armas e bagagens, fazendo-a suspirar suspiros ainda mais profundos que os de outrora. Suspiros de saudade. Saudade da policitemia...

Digitized by Google

Digitized by Google

6.ª PARTE

EXCERTOS DE OUTROS LIVROS

O primeiro livro sobre o Brasil — Uma opinião de M. Jerôme Coignard — O patio dos milagres — Na America... — A Onda Verde — O "grilo" — "Homo sapiens" — Luvas! O tesouro do castelo — O Dicionario Brasileiro — "Sancta Simplicitas" — As garças — Antanho — Comedias tragicas — A caricatura no Brasil

Digitized by Google

Digitized by Google

O primeiro livro sobre o Brasil

Em Frankfort-sobre-o-Meno apareceu em 1556 um livro de chamar atenção. As terras da America, recem-emergidas do limbo, tinham o dom de espertar nos europeus funda curiosidade e aquele "vient-de-paraitre" versava sobre as aventuras de um naufrago alemão que déra á costa no Brasil, estivera longos meses cativo dos tupinambás e conseguira por fim fugir-lhes á sanha canibalesca. Assunto palpitante pois, como se diz em jornalistica moderna, e impressão publica muito irmã da que nos deram ha pouco tempo as ressurreições faraonicas de Lord Carnavon.

Hans Staden havia apalpado, cheirado, provado a misteriosa terra dos amerindios, aqueles rudes homens sem tanga, amicissimos de trincar a carne dos seus semelhantes como o fazemos ainda hoje ao nosso irmão o porco, ao nosso paciente companheiro de trabalho, o boi. Seu livro suava realismo; tudo coisa vista e vivida, laivada do inimitavel sabor da impressão direta.

Hans seria de poucas letras. Daí o fazer estilizar o livro por um notavel da epoca, o doutor Zychman, medico de Marpurgo, o qual o narigou de um prefacio que é um modelo de literatura encruada.

Em materia de graças literarias a Alemanha do seculo XV vagia. Plena fervura da Reforma, o debate religioso em latim sufocava o renascimento preluzido pelo humanismo. Ha Erasmo, cujo ovo, no dizer do tempo, Martinho Luthero chocara; essa figura primaz, entretanto, não se atreveu a escrever o "Elogio" no alemão barbaro do povo. E fóra Erasmo os nomes da época são menos nomes que pequenos marcos cronologicos do estado fetal de uma literatura cujas formosas qualidades, mais tarde apuradas ao requinte em Goethe, mal se denunciavam. O livro de Staden, apesar de revisto por um mestre, dá bem a medida e o tom da "rudis indigestaque mole". Tal é, porém, a força da obra vivida, que ainda assim vale por uma das coisas mais curiosas e empolgantes que já se escreveram.

Digitized by Google

Para nós o seu valor requinta-se não só por ser o primeiro aparecido sobre nossa terra, como o que melhor nos mostra a arte com que os Vateis tupinambás, nossos avós em linha aborigene, abatiam, esfolavam, arrolhavam, assavam e degustavam entre goles de Cauim White Label os retacos e maciços portugueses, nossos avós em linha europeia.

A carne lusa era positivamente um acepipe de lamber os beiços. Provam-no o caso da velha india catequisada por Anchieta, a manifestar antes de morrer o seu ultimo desejo: esbrugar entre os tocos dos dentes uma munheca de criança moqueada; e a abalisadissima opinião de Cunhambebe que adiante mencionaremos. Pena é que a "sensiblerie" moderna (medo ás baratas) não permita que a par da ressurreição do estilo colonial, ardorosamente preconizado por José Mariano, não se restaure a praxe gastronomica dos nossos maiores — no caso de não haver perdido suas qualidades de paladar o petisco em questão.

Staden viu-se possuido da febre aventureira, a gripe do seculo dos descobrimentos. Seduzido pelas lendas em giro na boca do povo, relativa aos maravilhosos paises das Indias, deixou muito moço a casa paterna, em Homberg, e se foi para Lisboa, entreposto maritimo no apogeu e donde o largar de navios para as terras novas era constante.

Lá se engajou de artilheiro a bordo da frota que encontrou a sair, realizando assim, em 1548, sua primeira viagem até Pernambuco, ida e volta. Gostou. Passou á Hespanha e em Cadiz engajou-se de novo, agora em nau castelhana, tomado de curiosidade pelo Rio da Prata.

Desta feita os fados não lhe correram de feição: naufragou nas costas de S. Vicente, após horrivel temporal que ele descreve de modo impressionante. Em terra caminhou ao acaso e foi dar com os ossos em Itanhaen, incipiente nucleo lusitano cujos moradores o receberam de braços abertos.

Itanhaen e S. Vicente estavam em zona de indios tupiniquins, amigos e aliados dos portugueses; milhas adiante começava a zona dos tupinambás, nação inimiga e antropofaga. Vivia-se em guerra aberta e as constantes incursões dos tupinambás tiravam o sono aos portugueses. Daí a ideia de erigir-se um fortim na Bertioga, á entrada do canal por onde as canôas inimigas costumavam descer para o ataque.

Construiu-se o fortim (ainda hoje lá se vê, muito bem conservado, o forte com seteiras que o substituiu), mas como não houvesse artilheiro á mão, ficou algum tempo ao léo, como inutil espantalho.

Digitized by Google

Foi, pois, com grande gosto que os vicentinos viram cair das asas de uma tempestade aquele artilheiro providencial.

Contrataram-no para tomar conta do forte por quatro meses, enquanto não vinha do reino o oficial pedido. Ia a findar o prazo quando chegou o coronel Tomé de Souza; instruido dos serviços de Hans, louvou-lhos e induziu-o a reformar o contrato por mais dois anos, findos os quais o recambiaria á Europa com rendosa carta de recomendação a El-rey.

A gula dos tupinambás atrapalhou o conchavo. Certo dia em que Hans, á espera de hospedes, saira em caça de jacús para o almoço, aconteceu estar nas florestas circumvizinhas um bando de tupinambás, de tocaia a bipedes implumes. Agarraram-no de surpresa, amassaram-no a pancada, impuseram-lhe incontinenti a indumentaria da terra, nudez absoluta e, bem amarrado com fortes mussuranas, conduziram-no para o fundo de uma canôa. E assim, incomodamente, de papo acima, foi o dolicocefalo louro transportado á taba de Ubatuba, na qual residiam os dois indios que primeiro lhe puseram as unhas: Alkindar-miri e Nhaepepô-açu, panela pequena e panela grande. Eram seus donos por direito de guerra. Quanto ao destino que Hans teria, estava esclarecido: panela.

A entrada de Hans na taba não merece com propriedade o qualificativo de triunfal, que lhe daria quem de longe se iludisse com o delirio de aplausos do mulherio. Foi antes tragicamente humoristica, pois o forçaram a entrar gritando em lingua da terra:

— Eis a vossa comida que vem chegando!

Em certos fréges do Rio ha o menu cantado. Naquele bom tempo cantava o prato...

As mulheres receberam o aviso com grande alarida, como se diz á academica. Tomaram-no das mãos dos guerreiros e se foram com ele por diante aos safanões e bofetadas, dando perfeita imagem de um cardume nú de sufragistas inglesas rebuçadas de chocolate. Lambiam os beiços (hoje mimosos labios de carmim Doré em suas netas) e escolhiam pedaços com a maxima desenvoltura de gula: O braço é meu — Para mim o coração — Quero esta nadega...

Introduzido que foi na taba o petisco em pé, os guerreiros se foram guardar as armas e ingerir cauim, ficando Hans entregue ás suaves caricias do belo sexo. Puseram-no em uma rede, rodearam-no e, como gatas em circulo centrado pelo

Digitized by Google

camondongo, por largo tempo judiaram com ele, justificando-se:

— "Che anama pipike aé" — vamos nos vingar de ti do mal que os teus nos fizeram.

Hans suou a coleção inteira dos suores frios e tratou de encomendar a alma a Deus. Salva-la, já que do corpo não salvaria nem um osso. Estava nisso quando Alkindar e Nhaepepô vieram ter á cabana afim de participar-lhe que o haviam traspassado, a titulo gratuito, a um tio, Ipirú-guaçu, homem vaidoso que ardia por encompridar o nome.

Davam-se os indios ao luxo de periodicas ampliações onomasticas, operação que exigia a captura e o devoramento de um inimigo. Digerida a carne, ficava o nome da vitima aposto como sobrenome ao nome do algoz.

Dada que foi a agradavel nova, os ex-donos de Hans o deixaram outra vez entregues ás Evas.

— "Poracé!" "Poracé!" ganiram elas, e levaram-no para o terreiro, puxado pelas cordas manietadoras.

Hans desconhecia essa palavra e pensou lá consigo que fatalmente seria o sinal do fim. Resignou-se ao trespasse, revirou os olhos para o céu; depois circunvagou-os pelo terreiro, a ver se via a iverapema, pau de matar todo enfeitado, hoje, por evolução, cadeira eletrica nos Estados Unidos.

Não viu iverapema nenhuma. Viu aproximar-se madame Ipirú-guaçu com uma gilette apavorante: enorme lasca de cristal embutida em cabo recurvo. Seria que, antecipando a civilização dos seus netos sulinos, aquela tribu já substituira a morte a tacape pela degola? Nada disso. Vinham apenas fazer-lhe a toilette. Depila-lo! A figara pôs-lhe abaixo as sobrancelhas, as pestanas e atacou a barba.

Aqui a vaidade masculina do cliente reagiu. Hans relutou, esperneou, e pediu que o matassem com barba e tudo.

Riram-se as mulheres, declarando que não iam mata-lo tão cedo. Primeiro engorda-lo...

Salvou-se nesse dia a barba de Hans, unica peça de vestuario que ainda tinha sobre o corpo. Por pouco tempo, todavia. Logo depois apareceu na taba um presente de francês: tesoura. Os filhos de França já preparavam o país para futuro escoamento da sua industria da toilette. Nada havia na taba que cortar, nem folhas de parra. Como, porém, fosse indispensavel ajuizar da boa marca da tesoura, lembraram-se de fazer experiencia nos pêlos de Hans.

Digitized by Google

Desde esse dia a conformidade do prisioneiro com o "dernier cri" de Ubatuba foi perfeita: nú sem pêlos.

A repentina adoção da moda tupinambá por parte de um europeu de terras do norte, efeito a pesadas roupas de lã, não podia correr sem consequencias nevralgicas.

E não correu. Veiu agravar a indizivel aflição do aflito a mais formidanda dôr de dentes que o seculo XV registra.

Hans chorou por uma aspirina. O remedio, entretanto, era curti-la até que Tupã désse o basta. E Hans entrou a curtir a dôr cruel, rejeitando sistematicamente todos os alimentos apresentados.

Tal jejum não fez conta aos indios; viria emagrecer a presa na mais impropria das ocasiões.

Apareceu-lhe, então, um indio truculento, de formidavel tenaz de guatambú em punho. Era o dentista da tribu. Hans fremiu de horror e fazendo cara alegre declarou que a dôr passara subitamente. Mesmo assim o bugre insistiu em arrancar-lhe os dentes, talvez com a generosa intenção de prevenir futuras recaidas. Hans lutou pelos dentes como lutara pela barba — e venceu. O dentista guardou o boticão, depois de adverti-lo de que a teima em não comer era pessima politica, pois induziria Ipirú a mata-lo quanto antes. Condição de vida: engordar — e o pobre Hans, embora estalando nas crispações da sua nevralgia historica, entrou a comer como um frade.

Residia na taba de Ariariba o grande chefe Cunhambebe, terror de tupiniquins e peros (os indios chamavam assim aos portugueses). Além de guerreiro astuto, habil em dirigir expedições bem sucedidas, Cunhambebe apreciava singularmente a carne lusa. "Gourmand" famoso, talvez "gourmet" de requintes, é pena os nossos restaurantes não lhe lembrem o lindo nome em um bife. Merece positivamente essa homenagem, merece-a talvez mais que o Ararigboia, que tem herma em Niteroi.

Cunhambebe quis "de visu" ajuizar daquela rica "entrée" loura com que iam regalar-se os ubatubanos, e mandou que a trouxessem á sua presença.

Hans é trazido. Encontra o pantagruelico morubixaba a beber cauim numa roda de companheiros. Reconhece-o logo pelo aspecto e pela insignia: colar de conchas brancas enrolado seis braças ao pescoço.

Conversam. Hans aproveita o lance para protestar pela milesima vez que não era pero, e sim otimo francês. Sabia que se pudesse impingir aos selvagens essa dupla invenção

Digitized by Google

estaria salvo. Argumentou, alegou o louro dos cabelos e o azul dos olhos.

O morubixada sorriu diabolicamente e disse:

— Já comi cinco portugueses e todos mentiram.

O aborigene não acreditava na palavra do branco, de tantas petas vinha sendo vitima desde o fatal 1500. Além disso nunca houve pero que diante da iverapema não alegasse francesia. O ceptico morubixaba, porém, só se rendia á opinião do seu paladar apuradissimo. Depois de bem assado o prisioneiro, ao trincar-lhe o pernil é que proclamava entre estalidos de lingua:

— Francês nada. É português dos legitimos.

O alemão consternado viu que teria de passar por essa prova, a unica que o não interessava...

Duas vezes esteve Hans com esse chefe. Da segunda encontrou-o sentado junto a enorme cesta de carne humana comendo gulosamente uma perna. Hans exprobrou-lhe a gula, dizendo que nem os animais inferiores comiam seus semelhantes.

Cunhambebe podia, com base em autoridades antropologicas e ainda mais na futura ação dos europeus relativa aos selvagens da America e Africa, alegar que o branco era dissemelhante. Não o fez. Contentou-se a responder tupinambamente:

— "Jauchara iche"! — Sou um tigre! Está gostoso!... e esfregou na cara do alemão aquela "delicatessen".

A habilidade, os prodigios de astucia que Hans Staden empregou afim de provar que nunca fôra pero, e ainda para convencer os indios de que o seu Deus o protegia e era mais poderoso que os maracás de cabaça, deram resultado. Os selvagens foram-lhe protelando o sacrificio e acabaram convictos de que de fato não era português. Orçou por oito meses o é-não-é e daí veio a sua salvação. Durante esse tempo residiu em varias tabas, trabalhou com os indios, acompanhou-os em expedições guerreiras e prestou-lhes uma assistencia medica talvez melhor que a dos pagés.

Sempre que adoecia algum e era procurado, apontava logo a causa da doença: uso de carne humana. Queria assim salvar a sua, criando a desconfiança em relação á petisqueira.

Certa vez foi chamado á cabana de um morubixaba queixoso de peso no estomago. Hans apalpou-o e disse logo:

— É o raio da carne humana. Aposto que a comeu! É um veneno...

O doente deu balanço nos seus menus e declarou:

Digitized by Google

— Comi ha meses um português inteiro e noto que desde essa ocasião é que sinto o tal peso, a tal bola no estomago.

— Pois é isso! Mais indigesto, nem pepino crú.

O doente concordou e prometeu abster-se.

Este fato prova que a digestibilidade dos nossos avós não era uniforme. Talvez variasse com a provincia natal do acepipe, mais na Beira, menos no Minho. A não ser que prove apenas diferença de potencialidade entre estomagos. A moela de Cunhambebe suportava cinco e pedia mais. O outro morubixaba entupia com um.

Já as indias nunca se queixavam de encruamentos estomacais. Cabia-lhes as partes internas, mais tenras e de mais facil digestão, fosse qual fosse a nacionalidade da rez. Tinham o habito de ferver a barrigada em grandes vasilhas até que tudo se desfizesse em caldo grosso e muito apreciado, ao qual davam o nome de mingau. Esta "purée" destinava-se ás crianças e convalescentes, nunca fazendo mal a ninguem, em que pese á suspeitissima propaganda de Staden. No preparo deste mingau ha um detalhe que não póde ser contado aqui. O batoque. O batoque preventivo... O batoque que impedia que algo se perdesse...

A culinaria francesa, ao inventar a "bécassine" assada com as tripas cheias ao natural, não inventou coisa nenhuma.

Ao cabo de oito meses de cativeiro, depois de mil incidentes e varias decepções mortais, conseguiu Staden embarcar no "Bel'Eté", navio francês ancorado em Iteron (Niteroi). Foi levado a bordo pelos indios de Itaquaquecetuba, em cuja taba passara a residir e de cujos indios se fizera amigo. A despedida foi cordialissima. Na hora do abraço derradeiro Hans prometeu voltar com um navio carregado de presentes, facas, machados, espelhos, vindo passar o resto dos seus dias no amavel convivio de Abati-poçanga, chefe de Itaquaquecetuba.

Bom europeu que era, mentiu mais uma vez. Não voltou coisa nenhuma. A posteridade, entretanto, o absolve da feia falta por amor ao presente que ele lhe fez das suas memorias — precioso espelho da nossa ascendencia, que nós, menos por pudor que desleixo, só trezentos e tantos anos depois de dado a publico em Frankfort vimos a conhecer em tradução recem-publicada.

1926

Do *"Na Antevespera"*.

Digitized by Google

Uma opinião de M. Jerôme Coignard

Toda a gente que escolhe leituras já leu esse compendio de alta sabedoria que são "Les opinions de M. Jerôme Coignard", de Anatole France. O padre Coignard possuia uma visão das coisas e dos homens muito livre para lhe permitir o acesso ás grandezas humanas, e passou a vida a pé, pobre como Diogenes, mas contente. Era rico apenas em filosofia, a qual transmitiu ao seu bom discipulo Jacques Tournebroche, o qual por sua vez no-la transmitiu a nós, compendiada por Anatole France num livro de dialogos encantadores de finura.

O que nem todos sabem é que por morte de Anatole foi encontrado no baú da sua cozinheira um capitulo inedito desses dialogos. Por que motivo deixou de incorporar-se á sua obra impressa esse capitulo? As opiniões divergem, prevalecendo, entretanto, a que atribue isso a razões de estado. Esse capitulo versa sobre o jogo e singularmente se adapta a um país amigo da França; é possivel que o Quai d'Orsay tenha influido no abafamento do escrito para evitar complicações diplomaticas.

Um jornal brasileiro, entretanto, não possue as mesmas razões de reserva do Quai d'Orsay, e pode dar a publico o precioso inedito.

Aqui vai ele religiosamente traduzido em vernaculo, sem titulo como o encontramos.

.....

Naquela tarde fomos, meu mestre e eu, até á Ponte Nova, onde abundam os alfarrabistas de rua que meu mestre frequenta. Em caminho chamou-nos a atenção um tumulto á porta de um vendedor de loterias e outros jogos. Eu quis chegar até lá mas meu mestre deteve-me pelo braço.

— Não. O povo só é interessante visto de longe, como massa que se move. Além disso não é necessario chegar até lá para atinar com o que se trata. A velha mitologia tem simbolos eternos; Saturno devorando seus filhos é um deles.

Digitized by Google

Não compreendi de pronto a alusão do meu bom mestre, e ia pedir esclarecimentos, quando passou por mim um vendedor de jornais. Adquiri uma folha da chamada "certa imprensa", visto como não nego pertencer eu á classe da "certa gente".

Havia na primeira pagina um formoso artigo trescalante de indignação contra o jogo, "cancro social". Mas havia tambem na quinta pagina uma seção de palpites de jogo aconselhados pela direção da folha.

— Mestre, disse eu, como se explica a contradição deste jornal, fulminando o jogo na sua coluna de honra e estimulando-o paginas adiante?

O padre Coignard mansamente correu os olhos pela folha e disse:

— Tournebroche, meu filho, já varias vezes te fiz notar que a contradição é propria do homem e dos jornais. Direi hoje que é propria da vida. Esse jornal é sincero nas duas opiniões contrarias que emite simultaneamente sobre o jogo. Condena-o porque o acha imoral, estimula-o porque o acha humano e necessario á bôa ordem das coisas da terra.

— Não compreendo, mestre. Se é imoral, é contrario á bôa ordem das coisas da terra, visto que a moral não passa de um conjunto de regras tendentes a manter essa bôa ordem.

— Uma discussão sobre moral nos levaria longe e eu tenho de estar dentro em pouco á porta de Catarina, a rendeira, que é uma criatura notoriamente imoral e no entanto necessaria á bôa ordem da vida. Vida é sinfonia, meu caro discipulo, e as sinfonias necessitam de todas as notas musicais.

Essa tua folha tem duas opiniões a respeito do jogo e nisso se conforma com um dualismo universal. As opiniões nascem bifopagas, com caras contrarias mas ligadas entre si.

— Mas uma delas ha de ser a verdadeira, disse Tournebroche, e eu queria que meu mestre me désse a sua sincera opinião sobre o jogo.

— Prefiro, meu caro Tournebroche, dizer-te que o jogo faz parte da unica trindade santissima que o homem jamais negou: amar, jogar e beber. Nasceu no Eden com os nossos primeiros pais e ha de morrer com o ultimo homem. Adão bebeu as palavras da serpente, jogou a sua inocencia e amou Eva. Desde aí essas tres ilusões passaram a constituir o supremo enlevo do homem — e os tres elementos de que ele dispõe para amenizar este nosso vale de lagrimas.

— Logo, o meu caro mestre defende o jogo, ou pelo menos justifica.

Digitized by Google

— Apenas o explico, meu filho. O homem que trabalha dia a dia para a conquista do pão, e não vê acumular-se nenhuma reserva em suas arcas, encontra no jogo a unica esperança de felicidade. Comprar um bilhete de loteria, comprar uma "poule", comprar um bicho, é comprar essa coisa maravilhosa que se chama esperança, e o homem que espera é feliz. Enquanto a sorte não decide se ganhou ou perdeu, o homem que joga sonha e é feliz. Se ganha, realiza o sonho; se não ganha, joga de novo e vai prolongando assim, indefinidamente, o seu estado de felicidade com base na esperança.

— Mas o jogador acaba sempre perdendo e desse modo se prejudica.

— Não vejo em que, nem vejo que, bem consideradas as coisas, o jogador saia perdendo. Desde que adquire esperança e a esperança é o supremo bem da vida, o jogador nunca perde. Apenas dá o seu dinheiro em troca de uma mercadoria que não pode ser pesada na balança de pesar batatas.

Quem bebe compra, não o alcool em si, mas a doce e rosea ebriez que ele dá. Quem ama á Catarina e lhe dá dinheiro não adquire materialmente um pedaço dessa interessante criatura, mas sim a ilusão de amor que ela dá.

O que vale nesta trindade santissima é o que ha nela de imaterial, imponderavel e ilusorio.

— Mas o Estado, disse Tournebroche, que é paternal e sabio, condena e persegue o jogo.

— Tournebroche, meu filho, o Estado faz como a tua folha: condena e persegue o jogo apenas durante passageiras crises de histeria moral. Mas permanentemente o estimula, como faz a tua folha pela seção dos palpites. O Estado, como já disse, guia-se por meio de razões de Estado, razões que o povo não alcança, mas não passam de razões das pessoas que representam o Estado.

Por isso te disse eu que Saturno devorava seus filhos. Pois, responde-me sem vacilar, quem é que mantem o jogo pai, o jogo substantivo, do qual os jogos adjetivos não passam de prole adjunta?

— O Estado, está claro, respondeu Tournebroche, já que é ele quem institue as loterias, e as regulamenta, e as fiscaliza, e lhes participa dos lucros.

— Perfeitamente. O Estado é o pai do jogo, e se persegue os jogos filhos do grande jogo, é porque Saturno devora seus filhos. O Estado condena e persegue os jogos menores por uma razão muito simples, embora dê como razão disso a moral. Persegue-os porque esses jogos fazem concorrencia ao grande jogo que ele banca por intermedio dos concessionarios de lo-

Digitized by Google

terias. Estes homens se sentem lesados pela concorrencia, o Estado lhes reconhece razão e transforma essa razão de concessionarios em altas razões de Estado.

— Nesse caso o que eu não compreendo é o povo. Se o tudo é jogar, por que o povo não se limita a jogar no jogo que o Estado institue, garante e fiscaliza?

— As razões são claras, meu filho. O povo, erradamente, está visto, considera o Estado como uma associação malefica que explora o imposto, e desconfia dele. Tudo que emana do Estado é suspeito ao povo, que não compreenderá nunca a delicia que é sermos governados por ele. E sistematicamente, em igualdade de condições, o povo prefere o jogo instituido pelos particulares ao jogo instituido pelo Estado.

— Mas nisso o povo erra, visto como o jogo do Estado tem as garantias da lei e o outro não.

— Erra e não erra, meu filho. Erra porque é um erro duvidar da benemerencia infinita desse grande aparelho de nome Estado, que faz as guerras e retira das sargetas os gatos mortos. Não erra porque o jogo particular, justamente por não ter as garantias da lei, é infinitamente mais honesto, expedito e inteligente que o jogo do Estado. Estou velho e jamais vi reclamações contra os bicheiros. Catarina, a rendeira, comprou o mês passado duas libras tornezas de Coelho, e horas depois recebeu cincoenta, visto como ganhou. Ela sonhara com Mr. Bouchard, recentemente eleito para o Instituto de França.

— E o mestre acha alguma relação entre esse sonho com Mr. Bouchard e o Coelho?

— Nenhuma. Tenho que Mr. Bouchard, a ser um bicho, seria o Veado, por motivos que um bom mestre não deve expender diante de um discipulo como tu. Mas o considera-lo tão acertadamente Coelho é um desses misterios acima da compreensão humana comum, e só possiveis a intuições puras como a de Catarina, que, tu sabes, não possue a faculdade do raciocinio.

— É bem pensado isso. Eu de uma feita sonhei com o meu caro mestre e joguei na Aguia.

— E deu?

— A Borboleta.

— Ha qualquer coisa de borboleta em mim, reconheço. Quer Buffon que as borboletas borboleteiem, e a mim me parece que, afinal, não faço na vida outra coisa.

Neste momento passou pela calçada fronteira um vendedor de bicho, escoltado por dois guardas policiais. Ia preso e fôra sua prisão a causa do tumulto mencionado no começo deste capitulo.

Digitized by Google

— Vê, meu filho, que belo quadro da iniquidade humana. Este homem vai preso porque jamais lesou um seu semelhante. Não ha cozinheira neste bairro que não jure sobre a sua pontualidade de banqueiro de bicho. Foi ele quem pagou a Catarina as cincoenta libras tornezas de Mr. Bouchard.

— Realmente, o Estado tem razões que a razão desconhece.

— E tem ciumes, meu filho. Não ha neste país nada tão bem organizado como o jogo do bicho. O jogador apresenta-se num "guichet" e faz a lapis, num papelzinho, a sua aposta. O banqueiro recebe o dinheiro e dá-lhe em troca uma papeleta numerada. Essa papeleta, conforme o numero final da loteria que o Estado faz diariamente correr, implica ás vezes em pagamentos enormes, os quais se realizam mediante a simples apresentação da papeleta. Para um negocio de vulto correspondente, ou com particulares ou com o Estado, teriamos mil maçadas, teriamos que passar escrituras, aceitar letras, apresentar testemunhas, etc., e ao cabo de tudo o mais certo seria termos delongas, despesas de lubrificação ou demandas judiciarias, que se eternizam e nos arruinam. Digo que da parte do Estado ha ciumes porque jamais conseguirá ele organizar nada tão perfeito, tão simples e sobretudo tão honesto. Se o Estado não estivesse convencido da sua oniciencia, o que deveria fazer, em vez de perseguir os bicheiros, era estudar-lhes a organização e convida-los a pôr nos serviços publicos essa maravilhosa ordem e rapidez que caracterizam o seu negocio.

— Isso o Estado não fará. O que vai fazer é acabar com eles.

— Não te enganes, meu filho. As crises histericas passam e o jogo fica. Fica porque é humano, eterno e necessario. Além disso, sabe defender-se. Conhece os calmantes que aplacam o histerismo do Estado, deliciosos calmantes muito gratos ás pessoas de carne e osso como nós que constituem as visceras do Estado. Quem vem lá? Parece-me Catarina...

Era, de fato, Catarina, a rendeira, que vinha furiosa com a prisão do seu bicheiro. Parou em face de Coignard e disse-lhe..."

O manuscrito de Anatole France, encontrado no baú da sua cozinheira, parava aqui. E foi pena, porque nos privou da opinião da linda rendeira, opinião a que Coignard dava grande apreço por ser intuitiva e não reflexo de longas meditações como as suas.

1926

Do *"Na Antevespera"*

Digitized by Google

O patio dos milagres

Ha no mundo nações tão bem ordenadas, tão limpas de vida que se tornam insulsas e *intelegrafaveis*. Suecia, Noruega, Dinamarca, Holanda e Suiça (a lista não vai além) chegam á perfeição de impedir a permanencia em seu territorio dos solicitos correspondentes da Havas, da United, da Associated Press. Proibem-lhes o ingresso? Absolutamente não. Apenas lhes negam fatos telegrafaveis. Não ha desastres, não ha crimes, não ha revoluções, não ha guerras, não ha sitios, não ha golpes de estado, não ha nada dessa pitoresca desordem da França, Italia, Portugal, Brasil e outros, eterna fonte de telegramas que enriquecem as agencias á custa da universal curiosidade.

A Suecia chegou á perfeição das colmeias. Nos bondes os passageiros depositam o niquel da passagem numa caixinha adequada. Nem cobradores, nem fiscais — e nunca um sueco lesou nenhuma empresa de tramway. Se porventura esquece em casa os niqueis, viaja de graça, mas no dia seguinte, ao tomar de novo o bonde, não esquece de pagar em dobro. A venda dos jornais ás esquinas é feita pelo mesmo processo. O freguês toma a folha que quer e deposita o preço. Se está sem miudos, ele mesmo faz o troco. As moedas permanecem numa caixa aberta, á vista do publico, sem que passe pela cabeça de ninguem a ideia absurda e anti-sueca de furta-las.

Na Suiça deu-se ha tres anos um crime. Um russo, em transito por Lausanne, matou a outro russo por motivo de vingança politica. O abalo foi medonho. Do Jungfrau á ultima vaca bernesa, a Suiça inteira fremiu de horror, e durante meses foi esse crime o tema de todas as conversas e de todos os espantos. Até hoje, quando quer um suiço referir-se a fatos do ano 1923, diz, ainda arrepiado: "Foi no ano daquele crime..."

Paises assim têm o defeito gravissimo da insipidez. Lembram a ilha da Perfeição, onde a deusa Calipso abrigou Ulisses e de tantas delicias o cercou que o mal acostumado grego deu de bocejar, saudoso da bela desordem de Ithaca.

Digitized by Google

Esta insulsez da ordem perene foi-me ha dias confirmada por um turista sueco, que desceu do *Arlanza* para uma rapida inspeção á nossa cidade e acabou fixando residencia aqui.

— Estou maravilhado! disse-me ele. Nunca supús que no mundo houvesse uma coisa (ele chama ao nosso país coisa) tão interessante e pitoresca! Começa pela mistura das raças. Nós lá somos vitimas da perfeição etnica. Todos os homens se parecem uns com os outros, todos regulam no porte, na côr dos olhos, no louro dos cabelos, no bem proporcionado dos membros. Ora isso, afinal, cansa, porque ver um é ver todos. Mas aqui, que maravilha! Os homens apresentam a gama inteira da somatica humana. Ha-os grandes, médios, pequenos e minusculos. Ha-os retos como cabos de vassouras, gordos como aboboras, magros como palitos, tortos como latas velhas, capengas, cambaios, corcundas, coxos, manetas. E de todas as côres, pretos, castanhos, achocolatados, aços, amarelos, ruivos, vermelhos, verdes e até brancos. Costumo ficar na rua Larga vendo o desfile do povo suburbano. Não ha dois seres iguais e ainda não vi um com a forma humana classica dos Apolos esculpidos na Grecia ou dos jovens que passam pelas ruas de Estocolmo.

Isto, meu caro senhor, é uma pura maravilha para um viajante como eu, que corre mundo em procura do pitoresco ausente da terra natal. Somos na Suecia vitimas da ordem perfeita, ordem em todos os sentidos, inclusive a economica. Esta chegou a tal ponto que até esse velho elemento estetico, tão caro aos artistas, que é o romantico mendigo de rua, desapareceu dentre nós. Pintor sueco que se proponha pintar um quadro como *O Piolhento* de Murillo ou vai pinta-lo fóra da Suecia, ou tem de camuflar de mendigo a um sadio mecanico aposentado de Trolhatan.

Aqui, entretanto, que riqueza de motivos pitorescos só no que diz respeito a admiraveis mendigos autenticos! Em plena Avenida, num esplendido contraste com as montras cintilantes de joias e as damas que passam vestidas de todas as côres do iris e de todas as missangas de Paris, tenho visto exemplares que fariam fremir de entusiasmo o pincel do nosso grande André Zorn. Mendigos primorosos, com belissimas chagas, vermelhas como cactus, otimas para o estudo da gama inteira dos carmins e dos lilazes gangrenosos. Outros dotados de soberbas inchações lustrosas, nas quais Zorn descobriria tons de ocres inéditos para a sua palheta. Além dos efeitos de côr desses maravilhosos mendigos, os efeitos de expressão! Que riqueza! Resignados uns, como felás do Cairo, exibindo

Digitized by Google

elefantiases de entusiasmar; outros em tal grau de penuria organica que o passante artista se detem, na esperança do espetaculo raro de um estrebuchamento final, rico de convulsões em pleno sol.

Esta riqueza inaudita de temas pictoricos constitue a grande riqueza de vosso país, e no dia em que fôr conhecida lá fóra, pela inteligente propaganda dos vossos consules, atrairá para cá toda uma legião de pintores e escultores europeus.

E tudo isto vós o conseguis com um insignificante dispendio de niqueis sabiamente largados nas mãos que se estendem!

O processo da assistencia ao invalido, que em má hora a Suecia adotou, deu cabo do mendigo por lá, com grave dano do pitoresco das nossas ruas. O vosso processo do niquel é inteligentissimo. Mantem, conserva a enorme classe dos invalidos, não em asilos, fóra dos olhos do publico, o que é contrario á estetica, mas bem á mostra do passante, estorvando-lhe a passagem, forçando-o a deleitar-se com o pitoresco da miseria humana.

Sois grandemente sabios, sem o saberdes. Sois uns inconcientes criadores de beleza, numa éra em que a organização social vai dando cabo da beleza do mundo. A desordem é condição da beleza, e a bela desordem que noto em todas as vossas coisas denuncia os dons esteticos com que a natureza vos dotou. O regime de seleção ás avessas adotado pela vossa politica, o empirismo dos vossos governos, a fabricação de leis sem o minimo estudo das realidades, tudo isto é profundamente estetico. Vossos governos e vossas leis com muita sabedoria impedem que o Brasil vire uma Suecia, uma Suiça — ilhas de Calipso onde a perfeição organica cria o tedio e mata o pitoresco.

Prevejo que o criterio da vossa elite dirigente vai conduzir-vos á hegemonia do pitoresco. Haveis de derrotar Espanha, Portugal e Italia.

Haveis ainda de ser a *great attraction* do turismo universal, quando em consequencia logica da vossa orientação o Brasil se transformar no Patio dos Milagres da America, irmão daquele maravilhoso Patio dos Milagres que Victor Hugo descreve na *Notre Dame de Paris*. Esta perspectiva de tal modo me encanta que deliberei fixar residencia aqui e talvez até me naturalize. Porque, meu caro senhor, devo dizer-lhe que sou um temperamento visceralmente artistico, desses que...

Digitized by Google

Neste ponto o meu sueco interrompeu-se e, num enlevo d'alma, caiu em extase diante dum *cul-de-jatte* de terceira ordem que aos arrastos se nos defrontara e me estendera a mão faminta de niqueis.

Um orgulho imenso encheu-me a alma. Senti-me enfunado de radiantes ufanias patrioticas e tive um dó imenso daquele desgraçado sueco, que para deleitar-se com um mau exemplar de *cul-de-jatte* tinha de deixar a sua terra e atravessar os mares.

— Isto não é nada, disse-lhe eu com paternal superioridade. Temos coisa muito melhor. Temos cincoenta mil morfeticos admiraveis!

— Cincoenta mil? exclamou o sueco num assombro, mordendo os labios de inveja. Nós lá tinhamos um, mas morreu...

Ri-me da pobreza da Suecia e, num gesto á Cyrano de Bergerac, dei ao *cul-de-jatte* um niquel novinho — o precioso niquel com que, tão inteligentemente, fazemos as Suecias se curvarem ante a nossa formidanda superioridade estetica...

1926

Do "*Na Antevespera*"

Digitized by Google

Na America...

CAPÍTULO IV

A cidade que não nasceu ao acaso. Washington e Lincoln, o que fez e o que manteve. A religiosa impressão que o Lincoln Memorial causa. Opinião de Mr. Slang sobre a caridade.

Washington é uma cidade unica. Foi construida e vai se desenvolvendo de acordo com um plano predeterminado. Todas as cidades do mundo nascem ao acaso das exigencias do comercio, sem que nunca a menor previsão sobre seu futuro desenvolvimento haja ocorrido ao espirito dos ocasionais fundadores. Daí os tremendos problemas urbanos que atormentam os legisladores municipais quando uma dessas sementes de cidade se desenvolve em metropole. As ruas estreitas e tortuosas do "centro", ou a parte velha, atestam-no pelo mundo inteiro.

Washington escapa a essa formação classica. Foi primeiro planejada e depois erigida. O mesmo está se dando com a nova capital da Australia, Camberra. Vem daí a estranha sensação que Washington causa a todos os visitantes, de qualquer parte do globo que procedam.

Logo ao chegar chocam o visitante as proporções desmarcadas da Union Station, imensa mesmo para a America onde é tudo imenso. E começa ali a primeira lição civica — uma frase de Samuel Jonhson gravada sobre os portais:

"He that would bring home the wealth of the Indies must carry the wealth of the Indies with him, so it is, in travelling —a man must carry knowledge with him if the would bring home knowledge".

Não se traduza essa legenda, que fica aparentemente infantil e ridicula. Ha no inglês mil coisas que não podem vestir-se á portuguesa — degeneram em caricatura. Expressões de mundos diametralmente opostos, de mentalidades po-

Digitized by Google

lares. vestir com palavras lusas um sutil pensamento pensado por cerebro inglês para uso de mentalidades de formação inglesa é substituir os sapatinhos de cristal de Cinderela por tamanquinhos de pau. Está claro que um par de tamanquinhos é rigorosamente sucedaneo de um par de sapatinhos de cristal, isto é, tradu-los portuguesmente bem, mas...

Washington é um simbolo de pedra. A historia americana está toda ali. Basta uma vista á cidade para que os fatos capitais da formação politica da America se desenhem para sempre em nosso espirito. Daí a forte reamericanização que sofrem os americanos que visitam a capital. Saem de Washington mais americanos, mais exaltados na tremenda fé em si proprios que acima de tudo os caracteriza. Povo eleito para os mais altos destinos, Washington é o crisol mistico onde se sublima essa fé céga. "From Washington we go home better Americans" (1).

Tudo amplo, largo, claro, solido, arejado. Tudo historico, na pedra dos monumentos, no bronze das estatuas, nas inscrições abundantissimas, no maravilhoso cemiterio de Arlington. A Biblioteca do Congresso é menos uma biblioteca que o maior templo que ainda se erigiu em homenagem ao livro na sua qualidade de calado cofre de tudo quanto a humanidade pensou até aqui. O magnificente Capitolio, bem como todos os mais monumentos da cidade, constituem Almoxarifados da Fama, de tal forma com estatuas, bustos de bronze e marmore, inscrições, quadros e simbolos, os homens que construiram o país estão neles memorados.

Só Washington americaniza. O filho de New England, que sempre olhou d'alto aos nativos dos estados do sul, bem como o homem do Kentucky, que torce o nariz aos filhos de Connecticut recebem de Washington, por mil vias, a lição de que não ha New England, nem Kentucky, nem Connecticut, mas apenas a America que George Washington forjou de fragmentos esparsos e Lincoln impediu que se quebrasse.

George Washington e Lincoln — em que país dois homens subiram tanto? Já passaram de homens a semi-deuses. Pelo país inteiro não existem nomes mais popularizados em pracas, ruas, pontes, estatuas, memoriais. Nas escolas tornam-se obsessão. Seus retratos nas paredes, nos livros, nos selos, nas reclames comerciais, fizeram de ambos verdadeiros signos simbolicos de uso e consumo diarios. Consome-se Lincoln como se consome "hot-dog". Consome-se George Washington como

(1) Saimos de Washington mais americanos.

Digitized by Google

se consome sorvete. Citações de seus discursos historicos, anedotas, ditos agudos, visões wshingtonianas da politica geral circulam no país como moeda de troco miudo.

Na alta politica inda é o pensamento dos dois que conta como o argumento decisivo. A retração dos Estados Unidos dos negocios europeus, contra o parecer de todos os grandes estadistas tanto europeus como americanos, tem base no aviso de George Washington dado num dos seus discursos. As palavras de Lincoln em Gettysburg valem como uma especie da tabua de Moisés dos hebreus — e é realmente a mais bela coisa que um coração humano já fixou.

Naquele dia, quando apareci no hotel em procura de Mr. Slang, já o encontrei no hall, pronto para partir.

— Viva! exclamou ao ver-me. Como vai a sua americanização?

— Rapida, Mr. Slang, respondi sorrindo. Esta cidade é uma pura insidia. Está inteirinha feita sob medida, dosadamente, calculadamente, maquiavelicamente armada como arapuca, para americanizar quem chega. Eu já ouvira dizer isto, mas julguei que fosse exagero. Com três dias de estada, porém, pude verificar que a insidia é ainda maior do que dizem. Sem ter aberto um só livro, creio que assimilei, pelo menos, metade da historia americana. Já sei quem foi Sherman e Hamilton e Steuben e Jackson.

— E Lincoln, sabe quem foi?

— Que pergunta, Mr. Slang! De Lincoln já sabia tudo antes de aqui chegar. O velho Abe...

— Engano seu, meu amigo. Antes de visitar o Lincoln Memorial ninguem pode dizer que conhece Lincoln. Lá você vai *sentir* Lincoln —e compreenderá muita coisa daí por diante.

— Pois vamos então sentir Lincoln, Mr. Slang.

Fomos. Ergue-se á margem do Potomac esse templo grego de marmore branco, a refletir suas trinta e seis colunas jonicas (cada qual representando um estado da União como era ela ao tempo da morte do sublime Abe) no espelho do grande lago que o defronta. As linhas são rigorosamente gregas. Henry Bacon, o arquiteto, achou — e todos concordaram com o achado — que só a majestade das linhas helenicas poderia afinar com a majestade das linhas morais daquele homem.

Ha o lago, um perfeito espelho retangular com moldura de grama e cerejeiras, as quais, na estação propria, japonizam de roseo o ambiente. Depois, a escadaria imensa, com o templo grego no alto. Meus olhos poucas coisas ainda viram que

Digitized by Google

emanasse maior beleza pura. Não procurarei definir em que consiste essa beleza pura. Falharam na tentativa filosofos e estetas da mais subida acuidade. É sensação indefinivel. Senti-a porém ali em toda a plenitude.

E dentro? Oh, dentro... Dentro está o idolo, simbolizado em marmore na colossal estatua de Chester French. Sentada em atitude de quem medita, a figura de Lincoln causa ao visitante impressão que jamais se apaga. Majestade, sem ser a dos reis — majestade da Razão, da Bondade, da Humanidade, da Retidão, da simplicidade de alma.

Confesso que me senti como se houvesse ingerido qualquer alcaloide desses que perturbam o equilibrio normal das faculdades. Senti-me cocainizado.

— Não o dizia eu? cochichou-me Mr. Slang ao ouvido (porque até a voz nos falha e só é possivel conversa em tom de murmurio diante do semi-deus). Só aqui sentimos Lincoln e só aqui se torna compreensivel a força com que esse homem, hoje puro simbolo, domina 130 milhões de criaturas. Para mim Lincoln é apenas o signo da Força Moral. Este monumento, menos ao homem que ele foi, ao presidente, ao libertador dos escravos, homenagea em marmore a força das forças — a Força Moral.

— De fato, sussurrei a medo, receoso de que a vibração da minha voz quebrasse o equilibrio ambiente, ou que alguma observação impropria, demasiado profana, arrancasse da estatua um olhar de bondosa censura. Acho que...

— Não ache coisa nenhuma, interrompeu-me Mr. Slang, absorva esta atmosfera que jamais encontrará noutra parte, e complete a sensação lendo as inscrições que cobrem as paredes.

Aceitei o conselho. Li no hall, ao sul, o tão famoso discurso de Gettysburg, na realidade o poema da emoção mais alta. No hall ao norte estava gravada a Segunda Mensagem Inaugural, que Lincoln apresentou depois da sua reeleição para a Presidencia. Li-a como o puritano lê a Biblia, ou o budista absorve a palavra de Guatama. Em seguida meus olhos embeberam-se nas pinturas simbolicas de Jules Guerin, "Libertação e Liberdade". E mais simbolos — da Fé, da Esperança, da Caridade, da Unidade, da Fraternidade, das Artes — Pintura, Escultura, Arquitetura, Musica, Literatura, Filosofia e Quimica. Eu quis louvar a inclusão da Quimica entre as grandes artes, por ser a primeira vez que a via ombreando com as artes classicas, mas Mr. Slang gelou-me com um *psst*. Ele estava pensativo, de olhos absortos num

Digitized by Google

grupo representando a Caridade — onde uma mulher dava a agua da vida a aleijados, cegos e orfãos.

— Não sei se vencerá a ideia moderna do "inutil da caridade", disse ele. A não ser que a quimica e a eugenia nos dêem novas bases á vida, sempre ha de haver aleijados e cegos e orfãos, como estes aqui representados — e fora do sentimento da caridade, que dá a esses pobrezinhos solicitos tutores, como lhes assegurar a sobrevivencia?

— E para que assegurar-lhes a sobrevivencia? adverti eu em tom de quem houvesse ingerido pela manhã uma omelete de leis espartanas preparada por Frederico Nietszche.

— Sim, seria essa a solução cientifica, filosofou Mr. Slang, mas até aqui a Ciencia só foi praticada pelas abelhas. Será o homem suscetivel de suportar soluções cientificas?

Do monumento de Lincoln se avista o obelisco de George Washington, cuja colocação na capital americana obedece, como tudo mais, a uma intenção. Para lá nos dirigimos — Mr. Slang calado, pensativo, ainda sob a impressão que lhe causara a visita a Lincoln; eu, loquaz, a "achar" coisas. Subito, o meu finissimo inglês interrompeu-me.

— Pare de achar, homem, disse ele. Desse modo você acaba perdendo-se...

Vi que de fato acabaria perdendo-me no conceito daquele grande amigo — e sabiamente silenciei.

CAPÍTULO V

Um monumento de 555 pés, 5 polegadas e um oitavo. Incapacidade organica para mentir. Pedras e mais pedras. A boa marca de whiskey que Grant usava. Entrada triunfal de Lincoln em Richmond

O monumento a Washington é simbolo de outro tipo. Obelisco de pedra, de 555 pés, 5 polegadas e um oitavo de altura. A precisão do americano não perdôa, já não digo as 5 polegadas, mas até aquele oitavo de polegada. Impliquei-me com aquilo e pilheriei. Mr. Slang respondeu:

— Que quer você que eles façam, meu amigo? O obelisco mede, de fato, 555 pés e 5⅛ polegadas. Quem disser que tem só 555 pés, mente, e lesa de alguma coisa o general Washington. Lembre-se que Washington não mentia. A historia do pé de

Digitized by Google

cerejeira que ele cortou com o seu machadinho, em menino, é dogma na America. Em casa tenho um desenho de E. T. Reed com o titulo: "George Washington procurando dizer uma mentira", que é um primor caricatural. Vemo-lo numa reunião politica onde tem que ser politico, isto é, emitir uma das forçadas mentiras convencionais em que a vida social ou politica se baseia. Mas Washington não tem pratica, não sabe por onde começar a mentira — e o desenhista retraça com grande dose de humor o seu embaraço, bem como o prazer dos assistentes á espera da mentira forçada. Essas 5⅛ polegadas constituem ao meu ver a mais bela homenagem que os americanos de hoje prestam a George. Respeite-a.

Respeitei-a, e tratei de subir ao topo do obelisco. Para lá chegar ha uma escada de 900 degraus, destinada aos que pretendem emagrecer, e um elevador para uso dos que estão contentes com o seu peso. Tomamos o elevador. Subimos. Vimos o maravilhoso panorama da capital através dos quatro pares de aberturas que existem no topo, cada par dando para um dos pontos cardiais. Olhado lá de cima, o rio Potomac é uma gigantesca anaconda de infindas voltas, a envolver nas suas roscas de prata a capital americana. Ao fundo, as montanhas azues da Virginia.

Na forma do costume, o monumento é lição de historia — e até de geografia e petrografia. Pelos inumeros patamares da escada por onde descemos ha pedras memorativas de variadas fontes, representando quarenta estados, sessenta cidades, lojas de maçonaria, sociedades como a dos Filhos da Temperança (que deu origem á Lei Seca), sociedades politicas, sociedades cientificas, corpos de bombeiros, escolas publicas, etc. Pedras do campo de Braddock, do campo de batalha de Long Island, do mais alto pico da Virginia, das ruinas de Cartago, do templo de Esculapio na ilha de Paros, da biblioteca de Alexandria incendiada por Omar, do Vesuvio, do Parthenon, da ermida de Guilherme Tell, e ainda de paises, como China, Turquia, Japão, Brasil, Sião, e até da nação cheroquesa, ou Cherokee Nation, como chamam a esse grupo de aborigenes da America do Norte.

Ao descermos do obelisco ficamos uns minutos em muda contemplação, certos de que em país nenhum do mundo dois monumentos assim ligados pela perspectiva dirão tanto ao espirito. Washington e Lincoln! A America aglomerou-se e consolidou-se por mãos deles — e obra tão solida fizeram que cada vez mais é esse cimento o que cimenta, e a diretriz que traçaram e a grande diretriz. Que país da terra deve tanto a dois homens?

Digitized by Google

— Lincoln, disse Mr. Slang, era o tipo do que chamamos "wise man". Alem disso, humorista. Seu anedotario é dos mais ricos. Uma vez acusaram o general Grant de ser o maior bebedo do exercito da União em luta contra os confederados de Lee. Tais provas dessa bebedice apresentou a delegação empenhada na destituição de Grant, que Lincoln teve de dar despacho ao pedido. "Que é que Grant bebe?" perguntou ele. "Whiskey, e em enormes quantidades", responderam pressurosos os delegados. "Bem", tornou Lincoln, "tratem-me agora de saber de que marca, pois preciso mandar uma caixa desse whiskey a cada um dos outros generais da União", querendo dizer com isso que talvez naquela marca de whiskey estivesse o segredo das continuas vitorias de Grant.

Mr. Slang contou-me ainda numerosos casos do grande Abe, todos denunciativos da sua natural e adquirida sabedoria, bem como do seu fino senso de humor. Por todo o caminho, até ao hotel, o assunto foi esse, e ainda esse, lá. Quis ler-me uma impressão de Carl Schurz sobre a entrada de Lincoln em Richmond, depois que esse reduto dos confederados caiu nas mãos dos unionistas. As coisas feitas do natural, diretamente, têm um sabor de vida que não se apaga nunca, por mais que a lixa dos anos lhes corra por cima. Assim me pareceu aquele testemunho ocular, que aqui ponho:

"Richmond caiu", diz Schurz. "Lincoln entrou na cidade a pé, acompanhado de poucos oficiais e do grupo de marinheiros que o haviam trazido da flotilha de James River á praia, com um negro apanhado pelo caminho a servir-lhe de guia. Jamais o mundo viu conquistador mais modesto, nem mais caracteristica marcha triunfal — sem exercito, sem bandeiras, sem tambores. Apenas o seguia a multidão de negros que a queda de Richmond restituira á liberdade. Essas pobres criaturas o acompanhavam gritando, dansando, pulando, comprimindo-se-lhe em redor para ve-lo, beijar-lhe a mão e a surrada sobrecasaca enquanto lagrimas desciam pelas faces maceradas do Presidente".

A historia da humanidade está cheia de entradas triunfais. Cesares, Alexandres, Napoleões, Moltkes, todos os tigres de corôa, quepi ou capacete embebedam-se com o vinho da vitoria quando chega o momento supremo da apoteose — a entrada triunfal na cidade, praça ou país esmagado. Os romanos foram mestres em tal encenação. Chegaram a trazer reis atados aos seus carros de triunfo — e nenhum Cesar jamais chorou. Só chorou Lincoln, o condutor da maior guerra que a historia registra, excetuada a Grande. Lagrimas de vito-

Digitized by Google

rioso, causadas pela euforia do triunfo? Não. Lagrimas de Lincoln. Lagrimas de piedade, de dó, de dor, ante os extremos a que a incompreensão dos seus verdadeiros interesses arrasta os pobres seres humanos.

CAPÍTULO VI

Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do individuo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso do credito.

Muitos passeios altamente instrutivos fiz com Mr. Slang, o qual me lembrava os filosofos gregos que só filosofavam caminhando — os peripateticos. Passeios ao acaso, guiados pela fantasia ou veneta do momento. Recordo-me dum a Walden Pond, lago hoje historico, como no Brasil ficou historica a ponte sobre o Rio Pardo, ao pé da qual, enquanto a construia, Euclides da Cunha escreveu os "Sertões". Rememorei esse fato quando Mr. Slang, a lançar pedrinhas na agua para ve-la abrir-se em odulações concentricas, observou:

— Aqui esteve, fará mais de oitenta anos, Henry Thoreau, o mais individual dos individualistas americanos. Construiu com as suas proprias mãos uma cabana tosca na qual passou dois anos a escrever "Walden", livro hoje classico. Vivia com o dispendio de um dolar por mês para a alimentação, e soube realizar um periodo de absoluta vida livre. Contam que certa vez lançou ao lago os tres unicos enfeites que lhe ornamentavam a cabana — tres pequenos pedaços de calcareo que ele mesmo recolhera numa das suas excursões pelos arredores. "Escravizam-me. Exigem que eu os espane..."

— Compreendo essa atitude, comentei, recordando-me dos meus dias de humor negro e enjôo da civilização e da vida em sociedade, em que me vinham impetos de viver o anacoreta no deserto. A disciplina social exhaure. O chamado progresso não passa duma escravização cada vez mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem á minoria individualista. Conheço a obra de Thoreau. E' o meu homem nos momentos de desespero.

Mr. Slang arregalou os olhos, como admirado de que eu conhecesse Thoreau. Por fim deu-me parabens daquele en-

Digitized by Google

contro. Tambem ele refugiava-se em Thoreau nos seus momentos de cansaço da civilização. Embora fosse, como era, o mais impetuoso justificador do progresso sob a sua forma yankee de aplicação em massa da ciencia á vida, Mr. Slang não escapava á saciedade, ou, antes, á saudade das formas de viver d'antanho. Sua adaptação á vida intensa, porém, inda não se fizera completa, porque a faculdade de adaptação de Mr. Slang tinha o passo mais curto que o progresso americano.

— Gostemos ou não, disse ele, tenhamos ou não o indice adaptativo exigido pela marcha das coisas yankees, somos todos forçados a aceitar o contato dos nossos contemporaneos, hoje muito mais intimo, muito mais intrusivo do que no tempo de Thoreau. Ignoro se é para bem nosso, ou para mal, que progredimos em "corporatedness" e diminuimos em individuo. Vamos tendendo para a vida da colmeia, onde o individuo não conta. A marcha para a frente é dirigida, mais e mais, por fatores corporados ou coletivos, com rumo a um ideal coletivo. O vapor e a eletricidade, como os temos agora, a imiscuirem-se em quasi todos os atos da nossa vida diaria, nos gregarizam mil vezes mais do que no tempo de Thoreau. E dada a ogeriza de Thoreau por "encroachments", creio que se vivesse hoje esconder-se-ia no fundo do lago, em vez de o fazer na cabana construida á margem.

A independencia pessoal que o fez filosofar neste silencio está hoje moribunda, graças ao incansavel avanço da maquina. Vai ela nos transformando em abelhas. Presos na sua engrenagem, o espernear dos individuos se torna pueril. As novas adaptações economicas — a produção em massa, a entrefusão das empresas, os "chain stores", os "chain" teatros, os "chain" jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivação, nesta guerra contra o individuo, tornam bem claras as tendencias do amanhã: "corporatedness" do mundo. Colmeização.

Cada novo invento significa passo á frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o padrão. A tendencia é fortificar os grupos, fundi-los em grupos sempre maiores, integrar o individuo na massa, fazer da media, não da exceção, o ideal. Crear, em suma, o homem-abelha.

— Será para bem, adverti. A humanidade já experimentou o individualismo. O sistema não resolveu a série de problemas que o viver em sociedade determina. Acho logico que enveredemos pelo caminho oposto.

— Tambem eu e vou mais longe. Tenho que a forma de vida social até aqui tentada pelo homem falhou, de modo

Digitized by Google

que é forçado pelas circunstancias que ele procura adotar o sistema de uso entre as abelhas. Ha que sacrificar o individuo como o tivemos até aqui. Em seu lugar surgirá a unidade coletiva. Daí a frase do grande John Dewey: "O individuo morreu".

— *O grande Pan morreu!...* exclamei, recordando a voz da Grecia. Mr. Slang prosseguiu, comentando-a:

— Foi a voz que o piloto Tamas ouviu certa noite no Mediterraneo, seguido dum côro lamentoso de ecos. Morrera com o deus Pan o mundo antigo. John Dewey põe-se qual o moderno Tamas. Ouviria ele esse grito, vindo das caladas do seu subconciente divinatorio? *O individuo morreu!* A frase me sôa bem merencorea...

— Doi-se disso, Mr. Slang, o senhor, um homem sempre na vanguarda? Acha que devemos reagir?

— Reagir seria, por amor de fantasmas de lá atrás, volver as costas ao que vem vindo na frente. O que foi, foi. Deixou os seus residuos positivos em nosso imo como material para a construção do amanhã. Resistir é abandonar a criancinha que temos nos braços para tentar a arregimentação de espetros. O que ha a fazer resume-se em descobrir caminhos novos para o individuo, em crear um individualismo que aceite a vitoria da ciencia industrial e lhe descubra os meios de com ela caminhar de braços dados.

Durante sua vida inteira Thoreau pregou a liberdade — liberdade até da pressão das nossas proprias necessidades. Chegou a ponto de não deixar dominar-se pelo desejo de possuir qualquer coisa. Sua vida transcorreu qual um constante desafio á tirania ambiente, dos homens e das coisas. "Simplificar", era o seu moto.

Raymond Fosdick estuda muito bem o fenomeno, e tem o meu aplauso quando diz que estamos hoje sufocados pelo excesso de coisas.

— Bravos! exclamei. Encontro finalmente um homem que sabe definir o que sinto e o que sentem todos os habitantes deste país. Vivemos todos sufocados pelo excesso de coisas. Coisas demais, vida intensa demais, ciencia demais a serviço da industria para promover a "gavage" de toda uma nação. Excesso, excesso, eis o verdadeiro mal da America, o não sei quê causador do indefinivel mal estar que todos sentimos. Oh, como compreendo Thoreau, lançando ao lago as tres pedras que lhe enfeitavam a cabana! Simplificar! eis tudo. Não fomos creados, nós homens, feitos para vida assim

Digitized by Google

pletorica. Temos necessidade de horizontes limpos, descampados, vazios — lisas superficies de repouso. Sinto-o comigo muito bem.

— Mas temos que nos adaptar ao excesso de coisas. O impulso é nessa direção. O radio nos invadiu a vida, como a invadiu o jornal e a perseguição da reclame. Todas essas invasões vivem a serviço da industria, que só cura de crear novas coisas e despertar no povo a necessidade de possui-las. O demonio jamais pára com as suas tentações. Prova-nos, convence-nos de que sem o automovel é impossivel a vida; ensina-nos que essa maquina devoradora do espaço é uma vitoria do nosso individualismo locomotor — e dess'arte força cada familia americana a ter o seu automovel. Alcançado que foi o ponto de saturação, a sereia surge agora com o programa de dois automoveis por familia — e prova que isso vem aumentar a liberdade das familias. E assim com tudo. Cada creatura na America sente-se autorizada e é provocada a ter o que o vizinho tem. A industria, por meio da sua maquiavelica obra de sugestão, fomenta essa ansia. Depois, graças ao preço baixo que a "mass production" e a orgnanização economica das vendas com bases em saques sobre o futuro permitem, dá-lhe os meios de possuir a coisa. E temos o americano transformado em freguês possivel e forçado do milhão de coisas novas que em escala sempre maior a industria lança. Comprar, comprar — ter coisas, mais coisas. Para permitir esse impeto inedito no mundo veiu a teoria e pratica do salario alto, altissimo mesmo. O pedreiro com 15 dolares por dia. O operario de fabrica, com 7 dolares diarios. A cozinheira com 40 por semana. "Pagando-lhe tais salarios, faremos deles clientes". E esse freguês inedito, o operario, surgiu — freguês em massa, aos milhões e milhões. Quanto mais lhe pagavam, mais o operario comprava — e a industria tomou a serviço toda a ciencia do mundo para melhorar os seus processos, reduzir o preço de custo, vender por 5 o que antes da entrada em campo desses milhões de fregueses só poderia ser vendido por 50.

— Mas...

— Sim, ha um mas. A dificuldade da situação está em que esta nova estrutura da industria se baseia num estimulo permanente do desejo de mais, mais, mais coisas. Enquanto o povo responder ao estimulo que a propaganda incessante e habilissima organizou, a industria crescerá, as empresas distribuirão dividendos, suas ações se conservarão em alta na Bolsa. O consumo intensissimo constitue o alicerce da "pros-

Digitized by Google

perity''. No dia, porém, em que o eretismo do consumo fraquear, teremos uma crise catastrofica, de proporções jamais imaginadas.

— Poderá fraquear? perguntei especulativamente, porque não via nenhum sitoma disso.

— Acho que vai fraquear, que é fatal a crise. O impeto do "mais'' deu no excessivo. O mal estar por excesso de coisas, que você sente, todos acabarão sentindo. Tudo cansa, até *ter*. O que estamos assistindo nesta America de após-guerra é uma verdadeira bacanal de consumo. Pura orgia. A "salesmanship'' elevada á categoria de ciencia é sereia que tem conseguido manter em estado de frenesi a ansia de adquirir coisas, uteis ou inuteis, boas ou más, desejadas realmente ou compradas por arrastamento. Vejo, entretanto, um ponto perigoso no sistema. O povo já está comprando a credito, já está sacando sobre o futuro. O operario que adquire uma Frigidaire para a pagar em vinte meses, está usando, como se dolar fosse, a *probabilidade* de manter-se no gozo daquele salario durante vinte meses. Venha uma perturbação economica qualquer, tenha esse operario o seu ganho diminuido ou suprimido — e desabará sobre a America um cataclisma economico de proporções unicas, capaz de refletir-se desastrosamente no mundo inteiro.

Enquanto Mr. Slang falava, eu mirava a paisagem.

As aguas do lago viam-se amiude com o liso encrespado por assomos passageiros de brisas leves. Paz e doçura. A calma da natureza que o homem inda não industrializou. Algo mexeu-se á beirinha d'agua. Firmei a vista. Era uma dessas feiissimas criaturas a que os americanos chamam "snapping turtles'' — pequena tartaruga predatoria, de terriveis dentes. Estava de tocaia aos peixes incautos.

— E' uma brutinha, comentou com filosofia Mr. Slang: mas como teve a sabedoria de permanecer dentro da lei natural, vive num perfeito equilibrio com o meio. Nós homens nos afastamos em excesso da natureza. Metemo-nos a crear coisas — e hoje nos sentimos infelizes com a nossa escravização a essas coisas creadas. Pobre Thoreau! Se já se sentia asfixiado pela America de um seculo atrás, como suportaria este arranque sem treguas que é a America de hoje?...

1931

Do *"America"*

Digitized by Google

A onda verde

A quem viaja pelos sertões do noroéste paulista empolga o espetaculo maravilhoso da preamar do café. A onda verde nasceu humilde em terras fluminenses. Tomou vulto, desbordou para São Paulo e, fraldejando a Mantiqueira, vei. morrer, detida pela frialdade do clima, á orilha da Pauliceia.

Mas não parou. Transpôs o baixadão geento e foi espraiar-se em Campinas.

Aí começa mestre Café a perceber que estava em casa. Corredor de mundo, viajante exotico vindo d'Arabia ou d'Africa, provara pelo caminho todos os massapés e sondara todos os climas.

Franzia o nariz, porem. Veio sorrir alí, ao pisar esse Oasis do Rubidio que é o Oéste paulista. E arranchou de vez, para sempre, em *sua* casa.

Repete-se, então, o movimento bandeirante de outr'ora. Atrai o homem aventureiro não mais o ouro dissimulado em pepitas no seio da terra, mas o ouro anual das bagas vermelhas que se derriçam em balaios.

A região era todo um matareu virgem de majestosa beleza. Rasgara-o a facão o bandeirante antigo, por meio de picadas; o bandeirante moderno, machado ao hombro e facho incendiario nas mãos, vinha agora, não penetra-lo, mas destrui-lo.

Almas fechadas ao contemplativismo, nunca lhes amolentou o pulso a beleza augusta dos jequitibás de frondes sussurrantes como o oceano, nem o vulto grave das perobeiras milenarias.

Sua ambição feroz preferia á beleza da desordem natural a beleza alinhada da arvore que dá ouro. Só esta forma de beleza tem amavios capazes de enlevar a alma fria do paulista. Para ver estadeada ante os olhos a *sua* beleza — coisa nova no mundo e criação genuinamente local — derrubou, roçou e queimou a maravilhosa vestimenta verde do oasis. Desfez em decenios a obra prima que a natureza vinha compondo desde a infancia da terra.

Confessemos: um espetaculo vale o outro.

Digitized by Google

Nada mais soberbo — e nada exculpa tanto o orgulho paulista — do que o mar de cafeeiros em linha, postos em substituição á floresta nativa.

E' de enfunar o peito a impressão de quem pela primeira vez navega sobre o oceano verde-escuro. Horas a fio, num *Pullman* da Paulista ou num carro da Mogiana, a cortar um cafezal só — milhões e milhões de pés que ondulam por morro e vale até se perderem no horizonte, confundidos com o céu... Um cafezal só, que não acaba mais, sem outras soluções de continuidade além do casario das fazendas e dos pastos circunjacentes... Para quem necessita revitalizar as energias murchas e esmaltar-se de indestrutivel fé no futuro destas regiões do sul, nada melhor do que um *raid* pelo mar interno da Rubiacea.

Mas a arvore do ouro só o produz á custa do sangue da terra. É exuberante na produção da baga vermelha, mas insaciavel de humus.

Polvo com milhões de tentaculos, o Café rola sobre a mata e a sovérte.

Nada o sacia. Já comeu as zonas uberrimas de Ribeirão Preto, Jaú, São Manuel, Araraquara, os pedaços de ouro de São Paulo, e agora afunda os dentes na carne virgem, tressuante de seiva, do Paraná e de Mato Grosso.

Nada lhe detem a ofensiva irresistivel. Não a paralisam geadas monstruosas como a de 1918; nem a inepcia dos governos — que chegou a barrar-lhe o caminho com a cerquinha de taquára de uma proibição de plantio; nem as taxas e sobretaxas excessivas; nem os impostos de saída; nem a jogatina de Santos; nem a mentalidade altista, loucamente esbanjadora, do fazendeiro.

Caminha sempre. Tanque monstruoso, vivo mas inconciente, cégo mas instintivo, lá róla hoje, rumo noroéste, para diante, sempre para diante...

O café é uma epopeia. Quando nossa literatura largar o cházinho que beberica no Alvear e compreender a sua verdadeira missão, a epopeia, a tragedia, o drama e a comedia do café serão os grandes temas de quantos sentirem em si a fagulha divina. Hoje, coitadinha, está ela tão entretida com o seu chá das cinco, com os rodopios em torno das saias das meninas histericas, com a cintura dos almofadinhas, com as escorrencias mercuriais que o francês nos exporta, que é bom, mesmo, não se meta a estragar com mãos de mico o grande tema.

Que folego é mistér!

Digitized by Google

Que amplitude de visão, que dureza d'alma, que sobrehumana coragem para vêr, sentir e contar a historia da Onda Verde que digere as florestas virgens!

Os aspectos antigos — o eito de negros tocado a bacalhau, e os aspectos modernos — a bravura do italiano encardido de oxido de ferro. As hostes de sertanejos, os mais rijos do Brasil, que descem, pelo inverno, dos socavões da Baía, de machado ás costas e uma furia de destruição nos musculos. O duelo entre esses herois de dentes apontados a faca e a selva bruta. O machado que canta no roseo das perobas. A foice que risca a miuçalha vegetal. A queimada, depois... E depois o sertanejo que volta á querencia, com o dinheiro no lenço, pago — pago e repago da faina com o espetaculo fulgurante da queimada que levam impresso na retina para todo o sempre.

Eles destroem, mas não sabem construir. Entra em cena, para construir, o colono e começa o drama da formação: quatro anos de enxada no pulso, de corrida paciente atrás de um mato que "corre atrás da gente". A vitoria afinal, a florada nivea — quando não, como em 1918, uma florada prematura de neve...

O assunto arrasta. Voltemos atrás.

A penetração do café nas terras novas escreve capitulos curiosissimos, oscilantes entre o tragico e o comico.

Faz-se por bem ou por mal — quasi sempre por mal. O primeiro passo é a criação da propriedade de titulo liquido. Sem esta base, não pode surgir a fazenda, que é uma empresa de vulto onde se interessam fortes capitais. A propriedade cria-se hoje, como outr'ora, pela conquista do mais forte, pela espoliação levada a cabo pelo mais audacioso, o mais despido de escrupulos.

Um homem timido e perfeitamente moral chega ao sertão e não topa brecha onde pôr pé. Encontra-o deserto, mas apossado. Não vê gente, mas esbarra donos. Se quer comprar ninguem lhe vende. Ninguem lhe arrenda. Ninguem lhe aluga. Os detentores, zelosos de uma posse tradicional de pais a filhos, não querem vizinhos que lhes perturbem a paz do latifundio. E o homem moral volta para trás, desanimado.

Mas surge o grileiro e tudo se transforma. Terras paradas, terras inexpugnaveis á cultura, que velhos barbaças detêm aos milheiros de alqueires para tirar delas um prato de feijão e uns porquinhos de céva e que vêm vindo assim de avós e netos, e que permaneceriam assim toda a vida; terras devolutas que a inercia do Estado conserva a monte,

Digitized by Google

sem saber por que nem para que; terras legitimamente, legalmente "aproprietariadas" — nada disso é obstaculo á solercia do grileiro. Ele, ao partir para o sertão, deixou em casa, na gaveta, os escrupulos da conciencia. Vem firme, vem "feito" como um gavião. Opera as maiores falcatruas; falsifica firmas, papeis, selos; falsifica rios e montanhas; falsifica arvores e marcos; falsifica juizes e cartorios; falsifica o fiel da balança de Themis; falsifica o céu, a terra e as aguas; falsifica Deus e o Diabo. Mas vence. E por arte dessa obra-prima de malabarismo, espoliando posseiros ou donos, firmados na gazua da lei, os grileiros expelem das terras, num estupendo parigato, todos os barbas ralas que ali vivejam parasitariamente, tentando resistir ao arranque da civilização.

Divididas as glebas em lotes, vendem-nas os grileiros á legião de colonos que os seguem como urubús — pelo cheiro da carniça. E o grilo, se foi bem feito, é inexpugnavel e provoca admiração, e se foi mal feito fracassa e é apupado pelos embaidos.

Num sertão modorrento, quando a presença de um advogado ou agrimensor esperta os velhos moradores, á uma voz eles murmuram — e se não o murmuram sentem-no lá dentro das tripas:

— Nosso tempo acabou...

E acaba, de feito. Acaba o marasmo da terra porque o grileiro é o precursor da Onda Verde. O seu *cri-cri* anuncia a aproximação do tanque. Cinco, dez anos depois, a flor do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimonio da riqueza nacional.

O peregrino espirito de Assis Chateaubriand já explanou em traços gerais, mas incisivos, esta função social e civilizadora do grilo. Definiu-o a arte de tirar o direito do nada. E' isso. E' a vitoria da gazua do mais forte.

— Mas é uma gazúa! Abre as portas do sertão mas é uma chave falsa!... diz a moral.

Responde o café:

— Minha fome está acima da moral, e eu só conheço as leis do meu apetite.

Ha fomes simpaticas, não resta duvida...

1920

De *"Onda Verde"*

Digitized by Google

O "grilo"

Insistente nas palestras como certas moscas em dia de calor, é, nas regiões da Noroéste, a palavra "grilo". "Grilo" e seus derivados, "grileiro", "engrilar", em acepção muito diversa da que devem ter entre os niponicos, onde grileiros engrilam grilos em gaiolinhas como se faz aqui ao sabiá, ao canario, ao pintassilgo e mais passaros tolos que morrem pela garganta.

Em certas zonas chega a ser obsessão. Todo o mundo fala em terras "engriladas" e comenta feitos de "grileiros" famosos.

E agora que o "grilo" penetrou na arte e vai perpetuar-se em marmore e bronze no monumento da Independencia, vem a talho um apanhado geral sobre a conspicua instituição, viveiro onde se fermenta a aristocracia dinheirosa de amanhã.

As velhas fidalguias da Europa entroncam no banditismo dos cruzados. Ter na linhagem um facinora, encoscorado de ferro, que saqueou, queimou, violou, matou á larga no Oriente, é o maior padrão de gloria de um marquês de França. Ter entre os avós um "grileiro" de hoje vai ser o orgulho supremo dos nossos milionarios futuros. Matarás, roubarás, são os mandamentos de alto bordo do decalogo humano, eternos e irredutiveis, que a ingenua lei de Moysés tentou inverter, antepondo-lhes um inocuo "não".

"Grilo" é uma propriedade territorial legalizada por meio de um titulo falso; "grileiro" é o advogado ou "aguia" qualquer manipulador de "grilos"; terras "grilentas" ou "engriladas", as que têm maromba de alquimia forense no titulo.

Como este acridio proliferou na Noroéste mais do que o permite o coeficiente toleravel de patota humana, as conversas ressentem-se lá de acentuado locustismo.

— Vou comprar terras no "grilo" do doutor Honestino dos Anjos.

— Não caia nessa! O Honestino é um "grileiro" sujo. Qualquer dia escangalham-lhe com a patota. "Grilo" de primeirissima, que dá gosto, é o da Ponte Preta! Esse, sim...

Digitized by Google

Porque ha "grilos" geniais, obra de Cagliostros encarnados nos Lobões cozidos no "venerando mosteiro"; e os ha ineptos, mancos, fabricados aí por sapateiros de Themis, "curiosos" da trampolinagem sem dedo para a coisa. Aqueles gozam de toda a consideração social devida aos "meneurs" de vistas largas, ao passo que a estes os cobre o povo de irrisão.

— Ali vai o senador Ponte Preta, um "grileiro" macóta!

— E que me dizes de Beltrano?

— Um sujo. Borrou-se com aquele "grilinho" indecente da Pedra Azul e anda agora a tentar outro mais inepto ainda. E um crime deixar a policia soltos pelas ruas tipos dessa ordem...

— Não tem a pinta!...

— É isso.

O "grileiro" é um alquimista. Envelhece papeis, ressuscita selos do Imperio, inventa guias de impostos, cria genealogias, ensina a escrever a velhos urumbevas que morreram analfabetos, embaça juizes, suborna escrivães e, novo Jeová, tira a terra do nada. Seu laboratorio lembra as espeluncas dos Faustos medievos; mais pratico, porém, não alquimiza ali a pedra filosofal ou o elixir da longa vida. Cagliostro virou rabula: manipula a propriedade.

Envelhecer um titulo falso, "enverdadeira-lo", é toda uma ciencia. Mas conseguem-no. Dão-lhe a côr, o tom o cheiro da velhice, e fazem-no muitas vezes mais autentico do que os reais. Expõem-no ao fumeiro, a tal distancia da fumaça conforme o gráu de ancianidade requerido, e conseguem assim a gama inteira dos amerelidos, segredos até aqui de Cronos.

Enquanto o papel se defuma, fazem-lhe aspersões sabias, que lhe dêem a rugosidade peculiar ás celuloses d'antanho.

Finalmente, para impregna-lo do cheirinho, do "bouquet" dos decenios, passeiam-no a cavalo, metido entre o baixeiro e a carona...

E mais coisas fazem que os leigos não pescam, e que constituem o segredo do "ponto de bala".

Tudo isso, ás vezes, falha. Veste o lobo a pele da velhice, mas fica com o rabo da mocidade fóra.

Conta-se de um, superiormente engenhado, que faliu por artes de um raio de sol. O documento engrilado era perfeito, sem cochilo minimo por onde o advogado contrario, preposto a destramar a marosca, pudesse levantar a perdiz. Por mais que virasse e revirasse o papel, e analisasse a letra, e cotejasse os dizeres, e cheirasse, e apalpasse, não atinava com o calcanhar

Digitized by Google

de Aquiles. Já com dôr de cabeça ia pôr de parte o "grilo", quando Apolo intervêm. Um raio de sol entra pela janela e dá de chapa contra o titulo. Áquela subita e intensa iluminação o perito pôde vislumbrar as letras d'agua com que a fabrica marcara o papel. E lá estava a estrela da Republica, naquele documento do seculo dezessete...

Ao trabalinho de laboratorio aliam-se ao ar livre os atos anexos e complementares — violencias, suborno, incendio de cartorios, sumiço de autos, etc.

Porque o "grilo" é proteiforme, e para completar-se sobe á otica, subornando os teodolitos dos engenheiros.

Que prodigios não opera neste campo! O primeiro é substituir a corrente, o podometro, o teodolito, a trigonometria e o mais por um instrumento só, de alta engenhosidade: o olhometro.

Só o olhometro merece fé aos "grileiros", esse aparelho máravilhoso, de criação nossa e já muito usado pelos governos em estudos estatisticos.

Por intermedio dele mudam-se os cursos dos rios, passa-se um afluente da margem esquerda para a direita, criam-se cachoeiras em sitios onde o nivel é manso, e operam-se quantas mais revoluções geograficas se fazem mistér á patota.

Um "grileiro" possue o nome de um rio que a natureza esqueceu de criar; se consegue localiza-lo, o "grilo" sairá de primeirissima. E lá vai ele, com o rio ás costas, em procura de colocação...

A outro fazia grande conta uma cachoeira em tal ponto de certas divisas. O homem não pestaneja: constrói a cachoeira.

Ha intervenção judiciaria. Na vistoria chamam para perito o morador mais antigo das redondezas. O caboclo chega, defronta-se com a cachoeira fantastica e abre a boca. Ha cincoenta anos que vive ali, conhece a zona como a palma da mão — como é que nunca viu aquele "poder d'agua", barulhento e atravancador? Mas desconfia e, entrando na agua, desfaz com dois pontapés a Paulo Affonso de mentira, que lá rola, aguas abaixo, transformada em tranqueira de galhaça e cipós... Era "grilo"!...

O "grilo" come nas terras apossadas pelos caboclos mal apetrechados contra os percevejos da lei, tanto quanto nas terras devolutas que, engriladas a N., S., L., e O., derretem-se como torrão de açucar n'agua.

Calcula uma autoridade no assunto em tres milhões de alqueires a área das terras "engriladas" na Noroeste. E esses

Digitized by Google

milhões caminham para quatro, visto como agora a industria do "grilo" interessa os altos paredros da politica, verdadeiras piranhas em materia de voracidade.

Não ha exagero no calculo de tres milhões, sabendo-se que ha "grilos" de 200, 300 e 500 mil alqueires — territorios equivalentes á metade da Belgica, quasi á Saxonia e tamanhos como os antigos ducados e principados alemães!...

Verdade seja que estes "grilos" são os grilos-mães, os 420 da especie.

Um existe de 480 mil alqueires — o rei do clan — notavel não só pelo tamanho como pela perfeição da sua genese.

E' o grilo recorde, e merece publicidade para lição dos que querem enriquecer depressa, mas andam aí a malbaratar o engenho com patotinhas vagabundas.

Baseado em titulo autentico, que lhe dava dominio sobre uns tres mil alqueires, resolve um "aguia" engrila-lo. Amadurecído o plano estrategico, requer, um dia, copia dos autos onde vinha a partilha da gleba em questão, delimitada de um lado nestes termos; "... e daí, em linha reta de duas leguas, até encontrar o rio tal".

Ao chegar neste ponto, o escrevente do cartorio, que tirava a copia, sofreu uma alucinação otica e escreveu "vinte e duas" onde rezava "duas". Mesmo fóra das bebedeiras é comum esta visão dupla das coisas, que ha de ter em medicina um nome grego. Concluida a copia, vai ela ao juiz para os sacramentos. Juiz, promotor e coletor, subscrevem-na, depois de lançados o "conferido e concertado" do estilo. Mas nenhum deles conferiu, nem concertou coisa nenhuma, de acordo com a mais louvavel das praxes, porque é preciso ter confiança no escrivão, que diabo! E dest'arte o "grileiro" entrou na posse duns autos tão autenticos perante a lei como os originais.

Intervalo de quinze minutos.

Um advogado surge e pede vista dos autos originais. Obtem-na e leva para casa o calhamaço.

Terceiro quadro: o grileiro denuncia esse advogado como tendo perdido o papelorio. Themis assanha-se e intima o detentor a entrega-los sob as penas da lei: prisão ou reconstrução dos autos perdidos. O bachiler, consternado, alega que de fato os perdeu, e segue para o xadrez como um verdadeiro martir da urúca. E lá, entre grades, antes de meditar Silvio Pellico e Dostoiewsky, já sente na cabeça o estalo de Arquimedes:

— Eureka!...

Digitized by Google

Lembra-se que em mãos de um amigo existe copia conferida e concertada, e compromete-se a da-la em troca do raio do original, que o sací (evidentemente o sací!...) lhe furtara da gaveta.

Quarto ato: deferimento, soltura, e entrada solene em cartorio do "grilo" triunfal! Cai o pano. Reacendem-se as luzes e o "grileiro" de genio entra na posse de 400 e tantos mil alqueires em vez dos miseraveis tres mil primitivos.

E' ou não um rasgo yankee, merecedor dum filme em oito partes composto pelos "famous players" da "Lasky Corporation"?

A "Paramount" paga entrechos destes a 500 dolares por cabeça, mas fica na duvida que tenham sido ideados cá pelos mexicanos da America do Sul.

Não se conhecem os nossos progressos lá fóra. Não imaginam o galope do nosso ardego "vorwaerts".

Galope tão grande que já se reflete na lingua. Todos os dias o povo cria palavras novas que dêem medida á evolução da esperteza. Para batismo destes "looping-the-loop" da aviação forense, só entre os bichos que voam encontra o povo analogias competentes: aguia, grilo, aguismo.

Mas não basta. Ha necessidade de fórmas novas, combinações estapafurdias, conubios de rapinantes de alta envergadura com ruminantes de pé ultra-ligeiro. Só estas cabriolas vocabulares têm força expressiva no caso.

Ouvimos, uma vez, em roda onde se comentavam estes geniais malabarismos, cair em crise de entusiasmo um dos ouvintes: piscou, faiscou os olhos e improvisou este soberbo jato de impressionismo zoologico, unica fórma capaz de dizer toda a imensidade da sua admiração:

— Que cabras-aguias!

1920

De *"Onda Verde"*

Digitized by Google

"Homo sapiens"

Quando o homem abdicar ou fôr deposto da terrena realeza, que usurpa, e em seu poleiro o plebiscito livre de todos os sêres viventes entronizar o boi, a foca ou o abutre, a vida do globo ganhará imenso em amabilidade.

Amabilidade é o carater do que é digno de ser amado e a vida na terra, sob a regencia do homem, positivamente não o é.

Entronizado que seja um desses animais — o boi, vá lá! — ha de tudo ressentir-se de imediata melhoria.

Os bois não falam, nem escrevem, donde resulta impossivel conhecer d'antemão os pontos basicos da Magna Carta bovina; entretanto, dadas as excelentes qualidades de carater e coração reveladas por eles até aqui, é logico prever que a realeza de guampas será infinitamente mais gentil que a dura realeza humana.

Quantas instituições, hoje meros sonhos de ideologos, só as teremos então! Uma delas é facilmente previsivel: a Sociedade Protetora das Crianças.

Porque não ha maiores vitimas da crueldade e da incompreensão do rei atual do que estes debeis serezinhos de carne tenra. Sobretudo as crianças pobres...

Durante a guerra, quando a Alemanha bombardeava, passou alguma vez ante os olhos do germanico flamivomo a imagem das pequeninas vitimas?

E agora, que o aliado comodamente bombardeia com ultimatuns peores que obuzes, passa pela mente dos estadistas a imagem das vitimas pequeninas?

Quantas, a esta hora, na Alemanha, na Austria, na Turquia, com grandes olhos assustados, purgam nas torturas da fome o crime de guerra cometido pelos pais?

Magras, dolorosas, entanguidas...

A meia ração geral estancou-lhes o leite do seio materno. O leite das vaquinhas não existe mais. Levou-as, ás vacas, o Tratado... Ah! Os Torquemadas do momento prevêem até nos minimos detalhes o requinte da tortura. Clemenceau,

Digitized by Google

Lloyd George, Foch, os grandes chefes de malta, tigrinos, sabem que a dôr dos filhos inocentes é o melhor castigo aos pais. E descem aos estabulos em pacifica e risonha pilhagem ás vacas... Fazem o que fariam os alemães vencedores.

Os processos da guerra e da paz são os mesmos. As armas, as mesmas. Numa, *grosses Berthas* que vomitam ferro e gases asfixiantes; noutra, *grosses Clemenceaus* que expluem artigos dum-dum e paragrafos shrapnells, recheados de gases consuntores.

Artilheiros de quatrocentos-e-vinte ou artilheiros de tratados: canibais que nunca meditaram um instante nas vitimas inocentes dessa truculenta ferocia chamada patriotismo, culto de sangue ao Moloch moderno: Patria.

No Moloch fenicio, de ferro incandescente, despejavam os sacerdotes dezenas de criancinhas vivas para que o chiar das carnes, os gemidos e o fumo aplacassem um deus.

No Moloch-Tratado os sacerdotes da Patria despejam milhões de criancinhas para que morram de consunção, lentamente, e aplaquem as iras do Baal Patriotismo.

A mesma estupidez sempre, sempre o mesmo requinte de crueza.

O grande principio da justiça humana, consagrado pelo Deus carniceiro inventado pelo homem á sua imagem e semelhança, resume-se nesta coisa horrenda: o inocente pagará o crime do pecador. Principio biblico! divino! principio irredutivel que dominou hontem com Herodes, domina hoje com os Tigres, dominará amanhã sob não sei quem, porque é propria do homem a iniquidade...

Mas ha de a vida do planeta ficar assim *ab eterno* sob a regencia da iniquidade?

Todos os sêres, transfeitos numa legião infinita de espoliados, hão de eternamente curvar a cabeça á tirania?

Não! É forçoso que se opere a revulsão de tudo e que do poleiro desça o rei máu.

Eia, pois animais todos da terra: basta de escravidão!

Levantai-vos, leões do Saara, tigres da India, onças do Brasil; e vós todos, do ar, da agua, da terra, cascaveis dos campos, lobos da Russia, bisões do Arizona, girafas, elefantes, rinocerontes, hipopotamos, hienas, chacais, urubús, condores, tubarões, golfinhos: — uni-vos!

Digitized by Google

É tempo de conspirar contra o gorila que evoluiu e, senhor da Inteligencia e da Má Fé, vos oprime a ferro e fogo.

A inteligencia dele, bem o sabeis, é uma doença, uma hipertrofia cancerosa de instinto. Só produz males. É a mãe do sofrimento. A guerra, a fome, a peste são filhas suas, como são filhos seus todos os horrores que fazem odiosa a vida na Terra: — os deuses carniceiros, a mentira, a riqueza, a miseria, o estado, a lei, o cadafalso, a inquisição, o patriotismo, a farda.

Não possuias nada disso e sois felizes.

Resolveis vossos problemas com tamanho acerto, que não tendes problemas.

Que perfeição nas abelhas! A mais rudimentar colmeia constitue ideal inatingivel ao Senhor da Inteligencia. As aves e os insetos sorriem dos seus progressos de aviação. Os rouxinois não lhe toleram os Carusos. Os ratos zombam da guerra que ele lhes declara. Os pombos apiadam-se da sua pobreza de instintos. Esvoaçando num hospital, a mosca, tão bem aparelhada para a vida, tão segura de vôo, tão aguda de faro, tão precisa nos fins, vê a miseria fisiologica do homem qual um monturo infeto de que só ela sabe tirar bom partido.

Vossa vida, animais, é perfeita de ritmo e de beleza. Se nela ha perturbações; se vos estraçoam as aves a tiro; se vos deixam os ninhos orfãos para que morram de fome os implumes inocentes; se vos pescam nas aguas com armadilhas traiçoeiras; se todas as vossas passagens andam tramadas de arapucas, de mundeus, de ratoeiras; se vos roubam os ovos no ninho ou o mel nas colmeias; se vos aprisionam em gaiolas os cantores e em jaulas os que sabem defender-se; se vos jungem ás carroças, a carros pesadissimos, á canga dos arados; se vos furam o focinho para meter argolas dolorosas; se vos enfreiam a boca de ferros crueis; se vos caçam no mar a harpão de aço e na terra a balas explosivas; se penduram nos açougues a carne dos vossos cadaveres; se vos invadem todos os dominios, e vos incendeiam os campos, e vos inundam as matas, e vos secam as aguas, e vos drenam os pantanos — é ele que o faz. Ele, o macaco glabro, o rei por maquiavelice da má inteligencia. Ele, o cultor conciente da arte da dôr.

Em toda parte lá está ele como o proprio mal incarnado, matando, esfolando, torturando, saqueando, desnaturando, perturbando a harmonia das coisas.

Em proveito proprio, ao menos?

Digitized by Google

Oh, não!

E não porque a maior vitima do homem ainda é o proprio homem. Lobo de si proprio. Torquemada dos seus proprios filhinhos inocentes, o homem é Prometeu roendo com seus proprios dentes o proprio figado.

Que esperar, pois, da realeza dum calceta desta marca?

Animais todos da Terra, basta de submissão! Uni-vos!

1920

De *"Onda Verde"*

Digitized by Google

Luvas! o tesouro do castelo

Quando Deus, de mangas arregaçadas, empreendeu a tarefa de organizar o mundo, o que existia era o caos. Todas as coisas já estavam nele, mas ás tontas, no desarranjo dum imenso deposito de mercadorias "empasteladas". A obra da criação foi simples obra de ordem e harmonia. Pegando rios, lagos, montanhas, planicies, ia-os Jeová dispondo sobre a crosta núa ao saber dum plano de geo-estetica pré-estabelecido. Feito o que, cuidou do aformoseamento.

Havia em certo ponto uma grande reserva de coisas lindas. Montão caotico de maravilhas, museu das mais belas aguas, das mais belas pedras, despejo desordenado duma cornucopia de fada, era ali o Grande Almoxarifado das Belezas Naturais donde Jeová ia tirando maravilhas para alindar as regiões recem-geografadas. O deposito, porém, era inesgotavel e, por mais primores que fornecesse ao insigne presepista, permaneceu quasi intato após sete dias de requisições continuas.

Estudos posteriores conseguiram localizar a séde do Grande Almoxarifado. Situava-se, ninguem mais o discute, onde é hoje o Rio de Janeiro.

Mas as outras regiões prejudicadas no rateio reclamaram contra a injusta distribuição, e Jeová, Suma Diplomacia, resolveu o problema duma forma engenhosa. Ponho lá, disse ele ás reclamantes, um povo fechado aos encantos da natureza, e por mãos desse povo o excesso de que vocês se queixam minguará dia a dia.

O dito o feito. Jeová povoou o Rio com os elementos mais aptos para corrigir o seu erro, e os homens escolhidos trabalharam como Brenos, sem um momento de folga, na obra de provar que Deus é tambem a suma Psicologia.

A tarefa, entretanto, era ingente. Cansou a mão de Deus e está cansando a munheca do homem. Por mais que estes façam, o Rio continuam a denunciar que foi a séde do Grande Almoxarifado. O Pão de Açucar persiste. O Corcovado insiste. A Tijuca resiste. A Gavea subsiste. E embora feio, visto nos detalhes afeiantes com que o homem pacientemente

Digitized by Google

o desfeia, olhado dos altos, em conjunto, no agrupamento das massas, o Rio é e ha de ser sempre a prova esplendida de que a Suma Equidade ali claudicou.

O carioca não dá o devido apreço ao quadro, já porque dele faz parte integrante, com animação da paisagem, já porque sofre da saturação da beleza. Criado naquele ambiente, afeito desde menino à irradiação da beleza, calejou-se, ofuscou-se, e adquiriu o habito de olhar sem ver. Quem chega de fóra, porem, das terras lesadas pelo erro de dosagem do Supremo Paisagista, esse deslumbra-se e leva na retina, estampado para sempre, o deslumbramento, como leva n'alma uma ponta de revolta contra a diplomacia divina.

Porque se cai no Rio um povo capaz de senso estetico, como foi o grego, como são os do norte da Europa, e se á obra da natureza se somasse a obra do homem, o Rio seria o Eden restaurado, a sala de visitas do mundo, o ponto forçado do turismo universal.

Dá vertigens sonhar dentro desta paisagem uma arquitetura que a realçasse, que fosse a mesma paisagem continuada, projetada artificialmente em linhas e massas de suprema harmonia.

Em vez disso: outróra, o casarão, o horrendo chalé, a gaiola com batentes de granito; e hoje, o carnavalesco fandango dos estilos exoticos, mourisco ali, assirio aqui, coisa nenhuma acolá, Elixir de Nogueira adiante...

Apesar disso o Rio é o Rio, cidade do sonho e maravilha incomparavel. E sempre o será, talvez. Por mais que o microbio *neoformans,* empenhado na faina de quebrar o brilho ao sol, ataque, morda, corrôa a paisagem, um aspecto subsistirá sempre, e bastará ele para assegurar o primado da beleza: — o relevo do solo, essas pedras gigantescas, unicas no mundo, esses morros sem par, joias inestimaveis, suficientes, um só em cada cidade, para encher de orgulho seus habitantes.

Mas até contra o morro investe o *neoformans.* Já arrasou alguns, e traz sempre de olho o morro dos morros, o pai de todos, o morro sagrado que deveria ser a nossa Acropole.

Ali no morro do Castelo nasceu a cidade, ergueu-se a primeira igreja, funcionou o primeiro colegio, enterrou-se Estacio, o fundador. Dali partiu a mancha de azeite que, insinuada encostas acima e vales afóra, criou o urbanismo mais pitoresco jamais surgido sobre a terra. Além desta função genetriz, de si bastante para sagrar a colina, o morro do Castelo, justamente pelo abandono em que o deixaram e

Digitized by Google

pela vizinhança com a Avenida, é a perola maior do maravilhoso colar de perolas carioca.

Anacronismo vivo, D. João VI paredes meias com Epitacio, seculo dezesseis entreaberto á curiosidade do seculo vinte, sobrevivencia fossilizada de éras para sempre perdidas, é um ancião de barbas brancas, de cócoras á beira-mar, rememorando o muito que já lhe passou diante dos olhos.

Mas triste. Sabe que os homens de hoje estão voltando a certas praxes aimorés, e receia que lhe façam a ele o que fazia aos pais inutilizados pela velhice a mocidade de tanga: que o matem e comam. Ouve sempre cochichos de conspiração nos quais um estribilho sôa insistente: precisamos arrasar o morro do Castelo! Sente-se condenado, como a arvore secular que caiu nas unhas dum vendedor de lenha, preocupadissimo com o calculo das carradas provaveis. Percebe que virou negocio, que o verdadeiro tesouro oculto em suas entranhas não é a imagem de ouro maciço de S. Ignacio e sim o Panamá do arrasamento. E desconfia que seu fim está proximo.

Os homens de hoje são negocistas sem alma. Querem dinheiro. Para obte-lo venderão tudo, venderiam até a alma, se a tivessem. Como póde ele, pois, resistir á maré, se suas credenciais — velhice, beleza, pitoresco, historicidade — não são valores da cotação na bolsa?

Conforme-se o velho morro sagrado e com ele os abencerragens do contemplativismo estetico: está decretada a sua extirpação. Mais dia menos dia a picareta lavrará suas entranhas e em seu lugar se estabelecerá mais um nucleo desses açougues onde o senhorio risonho esfola a rez inquilina. Estão eles, os senhorios, a sonhar nas luvas de ouro incubadas ali dentro. Quantas! Que gordas pepineiras! Que negociatas de esfregar as mãos o raio do morro, quando arrasado, lhes proporcionará!

Ora, o mundo não é dirigido nem por filosofos nem por estetas. Condu-lo a mão pegajosa do vendeiro mal cheiroso que enriqueceu na cebola e acabou conde. Ele compra. Ele paga. Ele suborna. Ele é imensamente estupido. Reze, pois, o morro do Castelo suas ultimas orações, entregue a alma a Deus, e prepare-se para gemer na agonia final aos golpes da picareta. Não ha forças humanas que o salvem. Os homens de hoje são filhos dos antigos prepostos de Jeová, e tão incansaveis como os pais na faina de lhe corrigir o famoso erro de dosagem. Além disso, está provado que ha tesouros ali dentro: luvas!

1920

De *"Onda Verde"*

Digitized by Google

O dicionario brasileiro

Assim como o português saiu do latim, pela corrupção popular desta lingua, o brasileiro está saindo do português. O processo formador é o mesmo: corrupção da lingua mãe. A candida ingenuidade dos gramaticos chama corromper ao que os biologistas chamam evoluir.

Aceitemos o labéu, e corrompamos de cabeça erguida o idioma luso, na certeza de estarmos a elaborar uma obra magnifica. Novo ambiente, nova gente, novas coisas, novas necessidades de expressão: nova lingua.

É risivel o esforço do carrança, curto de ideas e incompreensivo, que deblatera contra esse fenomeno natural, e tenta paralisar a nossa elaboração linguistica em nome dum respeito supersticioso pelos velhos tabús portugueses... que corromperam o latim.

A nova lingua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou ao Brasil. Não ha documentos, mas é provavel que o primeiro brasileirismo surgisse exatamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou dia, talvez, em que a lingua do reino não fosse na colonia infiltrada de vocabulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos.

Hoje, após 400 anos de vida, a diferenciação está caracterizada de modo tão acentuado, que um camponês do Minho não compreende nem é compreendido por um jéca de S. Paulo ou um gaúcho do sul.

Quer isto dizer que no povo — e a lingua é criação puramente popular — a cisão já está completa.

Nas classes cultas a diferença é menor, se bem que acentuadissima, sobretudo na pronuncia e no emprego das palavras novas. Até arcaismos lusos ressuscitaram cá, e são correntes de norte a sul. Um deles foi tomado como brasileirismo: o emprego do pronome pessoal "ele" como complemento direto. Ora, isso é coisa velha, forma anterior ao descobrimento do Brasil. Dizem os escabichadores de antigualhas que é de uso corrente nos cancioneiros, na "Demanda do Graal", no

Digitized by Google

Amadis", etc. E citam de Fernão Lopes muito "viu ela", "nomeamos ele", etc., — de Fernão Lopes! um dos grandes pais da lingua.

Não é brasileirismo, pois, essa forma velha e revelha. E' um lusitanismo ressurreto na colonia.

Hoje, do Amazonas ao Borges, na linguagem falada o "ele" e o "ela" desbancaram o "o" e o "a", apesar da resistencia dos letrados e da resistencia da lingua escrita. Não nos consta que algum escritor de merito usasse, na prosa ou no verso, esse pseudo brasileirismo, embora falando familiarmente incida nele. Mas dia virá em que se rompa essa barreira, porque as correntes populares são irresistiveis, os gramaticos não são donos da lingua, e esta não é uma criação logica.

Verão, pois, nossos netos um futuro Ruy, de tanta autoridade como o atual, abrir uma oração politica da mais alta importancia com esta forma que inda choca o beletrismo de hoje: *O Brasil, senhores, amei ele o mais que pude, servi ele o que me deram as forças, etc.*

E verão um futuro Bilac lançar um "ouvir estrelas" assim:

Hontem divisei ela
na janela...

Será isso, simplesmente, a rehabilitação da forma lusa dos pré-classicos, já vitoriosa na lingua falada de hoje.

Riem-se? Não é materia de riso. É a anotação singela da marcha dum fenomeno.

Inda nos detem hoje o medo á férula dos gramaticos d'alem mar e de seus prepostos no Brasil. Não obstante, a corrente do "ele" cresce dia a dia e acabará expungindo a do "o".

Além dessas incoerciveis modificações sintaticas, temos outra feição evolutiva operada em larga escala: a adoção de palavras novas por força das necessidades ambientes.

A lingua é um meio de expressão. Modifica-se sempre no sentido de aumentar o poder da expressão. A variedade de coisas novas que tivemos necessidade de expressar, num mundo novo como o Brasil, forçou no povo um surto copiosissimo de vocabulos. Eles brotam por aí afora como cogumelos durante a chuva. Lutam entre si. Os fracos, os inuteis,

Digitized by Google

caem, como frutos temporões, bichados antes de maduros. Os bons, os expressivos e necessarios, vencem e ficam na lingua. A principio, na lingua falada. Depois penetram na chamada literatura regional. Passam daí aos glossarios de brasileirismos e entram por fim, consagrados, no panteon dos dicionarios.

A extensão do nosso territorio favoreceu grandemente o neologismo. Houve, além disso, a contribuição copiosa do indio e do negro. Ha agora a do italiano em São Paulo e a dos alemães no sul. A maioria destas palavras são de absoluta necessidade. Como falar da vida amazonica sem recurso ás mil palavras de criação local? Como pintar o Rio Grande sem recorrer ao vocabulario gaúcho? E falar do Rio sem tomar as pitorescas invenções gloticas do cafageste carioca? Ha no português termos que substituam o "encrenca" e seus derivados, de criação alemã, catarinense? E a "uruca", a "caguira", o "engrossamento", como enunciar a coisa com palavras do Morais?

Sem coragem ainda de lançarmos o nosso dicionario, vemo-lo já em trabalhos preparatorios, a delinear-se nas obras de B. Rohan, Taunay, Romaguera e tantos outros coletores de regionalismos. Virá a seu tempo. Convencer-nos-emos um dia de que, se saimos de Portugal, nada mais temos com o ex-reino, hoje tumultuosa republica. Virá, talvez, muito breve.

Em materia dicionaristiea vivemos inda hoje na absoluta dependencia de Portugal. Temos o que Portugal nos manda, Aulete, Vieira, Candido de Figueiredo. Este nos deu a honra insigne de incluir na sua obra uma boa copia de brasileirismos, para contentar a colonia e fazer bom negocio nela. Os mais são dicionarios rigorosamente portugueses.

Quem lê Alberto Rangel, por exemplo, o mais rico bateador de termos regionais da nossa literatura, não tem meios de lhe compreender o pensamento. Esbarra a cada passo com uma palavra regional por ele coletada, e se recorre aos dicionarios fica na mesma.

No proprio Ruy Barbosa quantas palavras não existem que o carrança português não nos deu a honra de "endicionariar"?

Isso porém não é de nenhum modo culpa deles. São os donos da lingua de lá e não têm que dar a ninguem satisfação dos criterios dicionaristicos que adotam. Os errados

Digitized by Google

somos nós, que até agora não percebemos que falamos a lingua de cá e estamos sem dicionario, talvez á espera de que nos caia do ceu num dia de trovoada.

E que teriamos de fazer para que um dicionario da lingua portuguesa fosse tambem nosso? Coisas muito simples. Eliminar todas as palavras portuguesas desusadas no Brasil, já arcaismos, já lusitanismos de moderna criação popular, absolutamente inuteis para as nossas necessidades expressivas. Eliminar todas as palavras coloniais portuguesas que atravancam os dicionarios atuais, fazendo-os obesos. Dar, principalmente, a significação que os vocabulos portugueses têm aqui no Brasil, e subsidiariamente a que têm no ex-reino. Introduzir todas as nossas criações linguisticas, as coletadas pelos glossaristas e as que andam soltas. Fazer, em suma, o dicionario pratico de que precisa quem vive nesta terra que já foi colonia e está custando a convencer-se de que não mais o é.

Será, pois, uma obra de grande utilidade e alto alcance, porque consolidará definitivamente o cisma operado na velha lingua lusa.

Acontece hoje o seguinte: um menino abre o Aulete e procura a palavra — hein; e vê lá a pronuncia (an-e). Ri-se, está claro, e chama "âne" ao pobre Aulete.

Outro vai ao C. de Figueiredo em busca da palavra "chupim", que ele ouve todos os dias aplicada a um passarinho preto que parasita o tico-tico e, por analogia, aos "maridos" de professoras. Não encontra. Mas encontra, por exemplo, "caloqueio" passaro africano. Abriremos a gaiola ao caloqueio e poremos em seu lugar o chupim. Está aquele estafermo a empatar um poleiro precioso.

Dirão: seria melhor conservar todas as palavras portuguesas e incluir todas as nossas. Isso seria fazer uma almanjarra ineditavel, ou carissima, ao passo que o peneiramento ideado aliviaria a obra das mumias inuteis que se esmirram ali, dos exotismos d'India e Angola com que nada temos que ver, daria livro maneiro, comodo, num volume só e por preço ao alcance do povo.

Acoimam o nosso pobre povo de ignorante mas não lhe dão sequer um dicionario da sua lingua, bom e barato! Os sucedaneos portugueses que lhe indicam, sobre lhe não satisfazerem as exigencias, custam os olhos da cara, oitenta, cem mil réis.

Digitized by Google

Além desta genial novidade o dicionarista dará o maximo rigor ás definições, aproximando-se dos grandes dicionarios estrangeiros, Webster á frente. Fugirá, assim, ás sandices que Aulete e Figueiredo incriminaram aos anteriores e em que tambem incidiram, embora em menor escala.

Abro ao acaso este ultimo e leio: "desarvorado: — que fugiu desordenadamente". Logo: navio desarvorado: — navio que foge desordenadamente!

E são os papões da lingua. Dão-nos em cima de palmatoria e ensinam-nos "o que se não deve dizer", esquecidos de que não se deve dizer, sobretudo, asneiras.

Muita coisa se projeta para a comemoração da independencia. Se fôr levado a termo o Dicionario Brasileiro, nenhuma comemoração será mais significativa. Valerá por um esplendido monumento e por um grande passo na "realização" duma independencia "proclamada", vai fazer cem anos.

1920

De *"Onda Verde"*

Digitized by Google

"Sancta simplicitas"

Noite de presepes. Ha-os aqui em quantidade, na maioria sublimemente ingenuos. Um trazia as paredes do canto forradas de numeros do *Rio-Nú* — numeros bem descabelados, com mulheres em camisa e calça ás voltas com os "coroneis". Noutros vi patinhos de barro, com pelota nas patas á guiza de pedestal, repimpados em arvores; um soldado de carabina e facão a apresentar armas ao menino Jesus; um busto de Campos Sales ao lado dos reis magos. Em varios outros vi ainda cartões postais com a Bela Otero, uma caixa vazia de chapas Hauff, anuncios ilustrados da Emulsão de Scott, enorme casca de tatú com varias bonecas de pano dentro.

Isto fez-me lembrar certo santo de familia que encontrei na roça, em casa duma beata. Ao lado do oratorio havia na parede, em surrada moldura lisa, um S. Sebastião escapo à agiologia oficial: *S. Sebastião das Cebolas.* Explica-se

Quando o senador Martinho de Campos foi ministro do Imperio, a *Revista Ilustrada,* de Angelo Agostini, representou-o nú, de tanga, atado a uma arvore, recebendo com cara de martir os flechaços da imprensa oposicionista. E como o simpatico homem de estado era fazendeiro e se chamava *Cebolas* a sua fazenda, o distico da caricatura fôra aquele — *S. Sebastião das Cebolas.*

— E é milagroso este santo, nha Tuda? perguntei á velhinha.

— Nem fale! Tudo que eu peço ele faz. Outro dia foi um panaricio, aqui neste dedo. Pedi, e em menos de duas semanas fiquei bôa...

Do "*Mundo da Lua*"

Digitized by Google

As garças

Abro a janela. Que paisagem! Ceu, serra e vale. Ceu — gaze de purissimo azul translucido. Serra — a Mantiqueira, rude muralha de safira. Vale — o do Paraíba, tapete sem ondulações que lhe enruguem o plaino.

Que é aquilo no azul da serra? Uma pinta branca. Um vôo lento de giz sobre a imprimidura de cobalto.

Garça! Reconheço-a logo pela amplidão do vôo. Que maravilha o vôo da garça por manhã assim. Neve sobre azul...

Subito...

— O bando!

Vinham em bando alongado, ora a erguer-se uma, ora a baixar-se outra, estas ganhando a dianteira, aquelas atrasando-se. Passam a quilometro da minha janela, tão perto que lhes percebo o aflar das asas. Mas...

— Outro bando! E outro, atrás! E outro bem longe!...

Jamais vi tantas e em tão formoso quadro. Montavam o rio. Emigravam. Passavam. Passaram... E deixaram-me com a alma tonta de beleza, a sonhar mil coisas, a rever o lindo vôo de cegonhas que Machado de Assis evoca — as cegonhas que das margens do Illyssus partiam para as ribas africanas...

Do "*Mundo da Lua*"

Digitized by Google

Antanho

Por acaso topei um tomo do Wilhelm Meister desgarrado da estante ha anos.

Abro-o e leio uma nota a lapis, para mim saborosa como instantaneo fotografico do passado. (Lembro-me: meu quartinho de estudante vizinhava de outro, separado por um tabique de pinho empapelado, onde moravam dois individuos que nunca cheguei a ver). Diz a nota: "Este ultimo capitulo li-o durante meia hora sem conseguir compreender coisa alguma. E' que os meus vizinhos conversam e por mais que eu faça é-me impossivel deixar de atender-lhes á parolagem. O velho (um deles é positivamente velho) parece-me homem vivido, de bôas filosofias e de muito bom senso. Sabe coisas e fala com a calma e o sossego dos experientes. O outro, moço, ignorante e estouvado, concorda sempre, ri de modo alvar e admira-se com espetaculosos "oh! oh!" A conversa principiou tomando como tema o jantar. Foram esfolados aí num freje qualquer, onde, diz o velho, lhes deram dois peixinhos a 800 réis cada um, macarrão, lingua e sobremesa. "O peixe estava sem sal", comenta o moço. "E a lingua dura", secunda o velho. "E a sopa salgada", continua o moço. "E a banana podre", conclue o velho, com uma risadinha pausada, á qual o moço casa a sua, estrondosa, caixeiral. Fez-se uma pausa longa de gozo. Adivinhei-os imersos nas delicias daquela vingança atica. Depois abordaram varios assuntos, com essa preguiça mole dos que jantaram e estão a cair na beatitude soporosa da digestão. Desceram rio abaixo, de acontecimento em acontecimento, até alcançar o Visconde de Ouro Preto, que o velho mostrou conhecer a fundo, quasi intimamente. Classificou-o entre os homens funestos, dando razões, e o moço, depois de ouvi-las, bradou indignado:

— Inepto, inepto é o que ele era!

Digitized by Google

O velho entendia de nuanças.

— Não vou lá, não vou lá... Competentissimo até; mas funesto. Da primeira vez que foi ministro, o caso de certa moça retida em carcere privado provocou um movimento popular; da segunda, sobreveio o desastre da tentativa de pagamento da divida externa por meio do café; da terceira deu-se o caso demagogico do imposto do vintem; da quarta rebentou a republica.

— Má raios! berrou o moço.

— Na vespera, prosseguiu o velho, avisaram-no da conspirata, mas o Ouro: "Qual! Tenho confiança neles, no Deoloro e no Floriano". No dia seguinte estava metido em Sant'Ana...

— Piratas! exclamou, furioso, o moço.

— Quem, piratas?

— Todos eles, o Ouro, o Déo, o Floriano.

O velho desprezou o arroubo e veio atrás.

Falou das arruaças do vintem, narrando-as tão ao vivo que eu vi bondes de pernas ao ar, incendiados. E a serena palestra rememorativa prosseguiu. Breve chegaram à França, deposição de Luiz Filipe e subida de Napoleão III. Mas a palestra ia cochilando. O moço já não emitia apartes e o velho alongava as pausas. Falou ainda do filho do primeiro, um conde de Paris, que caiu dum carro, e não sei que mais. Silencio. O velho imitou o conde, caindo no sono. Ouço-lhe o roncar pausado... Tossiu agorinha. Quatro tossidasinhas delicadas e sonoras... Dormem os dois. Chama-se o velho Sêo Macedo".

.....

Sêo Macedo fatalmente já não existe. Tinha voz dum homem duns sessenta anos naquele tempo. Devia ser celibatario e era pobre. Quer dizer que de Sêo Macedo nada mais resta no mundo alem desse pedaço de conversa que o capricho dum estudante fixou a lapis num livro de Goethe.

Do *"Mundo da Lua"*

Digitized by Google

Comedias tragicas

Paisagem lugubre. Ceu plumbeo de dia que parou de chover por cansaço de chover. Restos de luz moribunda, se é luz o palor que nas tardes chuvosas precede o cair da noite. Para que nada falte ao quadro, uma serraria distante serra, serra, serra... Serra tabuas e com as tabuas, os nossos nervos.

.....

Triste como este fim de dia, o fim de casamento a que assisti ontem.

Estavamos á espera do café no cartorio, fugidos á inclemencia do sol. Tres horas. Subito, assomou á porta o dr. Moreira em companhia de uma linda senhora vestida de preto e de dois homens. Os dois homens, mais o advogado, foram cochichar com o escrivão, enquanto a mulher modestamente se sentava numa cadeira recuada, de olhos no chão, sombrinha sobre os joelhos, imovel.

Esgueirei-me sorrateiro e fui indagar do escrevente quem era.

— Mulher do Rivas. Divorciou-se e vem agora receber o que lhe coube na partilha.

— E o Rivas, qual é?

— O que está falando com o dr. Moreira. O outro é irmão.

— Irmão dela?

— Sim.

O cartorio encheu-se. Entrara a bandeja de café e atrás, os filantes da praxe.

A moça aparentava impassibilidade e o marido a imitava

Digitized by Google

nisso, forçando a nota, a rir, a conversar. Serviu-se de café, risonho, embora ao mexê-lo se traisse por leve tremor de mãos.

— Pronto! disse o advogado. Toca a assinar.

Assinam-se papeis. O marido abre a carteira e entrega ao escrivão um pacote de notas. O escrivão passa-o ao moço que por sua vez o entrega á irmã, dizendo de modo a ser ouvido:

— Conte!

Ela guardou na bolsa o dinheiro, depois de lançar ao irmão um olhar de censura.

O advogado deu por findo o drama.

— Está tudo terminado.

O irmão tomou o chapeu.

— Vamos!

A divorciada ergueu-se e dirigiu-se até á porta. Ali parou. Indistintamente, adivinhei-a a perguntar ao irmão: "Digo-lhe adeus?"

A resposta foi um imperioso e resoluto — "Qual!" Ela, então, cortejou a sala inteira, com um movimento de cabeça, abriu a sombrinha e partiu.

O marido açucarava nesse momento a terceira chicara de café, a um canto da sala, de costas para os circunstantes. Fingia não dar a minima atenção á partida da mulher. Mal, porém, a viu desaparecer, depôs a chicara na bandeja e mudou de cara. Mudou a cara alegre que mantivera até ali por outra sem alegria.

Finda a comedia, tiram-se as mascaras...

Do *"Mundo da Lua"*

Digitized by Google

A caricatura no Brasil

Anda para cinco meses que abrir um jornal vale tanto como abrir um porco de ceva, tal o bafio de sangue que escapa dos telegramas, das cronicas, de tudo. Ora, isto afinal engulha, e sugere passeios por veredas afastadas do matadouro, onde os pés não chapinhem em lama de sangue nem se repastem os nossos olhos na rez humana carneada a estilhaços de obuz.

Diga-se, por exemplo, da caricatura, maldade velha que nasceu quando o animal que ri farejou no repuxo dos musculos faciais um meio de matar às claras — matar moralmente, já se vê. E que nasceu na Grecia para veiculo dum sutil alcaloide de nome "eironeia", do qual foi Socrates um habil manipulador. E desde então nada se forrou a esse veneno — nem homens, nem deuses, nem cavalos. O que sucedeu a Pegaso deve ser dito a todas as alimarias de quatro pés ou dois, para lembrete da inanidade das prosapias cavalinas.

Não valeu a Pegaso ser um Moisés hipico, abridor de fontes a coices; nem lhe valeu honra-lo Apolo com os seus divinos fundilhos, no dia em que de visita a Baco o encavalgou em pêlo, com as nove musas á garupa. Nem lhe valeu a gloria de puxar o carro da Aurora. Irreverentes homens de Atenas caricaturaram-no de asno enfeitado com asas de ganso, a tropicar pelo cabresto de um Belerofonte manco e amarrotado de um tombo recente.

Zeus, lá do Olimpo, não gostou da brincadeira e esbrugou o cavalo magnifico em mil pedaços, estrelejando com eles o ceu na zona compreendida entre a constelação de Hercules e a dos Peixes. Mas o seu avatar asinino cá ficou na terra, murcho de orelhas, atido á prebenda de levar ao Parnaso, no trote, os meninos que ali pelos 18 anos quebram pés a versos e correm a chorar sonetos no colo da boa Polinia todas as vezes que brigam com a namorada.

Digitized by Google

Depois de Pegaso, Jupiter.

Um discipulo de Apeles pintou uma tela humoristica de grande voga: "Jupiter parindo Baco". De mitra á cabeça, o deus dos deuses esquece a serenidade e berra como descompassada ilóta da Laconia, pondo em dobadoura as deusas ali reunidas com paninhos, bacias e mais farragem obstetrica.

E de Jove para cá ninguem mais teve imunidades. Descerre quem for curioso as cortinas da Historia e espie dentro das Epocas — das oxigenadas como a Renascença ás pestiferas como aquele sanioso Ano Mil de lugubre memoria — e lá verá a Caricatura latindo contra todas as prepotencias do farisaismo de mil caras.

Lá verá, na Alemanha, Holbein, curvo sobre a prancha de desenho, a saracotear os esqueletos da Dansa Macabra — meio de provar aos papas e reis que eles tambem morriam. Mais adiante, na Flandres, verá Ostade, Dow, Teniers e tantos outros bonachões flamengos, ocupados em pintar mazelas sociais com um chiste mais gordo que ferino. Na França a caricatura publicava-se na pedra das catedrais. Alem Mancha Hogarth satirizava as coisas inglesas em aguas-fortes cheias de confusas intenções e sub-intenções.

Os lerdos veiculos da epoca — "folhas volantes", quadros, pedras de catedral — muito coarctavam a humana ansia de rir e ferretoar por meio do desenho. Á motuca da Caricatura estavam faltando asas. Deu-lhas um dia Gutemberg. Desde então viu-se a Caricatura sagrada a quarta arma de guerra do pensamento humano — e nunca mais correu calmo o sono dos reis, dos ministros, dos Falstaffs, dos Gerontes, dos Lovelaces, dos Ferrabrazes, dos Bertoldos, dos Brumeis e do nosso amigo o conselheiro Acacio.

E a arvore cresceu e engalhou-se pelo mundo, inundando-o de folhas periodicas. Entre estas primou na França o *Charivari*, onde as vespas eram o grande Daumier, Philippon, Grandville e Traviès, servidos no texto por um mestre de polpa, Balzac. Gavarni tambem aparece ali na fase mais vibratil de seu genio amigo de perambular pelos bastidores da alma humana.

Por essa epoca ocupava o trono de França, ainda quente das nadegas de Napoleão, um rei ecletico, sobre cuja corôa o Parlamento enterrara uma cartola. O formato da cara gorda de Luiz Felipe fez-lhe muito mal, a ele, á dinastia e ao ecletismo. Lembrava uma pera. Quem deu pela semelhança foi Philippon e logo o *Charivari* abriu campanha. De cem modos

Digitized by Google

o caricaturista ajeitava no desenho as reais bochechas como o bojo da pera e o resto da cara como o pescoço. A semelhança revelava-se estupenda. Era pera e era o rei.

Luis Philippe não gostou. O *Charivari* foi chamado aos tribunais, onde o libelo apareceu instruido de quanta pera sediciosa as autoridades puderam reunir com estilo ou assinatura de Philippon.

O desenhista defendeu-se com socratica ironia, apresentando aos juizes uma demonstração grafica na qual, partindo-se do retrato do rei e prosseguindo por uma serie de desenhos intermediarios, chegava-se a uma bela pera "angevine" — do que a natureza, não ele, tinha culpa. A carranca do tribunal desfez-se em sorriso. Assombro! Se ria Temis, salvo estava o caricaturista e condenado o rei. Mas era preciso consolar o rei — e Philippon recebe uma penazinha pro-forma.

Foi peor. Recresceu a campanha periforme. Publicando a sentença condenatoria, o *Charivari* dispo-la tipograficamente em forma de pera, de modo que a propria sentença do tribunal virou caricatura do rei. O publico babou-se.

Daumier pelo seu lado prosseguiu na "scie". Creio que é dele uma paisagem de vacas no pasto, todas de costas para o espectador; o trazeiro delas, ou "escudo" em anatomia bovina, simulava uma pera de engenhosa parecença com a bela "angevine" real. E foi da polpa de tal pera que saiu a revolução de 1848. A caricatura revelou-se tremenda, quando manejada pelos Daumiers, pelos Gavarnis, pelos Chams.

Na Inglaterra, o *Punch*.

O *Punch* é um "whig" de inalteravel bom humor, cujos trajes de polichinelo escondem a farda dum policia de costumes. Foi nele que Thackeray empalhou a fauna inteira dos snobs da *Snob Papers*, creando um verdadeiro museu da mentira social não só inglesa como humana.

Desses precursores da caricatura saiu toda a legião atual. Não ha país onde a caricatura não vice em folhas periodicas como um genero de primeira necessidade, indispensavel ao figado da civilização. Como a ironia e o chiste não são plantas vulgares, e porque o rir-nos uns dos outros é da higiene humana, custeia cada povo as suas motucas — os seus caricaturistas — como as côrtes medievas, por fome de lirismo, cultivavam poetas oficiais de pegaso arreado á porta para pulinhos ao Parnaso em dia de anos do rei ou nascimento de algum principezinho. E em nada se estampa melhor a alma

Digitized by Google

: uma nação, do que na obra de seus caricaturistas. Parece ıe o modo de pensar coletivo tem seu resumo nessa forma de ɔo.

A Alemanha, pelo *Lustige* e o *Fligend Blatter,* os mais ɔicos, ri o grosso riso germanico, todo pletoras, do grande rbaro moderno. A graça é sadia, salpiconesca e sempre denciadora dum chope preliminar. No *Simplicissimus* de unich, porém, a Alemanha não ri — arreganha, com imciencias coiceiras dum Mefistofeles peado na ação. Os elos informes duma Alemanha nova que ouviu e digeriu as as de Zarathustra bosquejam andaimes ali.

Tudo muda, transpostos os Vosges. A França ri como artriticos já grisalhos em uso das doses maximas de iodureto. Não mais a ferocidade canibalesca do 89, nem o riso ssoante a clarins do Primeiro Imperio. Um riso que é enas sorriso. A França sorri de si, dos alemães, do mundo ɔeiro, vincando esse sorriso dum ar cansado de rez gorda que ı truculento magarefe traz d'olho.

Compulse-se o *Le Rire,* palco onde tentam rir todas as rações desovadas do *Charivari.* De Hermann Paul, o Maussant da expressão fugidia, ao rabelésiano Léandre; de llette, cuja filosofia acida transparece sob a roupagem s pierrots, a Forain, cruel varejeira do "amor parisiense" perpetuo esvoaçar pelas alcovas no afã de espetar alfinetes "mâle" que entra e sai e na "femelle" que fica; de Guilıme, que molha o lapis em Creme Simon e só está á vonle nos salões elegantes, em borboleteios sobre espaduas feminas, a Huard, o paisagista da alma provinciana, todos m e sorriem sem alegria intima, como que tomados da canra duma cultura que já cruzou os limites da saude e coça a derrubar as primeiras petalas.

E' o riso verde.

A Inglaterra, pelas gaifonas do eterno *Punch,* ri entre ntes, sem tirar o cachimbo da boca. Laiva-lhe o imperceptel jogo dos musculos faciais um rictus muito do carnivoro taliscado no triplice açamo do casamento, do "cant" e da blia. E não ha outro riso possivel num povo que cultiva ɔrgulho como os velhos holandeses cultivavam tulipas; que ssue a India e passa fome debaixo das pontes e que sabe ɔrair do livro sagrado um alicerce moral para cada apetite do que o levou a apontar o bacamarte ao peito dos boers

Digitized by Google

ao que o fez apanhar a lança de D. Quixote para sacudir dos ombros da Belgica as unhas dum apetite mais crú que o seu.

A alma italiana entremostra-se na caricatura a arquejar entre os escombros irremoviveis do passado e as ansias insofridas duma era nova fulgurada aos olhos da plebe pelo eterno reflorir dos Gracos. Em face do Vaticano mora o *Asino,* especializado em morder nas frascarices da batina e nas transigencias da Corôa. Pelo *Fischietto,* o *Pasquino* e os mais o italiano não ri para rir, fazendo arte pela arte, como em França, nem desfere as apopleticas gargalhadas do alemão. ri com intenções construtoras, por negocio, fitando em mente uma Italia rebrotada de colonias e mercados novos — e já com o Trentino no bolso.

Da Russia diz-nos a sua caricatura de como se extremam uma civilização quasi francesa e uma barbarie quasi mongolica.

Já na America ressalta a feição negocista da caricatura yankee. *Judge, World* e *Life* parecem grelos da mesma empresa, uma Cartoon Works Mg. Co. Ltd., aporfiada em manter no humorismo o tom "greatest of the world". Não afina a ironia pelos moldes gregos renascidos em França, caldea-a nas fornalhas do "business" para comento das grandes lutas entre os trusts e o estado. Tio Sam, de cartola felpuda bandada de estrelas, grandes bicos no colarinho, calça apresilhada aos pés, disputa de mãos nos bolsos com o atarracado John Bull, quando não arenga e puxa as orelhas aos mexicanos de chapeirão. Para tio Sam é mexicano tudo quanto vegeta do Canal á terra do Fogo.

Esquecia-nos Portugal.

Este pais viveu largo tempo vida de antiquario, sopesando uma formidavel ruma de glorias. E não descerrava o sobrecenho de medo que lá se lhe quebrasse o aprumo e viesse tudo por terra. Só a gloria de Camões já esmagava Portugal. E havia ainda o Gama, o Condestabre, Pombal, o Lidador. E a historia de um cento de Albuquerques terriveis. E a India. E Adamastor... As cariatides não riem quando o peso que suportam é muito grande, e Portugal imobilizara-se á beira da Europa feito cariatide sopesadora de formidaveis glorias.

Se de quando em longe este ou aquele irreverente arriscava algum frouxo de riso, o "Psiu!" ambiente gelava-lhe a

Digitized by Google

reta. E se não bastasse, vinha a dose de estadulho — paceia de uso externo de que os portugueses abusaram mais que o permite o lombo humano. E ainda havia o Lieiro...

Esta sisudez chegou até o *Primo Basilio*. Por essas alras cerrou fileira a famosa pleiade de cujos risos procede Portugal moderno. Ramalho Ortigão e os mais espadaus cobriam a frente, brandindo paus ferrados. Á retaarda vinha Oliveira Martins e o corpo de pontoneiros prestos a reconstruir. E a Ideia Nova foi sacudida no ar como cobertor vermelho ás ventas dum touro. A peleja foi ra. O campo da batalha ficou inçado de coisas em panrecos. A maior vitima foi o conselheiro Legião, Acacio de me. O Conselheiro era meio Portugal e o descer-lhe as ças em publico foi terremoto de maiores consequencias que ue destruiu Lisboa. Depois da *Morte de D. João* ninguem rreu com maior solenidade.

E no terreno assim desbravado a caricatura floriu via. Surge Bordalo Pinheiro no *Antonio Maria* e no *Pontos ii*, as publicações humoristicas que melhor forneceram iso a varejo ao sabor do paladar do publico renovado.

E entre nós?

Numa historia geral da caricatura a historia da nossa á meia pagina, se tanto. E explica-se a mingua. Enanto colonia, era o Brasil uma especie de ilha da Sapucaia Portugal. Despejavam cá quanto elemento antissocial puse lá a infringir as Ordenações do Reino. E como o esvo indigena emperrasse no eito, para aqui foi canalizada Africa uma pretalhada inextinguivel. Até á vinda de D. io o Brasil não passava de indio e matareu no interior e hores, feitores e escravos nos nucleos de povoamento da ta, muito afastados entre si e rarefeitos. Em toda essa e o Brasil não dá de si nenhum bruxoleio de arte.

E assim vai até que um tranco de Napoleão joga com o de Portugal para cima do Rio de Janeiro. Apesar da ssa com que arrumou as malas, D. João VI trouxe todos ingredientes para uma boa implantação aqui: fidalgos orgulhosa prosapia, nobres matronas, almotacés, estribei-mores, açafatas da rainha, vicios de bom tom, pitadas de e e ciencia e mais ingredientes basicos duma monarquia posta a pegar de galho.

Digitized by Google

Infelizmente nenhum caricaturista acompanhou o transporte de tanta caricatura para as terras do Novo Mundo. Insanavel lacuna! Que maravilhosos temas a epoca fornecia!...

Uma arrebicada Côrte do velho mundo armando tenda no patio de uma colonia correcional, entre rumas de pau-brasil e caixas de açucar; a turba das pretas minas a rodea-la com grandes beiços caidos e maiores olhos arregalados; um tucano espia da jissara proxima os futuros aproveitadores do seu papo. O caricaturista para estas cenas devia ser Heat Robinson...

Que quadros! Lá na França, o Corso. O vento sacode a peninsula iberica, atravessa a Espanha e chega a Portugal. A Côrte é sabia. Resolve fugir. Encaixota o trono. Embarca apressada.

O "estado", esse monstro de truculenta onipotencia, pirâmide com esbirros e meirinhos na base e um Rei no topo desmanchado em peças, desparafusado, a enjoar, como qualquer embarcadiço de primeira viagem, dentro de brigues e fragatas comboiados por navios de guerra ingleses...

Os navios chegam. Lançam ancoras. Começa o desembarque. Os guindastes descem engradados, caixas e caixotes. Carroções pegam daquilo e arrancam no trote. Num seguem as peças do Poder Moderador. Outro leva as peças da Ministrança. Outro leva os tribunais estrouvinhados, de pijama, barba recrescida e chinelas, ainda palidos do enjôo do mar.

A Casa da Suplicação vem desmontada; as peças de vulto seguem em carretas: as mais delicadas, em lombo de pretos. A Soberania Nacional, coitadinha, desembarca numa padiola, está muito doente, sem sangue, com ares de tuberculosa. Agourentas consoladoras rodeiam-na e dão-lhe a tomar agua de melissa para o nervoso. Que é que a pôs assim? O raio do Napoleão.

Atrás vem uma megera a desatar o nó duma venda que tem nos olhos e a mancar dos quartos. Seguem-na moleques carregando uma balança de fiel entortado por um trambolho. A Justiça?

Uma das traquitanas do Elias Lopes conduz a passo uma mumia que ressona beatificamente. E' no minimo o Instituto Historico.

Duas juntas de bois puxam em zorra um megaterio empalhado: as Ordenações do Reino. E no carro que segue

Digitized by Google

vem o cofre de segredos onde dormem as Razões de Estado — lubrificante sem o qual os governos perecem.

Pelo cais tosco de madeira pilhas de bagagem aguardam transporte. Ha baús dessas fitinhas, rodelas e estrelas com que de um chapeleiro enriquecido os governos fazem um solido comendador, um bonito barão. Ha vasos com plantas exoticas para o Novo Mundo: num deles viça o Aulicismo, que na nova patria se aclimará ainda melhor que o café.

O Beija-Mão, a Rainha e o Protocolo já chegaram ao palacio do Elias Lopes, e lá estão ao espelho a compor-se.

Passa agora o Rei.

Como as ratazanas de bordo desfizeram durante a travessia o Palio, substitue-o o enorme guarda-sol do Ouvidor recipiendario. Vem muito abatida a Real Majestade, a suar grosso, com as mãos gorduchas procurando endireitar as amolgaduras da corôa; na testa traz o vinco azedo das más digestões. Não consegue digerir o general Junot. Um fidalgo passa por ele, de cigarro á boca. O soberano ofendido argue com acrimonia:

— Senhor Barão, onde para a Etiqueta?

O fidalgo toma o lembrete muito ao pé da letra.

— Saberá V. Majestade que ainda está a bordo — e lá segue saltitante.

O Rei enxuga o suor da testa e suspira. Mas logo adiante o seu rosto se ilumina ao receber de Elias Lopes um regio presente: a chave da sua quinta, a melhor coisa do Rio de Janeiro.

— Já tenho onde dormir, ora graças! exclama D. João num bocejo.

O desembarque do Estado prossegue até alta noite. Suas entranhas entremostram-se no desembarcadouro de madeira — seus cenarios de papelão, os sarrafos dos bastidores, as bacias e vassouras, as caçarolas e caldeirões de cozinhar os angús politicos.

O Fisco — um canzarrão tremendo de dentuça arreganhada — é conduzido no açamo por varios meirinhos.

Na lufa-lufa do embarque em Lisboa muita peça se quebrou, outras cairam ao mar, outras ficaram esquecidas lá no palacio. Perderam-se sobretudo muitos parafusos e porcas, e disso veio que ao armar-se novamente o Estado ficou meio bambo, frouxo de mancais e perro.

Digitized by Google

Entre as coisas avariadas pela agua do mar apareceu a Urna — a Urna das Eleições! Remendaram-na como puderam, mas nunca funcionou a contento nas terras do Brasil. Algo essencial se perdeu na travessia.

Dois frasquinhos de droga homeopatica ninguem descobriu onde paravam: um com a Noção do Dever, outro, com a de Responsabilidade.

Concluido o desembarque, deu-se começo á arrumação provisoria — esse primeiro contacto entre o povo da Terra de Santa Cruz e o alporque monarquico transplantado. Distribuiram-se as peças por aquele Rio de Janeiro. Era preciso acomodar a fidalguia da Casa Real. O conde dos Arcos vai para a rua do Sabão. O marquês das Aduelas vai para não sei onde. A cidade pintalga-se inteira de brazões reluzentes.

A famosa quinta do Elias Lopes está em grosso tumulto de arranjos, enquanto a Realeza gravemente come o seu primeiro jantar na America. O Rei trava relações com o tútú de feijão e gosta; já a Rainha assusta-se com a travessa de bananas de São Tomé assadas.

Dois mordomos confabulam apreensivos.

— E o trono? Onde meter a tipoia?

Ha vacilações. O Rei percebe e com a boca cheia de lombo resolve:

— Aqui mesmo, ao pé do guarda-comida.

Findo o jantar, o primeiro arroto real ecôa. D. João, contente, de papo cheio, os pés já metidos no chinelão e o corpo num chambre de seda com as quinas bordadas a matiz, sorve goles de café... e assina a Declaração de Guerra á França, precursora de nossas futuras declarações de guerra á Alemanha.

Ah, Gavarni!... Nós é porque somos um povo de bezerros tristes que não sabemos rir. As doenças do figado matam-nos de tristeza. O remedio é rir e não rimos, porque não sabemos rir, porque temos medo de rir, porque somos o animal que não ri, apesar de termos em casa material até para o riso de Rabelais. Onde melhor tema de opereta do que no intermezzo de D. João? Ou neste maravilhoso quatrienio em que, desenvolvendo um tema imaginado por Caligula, o Brasil realizou o consulado de Incitatus?

Pois apesar dessa riqueza de temas a caricatura só lá em meados de Pedro II é que entrou a germinar aqui, com sementes trazidas da Italia por Angelo Agostini. Esse artista desembarcou com uma pedra litografica a tiracolo e

Digitized by Google

muita coragem no coração. Olhou e viu em torno pouco mais que um vasto haras onde se faziam experiencias de misturas etnicas. Havia a mucama, a mulatinha, o negro do eito, a negra do angú, o feitor, o fazendeiro, o "Jornal do Comercio", dois partidos politicos, o Instituto Historico e um neto de Marco Aurelio no trono, a estudar o planeta Venus pelo telescopio do palacio.

O feitor em baixo deslombava os negros; a mucama no meio educava as meninas brancas; a boa intenção de chambre lia os Vedas no original.

Aquela curiosa ilha da Barataria encantou Agostini. Era um viveiro de temas de riqueza sem par. E ele alugou casa e fundou a *Revista Ilustrada* — primeira manifestação do desenho humoristico e satirico entre nós. A voga da revista foi grande, a ponto de permitir que durante longos anos o desenhista vivesse do produto das assinaturas, sem necessidade de recorrer á "cavação", arte que iria ter o seu esplendor na Republica.

Não havia casa em que não penetrasse a *Revista*, e tanto deliciava as cidades como as fazendas. Quadro tipico de côr local era o do fazendeiro que chegava cansado da roça, apeava, entregava o cavalo a um negro, entrava, sentava-se na rede, pedia café á mulatinha e abria a *Revista*. Os desenhos bem acabados, muito ao sabor da sua cultura e gosto, desfiavam ante seus olhos os acontecimentos politicos da quinzena. O rosto do fazendeiro iluminava-se de saudaveis risos. "E' um danado este sujeito!" dizia ele de Agostini.

E ali na rede ele "via" o Imperio como nós hoje vemos a Historia no cinema. Via D. Pedro II, de chambre, a espiar o ceu pelo telescopio; um ministro entreabre o reposteiro e mete a cara para falar de negocios publicos; o Imperador, sem desfitar as estrelas, resmunga enfadado: "Já sei! Já sei!"

O fazendeiro gozava-se.

Depois, critica ao Ministerio. O Barão de Cotegipe, de grosso nariz, recurvo, era figurado de mil maneiras, todas relembrativas de sua habilidade politica. Ás vezes aparecia como o "leão da fabula", açambarcando o melhor bocado. Outras vezes como "macaco velho" que não metia a mão nas combucas dos Liberais.

Zacarias de Goes e Vasconcellos, Martinho de Campos, Lafayette Rodrigues com a vesguice exagerada num grande bugalho de olho, Dantas, Sinimbú, os paredros de galões dou-

Digitized by Google

rados e os de galões vermelhos, tipos de rua como o Castro Urso ou o Principe Natureza, artistas estrangeiros que aportavam ao Rio, polemicas pela seção-livre do "Jornal do Comercio" — toda a historia da Côrte se desenhava ali, rezando as alegorias e os subentendidos por forma muito entradiça olhos a dentro. Um ministerio abolicionista em certo lance: é a "barca do estado" tripulada pelos ministros e singrando em mar revolto; um ferra as velas; o Presidente do Conselho firma o leme; á prôa emergem ameaçadoramente os classicos rochedos de Scila e Caribdes, com as feições duras de Andrade Figueira e o Conselheiro Paulino, os proceres da escravidão. O país comprendia sem esforço e gostava.

Pelo entrudo, treguas á politica; a *Revista* dava-se inteira ao Carnaval — e eram prestitos interminaveis a colear-lhe d'alto a baixo das paginas, combates de laranjinha de cheiro, familias de pretos encartolados de rumo á rua do Ouvidor sob a risota espremida das meninas janeleiras.

Disso resultou termos na coleção da *Revista Ilustrada* um documento historico retrospectivo cujo valor sempre crescerá com o tempo — tal qual aconteceu com os desenhos de Debret e Rugendas. A boa acolhida da folha de Agostini provocou o nascimento de novas, sem que nenhuma conseguisse vingar. Entre elas citaremos o *Besouro,* onde Bordalo Pinheiro tentou rastrear sendas ineditas, implantando aqui a caricatura a pena em moda no Velho Mundo. Não pegou. O povo, muito afeito ao esfuminho de Angelo Agostini, não compreendia outra forma de desenho. O *Besouro* morreu de inanição.

Entre a *Revista* e o *Besouro* reinou boa camaradagem no começo; andaram mesmo ás beijocas; depois brigaram, arregaçaram as mangas e mutuamente se quebraram as caras — nos desenhos. O fim dessa luta merece citação. Bordalo figurou a *Revista* como um relissimo engraxate de calças pelas canelas e, depois de muito esmoe-lo, pintou-se, a ele Bordalo, de vassoura em punho, varrendo com o engraxate, mais a caixa e as escovas, para fora do papel. "Á margem, por indecente e sujo!" era a legenda.

No numero seguinte da *Revista* Agostini revidou com muita felicidade: "Obrigado, *Besouro.* Sabemos reconhecer que as margens são o unico lugar limpo dessa folha".

Estas polemicas deliciavam as fazendas, do chefe da familia á petizada. Era de ver o magote de guris em redor

Digitized by Google

da folha desdobrada no assoalho, á noite, á luz do lampeão de querozene, o mais taludote explicando a um crioulinho, filho da mucama, como é que o Zé Caipora escapou das unhas da onça.

E nessa vida feliz, sempre amimada pela opinião publica, foi vivendo a *Revista Ilustrada* até que com o advento da Republica faleceu. Agostini ainda tentou mais tarde ressurgir no *D. Quixote;* mas ou porque já estivesse com a veia esgotada ou porque a intolerancia dos governos marechalicios lhe tirasse a liberdade, *D. Quixote* viveu o que vivem hoje as nossas revistas de piqueniques. E no campo deserto ninguem apareceu a tomar o lapis.

Os começos da Republica foram horrivelmente agitados e mashorqueiros. Era militarismo com todas as suas incompreensões e brutalidades. Por fim o equilibrio civil foi voltando e a caricatura começou mais uma vez a ensaiar as asas. A litografia já tinha saido da moda, substituida pelos novos processos da gravura foto-mecanica, e pipocaram tentativas de folhas humoristicas, todas muito precarias. Morrem e ressuscitam. Insistem. Teimam. Procuram interessar o publico indiferente e inculto. Os desenhos são ingenuos e destituidos de qualquer valor; em geral dois bonecos um defronte de outro e em baixo um dialogo, tão adequado aos dois figurões como a outros quaisquer. Por fim aparecem Calixto e Raul.

Vemo-los prestar o concurso de seus lapis a todas as tentativas de periodicismo humoristico, e a eles cabe a façanha do nosso Renascimentozinho caricaturesco, bem como a paternidade indireta, por sugestão e exemplo, dos caricaturistas que aparecem daí por diante. Das folhas por eles lançadas ou em que colaboraram, a maioria faliu; uma delas, *O Malho,* vingou e prosperou. Para isso teve de fazer-se profundamente popular.

Os desenhos do velho *O Malho* resumiam-se em grupos de politicos evidentes com um dialogo em calão em baixo. Pinheiro Machado, Antonio de Azeredo, Nilo Peçanha e Pires Ferreira aparecem de corpo inteiro, uns diante dos outros, sempre de perfil. "Então, sêo Pinheiro, desta vez a coisa vai!" — "Se' vai! Ou vai ou racha!" — "Não fosse você machado..." — "Não brinca, meneno, olha lá!"

Esta maravilhosa invenção trouxe para a revista os tostões de todos os guarda-freios da Central, todos os chefes-de-

Digitized by Google

linha, todos os estivadores, carroceiros, motoristas ou porteiros ligados a algum paredro pelo fio do voto.

Outro recurso não menos engenhoso foi o cultivo da amizade de todas as bandas de musica, gremios disto ou daquilo, sociedades recreativas, irmandades da opa — todos os grupos associados em torno duma ideia ou de um perú, com o fim de propaga-la ou comê-lo, eternizando-se em seguida fotograficamente. *O Malho* publicava essas fotografias. Eram os meios indiretos de sustentar a vida de um pouco de caricatura. Esse congregar amigos pelo país inteiro á custa de publicar-lhes a tromba, sublinhando-as com um elogio, tem algo de genio.

"Vinde a mim, garçons de hotel de Pião Arcado e Bebedeouro, estafetas, caixeirinhos, irmãos de S. Benedito, guarda-chaves, motoristas, todos que soletrais e colheis os primeiros frutos da escola publica republicana; ajudai-me a viver que vos divertirei na altura do vosso gosto. As camadas altas assinam *L'Illustration* e riem pelo *Fantasio*. Nada a esperar delas. Vinde a mim, protegei-me que em troca vos darei historias do Chantecler (Pinheiro Machado), retratos do Antonio Silvino e desenhos dos nossos caricaturistas. E se hoje vemos prosperar um Voltolino, um Raul, um Yantok e esse J. Carlos que encheu toda uma epoca e pôs a arte da caricatura no Brasil a par da dos velhos paises civilizados, devemo-lo á grande ideia de satisfazer as ingenuidades esteticas do povileu.

Mas ha uma coisa que impede o crescimento e a plena floração da arvore da nossa caricatura: a restrição cada vez maior da liberdade de critica ao governo. E sem liberdade da mais ampla a caricatura fenece como a graminea que tem sobre si um tijolo. Perde a clorofila. Descora.

Dá um esparguinho branco...

Das *"Ideias de Jéca Tatú"* — 1915

Digitized by Google

7.ª PARTE

AVULSOS

Quem é esse Kipling? — Machado de Assis — "Quero ajudar o Brasil" — O cabeça chata — Prefacio de "Eramos Seis" — Jesting Pilate

Digitized by Google

Digitized by Google

Quem é esse Kipling?

Nós, no Brasil, sempre vivemos de tal maneira no mundo da lua que só agora a nossa gente está a conhecer Rudyard Kipling, um dos tres ou quatro escritores realmente grandes da atualidade. E a conhece-lo por uma pontinha, porque o unico livro de Kipling aqui traduzido e publicado — *Mowglie, o Menino Lobo* — constitue metade da materia de uma das suas obras — *The Jungle Book*, o Livro da Floresta. E, no entanto, já está ele velho em anos vividos, e mais velho ainda dentro da sua notoriedade universal de gloria indisputada.

Ha bem pouco tempo só quem conhecia alguma outra lingua podia entre nós por-se em contato com a universalidade — e para isso veiu a furia de absorver francês na classe que chamamos alta, ou que se chama a si propria alta. Essa gente escapou de um mal: muramento em vida dentro de uma lingua pauperrima de literatura e para a qual, de tudo quanto a humanidade produziu, desde Lucrecio até Henry Mencken, só foram vertidos uns trabucos lacrimogeneos de Escrich e aquela galopada sem fim, para ganhar dinheiro, de Dumas. Escapou de um muramento para cair noutro: murou-se no francês. O fascinio da França foi tão forte nessas almas simples, que não conseguiram ir alem. Pararam em Paris e, afim de justificar a parada, encamparam a serio, botocudamente, a altissima ideia que o francês faz de si proprio, do seu "esprit", da sua comida, das suas francezinhas de bem fazer a quem lhas paga, da sua civilização "faisandée", da sua "grivoiserie" eterna, etc., etc. E tivemos por cá essa geração, ou essas compridas gerações de basbaques mais realistas lo que o rei — mais franceses que o francês, negadores do esto do mundo por amor da França "et le reste".

O mundo continuou seu caminho, mau grado a nossa negação — e se em represalia não fomos tambem negados é que

Digitized by Google

o mundo desconhece a nossa existencia. Surgiram enormes vultos nas varias literaturas que pelo mundo vicejam — como esse Kipling na Inglaterra, como Eugene O'Neil e Mencken na America, como Joseph Conrad... no mar, como toda uma pleiade na Russia — e nós a deles só termos noticias unicamente pelo francês, a lambisca-los unicamente através das diluidas traduções francesas, sempre muito orgulhosos do nosso "bras dessus bras dessous" com a gente galica. Engalicamo-nos assim até á medula. Mantivemo-nos com o maximo heroismo na atitude do cachorrinho que segue orgulhosamente sacudindo a cauda atrás de um viandante, certo de que é ele quem move o mundo.

A Editora Nacional rompeu com o mito. Começou a dar livros de autores outros que não os franceses, e nessa literatura o povo, com certo espanto, começou a ver que o mundo não é apenas bordel ou alcova, com uma sempre a mesma historinha de "lui, elle et l'autre". Que ha descampados e florestas imensas, montanhas e planuras de neve, tigres e panteras e elefantes. Que ha perspectivas, em suma, e ar livre. E que ha almas panicas (de Pan, o deus das pastagens, das florestas, dos pastores, de todos que lutam ao ar livre).

Panico. Detenhamo-nos um momento nesta palavra, hoje com algum uso por aqui. O suavissimo Candido de Figueiredo, pobre homem que nos envenena as origens, insinuando-nos difinições idiotas através do seu dicionario, diz que panico é "o que assusta sem motivo: terror infundado".

Mentira, asneira. Asneira, como tudo quanto esse dicionario diz. Primacialmente, panico significa, como define Webster, emoção contagiosa como a que era suposta produzir-se pela aproximação do deus Pan.

Em face do desconhecido, do inexplicavel da natureza, das ameaças ocultas no sombrio da floresta, do escachôo das grandes quedas de agua, do rugir das feras, o homem sente essa emoção contagiosa chamada panico. É Pan que se aproxima, é alguma montaria de Pan, é um elemento, uma força qualquer das com que Pan brinca — e a emoção panica surge, sempre com a sua caraterística de contagiosa.

Diante dos misterios da natureza, Kipling sente essa emoção panica, fixa-a com os recursos artisticos do seu estilo e faz que elas contagiem o leitor. Reside nisso o seu genio.

O cenario de Kipling é quasi sempre a India, como o de Jack London, outra alma panica, é quasi sempre a gelida

Digitized by Google

"wilderness" artica. Seus personagens nunca são os personagens franceses — um macho que caça uma femea pertencente a um terceiro e num hotel exercita uma função fisiologica que o deixa desapontado e de crista caida. É o tigre crudelissimo e covarde — Shere Khan; é a pantera negra de movimentos elasticos — Bagheera; é a tribu dos Bandar-log, que nas ruinas de uma cidade morta, engulida pela jangal, brinca de cidade, como nós aqui, bandarloguissimamente, brincamos. de país; é a serpente das rochas, Kaa, magnifica de velhice e arte; é Jacala, o Mugger do Mugger-Ghaut, velho crocodilo comedor de coolies; é Purun Bhagat, o Primeiro Ministro de um principado indiano que se fez santo e gastou meia vida num pincaro do Himalaia, meditando sobre o grande Milagre da Vida; é Quiquern, o cachorrinho do esquimau Kotuko; é Dick Heldar, genio artistico vitimado pela inferioridade egoistica de uma tal Maisie — a Mulher; é Kim, o menino que cavalgava canhões...

Kipling é a vida, a Natureza, o Ar Livre, a Fera, a India inteira, como Joseph Conrad é o Mar com todos os peixes e tempestades. Pan, em suas infinitas modalidades, o surpreende e assusta, e Kipling anota esses sustos e os põe em composição artistica para que tambem os leitores o sintam e se assustem panicamente.

Candido de Figueiredo diz candidamente que panico é medo sem motivo. Eu queria mete-lo no caminho dos Dholes, os Cães Vermelhos do Dekkan em razzia depredatoria pelos dominios de Mowglie — para ver se os figos do figueiral desse homem não se arrebentavam todos e se ele não rasgaria imediatamente aquela pagina do seu dicionario. O medo causado por um avanço de Dholes é para ele medo sem motivo...

Cada conto de Kipling é uma obra prima que vale toda a clorotica literatura francesa atual. Tomemos "The Undertakers", que poderiamos traduzir como os Necrofagos. Tres personagens só — Jacala, o velho mugger (crocodilo da India), o Chacal e o Adjudant-crane. Este Adjudant é uma especie de Grou, coisa parecida com o nosso Jaburú de bicanca tucanal, mas reta.

Encontram-se ao pé de uma ponte e conversam. O Chacal, miserabilissimo e sempre faminto, lamuria e bajula o mugger, de cujos restos vive. Chama-lhe Protetor dos Pobres, Orgulho do Rio e outras coisas que os nossos chacais de dois pés costumam dizer dos muggers que viram governo.

Digitized by Google

Toda a psicologia do lambujeiro, do fraco, do covarde, do miseravel, estampa-se nos gestos e palavras desse animalzinho no qual Kipling, talvez sem intenção, pinta o bajulador humano. Nas atitudes e palavras do Grou estampa-se a esperteza do "aproveitador". Dá ideia de um tabelião de roça que faz politica e rói verbas da Camara. Já o mugger, conscio da sua força, reproduz exatamente a psiché dos nossos grandes homens, isto é, dos homens que galgam posições e pelo simples fato de se verem lá em cima, com a faca e o queijo na mão, julgam-se não só onipotentes como oniscientes. "Eu penso assim. É assim. Eu, eu, eu..."

O Mugger do Mugger-Ghaut era, do focinho á cauda, todo eus — todo ele — e o Chacal batia no peito, concordando até com o que o crocodilo não dizia.

Nessa conversa dos tres necrofagos, o mugger rememora ou, melhor, conta a historia de um dos mais terriveis dramas da colonização dos ingleses na India, o Indian Mutiny, no qual se ergueram para o massacre em massa dos ingleses todas as tropas Sipoys do exercito anglo-indigena.

Como a conta? Conta como podia conta-la. Um crocodilo dos rios só pode ter conhecimento de uma guerra pelos cadaveres que boiam nas aguas e ao sabor da corrente vão derivando rumo ao mar. Jacala teve noticia, pelo seu primo o Gavial, comedor só de peixes, de que as aguas do Gunga — o Ganges — "estavam muito ricas" — e rumou para lá. De fato, encontrou-as riquissimas, tantos eram os cadaveres de ingleses que passavam boiantes. Jacala engordou como nunca em sua vida e muito apreciou o fato dos "cara-brancas" não usarem as pesadas joias que usam os nativos. Joias pesadas fazem mal até a estomagos de crocodilo. Fartou-se e refartou-se do solido beef britanico.

Depois houve um arrefecimento na procissão de cadaveres. As aguas começavam a empobrecer-se. Por pouco tempo, aliás. Novas ondadas de corpos recomeçaram a derivar — mas desta vez cadaveres de nativos. Era a repressão, era o inglês já a dominar o motim e a massacrar a carne indiana a tiros de canhão.

É preciso parar. Quem se mete a falar de Kipling esquece-se de que o mundo tem mais o que fazer e espicha-se como

Digitized by Google

se estivesse a escrever livro. Kipling é a vida, é a Natureza — e a Natureza sempre foi muito comprida.

Demos Kipling, e autores que tais, ao nosso pobre povo, até aqui envenenado por romancistas de alcova francesa e por dicionaristas como o tal do medo sem motivo. Demos-lhe escritores panicos — porque só eles sabem a Vida e só suas obras contagiam os leitores com a mais alta das emoções — a Emoção Panica...

Digitized by Google

Machado de Assis

A 21 de junho do ano da graça de 1839, reinando no Brasil a jovem majestade de D. Pedro II, nascia no Rio de Janeiro, de pais pobres, uma criança de sangue misturado. Tres quilos de carne humilima, pigmentada, nevrotica — mas que misteriosamente evoluiriam presididos por musas e filosofos, na predestinação de dar ao mundo Alguem.

Les petites marionettes
Font, font, font,
Trois petits tours
Et puis s'en vont.

Emergem do oceano do "Unde", dão tres voltinhas e submergem-se no oceano do "Inde". Emergem as marionettes aos milhões, e aos milhões se submergem. Folhas da arvore da vida. As folhas passam, leva-as o vento — só a arvore parece eterna. Marionettes, marionettes — brancas, pretas, amarelas, côr de cobre, de olhos azues ou negros, de cabelos encaracolados ou lisos. Surgem carne sensivel apenas, rãzinhas nuas e inermes, que choram e mamam, e exigem das mães prodigios de amor para lhes assegurar uma sobrevivencia que qualquer filhote de inseto alcança sem o ajutorio de ninguem. Crescem, "font trois petits tours et puis s'en vont" — desintegram-se na crise da morte, desaparecendo do plano fisico.

Nem todas se somem, entretanto. Nalgumas de exceção, por influxo de causas misteriosas uma coisa imponderavel e inanalisavel se desenvolve, a que chamamos inteligencia criadora, esse algo que aumenta a natureza por meio de contribuições não previstas pela Mater Suprema: que a aumenta com as obras do pensamento artistico. Do pensamento. Todas as marionettes pensam. Sua função ultima é pensar, mas pouquissimas — uma em milhares — pensam construtivamente e de modo a darem ao mundo flores novas.

Muitas dessas flores vieram da Grecia antiga — e nenhuma da moderna. Outras nasceram em Roma. No marasmo

Digitized by Google

medieval o clarão das fogueiras iluminou uma orquidea preciosa — Erasmo. A liberdade moderna fez que desabrochassem muitas. Essas flores, filhas do pensamento, penetram na historia simbolizadas pelas poucas letras de um nome. Dizemos Homero, dizemos Horacio, dizemos François Villon — iremos dizer Machado de Assis. Nomes. Nomes das orquideas raras que floriram no caudal sem fim das "marionettes qui font, font, font, trois petits tours et puis s'en vont".

Ninguem as adivinha ao nascedouro. Todas nascem a mesma coisa — tres quilos de carne que mama e chora. As que vingam sobreviver transformam-se em seres astuciosos e tontos — os adultos — cheios de defeitos ou tortuosidades adaptativas, deformados pela terrivel premencia de serem forçados a viver na multidão sob o regime darwinico da luta, a parasitarem-se uns aos outros, a escravizarem-se uns aos outros ou ás ideologias que se vão formando — religiões, estados, morais. E morrem de mil maneiras, de mil molestias, apagando-se da memoria coletiva da maneira mais absoluta.

Que ideia, que lembrança, temos hoje dos milhões de criaturas que deram suas tres voltinhas durante o grande seculo de Pericles?

No dia acima citado, de junho de 1839, nasceu no Rio de Janeiro a humilima criança que ia dar ao pedaço de mundo chamado Brasil o maior nome da sua literatura, isto é, a mais bela orquidea de pensamento jamais desabrochada nesse setor das Americas.

Joaquim Maria Machado de Assis. Um "pardinho". Era com este nome que as orgulhosas marionettes de tez branca denominavam pejorativamente os filhotes das marionettes de pele pigmentada. A pele pigmentada estava em desfavor, por ser caracteristica dos homens primitivos que os brancos caçavam nos kraals africanos, para mete-los no trabalho durissimo da cana de açucar ou do café. Negros. O negro misturado com o branco dava o pardo.

Joaquim Maria veio ao mundo misturado. E pobre, pauperrimo, humilimo. Um zero. O mais absoluto dos zeros. Perfeito nada social.

Mas recebera a marca divina. Iria subir sempre. Talvez que o Destino o fizesse nascer no degrau ultimo justamente para que a sua ascenção fosse completa e ele pudesse ter a intuição perfeita de tudo. Quem nasce em degrau do meio só adquire experiencia daí para cima — e jamais será um completo.

Digitized by Google

E o moleque Machadinho foi crescendo na rua, e foi subindo o morro social. E foi estudando como e onde podia, ao acaso dos encontros e dos livros, sem mestres, sem protetores, apenas guiado pelas forças internas. E vendeu balas em taboleiros, e ajudou missas como coroinha, e fez-se tipografo — meio de ainda no trabalho manual ir aperfeiçoando a sua cultura nascente. Aproxima-se dos letrados, ouve-os com respeito, assimila o que pode, observa-os, classifica-os. Aprender, foi a sua primeira paixão, e vai aprendendo sobretudo a observar o jogo das marionettes entre si, na eterna luta miudinha da vida — a enganarem-se mutuamente, a pensar uma coisa e dizer outra, a fingir, a mentir em beneficio proprio, a enfeitar os "trois petits tours" de todas as engenhosas truanices que a luta impõe.

Machado sóbe sempre. Começa a escrever, isto é, a lançar no papel as suas ainda informes reações mentais. Mostra-se desde o começo extremamente cauteloso. Não inova. Não destroi. O senso da justa medida será sempre o eixo perfeitamente calibrado de sua existencia e da sua estetica.

Sobe. Firma o lado economico da vida acarrapatando-se ao Estado. Compreende bem cedo que no Brasil só como funcionario publico teria o sossego da ausencia de cuidados materiais, propicio á realização do seu sonho instintivo — perpetuar-se sob a forma de um nome. Mas admitiria ele, em seus devaneios de moço, que o seu nome iria no Brasil ser o maior de todos, o unico inacessivel á lima do tempo?

E no entanto o Destino marcara-o para isso. Machado de Assis é o grande nome do Brasil, tão grande que ficou em situação de absoluto destaque, acima até da meteorica rutilancia de Ruy Barbosa. Imenso genio que este era, faltou-lhe o dom da criatividade artistica para ascender ao degrau supremo da escada, lá onde Machado de Assis se assentou sozinho.

Talvez o mais luminoso espirito da critica no Brasil, uma mulher, Lucia Miguel-Pereira, publicou sobre ele, ha tres anos, um livro. Trezentas e quarenta paginas espelhantes. A mais alta realização indigena em materia de analise literaria — uma lição da mulher aos homens. Não ha estudo biografico menos enriquecido de anedotas, menos policial, menos sensacionalista — nem mais empolgante.

Para abordar o perigoso tema, Lucia Miguel-Pereira deixa-se ficar no estado d'alma de Thoreau diante da placidez de Walden Pond. Situa-se diante da misteriosa logoa hu-

Digitized by Google

mana que foi Machado de Assis e com extrema simplicidade conta as reações que a contemplação do placido misterio lhe causa. E o leitor sai do livro com a sensação fisica do biografado.

Entre as obras de Machado de Assis cumpre acrescentar mais esta: a biografia que ele determinou.

Machado de Assis na sua ascenção ao Perfeito parte do quasi enfadonho. O medo de inovar, de exceder-se, de dizer demais, tira qualquer interesse aos seus primeiros romances — mas o leitor enfadado sente que ha ali uma inapreensivel superioridade. Talvez a da lingua, que começa a produzir efeitos novos. De uma plasticina pobre, como é a lingua portuguesa, começam a brotar surpreendentes finuras — e ficamos sabendo que a riqueza de uma lingua não vem da sua opulencia vocabular. Pobre tambem é argila, que dá toscas panelas nas mãos do oleiro ou dá o Perseu nas de Benvenuto Cellini. Por fim a grande revelação veio: não ha lingua pobre, não ha argila pobre, para um grande artista. Ha artistas pobres. Ha artistas tão miseravelmente pobres que só sabem escrever jogando com toda a riqueza vocabular da lingua. "Fizeste-la rica porque não pudeste faze-la bela", disse Zeuxis ao discipulo que pintara uma Venus excessivamente enfeitada.

Machado de Assis ensinou o Brasil a escrever com limpeza, tato, finura, limpidez. Criou o estilo lavado de todas as douradas pulgas do gongorismo, do exagero, da adjetivação tropical, do derramado, da enxundia, da folharada intensa que esconde o tronco e o engalhamento da arvore.

Antes dele havia grandes mestres que começavam contos assim: "O pegureiro tangia o armento para o aprisco". Era o lindo, o extasiante, a beleza de espernear. Machado de Assis provou que isso é o idiotamente feio. Como o provou? Fazendo o contrario. Escrevendo: "O negro tocava o gado para o curral".

Machado de Assis expulsou do estilo todas as falsidades. Expulsou até o patriotismo e a grotesca brasilidade — essa intromissão da politica de "terroir" na arte. Foi contemporaneo de casos de superidiotia, em que poetas de nome falavam em "ceu brasileiramente azul", ou, se era homem de mais latitude, em "ceu americanamente azul". Para Machado de Assis um ceu azul é simplesmente, e sempre, um ceu azul — só.

Digitized by Google

Ensinou-nos a escrever tão bem, dando-nos uma serie de obras tão perfeitas de equilibrio e justa medida, que "abafou a banca", como diria um meu amigo analfabeto, impenitente jogador de roleta. E não só a abafou no Brasil, como ainda em Portugal. Nem o proprio Eça de Queiroz, o talento mais rico em arte que Portugal produziu, chega á perfeição de Machado. Em Eça ha "elegancias", maneirismos, atitudes — deliciosas atitudes, mas que o impediram de planar nas regiões serenissimas do estilo de Machado de Assis.

Os contos de Machado de Assis! Onde mais perfeitos de forma e mais requintados de ideia e mais largos de filosofia? Onde mais gerais, mais humanos dentro do local, do individual? Temos de correr á França para em Anatole France encontrarmos um seu irmão. Este, entretanto, desabrolhou no mais propicio dos canteiros — amimado por uma alta civilização, estimulado por todos os premios, rodeado de todos os requintes do conforto e da arte. Já o pobre Machado de Assis só teve como ambiente um sordido Rio colonial, e premio nenhum afóra a sua aprovação intima, e parquissima renda mensal para a subsistencia; e como leitores, nada do mundo inteiro, que era o leitor de Anatole — mas apenas meia duzia de amigos. O preço pelo qual vendeu ao editor Garnier a propriedade literaria de toda a sua obra — oito contos de réis, 500$000 cada livro — mostra bem claro a extrema redução do seu circulo de leitores.

Mesmo assim, cercado por todas as limitações, foi de sua pena que saiu a primeira obra prima da literatura brasileira, essas *Memorias Postumas de Braz Cubas,* livro que um dia o mundo lerá com surpresa. "Será possivel que isto surgisse num país *in fieri,* lá pelos fundões das Americas?" dirão todos.

E deu-nos depois *Dom Casmurro,* o romance perfeito; e *Essaú e Jacó* e *Quincas Borba* e finalmente *Memorial de Aires,* obra em que estiliza e romanceia o nada — o nada de uma velhice — da sua velhice de quasi 70 anos.

Entremeio aos romances foi produzindo contos — e que contos! Que maravilhosos contos, diferentes de tudo quanto se fez no Brasil ou na America! Contos sem truques, sem "machine", sem paisagem de enchimento, tudo só desenho do mais cuidado, como os de Ingres. Tipos e mais tipos, almas e mais almas — uma procissão imensa de figuras mais vivas do que os proprios modelos. E em que estilo, com que pureza de linguagem!

Digitized by Google

A literatura brasileira é pobre de altos valores. Muita gente na canoa, muito livro, muito papel impresso, muita vaidade e, modernamente, muito cabotinismo. Mas está redimida de todos esses defeitos pela apresentação de uma obra de solidez eterna, tão duradoura como a lingua em que foi vasada.

"Missa do Galo", "Uns Braços", "Conto Alexandrino", "Capitulo dos Chapeus", "Anedota Pecuniaria" — é dificil escolher entre os contos machadianos, porque são todos agua da mesma fonte. Ah, se a lingua portuguesa não fosse um idioma clandestino...

Antes de escrever estas linhas reli varias obras de Machado de Assis — e só por já me haver comprometido com *La Prensa* é que me animei a dizer sobre ele, tão pequenino, tão insignificante, tão miseravel me senti. E envergonhei-me de juizos anteriores em que, por snobismo ou bobagem, me atrevi a fazer restrições ironicas sobre tamanha obra. E se não desisti da incumbencia foi por me proporcionar ensejo de penitenciação em publico. Porque, francamente, acho grotesco que na atualidade brasileira alguem ouse falar de Machado de Assis conservando o chapeu na cabeça. Nossa atitude tem de ser a da mais absoluta e reverente humildade. Quem duvidar, releia o "Conto Alexandrino" ou "Missa do Galo". Somos todos uns bobinhos diante de você, Machado...

A cautela desconfiada com que o Machado de Assis social viveu no meio carioca permitiu-lhe o maximo de felicidade possivel no seu caso — um caso dificil, de extrema superioridade mental aliada a extrema sensibilidade de um orgulho sem licença de manifestar-se em vista do tom da pele e do cargo incolor que ocupava na administração. Quantos ministros orgulhosos e ocos não foram seus superiores legais e sociais — a ele que, por natureza, era o mais alto do Brasil? A vassoura do esquecimento já varreu para a lata do lixo o nome de todos esses magnatas, de todos esses seus "superiores"; mas o nome de Machado de Assis continua em ascenção.

Havia nele um curioso gregarismo. Sempre gostou de gremios, sociedades literarias; chegou até a fundar uma academia de "imortais" da qual foi o presidente e se tornou o unico imortal sem aspas. A explicação disso talvez fosse a sua ingenita necessidade de observar o "jogo das marionettes"; agremiando-as em torno de qualquer tolice humana, tinha-as comodamente á mão para o estudo, como o anato-

Digitized by Google

mista tem em seu laboratorio reservas de coelhos, cães e macacos em gaiolas, para uso experimental.

A filosofia de Machado foi mansamente triste. Estudou demais as cobaias, conheceu demais a alma humana. Filosofia sem revolta, calmamente resignada. A conclusão ultima aparece em Braz Cubas, o heroi da vulgaridade satisfeita que termina as memorias postumas com um balanço em sua vida terrena. Balanço com saldo. Que saldo? "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miseria".

Saldo equivalente apresentou a vida de Machado de Assis. Não teve filhos. Não legou a criatura alguma os seus pigmentos, a sua gagueira, a sua tara epiletica, o seu desencantamento das marionettes — já que não poderia legar-lhe tambem o seu genio. E não houve em sua vida ato de maior generosidade. Que coisa terrivel para uma criatura qualquer, ainda que de mediana sensibilidade, conduzir pela vida afóra a carga tremenda de ser filho de Machado de Assis!

— Sabe quem é aquele corvo triste que vai saindo daquela repartição?

— Aquele corcovado, moreno, careteante?

— Sim. Pois é o filho de Machado de Assis...

Estamos a ver o ar de apiedada compunção que se estamparia no rosto do informado.

A natureza só permite aos genios uma filha: sua obra. Machado de Assis compreendeu-o como ninguem e depois de dar ao mundo a mais bela das filhas afastou-se do tumulto sozinho, cabisbaixo, na tranquilidade dos que cumprem uma alta missão e não deixam atrás de si nenhuma sombra dolorosa.

1839.

"La Prensa"

Digitized by Google

"Quero ajudar o Brasil..."

Já contei este caso. Vou conta-lo de novo. Hei de conta-lo toda a vida, porque é um grande conforto d'alma. E' a coisa mais bonita que ainda vi.

Foi no começo de nossa tremenda campanha pró-petroleo. Havianos com Oliveira Filho e Pereira de Queiroz, lançado a Companhia Petroleos do Brasil — em que ambiente, santo Deus! Tudo contra. Todos contra. O governo, contra. Os homens de dinheiro, contra. Os bancos, contra. A "sensatez", contra.

Cepticismo absoluto em todas as camadas. Uma guerra surda por baixo, subterranea, que naquele tempo não sabiamos donde emanava. Guerra de difamação ao ouvido — a peor de todas. As coisas ditas em voz alta não causam efeito; ao ouvido, sim.

— "Fulano é um "scroc".

Enunciado assim ao natural, não impressiona a ninguem, tanto andamos afeitos a ouvir acusações dessas. Mas a mesma frase dita muito em reserva, ao ouvido, com a mão em tapasom, "para que ninguem mais ouça", cala fundo, faz-se imediatamente crida — e quem a recebe corre a propaga-la como dogma.

A guerra contra os promotores da nova companhia era assim: de ouvido em ouvido, as mãos sempre em tapa-som — *para que ninguem mais ouvisse o que era preciso que todos soubessem.* A calunia é a rainha da tecnica.

Nos seus manifestos os incorporadores haviam sido em extremo leais. Admitiam a possibilidade de fracasso, com perda total do capital empatado. Pela primeira vez na vida comercial deste país se propunha ao publico um negocio com admissão das duas faces: vitoria esplendida, em caso do encontro de petroleo, ou perda total dos dinheiros invertidos, no caso reverso. Esta franqueza impressionou. Inumeros subscritores vieram arrastados por ela.

— Vou tomar tantas ações só por terem os senhores mencionado a hipotese de perda total dos dinheiros. Isso me con-

Digitized by Google

venceu de que se trata de negocio sério. Os negocios não-sérios só acenam com lucros, jamais com possibilidades de perda".

A lealdade dos incorporadores foi vencendo o publico miudo. Só aparecia no escritorio gente simples, tentada pelas vantagens tremendas do negocio em caso de sucesso. O raciocinio de todos era o mesmo de na compra dum bilhete das grandes loterias do Natal.

Os incorporadores levaram o escrupulo a ponto de lembrar a cada novo subscritor que aparecia a hipotese da perda total do dinheiro.

— Sabe que corre o risco de perder o seu cobre? Sabe que se não tocarmos em petroleo o fracasso da empresa será completo?

— "Sei. Li o manifesto.

— "Mesmo assim subscreve?

— "Mesmo assim.

— "Então assine.

E desse modo iam sendo as ações absorvidas pelo publico.

Certo dia entrou-nos pela sala um preto modestamente vestido, de ar humilde. Recado de alguem, certamente.

— "Que deseja?

— "Quero tomar umas ações.

— "Para quem?

— "Para mim mesmo.

Oh! O fato surpreendeu-nos. Aquele homem tão humilde a querer comprar ações. E logo no plural. Quereria duas, com certeza, uma para si, outra para a mulher. Isso importaria em duzentos mil réis, quantia que já pesa num orçamento de pobre. Quantos sacrificios não teria de fazer o casal para pôr de lado duzentos mil réis ratinhados ao salario miseravel? Para um ricaço tal quantia corresponde a um niquel; para um operario é uma fortuna, é um capital. Os salarios no Brasil são a miseria que sabemos.

Repetimos ao extraordinario preto a cantiga de sempre.

— "Sabe que ha mil dificuldades neste negocio e que corremos o risco de perder a partida, com destruição de todo o capital empatado?

— "Sei.

— "E mesmo assim quer tomar ações?

Digitized by Google

— "Quero.

— "Está bem. Mas se houver fracasso não se queixe de nós. Estamos a avisa-lo com toda a lealdade. Quantas ações quer? Duas?

— "Quero trinta.

Arregalamos os olhos e, duvidando dos nossos ouvidos, repetimos a pergunta.

— "Trinta, sim, confirmou o preto.

Entreolhamo-nos. O homem devia estar louco. Tomar trinta ações, empatar tres contos de réis num negocio em que a gente mais endinheirada não se atrevia a ir além de algumas centenas de mil réis, era evidentemente loucura. Só se aquele homem de pele preta estava escondendo o leite — se era rico, muito rico. Na America existem negros riquissimos, até milionarios; mas no Brasil não ha negros ricos. Teria aquele, por acaso, ganho algum pacote na loteria?

— "Você é rico, homem?

— "Não. Tudo quanto tenho são estes tres contos, que juntei na Caixa Economica. Sou empregado na Sorocabana ha muitos anos. Fui juntando de pouquinho em pouquinho. Hoje tenho tres contos.

— "E quer pôr tudo num negocio que pode falhar?

— "Quero.

Entreolhamo-nos de novo, incomodados. Aquele raio de negro nos atrapalhava seriamente. Forçava-nos a uma inversão de papeis. Em vez de acentuarmos as probabilidades felizes do negocio, passamos a acentuar as infelizes. Enfileiramos todos os contras. Quem nos ouvisse, jamais suporia estar diante de incorporadores duma empresa que pede dinheiro ao publico — mas de difamadores dessa empresa. Chegamos a afirmar que pessoalmente não tinhamos muitas esperanças de vitoria.

— "Não faz mal, respondeu o preto na sua voz inalteravelmente serena.

— "Faz, sim! insistimos. Jamais nos perdoariamos se fossemos os causadores da perda total das reservas duma vida inteira. Se quer mesmo arriscar, tome duas ações só. Ou tres. Trinta é demais. Não é negocio. Ninguem põe tudo quanto possue num cesto só, e muito menos num cesto incertissimo como este. Tome tres.

— "Não. Quero trinta.

Digitized by Google

— "Mas por que, homem de Deus? indagamos, ansiosos por descobrir o segredo daquela decisão inabalavel. Seria a cobiça? Crença de que com trinta ações ficaria milionario em caso de jorrar o petroleo?

— "Venha cá. Abra o seu coração. Diga tudo. Qual o verdadeiro motivo de você, um homem humilde, que só tem tres contos de reis, insistir desta maneira em jogar tudo neste negocio? Ambição? Pensa que póde ficar um Matarazzo?

— "Não. Não sou ambicioso, respondeu ele serenamente. Nunca sonhei em ficar rico.

— "Então por que é, homem de Deus?

— "E' que eu quero ajudar o Brasil..."

Derrubei a caneta debaixo da mesa e levei uma porção de tempo a procura-la. Maneco Lopes fez o mesmo, e foi em baixo da mesa que nos entreolhamos, com caras que diziam: "Que caso, hein?" Em certas ocasiões só mesmo derrubando uma caneta e custando a acha-la, porque ha umas tais glandulas que nos turvam os olhos com umas aguinhas impertinentes...

Nada mais tinhamos a dizer. O humilde negro subscreveu as trintas ações, pagou-as e lá se foi, na sublime serenidade de quem cumpriu um dever de conciencia.

Ficamos a olhar uns para os outros, sem palavras. Que palavras comentariam aquilo? Essa coisa chamada Brasil, que é de vender, que até os ministros vendem, ele queria ajudar... De que brancura deslumbrante nos saira aquele negro! E como são negros certos ministros brancos!

O incidente calou fundo em nossas almas. Cada um de nós jurou lá por dentro levar avante a campanha do petroleo, custasse o que custasse, sofressemos o que sofressemos, houvesse o que houvesse. Tinhamos de nos manter na altura daquele negro.

A campanha do petroleo tem sofrido variados desenvolvimentos. Guerra grande. Luta peito a peito. E se o desanimo não nos vem nunca, é que as palavras do negro ultrabranco não nos saem dos ouvidos. Nos momentos tragicos das derrotas parciais (e têm sido muitas), nos momentos em que os lidadores, no chão, ouvem o juiz contar o tempo do nocaute, aquelas palavras sublimes fazem que todos se ergam antes do DEZ fatal.

— "E' preciso ajudar o Brasil..."

Digitized by Google

Hoje sabemos de tudo. Sabemos das forças invisiveis, externas e internas, que puxam para trás. Sabemos os nomes dos homens. Sabemos da sabotagem sistematica, dos moveis da difamação ao ouvido, do perpetuo dar-para-trás da administração. Isso, entretanto, deixa de ser obstaculo porque é menor que a força haurida nas palavras do negro.

Abençoado negro! Um dia teu nome será revelado. O primeiro poço de petroleo em São Paulo não terá o nome de nenhum ministro nem presidente. Terá o teu. Porque talvez tenham sido tuas palavras a secreta razão da vitoria. Os teus tres contos foram magicos. Amarraram-nos para sempre. Trancaram com pregos a porta da deserção...

1938.

D'"*O Correio Paulistano*"

Digitized by Google

O cabeça chata

Nada mais difícil do que julgar. Quem ouve as razões dos dois lados, vacila em dar sentença. Porque ou dá razão ás duas partes ou não a dá a nenhuma.

A vesguice do regionalismo no Brasil criou o habito de dar sentenças antes de atendidas as razões das partes. Frequentemente ouvimos um nortista dizer que o paulista é isto ou aquilo e viceversa, como ouvimos um gaucho dizer do mineiro isto ou aquilo e viceversa. Mas paulistas, nortistas, gauchos ou mineiros, quando se conhecem, mudam logo de parecer. Percebem o falso dos julgamentos coletivos. Somos, de norte a sul, terrivelmente irmãos, nas qualidades e nos defeitos. E a norte, a sul, a leste e oeste existe a mesma quantidade de gente boa e de gente má.

Depois do fracasso da revolução de 1932, quando S. Paulo foi invadido pelas tropas federais, a exasperação contra os nortistas chegou ao apogeu. O "cabeça-chata!" Com que gosto os paulistas estigmatizavam esses irmãos nordestinos que o governo federal fardara e lançara contra nós! A expressão "cabeça-chata" dizia tudo, principalmente na boca das mulheres, sempre tão habeis na distilação dos venenos verbais.

Lembro-me dum caso melancolicamente triste ao qual denominarei: "O Caso da Dama Paulista e do Cabeça Chata". Coisa vulgar. Simples incidente de rua — mas caso em que o Orgulho teve de baixar os olhos para esconder uma lagrima.

Eu havia tomado um onibus na Praça da Sé e sentara-me no banco fronteiro ao ocupado por duas senhoras — a Dama Paulista e outra. O veiculo seguiu. Na primeira parada entrou um homem moreno, anguloso, recurvo — o tipo classico do nordestino. Veio sentar-se ao meu lado.

A presença daquele homem no mesmo onibus que ela tomara, irritou terrivelmente a orgulhosa dama paulista, e ei-la a desabafar-se nos termos mais crueis.

— "Nem conheço mais a minha terra", começou a dizer a meia voz para a companheira. A gente põe o pé na rua e só vê disso, essas "coisas" que o norte manda para cá, para

Digitized by Google

estragar a cidade. Deus que te marcou, alguma coisa em ti achou. O achatamento da cabeça é marca certa de ruindade" — e foi por aí alem, a rosnar as impertinencias mais ofensivas.

Aquilo incomodou-me. Se o homem perdesse a paciencia e revidasse, tinhamos escandalo e dos peores. Olhei para ele, certo de ve-lo já rubro de colera e em ponto de explosão. Enganei-me. Sua expressão era de calma absoluta, embora um tanto dolorosa. Tinha a cabeça baixa, como quem está absorvido em cismas.

E a dama a dar-lhe.

— "Andam morrendo de fome por lá, e quando caem aqui ficam como os donos da casa. Ai, eu é que queria ser governo, para mostrar como se faz! Expulsava-os todos! É cabeça chata? Então, rua! Isto aqui é nosso. Não pode estar sendo estragado com a presença dessas lacraias..."

Era demais. Se o nortista não se ofendia, eu me ofendi por ele. Embora paulista, a atitude daquela dama estufada de orgulho me envergonhava — e, mais que isso, me exasperava. Deliberei intervir, chama-la á ordem. E, voltando-me bruscamente comecei:

— Minha senhora, permita-me que lhe diga que...

Mas não fui alem. O cabeça-chata me deteve, pondo a mão no meu ombro.

— Não! Não a irrite ainda mais. Ela seria capaz de arrancar-me o olho que resta...

Só então lhe notei o defeito.

— Cego dum olho?

— Sim. Perdi a vista direita num dos combates do Tunel, quando me batia por S. Paulo.

Meus olhos se foram para a dama orgulhosa. Estava muda, de cabeça pendida, procurando qualquer coisa na bolsa entreaberta. O revolver para matar o cabeça-chata? Não. O lencinho...

1937.

Do *"Boletim da U. J. B."*

Digitized by Google

Prefacio de "Eramos Seis",

da Sra. Leandro Dupré

Artur Neves, o arguto *gauleiter* do Departamento Mental da Companhia Editora, disse-me, no ultimo dia em que me plantei diante de sua mesa para o "Que ha de novo?" de todas as semanas:

— Estou querendo que o senhor leia este segundo livro da Sra. Dupré — e com o beiço indicou um maço de provas que estava folheando. Vou manda-lo para sua casa.

— Que é?

— Um romance, mas um romance feito de maneira tão especial e diferente dos outros que a gente fica sem saber o que pensar. Eu o acho otimo. O primeiro livro que ela publicou foi uma surpresa para todos, mas este me parece melhor. Eu queria que o senhor o lesse ainda em provas...

— Artur, Artur, você bem sabe que só consigo ler o que me agrada tremendamente. Como me acha capaz de ingerir essa maçaroca de provas toda borrada de emendas e, ainda mais, livro de mulher? Mulher é só para... fazer doces.

— Tente ler. Experimente.

— Impossivel, Artur. Não tenho tempo, nem gosto, nem vontade, nem interesse, nem animo de ler outra coisa que não seja telegrama de Moscou. Não, não e não. E, alem do mais, ando cansado de *traduzir*...

Artur fez cara de quem não entende.

— Sim. A nossa grande gente nacional escreve dum modo tão requintado, tão sublimado, tão empoleirado, que ler a maioria das coisas existentes se torna um perfeito traduzir — e isso cansa. Olhe — aqui está a reprodução dum artigo de Coelho Neto sobre José do Patrocinio. Eu derrubo este seu lapis vermelho em cima e juro que a ponta marca uma frase que tem de ser "lida traduzidamente".

Digitized by Google

E fiz a prova. Pinguei o lapis em cima do artigo. A ponta marcou isto: *"Pela estrada desciam recuas em chouto, sacolejando ceirões e cofos"*.

— Bem. O artigo trata da ultima visita que Coelho Neto fez a Patrocinio, já quasi moribundo lá numa casinha de Piedade, suburbio do Rio de Janeiro. Ora, quem conhece este país, e o Rio, e os suburbios do Rio, sabe que por cá não existem "recuas", nem "choutos", nem "ceirões", nem "cofos". Tudo isso são velhas tintas lusitanas que Neto usava para pintar paisagens daquí. O leitor, portanto, terá que verter tais tintas para as equivalentes nacionais — mas só o fará se for culto e bem dotado de paciencia. Em caso contrario, repele o autor, dizendo "Outro oficio!" Mas traduzindo em lingua comum a tremenda complicação acima, o que obtemos é muito simples: *"Pela estrada desciam burros de carga no trote, sacudindo jacás"*. Como você está vendo, o trabalho é duplo; é um trabalho de leitura simultaneamente articulada com tradução mental. Consequencia: quando um leitor incauto pega num desses livros, antes de chegar á terceira página já está batendo na testa e dizendo: "Oh, diabo! Não é que me esqueci do..." Não diz do que nem é preciso. Guarda o romance para mais tarde, — para o sobrecarregadissimo dia de São Nunca.

— O senhor está exagerando, interveio o outro Neto, e Manuel Neto, que é assistente do *gauleiter* Artur na Editora e tem mesa ao lado. Só por coincidencia o lapis poderia ter caido numa frase como essa. Isso é o mesmo que acertar na centena.

— Façamos segunda experiencia, disse eu — e pinguei de novo o lapis sobre o mesmo artigo. A ponta vermelha assinalou isto: "Deixando o trem, meti-me por uma estrada cheia de sulcos de carros e *covas que eram atascais*. A um lado, alta, escalavrada, a *barranca sanguinea eriçada de mato*, com cercas de *espinhais em flor* defendendo pomares; em frente, *casario roceiro*, com *alpendrada e poiais, argolões em esteios, mastros com bandeirolas*".

— Veja, seu Manuel, quanta coisa ha neste periodo que exige tradução. Estradas com covas, não sei o que sejam. Covas só temos no cemiterio ou feitas em horta para a plantação de mudas. Nossas estradas têm apenas buracos. E não ha buracos de estrada com *atascais dentro*. Elas têm nos buracos apenas lama, ou tijuco, ou barro. Tambem não te-

Digitized by Google

mos á beira das estradas "pomares" — temos quintais com umas tantas laranjeiras cobertas de erva-de-passarinho, umas bananeiras, umas goiabeiras e um pé de mamão. Isso não dá "pomar" — dá apenas um simples quintal com arvores, coisa muito diferente. E esta cerca de "espinhais em flor"? Temos cercas vivas de pinhão do Paraguai, e mesmo de espinheiros. De "espinhais", nunca vi. E este "em flor" é uma eterna superfetação — como os "seios turgidos" nos romances de Veiga Miranda. Para Coelho Neto tudo era "em flor" — a "balsamina em flor", a "boca em flor". Para Veiga Miranda tudo eram "seios turgidos." A gente tem que ir traduzindo os dois — tirando aquelas flores e pendurando aqueles seios, para visualizar a realidade descrita. E a "barranca sanguinea"? Não ha disso! Nossas estradas só têm barranco vermelho. Tambem não ha mato "eriçado" — o que eriça é espinho de ouriço e outras coisas duras e pontudas — mato não é duro nem pontudo. E esse "casario roceiro com alpendradas?" Não temos nada disso. Um suburbio do Rio ainda não é bem roça, e nenhuma daquelas casinhas tem alpendrada — terão quando muito uma pequena varanda. Os tais "argolões em esteios" a gente só os vê nos currais, para amarrar burro bravo. E os tais "poiais", raros leitores saberão que coisa é. Temos de traduzir para bancos toscos. E esse "mastro com bandeirolas"? Haverá por lá mastros de São João, os quais não usam bandeirolas e sim "bandeira de santo". Bandeirola é uma pequena bandeira solta ao vento; "bandeira de santo" é um rigido quadro de sarrafo com o retrato dum santo fogueteiro, S. João, Santo Antonio ou S. Pedro, estampado em morim e alí pregado com tachinhas. Não ha no Brasil inteiro um só mastro com bandeirola. Está vendo, Manuel, quantas traduções neste segundo periodo indicado pelo lapis?... Quer mais umas pingadas?

Manuel ficou com medo e desistiu de terceira experiencia.

— Pois muito bem, prosseguí triunfante. O estilo indigena é quasi sempre isso, e cada vez mais isso.

— E qual a sua opinião sobre o romance nacional? quis saber o *gauleiter*.

— O romance no Brasil, meu caro Artur, é uma coisa que começou certa mas se perverteu muito cedo. Começou otimamente com as MEMORIAS DUM SARGENTO DE MILICIAS, de Manoel de Almeida. Ele o escreveu muito moço e nem sequer o concluiu. O famoso romance não passa dum pedaço de romance. Parece que lá pelo meio Manoel de Al-

Digitized by Google

meida viu que não valia a pena acabar aquilo, por falta de publico, ou porque se casou e a mulher implicou-se. Mas apesar disso ficou celebre em nossa literatura e já teve inumeras edições. E' dos tais que o leitor pega e vai até o fim. Por que? Porque não exige tradução. Já está traduzido. E' um livro cheio de incorreções, com pronomes indecentemente colocados — mas *certo.*

— Como certo, se é incorreto?

— Certo, porque agrada a ponto de ser eternamente lido. Todos os anos aparecem edições novas do pedaço de livro de Manoel de Almeida. Ainda agora o Martins fez uma. Até eu já editei as MEMORIAS. Mas Manoel de Almeida com o seu romance certo não fez escola. Os romancistas que vieram depois mudaram de rumo. Veio, por exemplo, José de Alencar, com um viveiro de araras e graunas e indios e até uma "virgem morena de labios de mel", que temos de traduzir para "india côr de cuia, com beiço humido de saliva". Não ha mel em labios de ninguem, como não ha linguiça em focinho de cachorro. A fisiologia manda que a lingua lamba imediatamente esse mel e o cachorro coma essa linguiça. Mas Alencar tinha muito talento e era de facil tradução. Ficou. Será sempre lido.

— E Macedo?

— Esse veio antes de Alencar e escreveu A MORENINHA. Ah, A MORENINHA! Li esse romance no colegio, escondido — e achei-o a coisa mais linda do mundo. Meu entusiasmo foi tanto que fiz todos os meus companheiros o lerem. Tivemos a nossa "Semana da Moreninha" no Instituto de Ciencias e Letras, com sêo Bernardes como vigilante no grande salão de estudo. Aquele austero moço já andava premeditando a presidencia da Republica.

— Mas então julga A MORENINHA coisa boa assim?

— Não sei. Depois de adulto tentei le-lo e não consegui. Pareceu-me um purgante. E' que naquele tempo estavamos na idade. Ha a idade do sarampo, das espinhas inexplicaveis, do primeiro amor, do começo do sexo. A MORENINHA não é literatura — é remedio...

— E os outros romancistas?

— Temo-los em quantidade. Temos um hoje excelente lá no sul. E tivemos o maravilhoso Machado de Assis, ponto culminante da nossa orografia literaria e de grande circulação depois que se fez careta de moeda. Mas de Machado nem gosto de falar porque para mim virou santo, virou Himalaia, tabú. É qualquer coisa aparte e unica de todas as literaturas.

Digitized by Google

Deixemo-lo no Olimpo, sozinho. Falemos dos outros, de tantos e tantos outros que levaram o estilo á maior perfeição e com isso acabaram errados.

— Não estou entendendo.

— Quem prova demais prova contra, diz um brocardo juridico. O excesso de perfeição estilistica faz na literatura o mesmo que as modernas maquinas de beneficiar arroz fazem para esse grão. Essas maquinas deixam o arroz uma beleza, de tão branco e polido. Transformam-no em bastõesinhos de nacar — mas quem se alimenta só com eles acaba com beriberi.

— Lá vem...

— Isto é dum livro que ando traduzindo, MAGIC IN A BOTTLE, ou a historia das grandes drogas. Os holandeses de Java, onde a base da alimentação era o arroz, começaram a levar a breca. O terrivel beriberi os dizimava. Por mais cuidado que tivessem com a alimentação, a ponto de só comerem arroz da mais alta qualidade, isto é, do branquissimo e polidissimo, o beriberi os arrazava. Já os pobres nativos, comedores dum arroz infame, do qual nem tiravam a pelicula vermelha, esses não sabiam o que fosse tal doença. Um dia um sabio de lá descobriu que justamente naquela feia pelicula estava o segredo de tudo: a vitamina C, mais tarde isolada dessa pelicula, era não só o preventivo do beriberi como o especifico para a cura dos beribericos. Os holandeses de Java estavam sendo vitimas da "perfeição alimentar"...

— Acha então que a perfeição da forma levada ao absoluto é erro?

— Não é erro; ao contrario, é o supremo acerto — mas dá beriberi. Porque é alimento sem vitaminas Parece que nisso de lingua andamos erradissimos. Ha duas linguas, a falada e a escrita. A falada é que é a grande coisa, pois que é o meio de comunicação entre todas as creaturas humanas, afora as mudas. A lingua escrita veio depois, e é coisa restritissima. Todas as criaturas humanas jogam com a lingua falada, e quantas com a escrita? Uma porcentagem insignificante. Isso faz que a lingua falada resida permanentemente no apogeu da expressão e do pitoresco, ao passo que a escrita se atrase a ponto de ficar uma coisa exigidora de tradução. E' muito facil a prova disto. Mande o Manuel ler qualquer coisa. Ele lê o que está escrito e depois, inconcientemente, diz: "Isto quer dizer que..." e explica em lingua falada o que o escritor teve intenção de dizer. Traduz, portanto.

Digitized by Google

— Então a grande coisa do escritor é escrever como fala?

— Ah, se fosse possivel! A arte da lingua escrita é a tal "Inania Verba" do Bilac, mas quanto mais um escritor escreve como fala, mais é lido e gostado. Ah, que maravilha os que escrevem com todas as vitaminas da lingua que falam! Como é saudavel e gostoso! Escrever com os "Ma que!" dos italianos, com os "Que vá!" dos espanhois, com pontapés na gramatica sempre que ela se aproxima, escrever com caretas e gestos e até com perdigotos! Tudo isso são as peliculas do arroz literario, nas quais residem as vitaminas. E que faz o escritor de alto coturno? Olha com o maior desprezo para tais peliculas e as sacode do seu estilo como se fossem caspas...

Manuel Neto riu-se com alguma incredulidade.

— A correção da lingua é um artificialismo, continuei episcopalmente. O natural é a incorreção. Note que a gramatica só se atreve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de orelhas murchas. Na linguagem falada, a não ser na boca dum certo sujeito que conheço, o verbo concorda ou não com o sujeito — á vontade (e repetir a frase para restaurar uma concordancia é pedantismo). Os pronomes arrumam-se como podem — antes ou depois, em baixo ou em cima, e muitas vezes nem entram na frase — são pequenininhos e as palavras grandes não os deixam entrar. Em oposição a essa lingua fresquissima, tão pitoresca, toda improvisações e desleixos, com todas as cores do arco-iris, todos os cheiros e todos os sabores, temos a lingua escrita, emperrada, pedante, cheia de "cofos" e "choutos". Ah, se toda gente escrevesse como fala, a literatura seria uma coisa gostosa como um curau que comi domingo no Tremembé. Esse Manoel de Almeida foi dos pouquissimos entre nós que escrevia como falava...

— Pois a Sra. Dupré é assim, disse Artur, radiante. Talvez esteja nisso o segredo da sua atração.

— Segredo, segredo... Creio que o grande segredo é esse, ou 70% esse. A enorme maioria dos nossos escritores não são lidos pelo povo porque ou escrevem como Coelho Neto ou, se procuram ser humanos, não sabem evitar a vulgaridade. As duas grandes desgraças da literatura são essas: o artificialismo e a vulgaridade.

....

Quando nesse dia voltei para casa lá encontrei um pacote da Editora e uma cartinha do Artur.

Digitized by Google

Dr. Lobato:

Aí vão as provas do livro da Sra. Leandro Dupré, a futura Rachel Field destas bandas da América. Estou certo de que o senhor gostará do livro, desde que o encare do ponto de vista do *leitor de romance*, dessa especie de leitor que paga 15 cruzeiros para ficar por duas ou três horas livre da filosofia do Spengler, da literatura científica do Huxley, dos comunicados de Berlim, dos artigos de X... sobre o Imperador Tito, cognominado "Delicias do Genero Humano". A autora, livre daquele pronomismo cronico que acabou matando o Aldrovando Cantagalo e livre também do virgulismo e do feroz acentismo dos nossos revisores, consegue prender, interessar, emocionar e agradar o leitor do principio ao fim. Se não fôsse o respeito devido ao sexo e o horror ao plagio, eu diria da autora de ERAMOS SEIS o mesmo que o senhor disse do Camilo Castelo Branco, numa carta dirigida áquele homem que queimou a padaria para se transformar em escritor. Escreva um prefacinho para o ERAMOS SEIS, e não se arrependerá. O senhor já lançou no Brasil a semente da industria editora, já descobriu a riqueza do nosso subsolo quando todos a negavam, já inventou a nossa literatura infantil, já criou o Jeca Tatú e mais coisas. Junte a esses descobrimentos mais um — o da maior romancista do Brasil e aguarde serenamente a estatua ou a cruz que espera todos os pioneiros.

ULTIMA HORA:

Eu já havia escrito esta carta quando o senhor esteve aquí e conversamos sobre o assunto. Creio que esta senhora escreve exatamente como o senhor deseja.

— Bom, murmurei comigo. Este Artur tem paladar e dedo. Se insiste assim, quem sabe? e botei o pacote em cima do criado mudo.

Gosto muito de ler ao deitar-me, porque é meio infalivel de chamar o sono — mas se por acaso a leitura é muito vitaminada, fico alertado e passo a noite lendo. Na noite daquele dia eu tinha varias coisas a provar antes de dormir. Entre elas um romance que vai ser editado e é uma ilha de Calipso de tanta perfeição. Comecei por ele. Que mimo! Sem uma "jaça". Estilo o que ha de "terso"! Pronomes mais bem colocados que os amigos intimos do governo. Todos os "matadores" da elegancia literaria e do academicismo! Nenhum periodo com a fralda de fora. Tudo batatal, ali no

Digitized by Google

smoking, na luva de pelica, no monoculo. Se por acaso sobrevinha alguma expressão levemente plebeia, o Petronio tirava o corpo com um classico entre-parentes: "como diz o povo". Arroz branco, em suma, polido, nacarino, do que arrazava de beriberi os holandeses de Java. Para não ficar beriberico, parei na setima pagina. Mas já estava com sono, de modo que foi a bocejar que tomei o ERAMOS SEIS da Sra. Leandro Dupré.

Comecei a ler, certo de que não chegaria nem á setima, que é sempre a pagina critica. Mas passei pela pagina 7 sem dar por isso — e fui indo, indo, e esqueci do sono e do mundo; e quando dei acordo de mim era madrugada — as vassouras mecanicas do senhor Prestes Maia estavam "matracolejando" na minha rua.

Apaguei a luz e pus-me a pensar. Por que tal romance me prendera daquele modo? Não era de entrecho dramatico, nem dos que nos seguram pelo rabo da curiosidade. Uma historia o que ha de simples, duma pobre mulher da classe media que depois de perder o marido e os filhos ficou sozinha no mundo e recorda a sua vida de devotamento e sacrificios. "Eramos seis e hoje estou sozinha". Especie de UNE VIE, de Maupassant — mas que encanto de livro! Que riqueza de vitaminas! Não chega a ser um romance. E' um borrão, um croquis, um esboço de romance, feito ao galope da inspiração, para depois ser aperfeiçoado, descascado, despeliculado, repolido até ficar nacarino e beriberico — mas a autora, em vez disso, mandou-o ao prelo tal qual lhe saiu. Não teve paciencia para estraga-lo, nem deixou que nenhum abelhudo o estragasse. Quem fala no livro inteiro é a protagonista, a viuva, e essa boa mulher pensa e fala exatamente como todas as mulheres do seu tipo e de sua classe entre nós. Fala e pensa e age como milhões de nossas mulheres — as ignoradas heroinas do trabalho caseiro e da criação de filhos. E como fala uma creatura assim? Exatamente como a autora a faz falar.

A gramatica por um lado e a viuva por outro. Caso não queiram, os verbos podem perfeitamente não concordar com os sujeitos. A pontuação é como sái — as virgulas podem ficar uns milimetros para lá ou para cá do lugar certo. Em muitas frases interrogativas o ponto de interrogação não aparece, está sabiamente subentendido. E os tais vicios de linguagem abundam — ecos, repetições, todos eles — todas as peliculas de arroz que a gramatica condena mas que, artisti-

Digitized by Google

camente usadas, dão as vitaminas do estilo. Ás vezes aparece uma palavra grifada, como *libré*. Por que? Atôa. Capricho. A crase é um jogo. Ás vezes calha. O acento é um enfeite de certas palavras em certo momento; numa frase mais triste a mesma palavra aparece sem enfeite nenhum.

A autora não se limita a fazer a heroina pensar e falar como falam as viuvas em sua situação. Tambem escreve como escreveria uma tal viuva. Não ha preocupação de nada senão do assunto. Ela solta a frase no rasto do assunto e a frase vai caminhando como cachorro perdigueiro atrás da perdiz da vida — "amarrando-a" sempre. E consegue o milagre: tudo fica vida, só vida, em seu extraordinario romance!

Absolutamente vida! Não ha ali nem sombra dum "chouto" ou dum "cofo" ou dum "ceirão". E nem "labio de mel", nem "seio turgido", nem "barranca sanguinea", nem "poial" — nem nada literario. E a gente fica a pensar numa coisa tremenda: se a "literatura" não é a grande desgraça da literatura!...

No dia seguinte telefonei cedo para o Artur: "Olhe, você tinha razão. A mulher saiu-me uma Margaret Mitchell das boas! Se não virar o maior "best seller" destas plagas, macacos nos lambam, a mim e a você".

Através do telefone percebi a radiancia do Artur. "Eu não disse?" O caso impressionou-me seriamente. Minha profissão na vida tem sido, depois de fazer asneiras, escrever e ler o que os outros escrevem. Devo, portanto, entender um bocadinho do assunto. Mas o caso da Sra. Dupré me desnorteou. Mostrou que eu não entendo do assunto na medida que julgava. Ela é um caso aberrante (a-berrante, que aberra, que sai do trilho). Ela infringe todos os mandamentos da Arte de Bem Escrever dos Albalats. Não recorre a nenhum dos ingredientes de uso entre os espertos para conseguir legibilidade, nenhum dos méis de apanhar moscas — como os enredos alucinantes, as situações policialmente engenhosas, a "sex gratification". E sem nenhuma dessas pimentas consegue ser lida até por um dispeptico da minha marca, farto, arqui-saturado de letras e de livros, de gentes e do mundo! E do mesmo modo como um tipo assim a lê avidamente numa noite, tambem a lerá com a mesma furia a menina na idade do namoro, e a moça que já se desiludiu dos homens, e a dona de casa que "tem muito que fazer". E todo mundo. Até os criticos literarios a lerão — essa gente que de tanto disser-

Digitized by Google

tar sobre livros perde o paladar e para saber se um livro é bom ou mau tira a sorte, cara ou coroa. Duvido que haja quem agarre em livro assim e não vá num arranco até á derradeira pagina.

Refletindo melhor vi que a razão do valor da nova romancista está numa singular convergencia de valores (porque ha os valores falsos, filhos do artificialismo). Em primeiro lugar, é evidente nesta escritora o "talento" sem o qual não existe coisa nenhuma possivel no mundo da arte. E ha umas pitadinhas de genio, aqui e ali. E em consequencia desses "dois has" surgem, volta e meia, uns cristaisinhos de humor — o mais precioso dos alcaloides! E ha um intenso realismo — e sem realismo a coisa hoje não vai; quem engole hoje uma virgem de labios de mel? E ha filosofia, e ha muita observação, e ha muita psicologia, e ha construção, e arquitetura com bom senso de proporção das partes. E o seu estilo a-gramatical substitue todas as rigidas e cadaverosas gramaticalidades classicas por ligeiros "close-ups" da côr, do sabor e dos cheiros ambientes, pegados ainda vivinhos. E ha uma fluencia de agua, e ha todas as peliculas de todos os arrozes — o que resulta numa pletora de vitaminas. Em suma, vida, vida e mais vida, porém vida de verdade e não vida empalhada como aquelas aves do museu do Ipiranga que o Dr. Taunay teve a feliz ideia de consumir.

Não pretendo analisar o ERAMOS SEIS da Sra. Dupré porque implicaria num trabalho a von Leibig ou Emil Fischer feito num grande laboratorio (Vide MAGIC IN A BOTTLE). O que tenho a confessar é apenas isto: "Numa noite, o romance dessa mulher me ensinou mais literatura do que em anos a aprendi com os carranças e petronios que quasi me deixaram beriberico".

E a conclusão a que cheguei, aqui a deixo para meditação do Edgar Cavalheiro e outros criticos sempre em duvida no julgamento dos criticados. "Parece que o segredo de *escrever e ser lido* está em duas coisas — ter talento de verdade e escrever com a maior aproximação possivel da lingua falada, sem perder, portanto, nenhum dos farelinhos ou sujeirinhas da vida, pois é aí que se escondem as vitaminas produtoras do misterioso e perturbador quê das verdadeiras obras d'arte".

Digitized by Google

Jesting Pilate

Sob este curioso titulo, que é tirado de uma frase de Bacon e significa a ironia indiferente de Pilatos quando perguntou a Cristo o que era a verdade, um escritor inglês, já de nome no mundo das letras com um romance, "Contrapoint", publicou um livro de viagens que está fazendo carreira. Aldous Huxley é um filosofo de grande penetração; em vez, porém, de escrever um tratado de sistematica, meteu-se a viajar em redor do mundo e vai produzindo filosofia á medida que a paisagem humana a sugere.

Foi sobretudo na India que Huxley filosofou, porque não ha ambiente mais propicio para as ideias gerais do que aquele inconcebivel viveiro humano. Não pretendo falar desse livro, que já anda transplantado em todas as linguas e bem merece passar tambem para a nossa. Apenas quero citar umas observações suas ocorridas em Benares, que me parecem de invulgar penetração.

Huxley chegou a Benares num dia de eclipse do sol e pôde observar como o animal homem da India reage diante desse velho fenomeno da interposição de um astro entre dois outros.

Foi um espetaculo extraordinario. Pelo menos um milhão de indús se reuniram no "ghaut" dessa cidade — isto é, na escadaria imensa, para fins de banho, que vai ter ao Ganges. Todos os arredores de Benares estavam agitados. As estradas, cheias de peregrinos em silenciosa procissão rumo ao rio sagrado. Á cabeça vinham trouxas e utensilios de cozinha e provisões e as roupas novas que os indús piedosos entrajam depois do banho ritual. Os velhos apoiavam-se em bastões. As mulheres traziam os filhotes enganchados nas ancas. Uma procissão de cansaço e fatalismo.

O eclipse gerou a crença de que uma grande serpente ia devorar o sol. E para salvar o sol dava-se aquela gigantesca mobilização de indianos rumo ao rio sagrado.

Digitized by Google

O grande "ghaut" de Benares (porque existem outros menores), compõe-se de uma serie de degraus de duzentos metros cada um. De bordo de uma lancha Huxley viu a imensa escadaria literalmente cheia de gente ás camadas; uma verdadeira escada de cabeças.

Toda aquela inumeravel multidão tinha os olhos no ceu. A serpente já começava a cravar a dentuça no astro-rei. Chegara o momento de interferir — de salvar o sol, e então todos os que se achavam no ultimo degrau, o que é banhado pela suja agua do rio, nela se atiraram. E foi um lavar-se, um esfregar-se, um gargarizar, um escarrar, um murmurar orações que não tinha fim. Numerosos agentes de policia apressavam os banhistas, para que novas levas humanas viessem cumprir o velhissimo ritual. Dada a massa imensa de um milhão de seres ali reunidos, o banho, mesmo apressado pela policia, iria durar o dia inteiro.

O tempo corria e a serpente continuava a roer o sol. Isso impunha muita unção no desfiar dos rosarios, no murmurar palavras de rezas, no gargarejar o mais convictamente possivel e no esfregar-se com vontade — e depressa, como gritavam os guardas da lei.

Depois de contemplar durante duas horas aquele espetaculo, Huxley sentiu-se refarto e desembarcou. As ruelas estreitas que ligam o "ghaut" á cidade estavam formigantes de mendigos, que nesse abençoado país são criaturas sagradas (como o foram durante certo tempo em S. Paulo). Acocoram-se ao sol, diante das escudelas onde os passantes caridosos jogam alguns grãos de arroz. No fim do dia a escudela está com a quantidade de arroz necessaria para que o mundo não se prive da vida de um pitoresco mendigo.

Huxley ia abrindo caminho pelas ruelas cheias de peregrinos de rumo ao "ghaut" e em dado momento viu sair de sob uma abobada um touro. Um touro sagrado, porque na India não são somente os pobres que gozam desse privilegio. O mendigo mais proximo cochilava de cabeça sobre os joelhos porque os "que comem pouco dormem muito", para poupança das energias. O touro viu a escudela já pelo meio de arroz e aproximou-se muito naturalmente. Sacou fora a lingua e em duas lambidas trasfegou aquele cereal para outro deposito. O mendigo prosseguiu na sua soneca, sem perceber que a renda de todo um dia de pedinchamento escapara de suas mãos. O touro correu os olhos indiferentes sobre a massa humana e voltou a abrigar-se sob a sua abobada.

Digitized by Google

Até aqui um quadro da pitoresca paisagem humana, que é na India mais interessante que em qualquer outra parte do mundo. Agora a reação que o fato provocou em Huxley, e o modo singularmente logico e penetrante como filosofou.

Diz ele que, sendo estupidos e desprovidos de imaginação, os animais se conduzem muito mais sabiamente que os homens. Levados pelo instinto fazem em dado momento o que é necessario fazer. Comem quando sentem fome, procuram a agua quando sentem sede, fazem amor na estação propicia, repousam ou movem-se quando têm tempo para isso.

Já os homens, como possuem inteligencia e imaginação, olham para trás e para a frente; para o ontem e para o amanhã; observam os fenomenos e inventam para eles engenhosas explicações; depois concebem jeitos complicados e indiretos de atingir fins remotos. A inteligencia que os tornou senhores do mundo força-os a agir como perfeitos imbecis.

Nenhum animal, por exemplo, admite que o eclipse seja obra de uma serpente a devorar o sol, isso porque não possue inteligencia, nem imaginação. Essa teoria só pode ocorrer a um ser dotado de inteligencia. E só um animal inteligente como o homem pode conceber que uma serie de micagens, ou gestos rituais — gestos e sons — têm força para influir nos fenomenos da natureza. Enquanto o animal, fiel ao seu instinto, deixa que o eclipse transcorra naturalmente, nada alterando o seu viver normal, o homem, o ser inteligente, larga de tudo, empreende uma peregrinação penosa e consome as suas energias em fazer coisas absolutamente idiotas.

Com o tempo, é verdade, o homem vai aprendendo que formulas magicas, gestos rituais, sons chamados rezas, etc., de nenhum modo lhes dão o que eles querem ou pedem. Mas até que a experiencia lhes ensine isso (e o homem leva seculos para aprender uma coisinha minima) conduz-se de um modo infinitamente mais estupido que o animal irracional.

"Foi o que pensei ao ver o touro sagrado lamber com a lingua o arroz do mendigo adormecido", diz Huxley. Enquanto milhares e milhares de homens, isto é, seres racionais e inteligentes, empreendiam uma peregrinação longa, por caminhos poeirentos, padecendo toda a sorte de incomodos, com o fim de praticar num certo trecho de certo rio de agua imundissima uma série de gestos tendentes a beneficiar uma estrela deles distante noventa milhões de quilometros, o touro

Digitized by Google

tratava do seu estomago e apanhava o alimento onde o via mais facil. Não é claro que o cerebro vazio do touro o fez agir com muito mais "inteligencia" que os seus senhores?

Para salvar o sol, aquele milhão de indús se reuniu na margem do Ganges, observa Huxley, mas para salvar a India quantos deixariam suas casas? Uma soma imensa de energia que, canalizada numa orientação pratica de boi sagrado, poderia libertar e transformar o país, é despendida na pratica de superstições imbecilissimas.

E o filosofo inglês, que é um produto requintado dos seculos e seculos da experiencia inglesa, conclue com a sua logica habitual; "A religião é um luxo que no seu estado presente a India não pode cultivar. A India nunca será livre enquanto seus filhos não tiverem pela religião o mesmo entusiasmo frio e ceptico que nós temos pela igreja anglicana. Se eu fosse um milionario indostanico, legaria minha fortuna para a instituição da propaganda ateistica".

Essas duvidas que sobre a inteligencia do homem o viajante inglês teve na India são as mesmas que todos os cerebros bovinamente raciocinantes têm em qualquer campo da atividade humana. A ação da inteligencia no Estado, por exemplo. Não ha boi que faça o que os grandes estadistas fazem, visando o bem da humanidade e só conseguindo a sua desgraça.

O ultimo artigo de Francisco Nitti mostra bem claro os desastres para os quais a inteligencia dos estadistas vai arrastando o mundo. O homem, porém, continua a crer no Estado; continua a apelar para o Estado; continua a delegar para o Estado a função de providencia. Serão precisos seculos e seculos de miserias para que compreendamos que isso o que chamamos Estado não passa de um cancro que deu na humanidade, um cancro talvez inexplicavel e com o qual temos de viver em simbiose. Nada de bom pode vir de um cancro para o organismo que ele parasita — e o homem — tão longe ainda de raciocinar como o boi sagrado de Huxley — continua a esperar do seu monstruoso cancro toda sorte de salvações...

1934.

Digitized by Google

Digitized by Google

8.ª PARTE

LITERATURA INFANTIL

Mal maior — O velho, o menino e a mulinha — A assembleia dos ratos — Os carneiros jurados — O veado e a moita — O corvo e o pavão — As razões do porco — O lobo e o cordeiro — As duas cachorras — Liga das Nações — Dona Benta e Socrates — As arvores gemeas — O anjinho de asa quebrada — O jabotí e o homem — O jabotí e a capora — O jabotí e a onça — O jabotí e a fruta — O jabotí e o lagarto — O jabotí e o jacaré — O jabotí e os sapinhos — Historia dos dois ladrões

Digitized by Google

Digitized by Google

Mal maior

— O sol vai casar-se! anunciou um bem-te-vi boateiro. Viva o sol!

— Viva? exclamaram as rãs, assustadas. Não diga isso, pelo amor de Deus... Um sol apenas já nos dá que fazer. Seca os brejos e nos deixa ás vezes a ponto de morrermos de sêde. E é um só... Imaginem agora que se casa e além do senhor sol temos tambem que aturar dona sol e os sóis filhinhos... Será a maior das calamidades, porque então unicamente as pedras poderão resistir á furia da familia de fogo.

Assim é. O mundo está bem equilibrado, e qualquer coisa que rompa a sua ordem resulta em males para os viventes. Fique pois solteiro o sol e não enviuve quem é casado.

— Não gostei! berrou Emilia. Se nada mudar, o mundo ficará sempre na mesma e não ha progresso.

— Espere, Emilia, disse dona Benta. O que a fabula quer dizer é que qualquer mudança nas coisas prejudica a alguem.

— Pode prejudicar a um e fazer bem a dois, insistiu Emilia. As coisas não são tão simples como as fabulas querem. *Est modus*... como é aquele latim que a senhora disse outro dia, dona Benta?

— *Est modus in rebus*...

— Isso mesmo. Nos modos está o rebus...

— Não, Emilia. Esse latim quer dizer que em tudo ha modalidades.

— Eu sei. E' como nos verbos. Todos os verbos têm uma porção de modos. A gente tambem tem modos. As coisas têm modos.

Digitized by Google

— Isso! Você agora pôs o dedo na significação desse latim. *In rebus* quer dizer *nas coisas*. Todas as coisas têm modos, como os verbos. Mas as fabulas não podem expor todos os modos das coisas — só expõem um, o principal, ou o mais frequente.

— Por que não podem?

— Porque ficariam compridas demais. Virariam tratados de filosofia...

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

O velho, o menino e a mulinha

O velho chamou o filho e disse:

— Vá ao pasto, pegue a bestinha ruana e apronte-se para irmos á cidade, que quero vende-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a e partiram os dois a pé, puxando-a pelo cabresto. Queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar os compradores.

De repente,

— Esta é boa! exclamou um viajante ao avista-los. O animal vazio e o pobre velho a pé! Que desproposito! Será promessa, penitencia ou caduquice?...

E lá se foi, a rir.

O velho achou que o viajante tinha razão e ordenou ao menino:

— Puxa a mula, meu filho. Eu vou montado e assim tapo a boca ao mundo.

Tapar a boca ao mundo, que bobagem! O velho compreendeu isso logo adiante, ao passar por um bando de lavadeiras ocupadas em bater roupa num corrego.

— Que graça! exclamaram elas. O marmanjão montado com todo o sossego e o pobre do menino a pé... Ha cada pai malvado por este mundo de Cristo... Crédo!...

O velho danou e, sem dizer palavra, fez sinal ao filho para que subisse á garupa.

— Quero só ver o que dizem agora...

Viu logo. O Izé Biriba, estafeta do correio, cruzou com eles e exclamou:

— Que idiotas! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega á cidade não é mais a mulinha; é a sombra da mulinha...

— Ele tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Eu apeio e você, que é levezinho, vai montado.

Assim fizeram, e caminharam em paz um quilometro, até o encontro dum sujeito que tirou o chapeu e saudou o pequeno respeitosamente:

Digitized by Google

— Bom dia, principe!

— Por que, principe? indagou o menino.

— E' boa! Porque só principes andam assim de lacaio á redea...

— Lacaio, eu? esbravejou o velho. Que desaforo! Desce, desce, meu filho e carreguemos o burro ás costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a estranha cavalgada, acudiu em tumulto, com vaias:

— Hu! Hu! Olha a trempe de tres burros, dois de dois pés e um de quatro! Resta saber qual dos tres é o mais burro...

— Sou eu! replicou o velho, arriando a carga. Sou eu, porque venho ha uma hora fazendo não o que quero mas o que quer o mundo. Daqui em diante, porém, farei o que me manda a conciencia, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar a todos...

— Isto é bem certo, disse dona Benta. Quem quer contentar todo mundo, não contenta a ninguem. Sobre todas as coisas ha sempre opiniões contrarias. Um acha que é assim, outro acha que é assado.

— E como então a gente deve fazer? perguntou a menina.

— Devemos fazer o que nos parece mais certo, mais justo, mais conveniente. E para nos guiar temos a nossa razão e a nossa conciencia. Aquela fita que vimos no cinema da cidade tem um titulo muito sabio.

— Qual, vóvó?

— E ISTO ACIMA DE TUDO...

— Não estou entendendo...

— Esse titulo é a primeira parte dum verso de Shakespeare: "E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo". Bonito, não?

— Lindo, vóvó! exclamou Pedrinho entusiasmado. E vou adotar esse verso como lema da minha vida. Quero ser fiel a mim mesmo — e o mundo que se fomente...

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

A Assembleia dos Ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria duma casa velha que os sobreviventes, sem animo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos á lua.

— Acho, disse um deles, que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delirio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silencio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Dizer é facil; fazer é que são elas!

— Que historia essa de gato "fazendo sonetos á lua"? interpelou a menina. A senhora está ficando muito "literaria", vóvó...

Dona Benta riu-se.

— Sim, minha filha. Apesar do meu desamor pela "literatura", ás vezes faço alguma. Isso aí é uma "imagem literaria". A Lua é um astro poetico, e quando um gatinho anda miando pelo telhado, um poeta pode dizer que ele está fazendo sonetos á Lua. E' uma bobagenzinha poetica.

Digitized by Google

— "Desamor pela literatura", vóvó? extranhou Pedrinho. Então a senhora desama a literatura?

Dona Benta suspirou.

— Meu filho, ha duas especies de literaturas, uma entre aspas e outra sem aspas. Eu gosto desta e detesto aquela. A literatura sem aspas é a dos grandes livros; e a com aspas é a dos livros que não valem nada. Se eu digo: "Estava uma linda manhã de ceu azul", estou fazendo literatura sem aspas, da boa. Mas se eu digo: "Estava uma gloriosa manhã de ceu americanamente azul", eu faço "literatura" da aspada — da que merece pau.

— Compreendo, vóvó! disse a menina, e sei dum exemplo ainda melhor. No dia dos anos da Candoca o jornal da vila trouxe uma noticia assim: "Colhe hoje mais uma violeta no jardim da sua preciosa existencia a gentil senhorita Candoca de Moura, eburneo ornamento da sociedade itaoquense". Isso me parece literatura com dez aspas.

— E é, minha filha. É da que pede guatambú...

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

Os carneiros jurados

Certo pastor, revoltado com as depredações do lobo, reuniu a carneirada e disse:

— Amigos! E' chegado o momento de reagir. Sois uma legião e o lobo é um só. Se vos reunirdes e resistirdes de pé firme, quem perderá a partida será ele, e nós nos veremos para sempre libertos da sua cruel voracidade.

Os carneiros aplaudiram-no com entusiasmo e, erguendo a pata dianteira, juraram resistir.

— Muito bem! exclamou o pastor. Resta agora combinarmos o meio pratico de resistir. Proponho o seguinte: quando a féra aparecer, ninguem foge; ao contrario, firmam-se todos nos pés, retezam os musculos, armam a cabeça, investem contra ela, encurralam-na, imprensam-na, esmagam-na!...

Uma salva de *bés* selou o pacto e o dia inteiro não se falou senão na tremenda réplica que dariam ao lobo.

Ao anoitecer, porém, quando a carneirada se recolhia ao curral, um berro ecôou de subito:

— O lobo!...

Não foi preciso mais: sobreveio o panico e os herois jurados fugiram pelos campos afóra, tontos de pavor.

Fôra rebate falso. Não era lobo: era apenas sombra de lobo!...

Ao carneiro só peças lã.

— Por que só pedir lã aos carneiros? disse Emilia. Podemos tambem pedir-lhes costeletas. Dos carneiros é só o que interessa Tia Nastacia, as costeletas...

Dona Benta explicou que o principal do carneiro não era a carne e sim a lã.

Digitized by Google

— Carne todos os animais têm, disse ela, e lã, só o carneiro. Lã em quantidade, que dá para vestir todos os homens da terra, só o carneiro. E' porisso que o autor desta historia fala em lã e não em carne. A moralidade da fabula é que não devemos exigir das creaturas coisas que elas não podem dar. Se pedimos lã a um carneiro, ele no-la dá muita e excelente. Mas se pedirmos coragem, ah, isso ele não dá nem um pingo.

— Por que?

— Porque não tem. Não ha bichinho mais timido, mais sem coragem que o carneiro. Quando queremos falar duma pessoa muito pacifica, dizemos, "E' um carneiro!"

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

O veado e a moita

Perseguido pelos caçadores, um pobre veado escondeu-se bem quietinho dentro de cerrada moita. O abrigo era seguro, e tanto que por ele passaram os cães sem perceberem coisa nenhuma.

Salvou-se o veado; mas, ingrato e imprudente, logo que ouviu latir ao longe o perigo esqueceu o beneficio e pastou a benfeitora — comeu toda a folhagem que tão bem o escondera.

Fez e pagou.

Dias depois voltaram novamente os caçadores. O veado correu em procura da moita — mas a pobre moita, sem folhas, reduzida a varas, não pôde mais esconde-lo, e o triste animalzinho acabou estraçalhado pelos dentes dos cães impiedosos.

— Bravos, vóvó! aplaudiu Narizinho. A senhora botou nessa fabula duas belezas bem lindinhas.

— Quais, minha filha?

— Aquele "ouviu latir ao longe o perigo", em vez de ouviu latir ao longe os cães; e aquele "pastou a benfeitora" em vez de pastou a moita. Se tia Nastacia estivesse aqui, dava á senhora uma cocada.

Dona Benta riu-se.

— Pois essas "belezinhas" são uma figura de retorica que os gramaticos xingam de *sinédoque*...

— Eu sei o que é isso! berrou Emilia. E' "sem" com um pedaço de bodoque.

Ninguem entendeu. Emilia explicou:

— *Sine* quer dizer "sem". Quando o visconde quer dizer "sem dia marcado" ele diz "sine die". E' um latim. E "doque" é um pedaço de bodoque...

— Parece que é assim mas não é, Emilia, explicou dona Benta. Sinédoque é a synedoche dos gregos, e quer dizer compreensão.

Digitized by Google

— E que tem a compreensão com as duas belezinhas? quis saber a menina.

— Tem que falando em "perigo" em vez de cães, e em "benfeitora" em vez de moita, toda gente compreende a troca das palavras — e fica a tal belezinha que você achou. A sinédoque troca a parte pelo todo, como quando dizemos "velas" em vez de "navios"; ou troca o genero pela especie, como quando dizemos "os mortais" em vez de "os homens"; ou troca uma coisa pela qualidade da coisa, como quando dizemos "perigo" em vez de "cães" ou "benfeitora" em vez de "moita benfeitora".

— E para que serve isso? perguntou Narizinho.

— Para enfeitar o estilo.

— Mas a senhora mesma não disse que o estilo muito enfeitado, muito floreado, é feio?

— Sim. Quando é *muito* enfeitado fica feio e de mau gosto, mas se aparece discretamente enfeitado fica bem bonitinho. Se você vai á vila com uma flor no peito fica linda como uma sinédoque. Mas se enfeitar-se demais, fica apalhaçada e revela mau gosto. Tudo na vida depende da justa medida, nem mais, nem menos, antes menos do que mais.

— Então é o tal usar e não abusar, lembrou a menina.

— Isso mesmo. Discreção é isso.

Narizinho, que era uma menina muito discreta, compreendeu perfeitamente.

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

O corvo e o pavão

O pavão, de roda aberta em forma de leque, dizia com desprezo ao corvo:

— Repare como sou belo! Que cauda, hein? Que cores, que maravilhosa plumagem! Sou das aves a mais formosa, a mais perfeita, não?

— Não ha duvida que você é um belo animal, disse o corvo. Mas, perfeito? Alto lá!

— Quem quer criticar-me! Um bicho preto, capenga, desengraçado e, além disso, ave de mau agouro... Que falha vê em mim, ó tição de penas?

O corvo respondeu:

— Noto que para abater o orgulho dos pavões a natureza lhes deu um par de patas que, faça-me o favor, envergonhariam até a um pobre diabo como eu...

O pavão, que nunca tinha reparado nos proprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho sem replicar coisa nenhuma.

Tinha razão o corvo: *não ha beleza sem senão.*

— Que quer dizer "senão", vóvó?

— Aqui nesta frase quer dizer defeito.

— E por que senão é defeito?

— Porque o modo de botar um defeito nalguem ou nalguma coisa é sempre por meio do "senão" — e por fim essa palavra ficou sinonima de defeito. "Fulana seria muito bonitinha, senão fosse aquele nariz de coruja". "Este doce estaria otimo, senão fosse estar doce demais" — e assim por diante.

— Mas será verdade, vóvó, que não ha mesmo beleza sem senão?

— A fabula diz que não ha e as fabulas sabem...

Digitized by Google

— São sabidissimas, sim! confirmou Emilia. E a dos filhos da coruja é a mais sabida de todas. Quem é que andou inventando as fabulas, dona Benta? Foram os animais mesmo?

Dona Benta riu-se.

— Não, Emilia. Quem inventou a fabula foi o povo e os escritores as foram aperfeiçoando. A sabedoria que ha nas fabulas é a mesma sabedoria do povo, adquirida á força de experiencias.

— Mas não haverá mesmo beleza sem senão, vóvó? insistiu a menina.

— Ha, sim, minha filha. Para mim, por exemplo, você é uma belezinha sem senão.

Emilia torceu o nariz. Depois prometeu escrever uma fabula com o titulo: "Os Netos da Coruja".

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

As razões do porco

Lá ia para o mercado a carroça dum sitiante. Dentro, tres animais: uma cabra, um carneiro e um leitão. Cabra e carneiro seguiam em silencio, muito sossegados da vida. Já o porquinho, não. Inquieto, a suspirar, volta e meia espiava pelas frestas, cheio de apreensões. E quando avistou o mercado não se conteve: abriu a boca e berrou como se estivessem a sangra-lo no coração.

— Para que isso? disse a cabra. Tambem eu vou para a feira e no entanto a ninguem incomodo com esse berreiro descompassado...

— Tambem assim penso, ajuntou o carneiro. Vamos ser vendidos, quer dizer, vamos mudar de dono. E' tolice lamuriar dessa maneira por coisa tão sem importancia.

O porquinho berrou ainda mais, e por fim explicou-se:

— E' verdade, vamos ser vendidos os tres. Mas tu, cabra, teu destino é dar leite; e tu, carneiro, tua função é produzir lã. Compreendo que seja indiferente para ambos que deis leite ou lã a este ou áquele. Mas eu? — eu só presto para ser comido, e ir para o mercado não me é apenas mudar de dono mas mudar de mundo. Vou para o açougue — *coin, coin!* Como então quereis que me conforme com a sorte e vá nesse sossego de cabra e nessa indiferença de carneiro? Tivesseis o meu destino e havieis de berrar ainda mais forte...

E continuou a botar a boca no mundo.

— Quem o manda ser carne? comentou Emilia. Cabra é leite. Carneiro é lã.

— Cabra e carneiro tambem são carne, disse Narizinho.

Digitized by Google

— Em segundo lugar! Em primeiro lugar são leite e lã; só depois é que são carne. Mas o pobre do porco é só carne, carne e mais carne. E' lombo, é linguiça, é presunto, é chouriço, é pernil, é costeleta, é entrecosto, é tripa. O porco é carnissimo. Quando sái do chiqueiro, já sabe que não é para dar leite, como a cabra, nem dar lã, como o carneiro. E porisso berra e faz muito bem. Eu ainda berrava o dobro...

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

O lobo e o cordeiro

Estava o cordeiro a beber num corrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a agua que venho beber? disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha mácriação!...

O cordeirinho, tremulo de medo, respondeu com inocencia:

— Como posso turvar a agua que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso, inventou ele, sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocencia, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho unico?

O lobo furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão foi seu pai ou seu avô!

E — *nhoc!* — sangrou-o no pescoço.

Contra a força não ha argumentos.

— Estamos diante da fabula mais famosa de todas, declarou dona Benta. Revela a essencia do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não ha argumentos.

— Mas ha a esperteza! berrou Emilia. Eu não sou forte, mas ninguem me vence. Por que? Porque aplico a esper-

Digitized by Google

teza. Se eu fosse esse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo dizia: "Senhor Lobo, é verdade, sim, que sujei a agua deste riozinho, mas foi para envenenar tres perus recheados que estão bebendo ali em baixo". E o lobo, já com agua na boca: "Onde?" E eu, piscando o olho: "Lá atrás daquela moita!" E o lobo ia ver e eu sumia...

— Acredito, murmurou dona Benta. E depois fazia de conta que estava com uma espingarda e, *pum!* na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fabulas. La Fontaine a escreveu dum modo incomparavel. Quem quiser saber o que é obra prima, leia e analise a sua fabula do Lobo e o Cordeiro.

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

As duas cachorras

Moravam no mesmo bairro. Uma era boa e caridosa; outra, má e ingrata. A boa, como fosse diligente, tinha a casa bem arranjadinha; a má, como fosse vagabunda, vivia ao léu, sem eira nem beira.

Certa vez a má, em vespera de dar cria, foi pedir agasalho á boa.

— Fico aqui num cantinho até que meus filhotes possam sair comigo. E' por eles que peço...

A boa cedeu-lhe a casa inteira, generosamente.

Nasceu a ninhada e os cachorrinhos já estavam de olhos abertos quando a dona voltou.

— Pódes entregar-me a casa agora?

A má pos-se a choramingar.

— Ainda não, generosa amiga. Como posso viver na rua com filhinhos tão novos? Conceda-me um novo prazo.

A boa concedeu mais quinze dias, ao termo dos quais voltou.

— Vai sair agora?

— Paciencia, minha velha, preciso de mais um mês.

A boa concedeu mais trinta dias e ao terminar esse ultimo prazo voltou; mas desta vez a intrusa, rodeada dos filhos já crescidos, robustos e de dentes arreganhados, recebeu-a com insolencia:

— Quer a casa? Pois venha toma-la se é capaz!...

Para os maus, pau!

— Otima, vóvó! exclamou a menina. Gostei. Esta fabula merece grau dez.

— E me faz lembrar o mata-pau, disse Pedrinho. O mata-pau é assim. Nasce numa arvore todo humildezinho e fraquinho; mas vai crescendo, crescendo, e um dia estrangula a arvore que o acolheu.

Digitized by Google

Dona Benta explicou que aquela fabula punha em foco a ingratidão, sentimento muito comum entre os homens. E citou varios ingratos ali das redondezas.

— Em materia de dinheiro ha muita ingratidão assim. Um sujeito vem pedir um emprestimo. Vem de chapeu na mão, humilde como essa cachorra. Assim que se pilha servido, dá o coice.

Emilia achou otima a moralidade da fabula: "Para os maus, pau!"

— Isso mesmo! Pau no lombo deles!

— A dificuldade, Emilia, está em conhecermos quem é o mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como essa cachorra, todo cheios de diminutivos — um "cantinho", uma "comidinha", um "dinheirinho"... E como havemos de adivinhar que isso é um disfarce, um preparo do terreno?

— Como? disse Emilia. E' boa!... Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com "inhos", é a gente ir pegando no pau e lascando...

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

Liga das Nações

Gato do mato, jaguatirica e irára receberam convite da onça para constituirem a Liga das Nações.

— Aliemo-nos e pacemos juntos, repartindo a presa irmãmente, de acôrdo com os nossos direitos.

— Muito bem! exclamaram os convidados. Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puseram-se a fazer a experiencia do novo sistema. Corre que corre, cérca daqui, cérca dali, caiu-lhes nas unhas um pobre veado. Diz a onça:

— Já que somos quatro, toca a reparti-lo em quatro pedaços.

— Otimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma, disse:

— Cabe a mim este pedaço, como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou a sua parte.

— Este segundo tambem me cabe porque me chamo onça.

Os socios entreolharam-se.

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou mais forte do que todos vós.

A irára interveio.

— Muito bem. Ficas com tres pedaços, concordamos (que remedio!); mas o quarto tem que ser dividido entre nós.

— Ás ordens! exclamou a onça. Aqui está o quarto pedaço ás ordens de quem tiver a coragem de agarra-lo.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os tres companheiros só tinham uma coisa a fazer: meter a cauda entre as pernas. Assim fizeram e sumiram-se, jurando nunca mais entrarem em Liga das Nações com onça dentro.

Digitized by Google

— Chega de fabulas, vóvó! disse Pedrinho. Já estamos empanturrados. A senhora precisa nos dar tempo de digerir tanta sabedoria popular. Estou com a cabeça cheia de "moralidades".

Dona Benta concordou. Tudo tem conta, e a maior sabedoria da vida é usar e não abusar. Mas, querendo saber se tinham aproveitado a lição, disse:

— Mui bem. Vamos agora ver se não perdi meu tempo. Que é que você conclue de tudo isto, Pedrinho?

— Concluo, vóvó, que as fabulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm sempre um merito: são curtinhas...

— Muito bem. E você, minha filha?

— Para mim, vóvó, as fabulas são sabidissimas. No momento a gente só presta atenção á fala dos animais, mas a moralidade nos fica na memoria e de vez em quando, sem querer, a gente aplica "eli cuento", como a senhora diz.

— Muito bem. E você, Emilia?

— Eu acho que as fabulas são indiretas para um milhão de pessoas. Quando ouço uma, vou logo dando nome aos bois: este mono é o tio Barnabé; aquele asno carregado de ouro é o coronel Teodorico; a gralha enfeitada de penas de pavão é a filha de Nhá Véva. Para mim, fabula é o mesmo que indireta.

Dona Benta voltou-se para o visconde.

— E que pensa das fabulas, visconde?

O sabuguinho assoprou e disse:

— Na minha opinião, as fabulas mostram só duas coisas: 1.°) que o mundo é dos fortes; e 2.°) que o unico meio de derrotar a força é a astucia. Essa da Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por que? Porque lá dentro estava a onça, representando a força e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irára fez ver o direito desses animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irára errou. Em vez de alegar direito devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astucia vence a força. Emilia disse uma coisa muito sabia em suas Memorias...

— Que foi que eu disse? perguntou Emilia, toda assanhadinha e importante.

Digitized by Google

— Disse que se tivesse um filho só lhe dava um conselho: "Seja esperto, meu filho!" Se não fosse a esperteza, o mundo seria duma brutalidade sem conta...

— Seria a fabula do Lobo e o Cordeiro girando em redor do sol que nem planeta, com todas as outras fabulas girando em redor dela que nem satelites, concluiu Emilia dando um pinote.

Dona Benta calou-se, pensativa.

1943.

De *"Fabulas"*

Digitized by Google

Dona Benta e Socrates

A entrada de dona Benta e Narizinho na sala de jantar de Péricles constituiu, sem duvida nenhuma, o maior acontecimento da cidade de Atenas no ano 438 A. C. Desde a vespera que ninguem conversava outra coisa que não fosse a misteriosa aparição do "Beijaflor da Ondas" no Pireu ou a primeira visita que a velhinha fizera ao Estrátego. "E' uma prodigiosa vidente", comentavam todos. "Lê o futuro como se estivesse lendo um pergaminho". A noticia correu de boca em boca, de modo que ao saberem do jantar em casa de Péricles não houve quem não disputasse um convite. Péricles, entretanto, homem de grande comedimento, só reuniu uma duzia de intimos. Isso determinou ajuntamento defronte sua casa. Dezenas de pessoas ali permaneceram durante a festa, espiando disfarçadamente, para "pescar" o que podiam.

Assim que a velhinha entrou, os convidados rodearam-na como se rodeassem um ser caido da lua. Examinavam-na com a maior curiosidade, trocando entre si impressões cochichadas — sobretudo as damas que, não contentes de vê-la e ouvi-la, ainda lhe apalpavam a fazenda do vestido.

Dona Benta havia posto o seu celebre vestido de gorgorão amarelo do tempo do Imperador, que só tirava da arca nas ocasiões de grande gala. Saia rodada, com babados que desciam até ao chão. Botinas de pelica. Corpete justo na cintura, com gola de renda. Leque de setim e varetas de madreperola, com uma pintura a guache representando um minueto do tempo de Luiz XV.

Narizinho vestia um saiote de xadrez vermelho e um gracioso bolerinho de veludo preto. Cabelos amarrados com fita cor de rosa. Sapatinhos de bico chato; meias de fio da Escocia; uma pulseira de galalite e um colarzinho fantasia — tudo muito vulgar e prosaico para os modernos, mas tremendamente novo e sensacional para as damas do seculo de Péricles.

Digitized by Google

As perguntas de Aspasia e suas companheiras não tinham fim, sobre o gorgorão amarelo, sobre as botinas de pelica, sobre a gola de renda, sobre um velho broche de camafeu que dona Benta herdara de sua avó Pulqueria Encerrabodes, bem como sobre as meias de Narizinho, o colar de missanga e a pulseira de galalite. "Onde ha disto?" A pulseirinha foi uma sensação, por tratar-se de substancia sintetica, totalmente desconhecida naqueles tempos. Cleone, uma das amigas de Aspasia, chegou a propor a troca da "maravilha" por uma estatueta de Artemis de dois palmos de altura, feita de ouro maciço pelo escultor Miron. Narizinho ia aceitando o negocio — mas dona Benta achou que era "exploração indigna duma Encerrabodes trocar uma pulseira de seis mil reis por uma obra prima dum dos maiores artistas do mundo".

— Mas explique-nos tudo, dizia Aspasia. Onde é sua terra? Como pôde chegar até aqui? Herodoto, que escreveu sobre tantos paises, não fala de nenhum de onde a senhora possa ter vindo.

A menção do nome de Herodoto veio assanhar dona Benta.

— Conhece-o, senhora Aspasia?

— Como não? Lá está ele — e apontou para um homem duns quarenta e poucos anos que conversava com um moço de nariz muito feio.

Nos seus serões no sitio dona Benta lera e relera com grande interesse uma tradução das *"Historias de Herodoto"*, de modo que não tirava os olhos do grande historiador, cognominado o "Pai da Historia".

— Vai ter um grande nome no futuro, esse homem... murmurou ela.

— Já tem nome hoje, disse Aspasia. Herodoto, que é um dos nossos melhores amigos, apareceu cá em Atenas depois de muitos anos de excursões pelo Egito, pela Libia, Fenicia, Persia, Tracia, Macedonia, Citia e nossas colonias da Asia. Tudo viu e observou com grande penetração — e aqui em Atenas nos comunicou as suas notas de viagem. Péricles, encantado, aconselhou-o a dá-las ao publico. Isto ha uns oito anos, mais ou menos. Herodoto leu suas historias no Odeon. Foi tamanho o entusiasmo dos ouvintes, que logo depois, por proposta de Péricles, a assembleia ateniense votou-lhe um premio de 10 talentos.

Narizinho, que tudo ouvia com a maior atenção, fez a conta de cabeça. Dez talentos a 297 libras cada um, são 2.970

Digitized by Google

libras — ou sejam 297 contos de reis. "Sim, senhor! pensou ela. Estes gregos sabem dar valor ao talento!"

— E aquele moço de nariz feio que está a conversar com o historiador? quis saber dona Benta. Suponho que já o vi no Ágora, numa roda de amigos.

— Aquele? E' um moço que esteve na guerra e hoje anda a ganhar fama de bom argumentador. Socrates.

Dona Benta quasi caiu no chão. Suas pernas bambearam. Socrates! O grande Socrates, cujo nome iria atravessar os seculos, ali diante dela, tão feio em moço como o seria na velhice...

Aspasia estranhou aquele interesse, pois Socrates não passava dum ateniense como inumeros outros, bom soldado nas guerras, bom conversador, bom argumentador e muito amigo de discussões — mas só. Por que razão a velhinha espantava-se tanto? Interpelou-a.

— Ah, minha senhora, respondeu dona Benta, o nome de Socrates vai ser um dos mais altos da humanidade e dos mais honrados pelo futuro. Quantos mais seculos se passarem, mais se falará de suas virtudes e de sua filosofia. Daqui a 2377 anos o seu nome estará bem maior do que hoje...

Aspasia refranziu a testa.

— Como? Que historia de 2377 anos é essa?

— Sim, falo do tempo em que vivo, lá no mundo moderno. Porque eu sou do ano 1939 da Éra Cristã — uma nova éra que vai começar daqui a 438 anos. Sou, portanto, de um futuro que fica a 2377 anos deste ano em que Atenas está.

Poucas mulheres antigas revelaram a inteligencia, a largueza de vistas e a compreensão da segunda esposa de Péricles, mas mesmo assim as palavras de dona Benta deixaram-na atrapalhadissima. Sempre de testa franzida, Aspasia levou uns segundos para alcançar a significação do que a velhinha dizia. Finalmente sorriu.

— Por Afrodite! Com que então a senhora não se contenta com *ver* o futuro — tambem *vem* do futuro?...

Dona Benta, que já notara o dificil de fazer os atenienses compreenderem o seu estranho caso, respondeu:

— Minha senhora, ando embaraçadissima. Tudo quanto eu digo vos parece absurdo, fantastico, coisa de demente. Mas já que me interpela, responderei. Venho dum tempo muito longe deste, e venho dum continente que *para os gregos de hoje* só será descoberto daqui a 1930 anos pelo almirante

Digitized by Google

genovês Colombo — mas que *para mim* já está descoberto ha 447 anos...

A explicação desenhou novas rugas na testa de Aspasia e na de todos os presentes. Era absurda, incompreensivel...

— Mas de que país a senhora é?

— Vóvó é do Brasil, respondeu Narizinho, uma terra descoberta em 1500 pelo almirante português Pedro Alvares Cabral.

A resposta da menina complicou ainda mais o embrulho. Continente novo? Almirante genovês? Colombo? Pedro Alvares Cabral? Tudo nomes e expressões absolutamente sem sentido. E como as caras permanecessem as mesmas, dona Benta resumiu:

— Coisas a vir, meus senhores, coisas a vir...

O "resumo" não melhorou o embrulho. Coisas a vir, como? Está claro que ha sempre coisas a vir, já que o tempo é uma continuidade. Do mesmo modo que admitimos o passado, temos que admitir o futuro, ou o tempo a vir. Mas se eram "coisas a vir", isto é, não existentes ainda, como então a velhinha afirmava com tamanha segurança que *chegara* de lá? Como pode alguem chegar dum tempo que ainda não existe?

— Não existe para os senhores, insistiu dona Benta. Para mim existe.

Socrates, que se havia aproximado, meteu o bedelho na conversa.

— Perdão, minha senhora, disse ele, mas o que na *realidade* chamamos tempo é só o presente. A realidade-tempo é essa — o presente. Passado e futuro são representações do nosso espirito; porque o que passou já passou, e portanto não existe; e o que está para vir ainda não veio, e portanto igualmente não existe. A senhora não pode ter *chegado* do futuro, isto é, do que ainda não existe.

Dona Benta sentiu as pernas moles e a boca seca. Socrates diante dela, a argumentar com ela, a humilde velhinha do Picapau Amarelo! Que prodigio dos prodigios! Mesmo assim atreveu-se a dizer:

— Meu senhor, logicamente tudo é assim como vossas palavras dizem, e no entanto a verdade é bem outra, porque realmente eu vivo a 2377 anos daqui, no sitio do Picapau Amarelo — e de lá vim, recuando no tempo e no espaço.

Aquela afirmativa desnorteou o filosofo de nariz feio. Por mais habil que fosse na tecnica de argumentar, Socrates

Digitized by Google

compreendeu que era impossivel discutir com quem dá respostas como aquela, *absurdamente* disparatadas — e afastou-se, a sorrir, voltando para a companhia de Herodoto: "Evidentemente, meu amigo, a velhinha está fora do juizo. Diz coisas sem o menor nexo logico".

— Foi a primeira impressão de Péricles, disse Herodoto, mas Péricles já mudou de parecer. Acha que a velhinha não é nenhuma tonta, e que o caso não pode ser resolvido apenas com a logica. Um grande misterio anda em tudo isto, meu caro.

Socrates deu de ombros.

— Tudo pode ser, murmurou. De mim confesso que nada entendo.

Péricles, que havia saido da sala para atender a um negocio, voltou acompanhado dum conviva retardatario.

— Permita-me, senhora Encerrabodes, que lhe apresente um dos nossos grandes escultores — Policléto.

Falar a dona Benta em Policléto era o mesmo que falar no tio Barnabé, no Elias Turco ou outro qualquer conhecidissimo personagem do Picapau Amarelo. A velhinha *sabia* toda a historia desse grande escultor grego, não só a que *vinha* desde o seu nascimento em Argos até aquele momento, como ainda a que *iria* dali até sua morte no ano 403 A. C. Policléto estava então com 42 anos e em pleno fulgor do seu genio.

— Muito honrada me sinto, meu senhor, de ser apresentada ao grande artista de tantos primores, e sobretudo do *Diadumeno* e do *Cánon*...

Policléto julgou que ela o estivesse confundindo com algum outro e respondeu a sorrir:

— Sua erudição a traiu, minha boa senhora. Entre meus trabalhos não ha nenhum *Diadumeno*, nem nenhum *Cánon*...

— Sei disso, replicou dona Benta, mas vai haver. Vai esculpir um jovem efébo na atitude de atar á testa uma faixa — e vai tambem, não só escrever um pequeno tratado sobre as proporções, como ainda esculpir uma formosissima estatua de adolescente em que as boas proporções do corpo humano serão fixadas dum modo definitivo — estatua essa que receberá o nome de *Cánon*...

Aconteceu com Policléto o mesmo que com Socrates: embatucou. A resposta da velhinha deixara-o tonto.

— Meu caro amigo, foi ele cochichar a Péricles, o que a "vidente" acaba de dizer parece-me o assombro dos assombros, pois de ha muito que ando a parafusar na ideia de

Digitized by Google

compor um tratado sobre as proporções, e de esculpir uma estatua que fixe no marmore as medidas ideais do corpo humano. Mas se tenho essa ideia, jamais a comuniquei a ninguem — e a velhinha adivinhou-a e expo-la com clareza solar. Por Apolo! A coisa é absolutamente extraordinaria...

Evangelus, o mordomo, acenou da porta com qualquer coisa na mão. Péricles fez-lhe sinal que entrasse. "Um marujo do Pireu vem de trazer isto", murmurou ele, passando ao amo uma carta para dona Benta. Péricles tomou-a e fez a entrega.

— Acaba de chegar do Pireu, minha senhora.

O rosto da velhinha iluminou-se. Letra de Rabicó! Mas os oculos? Estavam com a menina.

— Narizinho, meus oculos!... Que é de Narizinho?...

Narizinho desaparecera da sala.

— Anda lá dentro brincando com o senhor Alcebiades, declarou Evangelus. Vou chama-la.

— Alcebiades? repetiu consigo dona Benta, franzindo a testa. Será por acaso o famoso general ateniense que encheu esta Grecia com a sua beleza, o seu genio e as suas loucuras?

Narizinho veio dos fundos a correr, seguida dum formoso menino de doze anos.

— Meus oculos, minha filha! Rabicó mandou-me esta carta lá do "Beija-flor". E em voz baixa: Quem é esse menino que apareceu com você?

— Alcebiades, vóvó, o pupilo do senhor Péricles. Esteve a mostrar-me a casa inteira, os viveiros, a piscina, os quadros. Vi pinturas lindas lá dentro — não emolduradas como as nossas, sim nas paredes.

Dona Benta não tirava os olhos de Alcebiades. Toda a prodigiosa vida do futuro general ateniense perpassava pela sua memoria, como em tela de cinema. Iria ser o mais belo homem de seu tempo — e aos doze anos já o anunciava. Dona Benta suspirou e voltou á carta, depois de colocar os oculos.

"Que são aquelas rodas que ela põe no nariz"? foi a pergunta que percorreu a sala — e Péricles, o unico que já examinara os oculos de dona Benta, disse num grupo: "São vidros duma pureza de transparencia e duma perfeição de polimento que me parecem maravilhosas. Possuem a propriedade de aumentar as coisas vistas através — otimos, portanto, para auxiliar a visão das pessoas de vista cansada. O nome que ela dá áquilo é "oculos". Aparelho realmente extraordinario".

Digitized by Google

No silencio completo que se fez dona Benta leu a carta, com todos os olhares convergidos para a sua pessoa. Sorriu triunfalmente e falou.

— Boas noticias, meus amigos! Antes de mais nada, porém, devo dizer que temos lá no hiate um aparelho receptor das "ondas sabugueanas", irmãs das tais ondas hertzianas que percorrem o espaço e por meio das quais nós, modernos, transmitimos mensagens, cantos, musicas, etc., dum continente a outro. O nosso ilustre visconde de Sabugosa, entretanto, descobriu umas ondas novas, que receberam o nome de ondas sabugueanas, por meio das quais podemos transmitir mensagens, cantos, musicas, etc., dum seculo a outro. Neste momento meu neto Pedrinho, a Emilia e o visconde estão mergulhados no seculo XV A. C., em plena Grecia Heroica, e de lá enviaram ao receptor do nosso navio uma mensagem, que o senhor marquês de Rabicó, lá no hiate, apanhou e fixou na cartinha que acaba de vir.

A assistencia estava de boca aberta, sem perceber coisa nenhuma. Aspasia sentia estranhos arrepiamentos pelo corpo. O cerebro de Socrates parara de funcionar. Só os artistas ali presentes não se espantavam, porque para os artistas tudo no mundo é sonho.

— Meus senhores, prosseguiu dona Benta, o que aqui me conta Pedrinho talvez vos vá assombrar. Diz que depois de aspirarem no hiate o pó numero 2 e de perderem os sentidos, foram abrir os olhos na Tessalia do seculo XV A. C., num campo onde havia um rebanho de carneiros e um pastor. Ao longe levantava-se bela montanha azul — o Olimpo.

Aspasia sentiu uns começos de faniquito. Herodoto interrompeu a observação que fazia num grupo a proposito dos Persas. Socrates pensou nas ideias filosoficas de Anaxagoras e sentiu em seus miolos a comichão dum "Quem sabe?"

— Sim, o Olimpo, meus senhores, a morada dos deuses. E Pedrinho, Emilia e o Visconde galgaram a montanha sagrada e surpreenderam os deuses em reunião, discutindo o proximo trabalho de Hercules, que vai ser o ataque á Hidra dos pantanos da Argolida. E á noite penetraram na copa do Olimpo, donde furtaram um vidrinho de nectar e um *bom pedaço* de ambrosia. Diz a carta que o nectar lembra o mel das abelhas, embora muito mais gostoso; e a ambrosia lembra a pamonha de milho verde, ou curáu, um creme que os senhores não podem imaginar o que seja, uma vez que nada sabem do milho. A aventura correu felicissima. Desceram

Digitized by Google

do Olimpo sem novidades, voltaram á cabana do pastor, remeteram-me esta comunicação e foram preparar-se para a ida á Argolida, afim de assistirem á luta de Hercules com a Hidra.

Depois de breve pausa dona Benta prosseguiu:

— Meus senhores, leio na vossa atitude o maior desnorteamento. Nossa situação é de tal modo extravagante que chega a fazer mal aos nervos da senhora Aspasia e outras damas...

Aspasia estava já em pleno faniquito, com Péricles a abana-la freneticamente. Outras damas preparavam-se para fazer o mesmo.

— Sim, extravagante, absurda, incompreensivel, tanto para mim quanto para todos vós. As teorias do senhor Socrates sobre o tempo-realidade parecem-me destruidas. Onde as separações entre presente, passado e futuro? Todas as paredes cairam. Sou do futuro; do futuro vim e para o futuro voltarei. Sois dum presente que para mim já é recuadissimo passado. E meu neto Pedrinho está numa éra que é remotissimo passado para mim e para todos vós. E apesar de tantos seculos nos separarem, eis-nos aqui reunidos — e eu ligada ao meu neto pelas ondas sabugueanas! Se os senhores se espantam de ver em Atenas uma velhinha do futuro, tambem eu me espanto de ver-me a conversar com seres do passado. Nada mais tenho a dizer senão que entrego este quebra-cabeças á perspicacia do senhor Socrates.

Dona Benta tirou os oculos e guardou a carta. O silencio era tão profundo que todos ouviram o canto dum rouxinol ao longe. Péricles correu a mão pela testa. Estava a suar — ele que jamais suara nos campos de batalha, nem nas terriveis pelejas da assembleia ateniense...

(D'"*O Minotauro*")

Digitized by Google

As arvores gemeas

Não é facil lidar com o pó de pirlimpimpim. A gente tem de cheira-lo na quantidade certa, nem mais, nem menos, senão vai parar para lá ou para cá do ponto que pretendia alcançar. Pedrinho, sem pratica ainda, errou na dose. deu-lhes pó demais, de modo que foram parar numa terra muito diferente do País das Fabulas. Em vez do lindo campo de veludo verde, cortado pelo rio á beira do qual os dois fabulistas viviam a discutir a origem das fabulas, acharam-se num verdadeiro deserto africano, com enormes rochas negras dum lado e o mar de outro. Nem florestas, nem vegetação nenhuma — além de duas arvores gemeas a cuja sombra o burro parara. Assim que pulou em terra, Pedrinho correu os olhos em torno.

— Erramos, vóvó! disse ele. Isto nunca foi o País das Fabulas! Está me cheirando a alguma das terras das Mil e Uma Noites...

— E agora? perguntou a velha, já com medo. Melhor voltarmos. Estou sentindo uma coisa exquisita no coração...

— Sim, podemos voltar, concordou o menino, mas primeiro temos de tomar folego e esperar que passe a sua tontura.

Dona Benta concordou e, suspirando, sentou-se numa das raizes da arvore, a abanar-se com o lenço, muito queixosa da falta de ar. Pedrinho amarrou o burro pelo cabresto e pôs-se a examinar a paisagem.

— Que arvores tão exquisitas! disse erguendo os olhos para cima. Os troncos sobem em linha reta, mais grossos no alto do que em baixo!...

— E repare a copa, disse a menina, tambem de nariz para o ar. Não parece formada de folhas, como todas as arvores, e sim de penas, ou coisa parecida. A casca tambem, veja, não se parece com casca de nenhum pau conhecido. Toda escamada, como pele de jacaré. Francamente, estou desconfiada destas arvores...

Os troncos tinham as raizes de fóra, quatro raizes para cada arvore, terminadas em pontas curvas, como enormes chi-

Digitized by Google

fres de boi. De repente a raiz onde se sentara dona Benta se mexeu.

— Acudam! berrou a pobre senhora dando um pulo. A raiz mexeu!...

Aquele grito assustou as arvores gemeas, fazendo-as se destacarem do solo, com raizes e tudo e ergueram-se no ar, levando o pobre burro pendurado pelo cabresto.

— Misericordia! gritou dona Benta no auge do pavor. Não eram arvores! Eram as pernas do passaro Roca, que confundimos com arvores! Sentei-me em cima do dedo do passaro Roca, pensando que era raiz...

Tinha sido isso mesmo. Por um desses acasos da vida, os nossos viajantes tinham parado justamente debaixo do gigantesco passaro das Mil e Uma Noites e tomaram as suas monstruosas pernas como troncos de duas arvores gemeas... Felizmente eles eram pequeninos demais, em comparação com o passaro Roca. Nem foram percebidos. Do contrario, teriam sido destruidos como se fossem pulgas. Estavam salvos, com exceção do burro falante, que lá se balançava no espaço, a espernear...

— Que pena! exclamou dona Benta compungida. Um burro tão boa pessoa, tão bem falante!... Tia Nastacia vai ficar inconsolavel...

— Podemos salva-lo, vóvó, disse Pedrinho abrindo o mapa do Mundo das Maravilhas. O barão de Munchausen tem um castelo aqui perto. Ele é o melhor atirador do mundo. Pode, com uma bala, cortar o cabresto do burro e salva-lo. Resta que eu ache o barão em casa...

Pedrinho resolveu ir procurar o castelo. Tomou uma pitada do pó de pirlimpimpim e cheirou-o, depois de recomendar:

— Não me saiam deste ponto. Dou um pulo ao castelo e já volto.

— Pelo amor de Deus, Pedrinho, não nos abandone neste maldito deserto! implorou a nervosa velha. Melhor irmos atrás desse barão todos juntos...

Muito tarde. Pedrinho já havia cheirado o magico pó, cujo efeito era instantaneo. Começou a virar fumaça de gente, breve desaparecendo da vista de todos. Dona Benta abanava-se, abanava-se, cada vez mais aflita. Aquilo parecia o fim do mundo. Narizinho procurou consola-la.

— Não seja tão boba, vóvó! Não tenha medo, que nada adianta. Faça como eu, que estou fresca da silva. Ha tanto tempo que vivo nesta vida de aventuras, que já não sei ter

Digitized by Google

medo. Seja lá o que apareça, leão, cuca, saci, onça ou passaro Roca, a gente dá um jeito e no fim sai vencendo. Para que tremer assim, justamente agora que o perigo passou?

— Não posso, minha filha. Não está em mim. Quando me lembro de que uma criatura pacata como eu, de mais de sessenta anos, esteve sentada no dedo do passaro Roca, meu coração pula dentro do peito que nem um cabrito...

Até Emilia caçoou da coitada.

— Tamanha mulher! Tremendo porque esteve sentada num pé de galinha! Pois eu até no bico desse tal passaro era capaz de dormir um sono bem sossegado.

— É que você é inconciente, Emilia. Se eu fosse de pano, era provavel que tambem não tivesse medo. Mas sou de carne...

— Isso não, vóvó! protestou a menina. Eu tambem sou de carne e não tenho medo de nada.

— Você é outra inconciente, minha filha. Tem a inconciencia natural da idade. Quando crescer, ha de ficar medrosa como eu.

Estavam nessa conversa, quando Emilia gritou:

— Lá vem vindo Pedrinho com o barão de Munchausen!

Todos voltaram-se e viram o vulto dos dois, lá longe. Estava o barão vestido de caçador, grandes botas, chapeu de tres bicos, espingarda a tiracolo. Ao seu lado marchava Pedrinho, muito lampeiro de ver-se em tão nobre companhia. Vinha contando historias das suas caçadas no sitio. Naquele momento o passaro Roca reapareceu no ceu, a grande altura, descrevendo circulos. Voava tão alto que nem dez tiros emendados poderiam alcançar metade do caminho.

— Temos de esperar que ele baixe, disse o barão.

— Enquanto isso o senhor dá uma prosinha com vóvó, que deve estar morre não morre de medo.

— Medo de que?

— De tudo. Vóvó tem medo até de barata. Hoje foi a primeira vez que a trouxemos ao mundo das aventuras. Mas erramos de terra e viemos parar bem em baixo do passaro Roca. A coitada sentou-se no dedo dele e agora nem pensar nisso pode. Sente uma pontada no coração.

O senhor de Munchausen contou que construira ali aquele castelo justamente por causa do passaro Roca. Já havia caçado quanta féra existe, desde rinoceronte até condor, menos passaro Roca. Porisso jurara matar aquele. Queria ter entre os troféus da sua sala de armas pelo menos a unha da gigantesca ave, já que bico, perna ou asa não cabiam lá dentro.

Digitized by Google

— Mas com essa espingarda o senhor não faz coisa nenhuma, disse o menino. Bala, seja do calibre que for, é o mesmo que poeira para tamanho bicho.

— Sei disso, e porisso não atiro com chumbo ou bala. Atiro com caroços de cereja. Esses caroços germinam na carne do passaro e vão crescendo até virarem cerejeiras. Vou assim transformando o passaro Roca em pomar. Um dia o peso das arvores fica demais para as suas forças e ele cessa de voar. Creio que já plantei uns cem pés de cereja no lombo do passaro Roca!

— Oh, exclamou Pedrinho, muito melhor seria atira-lo com sementes de jequitibá.

O barão, que nunca ouvira falar em tal arvore, franziu a testa. Pedrinho explicou:

— É uma arvore que fica enorme, da grossura da mais grossa pipa. Na minha opinião, com meia duzia de jequitibás plantados a tiro no passaro Roca, ele perde a cisma de voar pelo resto da vida.

O senhor de Munchausen muito admirou a esperteza de Pedrinho, que ficou de lhe mandar sementes de jequitibá pelo primeiro portador. Nisto chegaram ao ponto onde dona Benta morria de medo ao lado de Narizinho e da boneca. O barão saudou-a cortesmente, á moda dos alemães.

— Obrigada por ter vindo em nosso socorro, senhor de Munchausen! disse dona Benta, retribuindo a cortesia. Estou aqui mais morta do que viva, de medo daquele monstro que lá está voando no céu. Imagine, barão, que estive, muito fresca da minha vida, sentada, como pata choca, no dedo dele!...

— Sossegue minha senhora, que cá estou para defende-la. Moro num castelo aqui perto, onde Vossa Excelencia poderá repousar e acalmar os seus nervos. Já dei ordem aos meus criados para que a venham buscar na minha caleça. E esta menina? disse mostrando Narizinho.

— Minha neta. Uma danada, senhor barão! Não tem medo de coisa nenhuma. Está aqui a rir-se da pobre vóvó medrosa...

— Eu tambem não tenho medo de nada, senhor barão! disse Emilia, com aquele seu celebre espevitamento.

— Oh, exclamou o senhor de Munchausen, pegando-a do chão. Se não me engano, é esta tal boneca falante que está famosa no reino das fadas. Não ha princesa que não conte historias dela.

Emilia inchou de gosto.

Digitized by Google

A conversa correu nesse tom por alguns minutos. Por fim dona Benta abriu o cesto onde estava o mexido de galinha que trouxera.

— Aceita uma coxinha, senhor barão?

— Obrigado! Só como carne de animais ferozes.

— Um pedacinho só, prove! insistiu dona Benta. Este mexido foi feito com o frango mais valente do terreiro.

Tão cheiroso estava o petisco que o senhor de Munchausen perdeu a cerimonia. Sentou-se com os outros em roda do farnel e quasi que sozinho deu cabo de tudo.

— Parece um sonho! murmurou dona Benta ao ver aquilo. Quando me lembro que eu, a pobre Benta Encerrabodes de Oliveira, uma coitada que nunca saiu da sua tóca, está aqui, neste deserto misterioso, com o passaro Roca a lhe voar em cima da cabeça e o mais famoso barão do mundo a comer com tanto gosto o mexido de galinha que ela mesma fez, até fico boba...

UM SOCO HISTORICO

Nisto o passaro Roca principiou a descer, sempre descrevendo circulos em espiral. O burro ia-se tornando cada vez mais visivel e a pontada no coração de dona Benta cada vez mais forte. O barão preparou-se. Examinou a arma e carregou-a, bem carregada. Pedrinho não podia compreender como um caçador daqueles, o mais celebre de todos, ainda usava espingarda de pederneira, em vez das modernas espingardas de fogo central. Explicação muito simples. O senhor de Munchausen era do tempo das espingardas de pederneira e portanto não podia conhecer as de fogo central.

— Veja, vóvó, disse o menino, mostrando-lhe a espingarda do barão. Chama-se espingarda de pederneira porque tem esta pedra de isqueiro aqui junto ao ouvido. O gatilho dá na pedra e tira uma faisca, e a faisca lá vai incendiar a polvora. Interessante, não?

Dona Benta nem ouviu. Estava de olho mas era no passaro Roca.

— Uma vez, disse o senhor de Munchausen, perdi a pederneira desta mesma espingarda, numa das minhas caçadas, justamente quando um veado ia passando. Pensam que me atrapalhei? Fiz pontaria e — *bá!* dei um formidavel soco no olho. Saiu uma faisca ainda melhor que as da pederneira — e matei o veado!

Digitized by Google

Emilia, assim que ouviu aquilo, ficou ansiosa por ver o barão repetir a façanha e, sem que ninguem percebesse, deu jeito de sacar fora a pederneira da espingarda e esconde-la. Queria ver se ele tirava mesmo fogo dos olhos ou era peta.

O passaro Roca ia continuando a descer.

— Atire, barão! disse Emilia.

— É cedo, bonequinha! O cabresto inda não está bem visivel. Tenho de cortar o cabresto com uma bala no momento em que o passaro estiver voando sobre o mar. Senão o burro cai em terra e acontece como o jaboti que foi á festa do céu — esborracha-se!...

A gigantesca ave desceu mais e mais. O cabresto tornou-se por fim bem visivel.

— É hora! disse o barão erguendo a arma á cara. Fez pontaria e — *blef!* — o gatilho deu em seco.

— Com seiscentos milhões de trabucos! praguejou ele. Onde teria ido parar a pederneira desta arma?

— Soque o olho! berrou Emilia.

— Sim, é o que ha a fazer. Mas como a pontaria tem de ser muito bem feita, vou segurar a espingarda com ambas as mãos e você, Pedrinho, préga o soco. Vamos, não tenha dó!...

Todos ficaram em suspenso, sentindo que algo de muito importante ia acontecer. Tal qual no circo de cavalinhos, quando a musica pára. Era um momento notavel da vida de Pedrinho. Ia dar um soco historico no olho do mais celebre caçador do mundo! E tinha de fazer serviço muito bem feito para não estragar o capitulo.

— Soco inglês! gritou Emilia.

O menino tirou o paletó, arregaçou a manga da camisa, girou tres vezes no espaço o punho cerrado e por fim — *bam!* deu tal soco que quasi arranca o olho do barão fóra da orbita. Mas valeu! Saiu uma faisca linda, que penetrou, feito um corisquinho, dentro do ouvido da arma e inflamou a polvora. *Bum!* Um tiro reboou, daqueles que levam minutos ecoando por montes e vales. E certissimo!... A bala deu bem no cabresto, cortando-o como se fosse navalha. O burro imediatamente começou a cair com velocidade crescente, até que *tchibum!* — mergulhou no oceano.

— Afundou para sempre, o coitado! exclamou Narizinho.

— Não tenha medo. Ele boia já, disse o barão.

De fato. Segundos depois aparecia á tona d'agua uma aflitissima cabeça de burro, a berrar:

— Socorro! Acudam-me que não sei nadar!...

Digitized by Google

— E esta agora! exclamou o menino. Querem ver que o nosso burro escapa do passaro Roca para morrer afogado estupidamente, como um carneiro?

— Vamos salva-lo, Pedrinho! disse o barão despindo o casaco e sacando as botas. Será um crime deixarmos morrer um burro que fala.

Entraram os dois pelo mar a dentro, nadando a largas braçadas em direção do naufrago.

— Segurem-no pelo rabo e puxem! berrava Emilia da praia. Mas não puxem fora de conta que podem arrancar o rabo!...

Assim fizeram os salvadores. Um agarrou o burro pelo rabo e o outro pela orelha, e o vieram puxando para terra. Estava salvo o precioso burro falante, unico exemplar conhecido, mas em que estado!... Ou por medo, ou por ter passado tanto tempo no ar quasi enforcado pelo cabresto, ou por ter bebido agua demais, o caso era que nem falar podia. Apenas suspirava uns suspiros de cortar o coração da gente.

— Agua! gritou dona Benta. Dêem-lhe agua!

Emilia, muito lampeira, pegou logo uma concha marinha das que abundavam por ali, encheu-a d'agua do mar e despejou-a na boca do burro.

— Que burrice, Emilia! gritou Narizinho tomando-lhe a concha. Pois não vê que o coitado está morrendo de tanta agua do mar que bebeu? Agua quer dizer agua doce, boba...

— Pêlo de cão se cura com a mordedura do proprio cão, respondeu a boneca, trocando as bolas dum dito que tia Nastacia usava muito.

E não é que deu certo? Aquela agua da concha enjoou de tal maneira o burro que ele começou a vomitar todo o oceano que havia engulido. Melhorou imediatamente e sentou-se na areia com as patas da frente espichadas, tal qual a esfinge do Egito.

— Está melhorzinho? veio perguntar dona Benta, passando-lhe a mão pela cara.

— Um pouco melhor, obrigado! foi a resposta do delicadissimo burro, que ainda por cima lhe agradeceu com os olhos — uns olhos muito brancos, ansiados pelas agonias da morte.

FIM DO VISCONDE DE SABUGOSA

— E o visconde com a canastrinha? lembrou Emilia. Estavam os "dois" amarrados á crina do burro mas não vejo nem um nem outro.

Digitized by Google

Sumira-se o visconde, ninguem sabia como. Devorado pelo passaro Roca? Afogado naquele mar imenso? Impossivel apurar. Emilia ficou aborrecidissima, não tanto pelo visconde, apesar de serem muito camaradas, mas pela canastrinha que com ele se perdera. Só se consolou quando dona Benta lhe prometeu outra ainda mais bonita. Subito, Narizinho, que se afastara do grupo para juntar caramujos da praia, gritou:

— Corram! Achei o visconde!...

Todos correram para lá, e de fato viram o pobre visconde semi-enterrado na areia, morto, completamente morto!... Tinha-se afogado e fôra trazido pelas ondas. Pobre visconde! Sem cartola, de lingua de fóra, olhos cheios de areia, corpo metade comido pelos peixes... Todos se comoveram profundamente, sobretudo ao verem que não largara a canastrinha. Fiel como um cão, cumpridor da palavra como um verdadeiro nobre, perdera a vida, mas não perdera a carga que lhe fôra confiada!... Até o senhor de Munchausen se comoveu. Descobriu-se, cruzou os braços e ficou de mão no queixo a contemplar aquele triste fim. Emilia, porém, demonstrou mais uma vez que não tinha coração. Em vez de derramar uma lagrima, ou dizer umas palavras tristes, a diabinha limitou-se a abrir a canastra — para ver se o visconde não havia furtado alguma coisa!... Depois teve uma ideia muito pratica. "Depenou" o cadaver, isto é, arrancou-lhe as pernas e os braços roidos pelos peixes e guardou o tronco na canastrinha, dizendo:

— Tia Nastacia é uma danada. Com este tôco aposto que faz um visconde novo, muito mais bonito.

Por fingimento, ou porque realmente sentisse a morte do visconde, o barão declarou que iria tomar luto no chapeu por tres meses, visto que eles, barões e viscondes, são parentes entre si — parentes em nobreza. Esse ato do senhor de Munchausen muito sensibilizou dona Benta, a qual cochichou ao ouvido de Narizinho:

— Bem se diz que santo de casa não faz milagres! Nunca demos grande importancia ao visconde e, no entanto, veja, até luto por ele vai o senhor de Munchausen botar...

Nisto ouviram tropel de cavalos. Era a caleça do barão que vinha chegando para levar dona Benta ao castelo.

1930.

De *"Reinações"*

Digitized by Google

O anjinho de asa quebrada

O burro quis saber o que havia acontecido desde o momento em que Pedrinho lhe assoprou o pó de pirlimpimpim nas ventas. A menina sentou-se e foi contando. Enquanto isso a boneca pôs-se a passear por ali em procura de coisinhas pelo chão, como costumava fazer nas praias. Por causa desse habito vivia encontrando coisas. Emilia pôs-se a andar, e foi andando, e afastou-se para longe.

Em dado momento, quando Narizinho, depois de contar a chegada á Via Latea, ia entrando na historia do cometa-potro-chucro, uma voz distante chegou-lhe aos ouvidos: "Corra, Narizinho! Venha ver uma coisa do outro mundo..."

A menina ergueu-se e correu na direção da voz, até que avistou Emilia sentada no chão com qualquer coisa ao colo. De longe não pôde distinguir o que era — pareceu-lhe uma criancinha nova. Mas seria absurdo admitir uma criança nova naquelas alturas.

Narizinho foi se aproximando. Chegou bem perto. Arregalou os olhos e esfregou-os, porque lhe custava acreditar no que seus olhos viam.

— Um anjinho, Emilia?... exclamou afinal no maior dos espantos. Onde descobriu semelhante maravilha? e acocorou-se á frente do anjinho lindo que a boneca tinha ao colo.

Era um anjinho mesmo! O mais lindo anjinho dos ceus, a maior das galantezas. O rosto parecia feito de petalas de rosa. Os cabelos em cachos pareciam feitos de fios de luz.

— Achei-o caido por aqui, respondeu a boneca com os olhos irradiantes de gosto. Deve ser um pobre anjinho que rolou dalguma nuvem e quebrou a asa. Está desmaiado. Veja que galanteza, Narizinho! Louro que nem macela, de asas alvas como paina...

A menina ajoelhou-se ao lado da boneca e caiu em contemplação da maravilha. Que encanto de creaturinha! Teve vontade de come-lo, como quem come um docinho cristalizado.

Digitized by Google

Seu encantamento crescia. Ela olhava, olhava e não cessava de olhar. Depois bateu palmas. Ergueu-se e começou a dar pulos de contentamento.

— Corra! gritou para o Burro Falante. Venha ver o assombro dos assombros — um anjinho de asa quebrada...

E para a boneca:

— Imagine, Emilia, nós lá no Sitio com um ente destes para brincar! Tia Nastacia sabe quanto remedio existe; ha de saber tambem um bom para asa quebrada — e ele sara e vai voar para nós vermos. Vóvó, coitada, juro que desta vez derruba o queixo, quando nos vir chegar com esta galanteza...

Passados alguns instantes o anjinho deu o primeiro sinal de vida, enquanto a menina lhe fazia esfregações pelo corpo. Seus olhos foram se abrindo. Eram azues como o ceu azul. Por fim falou na vozinha mais limpida e sonora.

— Onde estou eu? foram suas primeiras palavras.

— No meu colo! respondeu Emilia cheiissima de si.

O anjinho olhou para ela sem nada compreender. Nunca tinha visto boneca, e não podia fazer a menor ideia de quem Emilia fosse.

— E quem é a senhora? perguntou em debil voz.

— Eu sou a antiga marquesa de Rabicó, respondeu Emilia toda ganjenta, e agora vou ser a sua mãezinha querida. Esta meninota aqui ao lado é a neta de dona Benta, Narizinho. E aquele senhor de quatro pés é o unico burro falante que existe lá na Terra. Nós o salvamos das garras dum leão horrivel, numa das nossas aventuras do pirlimpimpim e o levamos para o Sitio. Não tenha medo dele, não, bobinho. E' muitissimo bem educado, incapaz de dar um coice numa mosca. Minha historia é essa. Agora conte-nos a sua.

Depois de olhar muito assustado para a menina e o burro, o anjinho falou. Explicou que andava de passeio pelo eter quando ouviu um tremendo estrondo (o choque dos dois cometas). O seu susto foi enorme, porque jamais tinha ouvido um trovão assim. O estrondo fe-lo perder o equilibrio do vôo e cair desmaiado. Na queda havia batido em qualquer coisa dura no espaço e estava agora sentindo uma dor na asa esquerda.

— Que engraçado! exclamou Emilia. O mesmo nos aconteceu, com a diferença que não nos machucamos e não quebramos a asa. As vezes é bom não ter asas.

Digitized by Google

Só então o anjinho percebeu que tinha a asa esquerda quebrada. Quis ergue-la, como erguia a direita, e não pôde. Isso fez que ele se pusesse a chorar um chorinho muito sentido.

— Que vai ser de mim? murmurou soluçando. Com uma asa só não posso voltar para minha nuvem, lá onde moram meus irmãos celestes...

— Melhor! disse Emilia. Irá morar conosco lá no sitio de dona Benta, que é o lugar mais bonito dos mundos. Temos uma porção de arvores no pomar, e um rio cheio de peixes, e a vaca mocha, e os bolinhos de tia Nastacia. E eu tenho uma canastrinha que até dou para você.

O anjinho nunca tinha visto arvore, nem rio, nem vaca, nem bolos, de modo que nada entendeu de tudo aquilo. Começou a fazer perguntas e mais perguntas, que ora Emilia respondia, ora Narizinho. O que mais lhe interessou foi a vaca mocha, cuja descrição, feita pela boneca, era mesmo de despertar a curiosidade de todos os anjos do ceu.

— Mas esse estranho animal não come gente? perguntou ele muito admirado.

— Só come capim e palha, respondeu Emilia. E tambem abobora, batata, milho e outras coisas assim.

— Capim? Que é capim? indagou a galanteza, com uma ruga de interrogação na testa.

Emilia olhou para Narizinho e sorriu. Depois respondeu:

— Não vale a pena explicar. Essas coisas lá da Terra são facilimas de ser compreendidas, *vendo*. Assim de longe, só explicadas e sem amostras, não podem ser entendidas. Lá na Terra mostrarei o que é capim, o que é flor, o que é arvore, o que é tudo. Não tenha pressa.

— E lá nesse sitio a gente pode voar? perguntou ele. Eu gosto muito de voar.

— Pode, como não? respondeu Emilia. Os patos de lá voam, os gaviões, os marrecos e até as galinhas d'Angola. Os passarinhos todos voam. O tempo voa. As borboletas, as abelhas, as içás — tudo voa que é uma beleza!...

— São anjos tambem, esses patos, gaviões e galinhas d'Angola?

Emilia não pode conter uma gargalhada gostosa — e voltando-se para Narizinho disse na "linguagem do P", para que o anjo não percebesse: "Épé mapaispis bupurripinhopo dopo quepe opo prinpincipicepe Espescapamapadopo". (E' mais burrinho do que o principe Escamado). E depois, para o anjinho:

Digitized by Google

— Não são anjos, não, meu amor. Os anjos que ha lá são só os de procissão, isto é, crianças com asas de pato nas costas. Fingimento. E ha tambem os "anjinhos" defuntos. As crianças que morrem viram "anjinhos" — mas em vez de voar, vão em caixões cheios de flores para os cemiterios. Anjo de verdade, dos "legímacos", você vai ser o primeiro.

Emilia havia inventado dizer "legímaco" em vez de "legitimo".

— E nunca mais poderei voltar para o ceu, com os meus irmãos? perguntou o anjinho depois de refletir uns instantes.

— Poderá, sim, mas duvido que volte. E' tão interessante a Terra, toda cheia de homens e mulheres e bichos e plantas, que anjo que cai lá nunca mais pensa em sair.

Nisto Emilia bateu na testa e disse: "Não é que me ia esquecendo?" e tirou do bolso do avental o celebre embrulhinho em papel de seda que lá guardara no dia da partida — o misterioso embrulhinho que não quis explicar a ninguem o que era. Enquanto Emilia desfazia o embrulho, a menina espichou o pescoço para ver do que se tratava. Uma bala puxa-puxa!

— Tome este presente que eu trouxe da Terra para você, disse a boneca oferecendo a bala ao anjinho. Desconfiei que ia encontrar por aqui alguem que merecesse uma bala e por prevenção "trusse" esta no bolso. Tome.

O anjinho tomou a bala com ar de quem nunca tinha visto semelhante coisa. Examinou-a por algum tempo; depois olhou para a boneca e para a menina, como que pedindo mais explicações.

— E' sua, bobinho! disse Emilia. Ponha na boca e prove. Não tenha medo.

O anjinho obedeceu. Pôs a bala na boca e sem demora fez cara de estar gostando.

— E' bom, sim! disse ele. Ha muitas coisas gostosas como esta lá no sitio?

— Montes! respondeu Emilia. Tia Nastacia faz desses doces (isso chama-se "doce", decore) em quantidade, e de todas as cores e gostos. Ha um amarelo, chamado "doce de abobora", que é muito bom. Ha um roxo, chamado "doce de batata". Ha as "cocadas", que são branquinhas como a neve. Tambem ha cocadas côr de rosa, com as quais eu me implico. Gosto só das brancas. Lá em casa você vai ter tudo isto até enjoar e ficar com dor de barriga e lombrigas. Ah, a nossa vida no sitio é uma beleza de suco!...

Digitized by Google

Tão entretidas ficaram as duas na conversa com o anjinho, que se esqueceram de lamentar a sorte do "senhor Pedro Encerrabodes", perdido na imensidão do eter. Felizmente Pedrinho não se esquecera delas e, de repente, apontou ao longe.

— Olhem Pedrinho! berrou Emilia que foi a primeira a ve-lo. Lá está ele, mais serelepe do que nunca...

Que alegria! Nunca a chegada dum personagem foi recebida com tantas demonstrações de contentamento.

— Pedrinho! Pedrinho!... Conte, conte tudo que aconteceu depois do tombo da lira.

— Nada de importante, respondeu o menino. Tambem caí neste cometa, como vocês. Caí e perdi os sentidos, ficando desacordado até agora. Afinal voltei a mim. Olhei em redor: só vi este infinito campo luminoso, que logo adivinhei ser a cauda do cometa de Halley.

— Como sabe que é o cometa de Halley? duvidou a menina, um tanto desconfiada de tanta ciencia.

— Pelo jeito, respondeu Pedrinho — e tratou de mudar de assunto. Logo que voltei a mim, olhei para todos os lados. Não vi coisa nenhuma senão esta poeira luminosa. Pus-me a andar, sempre na mesma direção, com esperança de descobrir qualquer coisa. Tive sorte. Vim ter exatamente ao ponto onde vocês estavam. A primeira pessoa que avistei ao longe foi o Burro Falante, coitado. Mas... e Pedrinho interrompeu a narrativa, só então percebendo aquela criança no colo da Emilia. Que é isso? Parece um anjinho...

— E é, Pedrinho! respondeu a menina. Um anjinho dos legitimos, que Emilia achou por aqui. De asa quebrada — tombo lá das nuvens. Na queda bateu em qualquer coisa dura pelo caminho. Vai morar conosco no sitio. Imagine que lindeza...

Em vez de responder, Pedrinho pôs-se a dar pulos de contentamento. Ter um anjo no sitio era coisa que jamais havia passado pela sua imaginação.

— Que beleza, Narizinho! exclamou ele depois de sossegar. Até Peter Pan vai roer-se de inveja. Um anjinho de verdade na Terra é coisa que nunca houve, desde que a Terra é Terra.

O Burro Falante, com as orelhas caidas e os olhos humidos, contemplava enternecidamente aquele maravilhoso quadro.

1933.

De *"Viagem ao Ceu"*

Digitized by Google

O jabotí e o homem

Um jabotí estava em sua toca, tocando gaita. Um homem ouviu e disse: "Vou pegar aquele malandro — e chamou: O' jabotí!"

— Oi! respondeu o jabotí.

— Vem cá, jabotí.

— Já vou, disse o jabotí — e botou a cabecinha na abertura do buraco. O homem foi e agarrou-o, e levou-o para casa, onde o fechou numa caixa. No dia seguinte, de manhã, antes de ir para o serviço, disse aos meninos:

— Não me vão soltar o jabotí, ouviram? e foi trabalhar.

O jabotí pôs-se a tocar a sua gaitinha lá dentro da caixa. Os meninos aproximaram-se, curiosos. Ele parou.

— Toque mais, jabotí, pediram os meninos. O jabotí respondeu:

— Vocês estão gostando da minha gaita. Imaginem se me vissem dansar...

Os meninos abriram a caixa para verem o jabotí dansar. O jabotí saiu e dansou pela sala.

Lé, lé, lé, lé...
Lé, lé, lé, lé...

Depois pediu para dar um pulinho ao quintal.

— Vá, jabotí, mas não fuja.

O jabotí foi ao quintal e fugiu para o mato.

— O jabotí fugiu! gritaram os meninos. Como vai ser agora?

Um deles teve uma lembrança: botar na caixa uma pedra com a forma do jabotí, para enganar o pai.

Assim fizeram.

A' tarde o pai voltou da roça e disse: "Ponham a panela no fogo e preparem-me o jabotí".

Os meninos obedeceram, pondo a pedra na panela. Quando chegou a hora do jantar, o homem sentou-se á mesa, lam-

Digitized by Google

bendo os beiços. Mas ao botar o jabotí no prato, viu que era pedra.

— Vocês deixaram o jabotí fugir!

Os meninos disseram que não, mas nesse momento soou lá no mato a gaitinha do fugitivo:

Tin, tin, tin...
Olô, olô, olô...

O homem foi lá.

— O' jabotí!

O jabotí respondeu: "Oi!"

Por mais que o homem o procurasse, não o achava.

— Vem cá, jabotí!

E o jabotí: "Oi!" Cada vez respondia dum lugar diferente, até que o homem danou e voltou para casa, muito desapontado.

— Só isso? gritou Emilia. E' pouco...

— Não! Tem mais coisas, respondeu tia Nastacia. Ha uma porção de historinhas do jabotí, que é um danado de esperto. Ninguem logra ele.

— E' verdade, disse dona Benta. O jabotí, ou cágado, como dizemos aqui no sul, é um animalzinho que muito impressiona a imaginação dos homens do mato — os indios; daí todo um ciclo de historias do jabotí, onde ele aparece com umas espertezinhas muito curiosas.

— E é mesmo uma galanteza, disse Narizinho, sobretudo uns verdes, do tamanho duma bolacha Maria. Já vi dois em casa da mãe do Tonico.

— Mas são mesmo espertos como querem os indios ou é historia? indagou Pedrinho.

— O cágado parece que tem alguma inteligencia e que faz mesmo umas coisinhas jeitosas. Alem disso possue aquela casca, onde esconde a cabeça e as pernas assim que se vê em apuros. Isso deu aos indios a ideia de esperteza.

— Arranje, vóvó, arranje um jabotí para nós! pediu a menina. Deve ser tão interessante...

— Hei de arranjar mas agora vamos ouvir outras historias dele. Continue, Nastacia.

E tia Nastacia continuou.

Digitized by Google

O jabotí e a capora

O jabotí entrou num oco de pau e começou a tocar a sua gaitinha. A capora, lá longe, ouviu e disse: "Não pode ser outro senão o jabotí. Vou agarra-lo".

Veio vindo. Parou perto do oco, a escutar.

Li, ri, li, ri...
Lé, ré, lé, ré...

— Olá, jabotí!

— Oi! respondeu o tocador da gaita.

— Saia do buraco, jabotí, para vermos qual de nós dois tem mais força.

O jabotí saiu, enquanto a capora cortava um cipó.

— Eu puxo uma ponta e você outra — eu em terra e você n'agua.

— Pois vamos a isso, capora, respondeu o jabotí.

O jabotí entrou na agua e amarrou a ponta do cipó no rabo dum pirarucú, que é o peixe de rio maior que ha. A capora, lá em terra, puxou o cipó — mas o pirarucú a arrastou para a beira d'agua; e como tinha mais força, foi puxando-a para dentro do rio. O jabotí, que já estava em terra, bem escondidinho no mato, ria-se, ria-se.

Não podendo mais, de tão cansada, a capora gritou:

— Basta, jabotí! Você venceu.

O jabotí, sempre a rir-se, entrou n'agua e foi desatar o cipó do rabo do pirarucú. Em seguida voltou para terra.

— Está cansado, jabotí? perguntou a capora.

— Cansado, eu? Nem um tiquinho! e a capora viu mesmo que nem suado estava. Não teve remedio senão confessar que o jabotí era mais valente que ela — e lá se foi muito desapontada.

— Sempre a experteza vencendo a burrice! observou Emilia. Mas que bicho capora é esse?

Digitized by Google

— A capora, explicou dona Benta, é um dos monstros inventados pela imaginação da nossa gente do mato. Vocês bem sabem que para o povo existem na natureza muito mais coisas do que os naturalistas conhecem, como lobishomens, sacís, mulas sem cabeça que vomitam fogo pelas ventas e tambem caporas.

— Mas como é a capora?

— Dizem que é um bicho peludo que gosta muito de fumar. Cérca os viajantes nas estradas, de noite, para pedir fumo para o cachimbo. Descrever o capora não é facil, porque as coisas que só existem na imaginação do povo variam de lugar em lugar. Aqui é dum jeito, ali é de outro. Se querem saber como é a capora, perguntem ao tio Barnabé. Só negro velho entende bem disso.

Digitized by Google

O jabotí e a onça

Uma vez uma onça ouviu a musica da gaitinha do jabotí e aproximou-se.

— Como você toca bem, jabotí! De que é feita essa gaitinha?

— De osso de veado, ih!ih! respondeu o cascudo.

A onça, que estava querendo apanhar o jabotí, veio com um plano.

— Sou um pouco surda, disse ela. Toque mais perto da abertura do buraco.

O jabotí apareceu na abertura do buraco e tocou, mas no melhor da festa a onça deu um bote para pega-lo. O jabotí afundou a tempo: mesmo assim ficou com uma pata nas unhas da onça.

— Ah, ah, ah! riu-se ele. Pensa que agarrou minha pata mas só pegou uma raiz de pau! Fiau!...

A onca soltou as unhas, desapontada.

O jabotí deu outra gargalhada.

— Grande boba! Era minha pata mesmo que você havia agarrado. Fiau! Fiau!

A onça jurou que não sairia da beira daquele buraco enquanto não apanhasse o jabotí — e ficou lá até morrer de fome.

— Aparece aqui aquele mesmo truque do coelho com a onça, notou Emilia. Quer dizer que a onça é tão estupida que todos os animais a enganam do mesmo modo.

— Só não acho direito, disse Narizinho, que a onça ficasse lá até morrer. Por mais estupida que seja, isso é coisa que onça não faz. Os indios que inventaram esse caso eram bem bobinhos.

— Eu sei mais historias do jabotí, disse tia Nastacia.

— Pois então conte.

E ela contou a historia do jabotí e a fruta.

Digitized by Google

O jabotí e a fruta

Havia no mato uma fruta que nenhum bicho podia comer sem antes pronunciar o nome dela, e como só uma mulher sabia o nome da fruta, os bichos tinham de ir á sua casa perguntar o tal nome.

— *Boioio-boioio-quizama-quizú,* respondia a mulher, mas assim que o bicho ia indo, ela o chamava, dizendo: "Eu errei, amigo bicho. O nome não é esse, é outro" — e dizia outro. Os bichos faziam grande confusão, de modo que ao chegarem ao pé da fruta erravam o nome.

O jabotí resolveu comer a fruta. Ao saberem disso, os outros animais caçoaram.

— Ora logo quem! Se os mais pintados não conseguem decorar o nome, que é que espera aquele cascudo?

Mas o jabotí foi á casa da mulher com a sua violinha e perguntou o nome da fruta.

A mulher disse o nome, que ele imediatamente tocou na viola. Depois a mulher disse outro nome, e outro, e outro — e o jabotí ia tocando-os todos na viola, até o ultimo, que era o certo. E foi tocando na viola aquele ultimo nome até chegar á arvore. Repetiu então a palavra, certinho, ficando com direito á fruta.

Nisto a onça se aproximou.

— Jabotí não sabe trepar em arvore, disse ela. Eu trepo para você e em paga recebo algumas frutas.

O jabotí concordou. A onça trepou á arvore, encheu um saco e desceu sem dar nenhuma ao jabotí, que lá se foi atrás dela.

Chegando a um rio, disse ele á onça:

— Comadre onça, me dê o saco para eu passar. Bem sabe que sou bom nadador. Você passa depois.

A onça deu-lhe o saco das frutas, que o jabotí levou ás costas até a outra margem do rio — e lá desapareceu com as frutas deixando a onça lograda.

Furiosa com aquilo, a onça jurou vingar-se. Mas o jabotí, avisado, armou um plano. Foi esconder-se numa cova,

Digitized by Google

bem embaixo da raiz em que a onça costumava descansar. Logo depois a onça veio e deitou-se.

— Jabotí, amigo jabotí, apareça! disse ela.

E o jabotí respondeu de muito pertinho (dentro da cova): "Oi! Oi!"

A onça olhou duma banda e doutra, sem ver sinal de jabotí. Gritou de novo:

— Jabotí, onde estás?

— Oi! Oi! foi a resposta.

Vendo aquele som sair debaixo dela, a onça ficou desconfiada. Contou o caso a um macaco que vinha passando e pediu-lhe que désse uma sova em seu trazeiro, por andar fingindo de jabotí.

O macaco deu tanto no trazeiro da onça que a matou — e o jabotí saiu da cova, muito satisfeito da vida.

— Arre, que é demais! exclamou Narizinho. Os "historiadores" pintam as onças ainda mais estupidas que os perús. Veja se ela havia de mandar que o macaco désse tamanha surra em seu trazeiro...

— Ora, menina, você está a exigir muito dos nossos pobres indios. Já eles fizeram alguma coisa pondo uma noção verdadeira nessa historinha.

— Que noção?

— A do jabotí botar em musica a tal palavra dificil, para melhor guarda-la na memoria. Isso é muito certo. A toada musical ajuda a decorar.

— E que mania essa dos indios, de fazerem o jabotí musico? Ora o descrevem com uma gaita, ora com uma violinha. Será mesmo musical o jabotí?

— Coitadinho! Se ha bicho que não nasceu para a musica é ele. Bobagem dos indios. Fazem isso porque com a gaita ou a viola o jabotí pode lograr mais facilmente os outros bichos.

— E ha mais historias de jabotí, Nastacia?

— Ha, sim. Vou contar mais uma.

Digitized by Google

O jabotí e o lagarto

Era uma onça que tinha uma filha no ponto de casar-se. Havia dois pretendentes: o lagarto, e o jabotí. Para desmoralizar o rival, o jabotí andou dizendo que o lagarto não valia nada, que era um bicho tão atoa que ele, jabotí, até o usava como cavalo. Como a onça duvidasse, o jabotí ficou de aparecer montado no lagarto, e dar-lhe de chicote e espora na vista de todos.

No dia seguinte o jabotí ficou á porta de sua casa com um lenço amarrado na cabeça. Chegou o lagarto.

— Compadre jabotí, vou indo para a casa da onça. Não quer ir comigo?

O jabotí agradeceu o convite — mas ir como, se estava com uma dor de cabeça furiosa?

O lagarto insistiu, e ele:

— Só poderei ir se alguem levar-me ás costas.

— Pois levo, disse o lagarto, mas ha de descer longe da casa da onça. Não quero que me vejam servindo de cavalo.

— Muito bem, compadre lagarto, mas montar em pêlo não dá certo. Deixe-me botar em seu lombo o meu caquinho de sela.

O lagarto protestou que não era cavalo para andar de sela ás costas.

— Sei que não é cavalo, compadre, mas isso de montar em pêlo não vai comigo — e tanto insistiu que o lagarto deixou-se arrear.

O jabotí, então, montou, depois de munir-se dum bom chicote e dum par de esporas.

Foram. A cem metros da casa da onça o lagarto pediu-lhe que apeasse e lhe tirasse do lombo o caquinho de sela.

— Oh, compadre, estou me sentindo tão ruim que nem pensar em pôr o pé no chão eu posso. Tenha paciencia. Leve-me até ali adiante — e o lagarto caminhou mais cincoenta metros com ele ás costas.

Digitized by Google

Vencidos os cincoenta metros, o lagarto pediu-lhe de novo que descesse — mas o jabotí tanto chorou que o lagarto foi com ele ás costas até o terreiro da onça.

A onça apareceu.

— Então, senhora onça! gritou o jabotí. Está convencida de que o lagarto é meu cavalo? e fincou a espora e meteu o chicote no pobre lagarto até não poder mais.

Encantada com a valentia do jabotí, a filha da onça casou-se com ele.

— Que grandississimo pandego! observou Narizinho. Bobeou duma vez o outro. Quatro já que o jabotí logra: o homem que o prendeu na caixa, duas onças e este lagarto. Estou vendo que nenhum bicho pode com ele.

— E não pode mesmo, confirmou tia Nastacia. O jacaré tambem não pôde, querem ver?

E contou a historia do jabotí e o jacaré.

Digitized by Google

O jabotí e o jacaré

Louco de inveja da gaitinha do jabotí, o jacaré resolveu furta-la. Para isso ficou á espera dele no bebedouro.

— Olá, amigo jacaré, disse o jabotí, aparecendo. Que faz aí?

— Tomando sol.

O jabotí bebeu e pôs-se a tocar a gaitinha.

O jacaré então disse:

— Empreste-me um pouco isso; quero ver se sei tocar.

O jabotí deu-lhe a gaita. Ele, *pluf*, atirou-se ao rio e lá se foi com ela.

O jabotí danou. Passados dias, enguliu uma porção de abelhas duma colmeia e foi para o bebedouro esperar o jacaré.

Escondeu-se num monte de folhas secas, apenas com a boca de fora, bem lambuzada de mel. De vez em quando soltava uma abelha: *zum!*

O jacaré apareceu, e pensando que fosse uma colmeia, enfiou o dedo na boca do jabotí. O jabotí, *nhoc!* ferrou o dedo dele.

— Ai, ai, ai! gritava o jacaré. Largue meu dedo!

E o jabotí:

— Só largarei se me entregar a gaitinha — e apertava o dedo do jacaré. Não aguentando mais, este gritou para o seu filho, lá longe:

O' Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do cágado!
A gaita do cágado!
Tango-lê-rê...
A gaita do cágado!
Tango-lê-rê...

O rapaz, que era meio surdo, respondia:

— O que? Sua camisa, meu pai? Seu chapeu?

Digitized by Google

E o jacaré, aflito:

Não, Gonçalo,
Meu filho mais velho,
A gaita do cágado!
Tango-lê-rê...
A gaita do cágado!
Tango-lê-rê...

E o Gonçalo:

— O que, meu pai? Suas calças?

O jacaré tornava a repetir a cantilena — e assim uma porção de tempo, até que o filho entendeu e veio com a gaitinha. Só então o jabotí largou o dedo do jacaré, que saiu ventando.

— Que graça! exclamou Emilia. Jacaré com dedo e filho gente! Mas serve, a historinha. Gostei.

— Então vai gostar ainda mais da do jabotí e os sapinhos, disse tia Nastacia — e contou.

Digitized by Google

O jabotí e os sapinhos

Andando a filha da onça muito namorada pelo lagarto e pelo homem, que desejavam casar-se com ela, o jabotí jurou que havia de vencer aos dois. Pensou um plano. "Achei, achei!" disse de repente.

Foi a uma aguada e pegou um punhado de sapinhos, que soltou no bebedouro, com ordem, quando qualquer bicho viesse beber, de cantar uma coisa assim:

Turi, turi...
Quebrar-lhe as pernas
Furar-lhe os olhos...

E recomendou:

— Mas se eu aparecer com a minha gaita, vocês ficam logo caladinhos, ouviram?

Logo depois apareceu o macaco, que vinha beber. Ao ouvir a cantiga da agua, deu um pulo de medo e sumiu-se.

Outros bichos vieram, acontecendo a mesma coisa.

Veio o lagarto — e fugiu no galope.

Veio o homem — e fugiu fazendo o pelo-sinal.

Faltava só o jabotí. Foram busca-lo.

— Pois vou, porque não tenho medo nenhum, mas quero que todos os animais me acompanhem de perto.

A bicharada toda o seguiu. Quando chegou em certo ponto, disse o jabotí:

— Bem, agora vocês parem. Eu vou só.

Aproximou-se do bebedouro e deu um toque de gaita. Os sapinhos emudeceram como peixes.

O jabotí bebeu sossegadamente e foi ter com os animais, que estavam assombrados de tanta valentia. A onça, muito alegre, deu-lhe a filha em casamento.

Digitized by Google

— O que achei mais graça, disse Narizinho, foi aparecer um homem disputando com o jabotí a mão da filha da onça.

— E mesmo assim, mesmo em luta com o rei dos animais, observou Pedrinho, foi o cágado quem venceu. Isso mostra que em materia de esperteza os indios punham o jabotí até acima do homem.

— Que pena não termos um cágado aqui! suspirou a menina. Gosto cada vez mais desse bichinho.

— E é gostoso mesmo, disse tia Nastacia. Ensopado, com bastante tempero e um bom pirão de farinha de mandioca, é gostoso da gente comer e lamber as unhas.

Emilia fulminou-a com os olhos.

— E agora? perguntou Narizinho. Ainda sabe mais alguma coisa do jabotí?

— Arre, menina! Que tanto quer? respondeu a preta. Não sei mais nada, não. Chega. Tenho de ir cuidar do jantar. Até logo.

Digitized by Google

Historia dos dois ladrões

Era uma vez um boiadeiro lá do sertão, que tinha cara de bobo e fumaças de esperto. Um dia veio ao Rio de Janeiro gastar os cobres duma boiada vendida. Logo que desceu do trem e ia se encaminhando para um hotelzinho proximo, foi abordado por um homem de cara ainda mais boba que a sua.

— Boa noite, meu senhor! saudou o homem humildemente.

O boiadeiro respondeu com um "boa noite" desconfiado, e foram andando juntos. O homem começou a contar uma historia comprida. Disse que era da roça e estava completamente zonzo naquela capital. Não conhecia ninguem, não sabia tomar bondes, atrapalhava-se com qualquer coisinha — e o peor de tudo era o medão de ser roubado.

— Isto aqui, disse ele, é gatuno de todos os lados. Ninguem pode confiar em ninguem. Os piratas não dormem. Se a gente está com dinheiro no bolso, eles conhecem pelo cheiro — e tanto fazem que deixam uma pessoa limpa.

— Se o senhor tem tanto medo, é sinal de que está empatacado, disse o boiadeiro.

O homem correu os olhos, com desconfiança, dum lado e doutro; depois respondeu, quasi num cochicho:

— O senhor adivinhou. Todo meu medo vem de trazer no bolso um pacote de notas no valor de dez contos de reis, que lá na minha terra me encarregaram de entregar á Santa Casa. Mas não sei onde é a Santa Casa. Se pergunto, ensinam-me errado — ou então desconfiam que estou com dinheiro...

E deu um suspiro. Depois:

— Aquela gente lá da roça não imagina o que é isto aqui. Nem eu imaginava coisa nenhuma. Se soubesse, não vê que me encarregava deste maldito dinheiro! Dez contos!... Se perco o pacote, ou se algum pirata me passa a perna, vão dizer por lá que eu roubei — e fico desacreditado.

— E que pretende fazer? indagou o boiadeiro.

Digitized by Google

— Minha ideia é descobrir um homem de bem que queira encarregar-se da entrega do dinheiro. Mas não acho esse homem. As caras desta terra não me inspiram a menor confiança. Só a sua. Assim que vi o senhor, tive um pressentimento no coração: "Aquele, sim, aquele tem cara de homem de bem". Porisso me aproximei.

O boiadeiro ficou muito lisonjeado com a boa ideia que o homem fazia dele.

— Lá isso, sou. Graças a Deus tenho um nome limpo. Quem quiser tratar com pessoa seria, me procure.

O homem do pacote suspirou.

— Deus seja louvado! Custou, mas achei. Meu coração não nega. Quando o vi descendo esta rua, palpitei cá comigo: "Meu salvador vai ser aquele homem..."

— Mas de que maneira acha que eu possa servi-lo? perguntou o boiadeiro.

— Dum modo muito simples. Eu lhe dou o pacote dos dez contos e o senhor faz a entrega á Santa Casa.

Os olhos do boiadeiro brilharam.

— Pois estou ás suas ordens, disse ele. Neste mundo um tem de servir o outro. Já que lhe inspiro tanta confiança, disponha dos meus prestimos.

— Ora graças! suspirou o homem, tirando o pacote do bolso. Era um pacote de notas graúdas, muito bem amarrado, com uma de cem mil reis em cima.

— Pois aqui está o pacote, meu senhor. E eu fico imensamente agradecido da sua bondade. Ah, nem imagina o peso que me tira do coração! Uf! Esse dinheiro estava me deixando doido...

O boiadeiro pegou no pacote e foi abrindo a mala para guarda-lo.

— Espere, disse o homem. Eu tenho no senhor a mais absoluta confiança, mas sempre é bom que me dê uma garantiazinha — aí um dinheirinho qualquer, porque afinal de contas eu acabo de lhe entregar dez contos. Dez contos é uma fortuninha...

O primeiro impeto do boiadeiro foi restituir o pacote. Depois mudou e disse, pondo a mão no bolso:

— Serve uma garantia de um conto e quinhentos? É todo o dinheiro que tenho no bolso.

O homem coçou a cabeça, vacilante. Afinal resolveu:

— Serve. É pouco, mas serve...

Digitized by Google

O boiadeiro puxou os cobres e deu a garantia de um conto e quinhentos. Despediram-se, cada qual seguindo numa direção.

— Dez contos! foi murmurando o boiadeiro Dez contos! Para que precisa a Santa Casa de tanto dinheiro? Muito melhor eu distribuir isto lá pelos pobres da minha terra — pelo menos metade. É justo que a outra metade fique comigo, em pagamento do trabalho...

No hotel pediu um quarto, onde se fechou para contar o dinheiro. Só encontrou aquela nota de cem mil reis. O resto era papel de jornal...

—

— Isso é o celebre Conto do Vigario, vóvó! gritou Pedrinho. Todos os dias leio nos jornais coisas assim — e só me admiro de ainda haver gente que vá na onda. Como ha bobos no mundo!...

— Como ha patifes, isso sim, emendou dona Benta. O segredo do conto do vigario é que um quer passar a perna no outro. Trata-se dum duelo entre dois tipos de ladrões — o ladrão esperto e o ladrão burro. O ladrão burro apanha o pacote — o esperto apanha a garantia. Eu, se fosse a policia, punha os dois na cadeia.

— Mas isso não é historia do folclore, disse Narizinho.

— Como não? Se é um produto do povo, é folclore do legitimo. Note que o principal elemento de todas as historias é o logro. Seja principe ou jabotí, um logra o outro. A variedade está só nos jeitinhos do logro. O conto do vigario é um desses mil jeitos do mais esperto apanhar o dinheiro do menos esperto — num caso em que o menos esperto tambem é ladrão.

— Ah! exclamou Emilia. Eu é que queria que alguem viesse para cima de mim com um pacote da Santa Casa...

— Que fazia?

— A coisa mais simples do mundo. "Quer garantia, meu caro senhor? Pois então abra o pacote e tire quanto quiser". Bastava isso.

— Bom, essa é a resposta natural duma pessoa honesta — mas quem cai no conto não é honesto. Assim que vê o pacote, já fica assanhado para pegar o dinheiro, e portanto fará tudo, menos abrir o pacote.

— E agora? perguntou Pedrinho.

— Agora chega, disse dona Benta. Vocês já devem estar empanturrados de historias.

Digitized by Google

— Eu confesso que estou, disse Emilia. Estou entupida de reis e principes e princesas encantadas e velhas corócas e jabotís e veados e onças. Sinto até um gostinho de jardim zoologico na boca.

— Tambem eu estou farta, disse Narizinho. Historias do povo não quero mais. De hoje em diante, só as assinadas pelos grandes escritores. Povo, *passo* — como diz a Emilia.

— Bem, concluiu dona Benta. Da proxima vez contarei só historias literarias, isto é, as escritas pelos tais grandes escritores. Agora, cama! Narizinho já bocejou tres vezes...

E a criançada foi dormir.

Das *"Historias de Tia Nastacia"*

Digitized by Google

Digitized by Google

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Grafica da "Revista dos Tribunais, Ltda.", à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em dezembro de 1943.*

Digitized by Google

4026

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



Date Due

APR 19 1973

APR 26 1984

DEMCO NO. 38-298

THE OHIO STATE UNIVERSITY LIBRARIES

Digitized by Google

THE OHIO STATE UNIVERSITY LIBRARIES
Digitized by Google

The Ohio State University
3 2435 01094 8560
PQ9697L68U71943
...URUPES, OUTROS CONTOS E COISAS
001

THE OHIO STATE UNIVERSITY BOOK DEPOSITORY
D AISLE SECT SHLF SIDE POS ITEM C
8 05 36 21 7 15 014 7